

CAPÍTULO I

AQUELE BRAÇO DO LAGO DE COMO QUE SE DESVIA PARA O MEIO-dia, através de duas cordilheiras ininterruptas, todo recortado em golfos e enseadas, conforme os montes se prolongam ou se retraem, quase de repente aperta-se e ganha curso e figura de rio, por entre um promontório à direita e uma ampla costa do outro lado; e a ponte, que aí faz a ligação entre as duas margens, parece que ainda mais sensível à vista torna essa transformação, ao marcar o ponto em que acaba o lago e recomeça o rio Adda, para recuperar depois o nome de lago, onde as margens, afastando-se outra vez, deixam a água alastrar e espriar-se em novas enseadas e novos golfos. A costa, formada pelos sedimentos de três grandes torrentes, vai descendo apoiada em dois montes contíguos, um que é chamado de São Martinho, e o outro, em dialeto lombardo, o *Resegone*, devido aos abundantes picos em fila, que na verdade o fazem parecer uma serra: de modo que não há ninguém que, quando o observar de frente, como por exemplo das muralhas de Milão viradas para o setentrião, não seja capaz de discernir logo à primeira vista, no meio de tão longa e vasta cadeia montanhosa, dos outros relevos de nome mais obscuro e de forma

mais comum. Durante um bom pedaço, a costa vai descendo com um declive lento e contínuo; depois irrompe em outeiros e valados, em ladeiras e achadas, ao sabor da ossatura dos dois montes e do trabalhar das águas. A borda extrema, cortada pelo afluir das torrentes, é quase toda de saibro e de calhaus; o resto, são campos e vinhedos, salpicados de pequenos lugarejos, povoados e casais; aqui e além há bosques que se prolongam pela montanha acima. Lecco, a principal daquelas povoações, e que dá o nome ao território, fica a pouca distância da ponte, à beira do lago, aliás em parte vem a situar-se dentro do próprio lago, quando este engrossa: um grande burgo nos dias de hoje, e que vai a caminho de se tornar cidade. Nos tempos em que sucederam os factos que iremos contar, aquele burgo, já considerável, era também um castelo, e tinha por isso a honra de alojar um comandante, e a vantagem de possuir uma guarnição fixa de soldados espanhóis, que ensinavam a honradez às donzelas e às mulheres da terra e acariciavam de vez em quando as costas a algum marido recalcitrante, ou a algum pai; e pelos fins do verão, nunca deixavam de se espalhar

pelas vinhas, para baixar a quantidade de uvas e aligeirar aos camponeses as fadigas da vindima. Por aquelas terras, de uma a outra, das alturas à borda de água, de um outeiro a outro, corriam, e ainda correm, estradas e carreiros, uns mais ou menos íngremes, outros planos; ora afundados, sepultados entre dois muros, pelo que ao erguer os olhos só se descobre um pedaço de céu e um ou outro cume de monte; ora elevados sobre terraplenos abertos: e daqui a vista espraia-se por perspectivas mais ou menos extensas, mas sempre ricas e sempre com algo novo, conforme os diferentes pontos captam uma parte maior ou menor dessa vasta cena circundante, e conforme esta ou aquela se abre ou se estreita, e se alterna no despontar ou desaparecer. Aqui um pedaço, ali outro, além uma comprida extensão daquele vasto e variado espelho de água: daqui lago, fechado na ponta ou antes perdido no meio de um grupo, num vaivém de montanhas, e pouco a pouco mais alargado, no meio de outros montes que um a um se vão abrindo ao olhar, e que a água reflete virados do avesso, com aldeolas situadas nas margens; do lado de lá, braço de rio; depois, lago; depois, rio outra vez, que se vai perder num brilhante serpentear por entre montes que o acompanham, descendo gradualmente e quase a perderem-se também no horizonte. O próprio local donde se contemplam aqueles diversos espetáculos, oferece espetáculo por todos os lados: o monte em cujas faldas se passeia, envolve-nos, por cima, todo em volta, com os seus cumes e os seus barrancos, distintos, salientes, quase mutáveis a cada passo, abrindo-se e contendo-se em picos o que antes parecia ser um único pico, e aparecendo em bico o que um pouco mais adiante se tornava a apresentar sobre a costa; e o ar ameno, o sabor doméstico daquelas faldas tempera agradavelmente o tom bravo e ornamenta ainda mais a magnificência das outras vistas.

Por uma destas azinhagas, tendo dado o seu passeio, voltava muito folgado de regresso a casa, ao anoitecer do dia 7 de novembro do ano de 1628, Dom Abbondio, o cura de uma das terras acima referidas; o nome desta, bem como o apelido de tal personagem, não se encontram no manuscrito, nem neste sítio nem noutra qualquer. Rezava tranquilamente o seu ofício e, de quando em quando, entre um salmo e outro, fechava o breviário, conservando

lá dentro, a marcar a página, o indicador da mão direita, e, juntando depois esta à outra mão atrás das costas, prosseguia o seu caminho, de olhos no chão, e com o pé empurrando para o muro os calhaus que lhe estorvavam o andar; depois levantava a cabeça e, ao passar ociosamente o olhar em círculo, fixou-os na parte de um monte onde a luz do sol já desaparecido, escondendo-se através das fendas do monte oposto, se pintava aqui e além nos penedos salientes como em largas e desiguais peças de púrpura. Depois de abrir de novo o breviário e rezar outro trecho, chegou a uma curva da vereda, onde tinha por costume levantar sempre os olhos do livro e olhar para a sua frente: e assim fez também naquele dia. A seguir à curva, o caminho continuava a direito, talvez uns sessenta passos, e depois dividia-se em duas veredas, à maneira de um ípsilon: a da direita subia pelo monte, e levava à residência paroquial; a outra descia para o vale até à beira de uma torrente, e por esse lado o muro só chegava até às ancas do transeunte. Os muros interiores das duas veredas, em vez de se juntarem num ângulo, terminavam num tabernáculo, no qual estavam pintadas umas figuras compridas, serpenteantes, que acabavam em bico, e que, nas intenções do artista, e aos olhos dos habitantes das proximidades, queriam significar chamas; e, em alternância com as chamas, certas outras figuras que não se podem descrever, que queriam significar almas do purgatório: almas e chamas cor de tijolo, sobre um fundo acinzentado, com alguns estragos aqui e ali. O cura, depois de fazer a curva da azinhaga, e dirigindo, como era seu costume, os olhos para o tabernáculo, viu uma coisa que não esperava, e que nunca desejaria ver. Havia lá dois homens, um em frente do outro, na confluência, por assim dizer, das duas veredas: um deles, encavalitado no muro baixo, com uma perna baloiçando do lado de fora, e o outro pé assente no terreno da azinhaga; o companheiro estava de pé, encostado ao muro, de braços cruzados sobre o peito. As roupas, os modos e o que, do lugar onde se encontrava o cura, se podia distinguir do aspeto, não deixavam margem para dúvidas acerca da sua condição. Traziam ambos à volta da cabeça uma coifa esverdeada, que lhes caía sobre o ombro esquerdo, terminada numa grande borla, e da qual saía sobre a testa um enorme tufo de cabelos; um comprido bigode de pontas retor-

cidas; um cinto brilhante de cabedal, e dele penduradas duas pistolas; um pequeno corno cheio de pólvora, caindo sobre o peito como um colar: o cabo de um punhal a espreitar para fora de um bolsinho das amplas e largas calças, uma espada, com uma grande guarnição cheia de furos com chapas de latão, combinadas como que em código, limpas e lustrosas: à primeira vista davam-se a conhecer como indivíduos da espécie dos *bravos*.

Esta espécie, agora totalmente extinta, na altura era muito florescente na Lombardia, e já muito antiga. Para quem não fizesse ideia disto, eis alguns trechos autênticos que poderão dar uma noção suficiente de quais eram os seus traços distintivos, dos esforços feitos para a extinguir e da sua dura e exuberante vitalidade.

No dia 8 de abril do ano de 1583, o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Dom Carlos de Aragão, Príncipe de Castelvetro, Duque da Terranova, Marquês de Ávola, Conde de Burgeto, Grão-

-Almirante e Grão-Condestável da Sicília, Governador de Milão e Capitão-General de Sua Majestade Católica na Itália, *plenamente informado da intolerável miséria em que tem vivido e vive esta Cidade de Milão, por causa dos bravos e vagabundos*, publica um édito contra eles. *Declara e define todos os que estão compreendidos neste édito, devendo-se considerar bravos e vagabundos... aqueles que, sendo forasteiros ou da terra, não têm officio nenhum, ou se tiverem, não o fazem... mas antes, sem salário ou com ele, se acolhem a algum cavaleiro ou fidalgo, official ou mercador... para lhes guardar costas e bens, ou na verdade, como se pode presumir, para armar insídias contra outros...* A todos estes ordena que no prazo de seis dias terão de deixar o país, intima a prisão os renitentes, e dá a todos os officiais da justiça as mais estranhamente amplas e indefinidas faculdades para a execução da ordem. Mas no ano seguinte, a 12 de abril, descobrindo o dito senhor *que esta cidade está ainda cheia dos ditos bravos... que voltaram a viver como antes viviam, em nada mudando os seus costumes nem diminuindo o seu número*, publica outro édito, ainda mais vigoroso e notável, no qual, entre outras ordenações, prescreve:

Que qualquer pessoa, tanto desta cidade como forasteira, que por duas testemunhas conste ser tido e comumente reputado por bravo, e tiver tal nome, mesmo que não se verifique ter feito algum delito... basta apenas esta reputação de bravo, sem mais indícios, para que possa pelos ditos juizes e por cada um deles ser levado à corda e ao tormento, para processo informativo... e mesmo que não confesse delito algum, no entanto seja mandado às galés por um triênio, apenas pela opinião e nome de bravo, como é referido acima. Tudo isto, e o mais que se descura, porque *Sua Excelência está resoluta a querer ser obedecida por todos.*

Ao ouvir palavras de tão poderoso senhor, assim galhardas e seguras, e acompanhadas de tais ordens, dá-nos muita vontade de acreditar que bastava o seu ribombar para que todos os bravos desaparecessem para sempre. Mas o testemunho de um senhor não menos autorizado, nem menos dotado de nomes, obriga-nos a acreditar exatamente no contrário. É este o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Juan Fernandez de Velasco, Condestável de Castela, Camareiro-Mor de Sua Majestade, Duque da Cidade de

Frias, Conde de Haro e Castelnovo, Senhor da Casa de Velasco e da dos sete Infantes de Lara, Governador do Estado de Milão, etc. A 5 de junho do ano de 1593, também plenamente informado *de quanto dano e ruína são responsáveis os bravos e vagabundos, e do péssimo efeito que faz tal espécie de gente contra o bem público, e em prejuízo da justiça*, intima-os de novo a que, no prazo de seis dias, deixem o país, repetindo mais ou menos as prescrições e ameaças do seu antecessor. Depois, a 23 de maio de 1598, *informado, com não pouco desgosto da sua alma, que... hoje nesta cidade vai crescendo o número desses tais* (bravos e vagabundos), *nem deles, dia e noite, se ouve falar senão de feridas dadas de propósito, e homicídios e assaltos e de todas as outras qualidades de crimes, aos quais se tornam mais fáceis, fiando-se esses bravos em serem protegidos pelos seus chefes e fautores...* prescreve de novo os mesmos remédios, aumentando a dose, como se costuma fazer com as doenças obstinadas. *Cada um, portanto – conclui a seguir –, absolutamente se guarde de contravenção em parte alguma ao presente édito, porque, em vez de conhecer a clemência de Sua Excelência, sofrerá a sua ira e o seu rigor... sendo resolutamente determinado que este será o último e perentório aviso.*

Não foi porém desta opinião o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor, o Senhor Dom Pedro Enriquez de Acevedo, Conde de Fuentes, Capitão e Governador do Estado de Milão; não foi desta opinião e por boas razões. *Plenamente informado da miséria em que vive esta cidade e Estado por causa do grande número de bravos que aqui abundam... e decidido a extirpar totalmente sempre tão perniciosa*, faz sair, a 5 de dezembro de 1600, um novo édito também recheado de severíssimas ameaças, com o *firme propósito de, com todo o rigor e sem esperança de remissão, serem absolutamente cumpridas.*

Deve-se crer porém que não se empenharia com toda aquela boa vontade que sabia empregar para urdir cabalas, e suscitar inimigos ao seu grande inimigo Henrique IV; dado que, por um lado, a história confirma como conseguiu armar contra aquele rei o Duque de Saboia, a quem fez perder mais que uma cidade; como conseguiu levar à conjura o Duque de Biron, a quem fez perder a

cabeça; mas no que respeita ao sémen tão pernicioso dos bravos, a verdade é que ele continuava a germinar a 22 de setembro do ano de 1612. Nesse dia, o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor, o Senhor Dom Juan de Mendoza, Marquês da Hinojosa, Fidalgo etc., Governador etc., pensou seriamente em extirpá-lo. Para esse efeito encomendou a Pandolfo e Marco Tullio Malatesti, impressores da Régia Câmara, o edital do costume, corrigido e aumentado, para que o imprimissem a bem do extermínio dos bravos. Mas estes viveram ainda o tempo necessário para receberem a 24 de dezembro do ano de 1618, os mesmos e mais fortes golpes por parte do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor, o Senhor Dom Gómez Suárez de Figueroa, Duque de Feria etc., Governador etc. Contudo, não tendo também morrido com eles, o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor, o Senhor Gonzalo Fernández de Córdoba, sob cujo governo se deu o passeio de Dom Abbondio, viu-se obrigado a corrigir de novo e reeditar o habitual édito contra os bravos, no dia 5 de outubro de 1627, ou seja, um ano, um mês e dois dias antes daquele memorável acontecimento.

Não foi esta a última publicação; mas nós das posteriores achamos não dever fazer menção delas, como coisa que sai do período da nossa história. Fazemos apenas referência a uma de 13 de fevereiro do ano de 1632, na qual o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor, o Duque de Feria, pela segunda vez Governador, nos avisa que *os mais celerados atos provêm daqueles a quem chamam bravos*. Isto basta para nos assegurar que apesar de tudo nos tempos de que tratamos havia ainda bravos.

Que os dois descritos acima estavam ali à espera de alguém, era coisa demasiado evidente; mas o que mais desagradou a Dom Abbondio foi o ter de notar, por certos atos, que o esperado era ele. Porque, quando ele apareceu, olharam um para o outro levantando a cabeça, com um movimento pelo qual se percebia que os dois de repente tinham dito: é ele; o que estava encavalitado no muro levantou-se, passando a perna para a estrada; o outro afastou-se do muro; e os dois foram ao seu encontro. Ele, mantendo sempre o breviário aberto à sua frente como se lesse, empurrava o olhar para cima, para espreitar os movimentos deles; e, ao vê-los

vir precisamente ao seu encontro, foi de repente assaltado por mil preocupações.

Apressou-se logo a interrogar-se a si mesmo se entre ele e os bravos haveria algum desvio na estrada; e imediatamente se lembrou que não. Fez um rápido exame de consciência se tinha pecado contra algum poderoso, contra alguém vingativo; contudo, mesmo no meio daquela perturbação, o testemunho consolador do seu espírito tranquilizava-o um pouco; os bravos porém aproximavam-se, olhando-o fixamente. Pôs o indicador e o médio da mão esquerda por dentro do colarinho, como que a endireitá-lo; e rodando os dois dedos em volta do pescoço, entretanto virava a cara para trás, torcendo a boca ao mesmo tempo e olhando pelo canto do olho até onde podia, para ver se passava alguém; mas não viu ninguém. Deu uma olhadela, por cima do baixo muro, para os campos: ninguém; outra mais rápida para a estrada à sua frente: ninguém, à exceção dos bravos. O que fazer? Voltar para trás, já não ia a tempo: correr a sete pés, era o mesmo que dizer: venham atrás de mim, ou até pior. Não podendo esquivar-se ao perigo, marchou ao seu encontro, porque aqueles momentos de incerteza eram tão penosos para ele que não desejava outra coisa que não fosse abreviá-los. Estugou o passo, rezou um versículo em voz mais alta, compôs a cara a toda aquela quietude e hilaridade quanto pôde, fez todos os esforços para preparar um sorriso; quando se viu perante os dois cavalheiros, disse mentalmente: cá estamos; e parou de imediato.

– Senhor cura – disse um dos dois, fixando-lhe os olhos na cara.

– O que mandais? – respondeu logo Dom Abbondio, levantando os seus do livro, que lhe ficou aberto de par em par nas mãos, como se fora sobre uma estante.

– Vós tendes intenções – prosseguiu o outro, com o ar ameaçador e iracundo de quem apanha um seu inferior prestes a fazer qualquer malandrice –, tendes intenções de casar amanhã Renzo Tramaglino e Lucia Mondella!

– Quer dizer... – respondeu com voz trémula Dom Abbondio –, quer dizer... Suas senhorias são homens vividos e sabem muito bem como são estas coisas. O pobre cura não tem nada a ver com isso: eles fazem as suas asneiras um com o outro, e depois... e

depois vêm ter connosco. Como se fossem a um banco fazer um levantamento; e nós... nós somos os servidores da comunidade.

– Pois bem – disse-lhe o bravo ao ouvido, mas em tom solene de comando –, esse casamento não se há de fazer, nem amanhã, nem nunca.

– Ai, meus senhores – replicou Dom Abbondio com a voz mansa e gentil de quem quer persuadir um impaciente. – Ai, meus senhores, tentai pôr-vos no meu lugar. Se a coisa dependesse de mim... bem vedes que a mim não vem parar nada ao bolso.

– Ora bem – interrompeu o bravo –, se a coisa fosse para decidir com conversas, vós metíeis-nos no saco. Nós não sabemos nem queremos saber mais nada. Homem prevenido... estais a entender...

– Mas suas senhorias são pessoas justas, compreensivas...

– Ora – interrompeu desta vez o outro compincha, que até então não tinha falado –, ora o casamento não se fará, senão... – e aqui um grosso palavrão –, senão quem o fizer não se há de arrepender, porque nem tempo terá para isso... – e outro palavrão.

– Está calado – disse o primeiro orador –, o senhor cura é um homem que conhece a vida; e nós somos cavalheiros, que não que-

remos fazer-lhe mal, se tiver juízo. Senhor cura, o ilustríssimo senhor Dom Rodrigo, nosso amo, manda-vos os seus amistosos cumprimentos.

Este nome, na mente de Dom Abbondio, foi como um relâmpago no auge de um temporal noturno, que ilumina momentaneamente os objetos no meio de grande confusão, e faz crescer o terror. Como por instinto, fez uma larga vénia e disse:

– Se me soubésseis sugerir...

– Oh! Sugerir-vos a vós que sabeis latim! – interrompeu de novo o bravo, com um riso entre o divertido e o feroz. – Isso é convosco. E sobretudo não deixeis sair palavra sobre este aviso que vos demos para vosso bem; senão... hum... seria a mesma coisa que fazer esse tal casamento. Vá, o que quereis que se diga em vosso nome ao ilustríssimo senhor Dom Rodrigo?

– Os meus respeitos...

– Explicai-vos melhor!

– ...Disposto... disposto sempre à obediência. – E, proferindo estas palavras, nem ele sabia se fazia uma promessa ou um cumprimento. Os bravos tomaram-no ou mostraram tomá-lo no sentido mais sério.

– Muito bem, e boa noite, *messer* – disse um deles, fazendo menção de partir com o companheiro. Dom Abbondio, que poucos momentos antes daria um olho para lhes escapar, agora só desejava prolongar a conversa e as negociações. – Meus senhores... – começou, fechando o livro com as duas mãos; mas eles, sem lhe darem o menor troco, tomaram a estrada donde ele viera e afastaram-se, cantarolando uma cançoneta que eu nem quero transcrever. O pobre Dom Abbondio ficou um momento de boca aberta, como que encantado; depois enveredou pelo carreiro que levava a sua casa, avançando a custo uma perna a seguir à outra, pois mais pareciam paralisadas. Como estava ele por dentro perceber-se-á melhor quando eu contar alguma coisa do seu feitio natural e dos tempos em que tivera a sina de viver.

Dom Abbondio (o leitor já deve ter reparado) não nascera com coração de leão. Mas desde os seus primeiros anos de vida tivera de compreender que a pior condição, naqueles tempos, era a de um animal sem garras nem unhas e que ao mesmo tempo não sen-

tisse inclinação para ser devorado. A força legal não protegia de modo nenhum o homem tranquilo e inofensivo, e que não tivesse outros meios de fazer medo a alguém. Não é que faltassem leis e punições contra as violências privadas. Pelo contrário, as leis caíam em dilúvio; os delitos eram enumerados e pormenorizados com minuciosa prolixidade; as penalidades, loucamente exorbitantes e, como se não bastasse, aumentáveis como que para cada caso, ao arbítrio do próprio legislador e de cem executores; os processos, estudados apenas para libertar o juiz de tudo o que pudesse ser obstáculo para proferir uma condenação; os trechos que apresentámos dos éditos contra os bravos disso são uma pequena mas fiel amostra. Com tudo isto, aliás, em grande parte por causa disto, aqueles editais, republicados e reforçados de governo para governo, não serviam senão para testemunhar amplamente a impotência dos seus autores; ou então, se produziam algum efeito imediato, era principalmente o de acrescentar muitos vexames aos que os pacíficos e os fracos já sofriam por parte dos agressores, e aumentar as violências e a astúcia destes. A impunidade era coisa organizada e tinha raízes que os éditos não tocavam, ou não podiam demover. Eram tantas as proteções, tantos os privilégios de algumas classes, em parte reconhecidos pela força legal, em parte tolerados com teimoso silêncio, ou impugnados com vãos protestos, mas apoiados de facto e defendidos por essas classes, com atos em prol dos seus interesses e dos seus ciosos rancores. Agora, esta impunidade ameaçada e insultada, mas não destruída pelos éditos, devia naturalmente, perante qualquer ameaça e insulto, usar de novos esforços e novas invenções para se poder conservar. Assim acontecia com efeito; e, ao surgirem éditos destinados a reprimir os violentos, estes procuravam na sua força real os novos meios mais eficientes para continuarem a fazer o que as leis vinham proibir. Bem podiam estas tropeçar a cada passo e molestar o homem bondoso, que não tivesse força própria nem proteção; porque, com o fim de ter todos os homens sob a sua alçada, para prevenir ou para punir todo e qualquer delito, submetiam todos os movimentos do privado à vontade arbitrária de executores de toda a espécie. Mas quem, antes de cometer o crime, tomasse as suas medidas para se internar a tempo num convento, ou num palácio,

onde os esbirros nunca se atrevessem a pôr o pé; quem, sem outras precauções, usasse uma libré que comprometesse a defendê-lo a vaidade e o interesse de uma família poderosa, ou de toda uma camada, era livre nas suas operações e podia rir-se de toda aquela algazarra dos éditos; dos que eram delegados a fazê-los cumprir, alguns pertenciam por nascimento à parte privilegiada e alguns dela dependiam por clientela; uns e outros, por educação, por interesse, por costume ou por imitação, haviam abraçado as suas máximas e bem se guardariam de as ofender, por mor de um pedaço de papel pregado nas esquinas. Depois os homens encarregados da execução imediata, mesmo que fossem empreendedores como heróis, obedientes como monges, e prontos a sacrificar-se como mártires, contudo não poderiam sê-lo até ao fim, inferiores como seriam em número aos que se tratava de se submeterem, e com uma grande probabilidade de serem abandonados por quem, em abstrato e, por assim dizer, na teoria, lhes impunha que agissem. Todavia, além disso, estes eram geralmente dos sujeitos mais abjetos e patifes do seu tempo; o seu cargo era considerado cobarde até pelos que deles podiam ter terror, e o seu título um império. Era portanto bem natural que estes, em vez de se arriscarem, em vez de exporem a vida numa empresa desesperada, vendessem a sua inação ou até a sua convivência aos poderosos, e se reservassem para exercer a execranda força e autoridade que detinham para as ocasiões em que não havia perigo; ou seja, para vexarem e oprimirem os homens pacíficos e sem defesa.

O homem que quer ofender, e que teme a todos os momentos ser ofendido, procura naturalmente aliados e companheiros. Portanto, naqueles tempos era levada ao ponto máximo a tendência dos indivíduos para se manterem ligados em classes, para formar novas, e para tentarem todos alcançar maior poder para aquela a que pertenciam. O clero velava para manter e alargar as suas imunidades, a nobreza os seus privilégios, o militar as suas isenções. Os mercadores e os artesãos estavam associados em mestrias e em confrarias, os juriconsultos formavam uma liga, os próprios médicos uma corporação. Cada uma destas pequenas oligarquias possuía uma sua própria força especial; em cada uma o indivíduo ia ao encontro da vantagem de empregar a seu favor, em propor-

ção da sua autoridade e da sua destreza, as forças reunidas de muitos. Os mais honestos valiam-se desta vantagem só para sua defesa; os astutos e os facínoras aproveitavam-se dela para levar a cabo malfetorias para as quais os seus meios pessoais não chegariam, e para lhes assegurar a impunidade. Contudo as forças destas várias ligas eram muito desiguais; e, sobretudo nos campos, o nobre e violento, tendo à volta um tropel de bravos e uma população de camponeses habituados por tradição familiar, e interessados ou forçados a ver-se quase como súbditos e soldados do seu amo, exercia um poder a que dificilmente qualquer outra fração de liga poderia resistir.

O nosso Abbondio, nem nobre nem rico, e corajoso ainda menos, viera portanto a perceber, quase antes ainda de chegar aos anos da discrição, que era, naquela sociedade, como um pote de barro, constrangido a viajar em companhia de muitos potes de ferro. Portanto, e com a melhor das vontades, tinha obedecido aos parentes, que o queriam padre. Verdade seja dita que não pensara muito nas obrigações e nas nobres finalidades do ministério a que se dedicava: arranjar proventos para viver desafogado, e introduzir-se numa classe forte e reverenciada, pareceram-lhe duas razões mais que suficientes para uma opção dessas. Mas uma determinada classe não protege um indivíduo nem lhe garante segurança senão até certo ponto: nenhuma o dispensa de montar um seu próprio sistema. Dom Abbondio, absorvido continuamente pelas preocupações da sua quietude, não se ralava com essas vantagens, ao ponto de que, para as obter, tivesse sido necessário trabalhar muito ou arriscar-se um pouco. O seu sistema consistia principalmente em evitar todas as contrariedades, e em ceder nas que não podia evitar. Neutralidade desarmada em todas as guerras que rebentavam à sua volta, que provinham das disputas, frequentíssimas nessa época, entre o clero e as autoridades laicas, entre o civil e o militar, entre nobres e nobres, até às questões entre dois camponeses, nascidas de uma palavra e decididas depois a soco, ou à facada. Se se via absolutamente obrigado a tomar partido entre dois contendores, punha-se ao lado do mais forte, mas sempre na retaguarda, e tentava fazer ver ao outro que não era seu inimigo voluntariamente; parecia dizer-lhe: mas porque é que não fostes

capaz de serdes vós o mais forte, que eu então já me colocaria do vosso lado? Mantendo-se à distância dos prepotentes, fingindo ignorar as suas violências passageiras e caprichosas, correspondendo com submissões às que provinham de uma intenção mais séria e mais meditada, obrigando, à força de vénias e de respeito jovial, até os mais carrancudos e arrogantes a fazer-lhe um sorriso quando com eles se cruzava no caminho, o pobre homem conseguira passar dos sessenta anos sem grandes borrascas.

No entanto, não é que ele também não tivesse a sua dose de fel no corpo, e aquele contínuo exercício da paciência, aquele dar com tanta frequência razão aos outros, aqueles tantos sapos amargos engolidos em silêncio tê-lo-iam exacerbado em pleno que, se não pudesse, de quando em quando, dar-lhe um certo escape, a sua saúde teria certamente dado sinal. Mas como afinal havia no mundo, e perto dele, pessoas que ele conhecia muito bem por incapazes de fazer mal, assim podia com elas desabafar às vezes o mau humor longamente reprimido, e ver também satisfeita a vontade de ter um tanto o feitio contrário, e gritar sem razão. Era também um rígido censor dos homens que não se orientavam pelas mesmas regras, mas só quando se pudesse exercer a censura sem nenhum perigo, nem mesmo longínquo. O vencido era pelo menos um imprudente; o assassinado tinha sido sempre um homem turvo. A quem, pondo-se a defender as suas razões, ficava de cabeça rachada, Dom Abbondio sabia sempre achar-lhe qualquer defeito; coisa não difícil, porque a razão e a falta dela nunca estão separadas com um corte assim tão nítido, de modo que todos os partidos tenham só um ou só o outro. E sobretudo, clamava contra aqueles seus irmãos que, por sua conta e risco, tomavam o partido de um fraco oprimido contra um poderoso arrogante. A isto chamava comprar sarilhos em dinheiro, um querer endireitar a perna aos cães; dizia também severamente que era imiscuir-se nas coisas profanas, em prejuízo da dignidade do sagrado ministério. E contra estes pregava, mas sempre com alguém de confiança, ou num círculo pequeníssimo, com tanto mais veemência quanto mais estes eram conhecidos por não ficarem ressentidos com coisa que os tocasse pessoalmente. Depois tinha uma sua sentença predileta, com a qual encerrava sempre os discursos sobre estas matérias: que a

um cavalheiro que cuide de si, e só se meta na sua vida, nunca acontecerão maus encontros.

Pensem agora os meus vinte e cinco leitores que impressão devia fazer no espírito do pobre desgraçado aquilo que se relatou. O susto devido àquelas carantonhas e aqueles palavrões, a ameaça de um senhor conhecido por não ameaçar em vão, um sistema de vida calma que tinha custado tantos anos de estudo e de paciência desconcertado num ponto, e um passo deste que não se podia ver como sair dele: todos estes pensamentos zumbiam tumultuosamente na cabeça baixa de Dom Abbondio. «Se Renzo fosse pessoa que se pudesse mandar embora com um belo não, enfim; mas vai querer explicações; e o que tenho para lhe responder, por amor do Céu? E... e... e, este também é uma cabeça dura: um cordeirinho se ninguém lhe tocar, mas se alguém quiser contradizê-lo... ih!... E depois, e depois, perdido atrás daquela Lúcia, enamorado como... rapazolas que, por não saberem o que fazer, se enamoram, querem casar-se, e não pensam noutra coisa; nem dão pelas atribulações em que metem um pobre homem de bem. Oh, coitado de mim! Vejam bem aqueles dois figurões, tinham mesmo de se espetar no meu caminho, como se eu é que tivesse de as pagar! O que tenho eu a ver com isso? Sou eu que me quero casar? Porque não foram antes falar... olhem para isto: grande destino o meu, que as respostas a propósito só me vêm à cabeça um momento depois de passada a ocasião. Se eu tivesse pensado em sugerir-lhes que fossem dar o seu recado a...» Mas nessa altura deu-se conta que o arrependimento por não ter sido conselheiro e cooperante da iniquidade era coisa por demais iníqua; e virou toda a irritação dos seus pensamentos contra aqueloutro que vinha assim roubar-lhe a sua paz. Só conhecia Dom Rodrigo de vista e de fama, e nunca tivera de lidar com ele, qual tocar-lhe o peito com o queixo, e a terra com a ponta do seu chapéu, nessas poucas vezes que o encontrara pelo caminho.

Coubera-lhe defender, em mais de uma ocasião, a reputação daquele senhor contra os que, em voz baixa, suspirando e erguendo os olhos para o céu, amaldiçoavam qualquer ação sua: dissera mais de cem vezes que era ele um respeitável cavalheiro. Mas naquele momento, no mais profundo do coração, deu-lhe todos

aqueles títulos que nunca ouvira outros aplicar-lhe, sem interromper a sua correria com um *apre!* Ao chegar, no meio do tumulto daquelas preocupações, à porta da sua casa, que ficava ao fundo da aldeia, meteu rapidamente, na fechadura, a chave que já trazia na mão; abriu, entrou, voltou a fechar a porta diligentemente; e, ansioso por encontrar uma companhia de confiança, chamou logo: – Perpetua! Perpetua! – dirigindo-se para a sala, onde esta devia estar certamente a pôr a mesa para o jantar. Era Perpetua, como todos perceberam, a criada de Dom Abbondio: criada afeiçoada e fiel, que sabia obedecer e mandar, conforme as ocasiões, tolerar a tempo o resmungar e as fantasias do patrão, e fazê-lo ao mesmo tempo tolerar as suas, que se tornavam de dia para dia mais frequentes, desde que passara a idade sinodal dos quarenta, permanecendo solteira, por ter rejeitado todos os partidos que lhe foram oferecidos, como dizia ela, ou por nunca ter achado nem um cão vadio que a quisesse, como diziam as suas amigas.

– Vou já – respondeu, pondo em cima da mesa, no lugar do costume, o jarrinho do vinho predileto de Dom Abbondio, e moveu-se lentamente; mas ainda não tinha chegado ao limiar da

sala quando ele entrou, com um passo tão rígido, com um olhar tão sombrio, com um rosto tão aturdido, que nem eram precisos os olhos experientes de Perpetua para descobrir à primeira vista que lhe acontecera qualquer coisa realmente extraordinária.

– Misericórdia! O que tendes, senhor meu patrão?

– Nada, nada – respondeu Dom Abbondio, deixando-se cair todo ofegante no seu cadeirão.

– Nada o quê? Vindes dizer-mo a mim? Com esse ar tão feio que trazeis? Alguma coisa grave deve ter acontecido.

– Oh, por amor do Céu! Quando digo nada, ou é mesmo nada, ou coisa que não posso dizer.

– Não me podeis dizer nem a mim? E quem vos trata da saúde? Quem vos dá uma opinião?...

– Ai de mim! Calai-vos, e não ponhais mais nada na mesa: dai-me antes um copo do meu vinho.

– E vindes insistir comigo que não tendes nada! – disse Perpetua, enchendo o copo e mantendo-o depois na mão, como se não quisesse dar-lho senão em prémio da confiança que se fazia tão rogada.

– Dai cá, dai cá – disse Dom Abbondio, pegando no copo com mão bem pouco firme e esvaziando-o à pressa como se fosse um medicamento.

– Quereis, portanto, que eu me veja obrigada a perguntar por aí o que aconteceu ao meu patrão? – disse Perpetua, muito direita diante dele, de mãos nos flancos e os cotovelos espetados para a frente, olhando-o fixo, quase como se quisesse sugar-lhe o segredo pelos olhos.

– Por amor do Céu! Não façais conversa disto, não vos metais em coscuvilhices; que pondeis em risco... pondeis em risco a vida!

– A vida?

– A vida!

– Sabeis muito bem que de todas as vezes que me contastes qualquer coisa sinceramente, em confiança, eu cá nunca...

– Boa! Como quando...

Perpetua compreendeu que tinha tocado uma tecla errada; por isso, mudou logo de tom: – Senhor meu patrão – disse com voz comovida e capaz de comover –, eu sempre vos fui muito afeiçoada; e, se agora quero saber, é por ser zelosa, porque queria poder socorrer-vos, dar-vos um bom conselho, levantar-vos o moral...

A verdade é que Dom Abbondio devia estar com tanta vontade de se desfazer do seu doloroso segredo como a que Perpetua tinha de o conhecer; por isso, depois de ter recusado cada vez mais debilmente os novos e cada vez mais prementes assaltos dela, depois de a ter feito jurar mais de uma vez que não abria boca, finalmente, com muitas suspensões, com muitos ais, contou-lhe o miserando acontecimento. Quando se chegou ao nome terrível do mandante, esticou-se sobre as costas do cadeirão, com um grande suspiro, erguendo as mãos, num gesto ao mesmo tempo de comando e de súplica, e dizendo: – Por amor do Céu!

– Mais uma das dele! – exclamou Perpetua. – Oh que malandro! Oh que abusador! Oh que homem sem temor de Deus!

– Quereis calar-vos? Ou quereis que deem já cabo de mim?

– Oh! Estamos aqui sozinhos que ninguém nos ouve. Mas o que podeis fazer, pobre senhor patrão?

– Oh, vejam bem esta! – disse Dom Abbondio num tom de enfado: – Vejam que belas opiniões me sabe dar esta! Vem perguntar-me o que posso fazer, o que posso fazer; quase como se fosse ela metida num sarilho e me calhasse livrá-la dele.

– Ora eu cá tinha a minha pobre opinião a dar-vos; mas depois...

– Mas depois, vamos lá ouvir.

– A minha opinião seria que, como todos dizem que o nosso arcebispo é um santo homem, e um homem de pulso, e que não tem medo de ninguém, e quando pode meter na ordem um destes prepotentes, para defender um cura, fica todo satisfeito; eu diria, e digo que devíeis escrever-lhe uma bela carta para o informar do que se passa...

– Quereis calar-vos? Quereis calar-vos? Isso são conselhos que se deem a um pobre homem? Quando apanhasse uma chumbada de escopeta nas costas – Deus nos livre! –, o arcebispo vinha tirar-ma?

– Eh! As chumbadas não se dão por aí como se fossem confeitos: e aí de nós se estes cães viessem morder todas as vezes que ladram! Eu sempre vi que, a quem sabe mostrar os dentes e fazer-se estimar, eles têm respeito; e é justamente porque o patrão nunca quer dizer as suas razões que estamos reduzidos a que todos venham, com sua licença...

– Quereis calar-vos?

– Faça-o já; mas a verdade é que, quando o mundo percebe que alguém, em todas as questões, está sempre pronto a baixar as...

– Quereis calar-vos? Achais que é altura de dizer disparates desses?

– Basta: tendes esta noite para pensar; mas entretanto não comeceis a fazer mal a vós mesmo, a dar cabo da saúde; comei alguma coisa.

– Que vá pensar eu – respondeu resmungando Dom Abbondio. – Claro; eu é que vou pensar, sou eu que tenho de pensar. – E levantou-se, prosseguindo: – Não quero tomar nada; nada: a minha vontade é outra: eu também sei que tenho de tratar de mim. Ah! Mas logo a mim é que havia de acontecer.

– Ao menos bebei mais um golo – disse Perpetua, conciliante. – Já sabeis que isto sempre vos recompõe o estômago.

– Eh! não é disso que preciso, não é disso que preciso, não é disso que preciso.

Assim falando, pegou na candeia e, ainda resmungando: – Uma pequena bagatela! A um cavalheiro como eu! E amanhã como correrá? – e outras lamentações parecidas, preparou-se para subir ao quarto. Ao chegar à porta disse, num tom lento e solene: – Por amor do Céu! – e meteu-se para dentro.

CAPÍTULO II

CONTA-SE QUE O PRÍNCIPE DE CONDÉ DORMIU PROFUNDAMENTE na noite antes da jornada de Rocroi; contudo, em primeiro lugar, estava muito cansado; segundo, já tinha dado todas as disposições necessárias e estabelecido o que devia fazer na manhã seguinte. Dom Abbondio, pelo contrário, não sabia senão que o dia de amanhã era dia de batalha; por isso, uma grande parte da noite gastou-a em consultas angustiosas. Não fazer caso da atrevida intimação nem das ameaças, e fazer o casamento, era um partido que ele não quis sequer levar a deliberação. Confiar a Renzo o acontecido e tentar com ele qualquer meio... Deus nos livre! «Não deixe escapar palavra... senão... *hem!*» dissera um daqueles bravos; e ao sentir ribombar aquele *hem!* na sua mente, Dom Abbondio, além de não pensar transgredir tal lei, também se arrependia de o ter tagarelado com Perpetua. Fugir? Para onde? E depois! Quantos sarilhos, e quantas contas a prestar! A todo o partido que rejeitava, o pobre homem revolvía-se no leito. O que, por todos os lados, lhe pareceu o melhor ou o menos mau, foi o de ganhar tempo, retardando as pressas de Renzo. Lembrou-se, a propósito, que faltavam poucos dias para se entrar no período em

que eram proibidas as núpcias: «E se conseguir, durante estes poucos dias, aguentar aquele rapaz, tenho depois dois meses de alívio; e, em dois meses, podem nascer grandes coisas.» Ruminou pretextos a pôr em campo; e, embora lhe parecessem demasiado ligeiros, no entanto, ia-se acalmando com a ideia de que devido à sua autoridade acabariam por parecer de justo peso, e que a sua longa experiência de velho lhe daria grande vantagem sobre um jovem ignorante. «Vamos a ver – dizia para consigo –, ele pensa na namorada; mas eu penso na minha pele; o mais interessado sou eu, para além de ser o mais sagaz. Meu filho querido, se tu sentes o tal ardor dentro de ti, não sei o que dizer, mas não quero ser eu a pagar as favas.» Assim, fechando um pouco o espírito a uma deliberação, conseguiu finalmente pregar olho: mas que sono! que sonhos! Bravos, Dom Rodrigo, Renzo violento, azinhagas, despenhadeiros, fugas, perseguições, gritos, tiroteios.

O primeiro despertar após uma catástrofe, e num sarilho qualquer, é um momento muito amargo. A mente, acabada de se ressentir, recorre às ideias habituais da vida tranquila anterior; mas o pensamento do novo estado de coisas assoma imediata e descaradamente; e o desagrado é ainda mais vivo naquela comparação instantânea. Saboreado dolorosamente este momento, Dom Abbondio logo recapitulou os seus desígnios da noite, confirmou-os, arrumou-os em melhor ordem, levantou-se e ficou à espera de Renzo com temor e ao mesmo tempo com impaciência.

Lorenzo, ou como diziam todos, Renzo, não se fez esperar muito. Assim que achou ser hora de se poder apresentar sem indiscrição ao cura, para lá se dirigiu, com a feliz fúria de um homem de vinte anos, que nesse dia deve desposar a sua amada. Desde a adolescência que não tinha os pais e exercia a profissão de tecelão de seda, por assim dizer hereditária, na sua família; profissão, nos anos passados, bastante lucrativa; agora, já em decadência, mas não o suficiente para que um hábil operário não pudesse ganhar para viver desafogadamente. O trabalho de dia para dia ia faltando mais; mas a emigração contínua dos seus trabalhadores atraídos para os estados vizinhos por promessas, por privilégios e por grossos salários, fazia com que não faltasse ainda aos que não deixavam a sua terra. Além disso, possuía Renzo uma pequena fazen-

da que mandava lavar, e ele próprio lavrava quando a fiação estava parada; de modo que, para a sua condição, se podia dizer abastado. E se bem que esse ano fosse ainda mais escasso que os anteriores, e já se começasse a sentir uma verdadeira carestia, contudo, o nosso jovem, que desde que pusera os olhos em Lucia se tornara rendeiro, via-se bastante provido, e não tinha de recear a fome. Compareceu perante Dom Abbondio, em grande gala, com penas de cores variadas no chapéu, com o seu punhal de belo cabo, no bolsinho das calças, com um certo ar de festa e ao mesmo tempo de bravura, nessa época também comum aos homens mais pacíficos. O acolhimento incerto e misterioso de Dom Abbondio fez um singular contraponto com os modos joviais e resolutos do jovem.

«Terá alguma preocupação naquela cabeça?» perguntou-se Renzo para consigo mesmo; depois disse: – Senhor cura, vim saber a que horas lhe convém que estejamos na igreja.

– De que dia quereis falar?

– De que dia, como? Não se lembra que está marcado para hoje?

– Hoje? – replicou Dom Abbondio como se ouvisse falar do assunto pela primeira vez. – Hoje, hoje... tende paciência, mas hoje não posso.

– Hoje não pode! O que aconteceu?

– Em primeiro lugar, não me sinto bem, como estais a ver.

– Lamento muito; mas o que tem de fazer é coisa de pouco tempo, e de pouco esforço.

– E depois, e depois, e depois...

– E depois o quê?

– E depois há sarilhos.

– Sarilhos? Que sarilhos pode haver?

– Vocês deviam era verem-se no nosso lugar, para saberem quantos contratemplos aparecem nestas matérias, quantas contas se têm de prestar. Eu sou pessoa de coração muito doce, só penso em arredar os obstáculos, em facilitar tudo, em fazer as coisas conforme a vontade dos outros, e descuro o meu dever; e depois apanho com censuras, e até pior.

– Mas pelo nome do Céu, não me deixe em pulgas, e diga-me lá bem claro o que se passa.

– Vós sabeis quantas e mais quantas formalidades são precisas para fazer um casamento dentro das regras?

– É melhor eu ficar a saber alguma coisa disso – disse Renzo começando a alterar-se. – O padre já me deu suficiente volta à cabeça nestes dias passados. Mas agora não está tudo tratado, não se fez tudo o que se devia fazer?

– Tudo, tudo, parece-lhe a si: porque, tenha paciência, o burro sou eu, que descuro os meus deveres, para não fazer penar as pessoas. Mas agora... basta, sei muito bem o que digo. Nós, pobres curas, estamos entre a bigorna e o martelo; vós perdeis a paciência; eu tenho pena de vós, pobre jovem; mas os nossos superiores... basta, não se pode dizer tudo. E somos nós depois quem paga as favas.

– Mas explique-me lá de uma vez por todas qual é esta outra formalidade que ainda falta, como está a dizer; isso faz-se já.

– Sabeis quantos são os impedimentos dirimentes?

– O que quer que saiba eu de impedimentos?

– *Error, conditio, votum, cognatio, crimen, cultus disparitas, vis, ordo, ligamen, honestas, si, sis, affinis...* – começou Dom Abbondio contando pela ponta dos dedos.

– Está a brincar comigo? – interrompeu o jovem. – O que quer que eu lhe diga do seu latinório?...

– Portanto, como não sabeis as coisas, tende paciência, e fiaí-vos em quem sabe.

– Vamos lá a ver!...

– Vá lá, meu querido Renzo, não vos zangueis que eu estou pronto a fazer... tudo o que depender de mim. O que eu queria era ver-vos satisfeito; eu gosto de vós. Eh!... Quando penso que estáveis tão bem; o que vos faltava? Saltou-vos o grilo para vos casar...

– Que conversa é essa, senhor meu? – irrompeu Renzo, com uma cara meio atónita, meio irada.

– Falo por falar, tende paciência, falo só por falar. O que eu queria era ver-vos satisfeito.

– Em suma...

– Em suma, querido filho, eu não tenho a culpa; a lei, não fui eu que a fiz. E antes de concluir um matrimónio, nós somos mes-

mo obrigados a fazer muitas e muitas investigações, para garantir-mos que não há impedimentos.

– Mas já basta. Diga-me de uma vez que impedimento é que apareceu.

– Tende paciência, não são coisas que se possam decifrar assim de repente. Não há de ser nada, assim espero; mas não obstante, estas investigações nós temos de as fazer. O texto é bem claro e fala por si: *antequam matrimonium denunciaret...*

– Já lhe disse que não sei latim.

– Mas é preciso que eu vos explique...

– Mas não fez já essas investigações todas?

– Não as fiz todas, como devia ser, confesso.

– Mas porque é que não as fez a tempo? Porque é que me disse que estava tudo pronto? Porque é que temos de esperar...

– Pronto! Censure-se mais a minha bondade demasiada. Facilitei tudo para vos servir mais depressa; mas... mas agora vieram... basta, eu é que sei.

– E o que queria então que eu fizesse?

– Que tivésseis paciência por mais uns dias. Querido filho, só uns dias afinal não são a eternidade: tende paciência.

– Por quanto tempo?

«Estamos no bom caminho» pensou para consigo Dom Abbon-

dio; e com um tom mais amável que nunca: – Ora bem – disse –, em quinze dias vou procurar... vou arranjar...

– Quinze dias! Oh, essa é boa! Fez-se tudo o que vossemecê quis; até marcou o dia; chega à data, e agora vem dizer-me que espere mais quinze dias! Quinze... – prosseguiu depois com voz mais alta e enfadada, estendendo o braço, e batendo com o punho no ar; e sabe-se lá que coisa diabólica teria ligado a este número, se Dom Abbondio não o interrompesse segurando-lhe a outra mão, com uma amabilidade tímida e premente: – Vá, vá, não vos altereis. Eu vou ver, vou tentar, se numa semana...

– E à Lucia o que vou dizer?

– Que foi um engano meu.

– E as más-línguas do mundo?

– Dizei a todos que eu me enganei, por demasiada pressa, por demasiado bom coração: deitai a culpa toda para cima de mim. Posso falar mais claro do que isto? Vá lá, por uma semana.

– E depois, já não haverá mais impedimentos?

– Quando eu vos digo...

– Pois bem: terei paciência por uma semana; mas lembre-se bem que, passada esta, eu não fico satisfeito com mais conversas. Entretanto, os meus respeitos. – E assim falando, foi-se embora, fazendo a Dom Abbondio uma vénia menos profunda do que de costume, e lançando-lhe um olhar mais expressivo do que respeitoso.

Saindo depois, e caminhando, de má vontade pela primeira vez, para a casa da sua prometida, no meio da cólera voltava-lhe a mente àquele diálogo; e cada vez o achava mais estranho. O acolhimento frio e reticente de Dom Abbondio, aquele seu falar a custo e ao mesmo tempo impaciente, aqueles dois olhos cinzentos que, enquanto falava, andavam sempre a fugir de cá para lá como se tivessem medo de se encontrarem com as palavras que lhe saíam da boca, aquele fazer-se surpreendido com o casamento tão expressamente combinado, e sobretudo aquele aludir sempre a qualquer coisa muito grande, nunca dizendo nada que fosse claro; todas estas circunstâncias juntas faziam Renzo pensar que havia ali um mistério diferente do que Dom Abbondio quisera fazer crer. Hesitou o jovem um momento em voltar atrás, para apertar com ele, e fazê-lo falar mais claro; contudo, ao levantar os olhos, viu

Perpetua caminhar à frente dele, e entrar numa hortinha à distância de poucos passos da casa. Chamou-a quando ela abria a cancela; estugou o passo, alcançou-a, reteve-a à entrada e, com a intenção de sacar algo de mais positivo, parou para meter conversa com ela.

– Bom dia, Perpetua: esperava que hoje estivéssemos todos mais alegres.

– Ora! É o que Deus quiser, meu pobre Renzo.

– Fazei-me um favor: aquele bendito homem do senhor cura embarrilou-me bem com certas razões que eu não consegui entender: explicai-me vós melhor porque é que ele não pode ou não quer casar-nos hoje.

– Oh! Achais que eu sei dos segredos do meu patrão?

«Eu bem disse que nisto havia mistério», pensou Renzo; e para o tirar a limpo continuou: – Vá, Perpetua; nós somos amigos; digei-me aquilo que sabeis, que assim ajudais um pobre rapaz.

– Má coisa é nascer pobre, meu querido Renzo.

– É verdade – prosseguiu este, confirmando cada vez mais as suas suspeitas; e tentando chegar ao assunto –, é verdade – acrescentou –, mas cabe aos padres tratar mal os pobres?

– Ouvi, Renzo; eu não posso dizer nada, porque... não sei nada; mas o que vos posso garantir é que o meu patrão não quer fazer mal, nem a vós, nem a ninguém: e ele não tem culpa.

– Então quem é que tem a culpa? – perguntou Renzo com ar de certa indiferença, mas de coração suspenso, e de ouvido alerta.

– Se eu vos digo que não sei nada... Em defesa do meu patrão, posso falar; porque me custa ouvir que o acusem de querer fazer mal a alguém. Pobre homem! Se peca, é por demasiada bondade. Neste mundo há muitos vigaristas, prepotentes, homens sem temor de Deus...

«Prepotentes! Vigaristas!» pensou Renzo: «Estes não são os superiores.» – Vá lá –, disse então, ocultando a custo a agitação crescente –, vá lá, dizei-me quem é.

– Ah! Queríeis fazer-me falar; e eu não posso falar, porque... não sei nada: quando não sei nada, é como se fizesse o juramento de ficar calada... bem podeis dar-me corda, que da minha boca não levais nada. Adeus; é tempo perdido para os dois. – Assim falando, entrou à pressa na horta, e fechou a cancela. Renzo, respondendo à sua despedida, voltou atrás devagarinho, para que ela não percebesse o caminho que ele tomava; mas, quando ficou fora do alcance do ouvido da boa mulher, alongou o passo; num momento chegou à porta de Dom Abbondio; entrou, indo direito ao salão onde o tinha deixado, viu-o e correu para ele, numa atitude ousada, e com os olhos arrelampados.

– Eh! Eh! Que novidade é esta? – disse Dom Abbondio.

– Quem é esse prepotente – disse Renzo, com a voz de um homem que está decidido a obter uma resposta precisa –, quem é esse prepotente que não quer que eu despose Lucia?

– O quê? O quê? O quê? – gaguejou o pobre homem surpreendido com uma cara que num instante ficou branca e frouxa, como uma peça de roupa ao sair da barrela. E, embora resmungando, deu um salto do seu cadeirão, para ir até à porta. Mas Renzo, que já devia esperar aquele movimento, e estava alerta, saltou antes dele, rodou a chave e meteu-a na algibeira.

– Ah! Ah! Agora vai falar, senhor cura? Todos sabem da minha vida menos eu. Raios, também quero saber. Como se chama ele?

– Renzo! Renzo! Por favor, vede bem o que estais a fazer; pensai na vossa alma.

– Só penso que o quero saber já, neste momento. – E assim

falando, talvez sem dar por isso, pôs a mão no cabo da navalha que lhe saía do bolsinho.

– Misericórdia! – exclamou com voz fraca Dom Abbondio.

– Eu quero sabê-lo.

– Quem vos disse...

– Não, não; mais patranhas não. Fale claro e já.

– Quereis-me ver morto?

– Quero saber o que tenho o direito de saber.

– Mas se falo, morro. Não hei de preocupar-me com a minha vida?

– Então fale.

Aquele «então» foi proferido com tanta energia, e o aspeto de Renzo ficou tão ameaçador, que Dom Abbondio nem sequer conseguia pressupor a possibilidade de desobedecer.

– Prometeis-me, jurais-me – disse – que não falais disto com ninguém, que nunca direis...?

– Prometo-lhe que farei um despropósito, se o senhor cura não me disser agora e já o nome desse tal.

Aquela nova promessa, Dom Abbondio, com cara, e com o olhar de quem tem na boca a tenaz do tiradentes, proferiu: – Dom...

– Dom?... – repetiu Renzo, como que a ajudar o paciente a deitar cá para fora o resto; e estava curvado, de orelha esticada sobre a boca dele, de braços estendidos e os punhos apertados.

– Dom Rodrigo! – pronunciou rápido o forçado, precipitando aquelas poucas sílabas, e rolando as consoantes, em parte pela perturbação, e em parte porque, mesmo orientando aquele pouco de atenção que lhe restava livre, para fazer uma transação entre os dois medos, parecia querer subtrair e fazer desaparecer a palavra, no mesmo ponto em que era obrigado a pô-la cá fora.

– Ah cão! – gritou Renzo. – E como foi? O que lhe disse ele para...?

– Como, eh? Como? – respondeu com voz quase indignada, Dom Abbondio, o qual, após um sacrifício tão grande, sentia ter-se tornado credor. – Como foi, eh? Gostava que vos tivesse calhado a vós, como calhou a mim, que não tenho nada a ver com isto; certamente não ficaríeis com tantos grilos na cabeça. – E aqui pôs-se a pintar com cores terríveis o seu mau encontro; e enquanto falava ia dando cada vez mais por ter uma grande cólera no corpo, e que até então estivera escondida e tapada pelo medo, e vendo ao mesmo tempo que Renzo, entre a raiva e a confusão, estava imóvel e de cabeça baixa, continuou alegremente: – Vós fizestes uma bela ação! Prestastes-me um belo serviço! Uma partida deste género a um homem de bem, ao vosso cura! Em casa dele! Num local sagrado! Fizestes uma bela proeza! Para me arrancar da boca a minha desgraça, a vossa desgraça! O que eu vos ocultava por prudência, para vosso bem! E agora que já sabeis? Eu queria ver se vós fazíeis de mim...! Por amor do Céu! Não estamos a brincar. Não se trata de ter razão ou não; trata-se de força. E quando esta manhã vos dei um bom conselho... eh! Veio-vos logo uma fúria. Eu tinha de ter juízo por mim e por vós; mas como pode ser? Ao menos soltai-me; dai-me a minha chave.

– Posso ter errado – respondeu Renzo, com voz amansada para Dom Abbondio, mas na qual se sentia o furor contra o inimigo descoberto –, posso ter errado; mas ponde a mão no peito, e pensai se no meu caso...

Assim dizendo, tirou a chave do bolso e foi abrir a porta. Dom Abbondio correu atrás dele e, enquanto este rodava a chave na fechadura, aproximou-se e, de rosto sério e ansioso, levantando-lhe diante dos olhos os três primeiros dedos da mão direita, como

que para o ajudar também pelo seu lado, disse-lhe: – Ao menos jurai...

– Posso ter errado; desculpe-me – respondeu Renzo, abrindo a porta e dispondo-se a sair.

– Jurai... – replicou Dom Abbondio agarrando-lhe o braço com a mão tremente.

– Posso ter errado – repetiu Renzo, soltando-se dele; e saiu em fúria, truncando assim a questão, que, tal como uma questão de literatura ou de filosofia ou de outra, poderia durar séculos, já que cada uma das partes não fazia senão repetir o seu próprio argumento.

– Perpetua! Perpetua! – gritou Dom Abbondio, depois de ter em vão chamado o fugitivo. Perpetua não responde: Dom Abbondio já não sabia em que mundo estava.

Aconteceu mais de uma vez a personagens de bem mais alto coturno que Dom Abbondio encontrarem-se em dificuldades tão incômodas, em tanta incerteza de partidos que lhes parece uma ótima saída meterem-se na cama com febre. Esta saída, ele não teve de ir procurá-la, porque lhe apareceu sozinha. O medo do dia da véspera, a vigília angustiante da noite, o medo tido naquele momento, a ansiedade pelo futuro fizeram o efeito. Achacado e aturdido, ao voltar ao seu cadeirão, começou a sentir uns arrepios nos ossos, olhava para as unhas suspirando, e chamava de vez em quando, com voz trémula e irritada: – Perpetua! – Ela chegou finalmente, com uma grande couve debaixo do braço, e com um descaramento como se nada tivesse acontecido. Poupo ao leitor os queixumes, os lamentos, as acusações, as defesas, os «só você pode ter falado», os «eu não falei», em suma, todas as alhadas saídas daquele diálogo. Basta dizer que Dom Abbondio ordenou a Perpetua que pusesse a tranca na porta, que não voltasse a abri-la por motivo nenhum e, se alguém batesse, respondesse pela janela que o cura estava na cama com febre. Depois subiu lentamente as escadas, dizendo, de três em três degraus «Estou bem servido»; e meteu-se mesmo na cama, onde iremos deixá-lo.

Renzo entretanto caminhava a passos furiosos para casa, sem ter ainda determinado o que devia fazer, mas com uma tremenda vontade de fazer algo de estranho e terrível. Os provocadores, os

violentos, todos os que de qualquer modo fazem mal aos outros, são réus não só do mal que cometem, mas também da perversão a que conduzem as almas dos ofendidos. Renzo era um jovem pacífico e avesso ao sangue, um jovem simples e inimigo de todas as insídias; contudo, naqueles momentos, o seu coração não batia senão para o homicídio, a sua mente era ocupada apenas para imaginar alguma traição. Apetecia-lhe correr a casa de Dom Rodrigo, agarrá-lo pelo pescoço e... mas vinha-lhe à cabeça que era como uma fortaleza, guarnecida por bravos lá dentro e guardada por fora; que só lá entravam livremente os amigos e os servidores bem conhecidos, sem serem esquadrinhados da cabeça aos pés; que um pequeno artesão desconhecido não poderia lá entrar sem lhe passarem revista, e que ele sobretudo... ele seria ali demasiado conhecido. Imaginava-se então a pegar na sua escopeta, a esconder-se atrás de um arbusto, esperando que, se porventura, se aquele por acaso viesse sozinho; e internando-se, com feroz complacência, naquela imaginação, parecia-lhe ouvir uma passada, aquela passada, e levantar devagarinho a cabeça; reconhecia o celerado, apontava a escopeta colocando-o debaixo de mira, disparava, via-o tombar e dar os últimos estertores, lançava-lhe uma maldição e corria pelo caminho da fronteira para se pôr a salvo. «E Lucia?» Mal esta palavra se lançou através daquelas turvas fantasias, os melhores pensamentos a que estava habituado o espírito de Renzo nele se precipitaram em catadupa. Vieram-lhe à mente as últimas lembranças dos seus pais, veio-lhe à mente Deus, a Virgem e os santos, pensou na consolação que havia tantas vezes sentido de se ver sem delitos, no horror que havia tantas vezes sentido ao ouvir contar um homicídio; e despertou daquele sonho de sangue, com pavor, com remorsos, e ao mesmo tempo com uma espécie de regozijo por não ter feito mais do que imaginar. Mas o pensamento de Lucia, quantos outros pensamentos não trazia consigo! Tantas esperanças, tantas promessas, um futuro tão almejado, e considerado tão seguro, e aquele dia tão suspirado! E como, com que palavras, iria anunciar-lhe uma tal notícia? E depois, que partido tomar? Como fazê-la sua, apesar da força daquele iníquo poderoso? E juntamente com tudo isto, não uma suspeita formada, mas uma sombra atormentante que lhe passava pela

mente. Aquela prepotência de Dom Rodrigo não podia ser provocada senão por uma paixão brutal por Lucia. E Lucia? Que tivesse dado àquele a mais ínfima ocasião, a mais ligeira lisonja, não era pensamento que pudesse alojar-se um momento que fosse na cabeça de Renzo. Mas ela não estava informada? Podia aquele ter concebido tão infame paixão sem que ela se apercebesse? Teria ele ido assim tão longe antes de a ter tentado de qualquer maneira? E Lucia não lhe tinha dito nem uma palavra a ele, ao seu prometido?

Dominado por estes pensamentos, passou diante da sua casa, que ficava no centro da aldeia, e atravessando-a, dirigiu-se para a de Lucia, que ficava ao fundo, aliás já um pouco fora. Aquela casa tinha um pequeno quintal à frente, que a separava da estrada, e era rodeada por um muro baixo. Renzo entrou no quintal e ouviu um sussurrar misto e contínuo que vinha de um compartimento de cima. Imaginou que seriam amigas e comadres, vindas para acompanhar Lucia; e não se quis mostrar àquele arraial, com aquela novidade no corpo e na cara. Uma rapariguinha que se encontrava no quintal correu ao seu encontro, gritando: – O noivo! O noivo!

– Cala-te, Bettina, está calada! – disse Renzo. – Anda cá; vai lá acima ter com Lucia, chama-a de parte e diz-lhe ao ouvido... mas de maneira que ninguém oiça, nem suspeite de nada, vê lá... diz-lhe que tenho de falar com ela, que a espero na sala cá em baixo, e que venha já. – A pequena subiu as escadas a correr, feliz e orgulhosa por ter uma missão secreta a cumprir.

Lucia acabava nesse momento de sair toda aperaltada das mãos da mãe. As amigas disputavam a noiva e insistiam com ela para que se deixasse ver; e ela ia-se esquivando, com aquela modéstia algo guerreira das camponesas, fazendo escudo à cara com o cotovelo, inclinando-a sobre o busto e franzindo as compridas sobranceiras negras, enquanto a boca porém se abria ao sorriso. Os negros cabelos juvenis, que se repartiam por cima da testa, com uma fina risca branca, enrolavam-se atrás da cabeça em círculos múltiplos de tranças, trespassadas por compridos alfinetes de prata, que se distribuía em leque, quase à guisa dos raios de uma auréola, como ainda usam as camponesas no Milanês. Em torno do pescoço tinha um colar de granadas alternadas com botões dourados de filigrana; trazia um belo corpete de brocado às flores,

com as mangas separadas e atadas por belas fitas; um curto saiote de chita, de pregas densas e miudinhas, duas meias vermelhas, duas chinelas, também de seda, com bordados. Além deste, que era o ornamento especial do dia de bodas, Lucia tinha o de todos os dias, uma modesta beleza, relevada então e acrescida pelos vários afetos que se lhe pintavam na face: uma alegria temperada por uma perturbação ligeira, aquela plácida aflição que se mostra de quando em quando no rosto das noivas e, sem descompor a beleza, lhes dá um carácter muito especial. A pequena Bettina enfiou-se no meio do grupo, aproximou-se de Lucia, deu-lhe a entender com toda a esperteza que tinha algo para lhe comunicar, e deu-lhe a sua palavrinha ao ouvido.

– Vou ali um momento, volto já – disse Lucia às mulheres; e desceu apressada. Ao ver a cara alterada e o comportamento inquieto de Renzo, perguntou: – O que é? – não sem um pressentimento de terror.

– Lucia! – respondeu Renzo. – Quanto ao dia de hoje, foi tudo por água abaixo. E só Deus sabe quando poderemos ser marido e mulher.

– O quê? – disse Lucia completamente desorientada. Renzo contou-lhe brevemente a história daquela manhã; ela ouvia com angústia; e, quando ouviu o nome de Dom Rodrigo: – Ah! – exclamou, corando e tremendo –, chegou a esse ponto!

– Então vós sabíeis... – disse Renzo.

– Infelizmente! – respondeu Lucia –, mas a esse ponto...

– O que sabíeis?

– Não me façais falar agora, não me façais chorar. Vou num instante chamar a minha mãe e mandar embora as mulheres; precisamos de estar sozinhos.

Quando ela ia a sair, Renzo murmurou: – Nunca me dissestes nada.

– Ah, Renzo! – respondeu Lucia, voltando-se um momento, sem se deter. Renzo entendeu muito bem que o seu nome pronunciado naquela altura e naquele tom por Lucia só queria dizer: podeis duvidar que eu me tenha calado senão por motivos justos e puros?

Entretanto a boa Agnese (assim se chamava a mãe de Lucia), tomada pela suspeita e pela curiosidade devido à palavrinha ao ouvido e à desapareição da filha, desceu para ver o que havia de novo. À filha, deixou-a com Renzo, voltou aonde estavam as mulheres reunidas e, acomodando a voz e o aspeto o melhor que podia, proferiu: – O senhor cura adoeceu; e hoje não se fãz nada. – Dito isto, despediu-as a todas com grande pressa e voltou para o andar de baixo.

As mulheres foram desfilando, e dispersaram-se a contar o sucedido. Duas ou três foram até à porta da residência do cura, para se certificarem se estava mesmo doente.

– Um febrão – respondeu Perpetua da janela; e a triste palavra, levada até às outras, veio extirpar as conjeturas que já começavam a fervilhar nas suas mentes, e a anunciar-se omissas e misteriosas nas suas conversas.

CAPÍTULO III

LUCIA ENTROU NA SALA DO RÉ S DO CHÃO, ENQUANTO RENZO informava angustiadamente Agnese que angustiadamente o Louvia. Voltaram-se ambos para quem sabia mais do que eles, e de quem esperavam um esclarecimento, que não podia deixar de ser doloroso: aqueles dois, deixando entrever, no meio da dor, e com o amor diferente que tinha cada um deles por Lucia, uma aflição contudo diferente por lhes ter calado qualquer coisa, e logo uma coisa assim. Agnese, embora ansiosa por ouvir falar a filha, não se pôde conter sem lhe fazer uma censura. – À tua mãe nada contas de uma coisa dessas?!

– Agora vou dizer-lhe tudo – respondeu Lucia, enxugando os olhos com o avental.

– Fala, fala! – Falai, falai! – gritaram a uma voz a mãe e o noivo.

– Virgem Santíssima! – exclamou Lucia: – Quem podia crer que as coisas chegassem a este ponto! – E, com a voz entrecortada pelo pranto, contou que, poucos dias antes, quando voltava da fiação, e tinha ficado para trás das suas companheiras, passara à sua frente Dom Rodrigo, na companhia de outro senhor; que o primeiro

tentara retê-la com palavreado, como ela dizia, nada bonito; mas ela, sem lhe dar troco, apressara o passo até alcançar as companheiras; e entretanto ouvira o outro senhor rir-se alto, e Dom Rodrigo dizer: vamos a uma aposta. No dia seguinte, tinham-se encontrado de novo na estrada; mas Lucia ia no meio das companheiras, de olhos baixos; e o outro senhor fazia troça, enquanto Dom Rodrigo só dizia: veremos, veremos. – Por obra e graça dos Céus – prosseguiu Lucia –, esse dia era o último da fiação. Eu contei logo...

– Contaste a quem? – perguntou Agnese, querendo saber, não sem uma certa indignação, o nome do confidente preferido.

– Ao padre Cristoforo, em confissão, minha mãe – respondeu Lucia, num tom suave de desculpa. – Contei-lhe tudo, da última vez que fomos juntas à igreja do convento; e, se bem vos lembrais, nessa manhã, eu ia deitando a mão ora a uma coisa, ora a outra, para demorar tanto que desse tempo até passar mais gente cá da terra por aquela estrada e fazer o caminho de volta na companhia deles; porque depois daquele encontro, todas as estradas me faziam muito medo...

Ao nome reverendo do padre Cristoforo, a indignação de Agnese apaziguou-se. – Fizeste bem – disse ela –, mas porque é que também não contaste tudo à tua mãe?

Lucia tivera duas boas razões: uma, para não entristecer nem apoquentar a boa mulher, por coisa para a qual ela não podia encontrar remédio; a outra, para se poupar ao risco de correr por muitas bocas uma história que ela ciosamente pretendia enterrada: tanto mais que Lucia esperava que as suas núpcias truncassem, logo no seu começo, aquela abominada perseguição. Destas duas razões, porém, apenas alegou a primeira.

– E a vós – disse depois, dirigindo-se a Renzo, com aquela voz destinada a fazer reconhecer um amigo que procedeu mal: – E a vós deveria eu falar disto? Infelizmente sabei-lo agora!

– E o que te disse o padre? – perguntou Agnese.

– Disse-me que tentasse apressar a boda o mais que pudesse, e entretanto me fechasse em casa; que orasse bem ao Senhor; e que tinha esperança de que aquele, não me vendo, não se ralaria mais comigo. E foi então que me esforcei – prosseguiu, dirigindo-se de

novo a Renzo, sem levantar porém os olhos para a cara dele, e ficando toda corada –, foi então que descaradamente vos pedi que tentásseis não demorar e concluir as coisas antes do tempo estabelecido. Sabe-se lá o que tereis pensado de mim! Mas eu fazia-o por bem, e havia sido aconselhada, e tinha por certo... e esta manhã, estava tão longe de pensar... – E aqui as palavras foram cortadas por um violento ataque de choro.

– Ah malandro! Ah danado! Ah assassino! – gritava Renzo, correndo para trás e para a frente pela sala, e apertando de quando em quando o cabo da sua navalha.

– Oh, que embrulhada, por amor de Deus! – exclamou Agnese.

O jovem parou de repente diante de Lucia que chorava; olhou-a com um ar de ternura e um misto de raiva e disse: – Esta é a última que faz aquele assassino!

– Ah! Não, Renzo, por amor do Céu! – gritou Lucia. – Não, não, por amor do Céu! O Senhor também existe para os pobres; e como quereis que nos ajude se fizermos mal?

– Não, não, por amor do Céu! – repetia Agnese.

– Renzo – disse Lucia com um ar de esperança e de resolução mais tranquila –, vós tendes um ofício, e eu sou capaz de trabalhar: vamos para muito longe, para que ele já não oiça mais falar de nós.

– Ah Lucia! E depois? Ainda não somos marido e mulher! O cura irá querer dar-nos fé de estado livre? Um homem daqueles? Se estivéssemos casados, ah, então...

Lucia tornou a chorar; e os três ficaram todos em silêncio, e num abatimento que fazia um triste contraponto com a pompa festiva das suas roupas.

– Ouvi, meus filhos; fiai-vos em mim – disse, passados uns minutos, Agnese. – Eu vim ao mundo antes de vós; e do mundo conheço um bocado. Não deveis assustar-vos tanto: o diabo não é tão feio quanto o pintam. A nós pobrezinhos as coisas parecem mais embrulhadas porque não conseguimos achar o fia à meada; mas às vezes um parecer, uma palavrinha de um homem que tenha estudado... eu sei bem o que quero dizer. Fazei as coisas ao meu modo, Renzo; ide a Lecco, procurai o doutor *Acerta-Engulhos*, e contai-lhe... mas não lhe chameis assim, por amor do Céu; é uma

algunha. É preciso chamar-lhe senhor doutor... como é que se chama ele? Oh, olha! Nem sei o seu nome verdadeiro: todos lhe chamam assim. Basta, procurai esse doutor alto, seco, pelado, de nariz corado e bochechas da cor da groselha.

– Eu conheço-o de vista – disse Renzo.

– Bem – continuou Agnese. – Esse é um grande homem! Já vi mais de um que estava mais atrapalhado do que um pintainho na estopa, e que não sabia aonde ir bater com a cabeça, e, depois de ter estado uma hora cara a cara com o doutor *Acerta-Engulhos* (não vos esqueçais de que não lhe deveis chamar assim), vi-o eu, como dizia, rir-se disso. Pegai naqueles quatro capões, coitaditos!, a que eu devia apertar o pescoço para o banquete de domingo, e levei-lhos; porque nunca se deve ir ter com esses senhores de mãos vazias. Contai-lhe tudo o que aconteceu; e vereis que vos dirá, num piscar de olhos, coisas daquelas que a nós nunca viriam à cabeça, nem que passássemos um ano a pensar nisso.

Renzo abraçou de boa vontade esta opinião; Lucia aprovou-a; e Agnese, orgulhosa por a ter dado, tirou um a um os pobres bichos da capoeira, juntou-lhes as oito patas, como se fizesse um ramo de flores, atou-as apertando-as com um cordel, e entregou-as em mão a Renzo; o qual, dando e recebendo palavras de esperança, saiu pelo lado da horta, para não ser visto pelos rapazes, que correriam atrás dele gritando: «O noivo! O noivo!» Assim, atravessando os campos, ou como dizem por lá, os lugares, correu por azinhagas, tremendo, pensando em toda a sua desgraça, e ruminando o discurso a fazer ao doutor *Acerta-Engulhos*.

Deixo, então, para pensar, ao leitor, como deviam ir na viagem aqueles pobres animais, assim agarrados e seguros pelas patas, de cabeça para baixo, na mão de um homem que, agitado por tantas paixões, acompanhava com o gesto os pensamentos que lhe passavam em tumulto pela mente. Ora estendia o braço pela cólera, ora o erguia por desespero, ora o debatia no ar, como por ameaça, e de todas as maneiras lhes dava fortes abanões, e sacudia aquelas quatro cabeças desengonçadas; animais que entretanto se engalfinhavam em bicadas uns aos outros, tal como acontece com demasiada frequência entre companheiros de desventura.

Chegado ao burgo, perguntou pela residência do doutor; indi-

caram-lha e lá foi ele. Ao entrar, sentiu-se tomado por aquela intimidação que os pobres iletrados sentem perante um senhor e um homem douto, e esqueceu todos os discursos que tinha preparados; mas deu uma olhadela aos capões, o que lhe infundiu coragem. Entrou na cozinha e perguntou à criada se se podia falar com o senhor doutor. Ela observou os bichos e, como se estivesse habituada a semelhantes dádivas, pôs-lhes as mãos em cima, enquanto Renzo os puxava para trás, pois queria que o doutor os visse e soubesse que ele trazia alguma coisa. Apareceu justamente quando a mulher dizia: – Dai-me cá e entrai. – Renzo fez uma grande vénia: o doutor recebeu-o com cortesia, com um – Vinde, meu filho –, e fê-lo entrar consigo no escritório. Era este um salão, do qual três paredes continham distribuídos os retratos dos doze Césares; a quarta, coberta por uma grande estante de livros velhos e poeirentos; no meio, uma mesa a abarrotar de arengas, de alegações, de súplicas, de libelos, de editais, com três ou quatro cadeiras à volta, e num dos lados um cadeirão de braços com um costal alto e arredondado, terminando nos cantos com dois ornamentos de madeira, que se erguiam em forma de cornos coberto com uma pele de vaca com grossas taxas, algumas das quais, caídas há muito tempo, deixavam à solta os cantos da cobertura, que se enrugava aqui e ali. O doutor estava em roupa de trazer por casa, ou

seja, coberto por uma toga já gasta, que lhe servira há muitos anos para perorar em dias de aparato, quando ia a Milão para qualquer causa importante. Fechou a porta e animou o jovem com estas palavras: – Meu filho, contai-me o vosso caso.

– Queria dizer-lhe uma palavra em confidência.

– Pois aqui estou – respondeu o doutor: – Falai. – E acomodou-se no cadeirão. Renzo em pé diante da mesa, com uma mão na aba do chapéu que fazia rodar com a outra, recomeçou: – Queria saber de pessoa que estudou...

– Contai-me o facto como se passou – interrompeu o doutor.

– Sua Senhoria deve perdoar-me: nós pobres não sabemos falar bem. Portanto eu queria saber...

– Abençoada gente! Sois todos assim: em vez de contardes o facto, quereis interrogar, porque já tendes os vossos desígnios na cabeça.

– Desculpai-me, senhor doutor. Queria saber se ameaçar um cura para que não faça um casamento sofre pena.

«Já percebi» – disse para consigo o doutor, que na verdade não tinha percebido nada. «Já percebi.» E logo se pôs sério, mas com uma seriedade mista de compaixão e de solicitude; apertou fortemente os lábios, fazendo sair por eles um som inarticulado que fazia pensar num sentimento que se exprimiria depois mais claramente nas suas primeiras palavras. – Um caso sério, meu filho; um caso contemplado na lei. Fizestes bem em vir ter comigo. É um caso bem claro, contemplado em cem decretos, e... precisamente num do ano passado, do atual senhor governador. Já vo-lo mostro e faço tocar com a mão.

Assim dizendo, levantou-se do seu cadeirão e meteu as mãos naquele caos de papéis remexendo-os de alto a baixo, como se procurasse agulha em palheiro.

– Onde é que se meteu? Aparece, salta cá para fora! É preciso ter tanta coisa à mão de semear! Mas tem de estar aqui de certeza, porque é um édito importante. Ah! Aqui está, aqui está. – Pegou-lhe, desdobrou-o, conferiu a data e, fazendo uma cara ainda mais séria, exclamou: – Do dia 15 de outubro de 1627! Certo; é do ano passado; um decreto ainda fresquinho; são os que metem mais medo. Sabeis ler, meu filho?

– Um pouquinho, senhor doutor.

– Bem, segui-me com a vista e vereis.

E segurando o édito aberto no ar, começou a ler, em certas passagens, e detendo-se distintamente, com grande expressão, sobre algumas outras, conforme as necessidades. – *Se bem que, pelo édito publicado por ordem do senhor Duque de Faria a 14 de dezembro de 1620, e confirmado pelo Ilustríss. e Excelentíss. Senhor o Senhor Gonzalo Fernández de Córdoba, etc., haja sido com remédios extraordinários e rigorosos que se haja providenciado quanto a opressões, peculatos e atos tirânicos que alguns ousam cometer contra estes vassallos tão devotos de S.M., de qualquer modo a frequência dos excessos, e a sua maldade, etc., tem crescido muito, tendo posto Sua Excelência na necessidade, etc. Daí, com o parecer do Senado e de uma Junta, etc., decidiu que se publique o presente.*

– *E começando pelos atos tirânicos, mostrando experiência que muitos, tanto nas cidades como nas vilas... – estais a ouvir? – deste Estado, com tiranias exercem peculatos e oprimem os mais fracos de vários modos, como agir para que se façam contratos violentos de compras, de arrendamentos... – etc.; onde estás? Ah! Aqui; ouvi: – que se realizem ou não realizem casamentos. – Eh?*

– É o meu caso – disse Renzo.

– Ouvi, ouvi, que há bem mais; e depois veremos a pena. – Tes-

temunhe-se ou não se testemunhe; que alguém parta do lugar onde habita, etc.; que esse pague um débito; que o outro não o moleste, que aquele vá ao seu moinho – isto não tem nada a ver conosco. Ah! Cá estamos: – que aquele padre não faça aquilo a que é obrigado pelo seu ofício, e faça coisas que não lhe cabem. – Eh?

– Parece que fizeram o édito de propósito para mim.

– Eh? Não é verdade? Ouvi, ouvi: – *e outras semelhantes violências, como ordens de feudatários, nobres, remediados, vilões e plebeus. – Não há por onde escapar: estão cá todos: é como o vale de Josafat. Ouvi agora a pena: – todas estas e outras análogas más ações, apesar de serem proibidas, por isso, convindo deitar mão a maior rigor, S. E., pelo presente, não revogando etc., manda e ordena que contra os contraventores em qualquer dos casos acima, ou outro semelhante, se proceda por todos os juízes comuns deste Estado a pena pecuniária e corporal, além de relegação a galés, e até à morte... – Uma pequena bagatela! – Ao arbítrio de Sua Excelência, ou do Senado, conforme a qualidade dos casos, pessoas e circunstâncias. E isto ir-re-mis-si-vel-mente e com todo o rigor – etc. Está cá tudo, eh? E vede aqui as assinaturas: – Gonzalo Fernández de Córdoba – e mais abaixo: – Platonos; – e aqui também: – Vídít Ferrer – não falta mesmo nada.*

Enquanto o doutor lia, Renzo seguia-o lentamente com o olhar, tentando captar o sentido claro daquela caldeirada, e mirar bem aquelas sacrossantas palavras, que lhe pareciam deverem ser o seu amparo. O doutor, vendo o novo cliente mais atento do que aterrorizado, espantava-se. «Este deve ter cá um cadastro...» – pensava para consigo. – Ah, ah! – disse-lhe a seguir: – Até já cortastes a marrafa. Tivestes muita prudência: contudo, querendo pôr-vos nas minhas mãos, não era preciso. O caso é sério; mas vós não sabeis o que fui capaz de fazer, numa ocasião.

Para entender esta saída do doutor, é necessário saber ou recordar que naquele tempo os bravos de ofício e os facínoras de toda a espécie costumavam usar uma comprida marrafa de cabelo, que puxavam depois para o rosto, como uma pala, na altura de enfrentar alguém, nos casos em que achassem necessário disfarçar-se, e a empresa fosse das que exigiam ao mesmo tempo força e prudência. Os éditos não tinham guardado silêncio sobre esta moda:

Manda Sua Excelência (o marquês da Hinojosa) que quem usar o cabelo com um comprimento tal que cubra a frente até ao cenho exclusivamente, ou tiver trança ou à frente ou atrás das orelhas, incorre na pena de trezentos escudos; e em caso de reincidência, de três anos de galé, pela primeira vez, e para a segunda, além da supracitada, maior ainda, pecuniária e corporal, ao arbítrio de Sua Excelência.

Permite porém que, por ocasião de se encontrar algum calvo, ou por outra razoável causa de marca de ferida, possam esses tais, para seu maior decoro e sanidade, ter o cabelo tão comprido quanto for necessário para cobrir faltas similares e nada mais; sendo bem advertido para não exceder o que é dever e pura necessidade, para (não) incorrer na pena imposta aos outros contraventores.

E igualmente ordena aos barbeiros, sob pena de cem escudos ou de três chibatadas que lhes deverão ser dadas em público, e ainda maior pena corporal ao arbítrio acima referido, que não deixem àqueles que tosarem espécie alguma das ditas tranças, marrafas e caracóis, nem o cabelo mais comprido do que o comum, tanto na testa como dos lados, e atrás das orelhas, mas que sejam todos iguais, como acima, salvo no caso dos calvos, ou outros defeituosos, como se disse.

A marrafa era portanto quase uma armadura e um distintivo dos bravos e dos bandidos; os quais, depois e por causa disso, eram comumente chamados trunfas. O termo ficou e vive ainda, com significado mais atenuado, no dialeto: e não deve haver talvez nenhum dos nossos leitores milaneses que não se lembre de ter ouvido, na sua infância, ou os parentes, ou o mestre-escola, ou qualquer amigo da casa, ou qualquer pessoa ao seu serviço, dizer de outro: «É um trunfas!»

– Na verdade, sou pobre – respondeu Renzo –, eu nunca usei marrafa na minha vida.

– Assim não fazemos nada – respondeu o doutor, abanando a cabeça, com um sorriso entre malicioso e impaciente. Se não tiverdes confiança em mim, não podemos fazer nada. Quem conta mentiras ao doutor, vede bem, meu filho, é um pateta que dirá a verdade ao juiz. Ao advogado têm de contar as coisas claras: cá estamos nós depois para as embrulhar. Se quiserdes que eu vos ajude,

tendes de me dizer tudo do *a* ao *z*, de coração nas mãos, como ao confessor. Deveis dar-me o nome da pessoa de quem recebestes o mandado: será naturalmente pessoa de respeito; e neste caso eu irei ter com ele fazer o meu dever. Não lhe direi, vede bem, que eu soube por vosso intermédio que foi ele que vos mandou: fiai-vos em mim. Dir-lhe-ei que vou implorar a sua proteção para um pobre jovem caluniado. E com ele combinarei as medidas oportunas para o caso acabar de modo louvável. Compreendeis então que, ao salvar-se a ele, vos salvará também a vós. Depois, se a escapadela fosse toda vossa, ora eu não me retiro: já safei outros de embrulhadas piores... desde que não tenhais ofendido pessoa de respeito, bem entendido, eu comprometo-me a livrar-vos de sarilhos: com um certo preço, bem entendido. Deveis dizer-me quem é o ofendido, como se costuma dizer: e, conforme a condição, a qualidade e o humor do amigo, ver-se-á se convém mais tê-lo na mão com as proteções, ou arranjar um modo qualquer de o atacarmos em juízo, e meter-lhe uma pulga na orelha; porque, bem vedes, sabendo manejar os éditos, ninguém é réu e ninguém é inocente. Quanto ao cura, se for pessoa de juízo, ficará calado; se for um cabeça no ar, também há remédio para eles. Não há intriga donde não se possa sair; mas é preciso um homem: e o vosso caso é sério; sério, digo-lho eu, sério: o édito canta claro; e se a coisa tiver de se decidir entre a justiça e vós, assim cara a cara, estais frito. Eu falo-vos como amigo: as escapadelas não são de graça: se quiserdes livrar-vos desta, dinheiro e sinceridade, fiar-vos em quem vos quer bem, obedecer, fazer tudo o que vos for sugerido.

Enquanto o doutor se saía com estas palavras todas, Renzo olhava-o com uma atenção estática, como um campônio está na praça olhando o ilusionista que, depois de ter enfiado na boca estopa e estopa e mais estopa, dela tira fitas e fitas e mais fitas que nunca mais acaba. Mas, quando entendeu bem o que o doutor queria dizer, e qual o equívoco em que se metera, cortou-lhe a fita da boca, dizendo: – Oh! Senhor doutor, o que percebeu? É mesmo tudo ao contrário. Eu não ameacei ninguém; eu não faço coisas dessas: e pergunte a toda a gente de lá da terra, que só ouvirá dizer que eu nunca tive nada com a justiça. A partida pregaram-ma a

mim; e venho cá para saber o que tenho de fazer para obter justiça; estou bem contente por ter visto aqueles editais.

– Diabos! – exclamou o doutor, arregalando os olhos. – Que confusão me arranjou? Eh, são todos assim: é possível que não saibam contar as coisas com clareza?

– Desculpe-me; mas não me deu tempo: já lhe conto como correram as coisas. Saiba portanto que eu devia casar-me hoje – e aqui a voz de Renzo comoveu-se –, devia desposar hoje uma jovem que namoro desde o verão; e hoje, como lhe disse, era o dia marcado com o senhor cura, estava tudo pronto. Mas eis que o senhor cura começa a sair-se com certas desculpas... Basta para não vos aborrecer, eu obriguei-o a falar claro, como devia ser, e ele confessou-me que tinha sido proibido, sob pena de morte, de fazer este casamento. Aquele prepotente de Dom Rodrigo...

– Eh, para aí! – interrompeu subitamente o doutor enrugando as sobrancelhas, franzindo o nariz encarniçado e torcendo a boca –, Para lá, aí! Vem-me dar volta à cabeça com essas fantasias? Guardai essas conversas lá para vocês, que não sabeis medir as palavras e não as venha fazer com um cavalheiro que sabe quanto valem. Ide, ide; vós não sabeis o que dizeis; eu não perco o meu tempo com garotadas; não quero ouvir conversas desse género, discursos no ar.

– Juro-lhe...

– Ide, já vos disse: o que quereis que eu faça dos vossos juramentos? Eu não tenho nada a ver com isso: daí lavo as minhas mãos. – E esfregava-as como se realmente as lavasse. – Aprendei a falar: não se vem importunar assim um cavalheiro.

– Oiça lá, oiça lá – repetia em vão Renzo; o doutor, sempre a gritar, empurrava-o com as mãos para a porta; e, quando o tinha quase posto fora, abriu a porta, chamou a criada e disse-lhe: – Devolva já a este homem tudo o que ele trouxe: eu não quero nada, não quero nada.

Aquela mulher, em todo o tempo que servia em casa daquele doutor, nunca tinha cumprido uma ordem semelhante: mas fora proferida com tal resolução que ela não hesitou em obedecer. Pegou nos quatro pobres bichos e deu-os a Renzo, com uma olhadela de compaixão depreciativa, que parecia querer dizer: deves ter feito uma das fortes. Renzo queria fazer cerimónia; mas o doutor foi inexpugnável, e o jovem, mais atónito e mais irritado que nunca teve de recuperar as vítimas rejeitadas e voltar à sua terra para contar às mulheres a bela caldeirada que fora a sua expedição.

As mulheres, na sua ausência, depois de terem tristemente despedido as roupas dos dias de festa e posto as dos dias de trabalho, puseram-se a consultar-se de novo, Lucia soluçando e Agnese suspirando. Quando esta acabou o seu belo discurso sobre os grandes efeitos que se deviam esperar dos conselhos do doutor, Lucia disse que o que devia ser necessário era arranjar maneira de serem auxiliadas de todas as maneiras; que o padre Cristoforo era homem não só para aconselhar, mas também para agir por conta própria, quando se tratasse de ajudar os pobrezinhos a levantar-se; e seria uma coisa ótima dar-lhe a saber o que tinha acontecido. – Sem dúvida – disse Agnese; e deram consigo a procurar juntas a maneira; isto porque para irem elas ao convento, talvez distante dali umas três milhas, naquele dia não sentiam coragem: e certamente nenhum homem de juízo lhes diria a sua opinião. Contudo, no momento em que avaliavam os partidos, ouviu-se uma pancada na porta e, no mesmo instante, um suave mas distinta: – *Deo gratias*. – Lucia, imaginando quem podia ser, correu a abrir; e logo, fazendo uma pequena vénia familiar, avançou um leigo mendi-

cante capuchinho, com a sua sacola pendente do ombro esquerdo, e segurando-lhe a embocadura retorcida e apertada nas duas mãos sobre o peito.

– Oh, frei Galdino! – disseram as duas mulheres.

– O Senhor seja convosco – disse o frade. – Venho recolher as nozes.

– Vai buscar as nozes para os padres – disse Agnese. Lucia levantou-se e dirigiu-se ao outro compartimento, mas, antes de entrar, parou atrás das costas de frei Galdino, que permanecia de pé na mesma posição; e, levando o dedo à boca, deu à mãe um olhar que pedia segredo, com ternura, com súplica, e também com uma certa autoridade.

O frade mendicante, fitando Agnese assim de longe, disse: – Então esse casamento? Não devia ser hoje? Por toda a aldeia notei uma certa confusão, como se houvesse alguma novidade. O que foi?

– O senhor cura adoeceu e teve de adiar – respondeu apressada a senhora. Se Lucia não tivesse feito aquele sinal, provavelmente a resposta seria bem diferente. – E como vai a coleta? – acrescentou a seguir, para mudar de conversa.

– Nada bem, boa mulher, nada bem. Está tudo aqui. – E assim falando, tirou a sacola do ombro, e fê-la saltar entre as duas mãos.

– Está tudo aqui; e para juntar esta bela abundância, tive de bater a dez portas.

– Mas as colheitas andam más, frei Galdino; e quando se tem de contar muito bem o pão, não se pode ser mãos largas no resto.

– E para fazer tornar o bom tempo, qual será o remédio, minha boa senhora? A esmola. Sabeis daquele milagre das nozes, que aconteceu há uns oito anos, naquele nosso convento da Romanha?

– Não, na verdade; contai-no-lo um pouco.

– Oh, deveis então saber que naquele convento havia um nosso padre que era um santo, chamado padre Macario. Num dia de inverno, passando por uma vereda, num campo de um nosso benfeitor, e que também era um homem de bem, o padre Macario viu este benfeitor ao pé de uma sua nogueira muito grande e quatro camponeses de enxadas no ar, que começavam a escavar a planta para lhe porem as raízes ao sol. «O que fazeis a essa pobre árvore?» – perguntou o padre Macario. – Eh, padre, há anos e anos que ela não me quer dar nozes; e eu vou fazê-la em lenha.» «Deixai-a estar – disse o padre. – Ficai sabendo que este ano vai ter mais nozes do que folhas.» O benfeitor, que conhecia bem quem havia dito aquela palavra, ordenou logo aos cavadores que deitassem de novo a terra sobre as raízes; e chamando o padre, que prosseguia no seu caminho: «Padre Macário – disse-lhe –, metade da colheita será para o convento.» Correu depressa a notícia da predição; e todos acorriam para ver a nogueira. De facto, na primavera, flores aos montes, e, a seu tempo, nozes aos montes. O bom do benfeitor não teve a consolação de fazer a apanha; porque se foi, antes da colheita, a receber o prémio da sua caridade. Mas o milagre foi ainda maior, como ireis ouvir. Aquele bom homem tinha deixado um filho de estampa bem diferente. Ora bem, na colheita, o mendicante foi cobrar a metade que era devida ao convento; mas aquele fez-se de novas, e teve a temeridade de responder que nunca ouvira dizer que os Capuchinhos soubessem fazer nozes. Um dia (ouvi esta) aquele valdevinos convidou uns amigos seus do mesmo pelo e, no meio da pândega, pôs-se a contar a história da nogueira, e a fazer troça dos frades. Aqueles rapazolas quiseram ir ver aquele infinito montão de nozes; e ele levou-os lá acima ao celeiro. Mas ouvi esta: abre a porta, vai direito ao cantinho onde tinham sido

postas as nozes, e enquanto diz: olhem, olha ele mesmo, e vê... o quê? Um belo montão de folhas secas de nogueira. Não foi um bom exemplo? E o convento, em vez de ficar a perder, até ganhou; porque após tão grande feito, a coleta das nozes rendeu tanto, tanto, que um benfeitor, movido pela compaixão do pobre mendicante, fez ao convento a caridade de um burro que ajudasse a levar para casa tantas nozes. E delas se fez tanto óleo que todos os pobres vieram buscar a sua parte, conforme as suas necessidades; porque nós somos como o mar, que recebe água de todos os lados, e a torna a distribuir a todos os rios.

Aqui reapareceu Lucia, com o avental tão cheio de nozes que o segurava a custo, pegando-lhe as duas pontas em cima, com os braços tensos e esticados. Enquanto frei Galdino, voltando a tirar a sacola, a punha no chão e desatava o bocal para introduzir a abundante esmola, a mãe fez uma cara atônita e severa a Lucia pela sua prodigalidade; mas Lucia lançou-lhe um olhar que queria dizer: já me justifico. Frei Galdino irrompeu em elogios, em felicitações, em promessas, em agradecimentos; e, pondo outra vez a sacola ao ombro, preparava-se para sair. Mas Lucia, chamando-o, disse: – Queria um favor vosso; queria que dissésseis ao padre Cristoforo que tenho grande urgência em falar com ele, e que me

faça a caridade de vir a nossa casa, coitado, já, já; porque não podemos ir nós à igreja.

– Não quereis nada mais? Não passará uma hora sem que o padre Cristoforo saiba do vosso desejo.

– Confio.

– Não duvideis. – E dito isto foi-se embora, um pouco mais curvado do que quando chegara.

Ao verem que uma pobre rapariga mandava chamar, com tanta confiança, o padre Cristoforo, e que o mendicante aceitava o recado, sem espanto e sem dificuldades, ninguém pense que o tal Cristoforo seria um frade qualquer, uma pessoa insignificante. Pelo contrário, era um homem de grande autoridade, junto dos seus, e ali em redor; mas era tão rigorosa a condição dos Capuchinhos que para eles nada achavam demasiado baixo, nem demasiado elevado. Servir os ínfimos, e ser servido pelos poderosos, entrar nos palácios e nos tugúrios com a mesma atitude de humildade e de segurança, ser umas vezes, na mesma casa, objeto de passatempo e, outras, uma personalidade sem a qual não se decidia nada, pedir esmola para tudo e dá-la a todos os que a pediam ao convento, a tudo estava acostumado um capuchinho. Indo pelo seu caminho fora, podia igualmente deparar-se com um príncipe que lhe beijasse com a maior reverência a ponta do cordão, ou com uma brigada de rapazolas que, fingindo uma briga uns com os outros, lhe salpicassem a barba toda de lama. A palavra «frade», naqueles tempos, era proferida com o maior respeito e com o mais duro desprezo: e os Capuchinhos, talvez mais do que qualquer outra ordem, eram objeto de dois opostos sentimentos, e sentiam as duas sortes opostas: porque, não possuindo nada, usando um hábito mais estranhamente diferente do comum, fazendo mais aberta profissão de humildade, expunham-se mais à veneração e ao vilipêndio, que estas coisas podem atrair diferentes humores e diferentes modos de pensar dos homens.

Depois de frei Galdino sair:

– Aquelas nozes todas! – exclamou Agnese. – Num ano destes!...

– Minha mãe, perdoai-me – respondeu Lucia –, mas se tivéssemos dado uma esmola como os outros, frei Galdino teria de conti-

nuar ainda a correr casas, sabe Deus quantas, antes de ter a sacola cheia; sabe Deus quando voltaria ao convento; e com as conversas que teria de dizer e ouvir, só Deus sabe se ainda lhe passaria pela cabeça...

– Pensaste bem; e depois é tudo caridade que traz sempre bons frutos – disse Agnese, a qual, lá com os seus defeitos, era uma boa mulher que, como se costuma dizer, se lançaria ao fogo por aquela única filha, que recuperara toda a sua complacência.

Nisto chegou Renzo, e entrando com um ar provocante, e ao mesmo tempo mortificado, atirou os capões para cima de uma mesa; e foi esta a última triste vicissitude dos pobres bichos, por esse dia.

– Que belo conselho me destes! – disse ele a Agnese. – Mandastes-me a um belo cavalheiro, a um que realmente ajuda muito os pobres! – E contou a sua entrevista com o doutor. A mulher, estupefacta com tão triste resultado, queria pôr-se a demonstrar que a sua opinião afinal tinha sido boa, e que Renzo é que não devia ter sabido fazer as coisas como deviam ser feitas; mas Lucia interrompeu aquela questiúncula, anunciando que esperava ter achado um auxílio melhor. Renzo acolheu também esta esperança, como sucede a quem se encontra na desventura e perante um obstáculo.

– Mas se o padre – disse ele – não achar nenhuma saída, arranjo-a eu, de uma maneira ou doutra.

As mulheres aconselharam a paz, a paciência, a prudência.

– Amanhã – disse Lucia –, o padre Cristoforo virá de certeza; e vão ver que há de encontrar qualquer remédio, daqueles que nós pobres coitados não somos capazes sequer de imaginar.

– Espero bem que sim – disse Renzo –, mas, seja como for, eu saberei mostrar a minha razão, ou então fazer que ma deem. Neste mundo afinal ainda há justiça.

Com os dolorosos discursos, e com as idas e vindas que acabamos de relatar, aquele dia estava passado; e começava a escurecer.

– Boa noite – disse tristemente Lucia a Renzo, o qual não conseguia dispor-se a ir-se embora.

– Boa noite – respondeu Renzo, com tristeza ainda maior.

– Algum santo há de ajudar-nos – replicou Lucia. – Usai de prudência e resignai-vos.

A mãe acrescentou mais alguns conselhos do mesmo género; e o noivo partiu, de coração em procela, repetindo sempre aquelas estranhas palavras: – Neste mundo afinal ainda há justiça. – A verdade é que um homem vencido pela dor acaba por já não saber o que diz.

CAPÍTULO IV

OSOL AINDA NÃO TINHA APARECIDO TODO NO HORIZONTE quando o padre Cristoforo saiu do seu convento de Pescarenico, para subir até ao casebre onde era esperado.

Pescarenico é uma terriola na margem esquerda do Adda, ou digamos, antes do lago, a certa distância da ponte: um pequeno grupo de casas, na sua maior parte habitadas por pescadores, e ornadas aqui e ali por tresmalhos e redes esticadas a enxugar. O convento estava situado (e este edifício ainda subsiste) fora dela, e em frente da entrada da terra, tendo, ao meio, a estrada que de Lecco conduz a Bérgamo. O céu estava totalmente sereno: à medida que o sol se ia levantando por detrás do monte, via-se a sua luz, vinda do alto dos montes opostos, descer, como se se desdobrasse rapidamente, pelas encostas e até ao vale. Uma brisa de outono, destacando dos ramos as folhas murchas da amoreira, levava-as a cair, afastadas um ou dois passos da árvore. À direita e à esquerda, nas vinhas, sobre os sarmentos ainda tesos, brilhavam as folhas avermelhadas em várias tonalidades, e a terra lavrada de fresco destacava-se morena e distinta nos campos de restolhos esbranquiçados e reluzentes sob o orvalho. A cena era alegre; mas cada figura hu-

mana que nela surgia, entristecia o olhar e o pensamento. De quando em quando encontravam-se mendigos andrajosos e macilentos, quer envelhecidos no ofício, quer impelidos, então, pela necessidade a estender a mão. Passavam calados junto do padre Cristoforo, olhavam-no piedosamente e, embora não tivessem nada a esperar dele, visto que um capuchinho nunca tocava em dinheiro, faziam-lhe uma vénia de agradecimento, pela esmola que tinham recebido, ou que iam pedir ao convento. O espetáculo dos trabalhadores esparsos pelos campos tinha algo que se tornava ainda mais doloroso. Uns iam deitando as suas sementes, escassas, para poupar, e de má vontade como quem arrisca qualquer coisa que leva muito a peito; outros empurravam a enxada como que a custo e contrariados viravam do avesso os torrões. A rapariguinha descarnada, segurando pela corda a magra bezerra ressequida no pasto, olhava à sua volta e baixava-se à pressa para as roubar, para as roubar de alimento para a família, uma ou outra erva, das quais a fome havia ensinado que o homem também poderia viver. Estes espetáculos aumentavam, a cada passo, a melancolia do frade, que caminhava já com o triste pressentimento no coração de que iria ouvir qualquer desgraça.

«Mas porque se preocupava tanto com Lucia? E porque é que, ao primeiro aviso, se movera com tanta solicitude, como que a uma chamada do padre provincial? E quem era este padre Cristoforo?» É preciso dar satisfação a todas estas perguntas.

O padre Cristoforo de *** era um homem mais próximo dos sessenta que dos cinquenta anos. A sua cabeça rapada, salvo a pequena coroa de cabelo que a circundava toda, em conformidade com o rito capuchinho, levantava-se de quando em quando, com um movimento que deixava transparecer não sei quê de ativo e de inquieto; e logo se baixava, por reflexão de humildade. A barba branca e comprida, que lhe cobria as faces e o queixo, fazia sobressair ainda mais as formas salientes da parte superior do rosto às quais uma abstinência, já há muito tempo habitual, acrescentara bastante mais de gravidade do que retirara de expressão. Dois olhos encovados iam a maior parte do tempo virados para o chão, mas às vezes faiscavam, com uma repentina vivacidade; como dois bizzaros cavalos, conduzidos à mão por um cocheiro, com quem

sabem, por experiência, que não podem levar a melhor, e no entanto, de tempos a tempos, dão uma guinada que logo pagam com um bom puxão das rédeas.

O padre Cristoforo nem sempre fora assim, não tinha sido sempre Cristoforo: o seu nome de batismo era Lodovico. Era filho de um mercador de *** (estes asteriscos provêm todos da circunspecção do meu anónimo) que, nos seus últimos anos, encontrando-se bastante fornecido de bens, e com aquele único filho, havia renunciado ao comércio e agora vivia como um senhor.

No seu novo ócio, começou a invadi-lo uma grande vergonha de todo aquele tempo que gastara a fazer qualquer coisa neste mundo. Dominado por esta fantasia, estudava todas as maneiras de fazer esquecer que tinha sido mercador; queria poder também ele próprio esquecê-lo; mas vinham-lhe sempre à memória o armazém e os fardos, como a sombra de Banquo a Macbeth, mesmo entre as pompas dos banquetes e os sorrisos dos parasitas. E não se podiam descrever os cuidados que deviam ter aqueles desgraçados, para se esquivarem a toda e qualquer palavra que pudesse parecer alusiva à antiga condição do anfitrião. Um dia, para contermos apenas uma das suas, por alturas do fim da refeição, nesses momentos de alegria mais viva e genuína, em que não se poderia

dizer quem mais se comprazia, se a companhia por limpar as mesas, se o dono da casa por as ter posto, ele pôs-se a escarnecer, com amistosa superioridade, um daqueles comensais, o mais diligente comilão do mundo. Este, para corresponder à brincadeira, sem a mínima sombra de maldade, precisamente com a candura de uma criança, respondeu: – Eh! eu cá faço ouvidos de mercador! – Ele próprio se sentiu logo atingido pelo som da palavra que lhe saíra da boca: olhou, com ar inseguro, para a cara do dono da casa, que de repente se obscureceu: tanto um como o outro desejariam retomar as de antes; mas não era possível. Os outros convivas pensavam, cada um por si, no modo de atenuar o pequeno escândalo, e na maneira de criar uma manobra de diversão; contudo, o que pensavam calavam, e, naquele silêncio, o escândalo tornava-se mais manifesto.

Cada um procurava encontrar-se com os olhares dos outros; cada um sentia que todos estavam ocupados com a preocupação que todos queriam dissimular. A alegria, por aquele dia, chegara ao fim; e o imprudente, ou, para falarmos com maior justiça, o infeliz, nunca mais recebeu convite. Assim passou o pai de Lodovico os últimos dos seus anos em contínuas angústias, temendo sempre ser troçado, e jamais refletindo que o vender não é ato mais ridículo do que comprar, e que essa profissão, de que agora se envergonhava, a tinha exercido durante muitos anos, na presença do público, e sem remorsos. Mandou educar o filho à maneira dos nobres, de acordo com a condição dos tempos, e pelo que lhe era concedido pelas leis e pelos costumes: deu-lhe mestres de letras e de exercícios cavaleirescos; e morreu deixando-o rico e jovem.

Ludovico contraíra hábitos senhoris; e os adulares, no meio dos quais crescera, tinham-no habituado a ser tratado com muito respeito. No entanto, quando quis dar-se com os principais da sua cidade, deparou-se-lhe um modo de agir bem diferente daquele a que estava acostumado; e viu que, se quisesse ser da sua companhia, como desejava, precisava de fazer uma nova escola de paciência e de submissão, mantendo-se sempre abaixo deles e tendo de engolir em seco a cada momento. Uma tal maneira de viver não se coadunava, nem com a educação, nem com a natureza de Lodovico. Afastou-se deles, despeitado. Mas depois era com amargura

que permanecia isolado; porque na sua opinião deviam ser aqueles os seus companheiros; só que os pretendia mais tratáveis. Com esta mistura de inclinação e de rancor, não podendo frequentá-los familiarmente, e querendo no entanto continuar a dar-se com eles, pusera-se a competir com eles em luxos e magnificência, comprando assim por dinheiro inimizades, invejas e ridículo. Com a sua índole, honesta e ao mesmo tempo violenta, tinha depois embarcado durante uns tempos em desafios mais sérios. Sentia um horror sincero e espontâneo pelas opressões e abusos: horror que nele se tornava ainda mais vivo pela qualidade das pessoas que mais os cometiam no seu dia a dia; que eram precisamente aqueles para com quem ele maior aversão nutria. Para aquietar ou para exercitar todas estas paixões de uma vez, de boa vontade tomava o partido de um fraco oprimido, teimava em reprimir um prepotente, intrometia-se numa briga, assim arrançando outra, de modo que pouco a pouco veio a constituir-se como um protetor dos oprimidos, e um vingador das injustiças. A tarefa era gravosa; e nem vale a pena interrogarmo-nos se Lodovico tinha inimigos, compromissos e preocupações. Além da guerra exterior, era também atribulado continuamente por contradições interiores; porque, para cumprir qualquer compromisso (para não falar daqueles em que ficava por baixo) era também constrangido a usar de enganos e de violências, que depois a sua consciência não podia aprovar. Tinha de manter à sua volta um bom número de valentões; e tanto

para a sua segurança como para receber deles um auxílio mais vigoroso, tinha de escolher os mais ousados, ou seja, os maiores tratantes; e viver com patifes por amor da justiça. De modo que, mais de uma vez, ou desanimado após um triste desfecho, ou inquieto por um perigo iminente, aborrecido com aquele permanente alerta, enjoado das suas companhias, preocupado com o seu futuro, com os seus bens que se dissipavam de dia para dia, tanto em boas ações como em bravatas, mais de uma vez o assaltara a fantasia de se fazer frade, que naquela época era a retirada mais comum para se ver livre de embaraços. Mas esta, que talvez continuasse a ser uma fantasia durante toda a sua vida, tornou-se uma resolução, por via de um acidente, o mais sério que lhe tinha acontecido.

Ia ele um dia por uma rua da sua cidade, seguido de dois bravos, e acompanhado por um tal Cristoforo, outrora moço de taberna e que, depois de esta ter fechado, ficara dono da casa. Era um homem dos seus cinquenta anos, afeiçoado desde a juventude a Lodovico, que tinha visto nascer, e que, entre salário e presentes, lhe dava não só para viver, mas com que manter uma numerosa família. Lodovico viu aparecer ao longe um senhor tal, arrogante e opressor de profissão, com quem nunca tinha falado em toda a sua vida, mas que era seu cordial inimigo, e ao qual, com todo o gosto, ele pagava na mesma moeda: já que é uma das vantagens deste mundo, a de se poder odiar e ser odiados sem se conhecerem. Este último, seguido de quatro bravos, avançava a direito, com passo soberbo, de cabeça erguida, com a boca composta para a altivez e o desprezo. Ambos caminhavam rasando a parede; mas Lodovico (note-se bem) seguia-a pelo lado direito; e isto, segundo os costumes, dava-lhe o direito (até onde se mete o direito!) de não se afastar da referida parede, para dar passagem a quem quer que fosse; coisa de que na altura se fazia grande caso. O outro pretendia, pelo contrário, que aquele direito lhe competisse, como nobre, e que fosse Lodovico a seguir pelo meio da rua; e isto por via de outro costume. Dado que, neste caso, como sucede em muitas outras questões, vigoravam dois costumes contrários, sem que se pudesse decidir qual dos dois era o bom; o que dava oportunidade de fazer uma guerra, de cada vez que uma cabeça dura embatesse noutra da mesma têmpera. Aqueles dois vinham ao encontro um

do outro, encostados à muralha, como duas figuras ambulantes de baixo-relevo. Quando se encontraram cara a cara, o senhor tal, mirando Lodovico, de cabeça levantada e cenho imperioso, disse-lhe, num tom correspondente de voz:

– Abri caminho.

– Abri vós – respondeu Lodovico. – A direita é minha.

– Com os vossos pares é sempre minha.

– Sim, se a arrogância dos vossos pares fosse lei para os meus.

Os bravos de um e do outro tinham ficado quietos, cada qual atrás do seu amo, olhando-se como cães, com as mãos nas adagas, preparados para a batalha. A gente que chegava de todos os lados mantinha-se à distância, a observar o facto; e a presença daqueles espectadores ia animando cada vez mais o despique dos contendores.

– Para o meio, vil mecânico; que eu já te ensino de uma vez por todas como se trata os cavalheiros.

– Vós mentis chamando-me vil.

– Tu mentes que eu tenha mentido. – Esta resposta era de norma. – E se tu fosses cavalheiro, como eu sou – acrescentou aquele senhor –, eu já te mostrava com a espada e com a capa que o mentiroso és tu.

– É um bom pretexto para vos dispensar de defender com os factos a insolência das vossas palavras.

– Atirem para a lama este atrevido – disse o fidalgo virando-se para os seus.

– Já vamos ver! – disse Lodovico, dando subitamente um passo atrás e levando a mão à espada.

– Temerário! – gritou o outro, desembainhando a sua. – A esta vou quebrá-la quando ficar suja do teu sangue vil.

Assim avançaram um para o outro; os servos das duas partes apressaram-se a defender os seus senhores. O combate era desigual, quer pelo número, quer também porque Lodovico visava antes escapar aos golpes e desarmar o inimigo do que matá-lo; mas este queria a sua morte a todo o custo. Lodovico tinha já levado no braço esquerdo uma punhalada de um bravo e um leve arranhão numa face, e o inimigo principal caía-lhe em cima para acabar com ele; quando Cristoforo, vendo o seu patrão em perigo extremo, com o punhal atacou o senhor. Este, virando toda a sua

fúria contra ele, trespassou-o com a espada. Vendo isto, Lodovico, como que fora de si, espetou a sua no ventre do matador, que caiu moribundo quase ao mesmo tempo que o pobre Cristoforo. Os bravos do fidalgo, visto que ele estava acabado, puseram-se em fuga, maltratados; os de Lodovico, feridos e golpeados, também, não tendo já a quem as dar, e não querendo ficar bloqueados pela gente que acorria, bateram em retirada pelo outro lado: e Lodovico viu-se sozinho, com aqueles dois funestos companheiros aos pés, no meio de uma multidão.

– O que aconteceu? – É um. – São dois. – Fez-lhe um buraco no ventre. – Quem mataram? – Aquele prepotente. – Oh, santa Maria, que desgraça! – Quem as faz paga-as. – Acaba por pagá-las todas. – Ele já acabou. – Que golpe! Foi mesmo a sério. – E aquele outro desgraçado! – Misericórdia! Que espetáculo! – Salvai-o! Salvai-o! – Está arrumado também. – Vejam como ele está! Deita sangue por todos os lados. – Fuja, fuja. Não se deixe apanhar.

Estas palavras, que acima das outras se faziam ouvir no clamor confuso daquela multidão, exprimiam o voto comum; e com o conselho veio também a ajuda. Tudo acontecera junto de uma igreja de capuchinhos; como todos sabem, abrigo impenetrável na época aos esbirros, e a todo aquele conjunto de coisas e de pessoas a que chamam justiça. O matador ferido aí foi conduzido ou levado pela multidão, quase sem sentidos; e os frades receberam-no

das mãos do povo que o recomendava dizendo-lhes: – É um homem de bem que acabou com um patife soberbo: fê-lo em sua defesa: puxaram-lhe pelos cabelos.

Lodovico nunca antes daquele momento fizera derramar sangue; e embora o homicídio fosse naquele tempo coisa tão comum, que os ouvidos de toda a gente estavam habituados a ouvi-lo contar, e os olhos a vê-lo, contudo a impressão que ele recebeu ao ver o homem que morrera por ele e o homem que ele matara foi nova e indefinível. Foi uma revelação de sentimentos ainda desconhecidos. O cair do seu inimigo, a alteração daquele rosto que no momento passava da ameaça e do furor ao abatimento e à quietude solene da morte, foi uma visão que transformou, num instante, o ânimo do matador. Arrastando-se para o convento, quase não sabia onde se estava e o que se fazia ali; e quando voltou a si, achou-se num leito de enfermaria, nas mãos do frade cirurgião (os Capuchinhos normalmente tinham um em cada convento). Que acomodava pensos e ligaduras sobre as duas feridas que ele recebera no recontro. Um padre, cujo emprego regular era assistir aos moribundos, e que era frequente ter de prestar este serviço na rua, foi logo chamado ao local do combate. Ao voltar, poucos minutos depois, entrou na enfermaria e, aproximando-se do leito onde jazia Lodovico, disse-lhe: – Consolai-vos, pelo menos morreu bem, e encarregou-me de pedir o vosso perdão e de vos trazer o seu. – Esta palavra fez tornar a si o pobre Lodovico, e despertou-lhe mais viva e distintamente os sentimentos que se tinham confundido e aglomerado no seu espírito: dor pelo amigo, espanto e remorso pelo golpe que lhe saíra da mão e, ao mesmo tempo, uma angustiada compaixão pelo homem que tinha matado. – E o outro? – perguntou ansiosamente ao frade.

– O outro já tinha expirado quando cheguei.

Entretanto os acessos e os contornos do convento formigavam de povo curioso; mas ao chegarem os esbirros fizeram desaparecer o ajuntamento e colocaram-se a uma certa distância da porta, de modo porém que ninguém pudesse sair inobservado. Um irmão do morto, dois primos seus e um velho tio também vieram, armados da cabeça aos pés, com grande acompanhamento de bravos; e puseram-se a fazer a ronda em volta, olhando com ar e com gestos

de despeito ameaçador aqueles curiosos, que não ousavam dizer: «foi bem feito»; mas que o tinham escrito na cara.

Mal Lodovico conseguiu ordenar os seus pensamentos, chamou um frade confessor, implorou-lhe que fosse ter com a viúva de Cristoforo pedindo-lhe em seu nome perdão por ter sido ele a causa, embora involuntária, é certo, daquela desolação, e ao mesmo tempo assegurando-lhe que ele tomava a família a seu cargo. Depois, refletindo nas suas coisas, sentiu renascer mais vivo e sério que nunca aquele pensamento de se fazer frade, e que já outras vezes lhe passara pela mente: parecia-lhe que fora o próprio Deus a pô-lo naquela rua, dando-lhe um sinal da sua vontade, fazendo-o ir parar a um convento naquela conjuntura; e a decisão foi tomada. Teve por resposta que era preciso guardar-se das resoluções precipitadas; mas que, se persistisse não seria recusado. Então, mandando vir um notário, ditou uma doação de tudo o que lhe restava (que era ainda um valioso património) à família de Cristoforo: uma quantia à viúva, como se lhe constituísse uma espécie de dote, e o resto aos oito filhinhos que Cristoforo tinha deixado.

A resolução de Lodovico vinha muito a propósito para os seus anfitriões, os quais por sua causa estavam metidos numa bela embulhada. Expulsá-lo do convento, expondo-o assim à justiça, ou seja, à vingança dos seus inimigos, não era partido a pôr sequer em discussão. Seria o mesmo que renunciar aos seus privilégios, desacreditar o convento junto do povo, atrair sobre si a censura de todos os capuchinhos do universo, por ter deixado violar o direito de todos, e colocar-se contra todas as autoridades eclesiásticas, que se consideravam as tutoras deste direito. Por outro lado, a família do morto, bastante poderosa, por si e pelas suas ligações, fizera ponto de honra em querer vingança; e declarava seu inimigo quem quer que tentasse levantar-lhe algum obstáculo. A história não diz que tivessem grande dor pelo morto, nem sequer que tivesse deitado por ele uma lágrima toda a parentela: diz apenas que estavam todos ansiosos por ter nas suas garras o matador, vivo ou morto. Ora este, vestindo o hábito de capuchinho, acomodava tudo. Fazia de certo modo uma contrição, impunha-se uma penitência, considerava-se implicitamente em culpa, retirava-se de qualquer competição; em resumo, era um inimigo que depõe as armas. Os

parentes do morto depois, se quisessem, também podiam crer e gabar-se que ele se fizera frade por desespero e por terror da sua indignação. E seja como for, reduzir um homem à condição de se expropriar do que tem, de rapar o cabelo, de andar descalço, de dormir numa enxerga, de viver de esmolos, já podia parecer uma punição competente até para o ofendido mais orgulhoso.

O padre guardião apresentou-se, com uma humildade desenhada, ao irmão do morto e ao cabo de mil protestos de respeito pela ilustríssima casa, e de desejo de a esta comprazer por tudo o que fosse factível, falou do arrependimento de Lodovico e da sua resolução, fazendo garbosamente sentir que a casa poderia ficar satisfeita, insinuando depois suavemente e de maneira ainda mais hábil que, agradasse ou não, a coisa assim devia ser. O irmão deu largas ao seu rancor que o capuchinho deixou acalmar, dizendo de tempos a tempos: – É uma dor justíssima. Deu a entender que, fosse como fosse, a sua família saberia tirar uma satisfação: e o capuchinho sabe-se lá o que pensou, mas não disse que não. Finalmente requereu, ou antes impôs como condição, que o matador do seu irmão saísse imediatamente daquela cidade. O guardião, que tinha já deliberado que se fizesse isto, disse que assim se faria, deixando que o outro acreditasse, caso quisesse, ser este um ato de obediência: e tudo se concluiu. Contente a família que se saía honrosamente; contentes os frades que salvavam um homem bem como os seus próprios privilégios sem fazer nenhum inimigo; contentes os diletantes do cavalheirismo que viam uma questão terminar louvavelmente; contente o povo, que via livre de sarilhos um homem bem-amado e que ao mesmo tempo tinha em vista uma conversão; contente finalmente, e mais que todos, no meio da dor, o nosso Lodovico, o qual começava uma vida de expiação e de serviço que pudesse, se não reparar, pelo menos pagar o mal feito e reprimir a picada intolerável do remorso. A suspeita de que a sua resolução fosse atribuída ao medo afligiu-o um momento; mas logo se consolou, com o pensamento de que esse injusto juízo seria um castigo para ele, e um meio de expiação. Assim, aos trinta anos envolveu-se no hábito; e devendo, conforme o costume, deixar o seu nome e tomar outro, escolheu um que lhe lembrasse a cada momento o que tinha a expiar: e chamou-se Cristoforo.

Assim que terminou a cerimônia da vestição, o guardião intimou-o de que iria fazer o seu noviciado em ***, à distância de sessenta milhas, e que partiria na manhã seguinte. O noviço inclinou-se em profunda vênia, e pediu um favor. – Autorizai-me, padre – disse ele –, que antes de partir desta cidade, onde derramei o sangue de um homem, onde deixo uma família cruelmente ofendida, que eu ao menos mostre a minha amargura por não poder indemnizar o dano, pedindo desculpa ao irmão do morto, e lhe tire, se Deus abençoar a minha intenção, o rancor do seu espírito. – Ao guardião pareceu que tal passo, para além de ser bom em si, serviria para reconciliar cada vez mais a família com o convento; e foi de imediato a casa daquele senhor irmão, expor-lhe o pedido de frei Cristoforo. Perante proposta tão inesperada, ele sentiu, juntamente com o espanto, ferver dentro dele a indignação, não porém sem um certo comprazimento. Depois de ter pensado um momento, disse: – Que venha amanhã – e marcou a hora. O guardião regressou para levar ao noviço o acordo desejado.

O fidalgo pensou logo que quanto mais solene e clamorosa fosse aquela satisfação, mais aumentaria o seu crédito junto de toda a parentela, bem como do público; e seria (para o dizermos com uma elegância moderna) uma bela página na história da família. Mandou à pressa avisar todos os parentes que no dia seguinte, ao meio-dia, fossem servidos (assim se dizia nessa época) de vir ter com ele para receberem uma satisfação comum. Ao meio-dia, o palácio fervilhava de senhores de toda a idade e sexo: era um rodopiar, uma misturada de largas capas, de altas plumas, de durindanas pendentes, um movimento em que pairavam colarinhos engomados e crespos, um voltear de arabescadas sotainas. As antecâmaras, o pátio e a rua formigavam de servos, de pajens, de bravos e de curiosos. Frei Cristoforo viu aquele aparato, adivinhando o seu motivo, e sentiu uma leve perturbação; contudo, daí a um instante, disse para consigo «Está bem: eu matei-o em público, na presença de muitos inimigos seus: aquilo foi escândalo, esta é a reparação.» Assim, de olhos baixos, com o padre companheiro ao lado, transpôs a porta daquela casa, atravessou o pátio, por entre uma multidão que o perscrutava com uma curiosidade pouco cerimoniosa; subiu as escadas e, no meio de outra multidão senhorial,

que abriu alas à sua passagem, seguido de cem olhares, chegou à presença do dono da casa; o qual, rodeado pelos parentes mais próximos, estava muito direito no centro da sala, de olhar cravado no chão, e queixo no ar, empunhando com a mão esquerda o pomo da espada, e apertando com a direita a gola da capa sobre o peito.

Às vezes, no rosto e na atitude de um homem, existe uma expressão tão imediata, dir-se-ia quase uma efusão da alma interior, que, numa multidão de espectadores, o juízo sobre essa alma será um só. O rosto e a compostura de frei Cristoforo disseram com clareza aos presentes que ele não se fizera frade nem se submetera àquela humilhação por temor humano, e isto começou a conciliá-los a todos. Quando viu o ofendido apressou o passo; ajoelhou-se aos seus pés, cruzou as mãos sobre o peito e, baixando a cabeça rapada, disse estas palavras: – Eu sou o homicida de seu irmão. Deus sabe como desejaria restituir-lho à custa do meu sangue; mas, não podendo fazer mais do que apresentar as minhas ineficazes e tardias desculpas, suplico-lhe que as aceite pelo amor de Deus. – Todos os olhos assentavam imóveis sobre o noviço, e na personagem a quem ele falava, e todos os ouvidos estavam tensos. Quando frei Cristoforo se calou, ergueu-se por toda a sala um murmúrio de piedade e de respeito.

O fidalgo, que se mantinha numa atitude de complacência forçada, e de ira recalçada, ficou perturbado àquelas palavras e, inclinando-se para o homem ajoelhado: – Levantai-vos – disse, com a voz alterada: – a ofensa... o facto realmente... mas o hábito que vestis... e não só isso, mas também por vós... Levante-se, padre... O meu irmão... não o posso negar... era um cavaleiro... era um homem... um tanto impetuoso... um tanto vivo. Mas tudo aconteceu por disposição de Deus. Não falemos mais nisso... Padre, não deve estar nessa posição... – E pegando-lhe pelos braços, ergueu-o do chão. Frei Cristoforo, de pé, mas de cabeça baixa, respondeu: – Poderei, portanto, ter a esperança de que me conceda o seu perdão! E se o obtenho de si, de quem não devo esperá-lo? Oh! Se eu pudesse ouvir da sua boca esta palavra, perdão!

– Perdão? – disse o fidalgo. – Já não precisa. Mas visto que o deseja, sem dúvida, perdoe-lhe do coração e todos...

– Todos! todos! – gritaram a uma voz os presentes. O sem-

blante do frade abriu-se a uma alegria plena de reconhecimento, mas sob a qual transparecia ainda um humilde e profundo compungimento do mal que a redenção dos homens não podia reparar. O fidalgo, vencido por aquele aspeto, e arrebatado pela comoção geral, lançou-lhe os braços ao pescoço, e deu-lhe e recebeu o beijo da paz.

Um «bravo! muito bem!» soou de todos os lados da sala; todos vieram juntar-se em volta do padre. Entretanto, entraram os criados com grande abundância de refrescos. O fidalgo juntou-se ao nosso Cristoforo, que dava sinais de se querer despedir, e disse-lhe: – Padre, sirva-se de qualquer coisa; dê-me essa prova de amizade. – E fez menção de o servir antes de qualquer outro; mas ele, retirando-se com uma certa resistência cordial. – Estas coisas – disse – já não são para mim, mas não se pense que eu rejeito as suas ofertas. Estou prestes a partir de viagem; se se dignar deixar-me levar um pão, assim já poderei dizer que desfrutei da sua caridade e tive um sinal do seu perdão. O fidalgo, comovido, ordenou que assim se fizesse; e veio imediatamente um criado, em grande gala, trazendo um pão numa bandeja de prata, que apresentou ao padre; o qual, recebendo-o e agradecendo, o guardou na sacola. Então pediu licença; e, abraçando de novo o dono da casa, e todos os que, por se encontrarem mais perto, lhe puderam chegar por um momento, só a custo se libertou deles, tendo de combater na antecâmara para se soltar dos servidores, e também dos bravos, que lhe beijavam a ponta do hábito, o cordão, o capucho; e deu consigo na rua, levado como que em triunfo e acompanhado por uma chusma de povo, até uma das portas da cidade, por onde saiu, começando a sua jornada pedestre, a caminho do lugar do seu noviciado.

O irmão do morto e os parentes, que tinham esperado saborear nesse dia a triste alegria do orgulho, viram-se pelo contrário repletos do sereno júbilo do perdão e da benevolência. A companhia entreteve-se ainda durante algum tempo com insólitas benignidade e cordialidade, em considerações para as quais ninguém estava preparado à ida. Em vez de satisfações tomadas, de injúrias vingadas, de desforras obtidas, louvores ao noviço, à reconciliação, à mansidão, foram os temas de conversação. E algum que pela quinquagésima vez iria contar como é que o conde Muzio, seu pai, sou-

bera pôr no seu lugar o marquês Stanislao, que era aquele fanfarrão que toda a gente sabe, em vez disso falou das penitências e da admirável paciência de um certo frei Simone, morto já há muitos anos. Saída a companhia, o dono da casa, ainda todo comovido, remoía para consigo mesmo, com espanto, o que havia entendido, e o que ele próprio tinha dito; e murmurava entre dentes: «O diabo do frade!» (convém transcrevermos as suas palavras precisas) «O diabo do frade! Se ele continuasse ali de joelhos por mais uns momentos, quem lhe pediria desculpa ainda era eu, por me ter matado o irmão.» A nossa história anota expressamente que a partir desse dia em diante, aquele senhor passou a ser um pouco menos precipitado e um pouco mais tratável.

O padre Cristoforo caminhava com uma consolação que nunca mais tinha sentido, depois daquele dia terrível, e a cuja expiação devia ser consagrada toda a sua vida. O silêncio que era imposto aos noviços, observava-o ele sem dar por isso, absorto como estava, pensando nas fadigas, nas privações e nas humilhações, para redimir o seu pecado. Detendo-se, à hora da refeição, na casa de um benfeitor, comeu, com uma espécie de volúpia, do seu pão do perdão; mas separou um pedaço, que repôs na sacola, para o conservar como uma lembrança perpétua.

Não é nossa intenção fazer a história da sua vida claustral: diremos apenas que, cumprindo sempre com grande gosto, e com

grande cuidado, os ofícios que por norma lhe conferiam, de pregar e de assistir aos moribundos, nunca deixava escapar uma ocasião de exercer dois outros, que tinha imposto a si mesmo: acomodar diferenças e proteger oprimidos. Neste génio entrava, por qualquer lado e sem que ele desse por isso, aquele seu velho hábito, e um restinho de espírito guerreiro que as humilhações e macerações não haviam podido apagar de todo. A sua linguagem costumava ser humilde e pausada; mas quando se tratasse de justiça ou de verdade combatida, o homem animava-se de repente com o seu ímpeto antigo que, secundado e modificado por uma ênfase solene proveniente do costume de pregar, dava àquela linguagem um carácter singular. Toda a sua compostura, tal como o aspeto, anunciava uma longa guerra entre uma índole ferosa, ressentida, e uma vontade oposta, habitualmente vitoriosa, sempre alerta, e dirigida por motivos e por inspirações superiores. Um seu confrade e amigo, que o conhecia bem, uma vez comparou-o àquelas palavras demasiado expressivas na sua forma natural, que algumas pessoas, mesmo bem educadas, pronunciam quando as paixões transbordam, atenuadas porém com uma ou outra letra mudada; palavras que, naquela deturpação, contudo fazem recordar a sua primitiva energia.

Se uma pobre desgraçada, na triste condição de Lucia, tivesse pedido o auxílio do padre Cristoforo, ele acorreria imediatamente. Tratando-se então de Lucia, correu com toda a solicitude, dado que conhecia e admirava a inocência dela, andava já cheio de preocupação pelos seus perigos, e sentia uma indignação santa pela abjeta perseguição da qual a rapariga se tornara objeto. Além disso, tendo-a ele aconselhado pelo mal menor, a não revelar nada e a ficar quieta, temia agora que o conselho pudesse ter surtido algum triste efeito; e à solicitude da caridade, que nele era como que inata, vinha juntar-se, neste caso, aquela angústia escrupulosa que tantas vezes atormenta os bondosos.

Mas enquanto nós estivemos a narrar os feitos do padre Cristoforo, este chegou, assomando à porta; e as mulheres, largando o cabo da dobadora que faziam rodar e guinchar, levantaram-se, dizendo a uma voz: – Oh, padre Cristoforo, abençoado seja!

CAPÍTULO V

PADRE CRISTOFORO ESSE QUE PAROU MUITO DIREITO NA SOLEIRA da porta, e, assim que deu uma olhadela às mulheres, deve ter reparado que os seus pressentimentos não eram errados. Por isso, com aquele tom de interrogação sabedor de ir ao encontro de uma triste resposta, erguendo a barba com um leve movimento da cabeça para trás, disse:

– Então?

Lucia respondeu com um acesso de choro. A mãe começava a dar as suas desculpas por se ter atrevido a... mas o frade avançou e, indo sentar-se num banquinho de tripé, evitou os cumprimentos, dizendo a Lucia:

– Acalmai-vos, minha pobre filha. E vós – disse depois a Agnese –, contai-me o que se passa! – Enquanto a boa mulher fazia o melhor que podia o seu doloroso relato, o frade ia ficando de mil cores, e ora levantava os olhos para o céu, ora batia os pés. Terminada a história, cobriu o rosto com as mãos, e exclamou:

– Bendito seja Deus! Até quando... – mas sem completar a frase, e dirigindo-se de novo às mulheres, disse:

– Coitadas! Deus visitou-vos. Pobre Lucia!

– Não nos abandonará, padre? – disse esta, soluçando.

– Abandonar-vos! – ripostou ele. – E com que cara poderia eu pedir a Deus alguma coisa para mim, se vos tivesse abandonado? A vós, nesse estado! A vós, que Ele me confia! Não desanimeis: Ele assistir-vos-á: Ele vê tudo; Ele até se pode servir de um homem sem valor como eu sou, para confundir um... Ora bem, vamos lá a ver o que se pode fazer.

Assim falando, apoiou o cotovelo esquerdo no joelho, baixou a testa na palma da mão, e com a direita apertou a barba e o queixo, como que para manter firmes e unidos todos os poderes do espírito. Mas a consideração mais atenta só lhe servia para o fazer descortinar mais distintamente até que ponto era premente e intrincado aquele caso, e quão escassos, quão incertos e perigosos os seus contornos. «Incutir uma certa vergonha em Dom Abbondio, e fazê-lo sentir como está em falta para com o seu dever? Vergonha e dever para ele são ninharias, quando tem medo. E fazer-lhe medo? Que meios tenho eu para lhe pregar um que supere o que ele tem de um tiro de escopeta? Informar de tudo o cardeal arcebispo, e invocar a sua autoridade? Demora tempo; e entretanto? E depois? Mesmo que esta pobre inocente se casasse, isto seria um freio para aquele homem? Quem sabe a que ponto poderá ele chegar?... E resistir-lhe? Como? Ah, se eu pudesse, se eu pudesse trazer para o meu lado os frades daqui, os de Milão! Mas não é uma causa comum; eu seria abandonado. Este aqui arma-se em amigo do convento, faz-se passar por partidário dos Capuchinhos: e os seus bravos não vieram já mais de uma vez recuperar forças connosco? Eu é que passava por ser a ovelha ranhosa; ganharia fama de desastrado, de exaltado e brigão; e o que é pior, poderia até, com uma tentativa fora de tempo, piorar a condição desta pobrezinha.» Avaliados os prós e os contras deste e daquele partido, pareceu-lhe que o melhor seria enfrentar Dom Rodrigo em pessoa, tentar desviá-lo do seu infame propósito, pela oração, pelos terrores da outra vida, e até desta, se possível fosse. No pior dos casos, poder-se-ia pelo menos saber, por esta via, mais distintamente, quanto ele era obstinado no seu nojento empenho, descobrir mais das suas intenções, e guiar-se por isto.

Enquanto o frade assim ia meditando, Renzo, que, por todas as

razões que se podem adivinhar, não era capaz de estar afastado daquela casa, apareceu à porta; mas, vendo o frade tão pensativo, e as mulheres que lhe faziam sinal para que não o incomodasse, parou no umbral, em silêncio. Ao levantar a cabeça, para comunicar às mulheres o seu projeto, o padre reparou nele, e cumprimentou-o de um modo que exprimia um afeto habitual, tornado mais intenso pela piedade.

– Elas disseram-lhe... padre? – perguntou Renzo, com a voz alterada.

– Infelizmente; por isso é que estou aqui.

– O que me diz daquele patife?...

– O que queres que eu diga dele? Não está aqui a ouvir; de que serviam as minhas palavras? A ti, meu caro Renzo, digo que confies em Deus, e que Deus não te abandonará.

– Abençoadas palavras as suas! – exclamou o jovem. – O padre não é daqueles que condenam sempre os pobres. Mas o senhor cura, e aquele senhor doutor das causas perdidas...

– Não desenterres o que não serve para mais nada senão para te inquietares inutilmente. Eu sou um pobre frade, mas repito-te o que já disse a estas mulheres; com o pouco que posso fazer, não vos abandonarei.

– Oh, você, padre, não é como os amigos do mundo! Charlatões! Se fosse acreditar neles, nos protestos que me faziam, nos bons tempos. Eh, eh! Estavam prontos a dar o seu sangue por mim; defender-me-iam nem que fosse contra o próprio diabo. Se eu tivesse algum inimigo?... bastava que o desse a entender; seria num instante que ele deixaria de comer pão. E agora, se visse como batem em retirada... – Nesta altura, levantando os olhos à altura da cara do padre, viu que ele estava todo sombrio, e reparou que tinha dito o que convinha calar. Mas querendo remediar a situação, ia-se enredando e atrapalhando cada vez mais: – Queria dizer... não tinha intenções de dizer... isto é, queria dizer...

– O que querias tu dizer? O quê? Tu então já tinhas começado a estragar a minha obra ainda antes de ser empreendida? Ainda bem que ficaste logo desenganado a tempo! O quê? Tu andavas em busca de amigos... quais amigos!... que não te podiam ajudar, nem mesmo querendo! O que tu tentavas era perder Aquele único que pode e quer fazê-lo! Não sabes tu que Deus é amigo dos atri- bulados que confiam nele? Não sabes tu que em pôr as unhas de fora o fraco não ganha nada? E mesmo assim... – Nesta altura agarrou fortemente o braço de Renzo: o seu aspeto, sem perder au- toridade, assumiu uma compunção solene, baixando os olhos, tor- nando-se a voz lenta e como que subterrânea: – E mesmo assim... é um ganho terrível! Renzo! Queres confiar em mim?... Que digo eu? Em mim, um homúnculo, um pobre frade? Queres confiar em Deus?

– Oh sim! – respondeu Renzo. – Ele é que é o Senhor verdadeiro.

– Pois bem; promete que não afrontarás nem provocarás nin- guém, que te deixarás guiar por mim.

– Prometo.

Lucia deu um grande suspiro, como se lhe houvessem tirado um grande peso de cima; e Agnese disse: – Muito bem, meu filho.

– Oiçam, meus filhos – recomeçou frei Cristoforo –, hoje irei falar com esse homem. Se Deus lhe tocar o coração, e der força às minhas palavras, muito bem; se não, Ele nos fará achar qualquer outro remédio. Quanto a vocês, entretanto, fiquem quietos, retira- dos, evitem as conversas, que não os vejam. Esta tarde, ou o mais tardar amanhã de manhã, já me verão de volta. – Dito isto, esqui-

vou-se a todas as bênçãos e agradecimentos, e saiu. Dirigiu-se ao convento. Chegou mesmo a tempo de ir ao coro cantar a sexta, comeu, e pôs-se logo a caminho do covil da fera que queria tentar amansar.

O palacete de Dom Rodrigo surgia isolado, à semelhança de uma praça-forte, no alto de um dos outeiros de que é semeada e relevada aquela costa. A esta indicação o anónimo acrescenta que a povoação (teria feito melhor se escrevesse o seu nome) ficava acima do lugarejo dos dois noivos, à distância de umas quatro milhas deste, e à de quatro do convento. No sopé do outeiro, do lado que dá para o meio-dia, e para o lago, jazia um amontoado de casebres, habitados pelos camponeses de Dom Rodrigo; e era como que a capital do seu pequeno reino. Bastava passar por lá para se ficar esclarecido quanto à condição e aos costumes da terra. Dando uma olhadela aos compartimentos nos pisos térreos, onde estivesse alguma porta aberta, viam-se pendurados nas paredes escopetas, arcabuzes, enxadas, ancinhos, chapéus de palha, redes e saquetas de pólvora, tudo misturado. A gente que se encontrava eram homenzarrões entroncados e carrancudos, com um grande topete revirado por cima da cabeça, e preso com uma pequena rede; velhos que, perdidas as garras, pareciam sempre prontos, mal os açulassem, a ranger as gengivas; mulheres com caras másculas, e com uns braços musculosos, bons para virem em socorro da língua, quando esta não bastasse: até nos semblantes e nos movimentos das próprias crianças, que brincavam pelas ruas, se via um não sei quê de petulante e de provocador.

Frei Cristoforo atravessou a aldeia, subiu por uma ruela em cacacol, e chegou a uma pequena esplanada, diante do palacete. A porta estava fechada, sinal de que o dono da casa estava a almoçar, e não queria ser incomodado. As raras janelas pequenas que davam para a rua, fechadas por persianas desconjuntadas e gastas pelos anos, estavam porém defendidas por grades grossas, e as do rés do chão tão altas que só a custo lhes chegaria um homem às costas de outro. Reinava ali um grande silêncio; um forasteiro poderia acreditar que se tratava de uma casa abandonada, se quatro criaturas, duas vivas e duas mortas, colocadas em simetria do lado de fora, não dessem um indício de ter habitantes. Dois grandes

abutres, com as asas abertas e as cabeças pendentes, um depenado e meio roído pelo tempo, e o outro ainda inteiro e emplumado, estavam pregados cada um num dos batentes do portão; e dois bravos, deitados cada um num dos bancos colocados à esquerda e à direita, estavam de guarda, à espera de serem chamados a gozar dos restos da mesa do senhor. O padre deteve-se hirto, com o ar de quem se dispõe a aguardar; mas um dos bravos levantou-se e disse-lhe: – Padre, padre, venha lá: aqui não fazemos esperar os capuchinhos; nós somos amigos do convento, e eu já lá estive em certos momentos que cá fora estava um tempo nada bom para mim; e, se me tivessem fechado a porta, as coisas ter-me-iam corrido muito mal. – Assim falando, deu duas pancadas com o martelo. Àquele som, responderam logo de lá de dentro o ladrar de mastins e cães-zinhos de companhia; e, poucos momentos depois, apareceu a resmungar um velho servo; contudo, ao ver o padre, fez-lhe uma grande vénia, aquietou os bichos, com as mãos e com a voz, e introduziu o visitante num estreito pátio, fechando a porta. Acompanhando-o depois a um salão, e olhando-o com um certo ar de espanto e respeito, disse:

– Não é... o padre Cristoforo de Pescarenico?

– Precisamente.

– O senhor, aqui?

– Como vê, bom homem.

– Será para fazer bem. Fazer bem – prosseguiu, murmurando entre dentes e reatando a marcha –, pode-se fazê-lo por toda a parte. Depois de atravessarem mais outros dois ou três salões escuros, chegaram à porta da sala de convívio. Aqui um grande ruído confuso de garfos, de facas, de copos, de pratos, e sobretudo de vozes discordantes que tentavam sobrepor-se umas às outras. O padre queria retroceder, e insistia por trás da porta com o criado, para conseguir que o deixassem em qualquer canto da casa, até a refeição terminar, quando a porta se abriu. Um certo conde Attilio, que estava sentado em frente da porta (era primo do dono da casa; e já o mencionámos, embora sem o nomear), vendo uma cabeça rapada e uma túnica, e apercebendo-se das intenções modestas do bom frade: – Eh! eh! – gritou –, não tentes escapulir-te, padre reverendo; anda, anda cá. – Dom Rodrigo, sem adivinhar com preci-

são o motivo daquela visita, contudo, por não sei qual pressentimento confuso, com todo o gosto a teria dispensado.

Mas como o cabeça no ar de Attilio fizera aquela grande chamada, não lhe convinha a ele ficar para trás; e disse: – Venha, padre, venha. – O padre avançou, inclinando-se diante do dono da casa e respondendo com as duas mãos aos cumprimentos dos comensais.

O homem honesto, cara a cara com o malvado, geralmente agrada (não estou a falar de todos) imaginá-lo de testa alta, com olhar seguro, de peito saliente e com o freio da língua bem solto. Neste caso, porém, para o fazer assumir esta atitude requerem-se muitas circunstâncias, que raramente se encontram juntas. Por isso não vos espanteis se frei Cristoforo, com o bom testemunho da sua consciência, com o sentimento bem firme da justiça da causa que vinha defender, com um sentimento misto de horror e de compaixão por Dom Rodrigo, ambos com um certo ar de submissão e de respeito, na presença daquele mesmo Dom Rodrigo, que estava ali à cabeceira da mesa, na sua casa, no seu reino, rodeado de amigos, de homenagens, de tantos sinais do seu poderio, com uma cara capaz de fazer morrer na boca um simples pedido, quanto mais

um conselho, quanto mais uma correção, quanto mais uma censura. À sua direita estava aquele conde Attilio seu primo, e, se ainda for preciso dizê-lo, seu compincha de libertinagens e de abusos, que viera de Milão para veranear durante uns dias com ele. À esquerda e a um dos outros lados da mesa estava, com grande respeito, no entanto temperado com uma certa segurança e uma certa sabedoria, o senhor Podestade, aquele mesmo a quem, em teoria, cabia fazer justiça a Renzo Tramaglino, e meter na ordem Dom Rodrigo, como se viu acima. Em frente do Podestade, em atitude do mais puro e desviscerado respeito, sentava-se o nosso doutor *Acerta-Engulhos*, de capa negra, e com o nariz mais rubicundo do que era costume: diante dos dois primos, dois obscuros convidados, de quem a nossa história diz apenas que não faziam mais nada senão comer, inclinar a cabeça e sorrir aprovando tudo o que dissesse um comensal, e a quem outro não contradissesse.

– Um assento para o padre – disse Dom Rodrigo. Um criado trouxe uma cadeira, na qual se sentou o padre Cristoforo, pedindo desculpa ao dono da casa, por ter vindo em hora inoportuna.

– Gostava de falar consigo a sós, à sua vontade, por um assunto de importância – acrescentou a seguir, em voz mais baixa, ao ouvido de Dom Rodrigo.

– Está bem, já falamos – respondeu este –, mas, entretanto, tragam de beber ao padre.

O padre queria esquivar-se; mas Dom Rodrigo, levantando a voz, no meio do tumulto que recomeçara, gritava: – Não. Por Baco, não me vai fazer essa ofensa; nunca há de acontecer que um capuchinho saia desta casa sem ter provado do meu vinho, nem um credor insolente sem ter experimentado a lenha dos meus bosques. – Estas palavras suscitaram um riso universal, e interromperam por um momento a questão que se agitava com calor entre os convivas. Um criado, trazendo sobre uma base de copos uma ampola de vinho, e um copo comprido em forma de cálice, apresentou-o ao padre; o qual, não querendo resistir a um convite tão premente do homem que tanto lhe convinha tornar propício, não hesitou em servir-se, e pôs-se, lentamente, a sorver o vinho.

– A autoridade de Tasso não conta para a sua afirmação, res-

peitável senhor Podestade; pelo contrário, é contra si – recomeçou a berrar o conde Attilio –, porque aquele homem erudito, aquele grande homem, que sabia de cor e salteado todo o regulamento da cavalaria, pôs o emissário de Argant, antes de expor o desafio aos cavaleiros cristãos, a pedir licença ao pio Bouillon...

– Mas isto – replicava, igualmente berrando o Podestade –, isto é mais um, meramente mais um ornamento poético, já que o mensageiro por natureza é inviolável, por direito das gentes, *jure gentium*; e sem ir tão longe, também o diz o provérbio: «Embaixador não leva castigo.» E os provérbios, senhor conde, são a sabedoria do género humano. E não tendo o mensageiro dito nada em seu próprio nome, mas somente apresentado o desafio por escrito...

– Mas quando é que se resolve a perceber que aquele mensageiro era um burro temerário, que não conhecia as normas mais básicas...?

– Com a amável licença de vossas senhorias – interrompeu Dom Rodrigo, que não desejava que a questão se prolongasse –, entreguemos o assunto ao padre Cristoforo, e aceitemos a sua sentença.

– Está bem, muito bem – disse o conde Attilio, a quem pareceu coisa muito sensata o fazer decidir por um capuchinho uma questão de cavalaria; enquanto o Podestade, de coração mais fervoroso na questão, a custo se acalmava, e com uma cara que parecia querer dizer: criancices.

– Contudo, pelo que me parece compreender – disse o padre –, não são coisas em que eu deva ser um entendido.

– As desculpas do costume devidas à vossa modéstia de padres – disse Dom Rodrigo –, mas desta não me escapa. Ora, ora: sabemos muito bem que o padre não veio ao mundo com o capucho na cabeça, e que, quanto ao mundo, o conheceu bem. Vamos lá: a questão é esta.

– O facto é este – começou a gritar o conde Attilio.

– Deixai-me falar a mim que sou neutro, primo – replicou Dom Rodrigo. – A história é assim. Um cavaleiro espanhol manda um desafio a um cavaleiro milanês: o portador, não encontrando o provocado em casa, entrega o cartão a um irmão do cavaleiro;

irmão este que lê o desafio, e em resposta dá umas pauladas no portador. Trata-se...

– Bem dadas, bem aplicadas – gritou o conde Attilio. – Foi uma verdadeira inspiração.

– Do demónio – acrescentou o Podestade. – Bater num embaixador! Uma pessoa sagrada! O padre também me deve dizer se isto é ação de cavaleiro.

– Sim, senhor, de cavaleiro – gritou o conde. – E deixe-o dizer-mo a mim, que tenho de entender o que condiz com um cavaleiro. Oh, se fossem murros, então seria bem diferente; mas o cacete não suja as mãos de ninguém. O que não posso perceber é o motivo que o faz preocupar-se tanto com o lombo de um tratante.

– Quem é que falou de lombos, meu caro senhor conde? Só me fazeis dizer despropósitos que nunca me passaram pela cabeça. Eu cá falei do carácter e não do lombo. Falo sobretudo dos direitos da gente. Dizei-me então, por favor, se os arautos que os antigos Romanos enviavam para notificar dos desafios os outros povos pediam licença para expor a embaixada: e arranje-me um escritor que faça menção de um mensageiro ter sido alguma vez agredido.

– E o que têm a ver connosco os oficiais dos antigos Romanos? Gente que agia informalmente e que nestas coisas era atrasada, muito atrasada? Mas de acordo com as leis da cavalaria moderna, que é a verdadeira, digo e afirmo que um emissário que se atreva a pôr nas mãos de um cavaleiro um desafio, sem lhe pedir licença, é um temerário, violável, violabilíssimo, sovável, sovabilíssimo...

– Respondei-me então a este silogismo.

– Nada, nada, nada.

– Oiça lá, oiça lá, oiça lá. Bater num homem desarmado é um ato proditório; *atqui* o emissário *de quo* estava sem armas; *ergo*...

– Devagar, devagar, senhor Podestade.

– Devagar porquê?

– Devagar, digo-lhe eu: o que é que me vem dizer? Ato proditório é ferir uma pessoa com a espada por detrás, ou dar-lhe um tiro pelas costas; e mesmo para isso podem existir certos casos... mas não nos desviemos do assunto. Concedo que a isto geralmente se poderá chamar ato proditório; mas aplicar quatro cacetadas num patife! Era só o que faltava, termos de lhe dizer: olha que te bato;

como se diria a um fidalgo: mão na espada! E o senhor estimado doutor, em vez de me fazer caretas, para me dar a entender que é da minha opinião, porque não defende as minhas razões com os seus belos compêndios, para me ajudar a persuadir este senhor?

– Eu... – respondeu confuso o doutor – eu desfruto desta douda contenda; e agradeço o belo incidente que deu ocasião a uma guerra de engenhos tão graciosa. E depois, a mim não me compete dar sentença. Sua Senhoria Ilustríssima já delegou um juiz... aqui o padre...

– É verdade – disse Dom Rodrigo. – Mas como querem que o juiz fale, quando os contendores não querem ficar calados?

– Emudeço já – disse o conde Attilio. O Podestade mordeu os lábios e levantou a mão como num gesto de resignação.

– Ah, agradeçamos ao Céu! É a sua vez, padre – disse Dom Rodrigo, com uma seriedade meio escarninha.

– Já apresentei as minhas desculpas, ao dizer que não sou entendido – respondeu frei Cristoforo, entregando o copo a um criado.

– Desculpas de mau pagador – gritaram os dois primos. – Queremos a sentença.

– Sendo assim – prosseguiu o frade –, a minha fraca opinião seria que não deviam existir nem desafios, nem portadores, nem cacetadas.

Os convivas olharam uns para os outros espantados.

– Oh, essa é boa! – disse o conde Attilio. – Perdoe-me, padre, mas é muito boa. Vê-se que não conhece o mundo.

– Ele? – disse Dom Rodrigo. – Vós quereis mesmo fazer-mo repetir. Meu primo, ele conhece-o tão bem como vós: não é verdade, padre? Diga, diga lá se também não fez o seu caminho.

Em vez de responder a esta amorosa pergunta, o padre disse uma palavrinha em segredo a si próprio: «Estas vão dirigidas contra ti; mas recorda-te, frade, que não estás aqui por ti, e tudo o que só a ti mesmo disser respeito, não entra na conta.»

– Será – disse o primo. – Mas o padre... como se chama o padre?

– Padre Cristoforo – responderam mais de um.

– Reverendíssimo padre Cristoforo, com estas suas máximas,

queria era virar o mundo do avesso. Nada de desafios! Nem cacetadas! Adeus, pundonor; impunidade para todos os patifes. Por sorte é uma hipótese impossível.

– Vá lá, doutor – disse Dom Rodrigo, que cada vez mais queria desviar a disputa dos dois primeiros contendores. – Vamos, vós que sois homem capaz de dar razão a todos. Vejamos o que faríeis para dar razão neste assunto ao padre Cristoforo.

– Na verdade – respondeu o doutor, brandindo no ar o garfo, e dirigindo-se ao padre –, na verdade, não posso compreender como é que o padre Cristoforo, que é ao mesmo tempo o perfeito religioso e o homem do mundo, não terá pensado que a sua sentença, boa, ótima, e de justo peso no alto do púlpito, não vale nada, diga-se com o devido respeito, numa disputa cavaleiresca. Mas o padre melhor do que eu sabe que todas as coisas são boas no seu lugar; e eu creio que desta vez terá querido, com um gracejo, safar-se do embaraço de proferir uma sentença.

O que se podia responder a raciocínios deduzidos de uma sapiência tão antiga, e sempre nova? Nada: e assim fez o nosso frade.

Mas Dom Rodrigo, querendo truncar aquela questão, acabou por suscitar outra:

– A propósito – disse –, ouvi dizer que em Milão corriam boatos de reconciliação.

Saiba o leitor que naquele ano se combatia pela sucessão ao

ducado de Mântua, do qual, por morte de Vincenzo Gonzaga, que não havia deixado prole, tomara posse o duque de Nevers, o seu parente mais próximo. Luís XIII, ou seja, o cardeal de Richelieu, apoiava aquele príncipe, seu afeiçoado, e naturalizado francês; Filipe IV, ou seja, o conde de Olivares, comumente denominado o conde-duque, não o queria ali, pelas mesmas razões; e declarara-lhe guerra. Depois, como aquele ducado era feudo do império, assim as duas partes esforçaram-se, com diligências, com instâncias, com ameaças, junto do imperador Fernando II; a primeira, para que ele concedesse a investidura ao novo duque, e, a segunda, para que lha negasse, e até ajudasse a expulsá-lo daquele Estado.

– Não estou longe de acreditar – disse o conde Attilio – que as coisas se possam conciliar. Tenho certos indícios...

– Não acredite, senhor conde, não acredite – interrompeu o Podestade.

– Eu, aqui neste cantinho, posso saber as coisas; porque o senhor castelão espanhol, que, pela sua bondade, gosta um tanto de mim, e por ser filho de um da criação do conde-duque, está informado de tudo...

– E eu digo-lhe que a mim me sucede todos os dias falar em Milão com personagens bem diferentes; e sei de fonte segura que o Papa, interessadíssimo como está em manter a paz, fez propostas...

– E assim deve ser, a coisa está dentro das regras; Sua Santidade cumpre o seu dever; um Papa deve velar sempre pelo bem entre os príncipes cristãos; mas o conde-duque tem a sua política, e...

– E, e, e... Meu caro senhor, sabe o que pensa o imperador, neste momento? Julga que neste mundo não há mais nada além de Mântua? Ele tem muitas coisas em que pensar, caro senhor. Sabe, por exemplo, até que ponto se pode fiar agora o imperador naquele seu príncipe de Valdistano ou de Vallistai, ou lá como lhe chamam, e se...

– O nome legítimo, na língua alemã – interrompeu de novo o Podestade –, é Valhenstáino, como o ouvi proferir várias vezes ao nosso senhor castelão espanhol. Mas pode ficar descansado, que...

– Quer ensinar-me?... – replicou o conde; mas Dom Rodrigo fez-lhe sinal com os olhos para lhe dar a entender que, por amor dele, deixasse de contradizer. O conde calou-se, e o Podestade,

como uma embarcação desencalhada de um baixio, continuou a velas despregadas o curso da sua eloquência. – Valhenstáino dá-me poucos cuidados; porque o conde-duque está de olho em tudo, e pronto para tudo; e se Valhenstáino quiser armar-se em engraçado, ele saberá muito bem como metê-lo na linha, ou a bem ou a mal. Tem olho para tudo, digo-lho eu, e as mãos bem compridas; e se entender, como muito justamente entendeu, como grande político que é, que o senhor duque de *Nivers* não deve criar raízes em Mântua, o senhor duque de *Nivers* não as criará; e o senhor cardeal de *Richiliú* dá com a espada na água. Até me dá vontade de rir, aquele caro senhor cardeal a querer bater-se com um conde-duque, com um Olivares. Para dizer a verdade, bem gostava eu de renascer daqui a duzentos anos, para ouvir o que dirá a posteridade desta bela pretensão. Não basta só ter inveja; tem de haver cabeça; e cabeça como a de um senhor conde-duque, há uma única no mundo. O conde-duque, meus senhores – prosseguia o Podestade, sempre de vento em popa, e até um pouco espantado também por já não se deparar com nenhum escolho –, o conde-duque, falando com o devido respeito, é uma raposa velha, que fará perder o rasto a quem quer que seja; e quando faz menção de ir para a direita, pode-se ter a certeza de que baterá para a esquerda, pelo que ninguém poderá alguma vez gabar-se de conhecer os seus desígnios; e até aqueles que têm o dever de os pôr em execução, aqueles que escrevem os despachos, não entendem nada deles. Eu posso falar com certo conhecimento de causa: porque aquele bom homem do senhor castelão se digna conversar comigo com alguma confiança. Em contrapartida, ele, o conde-duque, sabe perfeitamente o que se está a cozinhar em todas as outras cortes; e todos esses peixes grossos da política (que também os há bastante direitos, não se pode negar) ainda mal imaginaram um desígnio, que já o conde-duque o adivinhou, com aquela sua cabeça, com aqueles seus caminhos encobertos, com aquelas suas teias estendidas por toda a parte. Aquele pobre cardeal de *Richiliú* tenta por aqui, tenta por ali, sua, engenha-se; e depois?... quando consegue descobrir uma mina, dá com a contramina já feita pelo conde-duque...

Sabe Deus, quando o Podestade chegaria a terra; mas Dom

Rodrigo, estimulado também pelos esgares que lhe fazia o primo, de repente, como se lhe viesse uma inspiração, virou-se para um criado e fez-lhe sinal para trazer uma certa garrafa.

– Senhor Podestade, e meus senhores! – disse então. – Um brinde ao conde-duque; e saibam dizer-me se o vinho é ou não é digno de tal personagem.

O Podestade respondeu com uma inclinação, na qual transparecia um sentimento de gratidão particular, porque tudo o que se fizesse ou se dissesse em honra do conde-duque, ele o considerava em parte como dirigido a si mesmo.

– Viva mil anos Dom Gaspar de Guzmán, conde de Olivares, duque de San Lúcar, grande *privado* do rei Dom Filipe o Grande, nosso senhor! – exclamou, erguendo o copo.

Privado, para quem não o soubesse, era o termo em uso, naqueles tempos, para significar o favorito de um príncipe.

– Viva mil anos! – responderam todos.

– Sirvam o padre – disse Dom Rodrigo.

– Perdoe-me – respondeu o padre –, mas já fiz uma desordem, e não poderia...

– Como? – disse Dom Rodrigo. – Trata-se de um brinde ao conde-duque. Quer então fazer crer que apoia os navarrinos?

Assim chamavam na altura, por escárnio, aos franceses, devido aos príncipes de Navarra, que tinham começado com Henrique IV a reinar sobre eles.

A tal instância, era conveniente beber. Todos os convivas irromperam em exclamações, e em elogios ao vinho; salvo o doutor, o qual, de cabeça levantada, com os olhos fixos, de lábios cerrados, exprimia muito mais do que poderia fazê-lo com palavras.

– O que diz a isto, hem, doutor? – perguntou Dom Rodrigo.

Tirando de dentro do copo um nariz mais vermelho e luzidio do que aquele, o doutor respondeu escandindo com ênfase sílaba a sílaba:

– Digo, profiro e sentencio que este é o Olivares dos vinhos: *censui et in eam ivi sententiam*, que não se encontra um licor semelhante em todos os vinte e dois reinos de el-rei nosso senhor, a quem Deus guarde; declaro e defino que os almoços do ilustríssimo senhor Dom Rodrigo vencem as ceias de Heliogábalo; e que

a carestia é banida e proscrita *in perpetuo* deste palácio, onde reside e reina o esplendor.

– Bem dito! Bem definido! – gritaram, a uma só voz, os convivas; mas aquela palavra, carestia, que o doutor havia proferido por acaso, dirigiu todas as mentes para aquele triste assunto; e todos se puseram a falar da carestia. Aqui, estavam todos de acordo, pelo menos no principal; contudo, o barulho era talvez maior do que se houvesse desacordo. Falavam todos ao mesmo tempo. – Não há carestia nenhuma – dizia um. – Isto são os açambarcadores...

– E os padeiros – dizia outro –, que escondem o trigo. Deviam era enforcá-los.

– Isso mesmo, enforcá-los sem misericórdia.

– Com bons processos! – gritava o Podestade.

– Qual processos?... – gritou mais alto o conde Attilio. – Justiça sumária. Apanhar três ou quatro ou cinco ou seis, daqueles que pela voz pública são conhecidos como os mais ricos e mais bandidos, e enforcá-los.

– Exemplos! Exemplos! Sem exemplos não se faz nada.

– Enforcá-los! Enforcá-los; que logo vai aparecer trigo de todos os lados.

Quem, ao passar por uma feira, deu consigo a gozar a harmonia que produz uma banda de música quando, entre uma sonata e outra, cada um afina o seu instrumento, fazendo-o retinir até mais não poder, para o ouvir distintamente no meio do ruído dos outros, imagine pois como seria parecida a consonância daqueles discursos, se assim se puderem chamar. Entretanto, ia-se vertendo e tornando a verter daquele tal vinho; e os louvores a ele vinham, como era justo, misturados com as sentenças de jurisprudência econômica; de modo que as palavras que mais sonoras e mais frequentes se ouviam eram: *ambrósia e enforcá-los*.

Dom Rodrigo entretanto dava olhadelas ao único que estava calado; e via-o sempre ali firme, sem dar sinais de impaciência nem de pressa, sem fazer nenhum gesto com tendência para lembrar que estava à espera; mas com o ar de não querer ir-se embora antes de ter sido ouvido. De bom grado o teria mandado passear, tanto mais que passava bem sem aquela conversa; mas pôr na rua

um capuchinho, sem lhe ter dado audiência, não estava de acordo com as regras da sua política.

Já que não podia evitar a maçada, resolveu-se a enfrentá-lo já, e ver-se livre dele; levantou-se da mesa, e consigo toda a rubicunda brigada, sem interromper a algazarra. Depois de pedir licença aos convidados, com ar circunspecto aproximou-se do frade, que se tinha levantado como os outros, dizendo-lhe:

– Estou às suas ordens. – E conduziu-o para outra sala.

CAPÍTULO VI

EM QUE POSSO SERVI-LO? – DISSE DOM RODRIGO, FICANDO DE PÉ no meio do salão. O som das palavras era alto, mas a maneira como eram proferidas queria dizer claramente: vê bem quem tens à frente, pesa as palavras, e despacha-te.

Para dar coragem ao nosso frei Cristoforo, não havia meio mais seguro nem mais expedito do que tratá-lo com modos arrogantes. Ele que estava suspenso, procurando as palavras, e fazendo escorrer por entre os dedos as ave-marias do terço que trazia à cintura, como se nalguma delas esperasse encontrar o seu exórdio àquele ato de Dom Rodrigo, sentiu logo virem-lhe aos lábios mais palavras do que quantas eram precisas. Mas pensando como era importante não prejudicar os seus interesses ou, o que contava muito mais, os interesses alheios, apressou-se a temperar as frases que lhe tinham vindo à cabeça, e disse, com prudente humildade:

– Venho propor-lhe um ato de justiça, suplicar-lhe um gesto de caridade. Certos homens de má vida serviram-se do nome de Vossa Senhoria Ilustríssima para fazer medo a um pobre cura e impedi-lo de cumprir o seu dever, e para oprimir dois inocentes. O senhor, com uma só palavra sua, pode desmentir esses homens,

restituir ao direito a sua força, e aliviar aqueles sobre quem foi exercida tão cruel violência. O senhor pode fazê-lo e, querendo-o... a consciência, a honra...

– Fale-me da minha consciência quando eu for ter consigo para me confessar. Quanto à minha honra, fique sabendo que quem a guarda sou eu, e mais ninguém; e que quem quer que se atreva a partilhar comigo esses cuidados, o tratarei como a um temerário que a ofenda.

Avisado por estas palavras de que aquele senhor procurava levar a mal as suas, para transformar a conversa em contenda e não lhe dar ocasião de chegar ao nó da questão, tanto mais se empenhou frei Cristoforo no sofrimento, resolvendo engolir tudo o que apetecesse ao outro dizer, e respondeu logo, num tom submisso:

– Se eu disse alguma coisa que lhe tenha desagradado, foi certamente contra a minha intenção. Corrija-me então, repreenda-me, se eu não souber falar como me compete. Por amor do Céu, por esse Deus perante o qual todos temos de comparecer... – e assim falando, pegara entre os dedos e punha-a diante dos olhos do seu carrancudo interlocutor a caveirinha de madeira presa ao seu rosário –, não se obstine em negar uma justiça tão fácil e tão devida àquelas pobres criaturas. Pense que Deus tem sempre os olhos postos neles, e que os seus gritos, que os seus gemidos, são ouvidos lá no alto. A inocência é poderosa, na sua...

– Eh, padre! – interrompeu bruscamente Dom Rodrigo. – O respeito que tenho pelo seu hábito é grande; mas se alguma coisa pudesse fazer-me esquecer esse respeito, seria o vê-lo vestido por alguém que se atrevesse a vir fazer de espião em minha casa.

Esta palavra fez virem as chamas ao rosto do frade: este, porém, com o semblante de quem engoliu um medicamento muito amargo, respondeu:

– Vossa Senhoria não crê que tal título me fique bem. Sente no seu coração que o passo que eu agora dou aqui não é nem vil nem desprezível. Oiça-me, senhor Dom Rodrigo; e queira Deus que não chegue um dia em que se arrependa de não me ter dado ouvidos. Não queira pôr a sua glória... e que glória, senhor Dom Rodrigo! Que glória perante os homens!... e perante Deus! O senhor tem muito poder cá em baixo; mas...

– Não sabe – disse Dom Rodrigo, interrompendo, em cólera, mas não sem um certo calafrio –, não sabe que quando me dá na veneta ouvir um sermão, sei muito bem ir à igreja, como fazem os outros? Mas em minha casa! Oh!... – E prosseguiu, com um tom forçado de troça: – O senhor trata-me acima do que eu sou. Ter um pregador em casa! Só os príncipes...

– E esse Deus que pede contas aos príncipes da palavra que lhes dá a ouvir, nos seus palácios; esse Deus que usa agora para consigo de um pouco de misericórdia, mandando um seu ministro, indigno e miserável, mas apesar disso seu ministro, a suplicar por uma inocente...

– Resumindo, padre – disse Dom Rodrigo, fazendo menção de sair –, não sei o que quer dizer: tudo o que entendo é que deve haver alguma donzela que muito lhe interessa. Vá fazer as suas confidências a quem lhe apetecer; e não tome a liberdade de aborrecer por mais tempo um gentil-homem.

Ao movimento de Dom Rodrigo, o nosso frade pôs-se à sua frente, mas com grande respeito; e erguendo as mãos num gesto de súplica e para o reter por mais um instante, respondeu ainda:

– Ela interessa-me, é verdade, mas não mais do que o senhor; são duas almas que, uma e outra, me interessam mais do que o meu sangue. Dom Rodrigo! Eu não posso fazer nada por si além de rezar a Deus, mas fá-lo-ei do fundo do coração. Não me diga que não: não queira manter na angústia e no terror uma pobre inocente. Uma palavra sua pode compor tudo.

– Pois bem – disse Dom Rodrigo –, já que crê que eu possa fazer muito por essa pessoa; já que, essa criatura, a leva tanto a peito...

– Então? – insistiu ansiosamente o padre Cristoforo, a quem o gesto e o comportamento de Dom Rodrigo não permitiam abandonar-se à esperança que pareciam anunciar estas palavras.

– Então aconselhe-a a vir colocar-se sob a minha proteção. Nunca lhe faltará nada, e ninguém se atreverá a incomodá-la, ou não seja eu um cavaleiro.

Perante tal proposta, explodiu a indignação do frade, até então só a muito custo contida. Todas essas belas propostas de prudência

e de paciência se esfumaram; o homem velho achou-se de acordo com o novo; e nesses casos, frei Cristoforo valia realmente por dois.

– A vossa proteção! – exclamou, dando dois passos para trás, firmando-se altivamente no pé direito, pondo a mão direita na anca, levantando a esquerda com o indicador apontado para Dom Rodrigo, e cravando-lhe na face dois olhos inflamados: – A vossa proteção! Foi melhor que tivésseis falado assim, e feito tal proposta. Haveis passado das medidas; e já não vos temo.

– Veja como fala, padre...

– Falo como se fala a quem é abandonado por Deus, e já não pode meter medo. A vossa proteção! Eu bem sabia que aquela inocente está sob a proteção de Deus; mas Vossa Senhoria faz-me sentir agora, com tanta certeza que já não preciso de cautelas para falar dela. De Lucia, digo: veja como pronuncio este nome de frente erguida e de olhos imóveis.

– Como? E nesta casa!...

– Tenho compaixão desta casa: sobre ela está suspensa a maldição. Vá esperando que a justiça de Deus tenha consideração por quatro pedras e submissão a quatro malandrins! Vossa Senhoria pensou que Deus fez uma criatura à sua imagem e semelhança para vos dar o prazer de a atormentar! Vós pensastes que Deus não saberia defendê-la! Desprezastes o aviso de Deus! Julgais-vos a vós mesmo. O coração do Faraó estava endurecido como o vosso; e Deus soube despedaçá-lo. Lucia não tem nada a recear de vós: digo-vos eu, pobre frade; e quanto a vós, ouvi bem o que vos prometo. Virá um dia...

Até então Dom Rodrigo tinha ficado suspenso entre a raiva e o espanto, atônito, sem achar palavras; mas quando ouviu entoar uma predição, acrescentou-se à raiva um longínquo e misterioso terror.

Agarrou rapidamente no ar aquela mão ameaçadora, e levantando a voz, para abafar a do infausto profeta, gritou:

– Sai-me da frente, vilão temerário, poltrão encapuçado.

Estas palavras tão claras acalmaram num momento o padre Cristoforo. À ideia de desprezo e de vilania, na sua mente, estava tão bem e há tanto tempo associada a ideia de sofrimento e de silêncio que, àquele cumprimento, lhe caiu todo o espírito de ira e

de entusiasmo, e não lhe restou outra resolução senão a de ouvir tranquilamente o que a Dom Rodrigo apetecesse acrescentar. Por isso, retirando placidamente a mão das garras do fidalgo, baixou a cabeça e ficou imóvel, como, ao cair do vento, no auge da tempestade, uma árvore agitada recompõe naturalmente os seus ramos, e recebe o granizo como o manda o céu.

– Plebeu cheio de prosápia! – prosseguiu Dom Rodrigo. – Tu ages como a ralé donde vens. Mas agradece ao burel que te cobre esses ombros de tratante, e te salva das carícias que se fazem à canalha como tu para os ensinar a falar. Sai pelo teu pé, desta vez; e depois veremos.

Assim dizendo, com império de desprezo, apontou para uma porta em frente daquela por onde tinham entrado; o padre Cristoforo baixou a cabeça, e saiu, deixando Dom Rodrigo a medir, a passos furiosos, o campo de batalha.

Quando o frade fechou a porta atrás de si, viu na outra sala onde entrava, um homem retirar-se devagarinho, todo encostado à parede, como que para não ser visto da sala da entrevista; e reconheceu o velho criado que viera recebê-lo à porta de entrada. Estava este homem naquela casa talvez há uns quarenta anos, ou

seja, antes que nascesse Dom Rodrigo; tendo entrado ao serviço do pai, que tinha sido coisa totalmente diferente. Morto este, o novo patrão, pondo na rua toda a família e formando brigada nova, mantivera porém aquele criado, quer por ser já velho, quer porque, embora de máximas e costumes absolutamente contrários aos seus, no entanto compensava este defeito com duas qualidades: uma elevada opinião da dignidade da casa, e uma grande prática do cerimonial, de que conhecia, melhor do que nenhum outro, as mais antigas tradições, e os mais minuciosos pormenores. Na presença do senhor, o pobre velho nunca se arriscaria a fazer qualquer alusão, e ainda menos a exprimir a sua desaprovação do que via o dia inteiro: sobre o assunto mal chegava a fazer alguma exclamação, alguma censura entre dentes, aos seus colegas de serviço; estes riam-se dele, e às vezes até achavam prazer em baterem-lhe nessa tecla, para o fazerem dizer mais do que desejaria, e para o ouvirem contar e recontar as loas ao antigo viver naquela casa. As suas censuras nunca chegavam aos ouvidos do patrão senão acompanhadas pelo contar dos risos que tinham provocado, de modo que se tornavam para ele também motivo de troça, sem ressentimento. E depois, nos dias em que havia receções e convidados, o velho tornava-se uma personagem séria e de importância.

O padre Cristoforo olhou para ele, ao passar cumprimentou-o e seguiu o seu caminho; mas o velho aproximou-se com ar misterioso, pôs o dedo na boca, e depois, com o mesmo dedo, fez-lhe sinal para o convidar a entrar com ele num corredor escuro. Quando entraram, disse-lhe em voz muito baixa:

– Padre, ouvi tudo e preciso de falar consigo.

– Diga rápido, bom homem.

– Aqui não: ai se o patrão viesse a saber... Mas eu sei muitas coisas; e farei por ir amanhã ao convento?

– Há algum plano?

– Alguma coisa no ar há de certeza; já o pude perceber. Mas agora fico alerta, e espero descobrir tudo. Deixe isso comigo. Tenho de ver e ouvir coisas... Coisas de fogo! Estou cá numa casa!... Mas eu quero salvar a minha alma.

– O Senhor o abençoe! – e proferindo baixinho estas palavras, o frade pôs a mão na cabeça branca do criado, que, embora muito

mais velho do que ele, estava curvado diante dele, na atitude de um filho. – O Senhor há de recompensá-lo prosseguiu o frade: não deixe de vir amanhã.

– Irei, sim – respondeu o criado –, mas vá-se embora já e... por amor do Céu... não diga o meu nome. – Assim falando, e olhando à sua volta, saiu do outro lado do corredor, por uma saleta que dava para o pátio; e, vendo o campo livre lá fora, chamou o bom frade, cujo rosto respondeu àquela última palavra mais claramente do que poderia ter feito com quaisquer palavras. O criado apontou-lhe a saída; e o frade, sem dizer mais nada, foi-se embora.

Aquele homem tinha estado a escutar à porta do seu patrão: tinha feito bem? E frei Cristoforo fazia bem ao louvá-lo por isso? Segundo as regras mais comuns e menos controversas, é coisa muito feia; mas aquele caso não podia ser considerado como uma exceção? E não há exceções às regras mais comuns e menos controversas? Questões importantes; mas que o leitor resolverá por si, se lhe apetecer. Nós não temos intenções de fazer juízos: já nos basta ter os factos para contar.

Chegado cá fora, e tendo virado as costas àquele antro, frei Cristoforo respirou mais livremente, dirigiu-se à pressa para a descida, de cara toda afogueada, confuso e agitado com o que ouvira

e com o que dissera. Mas aquela tão inesperada exibição do velho fora para ele um grande consolo; parecia que o Céu lhe estava a dar um sinal visível da sua proteção. «Eis um fio – pensava –, um fio que a Providência me depôs nas mãos. E logo naquela mesma casa! E sem que eu nem sequer sonhasse procurá-lo!» Assim ruminando, levantou os olhos para ocidente, viu o sol inclinado, já a tocar o alto do monte, e pensou que restava bem pouco do dia. Então, embora sentisse os ossos pesados e moídos pelas várias vicissitudes daquele dia, mas estugou ainda mais o passo, para poder levar um aviso, fosse ele qual fosse, aos seus protegidos, e chegar depois ao convento, antes de cair a noite: que era uma das leis mais precisas e mais severamente mantidas pelo código capuchinho.

Entretanto, na casinha de Lucia, foram postos em campo e ventilados projetos de que é conveniente informarmos o leitor. Após a partida do frade, os três que haviam ficado estiveram algum tempo em silêncio; Lucia a tratar tristemente do jantar; Renzo a cada instante fazia menção de partir para deixar de a ver tão apoquentada, mas não era capaz de se afastar; Agnese toda ocupada, nas aparências, com a dobadeira que fazia rodar. Contudo, na realidade, estava a maturar um projeto; quando este lhe pareceu amadurecido, quebrou o silêncio nestes termos:

– Ouvi-me, filhos meus! Se quiserdes ter a coragem e a habilidade de que precisais, se confiardes na vossa mãe –, e a este *vossa*, Lucia estremeceu –, eu comprometo-me a tirar-vos destes sarilhos, melhor e mais depressa do que o padre Cristoforo, embora ele seja o homem que é.

Lucia estacou e olhou-a com uma cara que exprimia mais espanto do que confiança numa promessa tão magnífica; e Renzo disse imediatamente:

– Coragem? Habilidade? Dizei, dizei lá o que se pode fazer.

– Não é verdade – prosseguiu Agnese – que, se estivésseis casados, se teria já avançado um bocado? E que para tudo o resto se arranjará mais facilmente saída?

– Há dúvidas? – disse Renzo. – Se fôssemos casados... todo o mundo é nossa terra; e a dois passos daqui, no bergamasco, quem trabalha a seda é recebido de braços abertos. Sabem quantas vezes o meu primo Bortolo tem insistido comigo que vá trabalhar para

lá com ele, dizendo que eu faria fortuna, como ele fez; e se nunca lhe dei ouvidos, foi... de que serve? Porque o meu coração estava aqui. Casados, vamos todos juntos, monta-se casa lá, vive-se em santa paz, fora das garras deste patife. Longe da tentação de fazer um despropósito. Não é verdade, Lucia?

– Sim – respondeu Lucia. – Mas como?

– Como disse eu – insistiu a mãe: – Coragem e habilidade; e a coisa é fácil.

– Fácil! – disseram ao mesmo os dois jovens, para quem a coisa se tornava estranha e dolorosamente difícil.

– Fácil para quem a souber fazer – replicou Agnese. – Ouvi-me bem, e vejamos se me faço entender. Eu ouvi contar isto a gente que sabe, e até vi um caso, em que para fazer um casamento é preciso um cura, sim, mas não é preciso que ele queira; basta que esteja lá.

– Como é essa história? – perguntou Renzo.

– Abri as orelhas e ouvi. É preciso ter duas testemunhas bem expeditas e bem combinadas. Vai-se a casa do cura: o que importa é apanhá-lo desprevenido, para não ter tempo de fugir. O homem diz: «Senhor cura, esta é a minha mulher»; a mulher diz: «Senhor cura, este é o meu marido.» É preciso que o cura oiça, e que as testemunhas oiçam; e o casamento fica feito, tão sagrado como se a fazê-lo tivesse sido o Papa. Ditas as palavras, o cura bem pode gritar, berrar, pintar o caneco; é inútil, porque já são marido e mulher.

– Será possível? – exclamou Lucia.

– Claro! – disse Agnese. – Pensais que, em trinta anos que passei neste mundo antes que vós tivésseis nascido, nunca aprendi nada? A coisa é tal qual a disse eu: por sinal, uma amiga minha que se queria casar contra a vontade dos pais, fazendo assim desta maneira conseguiu o seu intento. O cura, que tinha desconfiado, estava alerta; mas aqueles dois diabos souberam fazer as coisas tão bem que o apanharam no momento certo, disseram as palavras, e ficaram marido e mulher; embora a pobre coitada se arrependesse depois, passados três dias.

Agnese falava verdade, quer quanto à possibilidade, quer a respeito do perigo de não se conseguir fazê-lo; porque como não

recorriam a este expediente senão pessoas que tivessem encontrado obstáculo ou recusa na vida normal, então os párcos tinham o maior cuidado em evitar essa cooperação forçada; e, quando algum deles era surpreendido por um desses casais, acompanhado de testemunhas, fazia tudo para se escapar, como Proteu das mãos dos que queriam fazê-lo vaticinar à viva força.

– Se fosse verdade, Lucia!... – disse Renzo, olhando-a com um ar de suplicante expectativa.

– Como, se fosse verdade? – disse Agnese. – Também credes que eu conto patranhas? Eu aflijo-me por vós, e vós não acreditais em mim; pois bem, safai-vos deste sarilho como puderdes: eu lavo daí as minhas mãos.

– Ah, não! Não nos abandoneis – disse Renzo. – Falo assim porque me parece uma coisa demasiado boa. Estamos nas vossas mãos; eu considero-vos como se fôsseis mesmo minha mãe.

Estas palavras fizeram desvanecer-se o pequeno amuo de Agnese, e esquecer um propósito que, na verdade, não havia sido sério.

– Mas então, minha mãe – disse Lucia com aquela sua atitude submissa –, porque é que não se lembrou dessa o padre Cristoforo?

– Não se lembrou? – respondeu Agnese. – Sabe-se lá se não se lembrou! Mas não deve ter querido falar nisso.

– Porquê? – perguntaram a uma voz os dois jovens.

– Porque... porque, já que o quereis saber, os religiosos dizem que na verdade é coisa que não fica lá muito bem.

– Como pode ser que não fique bem, mas que passe a ser bem feita quando é feita? – disse Renzo.

– O que quereis que eu vos diga? – replicou Agnese. A lei fizeram-na eles, como bem quiseram; e nós os pobres não podemos compreender tudo. E, depois, quantas coisas... Pronto, é como dar um murro noutra pessoa. Não fica bem, mas depois de o dares nem o Papa lho pode tirar.

– Se é coisa que não fica bem – disse Lucia –, não se deve fazê-la.

– O quê? – exclamou Agnese. – Eu iria dar-te alguma vez um conselho contra o temor de Deus? Se fosse contra a vontade dos teus pais, para fazeres uma asneira... mas satisfeita eu por te casa-

res com este rapaz; e quem faz nascer todas as dificuldades é um biltre; e o senhor cura...

– É claro, toda a gente compreenderia – disse Renzo.

– Não se deve falar nisso ao padre Cristoforo, antes de se fazer esta coisa – prosseguiu Agnese. – Mas feita que seja, e bem sucedida, o que pensas tu que dirá o padre? «Ah, minha filha! Grande partida me pregaram!» Os religiosos têm de falar assim. Mas acredita que lá no fundo do seu coração também deve ficar contente.

Lucia, sem achar resposta para este argumento, não se sentia porém nada convencida; mas Renzo, todo animado, disse:

– Sendo assim, a coisa está feita.

– Mais devagar – disse Agnese. – E as testemunhas? Achar duas que queiram, e que ao mesmo tempo saibam calar-se! E conseguir apanhar o senhor cura, que está enfiado em casa há dois dias? E fazê-lo estar presente? Qual quê, embora seja pesado por natureza, só vos sei dizer que, ao ver-vos aparecer dessa maneira, fica lesto como um gato, e fugirá como o diabo da água benta.

– Achei a solução, já está – disse Renzo, batendo com o punho na mesa, e fazendo tilintar a loiça na mesa posta para o jantar. E foi expondo o seu pensamento, que Agnese aprovou em tudo e para tudo.

– São vigarices – disse Lucia –, não são coisas limpas. Até agora temos agido com sinceridade; continuemos com fé, e Deus ajudar-nos-á, disse o padre Cristoforo. Ouçamos o que ele diz.

– Deixa-te guiar por sem sabe mais do que tu – disse Agnese, com expressão grave. – Que necessidade há de pedir conselhos? Deus diz: Ajuda-te, que Eu te ajudo. Ao padre contaremos tudo depois de feitas as coisas.

– Lucia – disse Renzo –, quereis faltar-me agora? Não tínhamos feito tudo como bons cristãos? Não devíamos ser já marido e mulher? O cura não nos tinha marcado o dia e a hora? E de quem é a culpa, se temos agora de nos ajudar a nós mesmos com algum engenho? Não, não me faltareis. Eu vou, e volto já com a resposta. E despedindo-se de Lucia com um gesto de súplica, e de Agnese com ar de entendimento, partiu apressado.

As atribulações aguçam a mente; e Renzo, que na senda reta e plana de vida por ele percorrida até então, nunca se tinha visto com alguma oportunidade de aguçar muito o seu, neste caso tinha imaginado uma capaz de fazer honra a um jurisconsulto. Foi imediatamente, como tinha concebido, a casa de um certo Tonio, que ficava a curta distância dali; e encontrou-o na cozinha, que, com um joelho no degrau da chaminé, e segurando com uma das mãos o bordo de uma panela, posta por cima das cinzas quentes, com um rolo curvo mexia uma pequena polenta de cor parda, de milho escuro.

A mãe, o irmão e a mulher de Tonio estavam à mesa; e três ou quatro garotinhos, de pé junto do pai, com os olhos fixos na panela, estavam à espera que chegasse a altura de a despejar. Mas não havia ali aquela alegria que a vista do jantar costuma dar a quem o mereceu com o seu esforço. O volume da polenta era em proporção da colheita do ano, e não do número nem da vontade dos comensais; e cada um deles, fixando com um olhar turvo de amor raivoso a comida comum, parecia pensar na porção de apetite que lhe devia sobreviver. Enquanto Renzo trocava cumprimentos com a família, Tonio despejou a polenta na forma de madeira que estava preparada para a receber, e parecia uma pequena lua, no meio de um grande círculo de vapores. No entanto, as mulheres disseram delicadamente a Renzo:

– É servido? – convite que o camponês da Lombardia e de sabe-se lá quantas outras terras, nunca deixa de fazer a quem o encontre a comer, mesmo que este fosse um rico gastrónomo que acabasse de se levantar da mesa, e ele estivesse no último bocado.

– Agradeço – respondeu Renzo. – Vim só dizer uma palavrinha a Tonio; e se quiseres, Tonio, para não incomodarmos as mulheres da casa, podemos ir comer à estalagem, e ali conversaremos.

A proposta para Tonio foi tanto mais grata quanto menos esperada; e as mulheres, e também as crianças (já que sobre esta matéria, começam cedo a raciocinar), não viram de má vontade que à polenta se subtraísse um concorrente, e logo o mais formidável. O convidado não pôs objeções, e saiu com Renzo.

Chegados à estalagem da aldeia, sentaram-se com toda a liberdade e em perfeito isolamento, já que a miséria desabitudara todos os frequentadores daquele local de delícias; mandando vir aquele pouco que havia, e esvaziando um jarro de vinho, Renzo, com ar de mistério, disse a Tonio:

– Se quiseres prestar-me um pequeno serviço, eu vou fazer-te um grande.

– Fala, fala; ordena lá – respondeu Tonio enchendo o copo. – Hoje até me atirava ao fogo por ti.

– Tu tens uma dívida de vinte e cinco liras para com o senhor cura, pela renda do campo dele, que lavraste no ano passado.

– Ai Renzo, Renzo! Que desmancha-prazeres me saíste. O que tu foste buscar? Tiras-me todo o bom humor.

– Se te falo da dívida – disse Renzo –, é porque, se tu quiseres, tenho intenções de te dar meios para a pagar.

– Falas a sério?

– É a sério. Eh! Ficavas contente?

– Contente? Ora se não ficava contente! Se mais não fosse, só para não ver mais aqueles gestos e sinais de cabeça que me faz o senhor cura todas as vezes que nos encontramos. E depois sempre: «Tonio, não vos esqueçais. Tonio, quando nos vemos para aquele negócio?» A tal ponto que, quando no sermão me põe aqueles olhos em cima, quase tenho medo que se ponha a dizer-me, ali em público: e aquelas vinte e cinco liras?... Malditas sejam as vinte e cinco liras! E depois ele tinha de me devolver o colar de ouro da minha mulher, que eu trocava por outro tanto de polenta. Mas...

– Mas, mas, se me quiseres fazer um servicinho, as vinte e cinco liras estão prontas.

– Diz lá.

- Mas... – disse Renzo levando o dedo à boca.
 - Não precisas dessas coisas, tu já me conheces.
 - O senhor cura anda a desencantar certas razões sem jeito para me adiar o casamento, enquanto eu, o que queria era despachar-me. Dizem-me com toda a certeza que se se apresentarem à frente dele os dois noivos, com duas testemunhas, e dizendo eu: «Esta é minha mulher», e Lucia: «Este é meu marido», o casamento fica feito. Estás a perceber?
 - Queres que eu vá servir de testemunha?
 - Isso mesmo.
 - E pagas por mim as vinte e cinco liras?
 - Tenho essa intenção.
 - Disparate é não aceitar.
 - Mas tem de se arranjar a outra testemunha.
 - Já arranjei. Aquele patetinha do meu irmão Gervaso fará o que eu lhe mandar. Pagas-lhe tu de beber?
 - E de comer – respondeu Renzo. – Trazemo-lo cá para se divertir connosco. Mas ele sair-se-á bem com o que tem de fazer?
 - Eu ensino-lhe: sabes muito bem que eu fiquei também com a parte dos miolos dele.
 - Amanhã...
 - Está bem.
 - Pela noitinha...
 - Muito bem.
 - Mas... – disse Renzo, levando de novo o dedo à boca.
 - Ora!... – respondeu Tonio, curvando a cabeça para o ombro direito, e levantando a mão esquerda, com um semblante que dizia: «Assim, ofendes-me.»
 - Mas se a tua mulher te perguntar, como vai perguntar, sem dúvida...
 - De mentiras estou em dívida para com a minha mulher, e tanto tanto que não sei se chego alguma vez a saldar a conta. Alguma historieta hei de arranjar para a deixar sossegada.
 - Amanhã de manhã – disse Renzo – conversaremos com mais calma, para nos entendermos bem a respeito de tudo.
- Com isto, saíram da estalagem, Tonio dirigindo-se a casa, e es-

tudando a patranha que havia de contar às mulheres, e Renzo a prestar contas das combinações feitas.

Durante este tempo, Agnese tinha-se esforçado em vão para persuadir a filha. Esta ia opondo a cada argumento, ora uma, ora a outra parte do seu dilema: ou a coisa é má, e não se deve fazê-la; ou se não é, porque não contá-la ao padre Cristoforo?

Renzo chegou todo triunfante, fez o seu relatório, e terminou com um *hã?*, interjeição que significa: «Sou ou não sou um homem?... Podia-se arranjar melhor?... Lembravam-se de uma destas?...» E mais cem coisas parecidas.

Lucia abanava molemente a cabeça; mas os dois entusiasmados pouco lhe ligavam, como se costuma fazer com uma criança a quem não se espera fazer entender toda a razão de uma coisa, e a quem depois, com os rogos ou a autoridade, se induzirá ao que dela se pretende.

– Está bem – disse Agnese –, está bem; mas vossemecê... não pensou em tudo.

– O que nos falta? – respondeu Renzo.

– E Perpetua? Não se lembrou de Perpetua. A Tonio e ao irmão, deixá-los-á entrar; mas a vós! Vocês os dois! Imaginem! Deve ter ordens para vos manter bem longe, mais longe do que um rapazola de uma pereira carregada de frutos maduros.

– O que devemos fazer? – disse Renzo um pouco atrapalhado.

– Pronto, já tratei disso. Eu também vou; é que e tenho um segredo para a atrair, e para a encantar de maneira que não dê por

vós, e assim podereis entrar. Chamo-a eu, e vou tocar-lhe numa corda... depois ireis ver.

– Abençoada seja! – exclamou Renzo. – Eu sempre disse que a senhora é a nossa ajuda em tudo.

– Mas tudo isto não serve de nada – disse Agnese –, se não a convencermos a ela, que teima em dizer que isto é pecado.

Renzo pôs também em campo toda a sua eloquência; mas Lucia não se deixava demover.

– Eu não sei o que responder às vossas razões – dizia –, mas vejo que para fazer essa cosia, como dizeis vós, se tem de avançar à custa de subterfúgios, de mentiras, de fingimentos. Ah, Renzo! Nós não começámos assim. Eu quero ser vossa mulher... – e não havia maneira de conseguir pronunciar esta palavra, e explicar qual a intenção, sem ficar de face toda corada. – Eu quero ser vossa mulher, mas pelo caminho direito, com temor de Deus, no altar. Deixemos agir Aquele lá de cima. Não quereis que Ele saiba achar o meio de nos ajudar melhor do que possamos fazer nós com todas estas espertezas. E porquê fazer mistério com o padre Cristoforo?

A disputa durava ainda, e não parecia próxima de acabar, quando um patinhar apressado de sandálias e um rumor de túnica agitada, semelhante ao que fazem numa vela afrouxada os sopros repetidos do vento, anunciaram o padre Cristoforo. Calaram-se todos; e Agnese mal teve tempo de sussurrar ao ouvido de Lucia: – Vê lá, cuidado, não lhe digas nada.

CAPÍTULO VII

O PADRE CRISTOFORO CHEGAVA COM O PORTE DE UM BOM CAPITÃO que, perdida sem culpa sua uma batalha importante, afligido mas não desencorajado, cheio de preocupações mas não desorientado, de corrida mas não em fuga, se dirige aonde lho requer a necessidade, para prevenir os lugares ameaçados, reunir as tropas e dar-lhes novas ordens.

– A paz seja convosco – disse, ao entrar. – Não há nada a esperar daquele homem: por isso, mais necessário se torna confiar em Deus: e já tenho alguns sinais da sua proteção.

Embora nenhum dos três depositasse muitas esperanças na tentativa do padre Cristoforo, já que ver um poderoso retirar-se de um abuso sem ter sido obrigado, e por mera condescendência a preces desarmadas, era coisa bem mais inaudita do que rara. Apesar disso, a triste certeza foi um golpe para todos. As mulheres baixaram a cabeça; mas, no espírito de Renzo, a ira prevaleceu sobre o abatimento. Aquela notícia encontrava-o já amargurado por tantas surpresas dolorosas, por tantas tentativas falhadas, por tantas esperanças desiludidas e, para mais, exacerbado, naquele momento, pelas recusas de Lucia.

– Só queria saber – gritou, rangendo os dentes, e levantando a voz, como nunca tinha feito até então, na presença do padre Cristoforo –, queria saber que razões deu aquele cão para afirmar... para afirmar que a minha noiva não deve ser minha mulher.

– Pobre Renzo! – respondeu o frade, com uma voz grave e piedosa, e com um olhar que ordenava mansamente pacatez: – Se o poderoso que quer cometer uma injustiça fosse sempre obrigado a dizer as suas razões, as coisas não correriam como correram.

– Portanto, disse aquele cão que não quer, e não quer porquê?

– Nem isto disse, pobre Renzo! Ao menos seria já uma vantagem se, para cometer a iniquidade, tivesse de a confessar abertamente.

– Mas alguma coisa teve de dizer; o que disse aquele tição do Inferno?

– As suas palavras, eu ouvi-as, e não seria capaz de as repetir. As palavras do iníquo, que é forte, entram e saem logo. Pode enfurecer-se por mostrares que suspeitas dele, e ao mesmo tempo fazerte sentir que aquilo que tu suspeitas dele é certo; pode insultar e declarar-se ofendido, troçar e exigir contas, ter medo e queixar-se, ser descarado e irrepreensível. Não queiras saber mais nada sobre isso. Ele não proferiu o nome desta inocente, nem o teu; não mostrou sequer conhecer-vos, não disse que pretendia alguma coisa; mas... mas infelizmente tive de compreender que ele está irremovível. No entanto, confiança em Deus! Vocês, pobrezinhas, não percam o ânimo: e tu, Renzo... Oh! Acredita, eu sei pôr-me no teu lugar, que sinto o que se passa no teu coração. Mas, paciência! É uma magra palavra, uma palavra amarga, para quem não acredita; mas tu!... não queres conceder a Deus um dia, dois dias, o tempo que Ele quiser levar para fazer triunfar a justiça? O tempo é seu; e prometeu-nos tanto! Deixa-o agir, Renzo; e fica sabendo... fiquem sabendo todos que eu já tenho na mão um fio, para os ajudar. Por agora, não posso dizer mais nada. Amanhã não virei cá acima, tenho de ficar no convento, todo o dia, por vocês. Tu, Renzo, tenta ir ao convento; ou se, por um acaso imprevisto, não puderes mesmo, mandem um homem de confiança, um rapazinho de juízo, pelo qual eu possa mandar dizer-lhes o que for preciso. Está a escurecer; tenho de ir a correr para o convento. Fé, coragem; e adeus.

Dito isto, saiu à pressa, e foi-se embora correndo, quase saltitando, por ali abaixo naquela vereda tortuosa e pedregosa, para não chegar tarde ao convento, arriscando-se a levar uma repreensão, ou, o que para ele seria mais pesado ainda, uma penitência que o impedisse, no dia seguinte, de se encontrar pronto e expedito para o que pudesse requerer a necessidade dos seus protegidos.

– Ouvistes o que ele disse de um não sei quê... de um fio que tem, para nos ajudar? – lembrou Lucia. – Convém fiar-nos nele; é um homem que quando promete dez...

– Se não houver outra coisa... – interrompeu Agnese. – Ele devia ter falado mais claro, ou chamar-me de parte e dizer-me que coisa é essa...

– É só conversa! Mas eu acabo com isso, eu acabo com isso – interrompeu Renzo, desta vez andando de um lado para o outro do aposento, com uma voz e uma cara que não deixavam dúvidas sobre o sentido daquelas palavras.

– Oh, Renzo! – exclamou Lucia.

– O que quereis dizer? – exclamou Agnese.

– É preciso dizê-lo? Eu acabo com isso. Tenha ele cem, mil diabos na alma, afinal é também de carne e osso...

– Não, não, por amor do Céu!... – começou Lucia, mas o pranto truncou-lhe a voz.

– Não são conversas que se façam, nem a brincar – disse Agnese.

– A brincar? – gritou Renzo, parando em frente de Agnese sentada, e plantando-lhe na face dois olhos esbugalhados. A brincar? Ides ver se é a brincar.

– Oh, Renzo! – disse Lucia a custo, por entre os soluços: – Nunca vos vi assim.

– Não digais essas coisas por amor de Deus – replicou ainda ansiosa Agnese, baixando a voz. – Não vos lembrais de quantos braços tem aquele sob o seu comando? E mesmo que... Deus nos livre!... contra os pobres há sempre justiça.

– Eu é que lhe dou a justiça! Já é boa altura disso. A coisa não é fácil. Guarda-se bem, aquele cão assassino; sabe tão bem como eu em que pé estão as coisas; mas não importa. Resolução e pa-

ciência; eu é que vou libertar a aldeia: esta gente ainda me há de abençoar!... E depois, em três saltos...

O horror que Lucia sentiu com estas palavras tão claras suspendeu-lhe o pranto, e deu-lhe forças para falar. Afastando das palmas das mãos o rosto lacrimoso, disse a Renzo, com voz aflita mas ao mesmo tempo resoluta:

– Então já não vos importa nada ter-me por mulher. Eu estava comprometida com um jovem que tinha temor a Deus; mas um homem que tivesse... Que estivesse seguro contra toda a justiça e toda a vingança, como se fosse o filho do rei...

– Pois bem! – bradou Renzo com uma cara mais transtornada que nunca. – Não vos terei, mas ele também não vos terá. Eu aqui sem você e ele em casa do...

– Ah não! Por favor, não digais isso, não façais esses olhos; não, não posso ver-vos assim – exclamou Lucia, chorando, suplicando, de mãos postas, enquanto Agnese chamava e tornava a chamar o jovem pelo nome, e lhe tocava os ombros, os braços, as mãos, para o acalmar. Ele ficou algum tempo imóvel e pensativo, a contemplar aquele rosto suplicante de Lucia; a seguir, de repente, olhou-a com ar turvo, recuou, estendeu o braço e o indicador para ela, e gritou: – Esta, sim, ele quer esta. Tem de morrer!

– E que mal vos fiz eu, para me matardes? – disse Lucia, ajoelhando-se à sua frente.

– Vós! – respondeu, com uma voz que exprimia uma ira bem diferente, mas ira na mesma. – Vós! Como gostais de mim? Que

prova me destes? Eu não vos pedi, pedi, e tornei a pedir? E vós: Não! Não!

– Sim, sim – respondeu precipitadamente Lucia. – Irei ter com o cura, amanhã, agora mesmo, se quiserdes; irei. Voltai a ser quem éreis antes, que eu irei.

– Prometeis-mo? – disse Renzo, com uma voz e uma cara que num instante se tornaram mais humanas.

– Prometo.

– Prometestes-mo.

– Louvado seja Deus! – exclamou Agnese, duplamente satisfeita.

No meio daquela sua grande cólera, Renzo terá pensado no proveito que poderia ter ele com o susto de Lucia? E não teria usado de um certo artifício para o fazer crescer, para o fazer dar frutos? O nosso autor protesta que não sabe nada disso; e eu creio que talvez nem Renzo o soubesse bem. A verdade é que estava realmente furioso contra Dom Rodrigo, e que ansiava ardentemente pelo consentimento de Lucia, e quando duas paixões fortes barafustam uma com a outra dentro do coração de um homem, ninguém, nem sequer o paciente, consegue sempre distinguir claramente uma voz da outra, e dizer com certeza qual é a que predomina.

– Eu prometi-vos – respondeu Lucia, num tom de censura tímido e afetuoso. – Mas vós também tínheis prometido não armar escândalos, e ater-vos ao padre...

– Ora essa! Por amor de quem é que me dão as fúrias? Quereis voltar atrás agora? E levar-me a cometer um despropósito?

– Não, não – disse Lucia, começando a assustar-se outra vez. – Prometi, e não falto à palavra. Mas vede bem como me fizestes prometer. Deus queira que não...

– Porque vos pondes a fazer maus agoiros, Lucia? Deus sabe que não fazemos mal a ninguém.

– Prometei-me ao menos que esta será a última.

– Prometo, como boa pessoa que sou.

– Mas desta vez, depois mantereis a palavra dada – disse Agnese.

Outra coisa confessa aqui o autor que não sabe: se Lucia, em

tudo e por tudo, estaria descontente por ter sido forçada a consentir. Como ele, nós deixamos a questão na dúvida.

Renzo desejaria prolongar a conversa, e combinar em pormenor o que se devia fazer no dia seguinte; mas era já de noite, e as mulheres despediram-se, não lhes parecendo coisa conveniente que, àquela hora, ele se detivesse ali mais tempo.

A noite porém foi tão boa para todos os três como só pode ser a que se sucede a um dia cheio de agitação e de problemas, e que antecede um destinado a uma empresa importante, e de resultado incerto. Renzo apareceu muito cedo e combinou com as mulheres, ou antes, com Agnese, a grande operação dessa tarde, propondo e resolvendo dificuldades, prevenindo contratemplos, recomeçando, ora com uma ora com outra, a descrever a ação, como se contaria uma coisa já feita. Lucia ia ouvindo; e, sem aprovar com palavras o que não podia aprovar no seu coração, prometia fazer o melhor de quanto fosse capaz.

– Ireis ao convento falar com o padre Cristoforo, como ele vos disse ontem à noite? – perguntou Agnese a Renzo.

– Era o que faltava! – respondeu este. – Bem sabe que diabo de olhos tem o padre: havia de me ler na cara, como num livro, que há qualquer coisa no ar; e se começasse a fazer-me perguntas, eu nunca me sairia bem. E depois tenho de ficar aqui, para acudir ao negócio. Será melhor serdes vós a mandar lá alguém.

– Mandarei Menico.

– Está bem – respondeu Renzo; e saiu, para acudir ao negócio, como tinha dito.

Agnese foi a uma casa vizinha, em busca de Menico, que era um rapazito de cerca de doze anos, um bocado esperto, e que, por via de primos e de cunhados, ainda acabava por ser sobrinho afastado dela. Pediu-o aos pais, como que de empréstimo, por aquele dia todo: – Para um certo serviço – disse. Conseguindo-o, levou-o para a sua cozinha, deu-lhe de comer, e disse-lhe que fosse a Pesca-renico, ter com o padre Cristoforo, aquele belo velho, tu bem sabes, de barbas brancas, aquele a quem chamam santo...

– Já percebi – disse Menico. – Aquele que nos acaricia sempre, a nós pequenos, e de vez em quando nos dá algum santinho.

– Esse mesmo, Menico. E se ele te disser que esperes um boca-

dinho, ali ao pé do convento, não te afastes; tem cuidado, não vás com os teus companheiros ao lago ver pescar, nem brincar com as redes a secar penduradas na parede, nem pregar alguma das tuas partidas do costume...

É preciso dizer que Menico era ótimo a fazer ricochetes na água; e é sabido que todos, grandes e pequenos, fazemos de boa vontade as coisas para que temos habilidade; e não só essas.

– Ora, tia, já não sou nenhum garotinho.

– Está bem, tem juízo; e quando tornares com a resposta... olha; estes belos meios-patacos novos, são para ti.

– Dê-mos já, que é o mesmo.

– Não, não, que ias já gastá-los. Vai lá, e porta-te bem, que podes ganhar mais alguns.

No resto daquela longa manhã, viram-se certas novidades que levantaram muitas suspeitas no espírito já conturbado das duas mulheres. Um mendigo, nem combalido nem esfarrapado como os seus iguais, e com certo não sei quê de obscuro e de sinistro no semblante, entrou pela casa a pedir esmola, dando aqui e ali certas olhadelas de espião. Deram-lhe um pedaço de pão, que ele recebeu e largou com mal dissimulada indiferença. Deixou-se ficar depois, com um certo descaramento, mas ao mesmo tempo com hesitação,

fazendo muitas perguntas, a que Agnese se apressou a dizer sempre o contrário do que era. Movendo-se como para se ir embora, fingiu enganar-se na porta, entrou pela que dava para a escada e deitou-lhe outra olhadela apressada, conforme pôde. Quando gritaram atrás dele: – Eh! Eh! Aonde é que vai, homem de Deus? Por aqui! Por aqui! – ele voltou para trás e saiu pela porta que lhe era indicada, pedindo desculpa com uma submissa obediência, uma humildade afetada, que custava a ajustar-se às feições duras daquela cara. Depois desta, continuaram a surgir, de tempos a tempos, outras estranhas figuras. Que raça de homens era, não se podia dizê-lo com facilidade, mas também não se podia acreditar que fossem os honestos viandantes que pretendiam parecer. Um entrava com o pretexto de que lhe ensinasse o caminho; outros, ao passarem diante da porta, abrandavam o passo e fitavam de soslaio o quarto, através do quintal, como quem quer ver sem despertar suspeitas. Finalmente, pelo meio-dia, aquela fastidiosa procição acabou. Agnese levantava-se de vez em quando, atravessava o quintal, assomava à porta da rua, olhava para a direita e para a esquerda, e voltava dizendo: – Ninguém – palavra que proferia com prazer, e que Lucia com prazer ouvia, sem que nem uma nem outra soubessem muito claramente o porquê. Mas permaneceu em ambas não sei que inquietação, que lhes tirou, principalmente à filha, uma grande parte da coragem que tinham guardado de reserva para a tarde.

Contudo, é conveniente que o leitor fique a saber qualquer coisa mais precisa acerca daqueles misteriosos desfilantes; e para o informar de tudo temos de dar um passo atrás e ir ter de novo com Dom Rodrigo, que deixámos ontem, sozinho, numa sala do seu palacete, à partida do padre Cristoforo.

Dom Rodrigo, como dissemos, para trás e para a frente, com longos passos, media aquela sala, em cujas paredes estavam pendurados retratos da família, de várias gerações. Quando chegava diante de uma parede e se voltava, via na sua frente um seu antepassado guerreiro, terror dos inimigos e dos seus soldados, de turva catadura, com o cabelo curto e espetado, de bigodes esticados e em ponta, que sobressaíam das bochechas, com o queixo oblíquo; de pé, muito direito o herói, com perneiras, coxais, cou-

raça, braçais e luvas, tudo de ferro; com a direita no flanco, e a esquerda no punho da espada. Dom Rodrigo olhava para ele; e quando lhe chegava debaixo, e se voltava, ei-lo cara a cara com outro antepassado, magistrado, terror dos litigantes e dos advogados, sentado numa grande poltrona forrada de veludo vermelho, envolto numa ampla toga preta; tudo preto, salvo uma gola branca com duas largas tiras e uma pele de marta do avesso (era o distintivo dos senadores, e só o usavam no inverno, razão pela qual jamais se verá um retrato de senador vestido de verão); macilento, de sobrolho franzido; tinha na mão uma petição, e parecia dizer: veremos. Do lado de cá, uma matrona, terror das suas criadas; no de lá, um abade, terror dos seus monges: resumindo, tudo gente que tinha inspirado terror, e ainda o inspirava do alto das telas. Na presença de tais recordações, Dom Rodrigo mais se enfurecia e se envergonhava, e menos se podia conformar que um frade tivesse a ousadia de o enfrentar, com a prosopopeia de Natan. Formava um projeto de vingança, abandonava-o, pensava como satisfazer ao mesmo tempo a paixão e aquilo a que chamava honra; e por vezes (vejam bem!) ouvindo assobiar-lhe ainda aos ouvidos aquele exórdio de profecia, sentia, como se costuma dizer, darem-lhe calafrios, e quase se dispunha a renunciar ao pensamento das duas satisfações. Finalmente, para fazer alguma coisa, chamou um criado, e ordenou-lhe que o desculpasse perante as visitas, dizendo que tinha ficado retido por uns afazeres urgentes. Quando aquele tornou para dizer que os senhores se tinham ido embora, deixando os seus respeitos:

– E o conde Attilio? – perguntou, sem nunca parar, Dom Rodrigo.

– Saiu com aqueles senhores, ilustríssimo.

– Bem: seis pessoas de séquito para o passeio, já. A espada, a capa, o chapéu, já.

O criado saiu, respondendo com uma vénia; e pouco depois voltou, trazendo a rica espada, que o patrão cingiu; a capa, que atirou por cima do ombro; o chapéu de grandes plumas que colocou e, com um golpe de mão, enterrou altivamente na cabeça, sinal de procela marinha. Pôs-se em movimento e, à porta, encontrou os seis patifes, todos armados e que, abrindo alas e inclinando-se à

sua passagem, seguiram atrás dele. Mais severo, mais arrogante e mais carrancudo que de costume, saiu, e foi passeando na direção de Lecco. Os camponeses e os artesãos, ao vê-lo surgir, retiravam-se encostando-se à parede, e daí tiravam os chapéus e faziam profundas reverências, a que ele não respondia. Como inferiores, perante ele também se inclinavam numa vénia os que por estes eram chamados senhores; porque, naquelas redondezas, não havia ninguém que pudesse, nem a mil milhas de distância, competir com ele em nome, em riquezas, em relações, e na vontade de se servir de tudo isto para se colocar acima dos outros. E a estes correspondia com uma arrogante complacência. Nesse dia não aconteceu, mas quando acontecia encontrar-se com o senhor castelão espanhol, a vénia então era igualmente profunda de ambas as partes; a coisa era como entre dois potentados que não tenham nada a compartilhar entre si; mas por conveniência honravam a condição um do outro. Para passar o enfado, e para contrapor à imagem do frade que lhe assediava a fantasia, imagens totalmente diferentes, nesse dia Dom Rodrigo entrou numa casa aonde costumava ir muita gente, e em que foi recebido com aquela cordialidade ansiosa e ao mesmo tempo respeitosa que se reserva aos homens que se fazem ou muito amar ou muito temer; e já noite escura, regressou ao seu palacete. O conde Attilio também voltava nesse momento; e foi posta a mesa com a ceia, durante a qual Dom Rodrigo esteve sempre pensativo, e falou pouco.

– Primo, quando me pagais aquela aposta? – disse com ar malicioso e trocista o conde Attilio assim que os criados levantaram a mesa e se foram embora.

– O São Martinho ainda não passou.

– Mais vale pagá-la já; porque hão de passar os santos todos do lunário antes que...

– Isso é o que está para se ver.

– Meu primo, estais a armar-vos em político; mas eu já percebi tudo, e tenho tanta certeza de que ganharei a aposta que estou pronto para fazer outra.

– Ouçamos.

– Que o padre... o padre... sei lá, em suma, aquele padre vos converteu.

– Outra das vossas.

– Converteu-vos, primo, pois converteu, é o que vos digo. E eu, cá por mim, fico contente com isso. Sabei que vai ser um belo espetáculo, ver-vos todo compungido, e de olhos no chão! E que glória para aquele padre! Como irá voltar para casa todo inchado de orgulho e vaidoso! Não é peixe que se apanhe todos os dias, nem com todas as redes. Ficai certo de que ele vos tomará como exemplo; e quando for fazer qualquer missão um pouco mais longe, contará a sua história. Já me parece ouvi-lo.

E aqui, falando pelo nariz, e acompanhando as palavras com gestos caricatos, prosseguiu, em tom de prédica:

– Numa parte deste mundo, que por dignos respeitos não nomeio, vivia, meus ouvintes muito queridos, e vive ainda, um cavaleiro dissoluto, mais amigo das mulheres do que dos homens de bem, o qual, acostumado a fazer de cada erva um molho, pusera os olhos...

– Basta, basta! – interrompeu Dom Rodrigo, meio risonho e meio aborrecido. – Se quiserdes redobrar a aposta, também estou pronto.

– Diabos! Querem ver que fostes vós a converter o padre!

– Não me faleis mais desse fulano; quanto à aposta, São Martinho decidirá.

A curiosidade do conde com isto ficou aguçada: não o poupou a interrogações, mas Dom Rodrigo soube contorná-las a todas, remetendo-se sempre para o dia da decisão, e não querendo comunicar à parte adversária desígnios que não estavam encaminhados, nem absolutamente fixados.

Na manhã seguinte, Dom Rodrigo despertou, sendo o Dom Rodrigo de sempre. A apreensão que aquele *virá um dia* lhe deixara no corpo, havia-se desvanecido de todo, com os sonhos da noite; e só lhe restava a raiva, exacerbada pela vergonha daquela fraqueza passageira. As imagens mais recentes do passeio triunfal, das vénias, dos acolhimentos, e as troças do primo, bastante contribuíram para lhe devolver o ânimo antigo. Mal se levantou, mandou chamar o Griso. «Coisa grossa» pensou para consigo o criado a quem foi dada a ordem; porque o homem que tinha aquela alcunha não era nada menos que o chefe dos bravos, aquele

a quem eram impostas as empresas mais arriscadas e mais iníquas, o fidelíssimo do seu amo, o homem todo seu, por gratidão e por interesse. Depois de ter matado um homem, de dia, no meio da praça, fora implorar a proteção de Dom Rodrigo; e este, vestindo-o com a libré da sua casa, pusera-o a coberto de qualquer investigação da justiça. Assim, era empenhando-se a cada crime que lhe fosse encomendado, que ele assegurava a impunidade do primeiro. Para Dom Rodrigo, a aquisição não fora de pequena importância; porque o Griso, sendo sem comparação o mais valente da família, era também uma prova do que o seu patrão pudera atentar com sucesso contra as leis; de modo que o seu poder fora com isso engrandecido, de facto e junto da opinião pública.

– Griso! – disse Dom Rodrigo. – Nesta conjuntura é que vais mostrar o que vales. Antes de amanhã, essa tal Lucia tem de estar neste palácio.

– Nunca se há de dizer que o Griso voltou atrás num comando do ilustríssimo senhor meu amo.

– Pega nos homens que te possam ser precisos, manda e dispõe como achares melhor; desde que a coisa chegue a bom fim. Mas tem cuidado sobretudo para que a ela não façam nenhum mal.

– Senhor, um certo susto, para que ela não faça muito barulho... não se pode fazer por menos.

– Sustos... compreendo... é inevitável. Mas não lhe toquem nem num cabelo, e sobretudo, que lhe tenham respeito de todas as maneiras. Percebeste?

– Senhor, não se pode tirar uma flor da planta, e trazê-la a vossa senhoria, sem lhe tocar. Mas não se fará mais do que o puro necessário.

– Fica sob tua garantia. E... como farás?

– Estava a pensar nisso, senhor. Temos sorte porque a casa fica ao fundo da aldeia. Precisamos de um lugar onde possamos postar-nos de atalaia; e justamente a pouca distância dali há aquele casebre isolado no meio dos campos e que está desabitado, aquela casa... vossa senhoria não deve saber destas coisas... uma casa que ardeu, há poucos anos, e não tiveram dinheiro para a reconstruir, e então abandonaram-na, e agora só lá vão as bruxas; mas não é sábado, e eu até me rio dessas coisas. Estes aldeãos, que

são cheios de credices, não se atreveriam a passar por lá em nenhuma noite da semana, nem por todo o ouro do mundo; de modo que podemos lá ficar, com a certeza de que ninguém virá estragar-nos a festa.

– Está bem; e depois?

Aqui, o Griso a propor, Dom Rodrigo a discutir, até que concordaram na maneira de levar a cabo a empresa, sem deixar vestígios dos seus autores, e também na maneira de desviar, com falsos indícios, as suspeitas para outro lado, de impor silêncio à pobre Agnese, de inculcar a Renzo um pavor tal que lhe fizesse passar a dor, bem como a ideia de recorrer à justiça, e também a vontade de se queixar; e em todas as outras malfeitorias necessárias para o sucesso da malfeitoria principal. Passemos adiante sem referir essas combinações, porque, como o leitor verá, não são necessárias à inteligência da história; e também nós ficamos satisfeitos por não o deter mais longamente a ouvir parlamentarem esses dois odiosos tratantes. Basta dizer que, quando o Griso se afastava para deitar mãos à obra, Dom Rodrigo tornou a chamá-lo e disse-lhe: – Ouve, se por acaso aquele labrego temerário vos cair nas unhas esta tarde, não será mau dar-lhe antecipadamente uma bela lembrança nas costas. Assim a ordem que lhe for intimada amanhã de ficar calado mais seguramente obterá efeito. Mas não andeis à procura dele, para não prejudicar o que mais nos importa: tu percebes.

– Deixai o assunto comigo – respondeu o Griso, inclinando-se com um gesto de obséquio e fanfarronice; e foi-se embora.

A manhã foi gasta em circuitos de reconhecimento da aldeia. Esse falso mendigo que daquela maneira se introduzira na pobre casita, não era senão o Griso, que viera fixar de olho a sua planta; os falsos viandantes eram seus cúmplices, aos quais, por atuarem sob as suas ordens, bastava uma visão mais superficial do lugar. E, feito o reconhecimento, não se tinham mostrado mais, para não levantarem demasiadas suspeitas.

Tendo voltado todos ao palacete, o Griso prestou contas, e traçou definitivamente o projeto da empresa: distribuiu as tarefas, deu instruções. Não se podia fazer tudo isto sem que aquele velho criado, que andava de olhos bem abertos e orelhas esticadas, se

apercebesse de que se maquinava alguma coisa grande. À força de andar com atenção e fazer perguntas, apanhando meia notícia aqui, outra meia acolá, comentando para consigo uma palavra obscura, interpretando um andar misterioso, tanto fez que se lhe tornou claro o que se devia executar nessa noite. Mas quando o conseguiu, para ela pouco faltava, e já uma pequena vanguarda de bravos fora emboscar-se naquele casebre derrocado. O pobre velho, embora pressentisse bem como era perigoso o jogo em que se metia, e também tivesse medo de levar o seu socorro de última hora, não quis porém faltar: saiu, com a desculpa de ir apanhar ar, e encaminhou-se com grande pressa para o convento, para dar ao padre Cristoforo o aviso prometido. Pouco depois, moveram-se os outros bravos, e desceram dispersos, para não parecerem um bando; o Griso veio depois; e para trás só ficou uma liteira, que devia ser levada para o casebre já noite cerrada, como foi feito. Reunindo-se todos naquele lugar, o Griso expediu três deles à estalagem do lugarejo: um para se colocar à porta observando o que se passava na rua, e aguardar até que todos os habitantes se tivessem recolhido; os outros dois para ficarem dentro da estalagem, a jogar e a beber, como diletantes; e entretanto atendessem a espionar, se algo a espionar houvesse. Ele, com o grosso da tropa, ficou emboscado à espera.

O pobre velho ainda trotava, os três exploradores chegaram ao seu posto e o sol tombava, quando Renzo entrou em casa das duas mulheres, e disse: – Tonio e Gervaso estão lá fora à minha espera; eu vou com eles à estalagem comer qualquer coisa; e quando bater a ave-maria viremos buscá-las. Vá, coragem, Lucia! Tudo depende de um momento.

Lucia suspirou e repetiu: – Coragem... – com uma voz que desmentia a palavra.

Quando Renzo e os dois companheiros chegaram à estalagem, encontraram lá aquele tal já de plantão à porta da qual obstruía meio vão apoiando as costas numa das portadas, de braços cruzados sobre o peito, e olhava para a direita e para a esquerda, fazendo relampejar, ora o branco ora o preto de dois olhos felinos. Um gorro chato de veludo carmesim, enfiado torto, cobria-lhe metade do topete, que, dividindo-se sobre uma testa escura rodava, para

um lado e para o outro, por baixo das orelhas, e terminava em tranças, presas com um pente na nuca. Trazia suspenso na mão um grosso cacete; armas, propriamente, não as tinha à vista; mas bastava olhar-lhe para a cara: até uma criancinha pensaria que devia trazer escondidas todas as que lhe coubessem por baixo da roupa. Quando Renzo, que vinha à frente dos outros, ali chegou para entrar, ele, sem se desviar, olhou-o fixamente. Mas o jovem, com a intenção de evitar toda a questão, como costuma fazer quem tem entre mãos uma empresa escabrosa, não deu sinal de ter reparado, nem sequer disse «chegue-se para lá», e, encostando-se à outra portada, passando de viés, com o flanco à frente, pela abertura deixada por aquela cariátide. Os dois companheiros tiveram de fazer a mesma evolução, se quiseram entrar. Depois de entrarem, viram os outros, cujas vozes já tinham escutado, isto é, aqueles dois valentões que, sentados a um canto da mesa, jogavam à moeda, gritando os dois ao mesmo tempo (aí, é o jogo que o exige), e bebendo ora um, ora outro, de um garrafão que estava ao meio deles. Estes também olharam fixamente para a nova companhia; e um dos dois especialmente, pondo uma das mãos no ar com três dedos tesos e alargados, e com a boca ainda aberta pela articulação de um sonoro «seis» que proferira naquele momento, mediu Renzo da cabeça aos pés; depois piscou o olho ao companheiro e a seguir ao da entrada, que respondeu com um aceno da

cabeça. Renzo, intrigado e incerto, olhava para os seus dois convidados, como se quisesse procurar no aspeto deles uma interpretação de todos aqueles sinais: mas o aspeto destes não indicava senão um bom apetite. O estalajadeiro olhou-o cara a cara, como que à espera das ordens; Renzo fê-lo ir consigo a um compartimento próximo, e mandou vir a ceia.

– Quem são aqueles forasteiros? – perguntou-lhe depois em voz baixa, quando ele voltou, com uma toalha grosseira debaixo do braço, e uma garrafa na mão.

– Não os conheço – respondeu o estalajadeiro, desdobrando a toalha.

– Como? Nem um só?

– Deve saber o senhor – respondeu ele ainda, esticando a toalha sobre a mesa com ambas as mãos – que a primeira regra do nosso ofício é não querer saber da vida dos outros, de modo que nem sequer as nossas mulheres são curiosas. Estávamos bem aviados, com tanta gente a entrar e sair: é sempre como um porto de mar; quando as colheitas são razoáveis, quero dizer; mas alegremo-nos, que há de tornar o bom tempo. A mim basta-me que os meus clientes sejam homens de bem: depois, quem são eles ou quem não são, não me importa. E agora vou trazer-lhes um prato de almôndegas como nunca comeram outras parecidas.

– Como pode saber... – insistiu Renzo, mas o estalajadeiro, tendo-se já dirigido para a cozinha, prosseguiu o seu caminho. E ali, enquanto pegava na frigideira, dele se aproximou de mansinho das ditas almôndegas o mesmo valentão que havia esquadrinhado o nosso jovem, e disse-lhe baixinho:

– Quem são este indivíduos?

– Boa gente cá da terra – respondeu o estalajadeiro, despejando as almôndegas no prato.

– Está bem, mas como se chamam? Quem são eles? – insistiu aquele, com voz um tanto grosseira.

– Um chama-se Renzo – respondeu o estalajadeiro, também em voz baixa. – É um bom moço, ajuizado; fiandeiro de seda, que sabe bem do seu ofício, O outro é um aldeão que tem o nome de Tonio: bom compincha, alegre; é pena que tenha pouco dinheiro, que o gastaria todo aqui. O outro é um idiota, mas que come com

gosto quando lho dão. Com licença. E, com uma pirueta, saiu por entre o forno e o interlocutor, e foi levar o prato a quem devia.

– Como pode saber – recomeçou Renzo quando o viu reaparecer – que são homens de bem, se não os conhece?

– Pelas ações, meu caro; o homem conhece-se pelas ações. Os que bebem o vinho sem criticar, que pagam a conta sem refilar, que não armam brigas com os outros fregueses, e se têm uma facada a dar em alguém, vão esperá-lo lá fora, e longe da estalagem, de modo que o pobre estalajadeiro não se veja implicado no caso, esses são os homens de bem. Mas se se puder conhecer a gente de bem, como nos conhecemos nós os quatro, é melhor. E por que diabo lhe deu vontade de saber tantas coisas, quando está noivo e deve ter coisas bem diferentes na cabeça? E tendo à frente essas al-môndegas que fariam ressuscitar um morto? – Assim falando, voltou para a cozinha.

O nosso autor, observando os diferentes modos que tinha este de responder às perguntas, diz que ele era um homem de feitio tal que, em todas as suas conversas, se mostrava muito amigo das pessoas honestas em geral; mas na prática usava de complacência muito maior com os que tivessem reputação e semblante de bandidos. Que carácter singular! Hem?

A ceia não foi muito alegre. Os dois convidados prefeririam

gozá-la com todo o ripanço; mas o convidante, preocupado com o que o leitor sabe, e enfadado, e também um tanto inquieto com o estranho comportamento daqueles desconhecidos, estava ansioso por se ir embora. Falava-se em voz baixa, por causa deles; e eram palavras truncadas e ditas sem vontade.

– Que coisa boa – deixou escapar com toda a ingenuidade Gervaso – Renzo querer arranjar mulher e precisar!... – Renzo fez-lhe uma cara severa.

– Vê se te calas, animal! – disse-lhe Tonio, acompanhando o epíteto com uma cotovelada. A conversa foi ficando cada vez mais fria até ao fim. Renzo, que era ultrapassado no comer e no beber, teve o cuidado de servir o vinho com discrição às duas testemunhas, de maneira a dar-lhes uma certa vivacidade, sem as fazer sair de si. Levantada a mesa e paga a conta pelo que tinha consumido menos, tiveram os três de passar diante daquelas caras, que se voltaram todas para Renzo, como quando tinha entrado. Este, poucos passos havia dado na rua, quando se voltou para trás, e viu que os dois indivíduos que ele deixara sentados na cozinha o seguiam; então parou, com os seus companheiros, como se dissesse: vejamos o que querem estes de mim. Mas os dois, quando se aperceberam de que estavam a ser observados, pararam também, e puseram-se a falar baixinho um com o outro, e voltaram para trás. Se Renzo estivesse tão perto deles que conseguisse ouvir as suas palavras, parecer-lhe-iam estranhíssimas.

– Mas sempre seria uma bela honra, sem contar com a gorjeta – dizia um dos malandrins –, se ao voltarmos ao palácio pudéssemos contar que lhe tínhamos achatado as costelas num instante, e assim feito por nós, sem que o senhor Griso estivesse aqui a mandar.

– E dar cabo do negócio principal! – respondeu o outro.

– Pronto: percebeu qualquer coisa; parou a olhar para nós. *Ih!*, se fosse mais tarde!... Voltemos para trás, para não levantar suspeitas. Vês que vem gente de todos os lados: deixemo-los ir todos para o poleiro.

Havia de facto aquele bulício, aquele zumbido que se ouve numa aldeia, ao fim do dia, e que, passados poucos momentos, dá lugar à calma solene da noite. As mulheres chegavam do campo,

carregando ao colo as crianças, e trazendo pela mão os filhos mais crescidos, aos quais mandavam dizer as devoções da noite; chegavam os homens, com as forquilhas e as enxadas ao ombro. Quando se abriam as portas das casas, viam-se tremeluzir aqui e ali os lumes acesos para as pobres ceias; ouvia-se na rua trocarem as saudações, e uma ou outra palavra, sobre a escassez da colheita, e sobre a miséria desse ano; e mais do que as palavras ouviam-se os toques medidos e sonoros do sino, que anunciava o acabar do dia. Quando Renzo viu que os dois indiscretos se tinham retirado, continuou o seu caminho pelas trevas crescentes, dando baixinho, ora uma recomendação, ora outra, e ora a um, ora ao outro irmão. Chegaram à casita de Lucia que já era noite.

Entre o primeiro pensamento de uma empresa terrível, e a execução desta (disse-o um bárbaro a quem não faltava engenho), o intervalo é um sonho, cheio de fantasmas e de terrores. Lucia estava há muitas horas na angústia de um tal sonho; e Agnese, a própria Agnese, a autora do conselho, estava muito preocupada, e só a custo encontrava palavras para animar a filha. Mas no momento do despertar, ou seja, no momento de dar início à obra, o ânimo está todo transformado. Ao terror e à coragem que dentro dele lutavam, sucedem-se outro terror e outra coragem: a empresa assoma à mente, como uma nova aparição: o que antes apavorava mais, às vezes parece facilitado de repente; às vezes aparece grande o obstáculo a que pouco se ligara; a imaginação recua atemorizada; os membros parece que se recusam a obedecer, e o coração

falta às promessas que tinha feito com maior certeza. Ao bater ligeiro de Renzo à porta, Lucia foi assaltada de tamanho terror que nesse momento resolveu sofrer tudo, ficar para sempre separada dele, em vez de executar aquela resolução; mas quando ele apareceu e disse: – Aqui estou, vamos –, quando todos se mostraram prontos a encaminharem-se, sem hesitação, para uma coisa estabelecida, irrevogável, Lucia não teve tempo nem forças para opor dificuldades, e, como que arrastada, agarrou a tremer um braço da mãe, um braço do futuro marido, e partiu com a companhia aventureira.

Muito caladinhos, por entre as trevas, saíram de casa, e tomaram o caminho por fora da aldeia. O mais curto teria sido atravessá-la, que era a direito até casa de Dom Abbondio; mas escolheram aquela para não serem vistos. Por azinhagas, por entre as hortas e os campos, chegaram perto daquela casa, e aí separaram-se. Os dois noivos ficaram escondidos atrás de um recanto dessa; Agnese com eles, porém um pouco mais adiante, para acorrer a tempo de deter Perpetua, e apoderar-se dela; Tonio, com o idiota do Gervaso, que não sabia fazer nada por si, e sem o qual nada se podia fazer, apresentaram-se audaciosamente à porta e bateram.

– Quem é, a esta hora? – gritou uma voz pela janela, que se abriu naquele momento. Era a voz de Perpetua. – Doentes não há, que eu saiba. Tinha acontecido alguma desgraça?

– Sou eu – respondeu Tonio – com o meu irmão, que precisamos de falar com o senhor cura.

– E isto são horas de cristãos? – disse bruscamente Perpetua. – Que abuso. Voltai amanhã.

– Escutai: eu voltarei ou não voltarei; recebi não sei que dinheiro, e vinha pagar aquela dividazinha que vós sabeis; tinha aqui vinte e cinco belas berlingas novinhas; mas já que não pode ser, paciência: estas já sei eu como gastá-las, e voltarei quando tiver juntado mais outras.

– Esperai, esperai, vou já. Mas porque é que vindes a esta hora?

– Também só o recebi há pouco; e como vos digo, pensei que, se o tiver a dormir comigo, não sei de que opinião estarei amanhã

de manhã. Mas se a hora não vos agrada, não sei o que dizer; cá por mim, estou aqui; e se não me quiserdes, vou-me embora.

– Não, não, esperai um momento; volto já com a resposta. – Assim falando, fechou a janela. Nessa altura, Agnese separou-se dos noivos, dizendo baixinho a Lucia: – Coragem, é um momento: é como ir tirar um dente –, e juntou-se aos dois irmãos, diante da entrada; e pôs-se a tagarelar com Tonio de maneira que Perpetua, ao vir abrir a porta, devesse acreditar que ela se encontrava ali por acaso, e que Tonio a detivera por uns instantes.

CAPÍTULO VIII

«**C**ARNÉADES! QUEM SERIA ESTE?» RUMINAVA PARA CONSIGO Dom Abbondio sentado no seu cadeirão, numa sala do andar de cima, com um livrinho aberto à frente, quando entrou Perpetua para lhe dar o recado. «*Carnéades!* Este nome parece-me que já o li ou ouvi; devia ser um homem de estudos, um literato sabichão dos tempos antigos; é um nome desses; mas quem diabo era ele?» Entretanto o pobre homem estava longe de prever o temporal que se estava a formar por cima da sua cabeça!

É preciso dizer que Dom Abbondio gostava de ler um pouquinho todos os dias; e um cura seu vizinho, que tinha uma pequena biblioteca, emprestava-lhe um livro a seguir ao outro, o primeiro que lhe vinha parar às mãos. Aquele sobre o qual meditava nesse momento Dom Abbondio, convalescente da febre do susto, aliás mais curado (quanto à febre) do que desejava dar a entender, era um panegírico em honra de São Carlos, dito com muita ênfase, e ouvido com muita admiração na catedral de Milão, dois anos antes. Aí, o santo era comparado, pelo amor ao estudo, a Arquimedes, e até aqui Dom Abbondio não tropeçava em nada; porque

Arquimedes fez coisas tão curiosas, fez falar tanto de si, que para saber qualquer coisa dele não é necessário ter uma erudição muito vasta. Mas a seguir a Arquimedes, o orador também chamava à comparação *Carnéades*; e aí o leitor ficava encalhado. Nesse momento entrou Perpetua para anunciar a visita de Tonio.

– A esta hora? – perguntou também Don Abbondio, como era natural.

– O que quereis? Esta gente não tem juízo, mas se não o apanhardes agora...

– Sim! Se não o apanhar agora, sabe-se lá quando conseguirei apanhá-lo! Mandai-o entrar... Ei! Ei! Tendes mesmo a certeza de que é ele?

– Que diabo! – respondeu Perpetua, e desceu; abriu a porta, e disse: – Onde estais? – Apareceu Tonio; e ao mesmo tempo, avançou também Agnese, que cumprimentou Perpetua pelo nome.

– Boa noite, Agnese – disse Perpetua. – Donde se vem a esta hora?

– Venho de... – e referiu uma terreola próxima. – E se soubésseis... – prosseguiu. – Parei aqui precisamente em vossa honra.

– Oh, porquê? – perguntou Perpetua; e virando-se para os dois irmãos, disse: – Entrai também, que eu já lá vou. – E Agnese disse então:

– Porque – respondeu Agnese – uma mulher daquelas que não sabem as coisas, e só querem falar... Acreditais? Teimava em dizer que vós não estais casada com Beppe Solavelha, nem com Anselmo Boc'aberta, porque eles não vos quiseram. Eu afirmava que fostes vós que os recusastes, a um e a outro...

– É claro. Oh, que mentirosa! Que grande intrujona! Quem é ela?

– Não mo pergunteis, que eu não quero meter-me em intrigas.

– Mas ides dizer-me, tendes de mo dizer: oh, que grande mentirosa!

– Basta... mas não podeis crer como me desgostou não saber bem a história toda, para a poder desmentir.

– Vede bem como se pode inventar dessa maneira! – exclamou de novo Perpetua; e recomeçou logo: – Quanto a Beppo todos sabem, e puderam ver... Olhe. Tonio! Encoste a porta e vá su-

bindo, que eu já lá vou. – De dentro, Tonio respondeu que sim; e Perpetua continuou a sua narração apaixonada.

Em frente da porta de Dom Abbondio abria-se, entre dois casinhotos, uma vereda que, no fim daqueles, virava para um campo. Agnese para lá se encaminhou, como se quisesse retirar-se um pouco aparte, para falar mais livremente; e Perpetua atrás. Depois de virarem, e chegaram a um lugar donde já não se podia ver o que acontecia diante da casa de Dom Abbondio. Agnese tossiu com força. Era o sinal: Renzo ouviu-o, encorajou Lucia, apertando-lhe o braço; e ambos, nas pontas dos pés, avançaram rentes à parede, muito calados; chegaram à porta, empurraram-na devagarinho, silenciosos e agachados entraram no corredor, onde os dois irmãos os aguardavam. Renzo encostou de novo a porta com muito cuidado; e lá foram os quatro escada acima, não fazendo ruído nem sequer por um. Chegados ao patamar, os dois irmãos aproximaram-se da porta do quarto, que ficava ao lado da escada; os noivos colaram-se à parede.

– *Deo gratias* – disse Tonio em voz clara.

– É Tonio, hem? Entre – respondeu a voz de dentro.

O chamado abriu a porta, apenas o suficiente para poderem passar ele e o irmão, um de cada vez. A réstia de luz que saiu de repente por aquela abertura, e se desenhou no pavimento escuro do rés do chão fez estremecer Lucia, como se tivesse sido descoberta. Entrados os dois irmãos, Tonio puxou a porta atrás de si; os noivos ficaram imóveis nas trevas, de ouvidos alerta, contendo a respiração: o ruído mais forte era o martelar que fazia o pobre coração de Lucia.

Dom Abbondio, como já dissemos, estava numa velha poltrona, enrolado numa velha batina, tendo na cabeça um velho barrete de dormir, que lhe fazia de moldura em volta da face, à escassa luz de uma pequena candeia. Duas espessas madeixas de cabelo, que lhe saíam por fora do barrete, duas espessas sobrancelhas, dois grossos bigodes, uma farta pera, tudo encanecido, e esparsos por aquela face morena e rugosa, podiam parecer arbustos cobertos de neve, sobressaindo de uma escarpa ao luar.

– Ah! Ah! – foi a sua saudação, enquanto tirava os óculos e os repunha dentro do livrinho.

– Dirá o senhor cura que vim tarde – disse Tonio, inclinando-se, tal como fez, embora mais desajeitadamente, Gervaso.

– Sem dúvida que é tarde: tarde de todas as maneiras. Não sabe que estou doente?

– Oh! lamento.

– Deve ter ouvido dizer; estou doente e não sei quando poderei aparecer... Mas porque é que trouxe consigo esse... esse rapaz?

– Para me fazer companhia, senhor cura.

– Basta, vejamos.

– São vinte e cinco berlingas novas, daquelas com o Santo Ambrósio a cavalo – disse Tonio, tirando um embrulhinho da algibeira.

– Vejamos – replicou Dom Abbondio; e pegando no embrulho, voltou a pôr os óculos, abriu-o, tirou as berlingas, contou-as, virou-as e tornou a revirá-las, achou-as sem defeito.

– Agora, senhor cura, deveis dar-me o colar da minha Tecla.

– É justo – respondeu Dom Abbondio; depois dirigiu-se para um armário, puxou do bolso uma chave e, olhando em volta, como se quisesse manter afastados o espectadores, abriu uma parte da porta do móvel, encheu a abertura com a sua pessoa, meteu a cabeça lá dentro para olhar, e um braço, para trazer o colar; pegou-lhe e, fechado o armário, entregou-o a Tonio, dizendo: – Está bem?

– Agora – disse Tonio –, tende a bondade de pôr um pouco de preto no branco.

– Ainda mais esta? – disse Dom Abbondio. – Sabem-na toda. *Ih!*, como se tornou desconfiado o mundo! Não confiais em mim?

– Como, senhor cura, se não confio? Agora estais a ser injusto comigo. Mas como o meu nome está naquele vosso livro de contas, na parte do «*Deve*»... então, já que vós tivestes o incómodo de o escrever uma vez, assim... isto há viver e morrer...

– Bem, bem – interrompeu Dom Abbondio, e resmungando puxou uma gaveta da mesinha, tirou papel, pena e tinteiro, e pôs-se a escrever, repetindo de viva voz as palavras, à medida que lhe saíam da pena. Entretanto Tonio e, a um aceno seu, Gervaso, postaram-se de pé diante da mesinha, de maneira a impedir ao escrevente a vista da porta; e, como por ócio, começaram a esfregar os pés no pavimento, para dar aos que estavam lá fora o sinal para entrarem, e para ao mesmo tempo lhes confundir o rumor das passadas. Dom Abbondio, imerso na sua escrita, não ligava a mais nada. Ao esfregar dos quatro pés, Renzo pegou no braço de Lucia, apertou-o para infundir coragem à noiva, e moveu-se puxando-a atrás dele toda trémula, pois por si mesma ela não seria capaz de ir. Entraram devagarinho, nas pontas dos pés, contendo a respiração, e esconderam-se atrás dos dois irmãos. Nessa altura, Dom Abbondio, acabando de escrever, releu atentamente, sem levantar os olhos do papel; dobrou-o em quatro, dizendo: – E agora, ficais satisfeito? – e, tirando com uma das mãos os óculos do nariz, com a outra entregou a folha de papel a Tonio, levantando a cabeça. Tonio, ao estender a mão para lhe pegar, afastou-se para um lado; a um aceno seu, Gervaso afastou-se para o outro; e no meio, como ao dividir-se um cenário, apareceram Renzo e Lucia. Dom Abbondio viu confusamente, depois viu claro, assustou-se, espantou-se, enfureceu-se, pensou até que tomou uma resolução: tudo isto no tempo que Renzo levou a dizer as palavras:

– Senhor cura, na presença destas testemunhas, esta é a minha mulher.

Os seus lábios ainda não tinham voltado ao seu lugar, que Dom Abbondio, deixando cair o papel, agarrara e levantara com a canhota a candeia e com a direita a toalha da mesinha, e, puxou-a com fúria, deitando ao chão livro, papel, tinteiro e areeiro; e, saltando por entre a poltrona e a mesinha, aproximou-se de Lucia. A pobre rapariga, com aquela sua voz suave, e então trémula, apenas pudera proferir:

– E este... – que já Dom Abbondio lhe atirara com violência a toalha sobre a cabeça e o rosto, para lhe impedir que pronunciasse a fórmula inteira. E logo a seguir, tendo deixado cair a candeia que segurava na outra mão, serviu-se também desta para a embuçar com a toalha, que quase a sufocava; e entretanto gritava com toda a força que tinha na goela:

– Perpetua! Perpetua! traição! socorro!

O pavio, que morria tombado no chão, mandava uma luz lânguida e bruxuleante sobre Lucia, a qual, de facto atordoada, não tentava sequer soltar-se, e mais pareceria uma estátua esboçada em gesso, sobre a qual o artista teria posto um pano húmido. Cessada toda a luz, Dom Abbondio largou a pobrezinha e foi procurar, às apalpadelas, a porta que dava para um compartimento interior; achou-a, entrou ali e fechou-se por dentro, gritando ainda:

– Perpetua! traição! socorro! fora desta casa! fora desta casa!

No outro aposento, era tudo uma balbúrdia: Renzo, tentando deter o cura, e remando com as mãos como se jogasse à cebra-cega, chegara até à porta, e batia, gritando:

– Abra! abra! Não faça barulho.

Lucia chamava por Renzo com voz débil e dizia, suplicando:

– Vamo-nos embora, vamo-nos embora, pelo amor de Deus.

Tonio, de gatas, ia varrendo com as mãos o pavimento, para

ver se recuperava o seu recibo. Gervaso, possesso, gritava e pulava, procurando a porta para a escada, no intento de se pôr a andar dali para fora.

No meio desta barafunda, não podemos deixar de nos determos um momento a fazer uma reflexão. Renzo, que fazia barulho de noite em casa alheia, onde se introduzira às escondidas e mantinha o próprio dono da casa assediado dentro de um quarto, tem toda a aparência de um opressor; contudo, afinal de contas era o oprimido. Dom Abbondio, apanhado de surpresa e posto em fuga, apavorado, enquanto tratava tranquilamente da sua vida, parecia a vítima; contudo, na realidade, era ele que cometia um abuso. Assim sucede muitas vezes no mundo... quero dizer, assim sucedia no século XVII.

O assediado, vendo que o inimigo não dava sinais de querer retirar-se, abriu uma janela que dava para o largo da igreja, e desatou a gritar:

– Socorro! Socorro!

Estava o mais belo luar; a sombra da igreja, e mais para fora a sombra comprida e aguda do campanário, estendia-se escura e destacada sobre o chão herboso e lúcido do largo; podia distinguir-se qualquer objeto quase como de dia. Mas até onde chegava

o olhar não havia indício de pessoa viva. Mas contíguo à parede lateral da igreja, e precisamente do lado que dava para a casa paroquial, havia um pequeno habitáculo, um cubículo escuro onde dormia o sacristão. Acordado por aquele desordenado grito, deu um salto, saiu da cama como uma fúria, abriu a portada de uma janelinha e pôs a cabeça de fora com os olhos ainda semicerrados, e disse:

– O que é?

– Corra, Ambrogio! socorro! gente em casa! – gritou-lhe Dom Abbondio.

– Vou já – respondeu ele; meteu a cabeça para dentro, fechou a sua portada e, embora meio sonolento e mais do que meio amedrontado, descobriu logo um expediente para dar mais socorro do que aquele que lhe era pedido, sem se meter ele ao barulho, fosse este qual fosse. Pega nos calções, que conservara em cima da cama; mete-os debaixo do braço, como um chapéu de gala, e desce saltando os degraus de uma escadinha de madeira; corre ao campanário, agarra a corda da mais grossa das duas sinetas que ali havia, e toca a rebate.

Tom, tom, tom, tom: os camponeses saltam ficando sentados nas camas; os rapazes deitados nos palheiros põem-se de ouvido à escuta, levantados.

– O que é? O que é? Sino a rebate! Fogo? Ladrões? Bandidos?

Muitas mulheres aconselham, imploram aos maridos que não se mexam, que deixem correr os outros, alguns levantam-se e vão à janela: os poltrões, como se se rendessem às súplicas, regressam para debaixo das cobertas; os mais curiosos e mais valentes descem a apanhar as forquilhas e os bacamartes para acorrerem ao barulho; e outros ficam a ver.

Mas antes que esses estivessem prontos, antes mesmo que estivessem bem acordados, já o ruído chegara aos ouvidos de outras pessoas que velavam, não longe, de pé estas, e vestidas: os bravos num lugar, e Agnese e Perpetua noutra.

Comecemos por dizer brevemente o que faziam aqueles, desde o momento em que os deixámos, parte no casebre e parte na estalagem. Estes três, quando viram todas as portas fechadas e a rua deserta, saíram à pressa, como se tivessem reparado que já era

tarde, e dizendo que queriam ir imediatamente para casa; deram uma volta pela aldeia, para verificar bem se já estavam todos recolhidos; e de facto não encontraram viva alma, nem ouviram o mais pequeno barulho. Passaram também, muito devagar, pela frente da nossa pobre casinha: a mais silenciosa de todas as casas, visto que já lá não estava ninguém. Foram então diretamente ao casebre e fizeram o seu relato ao senhor Griso. Logo este cobriu a cabeça com um chapelão, pôs pelos ombros uma romeira de pano encerado, pontilhada de conchas, pegou num bordão de peregrino e disse:

– Vamos como bravos: calados, e atentos às ordens.

Pôs-se a caminho em primeiro lugar, com os outros atrás; e num momento chegaram à casinha, por um caminho oposto àquele por onde tinha passado a nossa brigadazinha, ao sair também para a sua expedição. O Griso deteve a tropa a alguns passos de distância, e foi à frente sozinho para explorar, e vendo tudo deserto e tranquilo por fora, chamou dois daqueles desgraçados, deu-lhes ordem de escalamem devagar o muro que fazia a cerca do quintal e, descidos lá dentro, de se esconderem num canto, atrás de uma figueira carregada, na qual já tinha posto os olhos de manhã. Feito isto, bateu à porta devagarinho, com a intenção de se fazer passar por um peregrino perdido, que pedia guarida até ao amanhecer. Ninguém responde. Então vai chamar com mais força; nem um pio. Então vai chamar um terceiro malandrim, fá-lo descer ao quintal, como os outros dois, com a ordem de arrancar com cuidado o ferrolho, para ter livre o ingresso e a retirada. Tudo é executado com grande cautela, e com próspero sucesso. Vai chamar os outros, fá-los entrar consigo, manda-os esconder-se ao pé dos primeiros, encosta de mansinho a porta da rua, posta-lhe duas sentinelas por dentro, e vai direito à porta do andar térreo. Ali bate também, e espera: e bem podia ter ficado à espera. Muito devagar, força também esta porta; ninguém diz de dentro: «Quem está aí?», ninguém se faz ouvir: a coisa não podia correr melhor. Avante, pois: – *Psst!* – chama os da figueira, entra com eles no compartimento térreo onde, nessa manhã, tinha celeradamente mendigado aquele pedaço de pão. Tira para fora isca, pedra, fuzil e mecha, acende uma sua lanterninha, entra no outro aposento

interior, parece verificar se ali haverá alguém: não há ninguém. Torna atrás, vai à porta da escada, olha, apura o ouvido: solidão e silêncio. Deixa outras duas sentinelas no andar de baixo, manda segui-lo o cara de pau, um bravo do condado de Bérgamo, que era o único que devia ameaçar, acalmar, mandar, em suma ser o porta-voz, para que a sua linguagem pudesse fazer crer a Agnese que a expedição vinha daqueles lados. Com este ao lado e os outros atrás, sobe o Griso em surdina, maldizendo no seu coração cada degrau que rangia, cada passo daqueles malandrins que fizesse ruído. Finalmente chega lá acima. Aqui está a lebre. Empurra molemente a porta que dá para o primeiro quarto; a porta cede, faz-se uma fresta: ele põe ali os olhos; está escuro; aplica o ouvido para ver se alguém ressona, se respira, se mexe lá dentro: nada. Então, avante: põe a lanterna diante da cara, para ver sem ser visto, escancara a porta, vê uma cama; corre para ela: a cama está feita e lisa, com a ponta da coberta virada e ajeitada na cabeceira. Encolhe os ombros, volta-se para o bando, faz-lhes sinal de que vai ver no outro quarto, e que o sigam devagarinho; entra, faz as mesmas cerimónias, encontra a mesma coisa.

– Que raio é isto? – diz então. – Algum cão traidor nos denunciou? – Põem-se todos, já com menos cautela, a sondar por todos os cantos, revolvem a casa toda. Enquanto estes andam ocupados nestas operações, os dois que fazem guarda à porta da rua ouvem um pisar de passinhos apressados que rapidamente se aproximam; imaginam que quem quer que seja passará de largo; ficam quietos e, pelo sim, pelo não, põem-se alerta. De facto, as pisadas param justamente à porta. Era Menico que vinha em corrida, mandado pelo padre Cristoforo para avisar as duas mulheres que, pelo amor do céu, fugissem logo de casa e se refugiassem no convento, porque... o porquê já o sabem os leitores. Menico pega na alça do trinco para bater, e sente-o balançar-lhe na mão, despregado e desconjuntado. «O que é isto?», pensa; e empurra a porta com medo; a porta abre-se. Menico põe o pé dentro, com grande desconfiança, e sente-se imediatamente agarrado pelos braços, e ouve duas vozes baixas, uma à direita e outra à esquerda, que dizem, em tom ameaçador:

– Calado, senão morres!

Ele pelo contrário solta um grito; com a mão, um dos malandrins tapa-lhe a boca; o outro saca de um facalhão, para lhe meter medo. O rapazinho treme como varas verdes, e nem sequer tenta gritar; mas de repente, em vez dele, e com bem outro tom, faz-se ouvir aquele primeiro toque de sino, e depois uma tempestade de badaladas seguidas. Quem vive em pecado vive assustado, diz o provérbio milanês. A um e a outro daqueles malfeitores pareceu ouvirem naquelas badaladas o seu nome, apelido e alcunha; deixam cair os braços de Menico, retiram os deles em fúria, abrem as mãos e as bocas, olham um para o outro, e correm para dentro de casa, onde estava o grosso da companhia. Menico desatou a correr pela estrada fora, direito ao campanário, onde afinal devia estar alguém. Aos outros bandidos que revistavam a casa de alto a baixo, o terrível toque fez a mesma impressão: confundem-se, perturbam-se, chocam uns nos outros: cada um procura o caminho mais curto para chegar à porta. E, no entanto, era tudo gente batida e acostumada a enfrentar situações; mas não conseguiram permanecer firmes contra um perigo indeterminado, e que não se mostrara a certa distância, antes de os colher. Foi precisa toda a autoridade do Griso para os manter juntos, de modo que aquilo fosse uma retirada, e não uma fuga. Tal como o cão que guarda uma vara de porcos corre ora para aqui, ora para ali, atrás dos

porcos que se dispersam, pega num com os dentes por uma orelha, e o puxa para o meio da vara, empurra outro com o focinho, ladra para outro que sai da vara nesse momento; assim também o peregrino agarra pelo topete um daqueles que já chegava à soleira da porta e puxa-o para trás; empurra com o bordão a repelir um e mais outro que se dirigiam para esse lado; grita aos outros que correm para cá e para lá, sem saber para onde; até que os reuniu a todos no meio do quintalinho.

– Depressa, depressa! Pistolas na mão, facas preparadas, todos juntos; e depois, vá de sair; é assim que se vai. Quem querem que nos toque, se formos todos juntos, seus trapalhões? Mas se nos deixarmos apanhar um a um, até os vilões nos darão pancada. Vergonha! Atrás de mim, e unidos!

Após esta breve arenga, pôs-se a frente, e foi o primeiro a sair. A casa, como já dissemos, ficava ao fundo da aldeia; o Griso tomou o caminho que levava para fora, e todos foram atrás dele em boa ordem.

Deixemo-los ir, e vamos dar um passo atrás para vermos Agnese e Perpetua, que deixámos numa certa ruela... Agnese tentara afastar a outra da casa de Don Abbondio, o mais que fosse possível; e até um certo ponto, tudo tinha corrido bem. Mas de repente a criada lembrou-se da porta que ficara aberta, e quis voltar para trás. Não havia nada a dizer; para não lhe despertar qualquer suspeita, tivera de voltar com ela, tentando porém retê-la, sempre que a via bem a ferver com a narração daqueles casamentos falhados. Fingia ser toda ouvidos para ela, e de vez em quando, para mostrar que estava bem atenta, dizia:

– Certamente; agora percebo; está muito bem; é claro; e depois? e ele? e vossemecê? – mas entretanto mantinha outra conversa consigo mesma: «Já terão saído a esta hora? Ainda estarão lá dentro? Como somos palermas, nós os três, por não combinarmos um sinal qualquer, para me avisarem, quando a coisa estivesse pronta! Foi mesmo asneira! Mas o que está feito está feito: agora não há remédio senão entreter aqui esta mulher o mais possível: na pior das hipóteses, será um pedaço de tempo perdido.» Assim, correndo e parando aos bocadinhos, tinham regressado a curta distância da casa de Dom Abbondio, a qual, contudo, não viam de-

vido àquela esquina; e Perpetua, achando-se num ponto importante do relato, deixara-se deter sem opor resistência, antes mesmo sem o notar, quando de repente se ouviu ribombar do alto, no vão imóvel do ar, no amplo silêncio da noite, aquele primeiro desvairado grito de Dom Abbondio:

– Socorro! Socorro!

– Misericórdia! O que terá sido? – gritou Perpetua, e quis correr.

– O que foi? O que foi? – disse Agnese, segurando-a pela combinação.

– Misericórdia! Não ouviu? – replicou aquela, soltando-se.

– O que foi? O que foi? – repetiu Agnese, agarrando-a por um braço.

– O diabo da mulher! – exclamou Perpetua, empurrando-a para se pôr em liberdade; e desatou a correr. Quando, mais longínquo, mais agudo, mais espontâneo, se ouviu o grito de Menico.

– Misericórdia! – grita Agnese também; e ei-la a galope atrás da outra. Ainda mal tinham levantado os calcanhares do chão quando vibrou o sino: um toque, e dois, e três, e mais teriam sido para elas como esporas, caso precisassem. Perpetua chega um momento antes da outra; enquanto quer empurrar a porta, esta escancara-

-se de dentro, e no limiar aparecem Tonio, Gervaso, Renzo e Lucia, que, achando a escada, tinham descido saltando os degraus; e ao ouvirem depois aquele terrível badalar, corriam furiosamente à toa para se porem a salvo.

– O que é? O que é? – perguntou Perpetua ofegante aos irmãos, que lhe responderam com um empurrão, e se puseram a andar dali para fora.

– E vocês! Como... O que fazem vocês aqui? – perguntou depois ao outro par, quando o reconheceu. Mas eles também saíram sem responder. Para acudir aonde maior era a necessidade, Perpetua não perguntou mais nada, apressou-se a entrar no corredor, e correu para a escada como podia fazê-lo às escuras.

Os dois noivos que continuavam prometidos acharam-se diante de Agnese, que chegava toda aflita.

– Ah! Estão aqui! – disse esta, proferindo a palavra a custo. – Como correu a coisa? O que quer dizer o sino? Parece-me ter ouvido...

– Para casa! Para casa! – disse Renzo – antes que venha gente.

E puseram-se em marcha; chega porém Menico, a correr, reconhece-os, fá-los parar e, ainda todo trémulo e com voz sumida, diz:

– Aonde vão? Para trás, para trás! Por aqui, para o convento!

– Foste tu que... – começou Agnese.

– O que há mais? – perguntou Renzo. Lucia, toda desorientada, calou-se a tremer.

– Há o diabo lá em casa – replicou Menico ofegante. – Vi-os eu, queriam matar-me; disse o padre Cristoforo; e você também, Renzo, ele disse que venham já; e depois vi-os eu; que sorte tê-los encontrado aqui a todos! Depois eu conto, quando estivermos fora daqui.

Renzo, que era de todos o que estava mais senhor da situação, pensou que, por aqui ou por ali, convinha saírem dali já, antes que acesse o povo; e que o mais seguro era fazer o que Menico aconselhava, aliás, ordenava, com a força de um apavorado. Depois, pelo caminho, e fora do perigo, poder-se-ia pedir ao rapaz uma explicação mais clara.

– Vai à frente – disse-lhe. – Vamos com ele – disse às mulheres.

Voltaram, encaminharam-se à pressa para a igreja, atravessa-

ram a praça, onde por graça do Céu não havia ainda viva alma; entraram numa ruela que havia entre a igreja e a casa de Dom Abbondio; no primeiro buraco que viram numa sebe, meteram-se por ali dentro, e ala pelos campos fora.

Ainda não se tinham afastado uns cinquenta passos, quando começou a acorrer gente à praça, e a multidão engrossava a cada momento. Olhavam para a cara uns dos outros: cada um tinha uma pergunta a fazer; nenhum, uma resposta a dar. Os primeiros a chegar correram para a porta da igreja: estava fechada. Correram ao campanário de fora, e um deles, metendo a bocas por uma janelinha, uma espécie de seteira mandou lá para dentro um:

– Que diabo há?

Quando Ambrogio ouviu uma voz conhecida, largou a corda; e assegurado pelo ruído de que acorrera muito povo, respondeu:

– Vou abrir. – Apressou-se a pôr a roupa que trouxera debaixo do braço, veio por dentro até à porta da igreja, e abriu-a.

– O que é esta barulheira toda? – O que aconteceu? – Onde está? – Quem foi?

– Como, quem foi? – disse Ambrogio, segurando com uma das mãos o batente da porta e, com a outra, a ponta da peça de roupa que tão à pressa pusera: – Como? Não sabeis? Gente em casa do senhor cura! Coragem, rapazes, socorro.

Voltam todos para aquela casa, aproximam-se em magotes, olham para cima, apuram os ouvidos: tudo quieto. Outros correm para o lado onde ficava a porta: está fechada, e não parece que tenha sido tocada. Olham também para cima: não há nenhuma janela aberta: não se ouve nenhum ruído.

– Quem está lá dentro? – *Ei, Ei!* – Senhor cura! – Senhor cura!

Dom Abbondio, que, mal deu pela fuga dos invasores, se retirou da janela tornando a fechá-la, e neste momento estava a resmungar baixinho com Perpetua, que o tinha deixado sozinho no meio daquela confusão, quando ouviu a voz do povo a chamá-lo, teve de vir outra vez à janela; e ao ver aquele grande socorro, arrempeidou-se de o ter pedido.

– O que houve? O que vos fizeram? Quem são eles? Onde estão? – gritaram-lhe cinquenta vozes ao mesmo tempo.

– Já não há ninguém; agradeço-vos muito; agora voltaí para casa.

– Mas quem foi? – Para onde foram? – O que aconteceu?

– Má gente, gente que anda por aí de noite; mas fugiram: voltaí para casa; já não há nada; fica para a próxima vez, meus filhos: agradeço-vos pelo vosso bom coração. – E dito isto retirou-se, e fechou a janela.

Aqui, uns começaram a resmungar; outros, a fazer troça; outros ainda, a praguejar; outros encolhiam os ombros e foram-se embora; quando nisto chega um todo a arfar, que só a custo conseguia articular as palavras. Morava quase em frente às duas mulheres, e, tendo assomado à janela por ocasião do barulho, vira no quintalinho aquela desordem dos bravos, quando o Griso se esforçava por reuni-los. Quando recuperou o fôlego, gritou: – O que fazeis aqui, gentes? Não é aqui que está o diabo; é lá em baixo ao fundo da estrada, na casa de Agnese Mondella: gente armada; estão lá dentro; parece que querem matar um peregrino; sabe-se lá que diabo se passa!

– O quê? – O quê? – O quê? – E começa uma consulta tumultuosa.

– Temos de ir. – Temos de ver. – Quantos são? – Quantos somos? Quem são? – O cônsul! O cônsul!

– Estou aqui – responde o cônsul, do meio da multidão. – Estou aqui; mas tendes de me ajudar, tendes de me obedecer. Depressa: onde está o sacristão? Ao sino, ao sino. Depressa: alguém que corra a Lecco buscar socorros: vinde aqui todos...

Uns acorrem, outros deslizam por entre homem e homem e escapam-se, quando chega outro, que os tinha visto partir à pressa, e grita:

– Corram, gentes; ladrões, ou bandidos a fugir levando um peregrino; estão já fora da aldeia, vamos a eles, a eles!

A este aviso, sem esperarem pelas ordens do capitão, movem-se em massa, e seguem em tropel pela estrada abaixo; à medida que o exército avança, alguns da vanguarda diminuem o passo, deixam-se ultrapassar, e entram no corpo da batalha; os últimos passam para a frente; o confuso enxame chega finalmente ao lugar indicado. Os vestígios da invasão estavam frescos e manifestos: a porta

escancarada, a fechadura despregada; mas os invasores tinham desaparecido. Entram no quintal, vão à porta do andar térreo: aberta e arrombada também; chamam:

– Agnese! Lucia! O peregrino! Onde está o peregrino? Ou foi só um sonho, Stefano, esse peregrino?

– Não, não, também o viu Carlandrea. – *Ei*, peregrino! – Agnese! Lucia!

Ninguém responde.

– Levaram-nas! Levaram-nas!

Houve então aqueles que, levantando a voz, propuseram perseguir os raptos; que seria um vergonha para a terra se qualquer tratante pudesse impunemente vir aqui levar-lhes as mulheres, como o milhafre leva os pintos de um quintal deserto. Nova consulta, mais tumultuosa; mas um (que nunca se soube muito bem quem teria sido) espalhou no bando um boato de que Agnese e Lucia se tinham refugiado numa casa. O boato correu rapidamente, e conseguiu crédito; já ninguém falou mais em dar caça aos fugitivos; e a brigada dispersou-se, indo cada um para sua casa. Foi um murmúrio de vozes, um tumulto, um bater de portas e um

abrir de portas, um aparecer e desaparecer de candeias, um interrogar de mulheres das janelas e um responder da rua. Tornando esta a ficar deserta e silenciosa, as conversas continuaram dentro das casas, e morreram nos bocejos, para recomeçarem depois pela manhã. Acontecimentos, porém, não houve mais; salvo que nessa mesma manhã o cônsul, estando no seu campo, com o queixo na mão, e o cotovelo apoiado no cabo da enxada meio enterrada no terreno, e com um pé sobre a travessa da mesma, estando, digo eu, a especular para consigo sobre os mistérios da noite passada, e sobre a dupla razão do que lhe competia fazer e do que lhe convinha fazer, viu o cônsul virem ao seu encontro dois homens de assaz galharda presença, de cabeleiras como os reis dos Francos da primeira raça, e parecidíssimos no resto com aqueles dois que cinco dias antes haviam afrontado Dom Abbondio, se é que não eram os mesmos. Estes, com modos ainda menos cerimoniais, intimaram o cônsul a ter todo o cuidado para não fazer depoimentos ao Podestade sobre o que acontecera, para não responder a verdade caso fosse interrogado, para não falar, para não fomentar as dores de cabeça, isto se queria manter a esperança de morrer mais tarde e de morte natural.

Os nossos fugitivos caminharam um bocado a bom passo, em silêncio, voltando-se ora um, ora outro, para ver se alguém os perseguia, todos em ânsias pelo cansaço da fuga, pela inquietação e por terem ficado suspensos, pelo desgosto do insucesso, pela apreensão confusa do perigo novo e obscuro. E ainda mais em ânsias os mantinha a pressão contínua daqueles toques, dos quais, pela distância, quanto mais se afastavam, mais fracos e obtusos ficavam, maior aparência de não sei quê de lúgubre e de sinistro pareciam assumir. Finalmente, cessaram. Então os fugitivos, encontrando-se num campo desabitado, e não sentindo nem um sopro à sua volta, abrandaram o passo. Agnese foi a primeira que, recuperado o fôlego, quebrou o silêncio, perguntando a Renzo como tinha corrido a coisa, perguntando a Menico o que seria aquele diabo lá em casa. Renzo contou brevemente a sua triste história; e todos os três se voltaram para o rapazinho, que repetiu mais expressamente o aviso do padre, e contou tudo o que ele mesmo tinha visto e quanto se arriscara, e que infelizmente confirmava o

aviso. Os ouvintes compreenderam mais do que Menico soubera dizer; àquela descoberta, sentiram-se arrepiar; detiveram-se os três de repente, olharam-se cara a cara, assustados; e logo, com um movimento unânime, todos os três puseram uma mão, ou na cabeça, ou nos ombros do rapaz, como que para o acariciar, para lhe agradecer tacitamente por ter sido para eles um anjo tutelar, para lhe demonstrar a compaixão que sentiam pela angústia que ele sofrera, e pelo perigo que corra para a salvação deles, e quase para lhe pedirem desculpa.

– Agora volta para casa, senão os teus sofrem por tua causa – disse Agnese; e lembrando-se das duas moedinhas prometidas, tirou quatro do bolso e deu-lhas, acrescentando: – Basta. Pede ao Senhor que voltemos a ver-nos depressa; e então...

Renzo deu-lhe uma berlinga nova, e recomendou-lhe muito que não dissesse nada do recado que lhe dera o frade; Lucia acariciou-o de novo, e despediu-se dele com voz aflita; o rapaz despediu-se de todos, enternecido; e voltou para trás. Eles retomaram o seu caminho, todos pensativos; as mulheres à frente e Renzo atrás, como que a fazer-lhes guarda. Lucia estava apertada pelo braço da mãe, e esquivava-se docemente, e com destreza, ao auxílio que o jovem lhe oferecia nas passagens difíceis daquela viagem por fora da estrada; envergonhada em si, mesmo no meio de tal turbacão de já

ter estado tão a sós com ele, e tão familiarmente, quando esperava tornar-se sua mulher daí a poucos momentos. Agora, desvanecido tão dolorosamente aquele sonho, arrependia-se de ter ido tão longe e, entre muitas razões para tremer, tremia também por aquele pudor que não nasce da triste ciência do mal, por aquele pudor que se ignora a si próprio, semelhante ao medo da criança que treme nas trevas sem saber porquê.

– E a casa? – disse de repente Agnese. Contudo, por muito importante que fosse a pergunta, ninguém respondeu, porque ninguém podia dar-lhe uma resposta satisfatória. Continuaram em silêncio a sua caminhada, e pouco depois, desembocaram finalmente na praça diante da igreja do convento.

Renzo chegou à porta e empurrou-a devagarinho. A porta de facto abriu-se; e a lua, entrando pela fresta, iluminou a face pálida e a barba de prata do padre Cristoforo, que ali estava de pé e em expectativa. Visto que não faltava ninguém: – Bendito seja Deus! – disse, e fez-lhes sinal para que entrassem. A seu lado, estava outro capuchinho; e era o leigo sacristão que, tanto com orações como com razões, ele conseguira persuadir a ficar velando com ele, a deixar semiaberta a porta, e a estar de sentinela, para receber aqueles pobres ameaçados; e precisara de toda a sua autoridade de padre e a sua fama de santo para conseguir do leigo uma condescendência incômoda, perigosa e irregular. Depois de entrarem, o padre Cristoforo tornou a fechar a porta com todas as cautelas. Então o sacristão não se conteve e, chamando aparte o padre, sussurrou-lhe ao ouvido: – Padre, padre! Mas de noite... na igreja... com mulheres... fechar... a regra... mas, padre! – E abanava a cabeça. Enquanto ele dizia a muito custo estas palavras, o padre Cristoforo pensava para consigo: «Vejam bem esta! Se fosse um salteador perseguido, frei Fazio não oporia a menor dificuldade do mundo; e uma pobre inocente, que foge das garras do lobo...» – *Omnia munda mundis* – disse a seguir, virando-se de repente para frei Fazio, e esquecendo-se de que este não entendia o latim. Mas foi precisamente esse esquecimento que teve efeito. Se o padre se tivesse posto a questionar com argumentos, a frei Fazio não faltariam outros argumentos a opor; e sabe Deus quando e como teria isto acabado. Mas ao ouvir aquelas palavras pejadas de um sen-

tido misterioso, e proferidas de modo tão resoluto, pareceu-lhe que nelas se deveria conter a solução de todas as suas dúvidas. Então tranquilizou-se, e disse: – Está bem! Disso o padre entende bem mais do que eu.

– Ficai sossegado – respondeu o padre Cristoforo; e ao incerto clarão da lamparina que ardia diante do altar, aproximou-se dos refugiados, que estavam suspensos aguardando, e disse-lhes:

– Meus filhos! Agradecei ao Senhor, que vos livrou de um grande perigo. Talvez neste momento... – E aqui pôs-se a explicar o que dera a entender pelo pequeno mensageiro: dado que não suspeitava que eles pudessem já saber mais do que ele, e supunha que Menico os tivesse ido encontrar muito tranquilos em casa, antes que chegassem os malandrins. Ninguém o desenganou, nem sequer Lucia, a qual contudo sentia um remorso secreto por tal dissimulação com tal homem; mas esta era a noite das complicações e dos subterfúgios.

– Depois disto – prosseguiu ele –, bem vedes, meus filhos, que agora esta terra para vós já não é segura. É a vossa; aqui nascestes, não fizestes mal a ninguém; mas assim quer Deus. É uma provação, meus filhos: deveis suportá-la com paciência e confiança, sem ódio, e tende a certeza de que hão de vir tempos em que vos alegrareis com o que agora vos acontece. Tratei de vos arranjar um refúgio para estes primeiros momentos. Em breve, espero, podereis

tornar a casa com toda a segurança; seja como for, Deus providenciará da melhor maneira a vosso favor; e eu decerto me esforcarei para não faltar à graça que Ele me faz, escolhendo-me para seu ministro, ao serviço de vós, seus queridos atribulados.

– Vós – continuou, dirigindo-se agora às duas mulheres – podeis ficar em ***. Ali estareis bastante longe de qualquer perigo, e ao mesmo tempo, não demasiado longe de casa. Procurai lá o nosso convento, mandai chamar o padre guardião, e entregai-lhe esta carta: nele tereis outro frei Cristoforo. E tu também, Renzo meu, por agora, deves pôr-te também a salvo da raiva dos outros, e da tua. Leva esta carta ao padre Bonaventura da Lodi, no nosso convento da Porta Oriental em Milão. Ele será para ti como um pai, irá guiar-te, arranjar-te trabalho, até que possas tornar a viver aqui sossegadamente. Ide todos à margem do lago, ao pé do desaguar do Bione. – É uma torrente a poucos passos do Pescarenico. – Aí vereis um batel parado; dizei: «Barca»; vão perguntar-vos para quem; respondei: «São Francisco.» A barca receber-vos-á, e levará até à outra margem, onde encontrareis uma carroça que vos conduzirá diretamente até ***.

Quem perguntasse como é que o padre Cristoforo tivera logo à sua disposição todos aqueles meios de transporte, por água e por terra, mostraria que não conhece qual é o poder de um capuchinho tido no conceito de santo.

Faltava tratar da custódia das casas. O padre recebeu as suas chaves, encarregando-se de as entregar a quem Renzo e Agnese lhe indicaram. Esta última, tirando a sua da algibeira, deu um grande suspiro, pensando que, naquele momento, a casa estava aberta, que tinha lá estado o diabo, e sabe-se lá o que restava para guardar!

– Antes de partirdes – disse o padre –, oremos todos juntos ao Senhor, para que esteja convosco, nesta viagem, e sempre; e sobretudo para que vos dê forças, para que vos dê amor para querer o que Ele quis.

Assim dizendo, ajoelhou-se no meio da igreja; e todos fizeram o mesmo. Depois de terem rezado alguns momentos em silêncio, o padre, em voz baixa, mas distinta, articulou estas palavras:

– Nós rogamos-te ainda por aquele infeliz que nos conduziu a este passo. Seríamos indignos da vossa misericórdia, se não vos

rogássemos do fundo do coração por ele: ele precisa tanto! Nós, na nossa atribulação, temos este conforto, de estarmos no caminho em que Vós nos pusestes; podemos oferecer-vos os nossos sofrimentos, que assim se tornam um ganho. Mas ele... é vosso inimigo. Oh, desgraçado! Compete convosco! Tende piedade dele, Senhor, tocai-lhe o coração, fazei-o vosso amigo, concedei-lhe todos os bens que nós podemos desejar para nós mesmos.

Depois levantou-se, como que à pressa, e disse:

– Vamos, meus filhos, não há tempo a perder; que Deus vos guarde, e que o seu anjo vos acompanhe: ide lá. E enquanto eles se punham a caminho, possuídos dessa comoção que não acha palavras e que se manifesta sem elas, o padre acrescentou com a voz alterada: – Diz-me o coração que nos tornaremos a ver em breve.

Claro, o coração, quem nele se fia tem sempre alguma coisa a dizer sobre o que há de vir. Mas o que sabe o coração? Apenas um pouco do que já aconteceu.

Sem esperar por resposta, frei Cristoforo dirigiu-se para a sacristia; os viandantes saíram da igreja; e frei Fazio fechou a porta, dizendo-lhes um adeus, também com a voz alterada. Eles encaminharam-se muito calados para a margem que lhes fora indicada; viram o batel pronto e, dada e respondida a palavra, entraram. O barqueiro, apoiando um remo à margem, desatracou; agarrando depois o outro remo, e vogando à força dos dois braços, fez-se ao largo, direito à praia oposta. Não soprava nem sequer uma aragem: o lago permanecia liso e plano, e pareceria imóvel se não fosse o leve tremular e o leve ondular da lua, que nele se espelhava do meio do céu. Só se ouvia o marulhar morto e lento desfazer-se no cascalho da praia, o borbotar mais distante da água quebrada pelos pilares da ponte, e o baque cadenciado dos dois remos que cortavam a superfície azul do lago, ao saírem de um só golpe, gotejantes, e mergulharem de novo. A ondulação cortada pela barca, unindo-se outra vez por detrás da popa, traçava uma risca encrespada, que se ia afastando da praia. Os passageiros, silenciosos, de cabeça voltada para trás, olhavam os montes e a aldeia iluminada pelo luar, alternando aqui e ali com grandes sombras. Distinguíam-se as aldeias, as casas, as choupanas; o palacete de Dom Rodrigo com a sua torre achatada, elevado acima dos casinhotos

amontoados na falda do promontório, parecia um ser feroz que, de pé entre as trevas, no meio de uma companhia de adormecidos, velasse meditando um crime. Lucia viu-o e teve um arrepio; com o olhar percorreu a encosta até cá abaixo à sua aldeia, olhou fixamente para a ponta, até que descobriu a sua casinha, descobriu a copa espessa da figueira que assomava por cima do muro do quintal, divisou a janela do seu quarto; e, sentada como estava no fundo da barca, pousou o braço na borda, pousou no braço a testa, como se fosse dormir, e chorou secretamente.

Adeus, montes que surgem das águas e se elevam ao céu; cumes desiguais. Conhecidos de quem nasceu entre vós, e tão impressos na sua mente quanto a figura dos seus mais íntimos; torrentes cujo fragor distingue como o som das vozes domésticas; vivendas esparsas e alvejantes na encosta, como rebanhos de ovelhas a pastar: adeus! Como é triste o passo de quem, tendo crescido entre vós, de vós se afasta! Até na fantasia daquele que parte voluntariamente, levado pela esperança de fazer fortuna noutro lugar, nesse momento desfeiam-se os sonhos das riquezas; ele espanta-se por ter podido resolver, e nesse momento tornaria atrás, se não pensasse que um dia voltará rico. Quanto mais avança pela planície, mais os seus olhos se retiram, desgostosos ou cansados, daquela amplitude uniforme; o ar parece-lhe gravoso e morto; insinua-se, triste e desatento, nas cidades tumultuosas; as casas juntas a casas, as ruas que desembocam noutras ruas, parece que lhe tiram a respiração; e perante estes edifícios admirados pelo estrangeiro, ele pensa com desejo inquieto na leira da sua aldeia, na cabana em que já pôs os olhos há muito tempo, e que comprará quando tornar rico aos seus montes.

Mas quem nunca tinha avançado para além desses nem um desejo fugitivo, quem tinha composto neles todos os desígnios do futuro, e deles é impelido para longe por uma força perversa! Quem, ao mesmo tempo separado dos mais queridos costumes, e perturbado nas mais queridas esperanças, deixa aqueles montes para seguir o rasto de desconhecidos que jamais desejou conhecer, e não pode com a imaginação chegar a um momento estabelecido para o regresso! Adeus, casa natal, onde, sentada, com um pensamento oculto, aprendeu a distinguir do ruído dos passos comuns o

rumor de um passo esperado com um misterioso temor. Adeus, casa ainda estrangeira, casa tantas vezes olhada furtivamente, de passagem, e não sem rubor; na qual a mente se imaginava a passar uma vida perpétua e tranquila de esposa. Adeus, igreja, donde a alma tornou tantas vezes serena, cantando hinos ao Senhor; onde estava prometido, preparado um rito; onde o suspiro secreto do coração devia ser solenemente abençoado, e o amor ser imposto e chamado santo; adeus! Quem vos dava tanto regozijo está em toda a parte; e jamais perturba a alegria de seus filhos senão para lhes preparar uma outra ainda mais certa e maior.

De igual género, se não iguais precisamente, eram os pensamentos de Lucia, e pouco diferentes os pensamentos dos dois outros peregrinos, enquanto a barca se aproximava da margem direita do Adda...

CAPÍTULO IX

O EMBATE QUE FEZ A BARCA CONTRA O CAIS ABANOU LUCIA que, depois de ter em segredo enxugado as lágrimas, levantou a cabeça, como se estivesse a acordar. Renzo saiu primeiro, e deu a mão a Agnese que, tendo saído também, a deu à filha; e os três agradeceram tristemente ao barqueiro...

– De quê...? – ripostou aquele. – Se cá andamos é para nos ajudarmos uns aos outros – e retirou a mão, quase enojado, como se lhe propusessem roubar, quando Renzo tentou fazer deslizar para a sua palma uma parte do dinheiro que trazia consigo, e que fora buscar nessa noite, com a intenção de o oferecer generosamente a Dom Abbondio, quando este, contra vontade, o tivesse servido.

A carroça estava ali, pronta; o condutor cumprimentou os passageiros esperados, mandou-os entrar, deu uma ordem ao animal, uma chicotada, e toca a andar.

O nosso autor não descreve esta viagem noturna, cala o nome do lugar para onde frei Cristoforo tinha enviado as duas mulheres; aliás proclama expressamente não querer dizê-lo. Pelo progredir da história descobre-se o motivo destas reticências. As aventuras de Lucia nesta estada encontram-se envolvidas numa intriga tene-

brosa de uma pessoa pertencente a uma família ao que parece muito poderosa ao tempo em que o autor escrevia. Para justificar o estranho comportamento dessa pessoa neste caso particular, ele teve a seguir de contar sucintamente os acontecimentos da sua vida antes; e a família faz aqui a figura que verá quem quiser ler. Mas o que a circunspeção do pobre homem quis subtrair-nos, as nossas diligências fizeram-no achar algures.

Um historiador milanês¹ que teve de fazer menção dessa mesma pessoa não nomeia, é verdade, nem a ela nem ao lugar; mas deste diz que era um burgo antigo e nobre, ao qual de cidade só lhe faltava o nome; noutro lugar diz que ali passa o Lambro; e noutro, que ali há um arcipreste. Do cotejo destes dados deduzimos nós que era Monza, sem dúvida. No vasto tesouro das induções eruditas, poderá havê-las realmente mais finas, contudo mais seguras não creio eu. Poderíamos também, a partir de conjeturas muito fundadas, dizer o nome da família; mas embora ela esteja extinta já há muito, parece-nos melhor deixá-lo na pena, para não nos arriscarmos a fazer mal nem sequer aos mortos, e para deixarmos aos doutos algum objeto de pesquisa.

Os nossos viajantes chegaram portanto a Monza, pouco depois do nascer do sol: o condutor entrou numa estalagem, e ali, com prática do local e conhecido do dono, fê-lo arranjar-lhes um quarto e acompanhou-os lá. No meio dos agradecimentos, Renzo tentou mesmo fazê-lo receber algum dinheiro; mas aquele, tal como o barqueiro, tinha em mira outra recompensa, mais remota, mas também mais abundante; retirou igualmente as mãos, e, como que fugindo, correu a tratar a sua alimária.

Após um serão como o que descrevemos, e uma noite como cada um pode imaginar, passada em companhia daquelas preocupações, com a incessante suspeita de qualquer encontro desagradável, ao sopro de uma brisa mais que outonal, e por entre os contínuos solavancos da incómoda viatura, que despertavam abruptamente qualquer deles mal começasse a velar-se-lhe o olho, nem queriam acreditar que se sentavam num banco que estivesse

¹ Josephi RIPAMONTII, *Historiae Patriae, Decadis V, Lib. VI, Cap. III, pp. 358 ss. (N. do A.)*.

quieto, num quarto, qualquer que ele fosse. Almoçaram conforme permitia a penúria daqueles tempos, e os escassos recursos em proporção com as contingentes necessidades de um futuro incerto, e o pouco apetite. A todos os três passou pela mente o banquete que, dois dias antes, tinham esperado fazer, e cada um deu um grande suspiro. Renzo desejaria ficar ali, pelo menos o dia inteiro, ver as mulheres instaladas, prestar-lhes os primeiros serviços; mas o padre tinha recomendado a estas que o mandassem já pelo seu caminho. Aduziram elas estas ordens, e cem outras razões, que o povo falaria, que a separação quanto mais retardada mais dolorosa, que ele poderia vir em breve dar e ouvir notícias; de modo que ele se resolveu a ir-se embora. Combinaram como puderam acerca da maneira de tornarem a encontrar-se, o mais depressa que fosse possível. Lucia não ocultou as lágrimas; Renzo conteve a custo as suas e, apertando com força a mão a Agnese, disse, em voz sufocada: – Até mais ver – e partiu.

As mulheres ter-se-iam visto bem atrapalhadas se não fosse aquele bom cocheiro, que tinha ordens para as guiar ao convento dos Capuchinhos e lhes dar qualquer outra ajuda de que pudessem necessitar. Dirigiram-se pois com ele a esse convento, o qual, como

todos sabem, ficava à distância de poucos passos de Monza. Chegados à porta, o condutor puxou a sineta e mandou chamar o padre guardião; este veio logo, e recebeu a carta à entrada.

– Oh! De frei Cristoforo! – disse, reconhecendo a letra. O tom da voz e os movimentos do rosto indicavam manifestamente que proferia o nome de um grande amigo. Assim, é de presumir que nessa carta o nosso bom Cristoforo recomendaria muito calorosamente as duas mulheres, referindo o caso delas com muito sentimento, porque de vez em quando o guardião fazia gestos de surpresa e de indignação; e, levantando os olhos da folha de papel, fitava as mulheres com certa expressão de piedade e de interesse. Quando acabou de ler, ficou um tempo a pensar, e depois disse: – Não há senão a Senhora: se a Senhora quiser encarregar-se disso...

Puxando então Agnese de parte, na praça fronteira ao convento, fez-lhe algumas perguntas, que ela satisfez; e voltando-se para Lucia disse a ambas: – Boas mulheres, vou tentar; e espero conseguir encontrar-vos um refúgio mais do que seguro, mais do que honroso, enquanto Deus não se pronunciar a vosso favor de maneira melhor. Querem vir comigo?

As mulheres acenaram respeitosamente que sim; e o frade continuou: – Muito bem; vou levar-vos ao mosteiro da Senhora. Mas ficai afastadas de mim uns passos, porque o povo gosta muito de dizer mal; e sabe Deus que belos mexericos não iriam fazer se se visse o padre guardião pelo caminho com uma bela moçoila... Com mulheres, quero dizer.

Assim falando, colocou-se à frente. Lucia corou; o carroceiro sorriu, olhando para Agnese, que não conseguiu evitar fazer o mesmo; e todos os três se puseram a caminho, quando o frade começou a andar; e seguiram-no a dez passos de distância. As mulheres perguntaram então ao cocheiro o que não se tinham atrevido a perguntar ao padre guardião: quem era aquela tal Senhora.

– A Senhora – respondeu o cocheiro – é uma freira; mas não é uma freira como as outras. Não é nem a abadessa, nem a madre prioressa; até, pelo que dizem, é uma das mais novas; mas é da costela de Adão, e os dela dos tempos antigos eram gente graúda, vinda de Espanha, donde são os que mandam; e por isso lhe chamam a Senhora, para dizerem que é uma grande senhora; e cá na

terra toda a gente a trata por esse nome, porque dizem que naquele mosteiro nunca tiveram pessoa semelhante, e os dela de agora, lá em Milão, valem muito, e são desses que têm sempre razão; e em Monza ainda mais, porque o pai dela, embora não esteja cá, é o primeiro da terra, pelo que ela também pode mandar quanto quiser no mosteiro; e até as gentes forasteiras lhe têm grande respeito; e quando aceita um compromisso, consegue também levá-lo a cabo; e por isso, se aquele bom religioso conseguir pôr-vos na sua mão e ela as aceitar, posso dizer-lhes que ficarão seguras como no altar.

Quando chegou ao pé da porta do burgo, naquela época flanqueada por um antigo torreão meio em ruínas e por um pedaço de castelo também derrocado, que talvez uns dez dos meus leitores ainda poderão lembrar-se de ter visto de pé, o guardião parou, e virou-se para ver se os outros o seguiam; depois entrou, e dirigiu-se para o mosteiro; ao chegar, parou de novo no portal, aguardando a pequena brigada. Pediu ao carroceiro que voltasse daí a umas duas horas em busca da resposta; este prometeu-o, e despediu-se das mulheres que o carregaram de agradecimentos e de recados para o padre Cristoforo. O guardião mandou entrar mãe e filha no primeiro pátio do mosteiro e introduziu-as nos aposentos da feitora; e foi sozinho pedir a graça. Passado algum tempo, reapare-

ceu todo prazenteiro, para lhes dizer que entrassem com ele; e já era tempo, porque mãe e filha já não sabiam como se podiam livrar das perguntas insistentes da feitora. Atravessando um segundo pátio, fez um ou outro aviso às mulheres sobre o modo de se portarem com a Senhora.

– Está bem disposta convosco – disse –, e pode fazer-vos todo o bem que quiser. Sede humildes e respeitadoras, respondi com sinceridade às perguntas que a Senhora achar por bem fazer-vos, e, quando não estiverdes a ser interrogadas, deixai as coisas comigo.

Entraram numa câmara no piso terreno, da qual se passava para o parlatório: antes de lá pôr o pé, o guardião, acenando para a porta, disse baixinho às duas mulheres:

– É aqui – como que para lhes lembrar todos aqueles avisos. Lucia, que nunca tinha visto um mosteiro, quando chegou ao parlatório, olhou em volta para ver onde estava a senhora a quem deveria fazer a sua vénia, e, não descobrindo ninguém, ficou como que interdita; quando, ao ver o padre e Agnese dirigirem-se para um recanto, olhou para aquele lado e viu uma janela de forma singular, com duas grossas e cerradas grades de ferro, distando um palmo uma da outra; e por detrás delas uma freira de pé. O seu aspeto, que podia demonstrar uns vinte e cinco anos, dava à primeira vista uma impressão de beleza, mas de uma beleza esbatida, fenecida, que eu quase diria desfeita. Um véu preto, suspenso e esticado horizontalmente na cabeça, caía dos dois lados, um tanto afastado do rosto; debaixo do véu, uma branquíssima faixa de linho cingia até ao meio uma fronte de diferente, mas não inferior brancura; outra faixa de pregas rodeava o rosto e terminava por baixo do queixo numa pala, que se estendia um tanto sobre o peito, cobrindo o decote de um hábito preto. Mas aquela testa franzia-se com frequência, como se tivesse uma contração dolorosa; e então aproximavam-se as duas sobranceiras negras, com um movimento rápido. Dois olhos, bem negros também, fixavam-se às vezes no rosto das pessoas, com uma expressão inquiridora soberba; outras vezes baixavam-se bruscamente, como se procurassem um esconderijo; em certos momentos, um observador atento deduziria que pediam afeto, correspondência, piedade; outras vezes, acreditaria ter captado a revelação espontânea de um ódio invete-

rado e reprimido, um não sei quê de ameaçador e de feroz; quando ficavam imóveis e fixos sem atenção; uns imaginariam ver neles a expressão de uma displicência orgulhosa, outros poderiam suspeitar o trabalho de um pensamento oculto, de uma preocupação familiar na alma, e mais forte sobre esta do que os objetos circundantes. As faces palidíssimas recortavam-se com um contorno delicado e gracioso, contudo alterado e carente por uma lenta extenuação. Os lábios, embora apenas tintos de um róseo desmaiado, sobressaíam porém naquela palidez; como o dos olhos, os seus movimentos eram instantâneos, vivos, plenos de expressão e de mistério. A grandeza bem formada da pessoa desaparecia num certo abandono do porte, ou surgia desfigurada em certos movimentos repentinos, irregulares e demasiado resolutos para uma mulher, sobretudo para uma freira. No próprio vestir havia aqui e ali qualquer coisa de estudado ou de negligenciado que denunciava uma freira muito singular: o busto estava composto com um certo cuidado mundano, e da faixa saía sobre uma das têmporas uma pequena madeixa de cabelos negros: coisa que demonstrava ou esquecimento ou desprezo da regra, que prescrevia mantê-los sempre curtos, desde que haviam sido cortados na cerimónia solene da tomada do hábito.

Estas coisas não faziam espécie às duas mulheres, inexperientes em distinguir de freira para freira; e o padre guardião, que não via a Senhora pela primeira vez, já estava habituado, como tantos outros, àquele não sei quê de estranho que transparecia tanto na sua pessoa como nas suas maneiras.

Estava ela, naquele momento, como dissemos, em pé junto da grade, com uma das mãos apoiada languidamente nesta, e os alvíssimos dedos entrelaçados nos vãos; e olhava fixamente para Lucia, que avançava hesitante.

– Reverenda madre e senhora ilustríssima – disse o guardião, de cabeça baixa e com a mão no peito –, esta é a pobre jovem em favor de quem me deu esperanças de obter a sua valiosa proteção; e esta é a mãe dela.

As duas apresentadas fizeram grandes reverências: a Senhora com a mão fez-lhes sinal de que bastava, e disse, virando-se para o padre:

– É uma sorte para mim poder fazer um favor aos nossos bons amigos padres capuchinhos. Mas – prosseguiu – contai-me um pouco mais pormenorizadamente o caso desta jovem, para ver melhor o que se pode fazer por ela.

Lucia corou, baixando a cabeça.

– Deveis saber, reverenda madre... – começou Agnese; mas, com um olhar, o guardião truncou-lhe as palavras na boca, e respondeu: – Senhora ilustríssima, esta jovem foi-me recomendada, como vos disse, por um meu confrade. Teve de sair furtivamente da sua terra para se subtrair a graves perigos; e precisa, por algum tempo, de um abrigo em que possa viver desconhecida e aonde ninguém se atreva a vir perturbá-la, mesmo que...

– Quais perigos? – interrompeu a Senhora. – Por favor, padre guardião, não me conteis assim a coisa, sob a forma de enigma. Bem sabeis que nós freiras gostamos de ouvir as histórias por miúdo.

– São perigos – respondeu o guardião – que aos puríssimos ouvidos da reverenda madre devem ser apenas ligeiramente acenados...

– Oh, certamente – disse apressada a Senhora, corando um pouco. Seria pudor? Quem tivesse observado uma rápida expressão de desprezo que acompanhava esse rubor, bem poderia duvidar; e mais ainda se o comparasse com aquele rubor que de quando em quando se expandia pelas faces de Lucia.

– Bastará dizer – prosseguiu o guardião – que um cavaleiro prepotente, depois de perseguir durante algum tempo esta criatura com indignas lisonjas, vendo que eram inúteis, teve a ousadia de a perseguir abertamente pela força, de modo que a pobrezinha se viu constringida a fugir de sua casa.

– Aproxime-se, esta jovem – disse a Senhora a Lucia, fazendo-lhe sinal com o dedo.

– Eu sei que a verdade fala pela boca do padre guardião; mas ninguém pode estar mais bem informado do que você, neste assunto. É a si que cabe dizer-nos se este cavaleiro era de facto um perseguidor odioso.

Quanto a aproximar-se, Lucia obedeceu prontamente; mas responder era coisa bem diferente. Uma pergunta sobre aquela matéria, mesmo quando feita por uma pessoa da sua igualha, já a atrapa-

lhava e nada pouco; proferida por aquela Senhora, e com um certo ar de dúvida maliciosa, tirou-lhe toda a coragem para responder.

– Senhora... madre... reverenda... – balbuciou ela, e não dava sinais de ter mais alguma coisa para dizer. Aqui Agnese, como a pessoa que, depois dela, era certamente a mais bem informada, julgou-se autorizada a vir em seu auxílio.

– Ilustríssima Senhora – disse –, eu posso testemunhar que esta minha filha odiava esse cavaleiro, tal como o diabo odeia a água benta; quero dizer, o diabo era ele; mas perdoai-me se falo mal, porque nós somos gente simples. O facto é que esta pobre rapariga estava prometida a um jovem da nossa igualha, temente a Deus e bem encaminhado na vida; e se o senhor cura tivesse sido um pouco mais homem daqueles com quem eu me entendo... sei que estou a falar de um religioso, mas o padre Cristoforo, amigo aqui do padre guardião, se cá estivesse poderia certificar...

– Está sempre pronta a falar sem ser interrogada – interrompeu a Senhora, com um gesto altivo e iracundo, que quase a fez parecer feia. – Esteja calada; já sei que os pais têm sempre uma resposta a dar em nome dos filhos.

Agnese mortificada olhou para a filha, um olhar que queria

dizer: «Vês o que ganho por tu seres tão entaramelada?» O guardião também fez sinais à jovem piscando-lhe o olho e abanando a cabeça, fazendo-lhe sinal de que era altura de desembuchar, e de não deixar ficar mal a pobre mãe.

– Reverenda Senhora – disse Lucia –, o que a minha mãe vos contou é a pura verdade. O rapaz que me namorava – e aqui ficou toda vermelha –, eu casava-me com ele da melhor vontade. Desculpai-me se falo sem cerimónias, mas é para não vos deixar pensar mal da minha mãe. E quanto àquele senhor (Deus lhe perdoe!), eu preferiria antes morrer a cair nas mãos dele. E se vós, Senhora, fizerdes essa caridade de nos pôr em segurança, já que estamos reduzidas a fazer este papel de pedir, mas seja feita a vontade de Deus, ficai certa, Senhora, de que ninguém poderá rezar pela Senhora mais do fundo do coração do que nós, pobres mulheres.

– Acredito em vocês – disse a Senhora com a voz abrandada. – Mas terei o prazer de vos ouvir a sós. Não é que eu precise de outros esclarecimentos, nem de outros motivos, para atender às solicitações do padre guardião – acrescentou logo, voltando-se para ele com uma urbanidade estudada. E prosseguiu: – Até já pensei nisso; e eis o que me parece poder fazer de melhor, por agora. A feitora do convento, há poucos dias casou a última filha. Estas mulheres poderão ocupar o quarto que ela deixou vago, e substituí-la nas pequenas tarefas que ela tinha. Em verdade se diga – e aqui acenou ao guardião para se aproximar da grade e prosseguiu a meia-voz: – Em verdade se diga que, atendendo à carestia das colheitas do ano, não se pensara em substituir aquela rapariga; mas eu vou falar com a madre abadessa, e uma palavra minha... e por uma solicitação do padre guardião... Em suma, dou a coisa como feita.

O guardião começava já a agradecer, mas a Senhora interrompeu-o: – Nada de cerimónias; eu também, num caso, numa necessidade, saberia recorrer à assistência dos padres capuchinhos. Afinal de contas – continuou ela, com um sorriso em que deixava transparecer algo de irónico e de amargo –, afinal de contas não somos irmãos e irmãs?

Dito isto, chamou uma irmã conversa (por uma singular distinção, duas destas estavam destinadas ao seu serviço particular), e

ordenou-lhe que fosse avisar disto a abadessa, para que esta fizesse depois as combinações oportunas com a feitora e com Agnese. Despediu esta, saudou o guardião, e reteve Lucia. O guardião acompanhou Agnese à porta, dando-lhe novas instruções, e foi-se embora para escrever a carta de informação ao seu amigo Cristoforo. «Que grande desmiolada esta Senhora! – dizia ele para consigo mesmo seguindo o seu caminho. – Realmente curiosa! Mas quem souber levá-la com jeito, faz dela tudo o que quiser. O meu Cristoforo não devia estar à espera de eu o servir tão depressa e tão bem. Aquele bom homem! Não tem remédio... Tem de arranjar sempre qualquer empenho; mas fá-lo por bem. Ainda bem que desta vez achou um amigo que, sem muito barulho, sem grande aparato, sem complicações de maior, levou um caso a bom porto, num abrir e fechar de olhos. Ficaré satisfeito aquele bom Cristoforo, e vai ver que nós aqui também prestamos para alguma coisa.»

A Senhora que, na presença de um provecto capuchinho, tinha estudado os gestos e as palavras, ao ficar depois sozinha com uma jovem camponesa inexperiente, já não se preocupava tanto em conter-se; e as suas conversas foram-se tornando pouco a pouco tão estranhas que, em vez de as referir, julgamos mais oportuno contar brevemente a história antecedente desta infeliz; ou seja, aquele tanto que baste para explicar o que de insólito e misterioso fomos vendo nela, e para dar a perceber as motivações do seu comportamento, no que veio a suceder depois.

Era ela a última filha do príncipe ***, grande fidalgo milanês, que podia contar-se entre os mais opulentos da cidade. Mas a elevada opinião que tinha do seu título, fazia-o considerar os seus haveres apenas suficientes, aliás escassos, para sustentar o seu decoro; e toda a sua preocupação era conservá-los, pelo menos como eram, unidos *in perpetuo*, enquanto dependesse dele. Quantos filhos tinha, a história não o diz expressamente; dá só a entender que tinha destinado ao claustro todos os infantes de um e do outro sexo, para deixar intacta a fortuna ao primogénito, destinado a conservar a família, isto é, a procriar filhos para se atormentar a atormentá-los da mesma maneira. Estava ainda a nossa infeliz oculta no ventre materno, e já a sua condição estava irrevogavelmente estabelecida. Estava só por decidir se seria um frade ou uma

freira, decisão para a qual fazia falta, não o seu acordo, mas antes a sua presença. Quando veio à luz, o príncipe seu pai, querendo dar-lhe um nome que despertasse imediatamente a ideia do claustro, e que tivesse sido usado por uma santa de elevado nascimento, chamou-lhe Gertrude. Bonecas vestidas de freira foram os primeiros brinquedos que lhe puseram nas mãos; depois, santinhos que representavam freiras; e estes presentes eram sempre acompanhados com grandes recomendações de ter muito cuidado com eles, como coisa preciosa, e com esse interrogar afirmativo: «Bonito, não é?»

Quando o príncipe, ou a princesa ou o príncipe herdeiro, que dos filhos varões será o único a ser educado em casa, queriam louvar o aspeto robusto da donzelinha, pareciam não achar modos de exprimir melhor a sua ideia do que com estas palavras: «Que madre abadessa!» No entanto, ninguém alguma vez lhe disse diretamente: «Tu tens de ser freira.» Era uma ideia subentendida – e tocada incidentalmente em qualquer conversa que dissesse respeito aos seus destinos futuros. Se alguma vez a Gertrudezinha se deixava levar por qualquer gesto um pouco arrogante e imperioso, ao que a sua idade a levava muito facilmente, diziam-lhe: «Tu és uma menina, e essas maneiras não te ficam bem; quando fores madre

abadessa, então serás tu a mandar, farás o que entenderes.» Outras vezes, o príncipe, repreendendo-a por certos outros modos demasiado livres e familiares, a que ela se deixava levar com igual facilidade, dizia-lhe ele: «Eh! eh! Não é isso que faz alguém da tua condição: se quiseres que um dia te tenham o respeito que te é devido, aprênde desde já a dominar-te; lembra-te que deves ser em tudo a primeira do convento, porque o sangue se leva para onde quer que se vá.»

Todas as palavras deste género gravavam no cérebro da pobre menina a ideia de que ela devia sim vir a ser freira; mas as que provinham da boca do pai faziam mais efeito do que as outras todas juntas. A atitude do príncipe era habitualmente a de um patrão austero; mas quando se tratava do estado futuro dos seus filhos, do seu rosto e de cada palavra sua transparecia uma imobilidade de resolução, um sombrio zelo de comando que incutia o sentimento de uma necessidade fatal.

Aos seis anos, Gertrude foi colocada, para educação e mais ainda para encaminhamento à vocação que lhe fora imposta, no mosteiro onde a vimos; e a escolha do local não foi sem intenção. O bom do cocheiro que conduzira as duas mulheres tinha dito que o pai da Senhora era o primeiro em Monza; e, juntando este testemunho, por irrelevante que seja, com outras indicações que o anónimo deixa escapar descuidadamente aqui e ali, poderemos afirmar até que devia ser o feudatário daquelas terras. Seja como for, gozava aí de grandíssima autoridade; e pensou que ali, melhor do que noutro lugar, a sua filha seria tratada com as distinções e as finezas que pudessem aliciá-la a escolher aquele convento para sua habitação perpétua. E não se enganava: a abadessa e algumas outras freiras metediças, que tinham o vício, como se costuma dizer, de em tudo meterem a colher, exultaram ao ver-lhes oferecido o penhor de uma proteção tão útil em todas as circunstâncias, tão gloriosa em qualquer momento; aceitaram a proposta, com expressões de reconhecimento, não exageradas, por mais fortes que fossem; e corresponderam plenamente às intenções que o príncipe deixava transparecer sobre a instável colocação da filha: intenções que se encaixavam bem nas delas. Gertrude, logo que entrou no mosteiro, passou a ser chamada, por antonomásia, Senhorinha;

lugar distinto à mesa, e no dormitório; o seu comportamento proposto às outras como exemplar; mimos e carícias sem fim, e temperados com essa familiaridade algo respeitosa que tanto engoda as crianças, quando a encontram, em quem elas veem tratar as outras crianças com uma atitude habitual de superioridade. Não é que todas as freiras estivessem conjuradas para fazer a pobrezinha cair no laço: havia muitas delas simples e fora de qualquer intriga, às quais a ideia de sacrificar uma filha a intuítos interesseiros causava repulsa; mas estas, todas tomadas pelas suas ocupações particulares, uma parte não dava bem por todas aquelas manobras, outra parte não distinguia o que havia ali de mal, outra parte abstinha-se de examinar o assunto, outra parte calou-se para não fazer escândalos inúteis. Uma ou outra também, lembrando-se de ter sido com artifícios levada àquilo de que mais tarde se arrependera, sentia compaixão pela pobre inocentinha, e desabafava fazendo-lhe carícias ternas e melancólicas; mas ela estava bem longe de suspeitar que por baixo disto houvesse algum mistério; e a coisa foi avançando. Talvez tivesse avançado assim até ao fim, se Gertrude fosse a única menina naquele mosteiro. Mas entre as suas companheiras de educação, havia algumas que sabiam estar destinadas ao matrimónio. Gertrudezinha, criada nas ideias da sua superioridade, falava magnificamente dos seus destinos futuros de abadessa, de princesa do mosteiro, queria a todo o custo ser objeto de inveja para as outras; e via com espanto e com despeito que algumas delas não sentiam nada disso. Às imagens majestosas, mas circunscritas e frias, que pode conceder o primado num mosteiro, contrapunham elas as imagens variadas e reluzentes de bodas, de banquetes, de conversações, de festins, como diziam então, de vilegiaturas, de vestidos, de carruagens. Estas imagens causaram no cérebro de Gertrude aquele movimento, aquele alvoroço que produziria um grande cesto de flores acabadas de colher diante de uma colmeia. Os familiares e as educadoras haviam cultivado e incrementado nela a vaidade natural, para lhe criar o gosto pela clausura; mas quando esta paixão foi aguilhoada por ideias que lhe eram bem mais homogêneas, foi sobre estas que se lançou, com um ardor muito mais vivo e espontâneo. Para não ficar abaixo das suas companheiras, e ao mesmo tempo para condescender ao seu

novo espírito, respondia que, afinal de contas, ninguém lhe podia pôr o véu na cabeça sem o seu consentimento, que ela também podia casar-se, morar num palácio, gozar o mundo, e melhor que todas elas; que podia fazê-lo, desde que o quisesse, e que o queria, que o queria; e queria-o de facto. A ideia da necessidade do seu consentimento, ideia que até aquela altura estivera como que inobservada e oculta num canto da sua mente, então desenvolveu-se, e manifestou-se com toda a sua importância. Ela chamava-a a todo o momento em seu socorro, para gozar mais tranquilamente as imagens de um futuro risonho. Por trás desta ideia, contudo, aparecia sempre infalivelmente outra: que esse consentimento, se tratava de negá-lo ao príncipe seu pai, que já o tinha, ou mostrava tê-lo, por dado; e a esta ideia, o ânimo da filha estava bem longe da segurança que ostentavam as suas palavras. Comparava-se então com as companheiras, que estavam de modo bem diferente seguras, e sentia por elas dolorosamente a inveja que a princípio acreditara fazer-lhes sentir. Invejando-as, odiava-as; às vezes, o ódio exalava-se em pirraças, em grosserias, em ditos picantes; às vezes, a uniformidade das inclinações e das esperanças abrandava, e fazia nascer uma intimidade aparente e passageira. Por vezes, querendo também fruir entretanto alguma coisa de real e de presente, comprazia-se nas prerrogativas que lhe eram concedidas e fazia sentir às outras essa sua superioridade; outras vezes, não podendo já tolerar a solidão dos seus temores e dos seus desejos, ia, toda bondosa, em busca daquelas, quase a implorar benevolência, conse-

lho, coragem. Entre estas deploráveis questiúnculas consigo e com os outros, tinha passado a infância e penetrava nessa idade tão crítica, em que quase parece que entra na alma uma potência misteriosa, que soergue, adorna, revigora todas as inclinações, todas as ideias, e, certas vezes, a transforma, ou as faz seguir um curso imprevisito. O que Gertrude havia até então mais distintamente desejado naqueles sonhos do porvir, era o esplendor externo e a pompa: um não sei quê de mole e afetuoso, que antes era levemente difuso e enevoadado, começou então a desenvolver-se e a tomar o primado nas suas fantasias. Fizera, na parte mais recôndita da sua mente, como que um esplêndido retiro: aí se refugiava dos objetos presentes, aí acolhia certas personagens estranhamente compostas de confusas memórias da infância, do pouco que podia ver do mundo exterior, do que aprendera nas conversas das companheiras; entretinha-se com elas, falava-lhes e respondia a si mesma em seu nome; aí dava ordens, e recebia presentes de todo o género. De quando em quando, os pensamentos da religião vinham perturbar aquelas festas brilhantes e cansativas. Mas a religião, como tinham ensinado à nossa pobrezinha, e como em casa a tinha recebido, não bania o orgulho, antes o santificava, e propunha-o como um meio para obter a felicidade terrena. Assim privada da sua essência, já não era religião, mas uma larva como as outras. Nos intervalos em que esta larva tomava o primeiro lugar, e se dilatava na fantasia de Gertrude, a infeliz, oprimida de terrores confusos, e angustiada por uma confusa ordem de deveres, imaginava que a sua repugnância pelo claustro e a resistência às insinuações dos seus maiores, na escolha do estado, eram uma culpa; e no seu coração prometia expiá-la, fechando-se voluntariamente no claustro.

Era lei que uma jovem não poderia ser aceite como freira antes de ter sido examinada por um eclesiástico, chamado o vigário das freiras, ou por algum outro para este fim delegado, para se certificar que ela ia por sua livre opção: e este exame não podia ter lugar senão um ano depois de ela ter exposto àquele vigário o seu desejo, com uma petição por escrito. Aquelas freiras que tinham assumido o triste encargo de fazer Gertrude obrigar-se para sempre, com o menor conhecimento possível do que fazia, aproveitaram

um daqueles momentos de que falámos, para a levar a transcrever e subscrever essa petição. E com o fim de a isso a induzirem mais facilmente, não deixaram de lhe dizer e repetir que afinal de contas era uma simples formalidade, a qual (e isto era verdade) não podia ter eficácia senão por outros atos posteriores, que dependeriam da sua vontade. Com tudo isto, a petição talvez ainda não tivesse chegado ao seu destino, quando Gertrude já estava arrependida de a ter assinado. Depois arrependia-se de se ter arrependido, passando assim os dias e os meses num incessante alternar de sentimentos contrários. Manteve por muito tempo oculto esse passo às companheiras, quer pelo temor de expor às contradições uma boa resolução, quer por vergonha de revelar um despropósito. Venceu por fim o desejo de desabafar a alma e mendigar conselho e coragem. Havia outra lei, que uma jovem não deveria ser admitida a qualquer exame da vocação, senão depois de ter vivido pelo menos um mês fora do mosteiro onde tinha estado em educação. Tinha já passado o ano desde que a petição fora enviada, quando Gertrude foi avisada de que daí a pouco tempo seria tirada do convento e levada à casa paterna, para ali ficar durante aquele mês e dar todos os passos necessários à conclusão da obra que de facto iniciara. O príncipe e o resto da família tinham tudo isto como certo, como se tivesse já acontecido; mas a jovem tinha ideias bem diferentes na cabeça: em vez de dar os outros passos, só pensava na maneira de anular o primeiro; no meio de tais angústias, resolveu abrir-se com uma das suas companheiras, a mais franca, e sempre

pronta a dar conselhos resolutos. Esta sugeriu a Gertrude que por meio de uma carta informasse o pai desta sua nova resolução; já que não tinha o ânimo suficiente para lhe atirar à cara um valente «Não quero». E por muito raros serem neste mundo os conselhos gratuitos, a conselheira fez pagar este com muitas zombarias sobre a sua inépcia. A carta foi combinada entre quatro ou cinco confidentes, escrita às escondidas, e feita chegar por via de artifícios muito estudados. Gertrude estava com grande ansiedade, aguardando uma resposta que nunca veio. Eis senão quando, alguns dias depois, a abadessa a mandou chamar à sua cela e, com um ar de mistério, de desgosto e de compaixão, lhe fez obscura menção a uma grande cólera do príncipe, e de uma falta que ela devia ter cometido, dando-lhe porém a entender que, portando-se bem, podia ter esperança de que tudo seria esquecido. A menina entendeu, e não ousou perguntar mais nada.

Chegou finalmente o dia tão temido e tão aguardado. Embora soubesse que ia para um combate, contudo o sair do mosteiro, o deixar aquelas paredes dentro das quais tinha passado oito anos, o percorrer de carruagem o campo aberto, o rever a cidade, a casa, foram sensações plenas de uma alegria tumultuosa. Quanto ao combate, a pobrezinha, com a direção daquelas confidentes, já havia tomado as suas medidas, e feito, como agora se diria, o seu plano. «Ou vão querer forçar-me – pensava –, e eu serei dura; serei humilde, respeitadora, mas não consentirei: não se trata senão de não dizer outro sim: e eu não o direi. Ou então, vão querer levar-me a bem; e eu serei melhor do que eles; chorarei, suplicarei, hei de movê-los por compaixão: afinal não pretendo mais do que não ser sacrificada.» Mas, como tantas vezes sucede com providências semelhantes, não aconteceu nem uma coisa nem outra. Os dias passavam sem que o pai ou outros lhe falassem da petição, nem da retratação, sem que lhe fosse feita nenhuma proposta, nem com festinhas, nem com ameaças. Os familiares eram sérios, tristes, carancudos mesmo com ela, sem nunca dizerem o porquê. Via-se apenas que a olhavam como a uma ré, como a uma indigna: parecia que sobre ela pesava um anátema misterioso, que a segregava da família, deixando-a unida a ela só o necessário para lhe fazer sentir a sua submissão. Raramente, e só a certas horas marcadas,

era admitida à companhia dos pais e do primogénito. Entre estes três, parecia que reinava uma grande confiança, a qual tornava mais sensível e doloroso o abandono em que era deixada Gertrude. Ninguém metia conversa com ela; e quando ela arriscava timidamente qualquer palavra, que não fosse por coisa necessária, ou não era ouvida, ou era correspondida com um olhar distraído ou depreciativo, ou severo. Se, já não podendo sofrer mais uma tão amarga e humilhante distinção, insistia e tentava familiarizar-se; se implorava um pouco de amor, sentia logo tocarem-lhe, de maneira indireta mas clara, a tecla da escolha do estado; e veladamente faziam-lhe sentir que havia um meio de readquirir o afeto da família. Então Gertrude, que não o queria nessa condição, era obrigada a recuar, quase a rejeitar os primeiros sinais de benevolência que tanto desejava, de se remeter por si mesma para o seu lugar de excomungada; e ainda por cima, ali ficava com uma certa aparência de erro.

Estas sensações de objetos presentes faziam um contraste doloroso com aquelas risonhas visões com que Gertrude já tanto se tinha ocupado, e se ocupava ainda, no segredo da sua mente. Tivera a esperança de que, na esplêndida e frequentada casa paterna, poderia gozar pelo menos do sabor real das coisas imaginadas; mas viu-se absolutamente enganada. A clausura era rigorosa e completa, de sair em passeio, nem sequer se falava; e uma tribuna que, de casa, dava para a igreja contígua, também lhe retirava a única necessidade que poderia ter de sair. A companhia era mais triste, mais escassa, menos variada do que no convento. A cada anúncio de uma visita, Gertrude tinha de subir ao último piso, para se encerrar com algumas velhas servas; e ali até comia, quando havia convidados. Os criados eram uniformes nas maneiras e nas conversas, segundo o exemplo e as intenções dos patrões; e Gertrude que, por sua inclinação, desejaria tratá-los com uma familiaridade senhoril, e que, no estado em que se encontrava, teria como um favor que lhe fizessem uma manifestação qualquer de afeto, como a uma sua igual, e descia mesmo ao ponto de a mendigar, ficava então humilhada, e cada vez mais afligida por se ver correspondida com um menosprezo manifesto, embora acompanhado de um ligeiro obséquio acima de tudo formal. Teve porém

de notar que um pajem, bem diferente dos outros, lhe dedicava um respeito, e sentia por ela uma compaixão de um género especial. A postura daquele rapaz era o que Gertrude até então tinha visto de mais semelhante à ordem das coisas tão contemplada na sua imaginação, à postura dessas suas criaturas ideais. Pouco a pouco descobriu-se um não sei quê de novo nas maneiras da jovem: uma tranquilidade e uma inquietação diferente da habitual, um modo de quem achou algo que muito lhe interessa, que desejaria ver a todo o momento sem deixar que os outros vejam. Puseram-lhe os olhos em cima mais do que nunca: o que é e o que não é, uma manhã foi ela surpreendida por uma daquelas camareiras enquanto estava a dobrar às escondidas um papel, no qual melhor fizera se não tivesse escrito nada. Após um breve puxa que puxa, o papel ficou nas mãos da camareira, e desta passou às do príncipe.

O terror de Gertrude, ao ruído dos passos dele, não se pode descrever nem imaginar. Era o seu pai, estava irritado, e ela sentia-se culpada. Mas quando o viu aparecer com aquela carranca, com aquela carta na mão, desejaria enfiar-se cem braços debaixo da terra, em vez de estar num claustro. As palavras não foram muitas, mas terríveis: o castigo imediatamente intimado foi apenas o de ficar ela encerrada naquele quarto, sob a guarda da mulher que

tinha feito a descoberta; mas isto era um mero começar, uma simples providência de momento; deixava-se ver nos ares outro castigo tenebroso, indeterminado, e portanto mais assustador.

O pajem foi logo expulso, como era natural; e foi também ameaçado de algo terrível se, em qualquer altura, se atrevesse a deixar escapar alguma coisa que fosse do que havia acontecido. Ao fazer-lhe esta intimação, o príncipe aplicou-lhe duas solenes bofetadas, para associar àquela aventura uma lembrança que tirasse ao rapazola toda a tentação de se vangloriar disso. Um pretexto qualquer para justificar o despedimento dado a um pajem, não era difícil de arranjar; quanto à filha, disseram que estava indisposta.

Ficou ela pois com a inquietação, com a vergonha, com o remorso, com o terror do futuro, e só com a companhia daquela mulher por ela odiada como a testemunha da sua culpa e a causa da sua desgraça. Esta por sua vez odiava Gertrude, pela qual se via reduzida, sem saber por quanto tempo, à vida aborrecida de carcereira, e tornada para sempre guarda de um segredo perigoso.

O primeiro confuso tumulto daqueles sentimentos pouco a pouco foi-se aquietando; mas voltando eles depois um por um à alma, aí cresciam, e ficavam a atormentá-la mais distintamente e à sua vontade. O que poderia ser aquela ameaçada punição em enigma? Muitas e variadas e estranhas se iam apresentando à fantasia ardente e inexperiente de Gertrude. A que parecia mais provável, era a de ser reconduzida ao mosteiro de Monza, de reaparecer aí já não como a Senhorinha, mas na forma de culpada, e de lá ficar reclusa, sabe-se lá até quando, sabe-se lá com quais tratamentos! O que uma imaginação assim, tão cheia de dores, tinha talvez de mais doloroso para ela, era o receio da vergonha. As frases, as palavras, as vírgulas daquela desgraçada folha de papel, passavam e repassavam na sua memória: imaginava-as observadas, pesadas por um leitor tão imprevisto, tão diferente daquele a quem eram destinadas; imaginava que poderiam ter caído diante dos olhos da própria mãe ou do irmão, ou sabe-se lá de quem mais: e em comparação com isso, o resto parecia-lhe quase nada. A imagem do que tinha sido a primeira origem de todo o escândalo também não deixava de aparecer com frequência infestar a

pobre reclusa: e pensem que estranha companhia devia fazer aquele fantasma, no meio dos outros tão diferentes dele, sérios, frios, ameaçadores. Mas precisamente por não poder separá-lo deles, nem voltar um momento àquelas fugidias complacências, sem que imediatamente assomassem as dores presentes que eram a sua consequência, começou pouco a pouco a evocá-lo cada vez mais raramente, a repelir a sua lembrança, a desabituar-se dele. E já nem longamente, ou de vontade, se detinha naquelas alegres e brilhantes fantasias de outrora: elas estavam demasiado opostas às circunstâncias reais, a toda a probabilidade do futuro. O único castelo em que Gertrude podia imaginar um refúgio tranquilo e honroso, e que não fosse um castelo no ar, era o mosteiro, quando se resolvesse a entrar lá para sempre. Uma resolução assim (e disso não podia ela duvidar) acomodaria todas as coisas, pagaria todas as dívidas e, num segundo, mudava toda a sua situação. Contra este propósito insurgiam-se, é verdade, os pensamentos de toda a sua vida; mas os tempos tinham mudado; e no abismo em que Gertrude havia caído, e em comparação com o que podia temer em certos momentos, a condição de freira festejada, respeitada, obedecida, a Gertrude afigurava-se um doce. Dois sentimentos de bem diferente género contribuíam também, alternadamente, para diminuir aquela sua aversão ao claustro: umas vezes o remorso do pecado, e uma ternura fantástica de devoção; às vezes o orgulho amargurado e irritado pelas modos da carcereira, a qual (frequentemente, para dizermos a verdade, provocada por ela) se vingava, ora metendo-lhe medo com aquele tal castigo ameaçado, ora envergonhando-a com a sua falta. Depois, quando queria mostrar-se benigna, assumia um tom de proteção ainda mais odioso do que o insulto. Nessas diversas ocasiões, o desejo que Gertrude sentia de sair das unhas dela e de lhe aparecer num estado acima da sua cólera e da sua piedade, este desejo habitual tornava-se tão vivo e pungente que faria parecer amável tudo o que pudesse levar a satisfazê-lo.

Ao cabo de quatro ou cinco longos dias de prisão, uma manhã, Gertrude, espicaçada e envenenada em excesso por uma daquelas pirraças da sua guardiã, foi refugiar-se num canto do quarto e, com a face oculta entre as mãos, ali ficou algum tempo a devorar

a sua raiva. Sentiu então uma necessidade imperiosa de ver outras caras, de ouvir outras palavras, de ser tratada de maneira diferente. Pensou no pai, na família: o pensamento neles fugia apavorado. Contudo, veio-lhe à mente que dependia dela o achá-los amigos; e sentiu uma alegria imprevista. Depois desta, seguiram-se uma confusão e um arrependimento extraordinário do seu pecado, e um igual desejo de o expiar. Não já que a sua vontade se detivesse naquele propósito, mas nunca tinha pensado nele com tanto vigor. Levantou-se dali, dirigiu-se a uma mesinha, voltou a pegar naquela pena fatal, e escreveu ao pai uma carta cheia de entusiasmo e de abatimento, de aflição e de esperança, implorando o perdão, e mostrando-se pronta e sem reservas para tudo o que pudesse agradar a quem devia concedê-lo.

CAPÍTULO X

HÁ MOMENTOS EM QUE O ESPÍRITO, ESPECIALMENTE O DOS JOVENS, se encontra numa disposição que basta uma pequena instância para se obter tudo o que tenha alguma aparência de bem ou de sacrifício: tal como uma flor acabada de desabrochar se abandona molemente sobre o seu frágil caule, pronta a conceder às suas fragrâncias à primeira aragem que vier soprar um pouco à sua volta. Estes momentos, que pelos outros deviam ser admirados com tímido respeito, são exatamente os mesmos que a astúcia interesseira espreita atentamente e capta em voo, para apresar uma verdade que não se protege.

Ao ler aquela carta, o príncipe de *** viu imediatamente a frincha aberta às suas antigas e constantes miras. Mandou dizer a Gertrude que viesse ter com ele; e, esperando-a, dispôs-se a malhar o ferro enquanto estava quente. Gertrude apareceu, e sem levantar os olhos para o rosto do pai, lançou-se de joelhos diante dele, e mal conseguiu ter fôlego para lhe dizer: «Perdão!» Ele fez-lhe sinal que se levantasse; mas com uma voz pouco destinada a animá-la, respondeu-lhe que o perdão não bastava desejá-lo nem pedi-lo; que o pedir perdão era coisa demasiado fácil, demasiado natural

para quem quer que fosse apanhado em culpa, e temesse a punição; que, em suma, era preciso merecê-lo. Gertrude perguntou, submissa e a tremer, o que deveria fazer. O príncipe (não nos permite o coração dar-lhe neste momento o título de pai) não respondeu diretamente, mas começou uma longa prédica sobre a falta de Gertrude; e aquelas palavras magoavam a alma da pobrezinha, como o passar de uma mão áspera sobre uma ferida. Continuou dizendo que, mesmo quando... se por acaso alguma vez... tivesse tido antes a intenção de a colocar na vida secular, ela mesma opusera agora um obstáculo insuperável, visto que ele nunca teria a coragem de dar a um homem de bem uma donzela que havia oferecido tal amostra de si. A sua mísera ouvinte estava aniquilada; então o príncipe, adoçando gradualmente a voz e as palavras, prosseguiu dizendo que, no entanto, para toda a falta havia remédio e misericórdia, e que a sua era daquelas para as quais o remédio é mais claramente indicado: que ela devia ver, neste triste acidente, como que um aviso de que a vida secular estava demasiado cheia de perigos para ela...

– Ah sim! – exclamou Gertrude, abalada pelo temor, preparada pela vergonha, e movida nesse momento por uma instantânea ternura.

– Ah! Também compreende que sim – replicou incontinentemente o príncipe. – Pois bem, que não se fale mais do passado: fica tudo apagado. Você tomou o único partido honroso e conveniente que lhe restava; mas, como o tomou de livre vontade, e com boas maneiras, cabe-me a mim tornar-lho agradável em tudo e por tudo: a mim compete fazê-lo recair sobre si mesma. Tomo isto ao meu cuidado.

Assim falando, agitou uma sineta que estava em cima de uma mesinha, e, ao criado que apareceu, disse:

– A princesa e o príncipe, já.

E prosseguiu depois com Gertrude:

– Quero pô-los imediatamente a par da minha consolação; quero que todos comecem desde já a tratá-la como deve ser. Você já tem experiência do pai severo; mas daqui em diante ganhará também toda a do pai amoroso.

A estas palavras, Gertrude ficou como que aturdida. Ora re-

pensava como era possível que aquele «sim» que lhe tinha escapado pudesse significar tanto, ora procurava descobrir se havia maneira de o retirar, de lhe restringir o sentido; mas a persuasão do príncipe parecia tão completa, a sua alegria tão ciosa, a benignidade tão incondicional que Gertrude não ousou proferir uma palavra que pudesse minimamente perturbá-lo.

Passados poucos momentos, chegaram os dois convocados, e vendo ali Gertrude, olharam-na cara a cara, incertos e espantados. Mas o príncipe, com uma atitude alegre e amorosa, que para eles prescrevia uma semelhante, disse:

– A ovelha perdida; e que seja esta a última palavra que evoque tristes memórias. Gertrude já não precisa de conselhos; o que nós desejávamos para o seu bem, também o quis ela espontaneamente. Está resolvida, deu-me a entender que está resolvida...

Nessa altura, ela ergueu para o pai um olhar entre aterrorizado e suplicante, como que para lhe pedir que suspendesse, mas ele prosseguiu francamente:

– ... que está resolvida a tomar o véu.

– Brava! Muito bem! – exclamaram, a uma voz, a mãe e o filho, e um a seguir ao outro abraçaram Gertrude; a qual recebeu este acolhimento com lágrimas, que foram interpretadas como lágrimas de consolo.

Então, o príncipe alongou-se a explicar o que iria fazer para tornar alegre e esplêndida a sorte da filha. Falou das distinções de que gozaria no mosteiro e na terra, que lá seria como uma princesa, como a representante da família, que, mal a idade o permitisse, seria elevada à primeira dignidade, e, entretanto, não seria sujeita senão de nome. A princesa e o príncipe herdeiro a todo o momento renovavam as felicitações e os aplausos. Gertrude estava como que dominada por um sonho.

– Então, convém marcar o dia para irmos a Monza, para se fazer o pedido à abadessa – disse o príncipe. – Como ela vai ficar contente! O que vos sei dizer é que todo o mosteiro saberá avaliar a honra que Gertrude lhe traz. Já agora... porque é que não vamos hoje? Gertrude gostará de apanhar um bocado de ar.

– Então vamos – disse a princesa.

– Vou dar as ordens – disse o príncipe herdeiro.

– Mas... – proferiu Gertrude, submissa.

– Mais devagar, mais devagar – replicou o príncipe. – Deixemos que seja ela a decidir; talvez hoje não esteja com muita disposição, e gostasse mais de esperar até amanhã. Diga lá: quer que vamos já hoje, ou amanhã?

– Amanhã – respondeu, com voz fraca, Gertrude, que acreditava poder ainda fazer qualquer coisa, ganhando algum tempo.

– Amanhã – disse solenemente o príncipe. – Ela estabeleceu que se vá amanhã. Entretanto vou falar com o vigário das monjas, para marcar o dia do exame.

Dito isso, o príncipe saiu, indo realmente (o que não foi pequena concessão) procurar o dito vigário; e combinaram que ele viria daí a dois dias.

Em todo o resto desse dia, Gertrude não teve um minuto de sossego. Desejava repousar o espírito de tantas comoções, deixar, por assim dizer, aclarar os seus pensamentos, prestar contas a si própria do que tinha feito, do que lhe restava fazer, saber o que queria, abrandar por um momento a marcha daquela máquina que, mal arrancava, se punha a andar tão precipitadamente; mas não houve maneira. As ocupações sucediam-se sem interrupção, encaixavam-se umas nas outras. Logo a seguir à saída do príncipe,

foi conduzida ao toucador da princesa, para ser, sob a sua direção, penteada e vestida pela própria camareira desta. Ainda não tinha acabado de dar a última demão, quando foram avisadas de que a refeição estava servida. Gertrude passou pelo meio das vébias dos servidores, que mostravam congratular-se pela sua cura, e encontrou alguns parentes mais próximos, que haviam sido convidados à pressa para lhe prestarem honrarias, e para se regozijarem com ela pelos dois felizes acontecimentos, a saúde recuperada e a declarada vocação.

A noivinha (assim se chamavam as jovens candidatas ao véu monacal, e Gertrude, ao aparecer, por todos foi saudada com esse nome) não tinha mãos a medir para responder aos cumprimentos que lhe choviam de toda a parte. Sentia bem que cada uma das suas respostas valia por uma aceitação e uma confirmação, mas como responder de maneira diferente?

Pouco depois de se levantarem da mesa, chegou a hora do passeio de coche. Gertrude entrou na carruagem com a mãe e com dois tios que tinham estado presentes no almoço. Após a volta do costume, chegaram à Estrada Marina, que na altura atravessava o espaço ocupado agora pelo jardim público, e era o lugar aonde os senhores iam de coche recuperar-se das fadigas. Os tios falaram também a Gertrude como requeriam as conveniências nesse dia; e um deles, que, mais do que o outro, parecia conhecer toda a gente, todos os coches, todas as librés, e tinha a todo o momento qualquer coisa que dizer do senhor Fulano de Tal e da senhora Sicrana, voltou-se para ela de repente e disse-lhe:

– Ah, espertalhona! Dá um pontapé em todas estas tolices; é uma finória, você; deixa-nos em apuros a nós pobres mundanos, retira-se para levar uma vida bem-aventurada, e até vai de coche para o paraíso.

Ao entardecer, voltaram para casa, e os criados, descendo à pressa com as tochas, avisaram que havia muitas visitas à espera. Já se espalhara a notícia; e os familiares e os amigos vinham cumprir o seu dever. Entrou-se na sala de visitas. A noivinha foi o ídolo, o passatempo, a vítima. Cada qual a queria para si: havia quem promettesse doces, quem promettesse visitas; outro falava da madre Beltrana sua conhecida, mais uns que gabavam o céu de

Monza, ou outros que discorriam, com grande apreço, da ótima figura que ela iria lá fazer. Outros, que não tinham podido ainda aproximar-se de Gertrude tão assediada, espreitavam a oportunidade de avançarem, e sentiam um certo remorso, enquanto não cumprissem o seu dever. Pouco a pouco, a companhia foi-se dissolvendo; todos se retiraram sem remorsos, e Gertrude ficou sozinha com os pais e o irmão.

– Finalmente – disse o príncipe – tive a consolação de ver a minha filha tratada como requer a sua condição. Tenho de confessar porém que ela também se portou muito bem, e mostrou que não ficará embaraçada em ser a primeira figura, e em sustentar o decoro da família.

Cearam rapidamente, para se recolherem logo, e estarem prontos cedo na manhã seguinte.

Gertrude contristada, despeitada e, ao mesmo tempo, um tanto envaidecida com todos aqueles cumprimentos, lembrou-se nessa altura do que tinha sofrido com a sua carcereira, e, ao ver o pai tão disposto a satisfazê-la em tudo, salvo numa coisa, quis aproveitar o auge em que se encontrava para aquietar pelo menos uma das paixões que a atormentavam. Mostrou assim uma grande repugnância em deparar-se com ela, queixando-se fortemente das suas maneiras.

– O quê? – exclamou o príncipe. – Ela faltou-lhe ao respeito? Amanhã, amanhã dou-lhe a ensaboada que merece. Deixe isso

por minha conta, que eu logo lhe ensino quem é ela, e quem é você. E seja como for, uma filha com quem estou contente, não deve ver à frente uma pessoa que lhe desagrade.

Dito isto, mandou chamar outra criada e ordenou-lhe que servisse Gertrude, que, entretanto, mastigando e saboreando a satisfação que recebera, se espantava por lhe achar tão pouco sumo, comparado com o desejo que dela tivera. O que, embora contra a sua vontade, se lhe apoderava de toda a alma, era o sentimento dos grandes progressos que tinha feito, naquele dia, no caminho do claustro, com o pensamento de que agora, para se retirar dele, precisava de muito mais força e resolução do que a que teria bastado poucos dias antes, e que, no entanto, não se sentira capaz de ter.

A mulher que foi fazer-lhe companhia no quarto era uma velha serva da casa, que já fora governanta do príncipe herdeiro, a quem recebera mal saído dos cueiros e criara até à adolescência, e no qual havia depositado todas as suas complacências, esperanças e glórias. Ficou contente com a decisão por ela tomada naquele dia como de uma sua própria fortuna; e por último divertimento teve Gertrude de engolir as congratulações, os louvores e os conselhos da velha, e de ouvir falar de certas tias e tias-avós suas que tinham ficado bem satisfeitas de serem freiras, porque, sendo daquela família, tinham sempre desfrutado das primeiras honras, tinham sempre sabido manter uma mãozinha fora do convento e, do seu parlatório, tinham obtido coisas às quais as maiores damas, nos seus salões, não haviam podido chegar. Falou-lhe das visitas que iria receber: depois um dia havia de vir o senhor príncipezinho com a sua esposa, a qual deveria ser certamente uma grande e importante senhora; e então, agitar-se-ia não só o mosteiro, mas todo o povoado. A velha não se calara enquanto despia Gertrude, quando ela estava deitada, e falava ainda com Gertrude já adormecida. A juventude e a fadiga tinham sido mais fortes do que as preocupações. O sono foi laborioso, agitado, cheio de sonhos penosos, mas não foi interrompido senão pela voz estridente da velha, que veio acordá-la para que se preparasse para a excursão a Monza.

– Vamos, vamos, senhora noivinha: já é dia claro; e até que estejais vestida e penteada vai demorar uma hora pelo menos. A senhora princesa já está a vestir-se; e acordaram-na quatro horas

antes do que é costume. O senhor príncipezinho já foi lá abaixo às cavaliças, depois voltou para cima e está pronto para partir quando quiserem. Ligeiro como uma lebre, aquele diabrete; ora!, é assim desde menino; e eu que o diga, que muito andei com ele ao colo. Mas quando está pronto, ninguém o faça esperar, porque então, embora seja feito da melhor massa do mundo, impacienta-se e põe-se a berrar. Coitado, chega a fazer pena: mas é o feitiço dele; e depois desta vez até tem uma certa razão, porque se incomoda por si. Ai de quem lhe tocar nestes momentos! Não tem consideração por ninguém, tirando o senhor príncipe. Mas afinal não tem mais ninguém acima dele senão o senhor príncipe, e um dia o senhor príncipe será ele; oxalá que aconteça o mais tarde possível. Depressa, depressa, menina! Porque estais a olhar para mim assim espantada? A esta hora já devíeis estar fora do choco.

À imagem do príncipezinho impaciente, todas as outras preocupações que se tinham apresentado em tropel à mente desperta de Gertrude fugiram, como um bando de pardais à aparição do milhafre. Obedeceu, vestiu-se à pressa, deixou-se pentear e apareceu na sala, onde estavam reunidos os pais e o irmão. Fizeram-na sentar numa cadeira de braços, e trouxeram-lhe uma xícara de chocolate: o que, naqueles tempos, era o mesmo que outrora entre os Romanos o dar a veste viril.

Quando vieram avisar que os cavalos estavam atrelados, o príncipe chamou aparte a filha e disse-lhe:

– Ora bem, Gertrude, ontem fez honra a si mesma; hoje tem de se superar. Trata-se de fazer uma entrada solene no mosteiro e na terra onde você está destinada a ser a primeira figura. Esperam-na...

Não vale a pena dizer que o príncipe, na véspera, tinha expedido um aviso à abadessa.

– Esperam-na, e vai ter todos os olhos em cima. Dignidade e desenvoltura. A abadessa vai perguntar-lhe o que quer: é uma formalidade. Pode responder que quer ser admitida a vestir o hábito naquele mosteiro, onde foi educada tão carinhosamente, onde recebeu tantas finezas: que é a pura verdade. Diga essas poucas palavras de um modo desembaraçado; que não se diga que foi ensinada, e que não sabe falar por si. Aquelas boas mães não sabem nada do que aconteceu: é um segredo que deve ficar sepultado no

seio da família; por isso, não faça uma cara contrita e irresoluta, que possa despertar qualquer suspeita. Mostre de que sangue saiu; polida, modesta; mas lembre-se também que, naquele lugar, fora da família, não há ninguém acima de si.

Sem esperar resposta, o príncipe pôs-se em movimento; Gertrude, a princesa e o príncipezinho seguiram-no; desceram todos a escada e subiram para a carruagem. As contrariedades e os aborrecimentos do mundo, e a vida abençoada do claustro, principalmente para as jovens de nobilíssimo sangue, foram o tema da conversa durante o trajeto. Ao chegarem ao termo da viagem, o príncipe renovou as instruções à filha, e repetiu-lhe várias vezes a fórmula da resposta. Ao entrar em Monza, Gertrude sentiu um aperto no coração; mas a sua atenção foi atraída por um instante por não sei quais senhores que, mandando parar a carruagem, recitaram não sei qual cumprimento. Retomado o caminho, seguiu-se quase a passo até ao mosteiro, por entre os olhares dos curiosos, que acorriam de todos os lados para a beira da estrada. Ao parar a carruagem diante daquelas paredes, diante daquela porta, o coração apertou-se ainda mais a Gertrude. Apearam-se por entre duas alas de povo, que os criados fizeram recuar. Todos aqueles olhos postos na pobrezinha obrigavam-na a estudar continuamente o seu comportamento; no entanto, mais do que os de todos eles juntos mantinham-na sob intimidação os dois do pai, para os quais ela, embora tendo muito medo, não podia deixar de dirigir os seus... E aqueles olhos comandavam os seus gestos e a sua figura, como que por meio de fios invisíveis. Atravessado o primeiro pátio, entrou-se noutra, e aí viu-se a porta do claustro interior, aberta de par em par, e toda ocupada por freiras. Na primeira fila, a abadessa rodeada de veteranas; atrás, outras freiras, sem distinção de hierarquias, algumas nas pontas dos pés; por último, as irmãs conversas, que tinham trepado a banquinhos. Viam-se também aqui e ali brilhar a meia altura alguns olhinhos, sobressair algum rostozinho por entre as túnicas: eram as mais espertas e as mais corajosas entre as educandas, que, insinuando-se e furando entre freira e freira, tinham conseguido abrir alguma brecha para verem também qualquer coisa. Daquele amontoado saíam aclamações; viam-se muitos braços que se agitavam em sinal de acolhi-

mento e de alegria. Chegaram à porta; Gertrude achou-se cara a cara com a madre abadessa. Após os primeiros cumprimentos, esta, com um tom meio prazenteiro meio solene, perguntou-lhe o que desejava ela naquele lugar, onde não havia quem lhe pudesse negar nada.

– Estou aqui... – começou Gertrude; mas na altura de proferir as palavras que deviam decidir quase irrevogavelmente do seu destino, hesitou um instante, e parou de olhos fixos na multidão que tinha à sua frente. Viu naquele momento uma das suas conhecidas companheiras que a olhava com um ar de compaixão e ao mesmo tempo de malícia, e parecia dizer: «Ah! Sempre caiu, a esperta!» Essa visão, despertando mais vivos na sua alma todos os antigos sentimentos, restituiu-lhe também algo da sua antiga pouca coragem: e já procurava uma resposta qualquer, diferente da que lhe havia sido ditada; quando, levantando o olhar para a cara do pai, quase como que para experimentar as suas forças, entreviu nela uma inquietação tão sombria, uma impaciência tão ameaçadora, que, resoluta por medo, com a mesma prontidão com que se poria em fuga perante um objeto terrível, prosseguiu: – ...estou aqui

para pedir que seja admitida a vestir o hábito religioso, neste mosteiro, onde fui educada tão carinhosamente.

Logo a abadessa respondeu que lamentava muito, numa ocasião destas, que as regras não lhe permitissem dar uma resposta imediata, mas que esta deveria provir dos votos comuns das freiras, e à qual se deveria anteceder a licença dos superiores. Que, contudo, Gertrude, conhecendo os sentimentos que tinham por ela naquele lugar, podia prever com certeza qual seria esta resposta; e que, entretanto, nenhuma regra proibía à abadessa e às freiras que manifestassem a consolação que sentiam com tal pedido. Levantou-se então um clamor confuso de congratulações e aclamações. Apareceram logo grandes bandejas a abarrotar de doces, que foram apresentados, primeiro à noivinha, e depois aos parentes. Enquanto algumas freiras procuravam apossar-se dela, e outras cumprimentavam a mãe, e outras o príncipezinho, a abadessa mandou pedir ao príncipe que se dignasse vir à grade do parlatório, onde o esperava. Estava acompanhada de duas veteranas; e, quando o viu aparecer, disse:

– Senhor príncipe, por obediência às regras... para cumprir uma formalidade indispensável, embora neste caso... deva porém dizer-vos... que sempre que uma filha pede que seja admitida a vestir o hábito... a superiora... a qual sou eu indignamente... é obrigada a advertir os pais... que se, por acaso... forçassem a vontade da filha, incorreriam em excomunhão. Perdoar-me-eis...

– Muito bem, muito bem, reverenda madre. Louvo o seu rigor: é muitíssimo justo... Mas não pode duvidar...

– Oh, imagine, senhor príncipe... eu falei por obrigação bem precisa... de resto...

– Certo, certo, madre abadessa.

Trocadas estas poucas palavras, os dois interlocutores inclinaram-se um diante do outro, e separaram-se, como se a ambos pesasse ficarem ali frente a frente; e foram reunir-se cada um à sua companhia; um, fora; e outra, dentro do recinto claustral. Dando lugar a outras conversas, disse o príncipe:

– Oh, vamos. Gertrude poderá em breve gozar à sua vontade da companhia destas madres. Nós por agora já as incomodámos de mais.

Assim dizendo, fez uma vénia; a família moveu-se com ele: renovaram-se as despedidas, e eles partiram.

Gertrude, durante o regresso, não tinha muita vontade de falar. Assustada com o passo que acabava de dar, envergonhada da sua cobardia, irritada com os outros e consigo mesma, fazia tristemente a conta das ocasiões que ainda lhe restavam para dizer não; e prometia débil e confusamente a si própria que nesta, ou naquela, ou naquela outra, seria mais hábil e mais forte. Com todos estes pensamentos, no entanto, de maneira nenhuma lhe cessara o terror daquele sobrolho do pai; de modo que quando, com uma olhadela dada de fugida, se pôde certificar que no rosto dele já não havia qualquer vestígio de cólera, e viu que, pelo contrário, se mostrava satisfeitíssimo com ela, isso lhe pareceu uma boa coisa, e por um instante ficou toda contente.

Assim que chegaram, tiveram de ir vestir-se e pôr-se de novo à vontade; depois, o almoço com alguns visitantes, depois a trotada, depois as conversas, depois o jantar. Ao chegar ao fim deste, o príncipe pôs em campo outra questão, a escolha da madrinha. Assim se chamava uma dama que, a pedido dos pais, se tornava guardiã e acompanhante da jovem postulante, no período entre o pedido e a entrada no mosteiro; tempo esse que era passado em visitas a igrejas e palácios públicos, em recepções, a solares e santuários: em suma, a todas as coisas mais notáveis da cidade e dos arredores, para que as jovens, antes de proferirem um voto irrevogável, vissem bem a que davam um pontapé.

– Temos de arranjar uma madrinha – disse o príncipe –, porque amanhã vem cá o vigário das freiras, para a formalidade do exame, e logo a seguir Gertrude será proposta no capítulo, para ser aceite pelas madres.

Ao dizer isto, voltou-se para a princesa; e esta, crendo que fosse um convite para fazer uma proposta, começou:

– Haveria... – Mas o príncipe interrompeu-a: – Não, não, senhora princesa; a madrinha acima de tudo tem de agradar à noivinha; e embora o costume universal dê a opção aos pais, Gertrude tem tanto siso, tanta sensatez, que bem merece que para ela se faça uma exceção.

E aqui, voltando-se para Gertrude, com o ar de quem anuncia um favor singular, prosseguiu:

– Cada uma das damas com quem estivemos esta noite a conversar possui tudo o que se pode requerer para ser madrinha de uma filha da nossa casa; não há nenhuma, creio eu, que não se sentisse honrada pela preferência: escolha você.

Gertrude bem via que fazer esta escolha era dar um novo consenso; mas a proposta era feita com tanto aparato que a recusa, por mais humilde que fosse, podia parecer desprezo, ou pelo menos capricho e melindre. Portanto, deu também esse passo; e nomeou a dama com quem nessa noite mais simpatizara: ou seja, a que lhe tinha feito mais carícias, que mais a tinha louvado, com as maneiras mais familiares, afetuosas e solícitas, que logo nos primeiros momentos de um conhecimento tomam o ar de uma antiga amizade.

– Ótima escolha – disse o príncipe, que desejava e esperava que fosse precisamente essa a escolhida. Ou por arte ou por acaso, acontecera como quando o ilusionista, fazendo-nos correr diante dos olhos as cartas de um baralho, nos manda pensar uma, que ele depois a adivinhará; mas fê-las passar de maneira que nós vemos uma só. Aquela dama tinha estado tanto à volta de Gertrude todo o serão, tinha-a ocupado tanto consigo mesma, que a esta seria

preciso um grande esforço de fantasia para pensar noutra pessoa. Tamanha solicitude afinal não era sem motivo: a dama, desde há muito tempo, tinha posto os olhos no príncipezinho, para o tornar seu genro: por isso, encarava os assuntos daquela casa também como seus, e era muito natural que se interessasse por aquela querida Gertrude não menos do que os seus parentes mais próximos.

No dia seguinte, Gertrude acordou com a preocupação do examinador que devia vir; e enquanto estava ela a ruminar se poderia aproveitar aquela ocasião tão decisiva para voltar atrás, o príncipe mandou-a chamar.

– Vamos, filhinha – disse-lhe. – Até agora você tem-se portado magnificamente; hoje trata-se de coroar a obra. Tudo o que se fez até agora, fez-se com o seu acordo. Se neste tempo lhe tivesse nascido alguma dúvida, algum arrependimentozinho, caprichos da juventude, teria de se explicar; mas, no ponto em que estão agora as coisas, já não é altura de fazer criancices. Esse homem de bem que deverá vir esta manhã far-lhe-á cem perguntas sobre a sua vocação; e se se faz freira por sua vontade, e o como e o porquê, e sei lá que mais! Se você hesitar a responder, ele não a larga durante sabe-se lá quanto tempo. Seria muito aborrecido, um tormento para si; mas daí poderia ainda advir-lhe outro aborrecimento mais grave. Após todas as demonstrações públicas que se fizeram, qualquer pequena hesitação que vissem em si poria em perigo a minha honra, poderia fazer crer que eu tivesse tomado uma sua levandade por uma resolução firme, que eu tivesse precipitado as coisas, que eu tivesse... sei lá! Neste caso, ver-me-ia na necessidade de escolher entre dois partidos dolorosos: ou deixar que o mundo faça um triste conceito da minha conduta: partido que não pode de maneira nenhuma corresponder ao que devo a mim próprio. Ou revelar o verdadeiro motivo da sua resolução e...

Mas aqui, vendo que Gertrude tinha ficado escarlate, que se lhe inchavam os olhos, e o rosto se contraía, como as folhas de uma flor, na vaga de calor que antecede o vendaval, cortou aquele discurso e, com ar sereno, começou:

– Ora, ora, tudo depende de si, e do seu bom senso. Sei que o tem, e muito, e não é rapariga que estrague no fim uma coisa que foi bem feita; mas eu tinha de prever os casos todos. Não se fala

mais nisto. E ficamos de acordo que você vai responder com franqueza, de modo a não deixar nascer dúvidas na cabeça daquele homem de bem. Assim você também ficará livre mais depressa.

E aqui, depois de ter sugerido uma ou outra resposta às interrogações mais prováveis, entrou no discurso do costume sobre as dores e gozos que estavam preparados para Gertrude no mosteiro; e entreteve-a assim até que um criado veio anunciar o vigário. O príncipe renovou à pressa as advertências mais importantes, e deixou a filha sozinha com ele, como estava prescrito.

O homem de bem trazia já uma certa opinião formada de possuir Gertrude uma grande vocação para a vida de clausura: porque assim lhe havia dito o príncipe, quando fora convidá-lo. É certo que o bom padre, que sabia ser a desconfiança uma das virtudes mais necessárias no seu ofício, tinha por lema andar devagar no dar crédito a semelhantes protestos, e estar em guarda contra as prevenções; mas é muito raro acontecer que as palavras afirmativas e seguras de uma pessoa com autoridade, seja qual for o seu género, não tinjam com a sua cor a mente de quem as ouve.

Após os primeiros cumprimentos, disse-lhe ele:

– Saiba a menina que eu venho fazer o papel do diabo; venho pôr em dúvida o que na vossa petição destes por certo; venho pôr-vos diante dos olhos as dificuldades, e certificar-me se as haveis considerado bem ou não. Só tendes motivos para ficar satisfeita se eu vos fizer algumas perguntas.

– Então diga – respondeu Gertrude.

O bom padre começou então a interrogá-la, na forma prescrita pelas regras.

– Sentis no vosso coração uma livre e espontânea resolução de vos fazerdes freira? Não foram usadas ameaças ou lisonjas? Não se fez uso de nenhuma autoridade, para vos induzir a isso? Falai sem reservas e com sinceridade, a um homem cujo dever é conhecer a sua verdadeira vontade, para impedir que seja usado contra vós algum modo de violência.

A verdadeira resposta a tal pergunta ocorreu logo à mente de Gertrude com uma evidência terrível. Para dar essa resposta, seria preciso entrar numa explicação, dizer de que estava ameaçada, contar uma história... A infeliz fugiu apavorada dessa ideia; pro-

curando rapidamente outra resposta; achou uma só que pudesse libertá-la depressa e de maneira segura daquele suplício, a mais contrária à verdade.

– Faça-me freira – disse, ocultando a sua perturbação –, faça-me freira por meu gosto, livremente.

– Há quanto tempo nasceu em vós esse pensamento? – perguntou ainda o bom padre.

– Sempre o tive – respondeu Gertrude, que depois daquele primeiro passo havia ficado mais hábil a mentir contra si própria.

– Mas qual é o motivo principal que vos induz a fazer-vos freira?

O bom padre não sabia como era terrível a tecla que tocava; e Gertrude teve de se encher de força para não deixar transparecer no rosto o efeito que lhe produziram no ânimo aquelas palavras.

– O motivo – disse ela – é o de servir a Deus e fugir dos perigos do mundo.

– Não seria por acaso algum desgosto? Algum... desculpai-me... algum capricho? Às vezes, uma causa momentânea pode dar uma impressão que até parece que deverá durar sempre; e depois quando cessa aquela causa, e o ânimo torna a mudar, então...

– Não, não – respondeu precipitadamente Gertrude. – A causa é mesmo a que eu disse.

O vigário, mais para cumprir integralmente a sua obrigação do que pela persuasão de que fosse preciso, insistiu com as perguntas; mas Gertrude estava determinada a enganá-lo. Além do horror que lhe causava o pensamento de fazer sabedor da sua fraqueza aquele padre grave e digno, que parecia tão longe de suspeitar tal coisa dela, a pobrezinha pensava também que ele afinal podia impedir que ela se fizesse freira; mas aí acabava a sua autoridade sobre ela, bem como a sua proteção. E quando se fosse embora, Gertrude ficaria sozinha com o príncipe. E toda e qualquer coisa que ela tivesse de sofrer naquela casa, o bom padre nunca saberia de nada, ou sabendo-o, com todas as suas boas intenções, não poderia fazer mais nada senão ter compaixão por ela, aquela compaixão tranquila e comedida que, em geral, se concede, como que por cortesia, a quem tenha dado causa ou pretexto ao mal que lhe fazem. O examinador cansou-se de interrogar, antes que a desven-

turada de mentir; e, ouvindo aquelas respostas sempre conformes, e não tendo nenhum motivo para duvidar da sua sinceridade, mudou finalmente de linguagem: felicitou-a, de certo modo pediu-lhe desculpa por ter demorado tanto a fazer este seu dever; acrescentou o que julgava mais adequado para a confirmar naquele bom propósito, e apresentou as suas despedidas.

Ao atravessar as salas para sair, deparou-se com o príncipe, que parecia passar ali por mero acaso; e com ele também se congratulou pela boa disposição em que havia encontrado a sua filha. O príncipe estivera até então numa suspensão muito penosa; àquela notícia respirou fundo, e esquecendo a sua costumada gravidade, foi quase a correr até junto de Gertrude, cobriu-a de louvores, de carícias e de promessas, com um júbilo cordial, com uma ternura em grande parte sincera; assim é feita essa mixórdia do ser humano.

Não vamos acompanhar Gertrude naquela contínua roda viva de espetáculos e divertimentos. Nem descreveremos, em pormenor e por ordem, os sentimentos da sua alma em todo esse tempo: seria uma história de dores e flutuações demasiado monótona e de sobejo semelhante a coisas já ditas. A amenidade dos lugares, a variedade dos objetos, aquela distração que apesar de tudo achava em correr para cá e para lá ao ar livre, tornavam-lhe mais odiosa a ideia do local onde afinal se apearia pela última vez, para sempre.

Mais pungentes ainda eram as impressões que recebia nas conversas e nas festas. A vista das noivas a que se dava este título no sentido mais óbvio e mais usado causava-lhe uma inveja, um despeito insuportável; e, certas vezes, o aspeto de qualquer outra personagem fazia-lhe parecer que, ao ouvir-se dar aquele título, devia situar-se o cúmulo de toda a felicidade. Às vezes, também a pompa dos palácios, o esplendor dos ornamentos, o bulício e o alegre alarido das festas lhe comunicavam uma ebriedade, um tal ardor de viver, que prometia a si mesma desdizer-se, sofrer tudo, em vez de tornar à sombra fria e morta do claustro. Mas todas estas resoluções se esfumavam à consideração mais calma das dificuldades, ao simples fitar os olhos no rosto do príncipe. Às vezes também, o pensamento de ter de abandonar para sempre aqueles gozos tornava-lhe amargo e penoso o saborear aquela pequena proya; como o enfermo sequioso olha com raiva, e quase rejeita por despeito a colherinha de água que o médico a custo lhe concede. Entretanto, o vigário das freiras despachou o necessário atestado, e veio a licença para se realizar o capítulo com vista à aceitação de Gertrude. Fez-se o capítulo; concorreram, como era de esperar, os dois terços dos votos secretos exigidos pelos regulamentos: e Gertrude foi aceite. Ela própria, cansada daquele longo suplício, pediu para entrar o mais cedo possível no mosteiro. Não havia de certeza quem quisesse refrear uma tal impaciência. Portanto, foi feita a sua vontade; e, conduzida pomposamente ao mosteiro, vestiu o hábito. Ao cabo de doze meses de noviciado, plenos de arrependimentos e de novos arrependimentos, viu chegado o momento da profissão, ou seja, em que era conveniente, ou dizer um não mais estranho, mais inesperado, mais escandaloso que nunca, ou repetir um sim tantas vezes já dito; repetiu-o, e foi freira para sempre.

É uma das faculdades singulares e intransmissíveis da religião cristã, o poder guiar e consolar qualquer pessoa que, em qualquer conjuntura, e para qualquer finalidade, a ela recorra. Se para o passado há remédio, ela receita-o, ministra-o, e dá luz e vigor para o pôr em movimento seja a que custo for; se não há, ela dá os meios e o modo de fazer realmente e com efeito, como se diz proverbialmente, que a necessidade aguça o engenho. Ensina a continuar com saber o que foi empreendido por leviandade; força o âni-

mo a abraçar com propensão o que foi imposto pela prepotência, e dá a uma opção que foi temerária, mas que é irrevogável, toda a santidade, toda a sensatez, digamo-lo francamente, todas as alegrias da vocação. É um caminho de tal maneira que, a partir de qualquer labirinto, de qualquer precipício, que o homem a ele vá parar e aí dê um passo, desse momento em diante pode caminhar com segurança e boa vontade, e chegar contente a um fim feliz. Por este meio, Gertrude poderia ter sido uma monja santa e feliz, qualquer que fosse a maneira de lá chegar. Mas a infeliz, pelo contrário, debatia-se debaixo do jugo, e assim sentia com mais força o peso e os safanões. Uma amargura incessante pela liberdade perdida, a aversão ao estado presente, uma divagação fatigante em busca de desejos que jamais seriam satisfeitos, tais eram as principais ocupações do seu espírito. Remoía este amargo passado, recompunha na memória todas as circunstâncias pelas quais ali se encontrava; e desfazia mil vezes inutilmente com o pensamento o que fizera por sua obra; acusava-se a si mesma de inépcia, e a outros de tirania e perfídia; e roía-se de rancor. Idolatrava e chorava ao mesmo tempo a sua beleza, deplorava uma juventude destinada a destruir-se num lento martírio, e invejava, em certos momentos, toda e qualquer mulher que, fossem quais fossem a sua condição e a sua consciência, pudesse fruir livremente no mundo desses dons.

A vista daquelas monjas que tinham dado as mãos para a pu-

xarem lá para dentro era-lhe odiosa. Lembrava-se dos artifícios e dos rodeios que haviam posto em ação, e pagava-lhos com muitas grosserias, com muitos acintes, e até lançando-os diretamente à cara de quem quer que fosse. Àquelas, a maior parte das vezes, convinha-lhes engolir e calar: porque o príncipe quisera tyrannizar a filha quanto fosse necessário para a impelir ao claustro; mas, tendo conseguido o seu intento, não suportaria tão facilmente que outros pretendessem ter razão contra o seu sangue; e o menor rumor que pudessem fazer seria talvez motivo de lhes fazer perder aquela grande proteção, ou de transformar porventura o protetor em inimigo. Parece que Gertrude deveria ter sentido uma certa propensão pelas outras freiras, que não haviam tomado parte naquelas intrigas, e que, sem a terem desejado como companheira, a amavam como tal; e piedosas, ocupadas e divertidas, mostravam-lhe com o seu exemplo como ali dentro também se podia não só viver, mas passar bem o tempo. Mas até mesmo estas lhe eram odiosas, por outro aspeto. O seu ar de piedade e contentamento parecia-lhe como que uma censura à sua inquietação e ao seu comportamento intratável; e não deixava escapar nenhuma ocasião de as escarnecer pelas costas, como beatonas, ou de as criticar como hipócritas. Talvez lhes tivesse sido menos adversa se soubesse ou adivinhasse que as poucas bolas pretas, achadas na urna que decidiu da sua aceitação, tinham sido deitadas precisamente por elas.

Algum consolo parecia achar às vezes em mandar, em ser cortejada no mosteiro, em receber visitas de cumprimentos por parte de pessoas de fora, no aceitar algum compromisso, no conceder a sua proteção, em ouvir ser chamada a Senhora; mas que consolos! O coração, ao sentir-se tão insatisfeito, desejaria de vez em quando juntar-se e fruir com eles os consolos da religião; estes porém destinam-se a quem despreza aqueles outros: tal como o naufrago, se quiser agarrar a tábua que o pode levar a salvo para terra, precisa contudo de abrir a mão e abandonar as algas que tinha apanhado por uma raiva instintiva.

Pouco depois da profissão de fé, Gertrudes foi colocada em mestra das educandas; ora pensai como deviam estar aquelas juvenzinhas, sob uma tal disciplina. As suas antigas confidentes já tinham saído todas; mas ela conservava bem vivas todas as pai-

xões daquele tempo; e, de uma maneira ou de outra, as alunas teriam de lhe suportar o peso. Quando lhe vinha à mente que muitas destas estavam destinadas a viver nesse mundo de que ela estava excluída para sempre, sentia contra as pobrezinhas uma irritação, quase um desejo de vingança; e oprimia-as, maltratava-as, fazia-as pagar adiantadamente os prazeres que gozariam um dia. Quem ouvisse, naqueles momentos, com que indignação magistral lhes ralhava, por cada pequena escapadela, julgá-la-ia mulher de uma espiritualidade selvagem e indiscreta. Noutros momentos, o próprio horror pelo claustro, pela regra e pela obediência explodia em acessos de humor absolutamente contrário. Nessas alturas, não só suportava a distração barulhenta das suas alunas como até a excitava; entrava nas suas brincadeiras, e tornava-as mais desregradas; metia-se nas conversas delas e induzia-as a ir mais além das intenções com que tinham sido começadas. Se alguma dizia uma palavra sobre a tagarelice da madre abadessa, a mestra imitava-a longamente, e fazia dela uma cena de comédia; arremedava a cara de uma freira, o andar de outra; então ria à gargalhada; mas eram risos que não a deixavam mais alegre do que antes. Assim viveu alguns anos, não tendo possibilidades nem ocasião de fazer mais; quando quis a sua desgraça que se apresentasse uma ocasião.

Entre outras distinções e privilégios que lhe haviam sido concedidos, para a compensar de não poder ser abadessa, contava-se também o de estar num apartamento separado. Aquele lado do mosteiro era contíguo a uma casa habitada por um jovem, celedado de profissão, um dos muitos que naqueles tempos, com os seus esbirros, e com a aliança de outros celedados, até certo ponto podiam rir-se da força pública e das leis. O nosso manuscrito dá-lhe o nome de Egidio, sem citar o apelido. Este, de uma sua janelinha que dominava um pátio daquele apartamento, tendo visto algumas vezes Gertrude passar, ou deambular por ali, por ócio, mais atraído do que amedrontado com os perigos e a impiedade da empresa, atreveu-se um dia a dirigir-lhe a palavra. A desventurada respondeu.

Naqueles primeiros momentos, sentiu um contentamento, não sincero, decerto, mas bem vivo. No vazio tedioso da sua alma

viera infundir-se uma ocupação forte, contínua, e eu quase diria uma vida potente; mas esse contentamento era semelhante à bebida fortalecedora que a crueldade engenhosa dos antigos oferecia ao condenado para lhe dar a força de suportar os tormentos. Ao mesmo tempo, viram-se grandes novidades em todo o seu comportamento: tornou-se de repente mais regular, mais tranquila, abandonou os escárnios e a maledicência, aliás, mostrou-se mesmo carinhosa e polida, de modo que as freiras se congratulavam umas com as outras pela feliz mudança, longe como estavam de imaginar o verdadeiro motivo, e de compreender que aquela nova virtude não era senão hipocrisia acrescida aos antigos vícios. No entanto, esta aparência, este, por assim dizer, branqueamento exterior, não durou muito tempo, pelo menos com aquela continuidade e igualdade; bem cedo voltaram à tona os acintes e os caprichos do costume, bem cedo tornaram a fazer-se ouvir as imprecações e os escárnios contra a prisão claustral, e, por vezes, expressos numa linguagem insólita naquele lugar, e até mesmo naquela boca. Contudo, a cada uma destas escapadelas sucedia-se um arrependimento, um grande cuidado em fazê-las esquecer, à força de mimos e de boas palavras. As freiras suportavam-nos como melhor podiam todos estes altos e baixos, e atribuíam-nos à índole lunática e leviana da Senhora.

Durante algum tempo não pareceu que alguma delas levasse mais longe o pensamento; mas um dia em que a Senhora, numa discussão com uma irmã conversa, por não sei que mexerico, se deixou levar ao ponto de nunca mais acabar de a maltratar com maus modos, a irmã conversa, depois de sofrer e de morder os lábios por um bom pedaço, perdendo finalmente a paciência, deixou escapar uma palavra, que sabia de alguma coisa e que, em tempo e lugar certos, falaria. A partir desse momento, a Senhora nunca mais teve paz. Contudo, não se passou muito tempo até que, uma manhã, a irmã conversa foi esperada em vão para os seus ofícios costumados: vai-se ver à sua cela, e não se encontra; é chamada em voz alta: não responde; procura aqui, procura ali, corre-se tudo de cima a baixo: não está em parte nenhuma. E sabe-se lá as conjecturas que se teriam feito se, precisamente nas buscas, não se descobrisse um buraco no muro da horta; coisa que fez pensarem

todas que se tinha escapulado por ali. Fizeram-se grandes investigações em Monza e nos arredores, especialmente em Meda, donde era a irmã conversa; escreveu-se para diversas partes: nunca se teve a menor notícia dela. Talvez se pudesse ter sabido mais se, em vez de procurarem longe, tivessem escavado perto. Ao cabo de muitos espantos, porque ninguém a julgava capaz disso, e após muitas discussões, concluiu-se que ela devia ter ido para longe, para muito longe. E por ter dito uma freira: «Refugiou-se na Holanda, de certeza», imediatamente se disse, e considerou-se durante algum tempo no mosteiro e fora dele, que se tinha refugiado na Holanda. No entanto, não parece que a Senhora fosse desta opinião. Não porque mostrasse não acreditar, e combatesse a opinião comum com as suas razões particulares; se tinha certamente razões, nunca estas foram tão bem dissimuladas; nem havia coisa de que ela se abstinisse com mais gosto do que remexer nesta história, coisa que menos a ocupasse do que tocar o fundo daquele mistério. Mas quanto menos falava do assunto, mais pensava nele. Quantas vezes por dia, não vinha a imagem daquela mulher meter-se de repente no seu espírito, e ali se instalava, sem querer sair! Quantas vezes, não teria desejado vê-la à frente, viva e real, em vez de a ter sempre fixa no pensamento, em vez de ter de se achar, dia e noite, na companhia daquela forma vazia, terrífica, impassível!

Quantas vezes, não teria querido ouvir realmente a voz dela, nem que fosse a ameaçá-la, em vez de ter sempre no íntimo do seu ouvido mental o sussurro fantástico daquela mesma voz, e dela ouvir palavras repetidas com uma pertinácia, com uma insistência incansável, como nenhuma pessoa viva teve alguma vez!

Tinha passado perto de um ano desde aquele facto, quando Lucia foi apresentada à Senhora, e teve com ela a conversação em que tínhamos ficado na narração. A Senhora multiplicava as perguntas acerca da perseguição de Dom Rodrigo, e entrava em certos pormenores com uma intrepidez que era e devia ser mais do que nova para Lucia, que jamais pensara que a curiosidade das freiras pudesse exercer-se em torno de assuntos semelhantes. Depois, não eram menos estranhos os juízos que ela entremeava com as interrogações, ou que deixava transparecer. Parecia quase que se ria da repugnância que Lucia sempre sentira por aquele senhor, e perguntava se era algum monstro para ela lhe ter assim tanto medo; parecia quase que acharia irracional e disparatada a relutância da jovem, se não tivesse por razão a preferência dada a Renzo. E sobre este também avançava com perguntas que faziam espantar e corar a interrogada. Reparando depois que tinha dei-

xado correr demasiado a língua atrás das divagações do cérebro, tentava corrigi-las e interpretar para melhor as suas tagarelices; mas não podia evitar que a Lucia ficasse numa estupefação desagradável, e como que num confuso pavor. E assim que pôde achar-se a sós com a mãe, abriu-se com ela; mas Agnese, mais experiente que era, em poucas palavras resolveu todas aquelas dúvidas e explicou todo o mistério.

– Não te admires com isso – disse ela. – Quando conheceres o mundo como eu, verás que não são coisas que causem admiração. Os senhores, uns mais, outros menos, uns por um lado, outros por outro, têm todos um tanto de loucos. Convém deixá-los falar, principalmente quando se precisa deles; fingir que os ouvimos e tomamos a sério, como se dissessem coisas justas. Não ouviste como me cortou a palavra, como se eu tivesse dito algum grande despropósito? Eu não fiz caso, e pronto. São todos assim. E com tudo isto, agradeçamos ao Céu, pois parece que esta senhora se interessou por ti e quer proteger-nos mesmo. De resto, se viveres, minha filha, e se ainda te suceder teres de lidar com senhores, vais ouvir dessas, pois vais, olá se não vais!

O desejo de fazer um favor ao padre guardião, o gosto de proteger, o pensamento do bom conceito que podia produzir a proteção tão santamente dada, uma certa inclinação por Lucia, e também um certo alívio em fazer bem a uma criatura inocente, em socorrer e consolar oprimidos, tinham realmente posto a Senhora na disposição de levar a peito a sorte das duas fugitivas. A seu pedido e em consideração por ela, foram alojadas no apartamento da feitora, contíguo ao claustro, e tratadas como se pertencessem ao serviço do mosteiro. Mãe e filha felicitavam-se uma à outra por terem encontrado tão depressa um abrigo seguro e honrado. Teriam também muito prazer em lá ficar ignoradas de qualquer pessoa; o que não era porém coisa fácil num mosteiro: tanto mais que havia um homem demasiado ansioso por ter notícias de uma delas, um homem em cuja alma, à paixão e ao empenho de antes, se tinha somado também o rancor por ter sido antecedido e logrado. E nós, deixando as mulheres no seu refúgio, voltaremos ao palacete deste tal, no momento em que estava aguardando o sucesso da sua criminosa expedição.

CAPÍTULO XI

COMO UMA MATILHA DE CÃES DE CAÇA, DEPOIS DE PERSEGUIR EM vão uma lebre, torna mortificada para junto do dono, com o focinho de rastos e a cauda murcha, assim, naquela malfadada noite, regressaram os bravos ao palacete de Dom Rodrigo. Ele andava para a frente e para trás, às escuras, por um enorme quarto desabitado do último andar, que dava para a esplanada. De vez em quando parava, apurava o ouvido, espreitava pelas frestas das persianas carcomidas, cheio de impaciência e não privado de inquietação, não só pela incerteza do resultado, mas também pelas suas possíveis consequências; porque aquela era a proeza maior e mais arriscada em que o desgraçado homem já tinha posto a mão. Ia sossegando porém ao pensamento das precauções tomadas para destruir os indícios, se não as suspeitas. «Quanto às suspeitas – pensava –, até me fazem rir. Gostava de saber quem será o atrevido capaz de vir cá acima ver se aqui está ou não está uma rapariga. Pois que venha de lá esse labrego, que será bem recebido. Venha o frade, venha. A velha? Vá a Bérghamo, a velha. A justiça? Ora, a justiça! O Podestade não é nenhuma criança, nem é louco. E em Milão? Quem se rala com esta gatinha em Milão? Quem lhes

daria ouvidos? Quem sabe que existem? São como gente perdida na terra; não têm nem sequer um senhor: gente de ninguém. Ora, ora, nada de medos. Como não vai ficar Attilio amanhã de manhã! Verá então se comigo é só conversa ou se são factos. E depois... se por acaso surgisse qualquer complicação... sei lá, se algum inimigo quisesse aproveitar-se desta ocasião... Attilio também saberá aconselhar-me: nisto está em causa a honra de toda a parentela.» Mas a preocupação em que mais se detinha, porque nele achava ao mesmo tempo um aquietar das dúvidas, e um campo de pasto para a sua paixão principal, era o pensamento dos engodos e promessas que deveria empregar para aplacar Lucia. «Terá tanto medo de se encontrar aqui sozinha, no meio destes homens, destas caras, que... o rosto mais humano aqui dentro sou eu, com um raio... que terá de recorrer a mim, terá ela de pedir; e se pedir...»

Enquanto faz estes belos cálculos, ouve o ruído de passadas na rua, vai à janela, abre-a um pouco, espreita; são eles. «E a liteira? Diabos! Onde está a liteira? Três, cinco, oito; estão todos; também está o Griso; a liteira não está: diabos! diabos! O Griso vai ter de me prestar contas.»

Entrados que foram, o Griso encostou a um canto do aposento do piso térreo o seu bordão, pousou chapelão e manta, e, como requeria o seu cargo, que naquele momento ninguém lhe invejava,

subiu para prestar essas contas a Dom Rodrigo. Este esperava-o ao alto das escadas; e ao vê-lo aparecer com a imbecil e apalermada cara do tratante dececionado, gritou-lhe:

– Ora bem, senhor valentão, senhor capitão, senhor *deixe-isso-comigo?*

Griso respondeu, ficando com um pé no degrau:

– É duro. É duro receber reprimendas depois de ter trabalhado fielmente, e tentado cumprir o seu dever, e até arriscado a pele.

– Como correu isso? Ora, vamos lá ouvir... – disse Dom Rodrigo, dirigindo-se para o seu quarto, aonde o acompanhou o Griso, fazendo-lhe logo o relato do que tinha disposto, feito, visto e não visto, ouvido, temido e remediado; e fê-lo com a ordem e a confusão, com a dúvida e o espanto, que deviam forçosamente reinar ao mesmo tempo nas suas ideias.

– Tu não deixas de ter razão, e portaste-te bem – disse Dom Rodrigo. – Fizeste o que se podia fazer; mas... mas se debaixo destes tetos houvesse um bufo! Se houver, e eu o descobrir, e havemos de descobri-lo, está bem arranjado comigo; só te digo, Griso, que lhe trato bem da saúde.

– Também a mim, senhor – disse o Griso –, me passou pela cabeça uma suspeita dessas; se fosse verdade, se se viesse a descobrir um patife dessa espécie, o senhor meu amo deve entregá-lo às minhas mãos. Um tipo que se desse ao divertimento de me fazer passar uma noite como esta! Era a minha vez de o fazer pagá-las todas. Mas por várias coisas pareceu-me poder afirmar que aqui deve haver outra intriga qualquer, que por agora não se consegue perceber. Amanhã, meu senhor, amanhã se verá tudo esclarecido.

– Ao menos não foram reconhecidos?

O Griso respondeu que esperava que não; e a conclusão da conversa foi que Dom Rodrigo lhe encomendou, para o dia seguinte, três coisas que ele bem saberia pensar por si. Mandar logo de manhãzinha dois homens fazer ao cônsul aquela tal intimação, que depois foi feita, como vimos; mais dois para fazerem a ronda junto da casa, tendo em vista afastar qualquer ocioso que por ali aparecesse, e subtrair a todos os olhares a liteira até à noite seguinte, em que se mandaria alguém buscá-la, já que por agora não convinha fazer mais movimentações capazes de despertar suspei-

tas; ir também ele, e mandar mais uns, dos mais desembaraçados, e de boa cabeça, misturar-se com a gente da terra, para sacar alguma coisa a respeito da trapalhada naquela noite. Dadas essas ordens, Dom Rodrigo foi dormir, e deixou ir também o Griso, despedindo-o com muitos elogios, dos quais transparecia evidentemente a intenção de o compensar dos impropérios precipitados com que o tinha recebido.

Vai dormir, pobre Griso, que deves estar precisado. Pobre Griso! Em tarefas todo o dia, em tarefas metade da noite, sem contar o perigo de cair debaixo das unhas dos aldeãos, ou de ficar com a cabeça a prêmio *por rapto de mulher honesta*, em cima do que já tinha; e depois ser recebido daquela maneira! Eh! assim pagam muitas vezes os homens. Tu porém tens podido ver, nestas circunstâncias, que às vezes a justiça, se não vem às primeiras, mais tarde ou mais cedo, também chega neste mundo. Vai dormir, por enquanto; que um dia talvez tenhas de nos fornecer outra prova, e talvez mais importante que esta.

Na manhã seguinte, o Griso andava de novo por fora a cumprir tarefas, quando Dom Rodrigo se levantou. Este perguntou logo pelo conde Attilio, que, ao vê-lo aparecer, fez uma cara e um gesto trocistas, e lhe gritou:

– São Martinho!

– Não sei o que vos hei de dizer – respondeu Dom Rodrigo ao chegar junto dele. – Pagarei a aposta; mas não é isso o que mais me irrita. Eu não vos disse nada antes porque, confesso, pensava fazer-vos ficar esta manhã. Mas agora... basta, vou contar-vos tudo.

– Aqui nesta história anda mãozinha daquele frade – disse o primo, depois de ter ouvido tudo, com mais seriedade do que seria de esperar de um cérebro tão extravagante. – Esse frade – prosseguiu –, com aquele seu ar de gatinha morta, e com aquelas suas afirmações idiotas, cá para mim é um finório que mete o bedelho em toda a parte. Vós não vos fiastes em mim, nunca me dissetes com clareza em que veio ele aqui embarrilar-vos no outro dia.

Dom Rodrigo relatou o diálogo.

– E vós tivestes assim tanta paciência? – exclamou o conde Attilio. – E deixaste-lo ir tal como tinha vindo?

– Então, querieis que eu levantasse contra mim todos os capuchinhos da Itália?

– Cá por mim – disse o conde Attilio –, não sei se, naquele momento, me lembraria de que no mundo há mais capuchinhos além daquele temerário patife; mas como é isso? Mesmo entre as regras da prudência, faltará porventura uma maneira de tirar desforra de alguém, mesmo que seja de um capuchinho? É preciso saber redobrar a tempo as gentilezas a toda uma corporação, e então pode-se com a maior impunidade dar uma carga de cacetas num dos seus membros. Basta; escapou à punição que mais bem lhe assentava; mas tomo-o eu sob a minha proteção, e quero ter o consolo de lhe ensinar como se fala com alguém da nossa condição.

– Não me pioreis as coisas.

– Fiai-vos em mim ao menos uma vez, que vos servirei como parente e como amigo.

– O que pensais fazer?

– Ainda não sei; mas de certeza irei aviar o frade. Eu trato disso, e... o senhor conde tio do Conselho secreto é que me há de fazer o serviço. Querido senhor conde tio! Como me divirto cada vez que o ponho a trabalhar para mim, um politiqueiro daquele calibre! Depois de amanhã estarei em Milão, e, de uma maneira ou de outra, o frade terá a sua conta.

Veio entretanto a refeição, que não interrompeu a conversa sobre um assunto daquela importância. O conde Attilio falava disto com desenvoltura; e embora aceitasse o papel que reclamava a sua amizade pelo primo, e a honra do nome comum, de acordo com as ideias que tinha acerca de amizade e honra, contudo, de vez em quando, não podia deixar de rir à socapa daquele belo resultado. Mas Dom Rodrigo, que agia em causa própria, e que, julgando dar com facilidade um grande golpe, falhara estrondosamente, era agitado por paixões mais graves, e distraído por pensamentos mais incômodos.

– Grande falatório – dizia – hão de fazer aqueles estupores por todas as redondezas. Mas o que me importa isso? No que toca a justiça, até me rio dela: provas, não há nenhuma; e mesmo que houvesse, eu ria-me igualmente; pelo sim, pelo não, esta manhã

mandei avisar o cônsul de que se guarde bem de fazer algum auto que dê notícia do sucedido. Não haverá consequências; mas os fatalatórios, quando se prolongam, aborrecem-me. E também é de mais que eu tenha sido tão barbaramente achincalhado.

– Fizestes muito bem – respondeu-lhe o conde Attilio. – Este vosso Podestade... grande teimoso, grande cabeça oca, grande maçador... no meio de tudo é um homem de bem, uma pessoa que conhece os seus deveres; e precisamente quando se tem de lidar com gente assim, é preciso ter mais cuidado para não lhes criar embaraços. Se o estupor de um cônsul fizer um auto, o Podestade, por melhores que sejam as suas intenções, não pode evitar...

– Mas vós – interrompeu, com uma certa irritação, Dom Rodrigo –, vós dais-me cabo dos negócios, com essa mania de o contradizer em tudo, de lhe cortar a palavra, e até de fazer troça dele, quando calha. Que diabo, um Podestade não pode ser uma besta e teimoso, quando no resto é um homem de bem?

– Sabeis uma coisa, primo? – disse, olhando-o espantado o conde Attilio. – Sabeis que começo a acreditar que tendes um certo medo? Agora até me levais a sério o Podestade...

– Ora, ora, não dissestes vós mesmo que é preciso tratá-lo bem?

– Pois disse: e quando se trata de um negócio sério irei mostrar-vos que não sou nenhuma criança. Sabeis o que eu sou capaz de fazer por vós? Sou homem para ir em pessoa visitar o senhor Podestade. Ah! Não achais que ele vai ficar todo contente com a honra que lhe é concedida? E sou homem para o deixar falar meia hora seguida do conde-duque, e do nosso senhor castelão espanhol, e de lhe dar razão em tudo, mesmo quando sobre eles soltar uma daquelas de fazer tremer a casa toda. Depois lanço para o ar uma ou outra palavrinha sobre o conde tio lá do Conselho secreto: e vós bem sabeis o efeito que fazem estas palavrinhas nos ouvidos do senhor Podestade. Afinal de contas, ele precisa mais da nossa proteção do que vós da condescendência dele. Farei tudo o que puder, lá irei e hei de deixá-lo com uma disposição para convosco melhor do que nunca.

Depois destas e de outras semelhantes palavras, o conde Attilio saiu, para ir à caça; e Dom Rodrigo ficou esperando com ansie-

dade o regresso do Griso. Veio este finalmente, pela hora do almoço, fazer o seu relatório.

A desordem daquela noite havia sido tão clamorosa, e o desaparecimento de três pessoas de uma aldeola era um acontecimento tão importante que as investigações, quer por interesse, quer por curiosidade, deviam naturalmente ser múltiplas, e ardentes, e insistentes; e por outro lado, os informadores de qualquer coisa eram sempre demasiados para concordarem todos em calar tudo. Perpetua não podia aparecer à porta, que era logo assaltada por este e por aquele, para que dissesse quem tinha vindo meter aquele medo pavoroso ao seu patrão: e Perpetua, relembrando todas as circunstâncias do facto, e descortinando finalmente que havia sido bem enganada por Agnese, sentia tanta raiva por essa perfídia que precisava de desabafar um pouco. Não que andasse a lamentar-se com um e com outro da maneira usada para a embarrilar: sobre isto nem um sopro; mas a partida pregada ao seu pobre amo; essa é que não podia de modo nenhum deixar passar em silêncio; e sobretudo, que uma partida assim houvesse sido combinada e tentada por aquele rapaz que era uma pessoa de bem, por aquela boa viúva, por aquela santa de altar. Dom Abbondio podia muito bem ordenar-lhe resolutamente, ou pedir-lhe cordialmente que se mantivesse calada, ela podia muito bem repetir-lhe que não era preciso sugerir-lhe uma coisa tão clara e tão natural; a verdade é que um

segredo assim tão grande estava no coração da pobre mulher como, dentro de uma pipa velha e mal arqueada, um vinho muito novo que começa a fermentar, que borbulha e referve, e, se não fizer ir a rolha pelos ares, geme-lhe em torno, e derrama-se em espuma, e ressuma entre aduela e aduela, e pinga por aqui e por ali, de modo que se pode prová-lo, e dizer pouco mais ou menos que vinho é. Gervaso, que ainda não conseguia crer-se uma vez na vida mais informado que os outros, a quem parecia não pequena glória o ter tido um grande medo, a quem, por ter posto a mão numa coisa que tresandava a crime, parecia ter-se transformado num homem como os outros, morria de vontade de se gabar disso. E embora Tonio, que pensava seriamente nas inquisições e nos processos possíveis e nas contas a prestar, lhe ordenasse, levando-lhe o punho diante da cara, que não dissesse nada a ninguém, contudo não foi possível sufocar-lhe na boca as palavras todas. De resto o próprio Tonio, depois de ter estado naquela noite fora de casa a horas insólitas, ao regressar, com um passo e com um semblante pouco habituais, e com uma agitação de alma que o predispunha à sinceridade, não pôde dissimular o facto à mulher; a qual

não era muda. Quem falou menos foi Menico; porque, assim que contou aos pais a história e o motivo da sua expedição, a estes pareceu coisa tão terrível que um filho deles tivesse participado a deitar por terra uma proeza de Dom Rodrigo, que quase não deixavam o rapaz acabar o seu relato. A seguir deram-lhe logo as ordens mais fortes e ameaçadoras para que se cuidasse bem de não fazer nem sequer menção de nada; e na manhã seguinte, não achando eles que estavam bastante seguros, resolveram mantê-lo fechado em casa, por aquele dia e por mais outros também. Mas quê? Depois eles mesmos, conversando com a gente da terra, e sem quererem mostrar que sabiam mais do que os outros, quando se chegava a esse ponto obscuro da fuga dos nossos três desgraçados, e ao como, e ao porquê, e ao onde, acrescentavam, como coisa conhecida, que se tinham refugiado em Pescarenico. Assim, esta circunstância passou também a entrar nas conversas comuns.

Com todos estes fragmentos de notícias, juntos depois e cosidos como é costume, e com a franja que se lhes prende naturalmente na costura, podia-se fazer uma história de uma certeza e de clareza tal que satisfaria qualquer intelecto, mesmo o mais crítico. Mas aquela invasão dos bravos, incidente demasiado grave e ruidoso para ficar de fora, e do qual ninguém tinha conhecimento suficiente, era esse incidente que embrulhava toda a história. Murmurava-se o nome de Dom Rodrigo, nisso estavam todos de acordo; quanto ao resto, só escuridão e conjeturas diversas. Falava-se muito dos dois desordeiros que tinham sido vistos na rua, ao cair da noite, e do que se pusera à porta da taberna; mas que luz se podia tirar desse facto tão seco? Bem podiam perguntar ao estalajadeiro quem lá tinha estado na noite passada; que o homem, se nele nos fiarmos, não se lembrava sequer se tinha vindo gente nessa noite; e insistia em dizer que a estalagem é um porto de mar. Acima de tudo, confundia as cabeças, e desfazia as conjeturas aquele peregrino visto por Stefano e por Carlandrea, aquele peregrino que os malandrins queriam matar, e que tinha ido com eles, ou que eles tinham levado. O que viera ali fazer? Era uma alma do Purgatório, que viera auxiliar as mulheres; era a alma danada de um peregrino velhaco e impostor, que aparecia sempre de noite para se juntar com quem fizesse o que ele fizera em vivo: era

um verdadeiro peregrino vivo, que eles tinham querido matar para que não gritasse, despertando a aldeia; era (vejam lá o que as pessoas pensam!) um daqueles mesmos malandrins disfarçado de peregrino; era isto, era aquilo, era tantas coisas que a sagacidade e a experiência do Griso não chegavam para descobrir quem seria, se o Griso tivesse de se informar desta parte da história das conversas dos outros. Mas, como o leitor sabe, o que a tornava embrulhada para os outros era precisamente o mais claro para ele; servindo-se deste facto para interpretar a outras notícias que ia recolhendo, ou diretamente, ou por meio dos exploradores seus subordinados, conseguiu de tudo compor para Dom Rodrigo um relatório bastante diferente. Foi ter com ele à porta fechada, e informou-o do golpe tentado pelos dois pobres noivos, o que explicava naturalmente a casa encontrada vazia e o toque a rebate, sem haver necessidade de supor que havia lá em casa um traidor, como diziam os dois fidalgos. Informou-o da fuga; e desta era igualmente fácil descobrir as suas razões: o temor dos noivos apanhados em falta, ou qualquer aviso da invasão, que lhes teriam dado quando foi descoberta, e a aldeia posta em polvorosa. Disse finalmente que tinham encontrado abrigo em Pescarenico; mais adiante não ia a sua ciência. A Dom Rodrigo agradou a certeza de que ninguém o atraíçara, e o ver que não restavam vestígios do seu feito; mas essa foi uma satisfação breve e escassa.

– Fugiram juntos! – gritou. – E o patife daquele frade! Aquele frade! – A frase saía-lhe roufenha da garganta, e mutilada entre os dentes que mordiam o dedo; o seu aspeto era tão feio como as suas paixões. – Aquele frade há de pagar-mas. Griso! Eu não seja mais quem sou... Quero saber... quero descobrir... Esta noite, quero saber onde estão. Não fico sossegado. Para Pescarenico, já, para saber, para ver, para achar... quatro escudos agora, e a minha proteção para sempre. Quero saber esta noite. E aquele patife!... aquele frade!...

O Griso de novo em campo, ao anoitecer daquele mesmo dia pôde levar ao seu digno patrão e desejada notícia: e eis de que maneira.

Um dos maiores consolos desta vida é a amizade; e um dos consolos da amizade é o de se ter a quem confiar um segredo. Ora

bem, os amigos não são aos dois e dois, como os casais: cada um, geralmente falando, tem mais do que um: o que forma uma corrente da qual ninguém consegue achar o fim. Portanto, quando um amigo tenta obter o consolo de depor um segredo no seio de outro, dá a este a vontade de obter também o mesmo consolo. Pede-lhe, é certo, que não diga nada a ninguém; e uma tal condição, quem a tomasse no sentido rigoroso das palavras, truncaria imediatamente o curso dos consolos. Mas quis a prática geral que obrigue a não confiar o segredo senão a quem for um amigo igualmente de confiança, e impondo-lhe a mesma condição. Assim, de amigo de confiança em amigo de confiança, o segredo corre e circula por essa imensa corrente, de modo que chega aos ouvidos daquele ou daqueles a quem o primeiro que falou tinha precisamente a intenção de nunca o deixar chegar. Deveria contudo passar muito tempo no caminho se cada um tivesse apenas dois amigos: o que lhe diz, e aquele a quem repete a coisa que se deve calar. Há homens privilegiados que os contam às centenas; e quando o segredo chega a um destes homens, os percursos ganham tanta rapidez e multiplicam-se de tal modo que deixa de ser possível seguir os seus passos. O nosso autor não pôde contar por quantas bocas passou o segredo que o Griso tinha ordem de descortinar: a verdade é que o bom homem que tinha escoltado as mulheres até Monza, ao regressar, pelas cinco da tarde, com a sua carroça a Pescarenico, cruzou-se antes de chegar a casa com um amigo de confiança, a quem contou, como grande confidência, a boa ação que havia cometido, bem como o resto; e o facto é que o Griso, duas horas depois, pôde acorrer ao palacete e relatar a Dom Rodrigo que Lucia e a mãe estavam abrigadas num convento de Monza, e que Renzo tinha seguido o seu caminho até Milão.

Dom Rodrigo sentiu uma celerada alegria com aquela separação, vendo renascer um pouco aquela malvada esperança de chegar aos seus intentos. Passou grande parte da noite a pensar na maneira de agir; e levantou-se cedo com dois desígnios, um já estabelecido e o outro apenas esboçado. O primeiro era o de expedir sem demora o Griso a Monza, para ter notícias mais claras de Lucia, e saber se era de tentar alguma coisa. Assim, mandou imediatamente chamar aquele seu homem de confiança, meteu-lhe na

mão os quatro escudos, louvou-o outra vez pela habilidade com que os ganhara, e deu-lhe a ordem que tinha premeditado.

– Senhor... – disse hesitante o Griso.

– O que é? Eu não falei claro?

– Se pudesse mandar outro qualquer...

– Como?

– Meu senhor ilustríssimo, estou pronto a dar a pele pelo meu patrão: é o meu dever; mas também sei que o senhor não quer arriscar demasiado a vida dos seus súbditos.

– E então?

– Vossa Senhoria Ilustríssima bem sabe aqueles vários prémios que dão pela minha prisão: e... Aqui estou sob a sua proteção; somos uma brigada, o senhor Podestade é amigo de casa; os esbirros tratam-me com respeito; e eu também... é coisa que dá pouca honra, mas para viver descansado... trato-os como amigos. Em Milão, a libré de Vossa Senhoria é conhecida; mas em Monza... quem é conhecido sou eu. E Vossa Senhoria sabe que não falo só por falar, quem conseguisse entregar-me à justiça faria um belo golpe! Cem escudos bem contados, e a possibilidade e libertar dois bandidos.

– Que diabo! – disse Dom Rodrigo. – Sais-me agora um cão de palheiro que só tem coragem para se atirar às pernas de quem passar à porta, olhando para trás a ver se as pessoas de casa o protegem, e não se sente capaz de se afastar!

– Creio, senhor meu amo, que já dei provas...

– E então?

– E então – ripostou francamente o Griso, vendo assim posto em causa o seu brio –, Vossa Senhoria faça de conta que eu não falei: coração de leão, patas de lebre, e eis-me pronto para partir.

– Eu não disse que ias sozinho. Leva contigo dois dos melhores... o Cicatriz e o Atira-direito; e vai de bom ânimo, e sê o Griso de sempre. Que diabo! Três figuras como as vossas, e que vão à sua vida, quem queres que não fique satisfeito por deixá-los passar? Seria preciso que os esbirros de Monza estivessem bem desgostosos da vida, para a porem em risco por cem escudos num jogo tão arriscado. E depois, e depois, não creio ser assim tão des-

conhecido nessas bandas, que a qualidade do meu servidor não valha nada por lá.

Assim envergonhando um tanto o Griso, deu-lhe depois amplas e pormenorizadas instruções. O Griso foi chamar os dois companheiros, e partiu de cara alegre e atrevida, mas praguejando dentro de si contra Monza e os prêmios pelas cabeças e as mulheres e os caprichos dos patrões; e caminhava como o lobo, que impellido pela fome, com o ventre encolhido e com as costelas que se podiam contar, desce dos seus montes, onde só há neve, e avança suspeitosamente na planura, detendo-se de vez em quando, com uma pata suspensa, e abanando a cauda meio pelada.

Ergue o focinho, e odora o vento hostil.

E se lhe traz o cheiro a homem ou ao ferro, eriça as orelhas pontiagudas, e anda à volta com os olhos sanguíneos, dos quais transluzem ao mesmo tempo a avidez da presa e o terror da caça. De resto, aquele belo verso, quem quiser saber donde provém, é extraído de uma proeza inédita de cruzados e de lombardos, que, em breve, deixará de ser inédita, e fará grande sensação; e eu fui buscá-lo porque vinha mesmo a propósito; e digo onde, para não fazer figura com as coisas dos outros: para que ninguém pensasse ser esta uma astúcia minha para fazer saber que o autor dessa aventura e eu somos como irmãos, e que eu vasculho à minha vontade nos seus manuscritos .

A outra coisa que importava a Dom Rodrigo era achar maneira de Renzo nunca mais poder tornar a estar com Lucia, nem pôr os pés na sua aldeia; e para este fim, maquinava mandar espalhar boatos de ameaças e insídias que, chegando-lhe aos ouvidos por meio de qualquer amigo, lhe fizessem passar a vontade de voltar para aqueles lados. Pensava porém que a mais segura seria se pudesse fazê-lo expulsar do Estado: e para isso resultar, via que mais do que a força lhe poderia servir a justiça. Podia-se, por exemplo, carregar de uma certa cor a tentativa feita na casa paroquial,

pintá-la como uma agressão, um ato sedicioso, e, por meio do doutor, dar a entender ao Podestade que havia razão para expedir contra Renzo um bom mandato de captura. Mas pensou que a ele não convinha nada remexer naquele triste assunto; e sem moer mais o cérebro, resolveu abrir-se com o doutor *Acerta-Engulhos* o necessário para o fazer compreender o seu desejo. «Os editais são tantos! – pensava. – E o doutor não é tolo nenhum: qualquer coisa que sirva para o meu caso saberá arranjar, qualquer sarilho para entalar aquele aldeãozeco: senão ainda lhe mudo o nome.» Mas (como acontece às vezes com as coisas deste mundo!) enquanto ele considerava o advogado como o homem mais hábil do mundo para o servir neste assunto, outro homem, o homem que ninguém imaginaria, o próprio Renzo, por assim dizer, trabalhava de alma e coração para o servir, de um modo mais certo e mais expedito que todos, e que o doutor seria alguma vez capaz de descobrir.

Tenho visto várias vezes um bom menino, esperto, para dizer a verdade, mais do que o necessário, mas que, por todos os sinais, mostra querer vir a ser um homem de bem; vi-o, como disse, várias vezes ocupado ao anoitecer a mandar para debaixo de telha um seu rebanho de porquinhos-da-índia, que tinha deixado passar em liberdade todo o dia, num pequeno jardim. Bem gostaria ele de os fazer ir todos juntos para a toca; mas era um esforço desperdiçado: um dispersava-se para a direita, e, enquanto o pastorinho corria para o juntar à manada, um outro, dois, três, saíam pela esquerda, por todos os lados. De modo que, depois de perder um pouco da sua paciência, se adaptava ao seu gênio, e empurrava para dentro, primeiro os que estavam mais perto da porta, e depois ia buscar os outros, um, dois ou três de cada vez, conforme pudesse. É conveniente fazermos um jogo parecido com as nossas personagens: alojada Lucia, corremos para Dom Rodrigo; e agora temos de o abandonar, para irmos atrás de Enzo, que havíamos perdido de vista.

Após a dolorosa separação que contámos, caminhava Renzo de Monza para Milão, naquele estado de espírito que todos podemos imaginar. Abandonar a casa, descurar o ofício, e o que era o mais grave, afastar-se de Lucia, dar consigo num caminho que não sabia aonde ia parar; e tudo por causa daquele patife! Quando se deti-

nha com o pensamento numa ou noutra destas coisas, atolava-se todo na raiva, e no desejo de vingança; mas tornava-lhe à mente aquela oração que também tinha rezado com o seu bom frade, na igreja de Pescarenico; e caía em si: despertava-lhe de novo a cólera; mas vendo uma imagem na parede, tirava o chapéu, e parava um momento para rezar outra vez: de modo que, naquela viagem, dentro do seu coração matou Dom Rodrigo e ressuscitou-o pelo menos vinte vezes. A estrada agora estava toda sepultada entre duas altas arribas, lamacenta, lodosa, pedregosa, sulcada por rodados profundos, que, a seguir a uma chuvada, se tornavam regatos; e em certas partes mais baixas ficava toda alagada, que se podia andar de barco por ela. Nesses pontos, um pequeno atalho, que subia em degraus até ao alto da arriba, indicava que outros viandantes tinham arranjado uma estrada nos campos. Renzo, tendo subido por um desses passadiços para o terreno mais elevado, viu aquela grande construção da catedral, sozinha no meio da planície, como se surgisse, não no centro de uma cidade, mas sim num deserto; e deteve-se logo, esquecendo-se de todas as suas atribulações, a contemplar, embora de longe, aquela oitava maravilha, de que tanto tinha ouvido falar desde criança. Mas passados

uns momentos, virando-se para trás, viu no horizonte aquela crista recortada de montanhas, viu distinto e elevado no meio delas o seu *Resegone*, sentiu revolver-se-lhe todo o sangue, ficou ali algum tempo a olhar tristemente para aquele lado; depois, tristemente, virou costas e prosseguiu o seu caminho. Pouco a pouco começou depois a descobrir torres e campanários e cúpulas e telhados; desceu então para a estrada, caminhou ainda por mais algum tempo, e quando se apercebeu de que estava bem perto da cidade, aproximou-se de um viandante e, com uma vénia de tanto garbo quanto pôde, disse-lhe:

– Faz-me o favor, meu senhor?

– O que quer, bom moço?

– Saberá ensinar-me o caminho mais curto para ir ao convento dos Capuchinhos onde está o padre Bonaventura?

O homem a quem Renzo se dirigira era um abastado habitante das redondezas que, tendo ido nessa manhã a Milão por certos negócios seus, tornava a casa sem ter feito nada, com grande pressa, e de boa vontade passaria sem aquela paragem. Contudo, sem dar sinais de impaciência, respondeu muito delicadamente:

– Meu rapaz, conventos, aqui, há mais de um: precisava de me dizer mais claramente qual é o que procura.

Renzo então tirou do peito a carta do padre Cristoforo, e mostrou-a àquele senhor que, depois de ler «Porta Oriental», lha restituiu dizendo:

– Tem sorte, bom moço; o convento que procura não fica longe daqui. Siga por esse atalho à sua canhota; é uma travessa: em poucos minutos chegará à esquina de um edifício baixo e comprido: é o Lazareto; contorne o fosso que o circunda e alcança a porta oriental. Entre, e ao cabo de trezentos ou quatrocentos passos, verá uma praceta com uns belos ulmeiros; é aí o convento: não há que enganar. Deus o assista, bom moço.

E, acompanhando as últimas palavras com um gracioso gesto da mão, foi-se embora. Renzo ficou estupefacto e moralizado com as boas maneiras dos cidadãos em relação à gente do campo; e não sabia que aquele era um dia fora do comum, um dia em que as capas faziam vénia aos gibões. Fez o caminho que lhe fora indicado, e deu consigo na porta oriental. A este nome contudo não

deve o leitor deixar correr a fantasia pelas imagens que agora lhe estão associadas. Quando Renzo entrou por aquela porta, a estrada exterior só era reta ao longo de todo o comprimento do lazareto; depois corria serpenteante e apertada, por entre duas sebes. A porta consistia em dois pilares, com um telheiro por cima, para abrigar os batentes, ficado a um dos lados o casinhoto dos funcionários da gabela. Os bastiões desciam num declive irregular, e o terreno era uma superfície áspera e desigual de destroços e de cacos para ali atirados a esmo. A rua que se abria diante de quem entrava por aquela porta não ficaria mal se comparada com a que agora se apresenta a quem entrar pela porta Tosa. Pelo meio, corria-lhe um rego, até ficar a pouca distância da porta, e assim a dividia em dois carreiros tortuosos, cobertos de poeira ou de lama, conforme a estação. No ponto onde estava, e onde até agora se encontra aquela viela chamada Borghetto, o rego perdia-se num esgoto. Havia ali uma coluna, tendo em cima uma cruz, chamada Coluna de São Dionísio: à direita e à esquerda, havia hortas delimitadas por cercas de sebes e, em intervalos, casinhas habitadas a sua maior parte por lavadeiras. Renzo entra, passa; nenhum dos gabeleiros se rala com ele: coisa que lhe pareceu estranha, já que, daqueles poucos da sua terra que podiam gabar-se de ter estado em Milão, tinha ouvido contar coisas terríveis das buscas e dos interrogatórios a que eram submetidos os que provinham do campo. A rua estava deserta, de modo que, se não tivesse ouvido um sussurro longínquo que indicava um grande movimento, julgaria entrar numa cidade desabitada. Ao prosseguir, sem saber o que pensar disso, viu pelo chão certas tiras brancas e macias, como de neve; mas neve não podia ser; pois não vem em tiras nem costuma havê-la nessa época do ano. Inclinou-se sobre uma delas, olhou, tocou, e achou que era farinha. «Grande abundância deve haver em Milão – disse para consigo –, se deixam estragar-se desta maneira a graça de Deus. E depois davam-nos a entender que há carestia por toda a parte. É isso que fazem para manter quieta a gente do campo.» Mas após dar mais alguns passos, chegando ao lado da coluna, viu aos pés daquela uma coisa ainda mais estranha; viu nos degraus do pedestal certas coisas espalhadas, que certamente não eram seixos, e que se estivessem numa banca de

padeiro não se hesitaria um momento em chamar-lhes pães. Mas Renzo não se atrevia a acreditar tão depressa no que os seus olhos viam; porque, diacho! aquele não era sítio para ter pães. «Vamos lá a ver que história é esta», tornou a dizer para consigo; foi até à coluna, inclinou-se, apanhou um: era realmente um pão redondo, branquíssimo, daqueles que Renzo não costumava comer senão em dias solenes. «É mesmo pão! – disse em voz alta, tamanha era a sua surpresa. – É assim que o semeiam nesta terra, neste ano, e nem sequer se incomodam a apanhá-lo quando cai? Será esta a Terra da Abundância?» Ao cabo de dez milhas de caminhada, ao ar fresco da manhã, aquele pão, juntamente com o espanto, despertou-lhe o apetite. «Apanho-o?», deliberava para consigo: «Bah! Deixaram-no aqui à discrição dos cães; mais vale que o goze uma pessoa. Seja como for, se aparecer o dono, eu pago-lho.» Assim pensando, meteu numa algibeira o que tinha na mão, pegou num segundo pão e meteu-o na outra; um terceiro, e começou a comer; e pôs-se de novo a caminho, mais incerto que nunca, e desejoso de esclarecer que história era aquela. Mal deu um passo, viu aparecer gente que vinha do interior da cidade, e observou atentamente os que surgiram primeiro. Eram um homem, uma mulher e, uns

passos atrás, um rapazito. Todos os três com uma carga às costas, que parecia superior às suas forças, e todos os três numa estranha figura. As roupas ou os andrajos enfarinhados; enfarinhadas as caras, e além disso transtornados e inflamados; e andavam, não só curvados pelo peso, mas ainda por cima doridos, como se lhes tivessem moído os ossos. O homem a muito custo aguentava nas costas um grande saco de farinha, o qual, furado aqui e ali, a semeava um pouco, a cada tropeção, a cada movimento desequilibrado. Mas a mais grosseira era a figura da mulher: um barrigão desmedido, que parecia seguro a custo por dois braços dobrados. Como um caldeirão com duas asas; e debaixo daquela barriga saíam duas pernas, nuas até acima do joelho que avançavam cambaleando. Renzo olhou mais atento, e viu que aquele grande corpo era o saio que a mulher segurava pela ponta, tendo lá dentro toda a farinha que pudesse lá caber e mais um bocadinho; de modo que, quase a cada passo, voava um punhado. O rapazito segurava com as duas mãos um cesto que trazia à cabeça, cheio de pães; mas, por ter as pernas mais curtas que os seus progenitores, pouco a pouco ia ficando para trás e, alongando depois o passo de vez em quando para os alcançar, o cesto perdia o equilíbrio, e lá caía um ou outro pão.

– Deita fora ainda mais um, grande aselha que me saíste – disse a mãe, rangendo os dentes para o rapaz.

– Eu não os deito fora; eles caem sozinhos; o que hei de fazer?
– replicou aquele.

– *Ih!*, a tua sorte é eu levar este estorvo nas mãos – recomeçou a mulher, abanando os punhos como se fosse dar um grande sacudidela ao pobre rapaz; e com esse movimento fez voar mais farinha do que a necessária para fazer os dois pães que o rapaz deixara cair. – *Vá, vá* – disse o homem. – Voltemos atrás para os apanhar, ou apanhe-o mais alguém. Passamos mal há tanto tempo: agora que vem aí alguma abundância, gozemo-la em santa paz.

Entretanto chegava mais gente pela porta; e um destes, aproximando-se da mulher, perguntou-lhe:

– Aonde se vai buscar o pão?

– Mais à frente – respondeu ela, e quando chegaram à distância de dez passos dos outros, acrescentou resmungando: – Estes malditos campônios velhacos hão de vir varrer os fornos e os armazéns todos, e não sobrá mais nada para nós.

– Um pouco para cada um, não te rales – disse o marido. – Haja abundância, abundância.

A partir desta e de muitas outras coisas que ia vendo e ouvindo, Renzo começou a perceber que tinha chegado a uma cidade sublevada, e que aquele era um dia de conquista, o que quer dizer que cada um roubava na proporção da apetência e da força, dando pancada como pagamento. Por mais que desejássemos mostrar fazendo boa figura, o nosso pobre montanhês, a sinceridade histórica obriga-nos a dizer que o seu primeiro sentimento foi de prazer. Ele tinha tão pouco de que se regozijar com a marcha normal das coisas que se via inclinado a aprovar o que de qualquer modo a alterasse.

E de resto, não sendo de modo nenhum um homem superior ao seu século, vivia também naquela opinião ou naquela paixão comum, que a escassez do pão seria causada pelos açambarcadores e pelos padeiros; e estava disposto a achar um ato de justiça todo e qualquer modo de lhes arrancar das mãos o alimento que eles, na sua opinião, negavam cruelmente à fome de todo um povo. Contudo, propôs-se ficar de fora no tumulto, e felicitou-se por se ter encaminhado direito a um capuchinho, que lhe arranjaría alojamento e lhe faria de pai. Assim pensando, e ao mesmo

tempo observando os novos conquistadores que vinham carregados com a presa, fez aquele pequeno resto do caminho que ainda lhe restava para chegar ao convento.

Onde agora se ergue aquele belo palácio, com o seu pórtico tão alto, havia então, e lá estava ainda há poucos anos, uma praceta, e ao fundo desta a igreja e o convento dos Capuchinhos, com quatro grandes ulmeiros à frente. Nós alegramo-nos, não sem uma certa inveja, que os nossos queridos leitores não tenham visto as coisas naquele estado; isto quer dizer que são muito jovens, e ainda não tiveram tempo de fazer muitos disparates. Renzo foi direito à porta, guardou junto do seio o meio pão que lhe restava, sacou e manteve preparada na mão a carta, e puxou o cordão da sineta. Abriu-se um postigo que havia na grade, onde apareceu a cara do frade porteiro a perguntar quem era.

– É uma pessoa do campo, que traz ao padre Bonaventura uma carta, uma carta urgente do padre Cristoforo.

– Dê cá – disse o porteiro, metendo uma mão pela grade.

– Não, não – disse Renzo –, tenho de lha entregar eu mesmo por mão própria.

– Não está no convento.

– Deixe-me entrar, que espero por ele.

– Faça como lhe digo – respondeu o frade. – Vá esperar na igreja, que entretanto poderá fazer alguma boa ação. No convento, por agora, não se entra.

E dito isto, fechou o portigo. Renzo ali ficou, de carta na mão. Deu dez passos na direção da porta da igreja, para seguir o conselho do porteiro; mas depois pensou dar primeiro outra olhadela ao tumulto. Atravessou a praceta, dirigiu-se para a berma, e ali se deteve, de braços cruzados sobre o peito, a olhar para a esquerda, para o interior da cidade, onde o ajuntamento era mais denso e mais ruidoso. O vórtice atraiu o espectador. «Vamos lá ver», disse para consigo; tirou da sacola o seu meio pão e, mordiscando-o, dirigiu-se para aquele lado. Enquanto ele caminha, nós iremos contar, o mais brevemente possível, as causas e o princípio daquela desordem.

CAPÍTULO XII

AQUELE ERA JÁ O SEGUNDO ANO DE FRACAS COLHEITAS. NO ANTERIOR, as provisões que sobejaram dos outros anos, até certo ponto, haviam suprido a falta; e a população chegara, nem satisfeita nem faminta, mas sem dúvida desprovida, às colheitas de 1628, na qual vamos com a nossa história. Ora esta colheita tão desejada resultou ainda mais mísera que a anterior, em parte por maior contrariedade das estações (e isto não só no milânês, mas numa boa porção do território circunvizinho); e em parte por culpa dos homens. Os estragos e a devastação da guerra, daquela bela guerra de que fizemos menção mais acima, eram tais que, na parte do Estado mais próxima dela, eram muitas mais do que seria costume as propriedades que ficavam incultas por serem abandonadas pelos camponeses, os quais, em vez de ganharem com o seu trabalho o pão para si e para os outros se viam obrigados a pedi-lo por caridade. Disse: mais do que seria costume; porque os insuportáveis agravos impostos com uma cupidez e uma insensatez igualmente ilimitadas eram, mesmo em plena paz, o comportamento habitual das tropas alojadas nas aldeias, comportamento que os dolorosos documentos daqueles tempos igualam

ao de um inimigo invasor. Outras causas que não é aqui o lugar de mencionar, vinham já há algum tempo a operar esse triste efeito em todo o território milanês: as circunstâncias particulares de que estamos a falar eram como uma repentina exacerbação de uma doença crónica. E qualquer colheita ainda não tinha acabado de ser reposta que já as provisões para o exército, e o desperdício que sempre as acompanha, provocavam dentro dela um tal vazio que a penúria se fazia logo sentir, e, com a penúria, esse seu doloroso mas tão salutar quanto inevitável efeito, a carestia. Todavia, quando este chega a um certo ponto, nasce sempre (ou pelo menos tem sempre nascido até agora; e se ainda hoje, após tantos escritos de homens de valor, imagine-se naquele tempo!), nasce em muitos a opinião de que a sua causa não é a escassez. Esquecem-se de que a temeram e previram; supõe-se de repente que há muito trigo, e que o mal provém de não se vender o suficiente para o consumo: suposições que não estão nem no céu, nem na terra; mas que adulam ao mesmo tempo a cólera e a esperança. Os açambarcadores de trigo, reais ou imaginários, os possuidores de terras que não o vendiam todo num dia, os padeiros que o compravam, em suma, todos que o tivessem, ou pouco ou bastante, ou que tivessem fama de o ter, a estes se dava a culpa da penúria e da carestia, estes eram o alvo do queixume geral, a abominação da multidão mal e bem vestida. Dava-se por certo onde eram os armazéns, os celeiros, cheios, a abarrotar, escorados até; indicava-se o número de sacos, despropositado; falava-se com toda a certeza da imensa quantidade de cereais que era expedida secretamente para outras terras: nas quais provavelmente se gritava, com equivalente segurança e com frémido igual, que os cereais de lá vinham para Milão. Implorava-se aos magistrados providências, que à multidão parecem sempre, ou pelo menos têm parecido sempre até agora, tão justas, tão simples, tão eficazes para fazer aparecer o trigo, escondido, murado, sepultado, como diziam, e fazer retornar a abundância. Os magistrados alguma coisa faziam: como estabelecer o preço máximo de alguns víveres, intimar penas a quem se recusasse a vender, e outros éditos desse género. Contudo, como todas as providências deste mundo, por mais rigorosas que sejam, não têm a virtude de minorar a necessidade de comida, nem de

fazer chegar géneros fora da sua época; e como estes, em particular, não tinham certamente a virtude de os atrair donde pudessem existir superabundantes; assim o mal durava e crescia. A multidão atribuía tal efeito à escassez e à debilidade dos remédios, e solicitava em altos gritos outros mais generosos e decisivos. E, para sua desventura, encontrou o homem conforme o seu coração.

Na ausência do governador Dom Gonzalo Fernández de Córdoba, que comandava o cerco a Casale del Monferrato, substituíra-o em Milão o grão-chanceler Antonio Ferrer, também espanhol. Este viu – e quem é que não veria? – que ter o pão a um preço justo é em si uma coisa muito desejável; e pensou (e foi este o seu erro) que uma ordem sua podia bastar para a produzir. Fixou a *meta* (assim chamam, aqui, à tarifa em matéria de comestíveis), fixou a meta do pão ao preço que seria justo, se o trigo tivesse sido comumente vendido a trinta e três liras o moio; que se vendia até a oitenta. Fez como uma mulher já de idade, que pensasse rejuvenescer, alterando a sua certidão de batismo.

Mais de uma vez, ordens menos insensatas e menos iníquas, pela resistência das próprias coisas, tinham ficado por executar; mas pela sua execução velava a multidão, que, vendo finalmente convertido em lei o seu desejo, não suportaria que este fosse escarnevado. Acorreu logo aos fornos, a pedir pão ao preço taxado; e pediu-o com aqueles modos resolutos de ameaça que dão a pai-

xão, a força e a lei todas juntas. Se os padeiros refilaram, nem perguntem. Amassar, agitar, enfiar e desenfiar sem parar; porque o povo, sentindo confusamente que aquilo era uma coisa violenta, assediava de contínuo os fornos, para desfrutar desse maná enquanto durasse; atarefar-se, digo, e esfaltar-se mais do que o costume para ficar prejudicado, todos podem imaginar o belo prazer que devia ser. Mas, por um lado os magistrados, que intimavam penas, e por outro o povo que queria ser servido, e, mal algum padeiro demorava, insistindo e resmungando em voz grossa, e ameaçando com uma daquelas duas justiças, que são das piores que ainda se fazem neste mundo; não havia saída, era preciso amassar, enfiar, desenfiar e vender. Contudo, para os fazer continuar nessa empresa, não bastava que lhes fosse ordenado, nem que tivessem muito medo; era preciso poder: e se a coisa durasse mais um pouco, já não poderiam. Mostravam aos magistrados a iniquidade e a insuportabilidade da carga que lhes era imposta, protestavam que só o que lhes apetecia era atirarem a vassoura para dentro do forno e irem-se embora; e entretanto iam sobrevivendo conforme podiam, na esperança de que um dia, uma vez ou outra, o grão-chanceler havia de entender a razão. Mas Antonio Ferrer, que era aquilo a que se chama hoje um homem de carácter, respondia que os padeiros já tinham lucrado muitíssimo no passado, que iriam lucrar muitíssimo com o retornar da abundância; mesmo que se visse, que talvez se pensasse em dar-lhes alguma indemnização; e que entretanto continuassem. Ou estivesse ele realmente persuadido destas razões que alegava aos outros, ou, mesmo conhecendo pelos efeitos a impossibilidade de manter aquele seu édito, quisesse deixar a outros a odiosidade de o revogar, já que ninguém pode entrar no cérebro de Antonio Ferrer, a verdade é que se manteve firme no que tinha estabelecido. Por fim, os decuriões (uma magistratura municipal composto de nobres, que durou até ao ano noventa e seis do século passado), por carta, informaram o governador do estado em que se encontravam as coisas: que achasse ele alguma saída que as deixasse avançar.

Dom Gonzalo, mergulhado até à ponta dos cabelos nos problemas da guerra, fez o que o leitor certamente imagina: nomeou uma junta, a que conferiu a autoridade de estabelecer para o pão

um preço que pudesse funcionar; uma coisa que desse para viver tanto uma parte como a outra. Então, reuniram-se os deputados, ou, como aqui se dizia espanholadamente na gíria secretarial da época, se *giuntaram*; após mil reverências, cumprimentos, preâmbulos, suspiros, hesitações, proposições no ar, tergiversações, arrastados todos para uma deliberação por uma necessidade que todos sentiam, sabendo muito bem que estavam a jogar uma grande carta, mas convictos de que não podiam fazer mais nada, concluíram que se devia encarecer o pão. Os padeiros respiraram; mas o povo ficou em fúria.

Na noite da véspera deste dia em que Renzo chegou a Milão, as ruas e as praças formigavam de homens, que impelidos por uma raiva comum, predominados por uma preocupação comum, conhecidos e estranhos, reuniam-se em grupos sem o terem combinado, quase sem darem por isso, como gotas esparsas no mesmo declive. Todas as conversas aumentavam a persuasão e a paixão dos ouvintes como daquele que as proferira. Entre tantos apaixonados, havia porém alguns de sangue mais frio, que estavam a observar com muito prazer que as águas se iam turvando; e engenhavam-se a turvá-las ainda mais, com aqueles raciocínios, e com aquelas histórias que os velhacos sabem compor, e em que os ânimos alterados sabem acreditar; e propunham-se não as deixar pousar, a essas águas, sem nelas pescarem alguma coisa. Milhares de homens se deitaram com o vago sentimento de que alguma coisa era preciso fazer, de que alguma coisa se faria. Antes de ser dia claro, as ruas estavam de novo pontilhadas de grupos: crianças, mulheres, homens, velhos, operários, pobres, juntavam-se a esmo: aqui havia um rumorejar confuso de vozes; ali um pregava, e os outros aplaudiam; este fazia ao mais próximo a mesma pergunta que lhe tinha sido feita a ele; este outro repetia a exclamação que ouvira ressoar-lhe nos ouvidos; por todo o lado lamentações, ameaças, 'estupefações. Era só um pequeno número de vocábulos que formava o material de tantos discursos.

Não faltava senão uma ocasião, um impulso, um arranque qualquer para reduzir as palavras a atos; e não tardou muito. Ao nascer do dia, saíam das lojas de padeiros os marçanos que, com uma cesta carregada de pão, iam levá-lo às casas do costume. O

primeiro destes desgraçados rapazes a aparecer onde havia uma chusma de gente foi como o cair de uma bicha-de-rabiar acesa num paiol de pólvora.

– Vejam lá se não há pão! – gritaram cem vozes em coro.

– Sim, para os tiranos que nadam na abundância, e querem fazer-nos morrer de fome – diz um; aproxima-se do rapazote, deita a mão ao bordo da cesta, dá um puxão e diz: – Deixa cá ver. – O rapaz cora, fica pálido, treme, queria dizer: «deixe-me ir»; mas a palavra morre-lhe na boca; afrouxa os braços, e tenta libertá-los das correias.

– Essa cesta para baixo! – gritam entretanto. São muitas as mãos que a agarram ao mesmo tempo: está no chão; voa pelos ares o encerado que a cobre: difunde-se uma tépida fragrância ali em redor.

– Nós também somos gente: também temos de comer pão – diz o primeiro; pega num pão redondo, eleva-o no ar, para o mostrar à multidão, mete-lhe o dente. Mãos à cesta, pães pelos ares; em menos tempo do que leva a contá-lo, desapareceu tudo. Aqueles a quem não tinha calhado nada, irritados à vista da sorte alheia, e animados pela facilidade da empresa, moveram-se em bandos, à procura de mais cestos. Quantos encontraram, quantos esvaziaram. E nem era preciso dar assalto aos portadores: aqueles que, por sua desgraça, se encontravam na rua, vendo o caso mal parado, pousavam voluntariamente a carga, e «pernas para que vos quero». Com tudo isto, os que ficavam de barriga vazia eram sem comparação a maior parte; os conquistadores também não estavam satisfeitos com presas tão pequenas, e, misturados com uns e com outros, vinham os que estavam a contar com uma desordem mais garrida.

– Ao forno! Ao forno! – gritam.

Na rua chamada Corsei dei Servi havia, e há ainda, um forno, que conserva o mesmo nome; nome que em toscano quer dizer o *forno das muletas*, e em milanês é composto de palavras tão heteróclitas, tão extravagantes, tão selvagens, que o alfabeto da nossa língua não tem os sinais para lhes indicar o som. Foi para esses

lados que se precipitou o povo. O pessoal do estabelecimento estava a interrogar o marçano que voltara sem carga, o qual, todo espavorido e perturbado, relatava gaguejando a sua triste aventura; nisto, ouve-se uma forte gritaria acompanhada de ruidosas pisadas; cresce e aproxima-se; aparecem os primeiros do bando.

Fecha, fecha, depressa, depressa: um corre a pedir ajuda ao capitão de justiça; os outros fecham a loja à pressa, e a escorar os batentes, A multidão começa a apinhar-se lá fora, e a gritar: – Pão! pão! abram! abram!

Poucos momentos depois, chega o capitão de justiça, com uma escolta de alabardeiros.

– Para trás, para trás, meus filhos, vão para casa, para casa; deixai passar o capitão de justiça – gritam ele e os alabardeiros. A gente, que ainda não estava demasiado compacta, abriu algum espaço; de modo que eles puderam vir postar-se juntos, senão mesmo ordenados, diante da porta da loja.

– Meus filhos – predicava dali o capitão. – O que fazeis aqui? Para casa, para casa. Onde está o vosso temor de Deus? O que dirá o rei nosso senhor? Nós não queremos fazer-vos mal; mas ide para casa. Como boas pessoas! Que diabo quereis fazer aqui, assim, todos a monte? Nada de bom, nem para a alma, nem para o corpo. Para casa, para casa.

Mas os que viam a cara do orador, e lhe ouviam as palavras, mesmo que quisessem obedecer, digam-me lá como poderiam fazê-lo, empurrados como eram e apertados também pelos de trás, por sua vez também empurrados por outros, como ondas impelidas por ondas, e assim sucessivamente até à extremidade da multidão, que ia crescendo cada vez mais. Ao capitão começava a faltar-lhe o ar.

– Façam-nos recuar para que eu possa recuperar o fôlego – dizia aos alabardeiros –, mas não façam mal a ninguém. Vejamos se se pode entrar na loja; batam; façam-nos ficar atrás.

– Para trás! Para trás! – gritam os alabardeiros, atirando-se todos juntos sobre os primeiros, e repelindo-os com as lanças das alabardas. Estes gritam, chegam-se para trás, como podem; dão com as costas nos peitos, com os cotovelos nas barrigas, com os calcanhares nas pontas dos pés dos que estão atrás deles: a multidão em tropel apinha-se de tal modo que os que se encontravam no meio de boa vontade pagariam para estarem noutra sítio. Entretanto, fez-se um pequeno vazio diante da porta: o capitão bate, volta a bater, grita que lha abram: os de dentro vêm ver às janelas, descem a correr e abrem-lhe a porta; o capitão entra, chama os alabardeiros, que, um a seguir ao outro, se enfiam também lá dentro, com os últimos a conter a multidão com as alabardas. Quando já entraram todos, põe-se o ferrolho, e escora-se de novo; o capitão sobe a escada a correr, e assoma a uma janela. Ui, que formigueiro!

– Meus filhos – grita. Muitos olham para cima. – Meus filhos, ide para casa. Perdão total para quem for já para casa.

– Pão! pão! abram! abram! – eram as palavras que mais distintas se ouviam no meio da gritaria, que a multidão mandava em resposta.

– Juízo, filhos meus! Pensai bem! Ides ainda a tempo. Vá, ide, voltai para casa. Pão tê-lo-ão; mas não é esta a maneira de o obter. Eh, eh, o que estão a fazer ali em baixo? Eh! Àquela porta. Irra irra! Estou a ver, estou; juízo! Tende cuidado! É um crime grave! Já lá vou! Eh, parem com esses ferros! Quietos com as mãos. Tenham vergonha! Vós milaneses que pela vossa bondade sois falados em todo o mundo! Escutai, escutai; sempre vos portastes bem até... Ah, canalha!

Esta rápida mutação de estilo foi causada por uma pedra que, saindo das mãos de um daqueles bons rapazes, veio bater na testa do capitão, na protuberância esquerda da profundidade metafísica.

– Canalha! Canalha! – continuava ele a gritar, fechando com a maior rapidez a janela, e retirando-se. Mas embora tivesse gritado com toda a força que tinha na garganta, as suas palavras, tanto as boas como as más, tinham ficado todas diluídas e desfeitas no ar, no meio da tempestade de gritos que vinham lá de baixo. O que ele dizia estar a ver era uma grande atividade de pedras, de ferros (os primeiros que eles tinham podido arranjar em plena rua), que se fazia na porta, para a arrombar, e nas janelas, para lhes arrancar as grades; e já ia adiantadíssima a obra.

Entretanto, patrões e empregados do estabelecimento que estavam nas janelas dos andares superiores, com uma munição de pedras (provavelmente deviam ter descalçetado um pátio), berravam e faziam gestos ameaçadores para os de baixo, para que desistissem daquilo; mostravam as pedras, e ameaçavam atirá-las. Vendo que era tempo perdido, começaram a atirá-las mesmo. Nem

uma única falhava, dado que o aperto era tal que um grão de milho, como se costuma dizer, não chegaria ao chão.

– Ah, patifes! Ah, bandidos! Então é este o pão que vocês dão aos pobres? Ai! Ai de mim! Ai! Agora, agora! – vociferavam cá de baixo. Mais de um ficou ferido; duas crianças foram mortas. O furor aumentou as forças da multidão: a porta foi arrombada, as grades arrancadas; a torrente penetrou por todos os vaus. Os de dentro, vendo o caso mal prado, fugiram para o sótão; o capitão, os alabardeiros, e alguns da casa ficaram ali encolhidos pelos cantos; outros, saindo pelas mansardas, andavam por cima dos telhados, como os gatos.

A vista da presa fez esquecer aos vencedores os seus propósitos de vinganças sanguinárias. Atiram-se às prateleiras; o pão é posto a saque. Um ou outro pelo contrário corre à bancada, rebenta a fechadura, põe a mão nas moedas, apanha-as às mancheias, guarda-as no bolso, e sai carregado de dinheiro, para voltar depois a guardar pão, se ainda restar algum. A multidão espalha-se pelos armazéns. Deitam mão aos sacos, puxam-nos, virando-os do avesso: há quem meta um entre as pernas, desatando-lhe a boca, e, para o reduzir a uma carga que se possa transportar, deitando fora uma parte da farinha: quem, gritando: «espera, espera», se inclina a segurar um avental, o lenço, o chapéu, para receber aquele milagre de Deus; outro corre a uma amassadeira e tira um bocado de massa, que se estende e lhe foge por todos os lados; outro, que conquistou uma peneira, carrega-a no ar; este vai, aquele vem: homens, mulheres, crianças, aos empurrões, encontrões, berros e uma poeira branca que pousa em toda a parte, e em toda a parte se levanta, e que tudo vela e enevoa. Lá fora, uma multidão composta de duas procissões opostas, que se rompem e se envolvem uma à outra, de quem sai com a presa e de quem quer entrar para a fazer.

Enquanto aquele forno era virado de pernas para o ar, nenhum outro da cidade estava calmo e sem perigo. Mas a nenhum o povo acorreu em número tal que pudesse empreender tudo; nalgumas, os donos tinham recrutado auxiliares, e estavam na defensiva; noutras, achando-se em pequeno número, chegavam de certo modo a acordos: distribuíam pão aos que tinham começado a juntar-se diante das lojas, desde que se fossem embora. E eles iam,

não tanto por ficarem satisfeitos, como porque os alabardeiros e a esburraria, estando ao largo daquele tremendo *forno das muletas*, se mostravam porém noutros locais, em forças bastantes para manterem em respeito os pobres coitados que não formassem uma multidão. Assim, o tumulto ia crescendo cada vez mais naquele primeiro e desgraçado forno; porque todos os que tinham nas mãos a comichão de fazer alguma bela proeza, acorriam para lá, onde os amigos eram os mais fortes, e a impunidade segura.

Estavam as coisas neste pé quando Renzo, tendo já desmiolado o seu pão, avançava pelo burgo da Porta Oriental, e se dirigia, sem saber, precisamente para o lugar central do tumulto. Andava, ora lesto, ora retardado pela multidão; e ao andar, olhava e apurava o ouvido, para extrair daquele zumbido confuso de falas qualquer notícia mais positiva do estado de coisas. E foram mais ou menos estas as palavras que conseguiu captar em todo o percurso que fez.

– Descobriu-se agora – gritava um – a impostura infame daqueles vigaristas, que diziam que não havia nem pão, nem farinha, nem trigo. Agora se vê a coisa clara e evidente; e já não podem enganar-nos. Viva a abundância!

– Digo-vos eu que isto não serve de nada – dizia outro. – É um buraco na água; aliás será pior, se não se fizer uma boa justiça. O pão virá barato, mas vão pôr-lhe veneno, para que morra a pobre gente, que nem moscas. Já dizem que somos de mais; disseram-no na junta; e sei-o com certeza, porque o ouvi com estas orelhas que tenho, da boca de uma comadre minha que é amiga de um parente do moço de cozinha de um desses grandes senhores.

Que eram palavras que não se deviam repetir, dizia, deitando espuma pela boca, um outro, que segurava com a mão um farrapo de lenço sobe os cabelos desgrenhados e ensanguentados. E algum vizinho, como que para o consolar, fazia-lhe eco.

– Deixem passar, meus senhores, façam o favor; deixem passar um pobre pai de família que leva de comer a cinco filhinhos. – Assim dizia um que vinha cambaleando sob o peso de um grande saco de farinha; e cada qual procurava afastar-se para lhe dar passagem.

– Eu? – dizia outro, quase em surdina, a um companheiro. – Eu ponho-me a mexer daqui para fora. Sou um homem mundano, e

sei como são estas coisas. Estes palermas que agora fazem tanto barulho, amanhã ou depois ficarão em casa, todos cheios de medo. Eu já vi certas caras, certos cavalheiros que andam por aí, como não sendo nada com eles, e tomam nota de quem está e quem não está: depois, quando tudo isto acabar, vai-se a contas, e quem tiver de pagar, paga.

– Quem protege os padeiros – gritou uma voz sonora, que chamou a atenção de Renzo –, é o vigário de provisão.

– São todos uns tratantes – disse um vizinho.

– Pois, mas o chefe é ele – replicou o primeiro.

O vigário de provisão, eleito todos os anos pelo governador entre seis nobres propostos pelo Conselho dos decuriões, era o presidente deste, e do tribunal de provisão; tribunal este composto de doze membros, também nobres, juntamente com outras atribuições, tinha principalmente a do abastecimento de víveres. Quem ocupava esse lugar, em tempos de fome e de ignorância, tinha necessariamente de ser considerado o autor de todos os males: a menos que fizesse o que fez Ferrer; coisa que não estava dentro das suas faculdades, mesmo que o estivesse nas ideias.

– Celerados! – exclamava outro. – Pode-se fazer pior do que isto? Chegaram ao ponto de dizer que o grão-chanceler é um velho caduco, para o desacreditarem, e mandarem eles sozinhos. O que se devia fazer era uma grande gaiola e metê-los a todos lá dentro, a viverem de ervilhacas e de joio, como queriam tratar-nos a nós.

– Pão, hem? – dizia um que tentava andar depressa. – Pedradas

de libra: pedras deste tamanho, que caíam que nem saraivada de granizo! E quanta costela partida! Estou ansioso por chegar a casa.

Por entre estes discursos, com os quais não saberei dizer se ele ficaria mais esclarecido ou atordoado, e no meio dos empurrões, chegou Renzo finalmente diante daquele forno. A grande enchente já se tinha dispersado, de modo que ele pôde contemplar os tristes e recentes estragos. As paredes sem reboco e amassadas por pedras, por tijolos, as janelas desconjuntadas, desmoronada a porta.

«Isto não é bem feito – disse Renzo para consigo. – Se põem neste estado os fornos todos, onde querem que se faça o pão? Nos poços?»

De quando em quando saía alguém da loja trazendo um pedaço de caixote, ou de amassadeira, ou de peneira, uma barra de espadela, um banco, um açafate, um livro de contas, em suma, qualquer coisa daquele pobre forno; e gritando: – Arreda, arreda! – passava por entre o povo.

Todos estes se encaminhavam para o mesmo lado, e via-se bem que para um sítio combinado. «O que será esta outra história?» pensou de novo Renzo; e foi atrás de um que, tendo feito um feixe de tábuas quebradas e de pedaços de lenha, o pôs às costas, encaminhando-se, como os outros, pela rua que bordeja o flanco setentrional da Catedral, e que toma o nome das escadinhas que ali havia, e que desde há pouco deixaram de existir. O desejo de observar os acontecimentos não conseguiu impedir o montanhês, quando diante dele lhe apareceu o grande monumento, de se deter a olhar para cima de boca aberta. A seguir estugou o passo, para alcançar aquele que havia escolhido como guia; dobrou a esquina, deu também uma olhadela à fachada da catedral, rústica então na sua maior parte e bem longe do acabamento; e sempre atrás daquele, que andava em direção ao meio da praça. A aglomeração era tanto mais densa quanto mais se avançava, contudo ao carregador abriam alas para lhe dar passagem; ele fendia a vaga de povo, e Renzo, indo sempre na sua peugada, chegou com ele ao centro da multidão. Ali havia um espaço vazio e, no meio, um montão de brasas, relíquias dos apetrechos acima referidos. Em volta, um bater de mãos e de pés, um estrépito de mil gritos de triunfo e de imprecação.

O homem do feixe atirou-o para aquele monte; um outro, com um bocado de pá meio chamuscado, remexe o fogo: o fumo cresce e adensa-se; a chama reacende-se; e com ela os gritos surtem mais fortes: – Viva a abundância! Morte a quem nos mata de fome! Morra a carestia! Abaixo a Provisão! Abaixo a Junta! Viva o pão!

Na verdade, a destruição das peneiras e amassadeiras, a devastação dos fornos, e a ruína dos padeiros, não são os meios mais práticos para impedir que falte o pão; mas esta é uma daquelas subtilezas metafísicas que uma multidão não alcança. Todavia, sem ser um grande metafísico, alcança-as um homem, por vezes logo à primeira, enquanto é novato na questão; e só à força de falar nisso, e de ouvir falar, é que ficará incapaz de as compreender sequer. Com efeito, como vimos, a Renzo viera-lhe aquele pensamento ao princípio, e tornava-lhe a todo o momento. Aliás, conservou-o consigo; porque, de tantas caras, não havia uma que parecesse dizer: «Irmão, se estou errado corrige-me, que o apreciarei.»

Já se extinguiu de novo a chama: já não se via chegar ninguém com mais matéria-prima, e a gente começava a aborrecer-se; eis senão quando se espalhou o boato de que no Cordusio (uma praça ou um cruzamento a pouca distância dali) tinham feito o cerco a um forno. Em semelhantes circunstâncias, muitas vezes o anúncio de uma coisa é que a faz existir. Com esse boato, difundiu-se na multidão uma vontade de correr para lá.

– Eu vou; e tu, vais? – Vou. – Então, vamos... – era o que se ouvia por todo o lado; a turba desloca-se, e torna-se uma procissão. Renzo ficava para trás, quase não se mexendo, senão quando era arrastado pela torrente; e, entretanto, reunia conselho no seu coração sobre se devia sair da confusão, e voltar ao convento à procura do padre Bonaventura, ou ir ver mais esta outra proeza. Prevaleceu de novo a curiosidade. Mas resolveu não se meter no meio da balbúrdia, não deixar que lhe amassassem os ossos ou arriscar-se a coisa pior, mas sim manter-se a certa distância a observar. E achando-se já um pouco desafogado, tirou do bolso o segundo pão e, dando-lhe uma dentada, seguiu na cauda do tumultuoso exército.

Este, vindo da praça, já tinha entrado na rua curta e estreita da

Peixaria Velha, e dali, por aquele arco enviesado, na praça dos Mercadores. E ali eram bem poucos os que, ao passarem diante do nicho que corta ao meio a loja do edifício, chamado na altura o Colégio dos Doutores, não dessem uma olhadela à grande estátua que ali se erguia, àquele rosto sério, severo, carrancudo, e ainda não digo o suficiente, de Filipe II, que, mesmo de mármore, impugna não sei quê de respeito, e, com aquele braço esticado, parecia ali estar para dizer: «Agora venho eu, escumalha!»

Aquela estátua já desapareceu, por uma circunstância singular. Cerca de cento e setenta anos depois disto que estamos a narrar, um dia levaram-lhe a cabeça, tiraram-lhe o cetro da mão e substituíram-no por um punhal; e à estátua puseram o nome de Marco Bruto. Assim arrumada esteve ela talvez uns anos; mas uma manhã, alguns que não tinham simpatia nenhuma por Marco Bruto, pelo contrário deviam ter por ele algum secreto rancor, lançaram uma corda em volta da estátua, puxaram-na para baixo, e fizeram-lhe mil injúrias, e mutilada e reduzida a um tronco informe, arrasaram-na pelas ruas, de olhos e língua de fora; e quando ficaram bem cansados, fizeram-na rebolar não sei por onde. Quem haveria de dizer, quando Andrea Biffi a esculpiu!

Da praça dos Mercadores, a escumalha enfiou por aquele outro arco, na rua dos Tanoeiros, e daí espalhou-se pelo Cordusio. Assim que ali desembocava, cada qual olhava logo para o forno que fora indicado. Mas em vez da multidão de amigos que espe-

rava ir encontrar já ao trabalho, viram apenas alguns parados, como que hesitando, a certa distância da loja, que estava fechada e com gente armada nas janelas, com ar de estarem prontos para se defenderem. Àquela vista, uns espantavam-se, outros praguejavam, outros riam; uns voltavam-se para informar os que iam chegando a seguir; outros ficavam, outros ainda queriam voltar para trás, outros diziam:

– Em frente, em frente! – Era um empurrar e um conter, como que uma estagnação, uma perplexidade, um sussurro confuso de discordâncias e consultas. Nisto, explodiu no meio da multidão uma maldita voz:

– É aqui ao pé a casa do vigário de provisão: vamos fazer justiça, e saqueá-la.

Pareceu o relembrar comum de uma combinação feita, em vez da aceitação de uma proposta.

– À casa do vigário! À casa do vigário! – é agora o único grito que se pode ouvir. A turba movimenta-se, toda junta, para a rua onde ficava a casa designada em tão má ocasião.

CAPÍTULO XIII

O DESVENTURADO VIGÁRIO, NAQUELE MOMENTO, ESTAVA A FAZER o quilo acre e custoso de um jantar mastigado sem apetite, e sem pão fresco; e com grande expectativa aguardava para ver como iria acabar aquela borrasca, longe porém de suspeitar que devesse assim tão assustadoramente cair-lhe em cima. Um cavaleiro qualquer precedeu a galope a multidão, para o avisar do que estava iminente. Os criados, atraídos à porta pelo ruído, olhavam apavorados a rua, para o lado donde vinha o ruído que se aproximava. Enquanto ouvem o aviso, veem surgir a vanguarda: com toda a pressa levam a informação ao amo; e quando este pensa em fugir, e em como fugir, vem outro dizer-lhe que já não há tempo. Os criados mal têm tempo que chegue para fecharem a porta. Põem a tranca, põem escoras, correm a fechar as janelas, como quando vemos aproximar-se um tempo escuro e se espera um granizo de um momento para o outro. A gritaria crescente, descendo do alto como um trovão, ribomba no pátio vazio; todos os recantos da casa a ecoam: e, do meio do vasto e confuso fragor, ouvem-se fortes e certas pedradas na porta.

– O vigário! O tirano! Quer matar-nos à fome! Queremo-lo vivo ou morto!

O pobre homem andava de sala para sala, pálido, sem fôlego, dando palmadas nas mãos, encomendando-se a Deus, e recomendando aos seus criados que resistissem, que arranjassem um modo de o fazer fugir. Mas como? E por onde? Subiu ao sótão; por um buraco espreitou ansiosamente para a rua, e viu-a cheia até mais não de homens furibundos; ouviu as vozes que pediam a sua morte; e mais desorientado que nunca, retirou-se e foi procurar esconderijo mais seguro e mais oculto. Ali agachado, ficou atento, bem atento, se porventura o funesto ruído enfraquecia, se o tumulto se acalmava um pouco; mas ouvindo pelo contrário o mugido elevar-se mais feroz e mais barulhento, e redobram as pancadas na porta, presa de novo sobressalto no coração, tapava à pressa os ouvidos. Depois, como que fora de si, rangendo os dentes e contraindo o rosto, estendia os braços e apontava os punhos, como se quisesse manter a porta fechada... De resto, o que ele fazia precisamente não se pode saber, visto que estava sozinho; e a história é forçada a adivinhar. É uma sorte a que já estamos acostumados.

Renzo, desta vez, achava-se no auge do tumulto, não levado pela enchente, mas metido nele deliberadamente. Àquela primeira proposta de sangue, sentira o seu revolver-se todo; quanto ao saque, não saberia dizer se era bom ou mau naquele caso; mas a ideia do homicídio causou-lhe um horror sincero e imediato. E embora, por aquela funesta docilidade dos ânimos apaixonados à afirmação apaixonada de muitos, estivesse persuadidíssimo de ser o vigário a causa principal da fome, o inimigo dos pobres, contudo, como, ao primeiro movimento da turba, tinha ouvido casualmente algumas palavras que indicavam a vontade de fazer todos os esforços para o salvar, propusera-se logo auxiliar também a tal obra; e com esta intenção se introduzira quase até chegarem àquela porta que estava a ser trabalhada de mil modos. Um com pedras batia nos pregos da fechadura para a despregar; outros, com pás e formões e martelos, tentavam trabalhar mais em regra: outros ainda, com pedras, com navalhas mal amoladas, com pregos, com paus, com as unhas, se não tivessem mais nada, arrancá-

vam o reboco e esboroavam a parede, e enghavam-se a tirar os tijolos, para abrir uma brecha. Os que não podiam ajudar, incitavam com os gritos; mas ao mesmo tempo, estando ali a apertarem-se todos uns aos outros, estorvavam ainda mais o trabalho já estorvado pelo afã desorganizado dos trabalhadores; pelo que, graças aos céus, também ocorre no mal essa coisa demasiado frequente no bem, que os fautores mais ardentes se tornem um empecilho.

Os magistrados, que foram os primeiros a receber o aviso do que estava a acontecer, mandaram logo pedir socorro ao comandante do castelo, que então se chamava da *Porta Giovia*, que mandou alguns soldados. Mas entre o aviso e a ordem, e o formar, e o pôr-se a caminho, e o caminho, quando eles chegaram já a casa estava cercada por vasto assédio; e fizeram alto longe dela, na ponta final da multidão. O oficial que os comandava não sabia que partido tomar. Ali naquele ponto, deixem-me dizê-lo, não havia mais do que uma aglomeração de pessoas de várias idades e de um e outro sexo, que ali estavam só para ver. Às intimações que lhes eram feitas, de debandarem e de abrirem passagem, eles respondiam com um longo e profundo murmúrio; ninguém se mexia. Fazer fogo sobre aquela chusma parecia ao oficial coisa não só cruel, mas cheia de perigo. Coisa que, agredindo os menos terríveis, irritaria os muitos violentos: e de resto, não eram essas as instruções que trazia. Fender aquela primeira multidão, empurrá-la para a direita e para a esquerda, e avançar para levar a guerra a quem a fazia, seria o melhor; mas ter sucesso, aí é que batia o ponto. Quem sabia se os soldados poderiam avançar unidos e ordenados? Porque, se em vez de romper a multidão, eles se espalhassem no meio dela, ficariam à sua mercê, depois de a terem provocado. A irresolução do comandante e a imobilidade dos soldados, ou certo ou errado, pareceram medo. Os que se encontravam mais perto deles contentavam-se em olhá-los cara a cara, com um ar, como quem diz: «De ti nem quero saber»; os que estavam um pouco mais longe não se coíbiam de os provocar, com caretas e gritos de troça; mais além, poucos sabiam ou levavam em conta que eles ali estivessem; os destruidores continuavam a demolir, sem outra preocupação que não fosse o de serem bem sucedidos de-

pressa na sua empresa; os espectadores não cessavam de os animar com os seus gritos.

Sobressaía entre estes, e era ele próprio espectáculo, um velho de má vida que, arregalando dois olhos cavados e inflamados, contraindo as rugas num sorriso de complacência diabólica, de mãos erguidas acima de uma canície infame, agitava no ar um martelo, uma corda e quatro grandes pregos, com que dizia querer pendurar o vigário num batente da sua porta, quando morto fosse.

– Irra! Que vergonha! – proferiu Renzo, horrorizado perante estas palavras, à vista de muitas outras caras em que, embora mudas, transparecia o mesmo horror de que ele estava possuído.

– Tende vergonha! Queremos nós porventura roubar o ofício ao algoz? Assassinar um cristão? Como podemos querer que Deus nos dê pão, se fazemos atrocidades destas? Manda-nos raios, não pão!

– Ah, cão! Ah, traidor da pátria! – gritou, voltando-se para Renzo com uma cara de endemoninhado, um dos que tinham podido ouvir no meio do barulho estas santas palavras.

– Espera! Espera! É um criado do vigário, disfarçado de camponês; é um espião: deem-lhas, deem-lhas! – Cem vozes espalham-se em volta. – O que foi? Onde está ele? Quem é? É o próprio

vigário disfarçado de camponês, a fugir. Onde está? Onde está? Deem-lhe! Deem-lhe!

Renzo emudece, faz-se pequenino, pequenino, apetecia-lhe desaparecer; alguns vizinhos seus cercam-no no meio deles; e com altos gritos diferentes procuram confundir as vozes inimigas e homicidas. Mas o que acima de tudo lhe valeu foi um «arreda, arreda» que se ouviu gritar ali ao pé: – Arreda! Cá está o socorro: arreda, vá!

O que era? Era uma comprida escada de mão, que alguns traziam para encostar à casa, e entrarem por uma janela. Mas por sorte, aquele meio, que tornaria mais fáceis as coisas, em si não era fácil de pôr em execução. Os portadores, numa e na outra ponta, e de um lado e do outro da escada, empurrados, desordenados, divididos pela gente amontoada andavam ondulando: um, com a cabeça entre dois degraus e as travessas nos ombros, oprimido como sob um jugo agitado, mugia; outro era separado da carga com um empurrão; a escada abandonada contundia ombros, braços, costelas; pensem o que não deviam dizer os contundidos. Outros soerguem o peso morto com as mãos, metem-se-lhe por baixo, e põem-nos aos ombros, gritando: – Coragem! vamos! – A máquina fatal avança aos solavancos, e serpenteando. Chegou a tempo de distrair e desorganizar os inimigos de Renzo, que, por sua vez, aproveitou a confusão nascida da confusão e, de mansinho ao princípio, e depois dando cotoveladas a mais não poder, afastou-se daquele lugar, onde os ares não eram bons para ele, com a intenção também de sair do tumulto o mais depressa possível, e ir realmente procurar ou esperar o padre Bonaventura.

De repente, propaga-se pela multidão um movimento extraordinário iniciado na extremidade, espalha-se uma notícia, que anda de boca em boca: – Ferrer! Ferrer! – Uma surpresa, uma alegria, uma raiva, uma inclinação, uma repugnância explodem aonde quer que chegue esse nome; um grita-o, outro quer sufocá-lo, um afirma, outro nega, um bendiz, outro blasfema.

– Está aqui Ferrer! – Não é verdade, não é verdade! – Sim, sim: viva Ferrer, o amigo da gente pobre! Vem para levar o vigário para a prisão. – Não, não, queremos ser nós a fazer justiça: para trás, para trás! – Sim, sim: Ferrer! Venha Ferrer! O vigário para a prisão!

E todos se viram, erguendo-se nas pontas dos pés, para olhar para o lado donde se anunciava a inesperada vinda. Levantando-se todos, não viam nem mais nem menos do que se tivessem ficado todos no chão, mas já se sabe como é, todos se levantavam.

De facto, ao lugar onde acabava a multidão, no lado oposto àquele em que estavam os soldados, chegara de carruagem Antonio Ferrer, o grão-chanceler, que, sentindo provavelmente remorsos na consciência por ter sido com os seus despropósitos e com sua teimosia a causa, ou pelo menos fornecido a ocasião, para aquela sublevação, vinha agora procurar acalmá-la, e impedir-lhe ao menos o efeito mais terrível e irreparável: vinha utilizar bem uma popularidade mal adquirida.

Nos tumultos populares há sempre um certo número de homens que, ou por uma incandescência de paixão, ou por uma persuasão fanática, ou por um desígnio celerado, ou por um maldito gosto da destruição, tudo fazem para impelir as coisas ao pior: propõem ou promovem os conselhos mais desapiedados, sopram o fogo todas as vezes que ele começa a esmorecer: nada é excessivo para estes fulanos; não desejariam que o tumulto alguma vez tivesse fim nem medida. Mas em compensação também há sempre um certo número de outros homens que, com igual ardor e com insistência igual, se esforçam por produzir o efeito contrário: uns movidos pela amizade ou pela parcialidade para com as pessoas ameaçadas; outros sem qualquer outro impulso senão um piedoso e espontâneo horror ao sangue e aos feitos atrozes. Que o Céu os abençoe. Em cada um destes dois partidos opostos, mesmo

quando não houver combinações prévias, a uniformidade das vontades cria uma concertação instantânea nas operações. O que forma, pois, a massa, e como que o material do tumulto, é uma amálgama acidental e homens que, mais ou menos, por graduações infinitas, participam de um e do outro extremo: um tanto inflamados, um tanto velhacos, um tanto inclinados para uma certa justiça, como a entendem eles, um pouco desejosos de ver algo de extraordinário, propensos à ferocidade e à misericórdia, a detestar e a adorar, conforme se apresente a oportunidade de provar com plenitude um sentimento ou o outro; a todo o momento ávidos de saber, de acreditar em qualquer coisa grossa, necessitados de gritar, de aplaudir alguém, ou de berrar atrás dessa pessoa. Viva e morra são as palavras que proferem com maior gosto; e quem conseguir persuadi-los de que essa pessoa não merece ser esquartejada não precisa de gastar mais palavras para os convencer que é digna de ser levada em triunfo: atores, espectadores, instrumentos, obstáculos, conforme o vento; também estão prontos a ficar calados quando já não ouvirem gritos a repetir, prontos a dar tudo por acabado quando faltarem os instigadores, a dispersarem-se, quando muitas vozes concordantes e não contraditas disserem «Vamo-nos embora»; e a voltar para casa, perguntando-se uns aos outros «O que foi?». No entanto, como esta massa, que tem a maior força, pode dá-la a quem quiser, assim cada uma das duas partes ativas usa toda a sua arte para a atrair para o seu lado, para se apoderar dela: são quase duas almas inimigas que combatem para entrar naquele corpanzil e fazê-lo mexer-se. Ambos se desafiavam para ver quem saberia espalhar boatos mais aptos a excitar as paixões e a dirigir os movimentos a favor de um ou de outro intento; quem inventaria notícias mais a propósito para reacender ou enfraquecer as cóleras, para despertar as esperanças ou os terrores; quem acharia o grito que, repetido mais fortemente e pelo maior número, exprima, ateste e crie ao mesmo tempo o voto da pluralidade, a favor de uma ou da outra parte. Todo este palavreado foi feito para vir dizer que, na luta entre as duas partes que disputavam o povo apinhado em frente da casa do vigário, a aparição de Antonio Ferrer deu quase instantaneamente uma grande vantagem à parte dos humanos, que

era manifestamente a que estava por baixo, e bastava este socorro tardar só um pouquinho mais que já não teria nem força nem motivo de combater. O homem agradava à multidão, por causa daquela tarifa de sua invenção tão favorável aos compradores, e por aquela sua heroica resistência contra todo e qualquer raciocínio em contrário. Os ânimos já propensos estavam agora muito mais enamorados da confiança animosa do velho que, sem guardas, sem aparato, vinha assim encontrar, e enfrentar uma multidão irritada e tempestuosa. Fazia pois um efeito admirável o ouvir-se dizer que vinha para levar à prisão o vigário: assim o furor contra este, que se desencadearia bem pior se alguém o tivesse combatido pela violência e nada lhe quisesse conceder, agora, com aquela promessa de satisfação, com aquele osso na boca, acalmava-se um pouco e dava lugar a outros sentimentos opostos, que surgiam numa grande parte dos ânimos.

Os partidários da paz, recuperado o fôlego, secundavam Ferrer de mil maneiras: os que se encontravam perto dele excitando e voltando a excitar com eles o público aplauso, e tentando ao mesmo tempo fazer o povo retirar-se, para abrir caminho à carruagem; os outros, aplaudindo, repetindo e fazendo passar as palavras dele, ou as que eles achavam ser as melhores que pudesse dizer, cortando a palavra aos furiosos obstinados, e virando contra estes a nova paixão do errante ajuntamento.

– Quem é que não quer que se diga: «Viva Ferrer»? Tu não querias, hem?, o pão mais barato? São uns patifes que não querem

uma justiça de cristãos: e também há os que berram mais que os outros, para deixar fugir o vigário. O vigário para a prisão! Viva Ferrer! Deixem passar Ferrer! – E aumentando cada vez mais o número dos que assim falavam, em proporção ia baixando a ousadia da parte contrária; de modo que os primeiros, da pregação passaram a dar também nas mãos daqueles que demoliam ainda, a empurrá-los para trás, a tirar-lhes os instrumentos das unhas. Estes fremiam, ameaçavam também, tentavam desferrar-se; mas a causa do sangue estava perdida: agora o grito que predominava era: «prisão, justiça, Ferrer!» Após um pouco de debates, aqueles foram repelidos: os outros apoderaram-se da porta, quer para a manter defendida de novos assaltos, quer para preparar a entrada a Ferrer; e alguns deles, mandando para dentro uma ordem aos da casa (fendas não faltavam) avisaram-nos de que estava a chegar socorro, e que aprontassem o vigário – para ir imediatamente... direitinho à prisão: hem, perceberam?...

– É aquele Ferrer que ajuda a fazer os editais? – perguntou a um novo vizinho o nosso Renzo, que se lembrou do *vidit Ferrer* que o doutor lhe gritara ao ouvido, ao mostrar-lho ao fundo daquele tal.

– É o grão-chanceler – responderam-lhe.

– É um homem de bem, não é verdade?

– É um homem de bem e de que maneira! Foi ele que pôs o pão barato; e os outros não quiseram; e agora vai levar para a prisão o vigário, que não fez as coisas justas.

Não é preciso dizer que Renzo se pôs logo do lado de Ferrer. Quis mesmo ir ao seu encontro: a coisa não era fácil; mas dando uns certos empurrões e cotoveladas à sua maneira alpina, conseguiu abrir caminho, e chegar à primeira fila, mesmo ao lado da carruagem.

Esta já tinha penetrado um pouco no meio da multidão; e naquele momento estava parada, devido a um daqueles encalhes inevitáveis e frequentes numa marcha desta natureza. O velho Ferrer apresentava, ora a uma, ora à outra janelinha, uma cara toda humilde, toda risonha, toda amorosa, que se sentia mais protegida, uma face que mantivera sempre de reserva para quando se encontrasse em presença de Dom Filipe IV; mas viu-se obrigado a

usá-la também nesta ocasião. Falava também, mas o barulho e o ruído de tantas vozes, os próprios vivas com que o aclamavam, deixavam bem pouquíssimos ouvir as suas palavras. Ajudava-se portanto com os gestos, ora metendo as pontas dos dedos nos lábios, a receber um beijo que as mãos, separando-se logo, distribuíam à direita e à esquerda em agradecimento à pública benevolência; ora estendendo-as e movendo-as lentamente fora de uma janelinha, para pedir algum espaço; ora baixando-as garbosamente, para pedir algum silêncio. Quando conseguia um pouco, os mais próximos ouviam e repetiam as suas palavras: «Pão, abundância: venho fazer justiça: um bocadinho de espaço por favor.»

Depois, superado e como que sufocado pelo barulho de tantas vozes, pela visão de tantas caras juntas, de tantos olhos em cima dele, deixava-se cair para trás um momento, enfolava as bochechas, soltava um grande assobio, e dizia de si para si: – *Por mi vida, que de gente!*

– Viva Ferrer! Não tenha medo. Você é um homem de bem. Pão, pão!

– Sim; pão, pão – respondia Ferrer. – Abundância, prometo – e punha a mão no peito.

– Um pouco de espaço – e prosseguia logo: – Venho buscá-lo para o levar à prisão, para lhe dar o justo castigo que merece – e acrescentava baixinho –, *si es culpable*. – Curvando-se depois para o cocheiro, dizia-lhe à pressa: – *Adelante, Pedro, si puedes*.

O cocheiro também sorria à multidão, com uma graça afetuosas, como se fosse uma grande personagem; e com um garbo infável, agitava devagarinho o chicote à direita e à esquerda, para pedir aos incômodos vizinhos que se apertassem e recuassem um pouco.

– Por favor – também dizia ele. – Meus senhores, deem-me um pouco de espaço, só um bocadinho; só o que chegue à justa para poder passar.

Entretanto os benevolentes mais ativos esforçavam-se por fazer dar o espaço tão gentilmente pedido. Uns pondo-se à frente dos cavalos mandavam afastar-se as pessoas, com boas palavras, com um bater de mãos no peito, com uns empurrões suaves:

– Cheguem-se para lá, vamos, um bocadinho de espaço, meus senhores. – Outros faziam o mesmo dos dois lados da carruagem, para que pudesse passar sem atropelar pés, nem esmagar bigodes; que, para além de fazer doer às pessoas, seria pôr em grande risco o prestígio de Antonio Ferrer.

Renzo, depois de ter passado uns momentos a contemplar aquela decorosa velhice, um pouco conturbada pela angústia, agravada pelo cansaço, mas animada pela solicitude, embelezada, por assim dizer, pela esperança de livrar um homem das angústias mortais, Renzo, dizia eu, pôs de parte toda a ideia de se ir embora; e resolveu ajudar Ferrer, e não o abandonar enquanto ele não tivesse conseguido o seu intento. Dito e feito, pôs-se com os outros a mandar abrir passagem; e não foi decerto dos menos ativos. A passagem abriu-se.

– Pode avançar – diziam, mais de um, ao cocheiro, recuando ou indo abrir-lhe mais um pouco de caminho mais adiante.

– *Adelante, presto, com juicio* – disse-lhe também o patrão; e a carruagem moveu-se. Ferrer, no meio dos cumprimentos que esbanjava ao público em massa, fazia certos pormenores de agradecimento, com um sorriso de inteligência, àqueles que via esforçarem-se por ele: e destes sorrisos, bem mais de um couberam a

Renzo, que na verdade os merecia, servindo naquele dia o grão-chanceler melhor do que poderia fazer o mais hábil dos seus secretários. Ao jovem montanhês encantado com aquela amabilidade, quase parecia ter feito amizade com Antonio Ferrer.

A carruagem, uma vez posta em marcha, seguiu depois, mais ou menos devagar, e não sem uma ou outra pequena paragem. O trajeto talvez não fosse mais do que um tiro de espingarda; mas em relação ao tempo que demorou, poderia parecer uma pequena viagem, mesmo a quem não tivesse a santa pressa de Ferrer. As pessoas mexiam-se, à frente e atrás, à direita e à esquerda da carruagem, à guisa de vagas em torno de uma nau que avança no auge da tempestade. Mais agudo, mais desconcertante, mais ensurdecador do que a da tempestade era a barulheira do povo em volta. Ferrer, olhando ora para um lado, ora para o outro, dando-se ares de compostura e gesticulando ao mesmo tempo, tentava entender alguma coisa para poder acomodar as respostas às necessidades; queria mesmo chegar a travar algum diálogo com aquela brigada de amigos; mas a coisa era difícil, talvez a mais difícil que já lhe teria acontecido, em tantos anos de grã-chancelaria. Contudo, de vez em quando uma ou outra palavra, ou mesmo alguma frase, repetida por um grupo à sua passagem, chegava-lhe aos ouvidos, como o explodir de um foguete mais forte se faz ouvir no imenso rebentar de um fogo de artifício. E ele, ora empenhando-se em responder de um modo satisfatório a estes gritos, ora dizendo por precaução as palavras que sabia deverem ser mais aceites, ou que alguma necessidade momentânea parecesse reclamar, falava também por todo o percurso. «Sim, senhores, pão, abundância. Levá-lo-ei à prisão, ele será castigado... *si es culpable*. Sim, sim, ordenarei o pão barato. *Asi es...* isto é, quero dizer: el-rei nosso senhor não quer que estes seus fidelísimos vassallos passem fome. *Ox! Ox! Guardaos: não se magoem, meus senhores.*»

– *Pedro, adelante con juicio*. Abundância, abundância. Um bocadinho de espaço, façam o favor. Pão, pão. Para a prisão, para a prisão. O quê? – perguntava então a um que metera meio corpo dentro da janela, a berrar-lhe qualquer conselho seu ou pedido ou aplauso que fosse. Mas este, sem poder sequer receber «o quê?», fora empurrado para trás por alguém que o via prestes a ser esma-

gado por uma roda. Com estes golpes e respostas, por entre as incessantes aclamações, por entre alguns frémios, mesmo de oposição, que se faziam ouvir aqui e ali, mas que eram logo sufocados, eis finalmente Ferrer chegando a casa, por obra principalmente daqueles bons auxiliares.

Os outros que, como dissemos, já ali estavam com as mesmas boas intenções, tinham entretanto trabalhado fazendo e refazendo um pouco da praça. Roda, exorta, ameaça; empurra e torna a empurrar, aperta daqui e de acolá, com o redobrar das vontades e com a renovação das forças que provém de ver já perto o fim desejado; tinha finalmente sucesso a sua intenção de dividir a multidão em duas e depois a de empurrar para trás as duas, de modo que, entre a porta e a carruagem, que parou à sua frente, havia um pequeno espaço vazio. Renzo, que, fazendo um pouco de batedor de caminhos, um pouco de escolta, chegara com a carruagem, conseguiu situar-se numa daquelas fronteiras entre benevolentes, que ao mesmo tempo fazia de ala à carruagem e de barreira às duas ondas prementes de povo. E ajudando a conter uma com os seus ombros, achou-se num bom sítio para também gozar o espetáculo.

Ferrer deu um grande suspiro, quando viu aquela praceta livre, e a porta ainda fechada. Fechada aqui significa não aberta; de resto, os gonzos estavam quase despregados, fora dos pilares; os batentes lascados, amassados, forçados e desconjuntados no meio, deixavam ver para fora, por uma larga abertura, um pedaço de ferrolho torcido, afrouxado e meio solto que os mantinha juntos, se assim lhe quisermos chamar. Um cavalheiro assomara àquela fresta, para gritar que abrissem; outro escancarou apressadamente o postigo da carruagem: o velho pôs a cabeça de fora, levantou-se, e agarrando com a direita o braço do cavalheiro, saiu e desceu para o estribo.

A multidão, de um lado e do outro, estava toda em pontas dos pés para ver: mil caras, mil barbas no ar; a curiosidade e a atenção geral criaram um momento de total silêncio. Ferrer, parando nesse momento no estribo, deu um olhar em volta, saudou a turba com uma inclinação, como de um púlpito, e pondo a mão esquerda no peito, exclamou:

– Pão e justiça! – e franco, ereto, togado, desceu para o chão, por entre aclamações que subiam até às estrelas.

Entretanto os de dentro abriram o portão, ou seja, acabaram de abri-lo, tirando a corrente juntamente com os elos já meio arrombados, e alargando a abertura só o suficiente para entrar o desejadíssimo visitante.

– Depressa, depressa – disse ele. – Abram bem, para que eu possa entrar; e vocês, coragem. Segurem essa gente lá atrás, não a deixem cair-me em cima... por amor do Céu! Guardem algum espaço para daqui a pouco... Eh! eh! meus senhores, um momento – disse ainda, dirigindo-se de novo aos de dentro –, cuidado com esse batente, deixem-me passar: eh! as minhas costelas: tenham cuidado com as minhas costelas. Agora fechem: não, eh! eh! A toga! A toga! – Esta teria de facto ficado presa entre os batentes, se Ferrer não tivesse puxado com toda a ligeireza a ponta, que desapareceu como a cauda de uma serpente que se enfia no buraco ao ser perseguida.

Encostados de novo os batentes, foram também escorados conforme se pôde. Lá fora, os que se tinham instituído como guardacostas de Ferrer, não davam descanso a ombros, braços e gritos,

para manterem o espaço livre, rogando nos seus corações ao Senhor para que não o fizesse demorar.

– Depressa, depressa – dizia também Ferrer de dentro, sob o pórtico, aos criados que se haviam colocado à sua volta ofegantes e gritando:

– Seja bem-vindo! Ah, Excelência! Oh, Excelência! Uh, Excelência!

– Depressa, depressa – repetia Ferrer. – Onde se meteu esse benedito homem?

O vigário descia as escadas, meio arrastado e meio levado pelos outros seus criados, branco como um pano bem lavado. Quando viu o seu auxílio, deu um grande suspiro; tornou-lhe o pulso, escorreu-lhe um pouco de vida pelas pernas, um pouco de cor pelas faces, e correu ele conforme pôde, direito a Ferrer, dizendo:

– Estou nas mãos de Deus e de Vossa Excelência. Mas como sair daqui? Por todo o lado há gente que me quer morto.

– *Venga usted con migo*, e ganhe coragem: aqui fora está a minha carruagem; depressa, depressa.

Pegou-lhe na mão, e guiou-o para a porta, sempre a animá-lo; mas, entretanto, dizia para consigo mesmo: «*Aquí está el busilis; Dios nos valga!*»

O portão abriu-se; Ferrer saiu primeiro, com o outro atrás, todo encolhido, agarrado, colado à toga salvadora, como uma criança às saias da mãe. Os que haviam mantido o espaço livre fazem agora, com um levantar de mãos, de chapéus, como que uma rede, uma nuvem, para subtrair o vigário à perigosa vista da multidão; vigário que é o primeiro a entrar na carruagem para se esconder a um canto. Ferrer entra depois; e fecha-se o postigo. A multidão viu confusamente, entendeu, adivinhou o que tinha acontecido; e soltou um urro de aplausos e de imprecações.

A parte do caminho que ficava por fazer, podia parecer a mais difícil e a mais perigosa. Mas o voto público era declarado bastante para mandar à prisão o vigário; e, ao tempo da parada, muitos dos que tinham facilitado a vinda de Ferrer, tanto se haviam engeñado em preparar e manter como que uma clareira no meio da multidão que desta segunda vez a carruagem conseguiu avançar um pouco mais lesta e de seguida. À medida que ela avançava, os

dois ajuntamentos contidos de ambos os lados tornavam a cair um sobre o outro e a misturar-se por trás da carruagem.

Ferrer, acabado de se sentar, inclinou-se para avisar o vigário que deveria ir muito bem encolhido lá ao fundo, e que não se mostrasse, por amor do Céu; mas o aviso era supérfluo. Ele, pelo contrário, é que precisava de se mostrar, para ocupar e atrair a si toda a atenção do público. E durante todo este passeio, como no primeiro, fez ao mutável auditório um discurso, o mais contínuo no tempo, e o mais desconexo no sentido que jamais teve; interrompendo-o porém, de quando em quando, com qualquer palavrinha espanhola, que à pressa tornava a segredar ao ouvido do seu companheiro escondido.

– Sim, meus senhores: pão e justiça: no castelo, na prisão, sob a minha guarda. Obrigado, obrigado, muito obrigado. Não, não, não vai escapar! *Por ablandarlos*. É muitíssimo justo: vai-se examinar, vai-se ver. Eu também gosto dos senhores. Um castigo severo. *Esto lo digo por su bien*. Uma meta justa, uma meta honesta, e castigo aos causadores da fome. Afastem-se para os lados, por favor. Sim, sim; eu sou um homem de bem, amigo do povo. Será castigado: é verdade, é um bandido, um celerado. *Perdone, usted*. Vai passar mal, vai passar mal... *si es culpable*. Sim, sim, ali vamos pôr na ordem os padeiros. Viva o rei, e os bons milaneses, seus fidelíssimos vassallos! Ele está feito, está feito. *Animo, estamos ya quasi fuera*.

Tinham de facto atravessado a maior aglomeração de gente, e já estavam quase a sair completamente do largo. Ali Ferrer, enquanto começava a dar algum repouso aos seus pulmões, viu o socorro de Pisa, aqueles soldados espanhóis que afinal não haviam sido totalmente inúteis, já que, mantidos e comandados por algum cidadão, tinham cooperado a mandar em paz alguma gente e a manter o caminho livre para a última saída. À chegada da carruagem, fizeram alas e apresentaram armas ao grão-chanceler, o qual fez aqui também uma saudação à direita, e uma saudação à esquerda; e ao oficial que se aproximou para saudá-lo, disse, acompanhando as palavras com um aceno da mão direita: – *Beso a usted las manos* –, palavras que o oficial entendeu pelo que queriam dizer realmente, ou seja: deu-me uma boa ajuda! Em res-

posta, fez outra continência e encolheu os ombros. Com efeito era caso para dizer: *cedant arma togae*; mas Ferrer naquele momento não tinha cabeça para citações. E de resto teriam sido palavras deitadas fora, porque o oficial não sabia latim.

A Pedro, ao passar por entre aquelas duas fileiras de miqueletes, por entre aqueles mosquetes tão respeitosa e erguidos, voltou-lhe ao peito o coração antigo. Refez-se completamente do temor, lembrou-se de quem era, e de quem conduzia, e gritando: – Olé! Olé! – sem acréscimo de mais cerimônias, à gente agora rareando o suficiente para poder ser tratada assim, e chicoteando os cavalos, fê-los retomar a corrida para o castelo.

– *Levántese, levántese; estamos ya fuera* – disse Ferrer ao vigário; o qual, tranquilizado pelo cessar dos gritos, e pelo rápido movimento da carruagem, e por aquelas palavras, se desencolheu, desdobrando-se, e se pôs de pé; e, já um tanto recuperado, começou a dar graças, graças e mais graças ao seu libertador. E este, depois de se ter compadecido dele pelo perigo e de se ter congratulado pela salvação: – Ah! – exclamou, batendo com a mão na calva. – *Ah! que dirá de esto Su Excelencia*, que já anda de tão mau humor, com aquele maldito Casale, que não se quer render? *Que dirá el conde duque*, que desconfia se uma simples folha faz mais ruído do que de costume? *Que dirá el rey nuestro señor*, que não pode deixar de vir a saber alguma coisa de uma agitação assim? *Dios lo sabe*.

– Ah! Cá por mim, não quero incomodar-me mais com isso – disse o vigário. – Ponho-me de fora: resigno do meu cargo e deposite-o nas mãos de Vossa Excelência, para ir viver numa gruta, numa montanha, e ser ermitão, longe, bem longe desta gente animalca.

– *Usted fará o que for mais conveniente por el servicio de Su Majestad* – respondeu gravemente o grão-chanceler.

– Sua Majestade não quererá a minha morte – replicou o vigário. – Numa gruta, numa gruta; longe destes.

O que terá acontecido depois desta proposta, não o diz o nosso autor, o qual, depois de ter acompanhado o pobre homem ao castelo, não volta a fazer menção das suas andanças.

CAPÍTULO XIV

A MULTIDÃO QUE TINHA FICADO MAIS ATRÁS COMEÇOU A DEBANDAR, a dispersar-se para a direita e para a esquerda, por esta e por aquela rua. Uns iam para casa, acudir também aos seus afazeres; outros afastavam-se, para irem respirar um pouco à vontade, após tantas horas de aperto; outros ainda, em busca de amigos, para conversarem sobre os grandes acontecimentos do dia. Da mesma maneira se ia despejando o outro lado da rua, a qual ficou erma o suficiente para aquele pelotão de espanhóis, sem encontrar resistência, avançar e postar-se junto da casa do vigário. Junto desta estava ainda condensada, por assim dizer, a escória do tumulto; de um bando de patifes, que descontentes com um fim tão frio e tão imperfeito para tamanho aparato, uma parte resmungava, outra parte praguejava, e outra ainda discutia entre si para ver se ainda se poderia empreender qualquer coisa; e como que para experimentar, iam dando pancadas e puxando aquela pobre porta que fora de novo escorada de qualquer maneira. Ao chegar o pelotão, todos eles, uns muito direitos, outros bamboleando-se e como que a custo, retiraram-se pelo lado oposto, deixando o campo livre para os soldados, que o ocuparam, e aí se po-

sicionaram para guardar a casa e a rua. Mas todas as ruas ali em volta estavam semeadas de ajuntamentos: onde houvesse duas ou três pessoas paradas, paravam outras três, quatro, vinte: aqui havia um ou outro que se afastava; além, era todo um grupo que caminhava todo junto: era como aquela nuvem que às vezes permanece esparsa, e gira pelo azul do céu depois de um temporal, e faz dizer a quem olha para cima: o tempo ainda não está bom. Pensem então que babilônia de conversas não seria. Uns contavam com ênfase os casos particulares que tinham visto; outros alegravam-se por a coisa ter acabado bem, e louvavam Ferrer, e prognosticavam sarilhos muito sérios para o vigário; outros, com risinhos cínicos, diziam: – Não tenham medo, que não vão matá-lo: o lobo não come carne de lobo; outros ainda, mais irritados murmuravam que não se tinham feito as coisas como devia ser, que era um engano, e que tinha sido uma loucura o fazer tanto banzé para depois se deixarem escarnecer daquela maneira.

Entretanto, o sol pusera-se, as coisas tornavam-se todas de uma mesma cor; e muitos, cansados do dia e aborrecidos de conversar às escuras, regressaram a casa. O nosso jovem, depois de ter ajudado ao passar da carruagem, enquanto tinha havido necessidade de auxílio, e após ter passado também atrás dela, entre as fileiras de soldados, como em triunfo, alegrou-se quando a viu correr

livremente, e fora de perigo; por um pouco acompanhou a chusma, e saiu desta na primeira esquina, para respirar também um pouco livremente. Dados poucos passos ao largo, no meio da agitação de tantos sentimentos, de tantas imagens, recentes e confusas, sentiu uma grande necessidade de comer e de repousar; e começou a olhar para cima, de um lado e do outro, procurando uma tabuleta de estalagem; visto que, para ir ao convento dos Capuchinhos já era muito tarde. Caminhando assim de cabeça no ar, deu consigo na retaguarda de um grupo; e ao parar, ouviu que se discutiam conjeturas, e desígnios, para o dia seguinte. Ficando um momento a ouvir, não se pôde coibir de dizer também de sua justiça: parecendo-lhe que poderia sem presunções propor qualquer coisa quem havia feito tanto. E persuadido, por tudo o que naquele dia tinha visto, que agora, para levar a efeito uma coisa, bastava fazê-la entrar nas graças daqueles que vagueavam pelas ruas, gritou, em tom de exortação:

– Meus senhores! Devo dar também a minha fraca opinião? A minha fraca opinião é esta: que não é só na questão do pão que se fazem patifarias: e já que hoje se viu bem claro que, fazendo-nos ouvir, se obtém o que é justo, temos de avançar assim, enquanto não se puser remédio a todos os outros crimes, e o mundo não for um pouco mais coisa de cristãos. Não é verdade, meus senhores, que há um punhado de tiranos que não fazem senão o contrário dos dez mandamentos, e vão procurar a gente sossegada, que não os incomoda, para lhe fazerem todos os males, e depois têm sempre razão? Aliás, quando fazem uma pior do que as do costume, andam de cabeça erguida, que até parece que a gente ainda tem de lhes pedir desculpas. Mesmo em Milão também deve haver a sua parte desta gente.

– Há até de mais – disse uma voz.

– Eu bem dizia – prosseguiu Renzo. – Estas histórias também se contam lá entre nós. E depois a coisa fala por si. Suponhamos, por exemplo, que algum destes de quem falo viva uns tempos no campo e outros em Milão: se for um diabo lá, não vai querer ser um anjo aqui; acho eu. Portanto digam-me lá, meus senhores, se alguma vez viram um destes *de focinho atrás das grades*. E o que é pior (e isto posso eu garanti-lo com toda a certeza) é que os editais

aí estão, bem estampados, para os castigar; e não são editais sem pés nem cabeça; são tão bem feitos que nós não podemos achar melhores; trazem nomeados todos os delitos claros, tal qual acontecem; e para cada um, o seu bom castigo. E dizem assim: seja quem for, vilões, plebeus, sei lá que mais. Agora, ide dizer aos doutores, escribas e fariseus, que façam justiça a esses, conforme reza o edital: ligam-vos tanta importância como o Papa aos tratantes: são coisas de fazer perder a cabeça a qualquer homem de bem. Vê-se portanto claramente que o rei, e aqueles que comandam, queriam que os bandidos fossem castigados; mas não se faz nada para isso, porque eles têm uma liga. Portanto, é preciso quebrá-la: temos de ir amanhã ter com Ferrer, que é um homem de bem, um senhor como deve ser; e hoje pôde-se ver como estava contente por se encontrar com a gente pobre, e como procurava ouvir as razões que lhe diziam, e respondia de boa vontade. Devemos ir ter com Ferrer, e dizer-lhe como estão as coisas; e eu, pelo meu lado, posso contar-lhe das boas; que eu vi com os meus olhos, um edital cheio de armas em cima, e que foi feito por três daqueles que têm poder, que de cada um tinha em baixo o nome estampado, e um destes nomes era Ferrer, vi-o eu, com os meus olhos: ora este edital dizia exatamente as coisas justas para mim; e um doutor a quem eu

disse que portanto fizesse que me dessem justiça, como era intenção daqueles três senhores, entre os quais estava também Ferrer, este senhor doutor, que tinha sido ele mesmo quem me mostrou o edital, que esta é que é a melhor, ah! ah! parecia que eu lhe contava loucuras. Tenho a certeza de que quando aquele querido velhote ouvir estas boas coisas; que ele não pode saber todas, especialmente as de fora; não há de querer mais que o mundo continue assim, e há de lhe dar bom remédio. E depois eles, se fazem os editais, também lhes deverá agradar que sejam obedecidos: que é também um desprezo, que um aviso com o seu nome não conte para nada. E, se os prepotentes não quiserem baixar a cabeça, e se armarem em tolos, estamos aqui nós para o ajudar, como se fez hoje. Não digo que deva andar ele por aí, de carruagem, a apanhar todos os meliantes, prepotentes e tiranos; sim, seria necessária a arca de Noé. Ele precisa é de comandar a quem de direito, e não somente em Milão, mas por toda a parte, que façam as coisas conforme dizem os editais; e lançar com um bom processo em cima de todos os que tiverem cometido tais desmandos; e onde diz prisão, prisão; onde diz galés, galés; e dizer aos podestades que façam as coisas a sério; senão, mandam-se passear, e metem-se melhores; e depois, como digo, também cá estaremos nós para dar uma ajuda. E ordenar aos doutores que oiçam os pobres e falem em defesa da razão. Digo bem, meus senhores?

Renzo deixara falar tanto o coração que, logo desde a exortação inicial, uma grande parte do ajuntamento, suspendendo qualquer outro discurso, se tinham dirigido para ele; e a certa altura estavam todos transformados em seus ouvintes. Um grupo confuso de aplausos, de – Bravo!, sem dúvida, tem razão, infelizmente é verdade – foi como que a resposta da audiência.

Não faltaram porém os críticos. – Eh, sim – dizia um. – Vá-se ligar a montanhese: são todos advogados – e iam-se embora. – Ora, ora – murmurava outro. – Cada pé descalço quer dar a sua opinião; e à força de mandar achas para a fogueira, não haverá pão barato, que foi o motivo por que nos mexemos.

Renzo porém só ouvia os elogios; uns tomavam-lhe uma das mãos; outros, a outra. – Até amanhã. – Onde? – Na praça da Ca-

tedral. – Está bem. – Está bem. – E alguma coisa se há de fazer. – E alguma coisa se há de fazer.

– Quem destes bons senhores quererá indicar-me uma estalagem, para comer qualquer coisa e dormir descansado? – disse Renzo.

– Estou aqui eu para vos servir, pobre jovem – disse um, que tinha ouvido atentamente a prédica, e ainda não dissera nada. – Conheço precisamente uma estalagem mesmo a calhar para vós; recomendo-vos eu ao patrão, que é meu amigo, e um cavalheiro.

– Aqui perto? – perguntou Renzo.

– A pouca distância – respondeu o outro.

O ajuntamento desfez-se; e Renzo, depois de muitos apertos de mãos desconhecidas, partiu com o desconhecido, agradecendo-lhe a sua amabilidade.

– De quê?... – disse o outro. – Uma mão lava a outra, e as duas juntas lavam a cara. Não somos obrigados a servir o próximo? – E caminhando, fazia a Remo, em tom de discurso, ora uma, ora outra pergunta. – Não é para saber a vossa vida; mas pareceis-me muito cansado: de que terra vindes?

– Venho de longe – respondeu Renzo. – Venho de Lecco.

– De Lecco? Sois de Lecco?

– De Lecco... isto é, do território.

– Pobre jovem! Pelo que pude entender do vosso discurso, fizeram-vos das boas...

– Eh! Meu caro cavalheiro! Tive de falar com uma certa forma política, para não dizer em público a minha vida; mas... basta, um dia destes saber-se-á; e então... Mas aqui estou a ver a tabuleta de uma estalagem; e, palavra de honra, não me apetece ir mais longe.

– Não, não; vinde aonde lhe disse eu, que já falta pouco – insistiu o guia. – Aqui não ficaríeis bem.

– Eh, sim – respondeu o jovem –, não sou menino habituado a dormir no meio de algodão; um naco qualquer para meter no bucho, e um enxergão, e basta-me; o que me interessa é achar depressa uma coisa e a outra. Seja o que a Providência divina me der! – E entrou por uma porta larga, por cima da qual estava suspensa a tabuleta da lua cheia.

– Bem, aqui mesmo, vos levo, já que assim quereis – disse o desconhecido, e foi atrás dele.

– Não precisais de vos incomodar mais – respondeu Renzo. – Contudo – acrescentou –, se vierdes beber um copo comigo, dar-me-eis muito prazer.

– Aceitarei a sua bondade – respondeu aquele; e sendo mais experiente do local, passou à frente de Renzo, seguindo por um pátio; chegou à passagem que dava para a cozinha, ergueu a lanterna, abriu a porta e entrou com o seu companheiro. Dois candeeiros de mão, pendentos de duas varas presas à trave do teto, espalhavam ali uma meia-luz. Muita gente estava sentada, mas não ociosa, em dois bancos corridos, de cá e de lá, de uma mesa estreita e comprida, que ocupava quase todo um lado da sala; com intervalos, toalhas e pratos; com intervalos, cartas de jogar viradas e reviradas, dados jogados e recolhidos; garrafas e copos por toda a

parte. Via-se também correr berlingas, reais e parpalholas⁴ que, se pudessem falar, provavelmente diriam: – Nós estivemos esta manhã na escudela de um padeiro, ou nas algibeiras de qualquer espectador do tumulto, que, todo ocupado a ver como andavam os negócios públicos, se esquecia de vigiar os seus afazeres privados.

O barulho era grande. Um criado corria para a frente e para trás, à pressa e com fúria, a servir aquela mesa e as de jogo: o estalajadeiro estava sentado num banquinho, dentro da chaminé, ocupado, na aparência, com certas figuras que fazia e desfazia na cinza, com a pinça; mas na realidade atento a tudo o que acontecia à sua volta. Levantou-se, ao ruído do ferrolho, e foi ao encontro dos recém-chegados. Mal viu o guia, disse para consigo: «Maldito! Tens sempre de me vir atrapalhar, quando eu menos te queria ver!» Deitando depois um olhar apressado a Renzo, dizendo de si para si: «Não te conheço; mas vindo com tal caçador, ou cão ou lebre serás: quando disseres duas palavras, ficarei logo a conhecerte.» Destas reflexões, porém, nada transpareceu na cara do estalajadeiro, que se manteve imóvel como um retrato: uma cara bochechuda e luzidia, com uma barbicha farta, rosada, e dois olhos claros e fixos.

– O que mandam estes senhores? – perguntou em voz alta.

– Antes de mais nada, uma boa garrafa de vinho legítimo – disse Renzo. – E depois, qualquer coisa que se coma. – Assim falando, deixou-se cair sentado num banco, para a cabeceira da mesa, e lançou um «ah!» sonoro, como se quisesse dizer: sabe bem estar um pouco num banco depois de estar tanto tempo de pé e em serviço. Mas logo se lembrou daquele banco e daquela mesa a que se sentara pela última vez com Lucia e Agnese; e soltou um suspiro. Depois abanou a cabeça, como que para afastar esse pensamento; e viu o estalajadeiro vir com o vinho. O companheiro tinha-se sentado em frente de Renzo. Este serviu-lhe logo de beber, dizendo: – Para molhar os beiços. – E enchendo o outro copo, sorveu-o de um trago.

– O que me dareis de comer? – disse depois ao estalajadeiro.

– Tenho estufado; gostais? – respondeu este.

– Sim, bravo. Venha o estufado.

– Sereis servido – replicou o estalajadeiro. E para o criado: – Atende aquele estrangeiro. E dirigiu-se para a chaminé. – Mas... – prosseguiu, voltando a Renzo. – Mas pão hoje é que não tive.

– Do pão – disse Renzo em voz alta e rindo-se – tratou a Providência divina. – E pondo cá fora o terceiro e último daqueles pães apanhados debaixo da cruz de São Dinis, levantou-o no ar, gritando: – Cá está o pão da divina Providência!

Àquela exclamação muitos voltaram-se; e ao verem aquele troféu no ar, gritou um: – Viva o pão barato!

– Barato? – disse Renzo: – *Gratis et amore*.

– Melhor, melhor.

– Contudo – acrescentou logo Renzo –, não queria que os senhores pensassem mal de mim. Não é que eu, como se costuma dizer, lhe tivesse deitado a unha. Achei-o perdido no chão; e se conseguisse achar também o dono, estou pronto a pagar-lho.

– Bravo! Bravo! – gritaram, troçando mais alto, os companheiros, a nenhum dos quais passara pela cabeça que aquelas palavras fossem a pura verdade.

– Pensam que estou a enganá-los; mas foi mesmo assim – disse Renzo ao seu guia. E rodando na mão aquele pão, acrescentou: – Vede como o fizeram; parece uma fogaça: e se havia lá gente!

– E a seguir, devorados três ou quatro nacos daquele pão, mandou atrás dele um segundo copo de vinho. E acrescentou: – Este pão não quer descer por si. Nunca tive a garganta assim tão seca. A gente fartou-se de gritar.

– Arranje uma boa cama para este bravo jovem – disse o guia –, porque tem intenções de dormir aqui.

– Quereis dormir aqui? – perguntou o estalajadeiro a Renzo, aproximando-se da mesa.

– Certamente – retorquiu Renzo. – Uma cama sem luxos; basta que os lençóis estejam branquinhos; porque eu sou pobre, mas estou habituado à limpeza.

– Oh, quanto a isso! – disse o estalajadeiro; foi ao balcão, que ficava num canto da cozinha; e voltou com um tinteiro e uma folha de papel branco numa das mãos, e uma pena na outra.

– O que quer isto dizer? – exclamou Renzo, engolindo um

pedaço do estufado que o criado lhe pusera à frente, e sorrindo depois com ar de espanto, acrescentou: – É o lençol lavado, isto?

O estalajadeiro, sem responder, pousou em cima da mesa o tinteiro e o papel; depois apoiou na mesma mesa o braço esquerdo e o cotovelo direito; e, com a pena no ar, e de cara levantada na direção de Renzo, disse-lhe:

– Fazei o favor de me dizer o vosso nomê, apelido e pátria.

– O quê? – disse Renzo. – O que têm estas histórias a ver com a cama?

– Eu só faço o meu dever – disse o estalajadeiro, olhando o guia cara a cara. – Nós somos obrigado a prestar contas de todas as pessoas que vêm procurar alojamento junto de nós: *nome e apelido, e de que nação será, a que negócio vem, se traz consigo armas... quanto tempo vai ficar nesta cidade...* São palavras do edital.

Antes de responder, Renzo emborcou mais outro copo: era o terceiro; e a partir daqui, receio que já não possamos contá-los. Depois disse: – Ah, ah! Tendes o edital! E eu faço de conta que sou doutor de leis, e assim sei muito bem o caso que se faz dos editais.

– Estou a falar a sério – disse o estalajadeiro, olhando sempre para o mudo companheiro de Renzo; e indo de novo ao balcão, tirou da gaveta uma grande folha de papel, um exemplar precisamente do edital; e veio desdobrá-lo diante dos olhos de Renzo.

– Ah! ei-lo! – exclamou este, levantando com uma das mãos o copo, e esvaziando-o logo, e estendendo depois a outra mão, com um dedo apontado ao edital. – Cá está essa bela folha de missal. Alegro-me muitíssimo com isso. Conheço estas armas; bem sei o que quer dizer aquela cara de ariano, com a corda ao pescoço. (No cimo dos editais punha-se então as armas do governador; e na de Dom Gonzalo Fernández de Córdoba, destacava-se um rei mouro acorrentado pelo pescoço.) Quer dizer, aquela cara: manda quem pode, e obedece quem quer. Quando esta cara mandar para as galés o senhor Dom... basta, quem eu cá sei; como se diz noutra folha de missal parceira desta, quando tiver feito com que um moço honesto possa desposar uma moça honesta que fique satisfeita de se casar com ele, então direi o meu nome a essa cara; e ainda por cima até lhe darei um beijo. Posso ter boas razões para não o dizer, ao meu nome. Esta é boa! E se um malandrão que tivesse a seu mando um bando de outros meliantes: porque se estivesse sozinho... – e aqui concluiu a frase com um gesto – Se um malandrão quisesse saber onde estou, para me pregar alguma partida das grossas, pergunto eu se esta cara se mexeria para me ajudar. Tenho de contar a minha vida. Esta também é nova. Vim a Milão para me confessar, suponhamos; mas quero confessar-me a um padre capuchinho, por assim dizer, e não a um estalajadeiro.

O dono da casa estava calado e continuava a olhar para o guia, que não fazia demonstração de espécie nenhuma. Renzo, custa-nos dizê-lo, despejou outro copo de vinho e prosseguiu:

– Já te dou uma razão, meu caro estalajadeiro, que te convencerá. Se os editais que falam bem, a favor dos bons cristãos, não contam, muito menos devem contar os que falam mal. Portanto, leva daqui essas embrulhadas todas, e traz-me antes outra garrafa; porque esta está rachada. Assim falando, percutiu-o levemente com os nós dos dedos, e acrescentou: – Ouve, ouve, taberneiro, ouve como soa falso.

Renzo também desta vez, pouco a pouco, tinha vindo a atrair a

atenção dos que estavam ali à sua volta: e também desta vez foi aplaudido pelo seu auditório.

– O que devo fazer? – disse o estalajadeiro, fitando aquele desconhecido, que para ele não o era.

– Deixe lá, deixe lá – gritaram muitos daqueles compinchas. – Este moço tem razão: são tudo extorsões, ciladas, subterfúgios: lei nova hoje, lei nova!

No meio destes gritos, o desconhecido, dando ao estalajadeiro um olhar de censura, por aquela interrogação demasiado descoberta, disse:

– Deixe-o fazer as coisas como lhe apetecer, não faça cenas.

– Eu fiz o meu dever – disse o estalajadeiro, em voz alta; e depois para consigo: «*Agora tenho as costas quentes.*» E pegou no papel, pena, tinteiro, edital, e na garrafa vazia, para os entregar ao criado.

– Traz do mesmo – disse Renzo –, que o acho bom cavalheiro; e vamos metê-lo na cama como o outro, sem lhe perguntar por nome e apelido, nem de que nação será, e o que vem cá fazer, e se vai ficar uma boa temporada nesta cidade.

– Do mesmo – disse o estalajadeiro ao criado, dando-lhe a garrafa; e voltou a sentar-se dentro da chaminé. – Qual lebre, qual quê! – pensava ele, desenhando de novo na cinza. – «E em que mãos vieste cair! Pedaco de asno! Se te queres afogar, afoga-te; mas o taberneiro da Lua Cheia é que não vai pagar pelas tuas loucuras.»

Renzo agradeceu a o guia, e a todos os que se tinham posto do seu lado.

– Meus bons amigos – disse. – Agora vejo mesmo que os homens de bem se dão as mãos, e se apoiam uns aos outros.

Depois, estendendo a mão direita no ar por cima da mesa, e pondo-se de novo em jeito de pregador, exclamou:

– Grande coisa é que todos os que regem o mundo queiram para tudo meter papel, pena e tinteiro! Sempre a pena no ar! Grande mania que têm esses senhores de usar a pena!

– Eh, homem de bem, do campo! Quereis saber a razão disso? – disse rindo-se um daqueles jogadores que estava a ganhar.

– Vamos lá ouvir – respondeu Renzo.

– A razão é esta – disse aquele –, como são esses senhores que comem os gansos, e se deparam com tantas, tantas penas, que têm de fazer alguma coisa com elas.

Puseram-se todos a rir, menos o parceiro que estava a perder.

– Ora toma! – disse Renzo. – Este é poeta. Aqui também há poetas: nascem por toda a parte. Eu também tenho uma certa veia, e às vezes digo umas curiosas... mas só quando as coisas correm bem.

Para compreender este disparate do pobre Renzo é preciso saber que entre o vulgo de Milão, e dos campos ainda mais, poeta não significa, como para todos os homens de bem, um génio sagrado, um habitante do Pindo, um aluno das Musas; quer dizer uma mente bizarra e um tanto desmiolada, que, no falar e nos feitos, tenha mais de arguto e de singular do que de razoável. Tão atrevido é esse desmancha-prazeres do vulgo a manipular as palavras, e a fazer-lhes dizer as coisas mais afastadas do seu legítimo significado! Porquê? – pergunto-vos eu –, o que tem o poeta a ver com a mente desmiolada?

– Mas a razão certa vou dizê-la eu – acrescentou Renzo. – É porque a pena, eles é que a manejam; e assim, as palavras que dizem eles voam, e desaparecem; às palavras que diz um pobre rapaz, estão eles bem atentos, e logo as espetam no ar com essa pena,

e pregam-tas no papel, para delas se servirem onde e quando lhes convier. Depois têm também outra malícia; é que, quando querem enganar um pobre homem, que não tenha estudado, mas que tenha um pouco de... eu sei o que quero dizer... – e para se fazer entender, ia batendo, como que martelando a testa com a ponta do indicador. – Se percebem que ele começa a compreender a embrulhada, zás! metem no discurso alguma palavra em latim, para lhe fazerem perder o fio à meada, para lhe confundirem a cabeça. Basta, tem de se abolir isso dos costumes. Hoje, de qualquer maneira, fez-se tudo em vulgar, e sem papel, pena e tinteiro. E amanhã, se a gente souber regular-se, far-se-á ainda melhor: sem torcer um cabelo a ninguém; tudo pela via da justiça.

Entretanto alguns daqueles compinchas tinham voltado a jogar, outros a comer, muitos a gritar; alguns foram-se embora; chegava outra gente; o estalajadeiro atendia a uns e a outros: tudo coisas que nada têm a ver com a nossa história. Até o desconhecido guia estava ansioso por se ir embora; ao que parecia, não tinha nada que fazer naquele lugar; e, no entanto, não queria sair antes de ter conversado mais um pouco com Renzo em particular. Virou-se para este e retornou à conversa do pão; e ao cabo de algumas daquelas frases que, desde há algum tempo, corriam por todas as bocas, chegou a deitar cá para fora um projeto seu. – Eh! se eu mandasse – disse ele –, havia de arranjar maneira de fazer as coisas andarem bem.

– O que quereríeis fazer? – perguntou Renzo, olhando-o com dois olhinhos a brilhar mais do que devia ser, e torcendo um pouco a boca, como se fosse para estar mais atento.

– O que queria fazer? – disse aquele. – Queria que houvesse pão para todos; tanto para os pobres, como para os ricos.

– Ah! assim está bem – concordou Renzo.

– O que eu faria era um preço honesto, para que todos pudessem viver bem. E depois, distribuir o pão conforme as bocas; porque há para aí uns gulosos indiscretos, que queriam tudo para eles, e é ver quem mais apanha, pilham de qualquer maneira; e depois falta o pão à gente pobre. Portanto, dividir o pão. E como se faz? Assim: dar um belo bilhete a cada família, em proporção das bocas, para ir buscar o pão ao forno. A mim, por exemplo,

deveriam passar-me um bilhete da seguinte forma: Ambrogio Fusselsa, de profissão, alfageme, com mulher e quatro filhos, todos em idade de comer pão (notai bem): que lhe seja dado, de pão, tanto, e pague de soldos, tanto. Mas fazendo as coisas justas, sempre em função das bocas. A vós, por exemplo, deveriam fazer um bilhete para... O vosso nome?

– Lorenzo Tramaglino – disse o jovem; que, encantado com o projeto, não reparou que estava todo assente em papel, pena e tinteiro; e que para o pôr em prática, a primeira coisa a fazer devia ser apontar os nomes das pessoas.

– Muito bem – disse o desconhecido. – Mas tendes mulher e filhos?

– Bem devia... filhos não... muito cedo... mas mulher... se o mundo andasse como deve ser...

– Tende paciência, mas é uma porção mais pequena.

– É justo; mas se em breve, como espero... e com a ajuda de Deus... Basta: e se eu também tivesse mulher?

– Então muda-se o bilhete, e aumenta-se a porção. Como eu vos disse; sempre em função das bocas – disse o desconhecido levantando-se.

– Assim está bem! – gritou Renzo; e continuou a gritar e a bater o punho na mesa. – E porque é que não fazem uma lei assim?

– O que quereis que vos diga? Entretanto, dou-vos as boas-noites e vou-me embora, porque penso que a mulher e os filhos devem estar há muito tempo à minha espera.

– Só mais uma gotinha, mais uma gotinha – gritava Renzo, enchendo à presa o copo do outro; e logo se levantou e agarrando-o por uma aba do gibão, puxou com força, para o fazer sentar-se de novo. – Só mais uma gotinha; não me façais essa afronta.

Mas o amigo, com um safanão, libertou-se, e deixando Renzo a deitar cá para fora um chorrilho de instâncias e de queixumes, disse de novo: – Boa noite! – e foi-se embora. Renzo continuava ainda a pregar-lhe quando ele já estava na rua; e depois deixou-se tombar no banco. Fixou os olhos no copo que tinha enchido; e ao ver passar à sua frente o criado, fez-lhe sinal para se deter, como se tivesse algum assunto a comunicar-lhe; depois apontou-lhe o copo e, com uma pronúncia lenta e solene, escandindo as palavras de

modo muito particular, disse: – Pois, tinha-o enchido para aquele cavalheiro; veja lá; cheio a rasar, mesmo para amigos; mas ele não o quis. Às vezes, a gente tem ideias muito estranhas. Eu não tenho a culpa; o meu bom coração mostrei-o. Ora o que já está já está, não se deve deixar vir mal por isso. – Assim falando, pegou no copo e esvaziou-o de um gole.

– Já percebi – disse o criado, afastando-se.

– Ah, também percebeu – insistiu Renzo. – Portanto é verdade. Quando as razões são justas...

Aqui é necessário todo o amor que temos pela verdade para nos fazer seguir fielmente um relato de tão pouca honra para uma personagem tão principal, que se poderia dizer o protagonista desta história. Por esta mesma razão de imparcialidade, temos porém de advertir que era a primeira vez que a Renzo acontecia um caso semelhante; e foi precisamente esta falta de habituação a vícios em grande parte a causa de o primeiro lhe ser tão fatal. Aqueles poucos copos que havia emborcado ao princípio, um atrás do outro, contra o que era seu costume, tanto pelo ardor que sentia, como pela alteração dos ânimos que não o deixava fazer nada dentro das medidas, subiram-lhe logo à cabeça: a um bebedor um tanto treinado não teriam feito mais do que lhe matar a sede. Sobre isto o nosso anónimo faz uma observação que nós vamos repetir: e conte o que possa contar. Os hábitos moderados e

honestos, diz ele, têm também esta vantagem: quanto mais inveterados e radicados num homem, mais facilmente, assim que deles se afasta, logo se ressentem, de modo que depois se lembra disso durante uns tempos; e até um despropósito lhe serve de escola.

Seja como for, quando aqueles primeiros fumos subiram à cabeça de Renzo, vinho e palavras continuaram a avançar, um para baixo e as outras para cima, sem regra nem medida; e no ponto em que o deixámos, estava já como podia. Sentia uma grande vontade de falar: ouvintes, ou pelo menos homens presentes que ele pudesse tomar por tais, não lhe faltavam; e durante algum tempo, também as palavras lhe tinham vindo sem se fazerem rogadas, e tinham-se deixado colocar numa certa ordem. Mas a pouco e pouco, aquela coisa de acabar as frases começou a tornar-se-lhe singularmente difícil. O pensamento, que se tinha apresentado na sua mente vivo e resolutivo, enevoava-se e desvanecia-se de repente; e a palavra, depois de se ter feito esperar um bom bocado, não era aquela que servia ao caso. Nestas angústias, por um desses falsos instintos que, em muitas coisas, dão cabo dos homens, recorria àquela bendita garrafa. Mas qual o auxílio que lhe pudesse dar a garrafa, numa tal circunstância, que o diga quem tiver mais siso.

Nós vamos repetir só algumas das muitíssimas palavras que fez sair cá para fora naquele desgraçado serão; as muitas mais que descuramos, muito viriam desdizer; porque não só não têm sentido, como não fazem vista de o ter: condição necessária num livro impresso.

– Ah, patrão, patrão! – recomeçou, acompanhando-o com os olhos, ou em volta da mesa ou na chaminé; às vezes, fitando-o onde ele não estava, e falando sempre no meio do algazarra que fazia o grupo. – Taberneiro que tens das boas! Essa não posso eu engolir... a do nome, apelido e negócio. A um rapaz como eu!... Não te comportaste bem. Que satisfação, que sumo, que gosto... em pôr no papel um pobre rapaz? Não estou a falar bem, meus senhores? Os taberneiros deviam estar do lado dos bons rapazes... Ouve, ouve tu, taberneiro: vou fazer-te uma comparação... pela razão... Estão a rir-se, hem? Estou um tanto alegre, sim... mas as razões que digo são justas. Diz-me lá: quem é que te sustenta a

loja? Os pobres rapazes, não é verdade? Não digo bem? Vê lá se aqueles senhores dos editais alguma vez cá vêm beber um copinho.

– Isso é tudo gente que só bebe água – disse um perto de Renzo.

– Querem estar bem senhores de si – acrescentou outro –, para poderem dizer as mentiras como deve ser.

– Ah! – gritou Renzo. – Agora foi o poeta que falou. Portanto, vós também compreendeis as minhas razões. Responde lá, taberneiro: e Ferrer, que é o melhor de todos, alguma vez veio cá fazer um brinde, e gastar a ponta de um chavelho que fosse. E aquele cão assassino de Dom... Calo-me porque estou no meu juízo até de mais. Ferrer e o padre Crrr... eu é que sei, são dois homens de bem; mas homens de bem há poucos; os velhos são piores do que os jovens, e os jovens... ainda piores do que os velhos. Mas fico contente por não se ter feito sangue: barbaridades não, que as guardem para o algoz. Pão; oh, isso sim! Levei empurrões; mas... também os dei. Arreda! Abundância, viva!... Contudo, até Ferrer... uma ou outra palavrinha em latim... *siés baraós trapolorum*... Maldito vício! Viva! Justiça! Pão! Ah, essas são as palavras certas!... Homens de bem como eles é que fizeram lá falta!... Quando troou aquele maldito *don don don*, e depois outra vez *don don don*. Se assim fosse, não teria sido preciso fugir, vejam. Aguentar ali aquele senhor cura... Eu sei bem de quem estou a falar!

A esta palavra, baixou a cabeça, e ficou um certo tempo como

que absorto num pensamento: depois deu um grande suspiro, e levantou a cara, com os dois olhos húmidos a brilhar, com uma certa mágoa tão afetada e tão grosseira, que ai dele se quem fosse seu objeto pudesse vê-lo um momento. Mas aqueles indivíduos, se já tinham começado a divertir-se à custa da eloquência apaixonada e embrulhada de Renzo, muito mais troça fizeram do seu ar compungido; os mais próximos diziam aos outros: «olhem», e todos se voltaram para ele, de modo que se tornou o bombo da festa daquele grupo. Não porque todos estivessem no seu siso perfeito ou na sua dose de siso normal; mas, para dizer a verdade, nenhum estava tão fora de si como o pobre Renzo. Puseram-se, ora um ora outro, a provocá-lo com perguntas estúpidas e grosseiras, com cerimónias zombeteiras. Renzo ora dava sinais de o levar a mal, ora tomava a coisa como brincadeira, ora, sem ligar a todas aquelas vozes, falava de outra coisa qualquer, ora respondia, ora interrogava; sempre saltando de um assunto para outro fora de propósito. Felizmente, naquele desvario ficara-lhe, porém, como que uma atenção instintiva a omitir os nomes das pessoas; pelo que não foi proferido nem sequer o nome que devia estar mais profundamente marcado na sua memória: porque muito nos desgostaria se esse nome, pelo qual até nós sentimos um pouco de afeto e de reverência, tivesse sido arrastado por aquelas imundas bocas, e se tornasse divertimento para aquelas línguas infames.

CAPÍTULO XV

O ESTALAJADEIRO, AO VER QUE O JOGO ESTAVA PARA DURAR, aproximou-se de Renzo; e pedindo com bons modos àqueles outros que o deixassem em sossego, abanava-o por um braço e tentava fazê-lo entender e persuadi-lo a ir dormir. Mas Renzo voltava sempre ao princípio, com o nome e apelido, e com os editais, e com os bons rapazes. Contudo, aquelas palavras: cama e dormir, repetidas aos seus ouvidos, entraram-lhe finalmente na cabeça; fizeram-no sentir um pouco mais distintamente a necessidade do que elas significavam, e produziram um momento de lúcido intervalo. Aquele pouquinho de siso que lhe voltou, fê-lo de certo modo perceber que a maior parte já se tinha retirado: pouco mais ou menos tal como o último morrão aceso de uma iluminação permite ver os outros apagados. Ganhou coragem; estendeu as mãos e apoiou-as na mesa; tentou levantar-se, uma e duas vezes; suspirou, cambaleou; à terceira, amparado pelo estalajadeiro, endireitou-se. Aquele, segurando-o sempre, fê-lo sair de entre a mesa e o banco; e segurando com uma das mãos uma tocha, e com a outra em parte conduziu-o e em parte puxou-o, de qualquer maneira, para a porta da escada. Ali Renzo, ao ouvir o

barulho das despedidas que aqueles gritavam atrás dele, voltou-se rápido; e se o seu amparo não tivesse sido bem lesto a segurá-lo por um braço, a viragem teria sido um trambolhão; voltou-se, pois, e com o outro braço que lhe restava livre, ia traçando e escrevendo no ar certas saudações, à maneira de um nó de Salomão.

– Vamos para a cama, para a cama – disse o estalajadeiro, arrastando-o; fê-lo passar pela porta; e com maior esforço ainda, puxou-o até ao alto daquela escada, e depois para o quarto que lhe tinha destinado. Renzo, ao ver a cama que o esperava, alegrou-se; olhou amorosamente o estalajadeiro, com dois olhinhos que ora cintilavam como nunca, ora se eclipsavam, como dois pirilampos; tentou equilibrar-se nas pernas; e estendeu a mão para a cara do estalajadeiro, para lhe pegar no queixo, em sinal de amizade e de agradecimento; mas não conseguiu.

– Bom estalajadeiro – foi porém capaz de dizer. – Agora vejo que és um homem de bem: esta é uma boa obra, dar uma cama a um bom rapaz; mas aquela figura que me fizeste sobre o nome e o apelido, essa não foi de homem de bem. Por sorte eu também tenho cá a minha esperteza...

O estalajadeiro, o qual não pensava que ele pudesse ainda ligar tanto as coisas; o estalajadeiro que, por longa experiência, sabia como os homens, naquele estado, estão mais sujeitos do que é costume a mudarem de opinião, quis aproveitar aquele lúcido intervalo para fazer outra tentativa.

– Meu bom rapaz – disse, com voz e maneiras todas gentis –, não o fiz para vos aborrecer, nem para saber a vossa vida. O que quereis? É a lei: nós também temos de lhe obedecer; senão somos os primeiros a pagar as favas. É melhor contentá-los, e... Do que é que se trata, afinal? Grande coisa! Dizer duas palavras. Não é por eles, mas para me fazer um favor a mim, vá lá; aqui entre nós, cara a cara, façamos o que temos para fazer; dissei-me o vosso nome, e... e depois ide para a cama de coração sereno.

– Ah, tratante! – exclamou Renzo. – Vigarista! Ainda me voltas à liça com essa infâmia do nome, apelido e negócio!

– Cala-te, palhaço, vai para a cama – dizia o estalajadeiro.

Mas Renzo prosseguiu em voz mais alta:

– Já percebi, tu és também da liga. Espera, espera, que já te trato da saúde.

E virando a cabeça para o lado da escada, começou a berrar com mais força ainda:

– Amigos! O estalajadeiro é da...

– O que eu disse foi a brincar – gritou este na cara de Renzo, empurrando-o para a cama. – Foi a brincar. Não percebeste que o disse a brincar?

– Ah! Foi a brincar: agora falas bem. Quando disseste a brincar... foi mesmo só a brincar. E caiu de borco na cama.

– Vamos; despi-vos; depressa – disse o estalajadeiro, e ao conselho acrescentou a ajuda: que era bem precisa. Quando a Renzo foi tirado o gibão (que bem demorou), o estalajadeiro pegou logo nele, e correu com as mãos às algibeiras, para ver se lá estava a massa. Achou-a: e pensando que no dia seguinte o seu hóspede teria de regular contas com os outros todos menos com ele, e que aquela massa provavelmente iria cair em mãos donde um estalajadeiro não poderia fazê-la sair, quis verificar se ao menos seria capaz de concluir este outro negócio.

– Vós sois um bom rapaz, um homem de bem; não é verdade? – disse ele.

– Bom rapaz, homem de bem – respondeu Renzo, fazendo porém brigar os dedos com os botões das peças de roupa que ainda não tinha podido tirar.

– Bem – replicou o estalajadeiro. – Então sal dai aquela continha pouca, porque amanhã tenho de sair para certos afazeres meus.

– Isso é justo – disse Renzo. – Eu sou espertalhão, mas um homem de bem... Mas o dinheiro... Ide procurar o dinheiro, agora!

– Está aqui – disse o estalajadeiro; e pondo em ação toda a sua prática, toda a sua paciência, toda a sua destreza, conseguiu fazer contas com Renzo, e fazer-se pagar.

– Dai-me uma ajuda, para que eu possa acabar de me despir, estalajadeiro – disse Renzo. – Eu próprio vejo que estou cheio de sono.

O estalajadeiro deu-lhe a ajuda pedida; além disso estendeu-lhe o cobertor por cima, e disse-lhe com modos grosseiros: – Boa noite! – quando ele já ressonava. Depois, por aquela espécie de

atração que às vezes nos leva a considerar um objeto de rancor a par de um objeto de amor, e que talvez não seja senão o desejo de conhecer o que atua fortemente sobre o nosso espírito, deteve-se um momento a contemplar o hóspede tão aborrecido para ele, levantando-lhe a tocha até à cara e, com a mão estendida, fazendo-lhe bater a luz em cima; com este ato parecido com o que faz Psique, quando está a espiar furtivamente as formas do consorte desconhecido. «Grande pedaço de asno!» diz na sua mente ao pobre adormecido: «Vieste mesmo à procura dela. Amanhã, já vais saber como é que elas te mordem. Labrego, que vos pondes a correr mundo sem saberdes de que lado nasce o sol; para vos trarmos a vós mesmos e ao próximo.»

Assim dizendo ou pensando, retirou a luz e pôs-se a andar, saiu do quarto e fechou a porta à chave. No patamar da escada, chamou a estalajadeira, a quem disse que deixasse os filhos à guarda de uma criadita e fosse lá abaixo à cozinha substituí-lo.

– Eu tenho de sair, devido a um forasteiro que veio cá parar por artes sei lá de qual demónio, para desgraça minha – acrescentou; e contou-lhe em resumo o aborrecido incidente. Depois ainda acrescentou: – Cuidado com tudo; e sobretudo prudência, neste maldito dia. Temos lá em baixo uma súcia de malandrins que, meio da be-

bida e meio da natureza de que são desbocados, falam de tudo e mais alguma coisa. Basta, se algum temerário...

– Olha lá, eu já não sou nenhuma criança, e também sei muito bem o que se deve fazer. Até agora, parece-me que não se pode dizer...

– Bem, bem; e ver se eles pagam; e de todas aquelas conversas que fazem, sobre o vigário de provisão e o governador e Ferrer e os decuriões e os cavaleiros de Espanha e França e outras tolices semelhantes, é fazer de conta que não se ouve; porque se se for contradizer, pode logo correr mal; e se se der razão, pode correr mal no futuro: e tu também já sabes que às vezes os que dizem as mais fortes... Basta; quando se ouvem certas coisas, vira-se a cabeça, e diz-se: vou já; como se estivesse alguém a chamar daquele lado. Eu vou fazer por voltar o mais depressa possível.

Dito isto, desceu com ela à cozinha, deu uma olhadela em volta, para ver se havia novidades de relevo; tirou de um cabide o chapéu e a capa, pegou num cacete posto a um canto, com outra olhadela à mulher, recapitulou as instruções que lhe tinha dado, e saiu. Mas já no decorrer destas operações tinha reatado, dentro de si, o fio da apóstrofe começada junto à cama do pobre Renzo; e prosseguiu-a, ao caminhar pela rua fora. «Grande cabeçudo este montanhês! – Visto que, por mais que Renzo tivesse feito por ocultar a sua condição, esta qualidade manifestava-se por si, nas palavras, na pronúncia, no aspeto e nos atos. – Num dia como este, à custa da política, à custa de ter juízo, eu havia de me sair bem; e havias de vir tu no fim, estragar-me o negócio. O que não falta são estalagens em Milão, e devias logo vir parar à minha?! Ainda se ao menos tivesses vindo sozinho; que eu ainda fecharia um olho, por esta noite; e amanhã de manhã fazia-te chegar à razão. Mas não senhor; vens acompanhado; e acompanhado por um beleguim, ainda por cima!»

A cada passo, o estalajadeiro deparava-se, ou com transeuntes desacompanhados, ou com casais, ou com grupos de gente que caminhava sussurrando. Naquela altura da sua muda alocação, cruzou-se com uma patrulha de soldados; e, ao desviar-se para os deixar passar, fitou-os pelo canto do olho, e continuou a dizer para consigo: «Pronto, ali vão os castiga-loucos. E tu, pedaço de asno,

por teres visto um pouco de gente por aí a armar tumulto, meteu-se-te na cabeça que o mundo ia mudar. E com este belo fundamento arruinaste-te a ti, e ainda querias arruinar-me a mim também; o que não é justo. Eu faria tudo para te salvar; e tu, minha besta, tu em troca, pouco faltou para me virares a hospedaria do avesso. Agora que te safes sozinho da enrascada: de mim trato eu. Como se eu quisesse saber o teu nome por curiosidade minha! O que me importa a mim que te chames Tadeu ou Bartolomeu? Também tenho cá um gostinho em pegar na pena!... Mas não sois apenas vós a ver as coisas à vossa maneira. Eu também sei que há editais que não valem nada: bela novidade, que era preciso vir dizê-la um montanhês! Mas tu não sabes que, contra os hospedeiros, os editais contam muito. E queres tu correr mundo, e falar; e não sabes que quem quiser fazer as coisas à sua maneira, e rir-se dos editais, a primeira coisa é só falar deles com grande respeito. E para um pobre hospedeiro que fosse da tua opinião, e não perguntasse o nome de quem vem dar-lhe a ganhar a vida, sabes tu, grande besta, o que tem garantido? *Sob pena a qualquer dos ditos hospedeiros, taverneiros e outros, como supra, de trezentos escudos: sim, ali estão eles, a chocar trezentos escudos; e para os gastar tão bem; a ser aplicados, dois terços à Câmara Real, e o outro terço ao acusador ou delator: àquele belo marmanjo! E no caso de incapacidade, cinco anos de galés, e maior pena pecuniária ou corporal, ao arbítrio de Sua Excelência.* Obrigadíssimo aos seus favores.»

A estas palavras, o hospedeiro tocava a entrada do palácio da justiça. Ali, como em todas as outras repartições, havia grande

movimento: por toda a parte se tratava de dar as ordens que mais pareciam destinadas a criar prevenções para o dia seguinte, a retirar os pretextos e a ousadia aos ânimos desejosos de novos tumultos, a assegurar a força nas mãos habituadas a usá-la. Aumentou-se a soldadesca na casa do vigário; os acessos da rua foram barrados com traves e entrincheirados com carros. Ordenou-se a todos os padeiros que fizessem pão sem interrupção; expediram-se estafetas às povoações circunvizinhas, com ordens de mandarem trigo para a cidade; em cada forno foram designados nobres para que aí se dirigissem de manhãzinha cedo com o fim de fiscalizarem a distribuição do pão e refrearem os irrequietos, com a autoridade da sua presença e com boas palavras. Mas a darem, como se diz, uma no cravo e outra na ferradura, e tornar mais eficazes os conselhos com uma certa intimidação, trataram também de achar maneira de deitar a mão a algum sedicioso; e este era principalmente o papel do capitão da justiça; do qual pode pensar cada um que sentimentos nutria pelas sublevações e pelos sublevados, com uma compressa de água vulnerária num dos órgãos de profundidade metafísica. Os seus mastins estavam em campo desde o princípio do tumulto: e aquele dito Ambrogio Fusella não passava, como disse o hospedeiro, de um beleguim disfarçado, mandado em exploração para captar em flagrante qualquer um que depois pudesse ser reconhecido, e tê-lo debaixo de mira, e espiá-lo, para o apanhar depois, quando a noite estiver calma, ou no dia seguinte. Ouvidas pouquíssimas palavras daquela prédica de Renzo, este ficara logo marcado, por lhe parecer um réu simplório, exatamente o que era preciso. Percebendo depois que esse acabara de chegar a Milão, tentara o golpe de mestre de o conduzir direitinho ao cárcere, como se fosse aquela estalagem a mais segura de toda a cidade; mas falhou, como vistes. Contudo pôde levar para casa a notícia segura do nome, apelido e pátria, além de outras cem belas notícias conjecturais, de modo que, quando o hospedeiro lá apareceu, para dizer o que sabia acerca de Renzo, já sabiam mais do que ele. Entrou na sala do costume, e prestou o seu depoimento: de como chegara à sua casa para ali receber alojamento um forasteiro que não quisera manifestar o seu nome.

– Fizestes o vosso dever informando a justiça – disse um escrivo criminal, largando a pena –, mas nós já sabíamos.

«Belo segredo! – pensou o hospedeiro. – É preciso um grande talento!»

– E também sabemos – continuou o escrivo – esse respeitável nome.

«Diabos! até o nome, o que terão feito?», pensou o hospedeiro desta vez.

– Mas vós – recomeçou o outro com uma cara muito séria –, vós não dizeis tudo sinceramente.

– Que mais devo dizer?

– Ah! Ah! sabemos muito bem que ele levou para a vossa estalagem uma quantidade de pão roubado, e roubado com violência, por meio de pilhagem e sedição.

– Vem um tipo com um pão no bolso; sei lá onde é que ele foi buscá-lo. Porque, jurando por vida ou morte, posso dizer que não lhe vi senão um pão só.

– Pois, sempre a desculpar, a defender; para quem vos ouvir, são todos uns homens de bem. Como podeis provar que aquele pão era bem adquirido?

– E que tenho eu de provar? Não tenho nada a ver com isso: eu sou hospedeiro.

– Não podeis porém negar que este vosso freguês teve a temeridade de proferir palavras injuriosas contra os editais, e de fazer gestos malévolos e indecentes contra as armas de Sua Excelência.

– Faça-me um favor Vossenhoria, como pode alguma vez ser

meu freguês, se o vi pela primeira vez? Foi o diabo, se Vossenhoria me der licença, e desculpe-me esta palavra, que o mandou à minha casa: e se o conhecesse, Vossenhoria bem vê que eu não teria necessidade de lhe perguntar o nome.

– Mas na vossa estalagem, na vossa presença, disseram-se coisas incendiárias: palavras temerárias, proposições sediciosas, murmúrios, gritos, clamores...

– Como quer Vossenhoria que eu preste atenção aos despropósitos que possam dizer tanta gentalha a berrarem todos ao mesmo tempo? Eu tenho de atender aos meus interesses, que sou um pobre homem. E depois Vossenhoria sabe muito bem que quem tem a língua solta também costuma ser de mão lesta, e ainda mais quando estão em bando, e...

– Sim, sim, deixai-os fazer e dizer: amanhã, amanhã, vereis que já lhes passou a vontade de brincar. O que achais?

– Eu não acho nada.

– Que a canalha se tenha tornado dona e senhora de Milão?

– Oh, nunca!

– Vereis, vereis...

– Entendo perfeitamente: o rei será sempre o rei; mas quem as apanhar no lombo terá de ficar com elas: e naturalmente um pobre pai de família não tem vontade de as levar. Os senhores têm a força; é a vós que compete.

– Ainda tendes muita gente em casa?

– Está cheia.

– E esse vosso freguês, o que é que faz? Continua a fazer barulho, a incitar as pessoas, a preparar tumultos para amanhã?

– Aquele forasteiro, quer dizer Vossenhoria: foi para a cama.

– Tendes portanto muita gente... Basta; tende cuidado para não o deixardes escapar.

«Tenho agora de fazer de esbirro, eu?», pensou o hospedeiro; mas não disse nem sim nem não.

– Ide lá para casa; e tende juízo – prosseguiu o escrivão.

– Eu tenho tido sempre juízo. Vossenhoria pode dizer se já alguma vez dei que fazer à justiça.

– E não julgueis que a justiça perdeu a sua força.

– Eu? Por favor: eu não julgo nada: só me ocupo de ser hospedeiro.

– A cantiga do costume: não tendes mais nada que dizer.

– Tenho outra coisa que dizer? A verdade é uma só.

– Basta; por agora tomamos nota do que haveis deposto; se for caso disso, informai a justiça com maior minúcia acerca do que vos possa ser depois perguntado.

– O que tenho eu para informar? Eu não sei nada; eu mal tenho cabeça para tratar da minha vida.

– Tende cuidado para não o deixar sair.

– Espero que o ilustríssimo senhor capitão saiba que vim logo cumprir o meu dever. Beijo as mãos a Vossenhoria.

Ao nascer o dia, Renzo ressonava há cerca de sete horas, e estava ainda, coitado, no melhor do sono, quando o fizeram acordar umas fortes sacudidelas no braços, e uma voz que ao pé da cama gritava: – Lorenzo Tramaglino!

Voltou a si, retirou os braços, abriu os olhos a custo; e viu de pé junto à cama um homem vestido de preto, e dois outros armados, um de cada lado da cabeceira. E entre a surpresa e o não estar bem acordado, e o ter a cabeça pesada do vinho que sabeis, ficou um mo-

mento como que aparvalhado; e julgando sonhar, e não lhe agradando esse sonho, agitava-se como que para despertar completamente.

– Ah! Afinal ouvistes, Lorenzo Tramaglino? – disse o homem da capa preta, aquele mesmo escrivão da noite passada. – Vamos lá, levantai-vos e vinde connosco.

– Lorenzo Tramaglino! – disse Renzo Tramaglino. – O que quer isto dizer? O que quereis de mim? Quem vos disse o meu nome?

– Menos conversas, e despachai-vos – disse um dos esbirros que estavam ao seu lado, agarrando-lhe de novo o braço.

– Eh lá! Que prepotência é esta? – gritou Renzo, retirando o braço. – Estalajadeiro! Ó estalajadeiro!

– Levamo-lo em camisa? – voltou a falar o mesmo esbirro, virando-se para o escrivão.

– Ouvistes? – perguntou este a Renzo. – É assim que faremos, se não vos levantais agora mesmo para vir connosco.

– E porquê? – interrogou-o Renzo.

– O porquê ouvi-lo-eis do senhor capitão de justiça.

– Eu? Eu sou um homem de bem: não fiz nada; e muito me espanta...

– Melhor para vós, melhor para vós; assim, em duas palavras ficareis despachado, e podereis ir à vossa vida.

– Deixem-me ir agora – disse Renzo. – Eu não tenho nada que ver com a justiça.

– Vá lá, acabemos com isto! – disse um esbirro.

– Levamo-lo mesmo? – disse o outro.

– Lorenzo Tramaglino! – disse o escrivão.

– Como sabe o meu nome, Vossenhoria?

– Cumpri o vosso dever – disse o escrivão aos esbirros, que puseram logo as mãos em cima de Renzo, com o fim de o puxarem para fora da cama.

– Eh! não toqueis a pele de um homem de bem, senão... Eu sei vestir-me sozinho.

– Então vesti-vos já! – disse o escrivão.

– Visto-me – respondeu Renzo; e ia de facto apanhando aqui e ali as roupas espalhadas por cima da cama, como os restos de um naufrágio na praia. E começando a enfiá-las, prosseguiu ainda di-

zendo: – Mas eu não preciso de ir à presença do capitão de justiça. Não tenho nada a ver com ele. Já que me fazem esta afronta injustamente, quero ser levado a Ferrer. Esse conheço eu, sei que é um homem de bem; e deve-me favores.

– Sim, sim, meu rapaz, sereis levado a Ferrer – respondeu o escrivão.

Noutras circunstâncias rir-se-ia, com todo o gosto, de um pedido semelhante; mas o momento não era para rir. À vinda já tinha visto pelas ruas um certo movimento, que não se poderia definir bem se eram restos de uma sublevação não totalmente acalmada, ou princípios de uma nova: um desembocar de pessoas, um fazer ajuntamentos, um andar em bandos, um formar grupos. E agora, sem o aparentar, ou pelo menos tentando não o aparentar, estava ele de ouvidos atentos, e parecia-lhe que o sussurro ia crescendo. Desejava, pois, andar depressa; mas também queria levar Renzo a bem e de acordo; já que, se entrasse em guerra aberta com ele, não podia o escrivão estar seguro, quando estivessem na rua, de poder contar que seriam três contra um. Por isso, com o olhar fazia sinal aos esbirros para que tivessem paciência e não exasperassem o moço, e, por sua vez, tentava persuadi-lo com boas palavras. Entretanto o jovem, enquanto se vestia muito devagarinho, adivinhava bem que os editais e o nome e apelido deviam ser a causa de tudo; mas como raio sabia aquele tipo o seu nome? E que raio tinha acontecido naquela noite, para que a justiça se tivesse empenhado tanto em vir a direito deitar a mão a um dos bons rapazes que na véspera tinham tanta voz na matéria? E que não deviam estar todos a dormir porque Renzo também se apercebeu de um rumor crescente na rua. E olhando para a cara do escrivão, percebia-lhe à flor da pele um titubear que este vãmente se esforçava por manter oculta. Por isso, para tirar a limpo as suas conjeturas e se orientar, como para ganhar tempo, e também para tentar um golpe, disse:

– Bem vejo qual é a origem de tudo isto; é por causa do nome e apelido. Esta noite, na verdade, eu estava um tanto alegre: estes talverneiros têm certos vinhos traiçoeiros; e às vezes, como digo, já se sabe, quando chega cá abaixo, é ele que fala. Se não se tratar de

mais nada, agora estou pronto a dar-vos todas as satisfações. E depois, vossemecê já sabe o meu nome. Quem diacho lho disse?

– Bravo, meu rapaz, bravo! – respondeu o escrivão, todo cheio de amabilidades. – Vejo que tendes juízo; e fiai-vos em mim que sei do meu ofício. Vós sois mais esperto que muitos outros. É a melhor maneira de sair depressa e bem: com estas boas disposições, num abrir e fechar de olhos sereis despachado e posto em liberdade. Mas eu... vede, meu rapaz, eu tenho as mãos atadas, não posso deixar-vos aqui, como queria. Vamos, despachai-vos, e vinde lá sem temor; que quando virem quem sois; e depois eu também lhes direi. Deixai as coisas comigo... Pronto, basta; despachai-vos, meu bom rapaz.

– Ah, vossemecê não pode: já entendi – disse Renzo; e continuava a vestir-se, afastando com acenos os acenos que os esbirros faziam de lhe porem as mãos em cima para o fazer despachar-se.

– Vamos passar pela praça da catedral? – perguntou a seguir ao escrivão.

– Por onde quizerdes; pela mais curta, para vos deixar mais depressa em liberdade – disse aquele, roendo-se todo dentro de si, por ter de largar aquela pergunta misteriosa de Renzo, que podia tornar-se um tema de cem interrogações. «Quando se nasce desgraçado! – pensava. – Pronto; vem-me parar às mãos um tipo que, como se vê, estava pronto para cantar logo às primeiras, a bem; e um pouco de desafogo que tivesse, assim *extra formam*, academicamente, sob a forma de conversa amigável, logo se faria confessar, sem corda ou o que se quizer, um homem que se levava para a prisão já bem examinado, sem que ele tivesse dado por isso; e um homem desta espécie logo havia de me aparecer precisamente num momento tão angustiado. Eh! Não há saída», continuava a pensar, de ouvidos tensos, e inclinando a cabeça para trás; «não há remédio; corre-se o risco de ser um dia pior do que ontem.» O que o fez pensar assim foi um ruído extraordinário que se ouviu na rua; e não pôde conter-se sem abrir a janela para dar uma olhadela. Viu que era um ajuntamento de cidadãos que, à intimação de dispersarem que lhes fizera uma patrulha, haviam a princípio respondido com más palavras, e por fim se separaram continuando a resmungar; e, coisa que ao escrivão se afigurou um sinal de morte, os sol-

dados estavam cheios de civilidade. Fechou a janela e ficou um momento hesitante entre se devia levar a cabo a empresa, ou deixar Renzo à guarda dos dois esbirros, e acorrer ao capitão de justiça para dar conta do que acontecia. «Mas – pensou imediatamente –, vão dizer que não presto para nada, um pusilânime, e que tinha de cumprir as ordens. Estamos na roda, temos de dançar conforme a música. Maldita pressa! Maldito ofício!»

Renzo pusera-se de pé; os dois satélites ladeavam-no, um a cada flanco. O escrivão fez sinal a estes para que não o forçassem demasiado, e disse-lhe: – Portai-vos bem, meu rapaz; vamos, despachai-vos.

Renzo também sentia, via e pensava. Agora já estava todo vestido, salvo o casaco, que segurava com uma mão, vasculhando nos bolsos com a outra.

– Eh lá! – disse, olhando para o escrivão, com um ar muito significante. – Aqui estava dinheiro e uma carta, meu senhor!

– Ser-vos-á tudo devolvido pontualmente – disse o escrivão –, depois de cumpridas aquelas poucas formalidades. Vamos, vamos.

– Não, não, não! – disse Renzo, abanando a cabeça. – Esta não engulo eu: quero as minhas coisas, meu senhor. Prestarei contas das minhas ações; mas quero o que é meu.

– Vou mostrar-vos que confio em vós. Tomai, e vamos depressa – disse o escrivão, levantando-se rapidamente e entregando a Renzo, com um suspiro, as coisas apreendidas. Este, tornando a pô-las no seu lugar, murmurava entre dentes: «Fora! Lidam tanto com ladrões que já lhes aprenderam um bocado do ofício.» Os esbirros já não aguentavam mais, mas o escrivão mantinha-os refreados com os olhos e dizia entretanto para consigo mesmo: «Se chegas a pôr um pé dentro daquela porta, vais pagá-las todas com juros, ai não que não vais!»

Enquanto Renzo vestia o casaco e pegava no chapéu, o escrivão fez sinal a um dos esbirros, para que se encaminhasse para a escada; mandou atrás dele o prisioneiro, depois o outro amigo; por fim, moveu-se ele também. Ao chegarem à cozinha, enquanto Renzo diz: – E este bendito estalajadeiro, onde se terá metido? – o escrivão faz outro sinal aos esbirros; que agarram, um a direita e o outro a esquerda do jovem, e muito à pressa lhe amarram os

pulsos com certas engenhocas, a que a hipócrita figura de eufemismo faz chamar *punhos*. Consistiam estes (lamentamos ter de descer a pormenores indignos da gravidade histórica; mas a clareza exige-o), consistiam num pedaço de corda um pouco mais comprido que a grossura de uma volta em torno de um pulso normal, a qual tinha nas pontas dois bocados de madeira, como duas pequenas tranquetas. A cordinha rodeava o pulso do paciente; os pauzinhos, passando entre os dedos médio e anular do prendedor, ficavam-lhe fechados no punho, de modo que, rodando-os, apertavam a ligação à sua vontade; e com isto tinha maneira, não só de garantir a presa, mas também de martirizar um recalcitrante: e para este fim, a cordinha estava cheia de nós.

Renzo solta-se, grita: – Que traição é esta? A um homem de bem!...

Mas o escrivão, que para cada facto triste tinha as suas boas palavras, dizia:

– Tende paciência, eles fazem o seu dever. O que quereis? São simples formalidades; e nós também não podemos tratar a gente conforme nos manda o coração. Se não se fizesse o que nos ordenam, estávamos nós frescos, pior que vocês. Tende paciência.

Enquanto falava, os dois que tinham a missão a cumprir deram uma volta às tranquetas. Renzo aquietou-se, como um cavalo fofoso que sente o lábio apertado entre as correias do freio, e exclamou: – Paciência!

– Bravo, meu rapaz! – disse o escrivão. – Esta é a boa maneira de sair são e salvo. O que quereis? É uma maçada; eu também o sinto, mas se vos portardes bem, num momento estareis livre. E já que vejo que estais com boa disposição, e eu me sinto inclinado a ajudar-vos, vou dar-vos também outra ideia minha, para vosso bem. Fiai-vos em mim, que tenho experiência destas coisas: prossegui o vosso caminho a direito, sem olhar para um lado e para o outro, sem vos fazerdes notar: assim ninguém repara em vós, ninguém percebe o que se passa, e vós conservareis a vossa honra. Daqui a uma hora estais em liberdade: há tanto a fazer que eles também terão pressa de vos despachar; e depois, eu cá também tenho a minha palavra a dizer... Ireis à vossa vida, e ninguém saberá que estivestes nas mãos da justiça. E vocês – acrescentou a

seguir, voltando-se para os esbirros com ar severo –, vejam lá se não lhe fazem mal, porque o protejo eu: o vosso dever, têm de o fazer; mas não se esqueçam que é um homem de bem, um jovem educado, que daqui a pouco estará em liberdade; e que deve ter em elevada conta a sua honra. Continuem de maneira que ninguém perceba nada: como se fossem três homens de bem que andam a passear.

E com tom imperativo e cenho ameaçador, concluiu:

– Perceberam, não? – Virando-se depois para Renzo com o sobrolho descontraído, e o rosto de repente ficando risonho, que parecia dizer: «oh, nós sim, é que somos amigos!», segredou-lhe de novo: – Juízo, fizeti o que eu lhe disse: segui calmo e recolhido; confie em quem lhe quer bem; vamos lá.

E a comitiva continuou o seu caminho.

Contudo, de tantas bonitas palavras, Renzo não acreditou nem numa única: nem que o escrivão gostasse mais dele do que dos esbirros, nem que se preocupasse tanto com a sua reputação, nem que tivesse intenções de o ajudar: percebeu muito bem que o homenzinho, temendo que se apresentasse no caminho alguma ocasião boa para se lhe escapar das mãos, avançava com aquelas belas razões para o impedir de ficar atento a essa ocasião e aproveitá-la. De modo que todas essas exortações não serviram senão para lhe

confirmar o desígnio que já trazia na cabeça, o de fazer exatamente o contrário do que ele dissesse.

Ninguém conclua daqui que o escrivão seria um velhaco inexperienced e novato, porque se enganaria. Era um espertalhão bem batido, diz o nosso historiador, que parecia contar-se no número dos seus amigos: mas naquele momento encontrava-se de espírito agitado. A sangue frio, posso dizer-vos eu, teria feito troca de alguém que, para induzir outro a fazer uma coisa suspeita em si mesma, fosse sugeri-la e inculcar-lha calorosamente, fingindo miseravelmente dar-lhe uma opinião desinteressada, de amigo. Mas é uma tendência geral dos homens, quando estão agitados com qualquer angústia e veem o que outro poderia fazer para o livrar de embaraços, pedir-lho instando-o repetidamente e com toda a espécie de pretextos; e os espertalhões, quando estão agitados com uma angústia, também caem sob esta lei comum. Assim é que, em circunstâncias semelhantes, fazem as mais das vezes uma triste figura. Aquelas magistrais descobertas, aquelas belas astúcias com que estão habituados a ganhar, que se tornaram para eles quase uma segunda natureza e que, postas em ação a tempo, e conduzidas com espírito calmo, com a necessária serenidade da mente, vibram tão bem o golpe, e de modo tão oculto, que ao serem também conhecidas, após o seu êxito, recebem o aplauso universal; os pobrezinhos, quando estão em dificuldades usam-nas à pressa de maneira desvairada, sem garbo nem graça. De maneira que a quem os veja engenhar-se e arrebatar-se assim, causam dó e provocam o riso, e o homem que pretendem então pôr em embaraços mesmo que menos precavido do que eles, descobre muito bem o seu jogo, e daqueles artifícios tira ensinamentos para si e contra eles. Por isso nunca se pode recomendar suficientemente aos velhacos de profissão que conservem sempre o sangue-frio ou que sejam sempre os mais fortes, que é o mais seguro.

Renzo portanto, assim que chegaram à rua, começou a virar os olhos para um lado e para o outro, a mostrar a sua pessoa à direita e à esquerda, a apurar os ouvidos. Contudo o movimento não era nada de extraordinário; e embora na cara de mais de um transeunte se pudesse ler facilmente um certo não sei quê de sedicioso,

cada um seguia a direito o seu caminho; e sedição propriamente dita não havia nenhuma.

– Juízo, juízo! – sussurrava-lhe o escrivão atrás das costas. – A vossa honra; a honra, meu rapaz. – Mas quando Renzo, reparando atentamente em três indivíduos de caras afogueadas, ouviu que falavam de um forno, de farinha escondida, e de justiça, começou também a fazer-lhes sinais com a cabeça, e a tossir daquele modo que indica tudo menos uma constipação. Eles olharam com mais atenção para a comitiva e pararam; com eles pararam também outros que iam chegando; outros que já se tinham cruzado com eles e passado adiante viraram-se atraídos pelo burburinho, voltavam para trás fazendo ajuntamento.

– Tende cuidado; juízo, meu rapaz; olhai que assim é pior para vós; não estragueis a vossa vida: a honra, a reputação – continuava a segredar-lhe o escrivão. Renzo fazia pior. Os esbirros, depois de se terem consultado com o olhar, pensando que faziam bem (todos nós estamos sujeitos a errar), deram-lhe um apertão aos punhos,

– Ai! Ai! Ai! – grita o torturado; ao grito, o povo aglomerou-se à sua volta; acorre de todos os lados da rua: a comitiva vê-se bloqueada.

– É um malfeitor – murmurava o escrivão aos que estavam mais perto. – É um ladrão apanhado em flagrante. Retirem-se, deixem passar a justiça.

Mas Renzo vendo a boa oportunidade, dado que os esbirros se tinham tornado brancos, ou pelo menos pálidos, pensou para consigo: «Se não me ajudar a mim mesmo agora, pior para mim.» E levantou logo a voz: – Rapazes! Estão a levar-me para a prisão porque ontem gritei: pão e justiça. Não fiz nada; sou um homem de bem: ajudai-me, não me abandoneis, amigos!

Ergueu-se um murmúrio favorável, vozes mais claras de proteção levantam-se em resposta: os esbirros a princípio mandam, depois pedem, e depois ainda suplicam aos mais próximos que se afastem, e abram caminho: a multidão, pelo contrário, empurra e aperta cada vez mais. Aqueles, vendo a coisa mal parada, largam os punhos e não se ralam com mais nada senão em perder-se no meio da multidão, para dela saírem sem serem observados. O escrívão desejava ardentemente fazer o mesmo; mas era difícil, por causa da capa preta. O pobre homem, pálido e desorientado, tentava fazer-se muito pequenino, tentava encolher-se todo para sair do meio da multidão; mas não podia levantar os olhos que não visse uns vinte em cima dele. Estudava todas as maneiras de parecer um estranho que, passando ali por acaso, se tivesse visto metido no ajuntamento, como uma palhinha no gelo; e deparando-se cara a cara com um que o olhava fixamente, com um cenho pior que os outros, ele, compondo a boca num sorriso, com um ar palerma perguntou-lhe: – O que aconteceu?

– Uh, um abutre! – respondeu o outro. – Abutre! Abutre! – ressoou em volta. Aos gritos juntaram-se os empurrões; de maneira que, em pouco tempo, em parte com as suas pernas, em parte com os cotovelos alheios, obteve aquilo por que mais ansiava naquele momento, que era ficar fora daquele aperto.

CAPÍTULO XVI

FOGE, FOGE, BRAVO RAPAZ: ALI HÁ UM CONVENTO, ACOLÁ UMA igreja, por aqui, por ali – gritam a Renzo de todos os lados. Quanto ao fugir, imaginem se ele precisava de conselhos. Desde o primeiro momento em que lhe relampejou na mente uma esperança de sair daquelas garras, tinha começado a fazer as suas contas, e decidira que, se isto lhe saísse bem, ir-se embora sem parar tão depressa, enquanto não estivesse fora, não só da cidade, mas do ducado. «Porque o meu nome – pensou – já o têm naqueles seus cartapácios, seja como for que o tenham obtido. E com o nome e apelido podem apanhar-me quando quiserem.» E quanto a um abrigo, só se meteria nalgum quando não tivesse os esbirros atrás dele. E também tinha pensado: «Porque, se posso ser ave do bosque, não quero tornar-me ave de gaiola.» Concebera então para seu refúgio a aldeia no território de Bérgamo onde habitava aquele seu primo Bortolo que, se ainda vos lembrais, várias vezes o tinha convidado para ir até lá. Mas dar com o caminho, aí é que batia o ponto. Deixado numa parte desconhecida de uma cidade que se pode dizer desconhecida, Renzo não sabia sequer por qual porta sair para chegar a Bérgamo; e quando a soubesse, não sabia

depois chegar à porta. Esteve para perguntar o caminho a algum dos seus libertadores; mas como no pouco tempo que tivera para meditar nos seus casos, lhe tinham passado pela mente certas ideias sobre aquele alfageme tão simpático, pai de quatro filhinhos, por precaução não quis manifestar os seus intentos a muita gente, onde podia haver qualquer um daquela laia; e resolveu logo afastar-se bem depressa dali, que o caminho o perguntaria depois num lugar onde ninguém soubesse quem era ele, nem porque o perguntava. Disse aos seus libertadores: – Muito obrigado, rapazes; benditos sejais – e, saindo pelo espaço que lhe abriram imediatamente, ganhou embalagem, e aí vai ele; aqui por uma travessa, ali por uma ruela, galopou um bocado, sem saber por onde. Quando lhe pareceu ter-se afastado o suficiente, abrandou o passo, para não criar suspeitas, e começou a olhar para todos os lados, a fim de escolher a pessoa a quem fazer a pergunta, uma cara que inspirasse confiança. Mas isto também era complicado. A pergunta em si era suspeita; o tempo apertava; os esbirros, mal se libertassem daquele pequeno obstáculo, deviam sem dúvida ter-se posto de novo na pista do fugitivo; a notícia daquela fuga já podia ter chegado até ali; e em tais apertos, Renzo teve de fazer talvez uns dez juízos fisionómicos, antes de achar a figura que lhe parecesse a propósito. Aquele gorducho que estava de pé à porta da sua loja, de pernas abertas, com as mãos atrás das costas, com a barriga de fora, com o queixo no ar, do qual pendia uma grande papada, e que, não tendo mais nada que fazer, ia alternadamente levantando

na ponta dos pés a sua massa tremelicante, e deixando-a cair sobre os calcanhares, tinha cara de palrador curioso que, em vez de dar respostas, faria ainda mais interrogações. Aquele outro que vinha na sua direção de olhos fixos e lábio esticado nem pensar que ensinasse depressa e bem o caminho a outro, pois parecia conhecer apenas a sua rua. Aquele rapazito que, para dizer a verdade, mostrava ser muito esperto, também mostrava ser mais malicioso; e provavelmente talvez tivesse um gosto doido de mandar um pobre camponês seguir pelo lado oposto ao que desejava. A verdade é que ao homem atrapalhado, quase cada coisa é um novo embaraço! Vendo finalmente um que vinha apressado, pensou que este, tendo provavelmente algum negócio premente, lhe responderia logo sem mais conversas; e ouvindo-o falar consigo mesmo, achou que devia ser um homem sincero. Aproximou-se dele e disse: – Faça o favor, bom senhor, para que lado se vai para ir a Bérghamo?

– Para ir a Bérghamo? É pela porta oriental.

– Muito obrigado; e para ir à porta oriental?

– Tome esta rua à esquerda; vai dar à praça da catedral; depois...

– Basta, senhor; o resto já sei. Deus lhe pague.

E encaminhou-se ligeiro para o lado que lhe fora indicado. O outro olhou para trás um momento e, combinando no pensamento aquele modo de andar com a pergunta, disse para consigo mesmo: «Ou ele fez alguma, ou há alguém a querer fazer-lha a ele.»

Renzo chega à praça da catedral; atravessa-a, passa ao lado de um montão de cinzas e de brasas apagadas, e reconhece os restos da fogueira de que tinha sido espectador na véspera; contorna os degraus da catedral, revê o forno das muletas, meio desmantelado e guardado por soldados; e mete a direito pela rua donde tinha vindo juntamente com a multidão; chega ao convento dos Capuchinhos: dá um último olhar àquela praça e à porta da igreja, e diz para consigo, suspirando: «Tinha sido um bom conselho, aquele do frade de ontem: que ficasse na igreja à espera, e a fazer algum bem.»

Aqui, tendo parado um momento para olhar atentamente a porta por onde devia passar, e vendo, assim de longe, muita gente de guarda, e tendo a imaginação um tanto escaldada (temos de compreendê-lo; tinha os seus motivos), sentiu uma certa repug-

nância de enfrentar esse passo. Encontrava-se ali tanto à mão um local de abrigo para o qual, com aquela carta, seria bem recomendado; teve uma tentação muito forte de entrar. Mas logo, recuperado o ânimo, pensou: «Pássaro do bosque, enquanto puder ser. Quem me conhece? De facto, os esbirros não se terão partido aos bocados para virem esperar-me às portas todas. Voltou-se, para ver se porventura vinham para esses lados: não viu nem aqueles nem outros que parecessem preocupar-se com ele. Vai em frente; abrandando o passo daquelas benditas pernas que só queriam correr, enquanto convinha tanto caminhar; e muito devagar, assobiando baixinho, chega à porta.

Mesmo na passagem, havia um montão de fiscais da gabela; e, como reforço, alguns miqueletes espanhóis; mas estavam todos atentos para fora, para não deixarem entrar desses tais que, à notícia de uma sublevação, aí acorrem como os corvos ao campo onde se deu batalha; de maneira que Renzo, com um ar indiferente, de olhos baixos e com um andar assim, entre o viandante e alguém que anda a passear, saiu sem que ninguém lhe dissesse alguma coisa; mas lá dentro o coração fartava-se de bater. Vendo à direita

uma azinhaga, meteu-se nela, para evitar a estrada principal; e caminhou um bom pedaço sem sequer se voltar para trás.

Vai caminhando e caminhando; encontra quintas, encontra aldeias, passa adiante sem perguntar o nome delas; está certamente a afastar-se de Milão, espera ir a caminho de Bérgamo; por agora é quanto lhe basta. De vez em quando, virava-se para trás; de vez em quando, ia também olhando e esfregando ora um pulso ora outro, ainda um pouco doridos, e marcados à volta por um risco avermelhado, vestígio da cordinha. Os seus pensamentos, como todos podem imaginar eram uma mistela de arrependimentos, de inquietações, de raivas e de ternuras; era um esforço fatigante para recapitular as coisas ditas e feitas na noite da véspera, para descobrir a parte secreta da sua dolorosa história, e sobretudo como tinham podido saber o seu nome. As suas suspeitas recaíam naturalmente sobre o alfageme, ao qual se lembrava bem de ter dito o seu nome sem reбуço. E lembrando-se da maneira como ele lho tinha arrancado da boca, e de todos os modos dele, e de todas aquelas exibições que resultavam sempre em querer saber qualquer coisa, a suspeita quase se transformava em certeza. Mas também se lembrava, no meio de confusão, que, depois da partida do alfageme, tinha continuado a tagarelar; com quem, vá-se lá adivinhar; de quê, a memória, por mais examinada que fosse, não sabia dizê-lo: não sabia dizer mais nada senão que nessa altura se tinha encontrado fora de casa. O pobrezinho perdia-se nessa busca: era como um homem que assinou muitas folhas em branco e as confiou a alguém que ele julgava ser a flor dos homens de bem; e descobrindo depois que era um vigarista, pretenderia saber o estado dos seus negócios: saber o quê? É um caos. Outro esforço penoso era o de fazer sobre o futuro um projeto que lhe pudesse agradar: os que não eram feitos no ar, eram todos desanimadores.

Mas não tardou porém que o esforço mais penoso fosse o de achar o caminho. Depois de ter andado um bom pedaço, pode-se dizer, ao acaso, viu que por si mesmo não podia sair dali. Sentia, sim, uma certa repugnância em pôr cá para fora aquela palavra Bérgamo, como se ela tivesse qualquer coisa de suspeito, de descarado; mas não podia passar sem o fazer. Resolveu portanto dirigir-

-se, como tinha feito em Milão, ao primeiro viandante cuja fisionomia lhe agradasse; e assim fez.

– Estais fora do caminho – respondeu-lhe este; e pensando um pouco, em parte com palavras e em parte com gestos, indicou-lhe a volta que devia fazer, para tornar de novo à estrada real. Renzo agradeceu-lhe, fingiu fazer o que lhe fora dito, seguiu de facto para aquele lado, mas com a intenção de só se aproximar daquela bendita estrada real, de não a perder de vista, de a contornar o mais que pudesse, mas sem nela pôr o pé. O plano era mais fácil de conceber do que de executar. A conclusão foi que, andando assim da direita para a esquerda, e, como se diz, em zigzague, em parte seguindo as outras indicações que tinha coragem de ir pescando aqui e ali, em parte corrigindo-as conforme a sua intuição, e adaptando-as às suas intenções e em parte deixando-se guiar pelos caminhos em que se achava metido, o nosso fugitivo teria feito talvez doze milhas não se tendo afastado de Milão mais de seis; e quanto a Bérghamo, já não era mau se não se tivesse dela afastado. Começou a persuadir-se que daquela maneira não se saía bem; e procurou achar outra saída qualquer. A que lhe veio à mente foi a de, com qualquer astúcia, descobrir o nome de algum lugarejo perto dos confins e ao qual se pudesse chegar por estradas comunais: e perguntando por ele fosse informado do caminho sem espalhar por toda a parte aquela pergunta sobre Bérghamo, que lhe parecia cheirar tanto a fuga, a expulsão, a processo criminal.

Enquanto procura a maneira de sacar todas essas notícias sem levantar suspeitas, vê pender um jarro de um casebre solitário, fora de qualquer povoação. Já há algum tempo que sentia crescer dentro de si a necessidade de restaurar as forças; pensou que ali seria o lugar para fazer os dois serviços de uma vez só, e entrou. Só lá estava uma velha, com a roca ao lado e o fuso na mão. Pediu comida; foi-lhe oferecido um bocado de queijo e bom vinho: aceitou o queijo, o vinho, agradeceu-o (ganhara-lhe ódio, pela partida que lhe tinha pregado na noite antes); e sentou-se, pedindo à mulher que se despachasse. Esta num momento pôs a mesa; e logo a seguir começou a assaltar o seu hóspede com perguntas sobre a sua pessoa e sobre os grandes acontecimentos de Milão: que até ali tinham chegado os seus ecos. Renzo não só soube defender-se das

perguntas com muita desenvoltura, como, aproveitando-se da própria dificuldade, fez servir aos seus intentos a curiosidade da velha, que lhe perguntava para onde se dirigia.

– Tenho de ir a muitos lugares – respondeu ele. – E se tiver um bocadinho de tempo, gostava também de passar um momento por aquela terra bastante grande na estrada de Bérghamo, perto da fronteira, mas no estado de Milão... Como se chama? – «Alguma deve haver», pensava entretanto para consigo.

– Quereis dizer Gorgonzola – respondeu a velha.

– Gorgonzola! – repetiu Renzo, como que para melhor encaixar na cabeça aquela palavra. – É muito longe daqui? – perguntou.

– Não sei ao certo: serão umas dez, umas doze milhas. Se cá estivesse algum dos meus filhos, saberia dizer-lho.

– E acha que se pode ir por estas belas azinhagas sem tomar a estrada real? Há lá uma poeira, que poeira! Há tanto tempo que não chove!

– Parece-me que sim: podeis perguntar na primeira aldeia que encontrardes indo para a direita. – E disse-lhe o nome desta.

– Está bem – disse Renzo; levantou-se, pegou num bocado de pão que lhe sobejara da magra refeição, um pão bem diferente do que tinha achado na véspera, aos pés da cruz de São Dionísio; pagou a conta, saiu e tomou a estrada da direita. E para não nos alongarmos mais do que o necessário, com o nome de Gorgonzola na boca, de aldeia em aldeia, chegou lá uma hora antes do anoitecer.

Já pelo caminho fora, decidira fazer ali outra pequena paragem, a fim de comer uma refeição um pouco mais substancial. O corpo também gostaria de ir um pouco à cama; mas antes de o contentar com isso, Renzo preferiria deixá-lo cair exausto no caminho. O seu propósito era informar-se, na estalagem, da distância a que ficava o Adda, colher habilmente a indicação de qualquer atalho que lá levasse, e pôr-se de novo em marcha, assim que estivesse recomposto. Nado e criado na segunda nascente, por assim dizer, daquele rio, tinha ouvido dizer várias vezes que a certo ponto, e por um certo trecho, ele fazia de fronteira entre o Estado milanês e o Véneto: do ponto e do trecho não tinha uma ideia precisa; mas naquela altura a coisa mais urgente era passá-lo, onde quer que fosse. Se não o conseguisse nesse dia, estava resolvido a

caminhar enquanto a hora e o fôlego lho permitissem: e esperar depois a alvorada, num campo, num deserto: onde Deus quisesse, desde que não fosse numa estalagem.

Dados poucos passos em Gorgonzola, viu uma tabuleta e entrou; ao hospedeiro que veio atendê-lo, pediu qualquer coisa para comer e meio litro de vinho: as milhas a mais e o tempo gasto tinham-lhe feito passar aquele ódio tão extremo e tão fanático.

– Faça o favor de não demorar – acrescentou –, porque preciso de me pôr a caminho.

Isto disse-o não só por ser verdade, mas também com medo de que o estalajadeiro, imaginando que ele quisesse dormir lá lhe viesse perguntar o nome e apelido, e donde vinha, e para qual negócio... Livra!

O estalajadeiro respondeu a Renzo que seria servido; e este foi sentar-se ao fundo da mesa, ao pé da saída: o lugar dos envergonhados.

Estavam naquela sala alguns desocupados da terra, os quais, depois de discutirem e comentarem as grandes notícias de Milão do dia anterior, ansiavam por saber um pouco de como tinha corrido também aquele dia: tanto mais que as primeiras novidades davam mais para aguçar a curiosidade do que para a satisfazer: uma sublevação, nem subjugada nem vitoriosa, mais suspensa do que terminada pela noite; uma coisa truncada, mais o fim de um ato do que de um drama. Um deles destacou-se do grupo, aproximou-se do recém-chegado e perguntou-lhe se vinha de Milão.

– Eu? – disse Renzo surpreendido, para ganhar tempo a responder.

– Vós, se é lícita a pergunta.

Renzo, abanando a cabeça, mordendo o lábio e fazendo sair um som inarticulado, disse: – Milão, pelo que ouvi dizer... não deve ser lugar aonde se vá nestes momentos, a não ser por grande necessidade.

– Então ainda continua hoje o barulho? – perguntou com maior insistência o curioso.

– Era preciso lá estar para o saber – disse Renzo.

– Mas vós não vindes de Milão?

– Venho de Liscate – respondeu com prontidão o jovem, que

entretanto pensara a sua resposta. Com efeito era dali que vinha, rigorosamente falando, porque tinha lá passado; e o nome soubera-o, a certo ponto do caminho, por um viandante que lhe tinha indicado aquela terra como a primeira que devia atravessar para chegar a Gorgonzola.

– Oh! – disse o amigo; como se quisesse dizer: melhor farias se viesses de Milão, mas paciência. – E em Liscate – acrescentou –, não se sabia nada de Milão?

– Poderia muito bem ser que algum de lá soubesse qualquer coisa – respondeu o montanhês. – Mas eu não ouvi dizer nada.

E estas palavras pronunciou-as daquela maneira especial que parece querer dizer: conversa acabada. O curioso voltou para o seu lugar; e um momento depois veio o estalajadeiro servir a mesa.

– Quanto é daqui ao Adda? – disse-lhe Renzo, meio entre dentes, com aquele ar ensonado que já lhe vimos outras vezes.

– Ao Adda, para o atravessar? – disse o estalajadeiro.

– Isto é... Sim... ao Adda.

– Quereis passar pela ponte de Cassano, ou na barca de Canonica?

– Seja por onde for... Pergunto assim por curiosidade.

– Eh, eu queria dizer, porque são esses os lugares por onde passam os homens de bem, a gente que pode prestar contas de si.

– Está bem: e quanto é?

– Fazei conta que, tanto a um lugar como ao outro, um pouco mais, um pouco menos, devem ser seis milhas.

– Seis milhas! Não julgava que fosse tanto – disse Renzo. – Enfim – acrescentou a seguir, com um ar de indiferença levada até à afetação. – Enfim, quem precisar de um atalho, haverá outros lugares por onde se passe?

– Há de certeza – respondeu o estalajadeiro, cravando-lhe no rosto dois olhos plenos de uma curiosidade maliciosa. Bastou isso para fazer morrer entre dentes ao jovem as outras perguntas que trazia preparadas. Puxou para si o prato, e olhando para a meia garrafa que o estalajadeiro tinha pousado em cima da mesa, disse:

– O vinho é bom?

– É como o ouro – disse o estalajadeiro. – Podeis perguntar aos entendidos todos cá da terra e dos arredores; e depois vós mesmo o sentireis.

E assim falando, tornou para junto do grupo.

«Malditos estalajadeiros! – exclamou Renzo para consigo. – Quantos mais os conheço, piores os acho.» Contudo pôs-se a comer com grande apetite, estando ao mesmo tempo de ouvidos alerta sem o dar a entender, tentando descobrir terreno, se percebia o que se pensava ali do grande acontecimento no qual ele tivera um papel nada pequeno, e observar especialmente se, entre aqueles palradores, não havia algum homem de bem a quem um pobre rapaz se pudesse confiar em perguntar-lhe o caminho, sem temor de se ver entalado e forçado a falar da sua vida.

– Bom! – dizia um. – Desta vez parece realmente que os milaneses quiseram mesmo fazer as coisas a sério. Basta; amanhã o mais tardar, há de saber-se alguma coisa. – Estou arrependido de não ter ido a Milão esta manhã – dizia outro.

– Se fores amanhã, eu também vou – disse um terceiro; depois outro, e depois outro ainda.

– O que eu queria saber – prosseguiu o primeiro –, é se esses senhores de Milão pensarão também na pobre gente do campo, ou se farão a lei boa só para eles. Já sabeis como eles são, eh? Cidadãos soberbos, tudo para eles; os outros, é como se não existissem.

– Nós também temos boca, tanto para comer como para dizer as nossas razões – disse outro, com voz tanto mais modesta quanto

mais avançada era a proposta. – E quando a coisa está encami-
nhada... – Mas achou melhor não acabar a frase.

– Trigo escondido, não é só em Milão que há – começou outro, com ar sombrio e malicioso. Quando ouvem aproximar-se um cavalo. Correm todos à porta: e, reconhecido o que chegava, vão ao seu encontro. Era um mercador de Milão que, indo várias vezes no ano a Bérghamo para o seu comércio, costumava passar a noite naquela estalagem; e como lá encontrava quase sempre a mesma companhia, conhecia-os a todos. Eles juntam-se à sua volta; um segura as rédeas, outro o estribo.

– Bem-vindo, bem-vindo!

– Prazer em encontrar-vos.

– Fizestes boa viagem?

– Ótima; e vós, como estais?

– Bem, bem. Que novas nos trazeis de Milão?

– Ah! Eis os homens das novidades – disse o mercador desmontando e deixando o cavalo nas mãos de um moço da estrebaria. – E depois, e depois? – continuou, entrando com a companhia. – A esta hora já deveis saber mais do que eu.

– Não sabemos nada, a sério – disse mais de um, levando a mão ao peito.

– É possível? – disse o mercador. – Então ides ouvir notícias boas... ou más. Eh, hospedeiro, a minha cama do costume está vaga? Bem: um copo de vinho e a comida habitual, mas é para já; porque tenho de ir para a cama cedo, para partir cedo amanhã de manhã e chegar a Bérghamo pela hora do jantar. E vós outros – prosseguiu, indo sentar-se no lado oposto aquele onde estava Renzo, calado e atento –, não sabeis daquelas diabruras todas de ontem?

– De ontem sim.

– Vede então se sabeis as novidades – insistiu o mercador. – Dizia eu que, estando sempre aqui de guarda, a sondar quem passa...

– Mas hoje, como correu hoje?

– Ah, hoje. Não sabeis nada de hoje?

– Nada mesmo: não passou ninguém.

– Então deixai-me molhar os lábios; contar-vos-ei depois as coisas de hoje. Já ireis ouvir.

Encheu o copo pegou-lhe com uma das mãos, depois com os dois primeiros dedos da outra retorceu as pontas do bigode, depois alisou a barba, bebeu, e continuou:

– Hoje, caros amigos, pouco nos faltou para ser um dia brusco como ontem, ou pior ainda. E quase nem me parece verdade estar aqui a conversar convosco, porque já tinha posto de parte todas as ideias de viagem, para ficar a guardar a minha pobre loja.

– Que diabo aconteceu? – inquiriu um dos ouvintes.

– Foi o diabo, propriamente. Ireis já ouvir. – E trinchando a peça de carne que lhe fora posta à frente, e depois comendo, continuou o seu relato. Os companheiros, de pé de um lado e do outro da mesa, estavam de boca aberta a ouvi-lo; a Renzo, no seu lugar, sem parecer interessado, talvez estivesse mais atento do que todos eles, mastigando devagar o resto da sua refeição.

– Então, esta manhã, esses patifes que tinham provocado ontem aquela balbúrdia horrível, encontraram-se nos sítios combinados (havia já uma conspiração: tudo coisas preparadas); reuniram-se, e recomeçaram aquela bela história de andarem de rua

em rua, gritando para atraírem mais gente. Bem sabeis que, falando com todo o respeito, é como quando se varre uma casa: quanto mais se avança mais cresce o montão do lixo. Quando lhes pareceu que já eram gente suficiente, dirigiram-se à casa do senhor vigário de provisão; como se não bastassem as tiranias que lhe fizeram ontem: a um senhor daquela categoria! Oh, que bandidos! E as coisas que diziam contra ele! Tudo invenções: um senhor de bem, cumpridor dos seus deveres; e eu posso dizê-lo, que sou como que da casa, e o sirvo de pano para as librés da criadagem. Então, encaminharam--se para essa casa: havíeis de ver que canalha aquela, com umas caras... Os judeus da *Via Crucis* não são nada ao pé deles. E as coisas que saíram daquelas bocas! De se tapar os ouvidos, se não fosse o inconveniente de dar nas vistas. Iam com intenções de fazer pilhagem; mas... – E aqui, levantada no ar e estendida a mão esquerda, levou a ponta do polegar à ponta do nariz.

– Mas? – fizeram em voz alta todos os ouvintes.

– Mas – prosseguiu o mercador – deram com a rua barrada com traves e com carroças, e, por trás daquelas barricadas, uma bela fila de miqueletes com os arcabuzes apontados para os receberem como mereciam. Quando viram todo este belo aparato... O que fariam vocês?

– Voltar para trás.

– Claro, e assim fizeram eles. Mas vejam lá se não era o demónio que os conduzia. Estão ali no Cordusio, veem aquele forno que já desde ontem queriam saquear; e o que se fazia naquela loja? Estavam a distribuir o pão aos clientes; havia ali cavaleiros, a flor dos cavaleiros, a vigiar para que tudo corresse bem; estes aqui (traziam o diabo no corpo, digo-vos eu, e depois havia quem os aticasse), toca a entrar que nem uns desesperados, um pilha daqui, outro pilha dali, num abrir e fechar de olhos, cavaleiros, padeiros, clientes, pães, balcão, bancos, amassadeiras, caixas, sacos, peneiras, farelo, farinha de trigo, tudo de pernas para o ar.

– E os miqueletes?

– Os miqueletes tinham a casa para guardar: enquanto se canta, não se assobia. Foi num piscar de olhos, digo-vos eu: pilha que pilha, tudo o que servia para alguma coisa foi levado. E depois volta ao de cima aquela bela ideia de ontem, de levar o resto para

a praça pública e fazer uma fogueira. E já começavam os malvados a carregar coisas cá para fora, quando um ainda mais malvado que os outros, adivinhem lá com que bela proposta se saiu.

– Com quê?

– De fazer um montão de tudo dentro da loja, e pegar fogo àquele montão juntamente com a casa. E dito e feito...

– Pegaram-lhe fogo?

– Esperem. Um bom vizinho teve uma inspiração vinda do Céu. Correu lá acima aos quartos, procurou um Crucifixo, achou-o, prendeu-o ao arco de uma janela, tirou de uma cabeceira duas velas benzidas, uma à direita, outra à esquerda do Crucifixo. Aquela gente olha para cima. Nesta Milão, temos de reconhecer que ainda há temor a Deus; caíram todos em si. A maior parte, quero dizer; que havia ali diabos que para roubar deitavam fogo até ao Paraíso; mas dado que a multidão não era da mesma opinião, tiveram de desistir e ficar quietos. Adivinhem agora quem de repente chegou. Todos os monsenhores da catedral, de cruz erguida no ar, com o hábito coral; e monsenhor Mazenta, o arcepreste, começou a pregar de um lado, e monsenhor Settala, o penitenciário, do outro, e os outros também: boa gente, mas o que quereis vós fazer? É este o exemplo que dais aos vossos filhinhos? Voltai mas é para casa; não sabeis que o pão já está mais barato do que antes? Ide ver, que está o aviso nas esquinas.

– Era verdade?

– Diabo! Quereis que os monsenhores da catedral viessem em capa de cerimónia pregar atoardas a cada um?

– E a gente, o que fez?

– Pouco a pouco foram-se indo embora; acorreram às esquinas; e quem sabia ler, ali tinha mesmo a sua meta. Adivinhem só: um pão de oito onças por um soldo.

– Que maná!

– A vinha é bela: desde que dure. Sabeis quanta farinha se estragou, entre ontem e esta manhã? Chegava para alimentar o ducado por dois meses.

– E para fora de Milão, não se fez boa lei nenhuma?

– O que se fez em Milão, corre tudo por conta da cidade. Não sei o que poderei dizer-lhes: para vocês será o que Deus quiser. Seja como for, as confusões acabaram. Mas ainda não lhes contei tudo; agora é que vem o melhor.

– Que mais há?

– É que, ontem à noite ou esta manhã que fosse, muitos deles foram presos, e soube-se logo que os chefes vão ser enforcados. Assim que se começou a espalhar este rumor, foram todos para casa pelo caminho mais curto, para não se arriscarem a pertencer a esse número. Milão, quando saí de lá, parecia um convento de frades.

– Vão enforcá-los mesmo?

– Claro que sim! E depressa – respondeu o mercador.

– E o povo, o que fará? – perguntou ainda o que tinha feito a outra pergunta.

– O povo? Irá assistir – disse o mercador. – Tinham tanta vontade de ver morrer uma pessoa ao ar livre, que queriam, os bandidos!, fazer a festa ao senhor vigário da provisão. Em vez dele, vão ter meia dúzia de desgraçados, servidos com todas as formalidades, acompanhados por capuchinhos, e pelos confrades da boa morte; e gente que a mereceu. É uma providência, estão a ver; era uma coisa necessária. Começavam já a ganhar o vício de entrarem nas lojas para se servirem, sem levar a mão à bolsa; se os deixassem, depois do pão iriam ao vinho, e assim por diante de mão em mão... Imaginem se aqueles haviam de querer acabar, por sua espontânea vontade, um costume assim tão cómodo. E posso dizer-vos eu que, para um homem de bem que tem loja aberta, era uma ideia pouquíssimo alegre.

– A sério! – disse um dos ouvintes. – A sério! – repetiram os outros, em coro.

– E já tinha sido tudo urdido antes – prosseguiu o mercador, enxugando a barba com o guardanapo. – Havia uma liga, sabem?

– Havia uma liga?

– Havia uma liga. Tudo cabalas urdidas pelos navarrinos, daquele cardeal lá de França, sabem quem eu quero dizer, tem um certo nome meio turco, e que cada dia pensa uma para pregar a partida à coroa de Espanha. Mas acima de tudo, tem a tendência para dar um golpe qualquer em Milão; porque bem vê, o espertalhão, que é aqui que está a força do rei.

– Eh, sim.

– Querem uma prova? Quem armou a confusão maior foram forasteiros; andavam por ali caras que em Milão nunca se tinham visto. Aliás, já me esquecia de lhes dizer uma que foi dada por certa. A justiça tinha apanhado um destes numa estalagem...

Renzo, que não perdia uma sílaba daquele discurso, ao toque desta corda sentiu um arrepio, antes que pudesse tratar de se conter. Mas ninguém deu por isso; e o falador, sem interromper a linha do seu relato, prosseguiu:

Um que ainda não se sabe muito bem donde tinha vindo, por quem fora mandado, nem que raça de homem fosse; mas era sem dúvida um dos cabecilhas. Já ontem, no auge da barafunda, tinha armado o diabo; e depois, ainda não satisfeito com isso, pôs-se a pregar e a fazer propostas, assim uma ninharia, que era matarem todos os senhores. Malandro! Quem daria de comer ao povo, se os senhores fossem mortos? A justiça, que o tinha detetado, pôs-lhe as unhas em cima; deram com uma data de cartas; e levaram-no para a cadeia; mas qual quê? Os seus camaradas que faziam a ronda ao pé da estalagem vieram em grande quantidade e soltaram-no, o pirata.

– E o que é feito dele?

– Não se sabe; deve ter fugido; ou estará escondido em Milão: há gente que não tem nem casa nem teto, e por toda a parte arranjam onde alojar-se ou esconder-se: mas enquanto o diabo puder e quiser ajudá-los: depois vão parar lá dentro quando menos esperam; porque, quando a pera está madura, convém que caia. Por

agora, sabe-se de certeza que a papelada ficou nas mãos da justiça, e que tem descrita toda a cabala; e diz-se que está muita gente implicada. Pior para eles, que puseram meia Milão de pantanas, e ainda queriam fazer pior. Dizem que os padeiros são uns gatunos. Eu também o sei; mas estes têm de ser enforcados para haver justiça. Há trigo escondido. Quem é que não sabe? Mas é dever de quem manda ter bons espíões, e ir desenterrá-lo, e pôr também os recetadores a dar pontapés no ar, na companhia dos padeiros. E se quem manda não faz nada, cabe à cidade recorrer; e se não lhes ligam importância à primeira, recorrer outra vez, que à força de tanto recorrer tudo se obtém; e não instaurar um costume assim celerado de entrar nas lojas e nos armazéns e levar as coisas de borla.

A Renzo, aquela pouca comida que ingerira parecia envenená-lo. Parecia-lhe que há mil anos estava fora de casa e longe daquela estalagem e daquela terra; e mais de dez vezes dissera para consigo próprio: vamos, vamos embora. Mas aquele medo de criar suspeitas prendera-o sempre ao banco. Naquela perplexidade, pensou que o tagarela devia deixar de falar dele; e concluiu para consigo afastar-se assim que ouvisse a conversa mudar de assunto.

– É por isso – disse um do grupo –, eu sei como se dão estas coisas, e que nos tumultos os homens de bem são maltratados, eu não me deixei vencer pela curiosidade, e fiquei em casa.

– E eu, sai daqui? – disse outro.

– Eu cá – acrescentou um terceiro –, se por acaso me encontrasse em Milão, deixava por concluir qualquer negócio que fosse, e voltaria imediatamente para minha casa. Tenho mulher e filhos; e depois, para dizer a verdade, não gosto nada de desordens.

Nesta altura, o estalajadeiro, que também tinha estado a ouvir, dirigiu-se à outra ponta da mesa, para ver o que fazia aquele forasteiro. Renzo aproveitou a ocasião, chamou-o com um aceno, pediu-lhe a conta e saldou-a sem hesitar, embora o dinheiro já não fosse muito; e sem dizer mais nada, foi direito à porta, atravessou o seu limiar e, guiado pela Providência, encaminhou-se para o lado oposto daquele donde tinha vindo.

CAPÍTULO XVII

BASTA MUITAS VEZES UMA VONTADE PARA NÃO DEIXAR EM PAZ um homem; imagine-se então duas de uma só vez, e uma em guerra com a outra. O pobre Renzo tinha desde há muitas horas duas destas no corpo, como sabeis: a vontade de correr, e a de ficar escondido: e as malfadadas palavras do mercador tinham-lhe acrescido sobremaneira uma e outra ao mesmo tempo. Então, a sua aventura causara sensação; então queriam-no a todo o custo; sabe-se lá quantos esbirros estavam em campo para lhe dar caça; que ordens tinham sido expedidas de vasculhar as aldeias, as estalagens, as estradas! Pensava sim que finalmente os esbirros que o conheciam eram só dois e que não trazia o seu nome escrito na testa: mas vinham-lhe à memória certas histórias que tinha ouvido contar, de fugitivos apanhados e descobertos por estranhas coincidências, reconhecidos pelo andar, pelo ar suspeito, por outros sinais impensados: tudo o ensombrava. Embora, no momento em que saía de Gorgonzola, soassem as doze badaladas, e as trevas que as precederam diminuíssem cada vez mais esses perigos, não obstante, tomou contra vontade a estrada real, e propôs-se entrar pela primeira azinhaga que lhe parecesse conduzir para o lado por

que ansiava avançar. Ao princípio, ainda encontrava algum viandante; mas, com a fantasia repleta daquelas tristes apreensões, não teve coragem de abordar nenhum para se informar da estrada. «Disse seis milhas, aquele – pensava. – Se indo por fora da estrada devessem transformar-se em oito ou dez, as pernas que fizeram as outras também farão estas. Para Milão não vou de certeza; portanto vou a caminho do Adda. Andando, andando, mais cedo ou mais tarde hei de chegar. O Adda tem boa voz; e quando chegar ao pé dele, já não preciso de ninguém que me ensine. Se houver algum barco para poder passar, passo logo, se não fico até de manhã num campo, no alto de uma árvore, como os pardais: antes em cima de uma árvore do que na prisão.»

Em breve viu abrir-se um carreiro à canhota; e entrou. Àquela hora, se se cruzasse com alguém, já não faria tantas cerimónias para se informar do caminho; mas não ouvia viva alma. Ia portanto para onde o levasse a estrada; e pensava: «Eu fazer o diabo! Eu matar todos os senhores! Um molhe de cartas, eu! Os meus camaradas a fazer-me guarda! Eu até pagava para me encontrar cara a cara com aquele mercador, do lado de lá do Adda (Ah! Quando eu passar o Adda!) E chamá-lo e perguntar-lhe calmamente onde tinha pescado todas estas belas notícias. Sabei agora, meu caro senhor, que as coisas se passaram assim e assim, e que o diabo que eu fiz foi ajudar Ferrer, como se fosse um irmão meu; saabei que esses bandidos que, a ouvi-lo, eram os meus amigos, só porque eu a certa altura disse uma palavra de bom cristão, quiseram pregar-me uma grande partida; saabei que enquanto vós estáveis a guardar a vossa loja, eu deixava esmagarem-me as costelas para salvar o vosso senhor vigário de provisão, que eu nunca vi nem conheci. Espera lá que eu me mexa para a próxima vez para ajudar senhores... É verdade que é preciso fazê-lo pela alma: também estou próximo deles. E aquele grande molhe de cartas, em que estava toda a cabala, e que agora está nas mãos da justiça, como vós sabeis de certeza; apostamos que eu o faço aparecer aqui, sem a ajuda do diabo? Tendes curiosidade de ver esse molhe? Cá está ele... Uma carta só?...; e esta carta, se o quereis saber, escreveu-a um religioso que vos pode ensinar a doutrina, quando estiver presente; um religioso que, sem vos faltar ao respeito, vale mais um

pelo da sua barba do que toda a vossa; e esta carta é escrita, como vedes, a outro religioso, um homem também... Vede agora quais são os meus amigos malandrins. E aprendei a falar outra vez; principalmente quando se trata do próximo.»

Mas passado algum tempo, estes pensamentos e outros semelhantes cessaram totalmente: as circunstâncias presentes ocupavam todas as faculdades do pobre peregrino. O medo de ser perseguido ou descoberto, que tanto amargurara a viagem em pleno dia, agora já não o incomodava; mas quantas coisas a tornavam muito mais aborrecida! As trevas, a solidão, o cansaço crescente, e agora doloroso; soprava uma leve brisa surda, igual, subtil, que de pouco servia a quem trazia ainda vestidas as mesmas roupas que pusera para se ir casar num instante e voltar logo triunfante a sua casa; e, o que tornava tudo mais grave, aquele andar à aventura, e, por assim dizer, às apalpadelas procurando um lugar de repouso e de segurança.

Quando se baixava para passar por alguma aldeia, ia devagarinho, observando porém se havia ainda alguma porta aberta; mas nunca viu outro sinal de gente desperta, senão alguma luzinha transparecendo através de qualquer cortina. Na estrada fora das povoações detinha-se de vez em quando; ficava de ouvidos alerta procurando ver se ouvia aquela bendita voz do Adda; mas em vão. Outras vozes não ouvia senão um uivar de cães, que vinha de qualquer quinta isolada, errando pelos ares, ao mesmo tempo lamentoso e ameaçador. Quando se aproximava de alguma delas, o uivo tornava-se um ladrar apressado e raivoso: ao passar diante da porta ouvia, quase via a fera, de focinho na fresta da porta redobrar os berros: coisa que lhe fazia passar a tentação de bater, e de pedir abrigo. E talvez, mesmo sem os cães, não se tivesse resolvido a fazê-lo. «Quem está aí? – pensava. – O que quer a esta hora? Como veio aqui parar? Quem é você? Já não há estalagens para pernoitar? É isto, se me correr bem, o que me dirão se bater à porta: desde que não haja ali a dormir algum medroso que a certa altura se ponha a gritar: “Socorro! Ladrões!” É preciso ter logo uma resposta clara a dar: e que respostas tenho eu? Quem ouve um ruído de noite não lhe vem mais nada à cabeça senão ladrões, bandidos, ciladas: nunca se pensa que um homem de bem se possa

encontrar numa estrada de noite, se não for um cavaleiro de caruagem.» Então reservava essa opção para a extrema necessidade, e prosseguia com a esperança de descobrir ao menos o Adda, se não passá-lo mesmo naquela noite; e não ter de andar à sua procura de dia claro.

Sempre caminhando chegou ao ponto onde o campo cultivado morria num baldio coberto de fetos e sorgos. Pareceu-lhe, se não indício, pelo menos um certo quê de rio próximo, e meteu-se no baldio seguindo um carreiro que o atravessava. Dados poucos passos, parou à escuta; mas ainda em vão. O aborrecimento da viagem era acrescido pelo ar bravio do lugar, do qual já não se via nem uma amoreira, nem uma videira, nem outros sinais de cultura humana, que antes parecia quase que lhe faziam meia companhia. Apesar disso continuou em frente; e como na sua mente começavam a suscitar-se certas imagens, certas aparições, deixadas na memória pelas notícias que ouvira contar em criança, assim, para as expulsar ou para as aquietar, caminhando rezava orações pelos mortos.

Pouco a pouco, foi-se vendo no meio de matagais mais altos de silvas, de carvalheiras, de espinheiros. Continuando a avançar e alongando o passo, com mais impaciência do que vontade, começou a ver por entre o mato uma ou outra árvore esparsa; e andando mais, sempre pelo mesmo carreiro, deu por entrar num bosquê.

Sentia uma certa repugnância ao penetrar no bosque; e quanto mais crescia essa repugnância mais as coisas o incomodavam. As árvores que via ao longe apresentavam-se-lhe como figuras estranhas, disformes, monstruosas; aborrecia-o a sombra das copas levemente agitadas, que tremulava sobre o carreiro iluminado aqui e além pelo luar; o próprio estalido das folhas secas que pisava ou deslocava ao caminhar, tinha para o seu ouvido qualquer coisa de odioso. As pernas sentiam como que um frenesi, um impulso de corrida, e ao mesmo tempo parecia que lhes custava manter o corpo de pé. Sentia a brisa noturna bater mais rígida e dolorosa na frente e nas faces; sentia-a correr entre a roupa e as carnes, e crispá-las, e penetrar mais aguda nos ossos moídos do cansaço e apagar-lhes os seus últimos restos de vigor. A certa altura aquele horror indefinido com que o ânimo combatia há algum tempo pareceu que de repente o dominava. Estava prestes a perder-se de facto; mas aterrado acima de tudo pelo seu terror, reclamou ao coração os antigos espíritos, e ordenou-lhe que se aguentasse. Assim recuperado um momento, deteve-se de repente para delibear; e resolveu sair imediatamente dali pela estrada já feita, ir direito à última povoação por que tinha passado, voltar para junto dos homens, e procurar um abrigo, ou mesmo a estalagem. E estando assim parado, suspenso o raspar dos pés nas folhas, calando-se tudo à sua volta, começou a ouvir um rumor, um murmúrio, um murmúrio de água corrente. Apura os ouvidos; tem a certeza; exclama: «É o Adda!» Foi o reencontro com um amigo, um irmão, um salvador. O cansaço quase desapareceu, voltou-lhe o pulso, sentiu o sangue escorrer livre e tépido por todas as veias, sentiu crescer a confiança dos pensamentos, e desvanecer-se em grande parte a incerteza e gravidade das coisas; e não hesitou em se internar cada vez mais no bosque, atrás do amigo rumor.

Chegou em poucos momentos à extremidade da planura, à beira de uma margem profunda; e olhando para baixo pelo meio dos arbustos que a revestiam toda, viu a água brilhar e correr. Elevando depois o olhar, viu a vasta planície da outra margem, salpicada de povoados, e mais além as colinas, e no alto de uma delas uma grande mancha esbranquiçada que lhe pareceu que devia ser uma cidade, Bérghamo certamente. Desceu um pouco pela vertente

e, separando e arrancando ramos, com as mãos e com os braços, olhou para baixo procurando ver se alguma barca se movia no rio, escutou se se ouvia algum bater de remos; mas não viu nem ouviu nada. Se fosse algo menor que o Adda, Renzo desceria já para tentar passá-lo a vau; mas bem sabia que o Adda não era rio para se tratar assim com tanta confiança.

Por isso, pôs-se a analisar para consigo, muito a sangue frio, que partido tomar. Tregar a uma árvore e ali ficar à espera da alvorada, por talvez seis horas que podia ainda demorar, com aquela brisa, com aquela geada, assim vestido, era mais do que bastava para enregelar a sério. Passear para a frente e para trás aquele tempo todo, além de ser pouco eficaz auxílio contra o rigor da noite, era pedir demasiado àquelas pobres pernas, que já tinham feito mais do que era seu dever. Lembrou-se de ter visto, num dos campos mais próximos do baldio, uma daquelas cabanas cobertas de palha e construídas com troncos e ramos, rebocados depois com limos, onde os camponeses dos arredores de Milão costumam no verão armazenar as colheitas, e abrigar-se durante a noite a guardá-las: nas outras estações, ficam abandonadas. Concebeu-a logo como seu albergue; tornou ao carreiro, passou de novo o bosque, os matagais, o baldio; e caminhou até à cabana. Tapando a entrada, estava encostada uma portinhola carcomida e desengonçada, sem chave nem tranca; Renzo abriu-a e entrou; viu suspenso no ar, e sustido por atilhos de ramos, um gradeado de canas, com a forma de uma cama de rede; mas não tratou de subir. Viu no chão alguma palha, e pensou que ali também seria bem saborosa uma soneca.

Antes porém de se estender naquele leito que a Providência lhe havia preparado, ajoelhou-se para lhe agradecer aquele benefício, e toda a assistência que dela tivera naquele dia terrível. Rezou depois as suas devoções habituais; e mais, pediu perdão a *Deusnossenhora* por não as ter rezado na noite da véspera; aliás, para usar as suas próprias palavras, por ter ido dormir como um cão, ou pior. «E por isso – acrescentou depois para consigo, assentando as mãos na palha e estendendo os joelhos para ficar deitado de bruços –, por isso me coube de manhã aquele belo despertar.» Juntou depois toda a palha que o rodeava e instalou-se-lhe em cima, fazendo-lhe de qualquer maneira uma espécie de cobertor para amenizar o frio,

que mesmo lá dentro se fazia sentir muito bem; e encolheu-se debaixo dela, com a intenção de dormir um bom sono, parecendo-lhe tê-lo comprado ainda mais caro do que devia.

Contudo mal fechou os olhos, começou na sua memória ou na sua fantasia (um lugar preciso, não sou capaz de o dizer), começou, dizia eu, um vaivém de gente, tão denso e incessante que adeus sono. O mercador, o escrivão, os esbirros, o alfageme, o estalajadeiro, Ferrer, o vigário, o grupo da estalagem, toda aquela turbamulta das ruas, depois Dom Abbondio, depois Dom Rodrigo: tudo gente com quem Renzo tinha contas a ajustar.

Três únicas imagens se lhe apresentavam não acompanhadas de alguma memória amarga, limpas de qualquer suspeita, amáveis em tudo; e duas principalmente muito diferentes de facto, mas estreitamente ligadas no coração do jovem: uma trança negra e uma barba branca. Mas também a consolação que sentia ao deter nelas o pensamento não era nada serena e tranquila. Pensando no bom frade, sentia mais vivamente a vergonha das suas próprias escapadas, da torpe intemperança, do belo caso que tinha feito dos paternais conselhos dele; e contemplando a imagem de Lucia! Nem temos dizer o que sentia: o leitor que já conhece as circunstâncias, imagine-o. E aquela pobre Agnese como poderia esquecê-la? Aquela Agnese que o tinha escolhido, que o tinha já considerado como uma coisa só com a sua única filha, e antes de receber dele o

título de mãe, dele já tinha tomado a linguagem e o coração, e demonstrado com os factos o seu desvelo. Mas era mais uma dor, e não a menos pungente, aquele pensamento de que, graças precisamente a tão adoráveis intenções, de tanto gostar dele, a pobre mulher se encontrava agora desalojada, quase vagabunda, incerta do futuro, e recebia desgostos e tormentos daquelas coisas exatamente das quais tivera esperanças de repouso e alegria nos seus últimos anos de vida. Que noite, pobre Renzo! Aquela que devia ser a quinta das suas núpcias! Qual quarto! Qual cama de casal! E depois que dia! E para chegar a qual amanhã, a qual série de dias? «O que Deus quiser – respondia aos pensamentos que maior angústia lhe davam. – Seja o que Deus quiser. Ele sabe o que faz: também existe para nós. Seja tudo em desconto dos meus pecados. Lucia é tão boa! Não quererás depois fazê-la sofrer um bocado, um bocado, um bocado!»

Entre estes pensamentos, e desesperando já de pegar no sono, e fazendo-se-lhe o frio sentir cada vez mais a ponto de às tantas ser obrigado a tremer e bater os dentes, suspirava pela vinda do dia, e media com impaciência o lento escorrer das horas. Digo media, porque de meia em meia hora ouvia naquele vasto silêncio ribombar as badaladas de um relógio: imagino que devia ser o de Trezzo. E a primeira vez que lhe feriu os ouvidos aquele toque tão inesperado, sem que pudesse ter alguma ideia do lugar donde vinha, criou nele um sentimento misterioso e solene, como de uma advertência que viesse de pessoa não vista e com uma voz desconhecida.

Quando finalmente aquele badalo deu onze toques, que era a hora designada por Renzo para se levantar, pôs-se de pé meio inteiriçado, ajoelhou-se e rezou, com mais fervor do que de costume, as devoções da manhã, espreguiçou-se, abanou o corpo e os ombros, como que para juntar de novo todos os membros, que os tinha que parecia cada um funcionar sozinho, soprou para uma mão e depois para a outra, esfregou-as, abriu a porta da cabana; e em primeiro lugar deu uma olhadela para cá e para lá, vendo se não havia ninguém. E não vendo ninguém, procurou com o olhar o carreiro da noite anterior; reconheceu-o logo, e seguiu por ele.

O céu prometia um belo dia: a lua, a um canto, pálida e sem raios, no entanto sobressaia no campo imenso num pardo cerúleo

que, lá muito ao fundo para o lado do Oriente, se ia esfumando levemente num amarelo róseo. Mais abaixo, no horizonte, estendiam-se, em longas franjas desiguais, poucas nuvens, entre o azul e o cinzento acastanhado, com as mais baixas orladas por baixo com uma tira quase de fogo que pouco a pouco se tornava mais viva e cortante; pelo meio-dia outras nuvens se juntaram, ligeiras e macias, por assim dizer, iam-se iluminando de mil cores sem nome: esse céu da Lombardia é belo quando está belo, tão esplêndido, tão em paz. Se Renzo se encontrasse ali no meio de um passeio, certamente teria olhado para cima e admirado aquele nascer do sol tão diferente do que costumava ver nos seus montes; mas só se ralava com o seu caminho, e caminhava com passos compridos, para se aquecer e para chegar mais cedo. Passa os campos, passa o baldio, passa os matagais, atravessa o bosque olhando para um lado e para o outro, e rindo e envergonhando-se ao mesmo tempo, da repugnância que tinha sentido poucas horas antes; e, ao chegar à beira das águas, olha para baixo; e por entre os ramos vê um barquinho de pesca, que vinha devagar contra a corrente, rasando aquela margem. Desce logo pelo caminho mais curto, por entre as silvas; chega à margem; chama baixinho o pescador; e com intenção de fazer como se pedisse um serviço de pouca importância, mas, sem dar por isso, de um modo meio suplicante, acena-lhe para que se aproxime. O pescador passa com o olhar ao longo da margem, olha atentamente ao longo da água que vem, volta-se para observar do outro lado ao longo da água que vai, e depois vira a proa para Renzo e aponta. Renzo que estava à beira de água, quase com um pé lá dentro, agarra a proa do barco, salta lá para dentro e diz:

– Fazia-me o serviço, que eu pago, de me levar para o outro lado?

O pescador tinha-o adivinhado, e virava já o barco para esse lado. Renzo, vendo no fundo do barco outro remo, baixa-se e apanha-o.

– Devagar, devagar – disse o barqueiro; mas ao ver com que jeito o jovem havia pegado no instrumento e se dispunha a manejá-lo, comentou: – Ah, ah, também é do ofício!

– Um bocadinho – respondeu Renzo, e lançou-se com vigor e

uma mestria de bem mais que diletante. E sem nunca abrandar, dava de vez em quando uma olhadela sombria à margem de que se afastavam, e depois uma impaciente àquela para onde se dirigiam, e afligia-se por não poder seguir pela via mais curta, que naquele lugar a corrente era demasiado rápida para a cortar diretamente; e o barco, em parte rompendo, em parte secundando o fio das águas, teve de fazer um trajeto diagonal. Como acontece em todos os casos um tanto embrulhados que as dificuldades primeiro se apresentem em geral, e na sua execução depois apareçam uma por uma em separado, Renzo, agora que o Adda se pode dizer que estava atravessado, incomodava-o o não saber ao certo se ali era fronteira ou se, superado aquele obstáculo, ainda lhe faltasse outro para superar. Pelo que, chamando o pescador e acenando com a cabeça para aquela mancha esbranquiçada que vira na noite da véspera, e que agora lhe aparecia bem mais distinta, disse:

– É Bérghamo, aquela terra?

– A cidade de Bérghamo – respondeu o pescador.

– E aquela margem ali, é bergamasca?

– Terra de São Marcos.

– Viva São Marcos! – exclamou Renzo. O pescador não disse nada.

Tocam finalmente aquela margem: Renzo salta para terra; agradece a Deus dentro de si, e depois com a boca ao barqueiro; mete as mãos nos bolsos, tira uma berlinga que, dadas as circuns-

tâncias, não foi pequena soldada, e entrega-a ao bom homem; o qual, dando mais uma olhadela à margem milanesa, e ao rio para cima e para baixo, recebeu o pagamento, guardou-o, depois apertou os lábios, e pôs o dedo em cruz, acompanhando aquele gesto com olhar expressivo; e a seguir disse:

– Boa viagem! – e voltou para trás.

Para que a cortesia tão pronta e discreta deste em relação a um desconhecido não espante demasiado o leitor, temos de informá-lo que aquele homem, sendo-lhe pedido com frequência um serviço semelhante por contrabandistas e bandidos, estava habituado a fazê-lo não tanto por amor do pouco e incerto lucro que lhe pudesse advir, quanto para não fazer inimigos naquelas classes. Fazia-o, digo, sempre que pudesse estar seguro de que não o viam nem gabeleiros, nem esbirros, nem exploradores. Assim sem gostar mais dos primeiros do que dos segundos, tentava satisfazê-los a todos, com aquela imparcialidade que é o dom normal de quem é obrigado a lidar com certos tipos, está sujeito a prestar contas a certos outros.

Renzo parou um momento na margem a contemplar a margem oposta, aquela terra que pouco antes ardia tanto debaixo dos seus pés. «Ah! Estou mesmo fora dela!» Foi o seu primeiro pensamento. «Fica aí, maldita terra» foi o segundo, o adeus à pátria.

Mas o terceiro correu para quem ele deixava naquela terra. Então cruzou os braços no peito, deu um suspiro, baixou os olhos para a água que lhe corria aos pés, e pensou «esta já passou por baixo da ponte!» Assim denominava, à maneira da sua terra, por antonomásia, a ponte de Lecco. «Ah, mundo infame! Basta; seja o que Deus quiser.»

Virou as costas àqueles tristes assuntos, tomando por ponto de mira a mancha esbranquiçada a vertente do monte, até encontrar alguém a quem pedir informações quanto ao caminho certo. E precisava de ver com que desenvoltura abordava os viandantes, e sem mais rodeios nomeava a terra onde habitava aquele seu primo. Pelo primeiro a quem se dirigiu, soube que ainda lhe restavam nove milhas para fazer.

Aquela viagem não foi feliz. Sem falar dos problemas que Renzo levava consigo, o seu olhar a cada momento era entriste-

cido por objetos dolorosos, pelos, quais teve de reparar que iria encontrar na terra em que entrava, a penúria que havia deixado na sua. Por toda a estrada, e mais anda nas povoações e nos burgos, a cada passo encontrava pobres que não o eram de ofício, e mostravam a miséria mais no rosto do que no vestuário: camponeses, montanheses, artesãos, famílias inteiras; e um murmúrio que era uma mistura de pedidos, de queixumes e de vagidos. Essa visão, além da compaixão e da tristeza, dava-lhe também muitas preocupações quanto à sua própria sorte.

«Sabe-se lá – ia meditando – se arranjo um bom trabalho, se há trabalho como nos anos passados! Basta: Bortolo gostava de mim, é bom rapaz, ganhou muito dinheiro, e convidou-me muitas vezes; não irá abandonar-me. E depois, a Providência tem-me ajudado até aqui; vai-me ajudar também no futuro.» Entretanto o apetite, desperto já há algum tempo, ia crescendo de milha em milha; e embora Renzo, quando começou a prestar-lhe atenção, sentisse que podia aguentar, sem grande incómodo, por aquelas duas ou três que lhe podiam restar; por outro lado pensou que não ficava bem apresentar-se ao primo como um mendigo, e dizer-lhe como primeiro cumprimento: dá-me de comer. Tirou do bolso todas as suas riquezas, passou-as de uma mão para a outra, e fez a soma. Não era conta que exigisse uma grande aritmética; mas no entanto era suficientemente abundante para comer um petisco. Entrou numa estalagem para se restaurar; e de facto, depois de pagar, ainda lhe restava algum dinheiro.

Ao sair, viu junto à porta, a ponto de quase tropeçar nelas,

mais deitadas no chão do que sentadas, duas mulheres, uma idosa, a outra mais jovem, com um menino que, depois de ter mamado em vão um seio a seguir ao outro, chorava, chorava; todos da cor da morte: e de pé, junto delas, um homem, em cujo rosto e membros se podiam ainda ver os vestígios de uma antiga robustez, domada e quase extinta pela longa miséria. Todos os três estenderam a mão para aquele que saía com passo franco e aspeto reanimado: nenhum falou; para que era preciso um pedido?

– Lá está a Providência! – disse Renzo; e metendo logo a mão no bolso, esvaziou-o daquelas poucas moedas; pô-las na mão que achou mais próxima, e retomou o seu caminho.

A refeição e a boa obra (visto que somos compostos de alma e de corpo) tinham reconfortado e alegrado todos os seus pensamentos. É certo que ao ter-se despojado assim do último dinheiro, lhe viera mais confiança para o futuro do que lhe daria o encontrar dez vezes mais. Porque, para sustentar naquele dia aqueles pobrezinhos que manquejavam no caminho, a Providência reservara precisamente o último dinheiro de um estranho, fugitivo, ele próprio também incerto de como iria viver; quem podia acreditar que depois quisesse deixar a seco aquele de quem se servira para isso, e a quem dera um sentimento tão vivo de si mesma, tão eficaz e tão

resoluto? Era este, mais ou menos, o pensamento do jovem; mas ainda menos claro do que eu soube exprimi-lo. No resto da estrada, rememorando a sua vida, tudo se aplanava. A carestia devia acabar: todos os anos há colheita; entretanto tinha o primo Bortolo e a sua habilidade; e mais em casa tinha algum dinheiro que iria já pedir que lho mandassem. Com esse, no pior dos casos viveria o seu dia a dia até tornar a abundância. «Eis que volta finalmente a abundância – prosseguia Renzo na sua fantasia. – Renasce a fúria das obras; os patrões disputam os operários milaneses, que são os que sabem mais do ofício; os operários milaneses levantam a crista; quem quer gente hábil, tem de lhe pagar; ganha-se com que viver mais do que um, e para pôr alguma coisa de parte; e escreve-se às mulheres para que venham... e depois, porquê esperar tanto tempo? Não é verdade que, com aquele pouco que temos de parte, se viveria lá também este inverno? Assim viveremos aqui. Curas, há-os em toda a parte. Venham aquelas duas queridas mulheres: monta-se casa. Que prazer passear nesta mesma estrada todos juntos! Ir até ao Adda de carroça, e merendar na margem, mesmo à beira da água, e mostrar às mulheres o lugar onde embarquei, o silvado por onde descí, aquele sítio onde me pus a ver se havia um barco.»

Chega à terra do primo; ao entrar, aliás ainda antes de lá pôr o pé, distingue uma casa altíssima, com várias filas de janelas muito compridas; reconhece nela uma fiação; entra, pergunta em voz alta, por entre o ruído da água cadente e das rodas, se ali está um certo Bortolo Castagneri.

– O senhor Bortolo? Está ali.

«Senhor? Bom sinal» pensa Renzo; vê o primo e corre ao seu encontro. Aquele volta-se, reconhece o jovem que lhe diz: – Estou aqui. – Um oh! De surpresa, um erguer de braços, um abraço mútuo. Passado o primeiro acolhimento, Bortolo puxa o nosso jovem para longe do barulho das máquinas, e dos olhos dos curiosos, para outra sala, e diz-lhe: – Tenho muito prazer em te ver; mas és um rapaz engraçado. Convidei-te tantas vezes, nunca quiseste vir; agora chegas num momento um tanto crítico.

– Para ser franco, não me vim embora por minha vontade – disse Renzo; e com a maior brevidade, mas não sem muita comoção, contou-lhe a sua dolorosa história.

– É uma camisa de onze varas – disse Bortolo. – Oh, pobre Renzo! Mas tu contaste comigo; e eu não te abandonarei. Na verdade, agora não há procura de operários; aliás, cada um mal consegue manter os seus para não os perder e comprometer o negócio; mas o patrão gosta de mim, e tem massa. E, digo-te eu, em grande parte, deve-a a mim, não é para me gabar: ele tem o capital, e eu esta pouca habilidade. Sou o primeiro operário, sabes? E depois, para dizer a verdade, sou pau para toda a obra. Pobre Lucia Mondella! Lembro-me dela como se fosse ontem: uma boa rapariga! Sempre com a maior compostura na igreja; e quando se passava por aquela sua casinha... até parece que estou a vê-la, a casinha mesmo à saída da aldeia, com uma bela figueira que passava por cima do muro... – Não, não; Não falemos nisso.

– Só queria dizer que, quando se passava por aquela casinha, se ouvia sempre aquela dobadoura a rodar, a rodar, a rodar. E esse Dom Rodrigo! Sim, já no meu tempo ia por esse caminho; mas agora está mesmo um diabo, pelo que vejo: enquanto Deus lhe deixar a rédea solta. Então, como te dizia, aqui também se passa alguma fome... A propósito, como estás de apetite?

– Comi há pouco, no caminho.

– E de dinheiro, como estamos?

Renzo estendeu uma mão levou-a à boca e fez-lhe passar por cima um pequeno sopro.

– Não importa – disse Bortolo. – Eu tenho; e não te rales que muito depressa, em mudando as coisas, se Deus quiser logo me pagarás e ainda sobeja para ti.

– Tenho alguma coisinha em casa. Vou mandá-lo vir.

– Está bem; e entretanto conta comigo. Deus fez-me bem para que eu também o faça; e se não fizer aos parentes e aos amigos, a quem é que faço?

– Foi o que eu disse da Providência! – exclamou Renzo apertando afetuosamente a mão ao bom primo.

– Portanto – recomeçou este –, em Milão armaram essa confusão toda. Parecem-me um tanto doidos esses lá. Sim, também correu por aqui o boato; mas quero que tu depois me contes as coisas com os pormenores todos. Eh! Temos muito que falar. Mas aqui, estás a ver as coisas vão mais sossegadas, e faz-se o que há a

fazer com um pouco mais de juízo. A cidade comprou duas mil somas de trigo a um mercador que está em Veneza: trigo que vem da Turquia; mas quando se trata de comer, ninguém se rala com isso. Agora ouve lá o que acontece: acontece que os reitores de Verona e de Bréscia fecham a passagem e dizem: por aqui não passa trigo. E o que é que fazem os bergamascos? Mandam a Veneza Lorenzo Torre, um doutor, mas daqueles!... partiu à pressa, apresentou-se ao doge e disse: «Que ideia tiveram estes senhores reitores?» Mas foi um discurso, um discurso, dizem, digno do prelo... quanto não vale ter um homem que saiba falar! Logo uma ordem a deixar passar o trigo; e aos reitores, não só deixá-lo passar, mas é preciso que o mandem escoltar; e está a caminho, e pensou-se também no condado. Giovanbatista Biava, núncio de Bérgamo em Veneza (um grande homem também!), fez compreender ao senado que no campo também se passava fome; e o senado concedeu quatro mil alqueires de milho. Isto também ajuda a fazer pão. E depois, queres saber? Se não houver pão, comemos o conduto. O Senhor fez-me bem, como te digo. Agora levo-te ao meu patrão: já lhe falei de ti muitas vezes, e vai receber-te bem. Um bom bergamasco à antiga, um homem de grande coração. Para dizer a verdade, ele agora não te esperava; mas quando ouvir a história... e depois sabe ter em conta os operários, porque a carestia passa e o negócio dura. Mas antes de mais, tenho de te avisar de uma coisa. Sabes como nos chamam nesta terra, a nós do estado de Milão?

– Como é que nos chamam?

– Chamam-nos palermas. Não é bonito o nome.

– Pois não: quem nasceu no milanês e quiser viver no bergamasco, tem de o suportar em santa paz. Para esta gente, chamar palerma a um milanês, é como chamar ilustríssimo a um cavaleiro.

– Devem dizê-lo, imagino, a quem os deixar dizer.

– Meu rapaz, se tu não estiveres disposto a engolir o palerma a toda a hora, não faças conta de poder cá viver. Seria preciso andar sempre de punhal na mão; e quando, suponhamos, tu tivesses matado dois ou três ou quatro, viria depois o que te mataria a ti; e então, que belo gosto o de comparecer no tribunal de Deus com três ou quatro homicídios na alma!

– E um milanês que tenha um pouco de... – e aqui bateu na

testa com um dedo, como fizera na estalagem da lua cheia. – Quer dizer, um que saiba bem o seu ofício?

– É a mesma coisa: aqui é também um palerma. Sabes como diz o meu patrão quando fala de mim com os amigos? «Aquele palerma tem sido a mão de Deus na minha loja; se não tivesse aquele palerma, estava bem arranjado.» É este o costume.

– É um costume estúpido. E ao verem o que sabemos fazer (porque afinal quem trouxe para aqui esta arte, e quem a faz funcionar, somos nós), é possível que não se tenham emendado?

– Até agora não: com o tempo pode ser. Com os miúdos que estão a crescer; mas com os homens feitos não há remédio: ganharam aquele vício, nunca mais o perdem. Mas afinal o que conta isso? Foi coisa muito pior aquelas galanterias que te fizeram, e o mais que te queriam fazer os nossos queridos compatriotas.

– Lá isso é verdade: se não houver mais nada de mal...

– Agora que estás convencido disso, tudo correrá bem. Vem ter com o patrão, e coragem.

Com efeito correu tudo bem e de acordo com as promessas de Bortolo, que julgamos inútil fazer o seu relato em pormenor. E foi realmente uma Providência; porque os bens e o dinheiro que Renzo tinha deixado em casa, vamos já ver a seguir até que ponto poderia o nosso rapaz contar com eles.

CAPÍTULO XVIII

NESSE MESMO DIA, 13 DE NOVEMBRO, CHEGA AO SENHOR Podestade de Lecco um correio expresso, e apresenta-lhe um despacho do senhor capitão de justiça, contendo uma ordem de fazer todos os possíveis e mais a oportuna inquirição para descobrir se um certo jovem de nome Lorenzo Tramaglino, fiandeiro de seda, escapado às forças *praedicti egregii domini capitanei*, terá voltado, *palam vel clam*, à sua terra, *ignotum* qual seja precisamente, *verum in territorium Leuci: quod si compertum fuerit sic esse*, procure o dito senhor Podestade, *quanta maxima diligentia fieri poterit*, tê-lo nas mãos; e, amarrado como deve ser, *videlicet* com boas algemas, sendo de esperar a experimentada insuficiência dos punhos para o citado sujeito, o mande conduzir aos cárceres, e ali o mantenha, sob boa custódia, para dele fazer entrega a quem for mandado buscá-lo; e tanto no caso do sim como no caso do não, *accedatis ad domum praedicti Laurentii Tramaliini; et, facta debita diligentia, quidquid ad rem repertum fuerit auferatis, et informationes de illius prava qualitate, vita, et complicitibus sumatis*; e de todo o dito e o feito, o achado e o não achado, o tomado e o deixado, *diligenter referatis*. O senhor Podestade, depois

de se ter humanamente certificado de que o sujeito não havia tornado à sua terra, manda chamar o cônsul da aldeia, e faz-se conduzir por ele à casa indicada com grande comitiva de escrivão e esbirros. A casa está fechada; quem tem as chaves não está, ou não se deixa ver. Arromba-se a porta; faz-se a devida diligência, o que quer dizer que se faz como numa cidade tomada de assalto. A notícia daquela expedição espalhou-se imediatamente por todas as cercanias; chegou aos ouvidos do padre Cristoforo; o qual, mais atônito do que aflito, pergunta ao terceiro e ao quarto, para ter alguma ideia acerca da razão de um facto tão inesperado; mas não capta mais do que conjeturas no ar, e escreve logo ao padre Bonaventura, do qual espera poder receber alguma novidade mais precisa. Entretanto os amigos e os parentes de Renzo são citados a depor o que possam saber da sua *prava* qualidade: ter o nome de Tramaglino é uma desgraça, uma vergonha, um crime: a aldeia está em rebuliço. Pouco a pouco, vem a saber-se que Renzo fugiu à justiça, mesmo no meio de Milão, e depois desapareceu; corre o boato de que fez coisa grossa; mas depois que coisa ninguém é capaz de dizer, ou conta-se de mil maneiras. Quanto mais grossa é, menos crédito recebe na terra, onde Renzo é conhecido como bom rapaz; a maioria presume, e vão murmurando aos ouvidos uns dos outros, que é uma maquinação urdida por Dom Rodrigo, para dar cabo do seu pobre rival. A verdade é que, julgando por

indução, e sem a necessária experiência dos factos, às vezes, fazem-se grandes injustiças, mesmo aos maus.

Mas nós, de factos na mão, como se costuma dizer, podemos informar que se ele não tinha participado na desgraça de Renzo, contudo agradou-lhe tanto como se fosse obra sua, e com ela triunfou perante os seus homens, e principalmente perante o conde Attilio. Este, segundo as suas intenções iniciais, deveria a esta hora estar já em Milão; contudo, às primeiras notícias do tumulto, e da canalha que andava pelas ruas, em atitude muito diferente da de apanhar pauladas, achara por bem continuar no campo até as coisas se acalmarem. Tanto mais que, tendo ofendido muitos, não lhe faltavam razões para temer que algum desses muitos, que só por impotência se deixavam ficar quietos, se animasse com as circunstâncias, e considerasse aquele momento bom para fazer as vinganças por todos. Esta suspensão porém não durou muito: a ordem vinda de Milão a executar contra Renzo era já um indício de que as coisas tinham retomado o seu curso normal; e quase ao mesmo tempo teve-se a certeza positiva. O conde Attilio partiu imediatamente, animando o primo a persistir na empresa, a cumprir o compromisso, e prometendo-lhe que, pelo seu lado, iria logo tratar de o desembaraçar do frade; negócio para o qual o afortunado incidente com o abjeto rival devia ser um trunfo espantoso. Assim que Attilio partiu, chegou o Griso de Monza, são e salvo, e relatou ao seu amo o que tinha podido recolher: que Lucia estava asilada no mosteiro tal, sob a proteção da Senhora de tal, e estava sempre oculta, como se também fosse freira, nunca pondo o pé fora da porta, e assistindo às funções da igreja de uma janela com grades: coisa que desagradava a muitos, os quais tendo ouvido contar não sei quê das suas aventuras, e dizer grandes coisas do seu rosto, queriam ver um pouco como era ele.

Este relato pôs Dom Rodrigo possesso do demónio, ou, melhor dizendo, tornou pior o que já havia dentro de casa. Tantas circunstâncias favoráveis aos seus desígnios inflamavam cada vez mais a sua paixão, ou seja, aquela mistura de melindre, de raiva e de infame capricho, de que era composta a sua paixão. Com Renzo ausente, expulso, banido, tornavam-se lícitas todas e quaisquer ações contra ele, e até a sua noiva, de certo modo, podia ser

considerada como pertence de rebelde: o único homem no mundo que queria e podia tomar o partido dela, e fazer suficiente barulho que pudesse ser ouvido mesmo longe e por pessoas de posições elevadas, daqui a pouco provavelmente seria também incapacitado de o prejudicar. E eis que um novo impedimento, longe de contrabalançar todas essas vantagens, as tornava, por assim dizer, inúteis. Um mosteiro de Monza, mesmo que lá não estivesse uma princesa, era osso demasiado duro para os dentes de Dom Rodrigo; por mais que este roçasse com a fantasia em volta daquele refúgio, não conseguia imaginar nem caminho nem maneira de o expugnar, nem pela força nem por meio de insídias. Esteve quase à beira de abandonar a empresa; esteve prestes a optar por ir a Milão, alongando mesmo o seu caminho, para nem sequer passar por Monza; e em Milão, atirar-se para o meio dos amigos e dos divertimentos, para expulsar, com pensamentos bem alegres, aquele pensamento que agora se tornara atormentador. Mas, mas, mas, os amigos: vamos mais devagar com esses amigos. Em vez de uma distração, podia contar que iria deparar-se na companhia deles com novos sabores: porque Attilio certamente já teria dado com a língua nos dentes e deixado todos na expectativa. De todos os lados lhe caíam em cima pedidos de notícias da montanha: e ele teria de explicar. Se quisera, se tentara; o que tinha obtido? Assumira um compromisso: um compromisso um tanto ignóbil, para dizer a verdade: mas adiante, às vezes uma pessoa não pode dominar os seus caprichos; o importante é satisfazê-los; e como havia de se sair deste compromisso? Deixando ganhar um vilão e um frade! Uh! E isto quando uma boa sorte inesperada, sem esforço nenhum para o João-pateta, varrerá do caminho um, e um hábil amigo o outro, agora este João-pateta não soubera valer-se da conjuntura, e como um covarde retirava-se da empresa. Não precisava de mais nada para não se atrever jamais a levantar a cara diante dos homens honrados, ou para ter de andar sempre de espada nas mãos. E depois, como voltar, ou como permanecer naquele palacete, naquela terra, onde, pondo de parte as lembranças incessantes e pungentes da paixão, ele arrastaria consigo o ferrete de um golpe falhado? Onde, ao mesmo tempo, cresceria o ódio público contra ele, e diminuiria a reputação do seu poder? Onde na cara

de qualquer biltre, mesmo no meio das vérias, se poderia ler um amargo: engoliste-a, ainda bem? O caminho da iniquidade, diz o manuscrito, é largo; mas isto não quer dizer que seja cómodo: tem os seus tropeços, as suas passagens escabrosas: é maçador o seu papel, e cansativo, embora seja sempre a descer.

A Dom Rodrigo, que não queria sair dele, nem recuar, nem parar, e que não podia avançar por si, veio-lhe à mente um meio com que poderia: foi o de pedir a ajuda de alguém cujas mãos muitas vezes chegavam até onde não chegava a vista dos outros: um homem ou um diabo, para quem a dificuldade das empresas era com frequência um estímulo para as tomar a seu cargo. Mas este partido tinha também os seus inconvenientes e os seus riscos, tanto mais graves quanto menos se podiam calcular antecipadamente; dado que ninguém conseguiria prever até onde andaria, uma vez que se embarcasse com esse homem, poderoso auxiliar certamente, mas não menos absoluto e perigoso condutor de homens. Estes pensamentos mantiveram Dom Rodrigo durante muitos dias hesitando entre um sim e um não, ambos mais do que aborrecidos. Mas entretanto chegou uma carta do primo, a qual dizia que a trama estava bem encaminhada. Pouco depois do relâmpago, soou o trovão; quer dizer que, uma bela manhã, se ouviu dizer que o padre Cristoforo se tinha ido embora do convento de Pescarenico. Este bom sucesso tão rápido, a carta de Attilio que lhe infundia coragem, e o ameaçava de grandes troças, fizeram Dom Rodrigo inclinar-se cada vez mais para o partido arriscado: e o que lhe deu o último empurrão foi a inesperada notícia de que Agnese regressara a casa: um impedimento a menos junto de Lucia. Vamos então dar conta destes dois acontecimentos, começando pelo último.

As duas pobres mulheres ainda mal se tinham instalado no seu refúgio, quando se espalhou por Monza, e por consequência também no mosteiro, a novidade daquele grande barulho em Milão; e atrás da grande nova, uma série infinita de pormenores, que iam crescendo e variando a cada momento. A feitora, que de sua casa podia ter um ouvido na rua e outro no mosteiro, recolhia notícias daqui, notícias dali, e delas dava parte aos jovens. – Dois, seis, oito, quatro, sete foram metidos na prisão; vão enforcá-los, uma

parte diante do *forno das muletas*, e outra parte no fim da rua onde fica a casa do vigário da provisão... Eh, eh, oiçam esta! Fugiu um, que é de Lecco, ou lá daquelas bandas. O nome não sei: mas há de aparecer alguém que mo saiba dizer. Para ver se o conheceis.

Este anúncio, com a circunstância de Renzo ter chegado a Milão no dia fatal, deu alguma inquietação às mulheres, principalmente a Lucia; mas imaginai o que não foi quando a feitora lhes veio contar:

– É mesmo da vossa terra o que deu às solas para não ser enforcado: um fiandeiro de seda, que se chama Tramaglino: conheci-lo?

Lucia, que estava sentada a debruar não sei o quê, deixou cair das mãos o trabalho; empalideceu, toda transtornada, de modo que a feitora o teria certamente percebido, se estivesse mais próxima. Estava porém de pé à porta com Agnese, que, também perturbada, mas não tanto, pôde ganhar forças e, para responder alguma coisa, disse que numa terra pequena todos se conhecem, e que o conhecia; mas que não conseguia pensar como é que lhe podia ter acontecido uma coisa dessas, porque era um jovem sensato. Perguntou depois se tinham a certeza de ele estar fugido, e para onde.

– Que fugiu, todos dizem; para onde, não se sabe: pode ser que

ainda o apanhem, pode ser que esteja a salvo; mas se tornar a cair nas mãos deles, o vosso jovem sensato...

Aqui, por grande sorte, a feitora foi chamada, e teve de sair: imaginem como ficaram mãe e filha. Mais de um dia, tiveram a pobre mulher e a desolada donzela de passar naquela incerteza, a remoer no como, no porquê, nas consequências daquele doloroso facto, a comentar, cada uma para consigo, ou baixinho entre elas, quando podiam, aquelas terríveis palavras.

Numa quinta-feira, finalmente apareceu no mosteiro um homem à procura de Agnese. Era um peixeiro de Pescarenico, que ia a Milão, como de costume, para vender a sua mercadoria; e o bom frei Cristoforo pedira-lhe que, ao passar por Monza, desse um salto ao mosteiro, cumprimentando as mulheres por sua parte, contando-lhes o que se sabia do triste caso de Renzo, recomendando-lhes que tivessem paciência e confiassem em Deus; e que ele pobre frade não se esqueceria certamente delas, e aguardaria a ocasião de poder ajudá-las; e entretanto não faltaria, todas as semanas, de lhes dar a saber as suas notícias, por aquele meio ou de outro modo. Em relação a Renzo, o mensageiro não soube dizer mais nada de novo e com certeza, senão a visita que lhe fizeram a casa, e as buscas para o apanharem; mas ao mesmo tempo que haviam falhado todas, e sabia-se ao certo que se tinha posto a salvo no bergamasco. Esta certeza, e não é necessário dizê-lo, foi um grande bálsamo para Lucia: daí em diante as suas lágrimas pareciam mais fáceis e mais doces; sentiu maior conforto nos desabafos secretos com a mãe; e em todas as suas orações havia um agradecimento misturado.

Gertrude mandava-a vir com frequência a um seu parlatório privado, e retinha-a às vezes longamente, agradando-lhe a ingenuidade e a doçura da pobrezinha, e o ouvir-se agradecer e abençoar a todo o momento. Contava-lhe também, em confiança, uma parte (a parte limpa) da sua história, do que tinha sofrido, para ir padecer ali: e aquele primeiro espanto desconfiado de Lucia ia-se transformando em compaixão. Naquela história achava razões mais do que suficientes para explicar o que havia de um tanto estranho nas maneiras da sua benfeitora: e para mais com o auxílio daquela doutrina de Agnese sobre os cérebros dos senhores. Mas

por mais que se sentisse levada a corresponder à confiança que Gertrude lhe demonstrava, nem sequer lhe passou alguma vez pela cabeça falar-lhe das suas novas inquietações, das suas novas desgraças, ou dizer-lhe quem era esse fiandeiro fugido; para não se arriscar a espalhar um boato assim tão pleno de dor e de escândalo. Também se esforçava o mais que podia para evitar responder às perguntas curiosas daquela, sobre a história antecedente à promessa; mas aqui não era por razões de prudência. Era porque à pobre inocente aquela história parecia mais espinhosa, mais difícil de contar, do que todas as que tinha ouvido, e que acreditasse poder alguma vez ouvir à Senhora. Nestas havia tirania, insídias, padecimentos; coisas más e dolorosas, mas que apesar disso se poderia falar delas; na sua havia misturado por toda a parte um sentimento, uma palavra que ela achava impossível proferir, ao falar de si; e sobre a qual nunca encontraria uma perífrase que não lhe parecesse indecorosa: o amor!

Algumas vezes, Gertrude quase se zangava com ela por se pôr assim na defensiva; mas deixava transparecer tanta afetuosidade, tanto respeito, tanto reconhecimento, e também tanta confiança! Algumas vezes talvez, por outro lado, aquele pudor tão delicado, tão desconfiado, ainda lhe desagradava mais; mas tudo se perdia na suavidade de um pensamento que lhe tornava à cabeça a cada momento ao olhar para Lucia: «A esta eu faço bem.» E era verdade; porque, além do refúgio, aquelas conversas, aqueles carinhos familiares serviam de muito conforto a Lucia. Outro, sentia-o no contínuo trabalho; pedia sempre que lhe dessem alguma coisa que fazer: até no parlatório, levava sempre algum trabalho para ter as mãos em exercício; contudo, como os pensamentos dolorosos se insinuam por todos os lados, como a costura era um trabalho quase novo para ela, de vez em quando vinha-lhe à mente a sua dobadoira e, atrás da dobadoira, quantas coisas! Na segunda quinta-feira voltou aquele peixeiro ou outro mensageiro qualquer, com os cumprimentos do padre Cristoforo, e com a confirmação da feliz fuga de Renzo. Notícias mais positivas acerca dos seus problemas, nenhuma; porque, como dissemos ao leitor, o capuchinho esperara recebê-las do seu confrade de Milão, a quem o havia recomendado; e este respondeu que não vira nem a pessoa nem a

carta; que alguém do campo viera ao convento, à sua procura; mas que, não o tendo encontrado, se fora embora, e não tornara a aparecer.

Na terceira quinta-feira não veio ninguém; e para as pobres mulheres foi não só uma privação de um conforto desejado e esperado mas, como sucede com todas as ninharias a quem está aflito e desorientado, uma causa de inquietação, de mil suspeitas moles-tas. Já antes disso, Agnese tinha pensado dar uma escapadela até casa; esta novidade de não ver o enviado prometido, fê-la tomar de vez a decisão. Para Lucia era um assunto sério o ficar afastada das saias da mãe; contudo, a ansiedade de saber alguma coisa, e a segurança que achava naquele abrigo tão guardado, venceram-lhe as repugnâncias. E entre as duas ficou combinado que Agnese iria no dia seguinte esperar na estrada o peixeiro que devia passar por ali, ao regressar de Milão; e pedir-lhe ia por favor um lugar na carroça para que a levasse de volta aos seus montes. Encontrou-o de facto e perguntou-lhe se o padre Cristoforo não lhe tinha dado nenhum recado para ela: todo o dia anterior à sua partida estivera o peixeiro a pescar, e não soubera nada do padre. A mulher não precisou de pedir, para obter o favor quer desejava: despediu-se da Senhora e da filha, não sem lágrimas, prometendo mandar logo notícias suas e tornar depressa; e partiu.

Na viagem não aconteceu nada de especial. Descansaram parte da noite numa estalagem, como de costume; partiram antes de amanhecer, e chegaram cedo a Pescarenico. Agnese desmontou-se na praceta do convento, e despediu-se do seu condutor com muitos «Deus lhe pague»; e, já que ali estava, quis, antes de ir para casa, ver o seu bom frade benfeitor. Tocou a sineta; quem veio abrir foi frei Galdino, aquele das nozes.

– Oh, boa mulher, que ventos a trazem por aqui?

– Venho à procura do padre Cristoforo.

– O padre Cristoforo? Não está.

– Oh! Vai demorar muito a voltar?

– Bah?... – disse o frade, encolhendo os ombros, e recolhendo o capucho para cobrir a cabeça rapada.

– Para onde foi ele?

– Para Rimini.

– Para?...

– Para Rimini.

– Onde fica essa terra?

– Eh, eh, eh! – respondeu o frade, cortando verticalmente o ar com a mão estendida, para significar uma grande distância.

– Oh, pobre de mim! Mas porque é que se foi embora assim de repente?

– Porque assim o quis o padre provincial.

– Mas porque é que o mandou embora? Ele fazia tanto bem aqui! Oh, Senhor!

– Se os superiores tivessem de prestar contas das ordens que dão, onde estaria a obediência, boa mulher?

– Sim; mas isso é a minha desgraça.

– E sabe-se lá por que motivo terá sido! Talvez porque em Rimini estivessem a precisar de um bom pregador (bons pregadores temo-los em toda a parte; mas às vezes é necessário um homem especial para o caso); o padre provincial de lá deve ter escrito ao padre provincial de cá, se tinha um sujeito assim e assim; e o padre provincial terá dito: para aqui está a calhar o padre Cristoforo.

– Oh, pobres de nós! Quando partiu?

– Antontem.

– Vejam lá! Se eu tivesse dado ouvidos à minha inspiração de me vir embora uns dias antes! E não se sabe quando poderá tornar? Assim, mais ou menos...

– Eh, boa mulher! O padre provincial é que sabe; se ele próprio o souber. Quando um nosso padre pregador se põe em voo, nunca se pode prever em que ramo poderá ir pousar. Procuram-no daqui, procuram-no dali: e nós temos conventos em todas as quatro partes do mundo. Suponha que em Rimini o padre Cristoforo faz grande sucesso com a sua pregação quaresmal: porque ele não prega sempre de improviso, como fazia aqui, para os pescadores e para os camponeses: para os púlpitos das cidades, ele tem os seus belos sermões escritos; e de primeira escolha. Espalha-se por aquelas bandas a notícia desse grande pregador; e podem vir buscá-lo de... Que sei eu? E então é preciso mandá-lo; porque nós vivemos da caridade de toda a gente, e é justo que sirvamos toda a gente.

– Oh, Senhor! Senhor! – exclamou de novo Agnese, quase chorando. – O que hei de fazer agora sem aquele homem? Ele para connosco era como se fosse um pai! Para nós é uma desgraça!

– Oiça, boa mulher: o padre Cristoforo era realmente um grande homem; mas temos cá outros, sabe? Cheios de caridade e de talento, e que sabem lidar igualmente com os fidalgos e com os

pobres. Quer o padre Atanasio? Quer o padre Girolamo? Quer o padre Zaccaria? É um homem de valor, veja, o padre Zaccaria. E não fique a reparar, como fazem certos ignorantes, que seja assim tão enfezado, com uma vozinha fanhosa e uma barbicha rala: não digo para pregar, porque cada um tem os seus dotes, mas para dar conselhos é homem, sabe?

– Oh, por favor! – exclamou Agnese, com aquele misto de gratidão e de impaciência que se sente perante uma exibição em que se vê mais boa vontade alheia do que pela conveniência própria. – O que me importa a mim se é homem ou não é homem outra pessoa, quando aquele pobre homem que já cá não está, era ele quem sabia das coisas da nossa vida, e tinha tudo preparado para nos ajudar?

– Então, tenha paciência.

– Disso sei eu muito bem – respondeu Agnese. – Desculpe o incômodo.

– Não tem de quê, boa mulher. Lamento por si. E se se resolver a procurar mais algum dos nossos padres, o convento não sai daqui. Eh, e eu hei de aparecer em breve, para a coleta do azeite.

– Passe bem – disse Agnese; e encaminhou-se para o seu lugar-rejo, desolada, confusa, desconcertada, como o pobre cego que perdeu o seu bordão.

Um pouco mais bem informados que frei Galdino, nós podemos dizer como se passaram realmente as coisas. Attilio, assim que chegou a Milão, tal como prometera a Dom Rodrigo foi visitar o seu tio comum do Conselho secreto. (Era um órgão consultivo, composto, à altura, de treze personalidades, as quais o governador ouvia, e que, ao morrer um deles, ou sendo substituído, assumia temporariamente o governo.) O conde tio, togado, e um dos juizes mais idosos do Conselho, nele gozava de um certo prestígio; mas em fazê-lo valer, e em fazê-lo render perante os outros, não tinha parceiro. Um falar ambíguo, um calar significativo, um ficar a meio da frase, um piscar de olhos que exprimia: não posso falar; um lisonjear sem prometer, um ameaçar com cerimónia; tudo era orientado nesse sentido; e tudo, mais ou menos, revertia em seu favor. A ponto de até um «não posso fazer nada neste caso», dito às vezes por ser a pura verdade, mas dito de modo que não fosse

acreditado, servia para aumentar esse conceito, e, portanto, a realidade do seu poder; tal como aquelas caixas que ainda se veem em qualquer loja de boticário, com certas palavras escritas em árabe por cima, e sem nada dentro, mas servem para manter o prestígio da loja. O do conde tio, que desde há muito tempo vinha a crescer em graus lentíssimos, ultimamente dera um passo, como se costumava dizer, de gigante, por uma ocasião extraordinária, uma viagem a Madrid, com uma missão na corte; onde a recepção que lhe fizeram, seria preciso ouvi-la contada por ele. Basta dizer apenas que o conde-duque o tratara com uma consideração particular e, admitido na sua intimidade, ao ponto de lhe ter uma vez perguntado, na presença, pode-se dizer, de meia corte, se gostava de Madrid, e de outra vez lhe dizer cara a cara, no vão de uma janela, que a catedral de Milão era o maior templo existente nos estados de el-rei.

Dados os seus cumprimentos ao conde tio, e transmitidos os do primo, Attilio, com o ar de seriedade que ele sabia assumir quando lhe convinha, disse:

– Penso estar a cumprir o meu dever, sem abusar da confiança de Rodrigo, advertindo o senhor meu tio de uma questão que, se não lhe meter a sua mão, se pode tornar séria, e trazer consequências...

– Alguma das dele, imagino.

– Por amor da justiça, tenho de dizer que o mal não está do lado do meu primo. Mas ele começa a chegar ao ponto da fervura; e como digo, não há como o senhor meu tio que possa...

– Vamos a ver, vamos a ver...

– Lá para aqueles lados há um frade capuchinho que está zangado com Rodrigo; e a coisa chegou a um ponto que...

– Quantas vezes já vos disse, a um e a outro, que os frades é preciso deixá-los sossegados? Já basta o esforço a que obrigam quem deve... a quem calha... – E aqui soprou. – Mas vocês, que podem evitá-los...

– Senhor meu tio, neste caso, é meu dever dizer-lhe que Rodrigo já o teria evitado, se pudesse. É o frade que não o larga, que se pôs a provocá-lo de todas as maneiras...

– E que diabo tem esse frade a ver com o meu sobrinho?

– Em primeiro lugar, é uma cabeça violenta, conhecido como

tal, e que faz profissão de armar sarilhos com os cavalheiros. Este fulano protege, dirige, sei lá!, uma aldeãzita de lá; e tem por esta criatura uma caridade, uma caridade... não direi hipócrita, mas é uma caridade muito ciosa, suspeita, melindrosa.

– Estou a entender – disse o conde tio: e sobre um certo fundo de sandice, que lhe pintara no rosto a natureza, depois velado e recoberto por abundantes camadas de diplomacia, relampejou um raio de malícia, que nele fazia um belíssimo efeito.

– Ora bem, desde há algum tempo – continuou Attilio –, meteu-se-lhe na cabeça, a este frade, que Rodrigo tinha não sei que intenções sobre esta...

– Meteu-se-lhe na cabeça, meteu-se-lhe na cabeça: eu também conheço o senhor Dom Rodrigo, e ele precisa de outro advogado que não vossa senhoria para o justificar nestas matérias.

– Senhor meu tio, que Rodrigo possa ter dito qualquer galanteio àquela criatura, ao encontrá-la pelo caminho, não estarei longe de acreditar. É jovem, e afinal de contas não é nenhum capuchinho; mas isso são ninharias com que não devo incomodar o senhor meu tio: o grave é que o frade se pôs a falar de Rodrigo

como se fala de um meliante, tentando atçar contra ele toda a aldeia...

– E os outros frades?

– Não se metem, porque o conhecem como uma cabeça quente, e têm todo o respeito por Rodrigo; mas por outro lado, esse frade tem um grande prestígio junto dos aldeões, porque depois também se arma em santo e...

– Imagino que não sabe que Rodrigo é meu sobrinho.

– Se não sabe! Aliás, é isso que lhe mete o diabo no corpo...

– Como? Como?

– Porque, e é ele que o diz, acha mais gosto em afrontar Rodrigo, precisamente porque este tem um protetor natural, de tanta autoridade como vossa senhoria; e que ele se ri dos grandes e dos políticos, e que o cordão de São Francisco até prende as espadas, e que...

– Oh, que frade temerário! Como se chama ele?

– Frei Cristoforo de *** – disse Attilio; e o conde tio, tirando de uma gaveta da sua escrivaninha um livrinho de memórias, nele escreveu, bufando, bufando, aquele pobre nome. Entretanto Attilio prosseguia: – Teve sempre aquele temperamento, o fulano. A sua vida é bem conhecida de todos. Era um plebeu que, vendo-se com uns tostões, queria competir com os fidalgos da sua terra; e por raiva de não poder vencê-los a todos, matou um: daí, para escapar à força, fez-se frade.

– Essa é boa! Muito boa! Vamos a ver, vamos a ver – dizia o conde tio, continuando a bufar.

– Então, agora – continuou Attilio –, está mais raivoso que nunca porque lhe falhou um intento em que tinha muito interesse: e por isto o senhor meu tio poderá compreender que homem é esse. Queria casar aquela sua criatura: fosse para a livrar dos perigos do mundo, está a entender-me, ou lá pelo que fosse, queria absolutamente casá-la; e tinha achado o... homem: outra criatura sua, um sujeito que, talvez, ou com certeza, o senhor meu tio até conhecerá de nome; porque tenho por certo que o Conselho secreto deverá ter-se ocupado daquele digno sujeito.

– Quem é esse?

– Um fiandeiro de seda, Lorenzo Tramaglino, aquele que...

– Lorenzo Tramaglino! – exclamou o conde tio. – Muito bem!

Bravo, padre! Claro... de facto... tinha uma carta para um... É pena que... Mas não importa; está bem. E porque é que o senhor Dom Rodrigo não me diz nada de tudo isto? Porque é que deixa as coisas avançarem tanto, e não se dirige a quem o pode e quer orientar e defender?

– Sobre isso direi também a verdade – prosseguiu Attilio. – Por um lado, sabendo quantas atribulações, quantas coisas têm de passar pela cabeça do senhor nosso tio... – (este, bufando, pôs a mão na testa, como que para significar o grande esforço que era fazê-las caber lá todas) –, teve escrúpulos de lhe dar um incômodo a mais. E depois, conto-lhe tudo: pelo que pude compreender, está tão irritado, tão fora dos eixos, tão farto das vilanias desse frade, que tem mais vontade de fazer justiça pelas suas próprias mãos, de qualquer maneira sumária, do que de a obter de maneira regular, pela prudência e pelo braço do senhor nosso tio. Eu tentei pôr água na fervura; mas ao ver que as coisas iam por mau caminho, achei que seria meu dever avisar de tudo o senhor nosso tio, que no fim de contas é o chefe e o pilar da família...

– Terias feito melhor falando um pouco antes.

– É verdade; mas eu tinha a esperança de que a coisa se desvanecesse por si, que o frade voltasse finalmente à razão, ou que se fosse embora daquele convento, como acontece com estes frades, que ora estão aqui, ora estão ali, e acabaria tudo isto. Mas...

– Agora cabe-me a mim repor as coisas na ordem.

– Foi o que eu também pensei. Disse para comigo: o senhor meu tio, com a sua argúcia, com a sua autoridade, saberá prevenir um escândalo, e ao mesmo tempo salvar a honra de Rodrigo, que afinal é também a sua. Este frade, dizia eu, ameaça sempre com o cordão de São Francisco; mas para o empregar a propósito, o cordão de São Francisco, não é necessário trazê-lo em volta da barriga. O senhor meu tio tem mil meios que eu não conheço; sei que o padre provincial, como é justo que tenha, tem uma grande deferência para com ele; e se o senhor meu tio julgar quer neste caso o melhor expediente será fazer o padre mudar de ares, ele com duas palavras...

– Deixe esse cuidado a quem compete – disse um tanto rispidamente o conde tio.

– Ah, é verdade! – exclamou Attilio, com um leve menear da

cabeça, e com um risinho de compaixão por si próprio. – Quem sou eu para dar conselhos ao senhor meu tio? Mas é a paixão que tenho pela boa reputação da família que me faz falar. E também receio ter feito outro mal – acrescentou com um ar pensativo: – Receio ter prejudicado Rodrigo no conceito do senhor meu tio. Não ficaria descansado, se fosse causa de lhe fazer pensar que Rodrigo não tenha toda a fé em si, toda a submissão que deve ter. Creia, senhor meu tio, que neste caso é exatamente...

– Basta, basta; prejudicar o quê, que agravo pode haver entre vocês os dois, que hão de ser sempre amigos enquanto não houver um que ganhe juízo. Uns estroinas, estroinas que estão sempre a fazer alguma; e eu é que tenho de as reparar; que... ainda me fazem dizer um despropósito, dão-me maior preocupação vocês os dois, do que – e aqui imaginai como bufou –, todos estes benditos negócios de Estado.

Attilio pediu mais algumas desculpas, faz algumas promessas, alguns cumprimentos; depois despediu-se, e retirou-se acompanhado de um «tenhamos juízo!», que era a fórmula de despedida do conde tio para os seus sobrinhos.

— 356 —

CAPÍTULO XIX

QUEM, AO VER NUM CAMPO MAL CULTIVADO UMA ERVA DANINHA, por exemplo uma bela labaga, quisesse saber se ela proveio de uma semente nascida no próprio campo, ou para ali levada pelo vento, ou deixada cair por uma ave, por mais que pensasse, nunca chegaria a uma conclusão. Assim também nós não saberíamos dizer se era do fundo natural do seu cérebro, ou pela insinuação de Attilio, que veio à mente do conde tio a resolução de se servir do padre provincial para desatar da melhor maneira aquele nó górdio. A verdade é que não tinha sido por acaso que Attilio dissera aquela palavra; e embora devesse esperar que, a uma sugestão assim tão descoberta, a sombria presunção do conde tio iria recalcitrar, seja como for quis fazer relampejar diante dos olhos do conde tio a ideia daquele expediente, e pô-lo no caminho por onde desejava que ele seguisse. Por outro lado, o expediente era tão adequado aos humores do conde tio, tão indicado pelas circunstâncias que, mesmo sem a sugestão de quem quer que fosse, se podia apostar que ele a descobriria por si próprio. Tratava-se de fazer que, numa guerra infelizmente declarada, uma pessoa do seu nome, um sobrinho seu, não ficasse por baixo: ponto essencialís-

simo à reputação do poder que ele levava tanto a peito. A satisfação que o sobrinho pudesse colher por si mesmo seria um remédio pior do que o mal, uma semente de sarilhos; e era necessário impedi-la de qualquer maneira e sem perder tempo. Ordenar-lhe que saísse imediatamente do seu palácio, ele não obedeceria; e mesmo que o fizesse, era ceder terreno, uma retirada da família perante um convento. Ordens, força legal, intimidações desse género, de nada valiam contra um adversário daquela condição: o clero regular e secular era de facto imune a toda a jurisdição laica; não só as pessoas, mas também os locais por ele habitados; como deve saber até quem não tivesse lido mais do que a presente história: que estaria tramado. Tudo o que se podia fazer contra tal adversário era tentar afastá-lo, e o meio para isso era o padre provincial, de cujo arbítrio dependia aquele partir ou ficar.

Ora bem, entre o padre provincial e o conde tio havia um antigo conhecimento: raras vezes se tinham visto, mas sempre com grandes demonstrações de amizade, e com infinitos oferecimentos de favores e serviços. E, às vezes, é melhor lidar com alguém que tenha abaixo de si muitos indivíduos, do que com um só destes, o qual não vê mais do que a sua causa, não ouve mais do que a sua paixão, não cuida mais do que dos seus interesses, enquanto o outro vê num instante mil relatórios, mil consequências, mil interesses, mil coisas a evitar; e assim pode pegar-lhes por mil lados.

Tudo bem ponderado, um dia o conde tio convidou para almoçar o padre provincial, e fê-lo deparar-se com uma coroa de comensais escolhidos com um entendimento superfino. Alguns parentes dos mais titulados, daqueles cujo nome já era em si um grande título; e que, com o simples aspeto, com uma certa segurança inata, com um desprezo senhorial, falando de coisas grandes em termos familiares, conseguiam, mesmo sem o fazerem de propósito, imprimir e refrescar a cada momento a ideia da superioridade e do poder; e alguns clientes ligados à casa por uma dependência hereditária, e à personagem por uma servidão de toda a vida; os quais, começando logo pela sopa a dizer sim, com a boca, com os olhos, com as orelhas, com toda a cabeça, com todo o corpo, com toda a alma, por alturas da fruta tinham reduzido um homem a já não se lembrar de como se poderia dizer não.

À mesa, o conde dono da casa bem cedo orientou a conversa para o tema de Madrid. Se todos os caminhos vão dar a Roma, para chegar a Madrid, ele também seguia por todos eles. Falou da corte, do conde-duque, dos ministros, da família do governador, das corridas de touros, que ele podia descrever muito bem por tê-las apreciado de um lugar distinto do Escorial, palácio de que podia dar minuciosa conta porque alguém da criação do conde-duque o havia guiado por todos os buracos. Durante algum tempo, toda a companhia, como um auditório, só a ele prestou atenção, e depois dividiu-se em colóquios particulares; e ele então continuou a contar outras belas coisas, como que em confidência, ao padre provincial, que estava ao seu lado e o deixou falar, falar e falar. Mas a certo ponto fez um desvio ao discurso, afastou-o de Madrid, e de corte em corte, de dignitário em dignitário, puxa o assunto para o cardeal Barberini, que era capuchinho, e irmão do Papa então reinante: nem mais nem menos. O conde tio deve tê-lo deixado também falar um pouco, e ter ficado a ouvir, e recordar que neste mundo afinal não havia só as personagens que lhe agradavam. Pouco depois de se levantarem da mesa, pediu ao padre provincial que fosse com ele para outra sala.

Encontraram-se frente a frente duas potestades, duas canícies, duas experiências consumadas. O magnífico senhor fez sentar o padre reverendíssimo, sentou-se também, e começou:

– Dada a amizade que existe entre nós, julguei dever falar a Vossa Paternidade de um assunto de comum interesse, a concluir entre nós, sem ir por outros caminhos, que poderiam... E por isso, a bem, de coração nas mãos, digo-lhe de que se trata: e em duas palavras estou certo de que nós estaremos de acordo. Diga-me: no seu convento de Pescarenico não há um padre Cristoforo de ***?

O provincial acenou que sim.

– Diga-me pois vossa paternidade, francamente, como bom amigo... este sujeito... este padre... Pessoalmente não o conheço; e padres capuchinhos conheço muitos: homens de ouro, zelosos, prudentes, humildes: tenho sido amigo da Ordem, desde rapaz... Mas em todas as famílias um pouco numerosas, há sempre qualquer indivíduo, qualquer cabeça... E este padre Cristoforo, sei por certas informações que é um homem... um pouco amigo de bri-

gas... que não tem toda aquela prudência, todos aqueles respeitos... Iria apostar que mais de uma vez deve ter dado que pensar a vossa paternidade.

«Já percebi: é algum empenho – pensava entretanto o provincial –, culpa minha; eu sabia que aquele bendito Cristoforo era um sujeito para o fazer correr de púlpito em púlpito, e não para o deixar parado seis meses num lugar, especialmente em conventos do campo.»

– Oh! – disse a seguir: – Lamento realmente ouvir que vossa magnificência tenha em tal conceito o padre Cristoforo; enquanto, pelo que sei, é um religioso... exemplar no convento, e muito estimado mesmo fora.

– Entendo muitíssimo bem; Vossa Paternidade deve... Contudo, contudo, como amigo sincero, quero adverti-lo de uma coisa que lhe será útil saber; e mesmo se dela já estiver informado, posso, sem faltar aos meus deveres, pôr-lhe diante dos olhos certas conseqüências... possíveis. E não digo mais. Esse padre Cristoforo, sabemos que protegia um homem daquelas bandas, um homem... Vossa Paternidade deve ter ouvido falar dele; é aquele que com tanto escândalo fugiu das mãos da justiça, depois de ter feito, naquele terrível dia de São Martinho, coisas... coisas... Lorenzo Tramaglino!

«Ai!», pensou o provincial; e disse: – Esta circunstância para mim é uma novidade; mas vossa magnificência bem sabe que uma parte do nosso ofício é precisamente andar em busca de transviados para os reconduzir...

– Está bem; mas a proteção dos transviados de uma certa espécie!... São coisas espinhosas, assuntos delicados...

E aqui, em vez de enfunar as bochechas e bufar, cerrou os lábios e engoliu tanto ar quanto costumava pôr cá para fora ao bufar. E prosseguiu:

– Achei que era bom dar-lhe uma pequena notícia sobre esta circunstância, porque, se acontecesse Sua Excelência... Poderia dar-se algum passo em Roma... Eu cá não sei nada... e de Roma vir-lhe...

– Fico muito reconhecido a Vossa Magnificência por este aviso; mas estou certo de que, se se tomarem informações sobre este

assunto, se verificará que o padre Cristoforo não terá tido nada a ver com o homem a que Vossa Magnificência se refere, a não ser para o fazer ganhar juízo. O padre Cristoforo conheço eu.

– Sim, vós sabeis melhor do que eu que indivíduo foi ele no século, as coisitas que fez na juventude.

– Esta é a glória do hábito, senhor conde, que um homem que no século pôde fazer que falassem de si, ao vesti-lo se torna outro. E dado que o padre Cristoforo usa este hábito...

– Bem queria acreditar: digo-o do coração: bem queria acreditar; mas às vezes, como lá diz o provérbio... o hábito não faz o monge.

O provérbio não vinha exatamente a propósito, mas por ele o conde substituiu rapidamente outro que lhe viera à ponta da língua: o lobo muda o pelo, mas não muda o vício.

– Tenho provas – continuou ele –, tenho testemunhas...

– Se sabe positivamente que esse religioso cometeu algum erro (todos nós podemos errar), considerarei um verdadeiro favor o ser informado dele. Sou superior, indignamente; mas sou-o precisamente para corrigir, para remediar.

– Então vou dizer-lhe: juntamente com essa circunstância da proteção aberta dispensada por esse padre a quem eu lhe disse, há outra coisa desgostosa, e que poderia... Mas, aqui entre nós, despachemos tudo de uma vez. Quero dizer, é que o mesmo padre Cristoforo começou a implicar com o meu sobrinho, Dom Rodrigo ***.

– Oh! Lamento muito, lamento muito, lamento realmente.

– O meu sobrinho é jovem, vivo, sente-se o que é, não está habituado a ser provocado.

– Será meu dever arranjar boas informações de um facto desses. Como disse já a Vossa Magnificência, e falo com um fidalgo que não tem menos sentido da justiça do que prática do mundo, somos todos feitos de carne, sujeitos a errar... tanto de um lado como do outro: e se o padre Cristoforo tiver falhado...

– Veja Vossa Paternidade: isto são coisas, como eu lhe dizia, para se liquidarem entre nós os dois, para se sepultarem aqui mesmo, coisas que se forem demasiado remexidas... acabam pior. E já sabe o que se segue: estes choques, estas birras, às vezes principiam

com uma ninharia, e vão crescendo, crescendo... Quando se quer achar-lhe o fundo, ou não volta à superfície, ou aparecem mais mil embrulhadas. Acalmar, trincar. Acalmar e trincar, padre reverendíssimo: trincar e acalmar. O meu sobrinho é um rapaz novo; o religioso, pelo que oiço dizer, ainda está dentro da idade de... as inclinações de um rapaz: compete a nós, que temos a nossa idade... que pena, hem, padre reverendíssimo?

Quem estivesse ali a assistir veria que foi neste ponto como quando, no meio de uma ópera séria, por engano se sobe um pano antes de tempo, e se vê um cantor que, não pensando ter naquele momento um público no mundo, conversa sem cerimónia com um companheiro. A cara, o gesto, a voz do conde tio, ao dizer aquele *que pena!* foi tudo bem natural: ali não havia jogo político: era mesmo verdade que o aborrecia ter a sua idade. Não que ele chorasse os passatempos, o brio e a graça da juventude: tudo isso era frivolidades, tolices, misérias! A razão do seu desgosto era bem mais sólida e importante: era que ele esperava um posto mais elevado, quando vagasse, e receava não chegar a tempo. Quando o obtivesse, podia-se ter a certeza de que não se preocuparia mais com os anos, não desejaria outra coisa, e morreria satisfeito, como todos os que desejam muito uma coisa garantem que a querem fazer, quando chegarem a consegui-la. Mas deixemo-lo falar:

– Compete-nos a nós – prosseguiu ele – ter juízo pelos jovens, e

reparar-lhes as coisas mal feitas. Felizmente, ainda estamos a tempo; a coisa não fez barulho; é ainda o caso de um bom *principiis obsta*. Afastar o lume da palha. Às vezes, um sujeito que num lugar não faz bem, ou que pode ser causa de algum inconveniente, consegue ficar às mil maravilhas noutro. Vossa Paternidade saberá bem achar o nicho conveniente para este religioso. Há também precisamente a outra circunstância, de que possa ter caído nas suspeitas de quem... poderia desejar que ele fosse removido; e colocando-o em qualquer sítio um pouco afastado, digamos uma viagem e dois serviços, tudo se resolve por si, ou melhor dizendo, não há prejuízo nenhum.

Esta conclusão, o padre provincial já a esperava desde o princípio da conversa. «Pois sim! – pensava para consigo. – Já vejo aonde queres chegar: é o costume; quando um pobre frade se vos torna aborrecido, ou a um de vós, ou vos faz sombra, logo, sem procurar saber se tem razão ou não, o superior tem de lho tirar do caminho.»

E quando o conde terminou, bufando longamente, o que equivalia a um ponto final, disse o provincial:

– Entendo o que o senhor conde quer dizer; mas antes de dar um passo...

– É um passo e não é um passo, padre reverendíssimo: é uma coisa natural, uma coisa comum; e se não se tomar esta providência, e já, prevejo uma data de desordens, uma íliada de desgraças. Um despropósito... o meu sobrinho, eu não acreditaria... por isso aqui estou eu... mas ao ponto a que a coisa chegou, se não a truncarmos sem perda de tempo, com um golpe decidido, deixa de ser

possível contê-la, e mantê-la secreta... e então já não é só o meu sobrinho... estamos a mexer num vespeiro, padre reverendíssimo. Está a ver, somos uma família, temos alianças...

– Conspícuas.

– Compreende: tudo gente que tem sangue nas veias, e que neste mundo é alguma coisa. Entra em causa o pundonor; torna-se um problema comum; e então... até quem é amigo da paz... seria um verdadeiro desgosto para mim, dever... encontrar-me... eu que sempre tive tanta propensão pelos Padres Capuchinhos!... Os seus padres, para fazer o bem, como fazem com tanta edificação do público, têm necessidade de paz, de não terem contendas, de estarem em boa harmonia com quem... E depois, têm parentes no século... e estas questões de pundonor, por pouco que se prolonguem, estendem-se, ramificam-se, e acabam por envolver meio mundo. Eu vejo-me neste espinhoso cargo, que me obriga a manter um certo decoro... Sua Excelência... os senhores meus colegas... tudo se torna questão da corporação... tanto mais com aquela outra circunstância... sabe como são estas coisas.

– Na verdade – disse o padre provincial –, o padre Cristoforo é pregador; e eu já tinha qualquer ideia... pedem-me precisamente... mas neste momento, em tais circunstâncias, poderia parecer uma punição; e uma punição antes de ter apurado tudo...

– Não, uma punição não; uma providência prudente, uma medida de comum conveniência, para impedir os sinistros que poderiam... fiz-me entender?

– Entre o senhor conde e eu, a coisa fica nestes termos; entendo. Mas sendo os factos como foram contados a Vossa Magnificência, parece-se impossível que lá na terra não tenha transpirado nada. Em toda a parte há instigadores, intrigantes, ou pelo menos curiosos malignos que, se podem ver em aflição fidalgos e religiosos, sentem com isso um prazer louco; e farejam, interpretam, mexericam... todos nós temos o nosso decoro a conservar; e eu, como superior (indigno), tenho um dever expresso... a honra do hábito... não é coisa minha... é um depósito do qual... O senhor seu sobrinho, já que está tão alterado, como diz Vossa Magnificência, podia tomar a coisa como uma satisfação que lhe é dada, e... não digo gabar-se de um triunfo, mas...

– Assim lhe parece, padre reverendíssimo? O meu sobrinho é um cavalheiro que no mundo é considerado... de acordo com o seu grau e o dever: mas para mim é um rapaz; e não fará nem mais nem menos do que eu lhe prescrever. E digo mais: o meu sobrinho não saberá de nada. Que necessidade temos nós de prestar contas? São coisas que fazemos entre nós, como bons amigos; e entre nós tem de permanecer. Não se preocupe com isso. Eu tenho de estar habituado a não falar – e bufou. – Quanto aos mexeriqueiros – continuou –, o que quer que digam? Um religioso que vai pregar noutra terra é coisa tão vulgar! E depois, nós que vemos... nós que prevemos... nós a quem compete... não podemos preocupar-nos com o que dizem.

– Contudo, para os prevenir, convinha que nesta ocasião o senhor seu sobrinho fizesse qualquer demonstração, desse qualquer sinal evidente de amizade, de respeito... não por nós, mas pelo hábito...

– Claro, claro; isso é justo... mas não é preciso: eu sei que os Capuchinhos são sempre recebidos como deve ser pelo meu sobrinho. Fá-lo por inclinação: é um hábito de família: e depois sabe que está a fazer uma coisa que me é grata. De resto, neste caso... qualquer coisa extraordinária... é muito justo. Deixe o assunto comigo, padre reverendíssimo, que eu direi ao meu sobrinho... isto é, será preciso insinuar-lhe com prudência, para que ele não perceba o que se passou entre nós. Porque eu não queria que porventura puséssemos um emplastro onde não há ferida, e pelo que acabamos de combinar, quanto mais cedo for, melhor é. E se se achasse algum nicho um pouco distante... para evitar mesmo todas as ocasiões...

– Pedem-me precisamente um pregador para Rimini; e talvez até sem outro motivo, eu poderia pôr os olhos...

– Muito a propósito, muito a propósito. E quando?...

– Já que a coisa é para fazer, que se faça depressa.

– Depressa, depressa, padre reverendíssimo: antes hoje que amanhã. – E continuou, pondo-se de pé: – Se eu puder fazer qualquer coisa, tanto eu como a minha família, pelos nossos bons Padres Capuchinhos...

– Conhecemos por experiência própria a bondade da sua famí-

lia – disse o padre provincial, levantando-se também e dirigindo-se para a saída, atrás do seu vencedor.

– Apagamos uma faísca – disse este, parando. – Uma faísca, padre reverendíssimo, que podia atear um grande incêndio. Entre bons amigos, com duas palavras resolvem-se grandes coisas.

Ao chegar à porta, abriu-a de par em par, e quis absolutamente que o padre provincial fosse à frente: entraram na outra sala, e foram juntar-se ao resto da companhia.

Um grande estudo, uma grande arte, grandes palavras, punha aquele senhor ao tratar qualquer assunto: mas depois produzia também efeitos correspondentes. De facto, com a conversa que relatámos, conseguiu mandar frei Cristoforo, a pé, de Pescarenico a Rimini, que é um belo passeio.

Uma tarde, chega a Pescarenico um capuchinho de Milão, com uma encomenda para o padre guardião. Traz lá dentro a obediência para frei Cristoforo se dirigir a Rimini, onde pregará na Quaresma. A missiva ao guardião tem a instrução de insinuar ao dito frade que deponha todo o pensamento de assuntos que pudesse ter começado na terra donde deve partir, e que aí não mantenha correspondências: o frade portador deve ser o seu companheiro de viagem. O guardião nessa noite não diz nada; de manhã, manda chamar frei Cristoforo, mostra-lhe a obediência, diz-lhe que vá buscar a sacola, o bordão, o sudário e o cinto, e com aquele padre companheiro, que lhe apresenta, se ponha imediatamente em viagem.

Se foi um golpe para o nosso frade, deixo-o pensar aos leitores. Vieram-lhe logo à mente Renzo, Lucia e Agnese; e exclamou, por assim dizer, dentro de si: «Oh, meu Deus! O que farão esses infelizes quando eu já cá não estiver!» Mas ergueu os olhos ao céu, e acusou-se de falta de confiança, de se ter julgado necessário a qualquer coisa. Pôs as mãos em cruz sobre o peito, em sinal de obediência, e inclinou a cabeça perante o padre guardião; o qual o chamou depois à parte e lhe deu aquele outro aviso, com palavras de conselho e significação de preceito. Frei Cristoforo foi à sua cela, pegou na sacola, guardou lá dentro o breviário, o seu quaresmal e o pão do perdão, apertou a túnica com o seu cinto de couro, despediu-se dos seus confrades que se encontravam no convento, e

foi por fim receber a bênção do guardião, e com o companheiro fez-se à estrada que lhe tinha sido prescrita.

Já dissemos que Dom Rodrigo, mais obstinado que nunca em levar a cabo a sua bela empresa, tinha resolvido procurar o socorro de um homem terrível. Deste não podemos dar nem o nome, nem o apelido, nem um título, e nem sequer uma conjectura sobre nada disto: coisa tanto mais estranha, pois de tal personagem encontramos memória em mais de um livro (livros impressos, quero dizer) daquele tempo. Que a personagem seja aquela mesma, a identidade dos factos não deixa lugar a dúvidas; mas por toda a parte um grande esforço para evitar o seu nome, quase como se devesse queimar a pena e a mão do escritor. Francesco Rivola, na vida do cardeal Federigo Borromeo, ao ter de falar desse homem, chama-lhe «um senhor tão poderoso pelas riquezas, quanto nobre por nascimento», e por aí se detém. Giuseppe Ripamonti, que, no quinto livro da quinta década da sua *História Pátria*, faz mais extensa menção, chama-lhe um, este, aquele, este homem, aquela personagem. Diz ele no seu belo latim, que traduzimos como podemos: «Relatarei o caso de um tal que, sendo dos primeiros entre os grandes da cidade, estabeleceu a sua morada num campo situado na fronteira; e ali, mantendo-se à força de delitos, não fazia caso algum dos julgamentos, dos juizes, de toda a

magistratura, da soberania; levava uma vida realmente independente; recetador de foragidos, ele próprio também outrora foragido, e depois regressado, como se não fosse nada com ele...» Deste escritor iremos buscar qualquer outra passagem que venha a propósito para confirmar e elucidar a narrativa do nosso anónimo; e dito isto, prossigamos.

Fazer o que era proibido pelas leis, ou impedido por uma força qualquer, ser árbitro, senhor nos assuntos alheios, sem outro interesse senão o gosto de mandar; ser temido por todos, ter na mão aqueles que costumavam ter os outros na sua; tais haviam sido em todo o tempo as paixões principais deste. Desde a adolescência, ao espetáculo e ao rumor de tantas prepotências, de tantos desafios, à vista de tantos tiranos, tinha um misto sentimento de indignação e de inveja impaciente. Jovem e vivendo na cidade, não desperdiçava ocasião, aliás ia procurá-la, de ter conflitos com os mais famosos daquela profissão, de os contrariar, para se medir com eles, e metê-los na ordem, ou atraí-los a procurar a sua amizade. Superior em riquezas e em séquito à maior parte deles, e talvez a todos em ousadia e constância, forçou muitos a retirarem-se de qualquer rivalidade, a muitos tratou mal, e de muitos teve a amizade, não já a amizade entre iguais, mas, só como podiam agradar-lhe, amigos subordinados, que se reconhecessem seus inferiores, que se colocassem à sua esquerda. De facto porém, ele vinha também a ser o agente, o instrumento de todos eles: estes não deixavam de invocar nas suas empresas a ajuda de tamanho auxiliar; para ele, esquivar-se seria decair na sua reputação, faltar ao seu compromisso. De maneira que, por conta sua ou alheia, tantas fez que, não bastando nem o nome, nem a família, nem os amigos, nem a sua audácia para o defender contra os éditos públicos, e contra tantas animosidades poderosas, teve de ceder e sair do Estado. Creio que é a esta circunstância que se refere um trecho notável contado por Ripamonti: «Uma vez em que este homem teve de abandonar o país, o segredo de que usou, o respeito e a timidez foram estes: atravessou a cidade a cavalo com um séquito de cães, ao som de trombetas; e passando diante do palácio da corte, deixou à guarda uma mensagem toda de impertinências para o governador.»

Durante a sua ausência, não suspendeu as práticas, nem des-

curou a correspondência com aqueles seus tais amigos que ficaram unidos a ele, para traduzir literalmente Ripamonti, «em liga oculta de conselhos atrozes, e de coisas funestas.» Aliás, parece que então contraiu com pessoas mais elevadas certas novas práticas terríveis, das quais o supracitado historiador fala com uma brevidade misteriosa. «Até alguns príncipes estrangeiros – diz – se valeram várias vezes da sua obra para algum homicídio importante, e com frequência tiveram de lhe mandar de longe reforços de gente que servisse sob as suas ordens.»

Finalmente (não se sabe a o fim de quanto tempo), ou por ter sido revogado o édito por qualquer intercessão poderosa, ou por a audácia daquele homem lhe dar imunidade, decidiu voltar para casa, e de facto voltou; contudo, não em Milão, mas num castelo que confinava com o território bergamasco, que era então, como todos sabem, estado veneziano. «Aquela casa – cito ainda Ripamonti – era como uma fábrica de mandados sanguinários: servos cuja cabeça estava em risco e que tinham por ofício cortar cabeças: nem cozinheiro nem o seu ajudante estavam dispensados do homicídio: estavam ensanguentadas as mãos das próprias crian-

ças.» Além desta bela família doméstica, e como afirma o mesmo historiador, tinha outra de sujeitos semelhantes, dispersos e colocados como em quartel em vários lugares dos dois estados em cujas pontas vivia, e sempre prontos a cumprir as suas ordens.

Todos os tiranos, por um longo trecho de terra em volta, tiveram, uns numa ocasião e outros noutra, de escolher entre a amizade e a inimizade daquele tirano extraordinário. Mas aos primeiros que quiseram tentar resistir-lhe, tinha-lhes corrido tão mal as coisas, que já nenhum se sentia capaz de se submeter a essa prova. E nem mesmo o meter-se na sua vida e o não se meter na dos outros, não se podia ficar independente dele. Aparecia um mensageiro seu a intimá-los que abandonassem tal empresa, que deixassem de molestar o devedor tal, ou coisas deste género: era preciso responder sim ou não. Quando uma parte, com uma homenagem vassalesca, ia entregar-lhe um negócio qualquer, a outra parte via-se perante essa dura opção, ou aceitar a sua sentença, ou declarar-se seu inimigo; o que equivalia a ser, como se dizia outrora, tísico em terceiro grau. Muitos, não tendo razão, a ele recorriam para terem efetiva razão; muitos também, tendo razão, para se anteciparem na obtenção de tamanho patrocínio fechando a porta ao adversário: uns e outros tornavam-se mais especialmente seus dependentes. Aconteceu algumas vezes que um fraco oprimido, e vexado por um prepotente, se dirigiu a ele; e ele, tomando o partido do fraco, forçou o prepotente a desistir, a reparar o mal feito, a pedir desculpa; ou quando ele resistia, movia-lhe tal guerra que o obrigava a abandonar os lugares que tinha tiranizado, ou o fez até pagar com mais pronto e mais terrível castigo. E nesses casos, aquele nome tão temido e abominado tinha sido abençoado por um momento: porque, não direi aquela justiça, mas aquele remédio, aquela compensação qualquer, naqueles tempos não se podia esperá-la de nenhuma outra força, nem privada nem pública. Mais frequentemente, aliás: normalmente a sua força tinha sido e era instrumento de vontades iníquas, de satisfações atrozes, de caprichos soberbos. Mas os usos tão diferentes daquela força produziam sempre o mesmo efeito, o de imprimir nos ânimos uma grande ideia do que ele poderia querer e executar, a despeito da equidade e iniquidade, essas duas coisas que levantam obstáculos à

vontade dos homens, e os fazem tantas vezes recuar. A fama dos tiranos vulgares estava maioritariamente restrita àquele pequeno pedaço de terra onde viviam os mais ricos e os mais fortes: cada distrito tinha os seus; e eram tão parecidos que não havia razão para que a gente se ocupasse com os que não tinha em cima. Mas a fama deste nosso já há muito tempo se havia difundido por toda a parte do território milanês; por tudo, a sua vida era um tema de contos populares; e o seu nome significava algo de irresistível, de estranho e de fabuloso. A suspeita de que em toda a parte tinha as suas ligações e os seus sicários contribuía para manter viva em toda a gente a lembrança dele. Não passavam de suspeitas, visto que ninguém confessaria abertamente uma tal dependência; mas todos os tiranos poderiam ser suas ligações; cada malandrim, um dos seus; e a própria incerteza tornava mais ampla a opinião, e mais profundo o terror da coisa. E todas as vezes que em qualquer sítio se viam aparecer figuras de bravos desconhecidas, e mais feias do que de costume, a cada facto estranho de que não se soubesse às primeiras indicar ou adivinhar o autor, proferia-se, murmurava-se o nome desse a quem, graças a essa bendita, para não dizer outra coisa, circunspeção dos nossos autores, seremos forçados a chamar o *Inominado*.

Do grande castelo deste homem ao palacete de Dom Rodrigo não era mais de sete milhas: e este último, acabado de se tornar senhor e tirano, tivera de ver que, a tão pouca distância de tal personagem, não era possível fazer qualquer mester sem entrar em hostilidade, ou andar de acordo com ele. Por isso tinha-se-lhe oferecido, e tornara-se seu amigo, à maneira de todos os outros, bem entendido; tinha-lhe prestado mais de um serviço (o manuscrito não diz mais); e tinha trazido de todas as vezes promessas de intercâmbio e de ajuda, em toda e qualquer ocasião. Tinha porém o maior cuidado em ocultar uma amizade destas, ou pelo menos a não deixar entrever até que ponto era estreita, e de que natureza era. Dom Rodrigo queria ser tirano, sim, mas não um tirano selvagem: a profissão para ele era um meio, não um fim: queria morar livremente na cidade, gozar das comodidades, dos divertimentos, das honrarias da vida civil; e para isso precisava de usar certas atenções, de ter em conta os parentes, de cultivar a amizade

de pessoas de posições elevadas, de ter uma mão na balança da justiça para, quando necessário, a fazer tombar para o seu lado, ou para a fazer desaparecer, ou até para dar com ela, em certas ocasiões, na cabeça de alguém com quem, desse modo se pudesse servia mais facilmente do que com a violência privada. Ora a familiaridade, ou melhor dizendo, uma associação com um homem daquela espécie, inimigo aberto da força pública, não seria um bom trunfo, especialmente junto do conde tio. Mas aquele tanto de uma tal amizade que não era possível esconder podia passar por uma relação indispensável com um homem cuja inimizade era demasiado perigosa; e assim desculpar-se com a necessidade: quem tem o dever de providenciar, e não tem vontade, ou não acha maneira de o fazer, a longo prazo acaba por consentir que outros procedam por si, até certo ponto, nos seus próprios casos; e, se não consente expressamente, pelo menos vai fechando os olhos.

Uma manhã, Dom Rodrigo saiu a cavalo, em traje de caça, com uma pequena escolta de bravos a pé; o Griso, no estribo, e quatro outros, na cauda; e dirigiu-se para o castelo do *Inominado*.

CAPÍTULO XX

O CASTELO DO *INOMINADO* ESTAVA SITUADO ACIMA DE UM VALE estreito e sombrio, no alto de um morro que sobressai de uma áspera cadeia de montes, e é, não se sabe dizer bem, se a ela ligado ou separado por um montão de pedregulhos e de escarpas, e por um labirinto de cavernas e precipícios, que se prolongam também dos dois lados. O que fica virado para o vale é o único praticável; uma vertente bastante íngreme, mas igual e contínua; com pastos lá no alto; nas encostas, cobertas de campos, salpicados aqui e ali de casinhotos. O fundo é um leito de grandes seixos, por onde rola um ribeiro ou uma grande torrente, conforme a época do ano: naquela altura servia de fronteira aos dois Estados. Os cabeços opostos, que formam, por assim dizer, a outra parede do vale, também têm cultivado um pouco das encostas; o resto são lascas de pedra e rochedos, ladeiras íngremes, sem estrada e despidas de vegetação, salvo algumas moitas nas fendas e nos bordos.

Do alto do castelo, como a águia do seu ninho ensanguentado, o selvagem senhor dominava à sua volta todo o espaço onde pudesse pousar um pé de homem, e não via mais ninguém acima de

si, nem mais alto. Dando uma olhadela em torno, passava todo aquele recinto, as encostas, o fundo, as estradas abertas lá dentro. A que, em curvas e reviravoltas, subia até ao terrível domicílio, abria-se diante de quem olhasse de lá do alto, como uma serpentina: das janelas, das seteiras, podia o senhor contar à sua vontade os passos de quem vinha, e apontar-lhe as armas mil vezes. E até de uma grande companhia poderia ele, com aquela guarnição de bravos que mantinha lá em cima, estender uma boa quantidade deles na vereda, ou fazer rolar muitos para o fundo, antes que algum chegasse a tocar o cimo. De resto, nem lá em cima nem no vale, se atrevia a pôr o pé, nem sequer de passagem, alguém que não fosse bem visto pelo senhor do castelo. Assim o esbirro que se deixasse ver seria tratado como um espião inimigo que fosse apanhado num acampamento. Contavam-se as histórias trágicas dos últimos que tinham tentado a empresa; mas eram já histórias antigas, e nenhum dos jovens se lembrava de ter visto no vale alguém dessa raça, nem vivo, nem morto.

Tal é a descrição que o nosso anónimo faz do lugar: do nome, nada; aliás, para não nos pôr na pista de o descobrir, não diz nada da viagem de Dom Rodrigo, e leva-o mesmo até ao meio do vale, ao pé do monte, à embocadura do íngreme e tortuoso carreiro. Ali havia uma taberna, a que também se podia chamar um corpo de guarda. Numa velha tabuleta, que pendia por cima da porta, estava pintado dos dois lados um sol radioso; mas a voz do povo, que às vezes repete os nomes como lhe são ensinados, e, outras vezes, os refaz à sua maneira, só chamava àquela taberna pelo nome da *Má Noite*.

Ao som de um cavalo que se aproximava, apareceu à porta um rapazito armado como um mouro; e dando uma olhadela, entrou para informar três esbirros que estavam a jogar com umas cartas sujas e dobradas em forma de telhas. O que parecia o chefe levantou-se, assomou à porta e, reconhecendo um amigo do seu patrão, cumprimentou-o respeitosamente. Dom Rodrigo, depois de lhe devolver com muito garbo a saudação, perguntou se o senhor se encontrava no castelo; e tendo-lhe respondido aquele chefão que pensava que sim, ele apeou-se do cavalo, e entregou as rédeas ao Atiradireito, um dos do seu séquito. Tirou a espingarda e entre-

gou-a ao Montanharolo, como que a desfazer-se de um peso inútil, e subir mais ligeiro; mas, na realidade, porque sabia bem que naquela ladeira não era permitido andar com a espingarda. Depois, tirou do bolso algumas berlingas e deu-as ao Tanabuso, dizendo-lhe:

– Vocês fiquem à minha espera; e entretanto divirtam-se com esta boa gente.

Tirou a seguir alguns escudos de ouro e depô-los nas mãos do chefão, atribuindo metade a ele e a outra metade para dividir entre os seus homens. Finalmente, com o Griso, que também tinha largado a espingarda, começou a fazer a subida a pé. Entretanto, os três bravos citados, e o Desaparafusado, que era o quarto (oh! vejam que nomes tão bonitos, para serem guardados com muito cuidado), ficaram com os três do *Inominado*, e com aquele rapazito educado para a força, a jogar, a trincar e a contarem uns aos outros as suas proezas.

Outro bandido do *Inominado*, que subia, alcançou, daí a pouco, Dom Rodrigo; olhou para ele, reconheceu-o e acompanhou-o; e poupou-lhe assim o incômodo de dizer o seu nome, e de prestar mais contas de si a todos os que encontrasse e não o conhe-

cessem. Chegado ao castelo, e introduzido (deixando porém o Griso à porta), mandaram-no passar por uma série de corredores escuros e por várias salas adornadas de mosquetes, de sabres e alabardas, e em cada uma das quais havia de guarda um bravo; depois de ter esperado um pouco, foi admitido naquela em que se encontrava o *Inominado*.

Este veio ao seu encontro, retribuindo-lhe o cumprimento, e, ao mesmo tempo, olhando-lhe para as mãos e para a cara, como fazia por hábito, e agora quase involuntariamente, a quem quer que viesse ter com ele, por muito velho e provado amigo que fosse. Era ele grande, moreno, calvo; brancos os poucos cabelos que lhe restavam, e rugosa a face; à primeira vista, parecia mais idoso do que os sessenta anos que tinha; mas o porte, os gestos, a dureza acentuada dos seus traços fisionômicos, o relampejar sinistro mas vivo dos olhos, indicavam uma força de corpo e de ânimo que seria extraordinária mesmo num jovem.

Dom Rodrigo disse que vinha pedir conselho e ajuda; que, achando-se empenhado numa posição difícil da qual a sua honra não lhe permitia retirar-se, se lembrara das promessas daquele homem que nunca prometia de mais nem em vão; e pôs-se a explicar a sua maldita embrulhada. O *Inominado*, que já sabia qualquer coisa do assunto, ouviu com atenção, como que curioso de histórias semelhantes, e por ver envolvido nesta um nome que lhe era conhecido e odiosíssimo, o de frei Cristoforo, inimigo declarado dos tiranos, tanto em palavras como, quando pudesse, em ações. Dom Rodrigo, sabendo com quem falava, pôs-se então a exagerar as dificuldades da empresa; a distância do lugar, um mosteiro, a Senhora!... A isto, o *Inominado*, como se o comandasse um demônio oculto no seu coração, interrompeu-o subitamente, dizendo que tomava a seu cargo a empresa. Tomou nota do nome da nossa pobre Lucia, e despediu Dom Rodrigo, dizendo:

– Daqui a pouco tereis o meu aviso do que deveis fazer.

Se o leitor se lembra daquele desgraçado Egidio que habitava ao lado do mosteiro onde a pobre Lucia estava refugiada, saiba agora que este era um dos mais estreitos e íntimos colegas de perversidade que contava o *Inominado*: por isso, tão pronta e resolutamente deixara este escapar a sua palavra. Contudo, assim que

ficou sozinho, viu-se, não direi arrependido, mas aborrecido por lha ter dado. Já desde há algum tempo que começava a sentir, senão um remorso, pelo menos uma certa aversão pelos crimes. Estes, tão numerosos que lhe estavam amontoados, se não na consciência, pelo menos na memória, despertavam-se, a cada vez que ele cometia um novo, e apresentavam-se, no seu espírito, hediondos e excessivos: era como o crescer e crescer de um peso já incômodo. Uma certa repugnância sentida nos primeiros crimes, e depois vencida, e quase de facto desaparecida, tornava agora a fazer-se sentir. Mas naqueles primeiros tempos, a imagem de um longo e indeterminado futuro, a sensação de uma vitalidade vigorosa, enchiam-lhe a alma de uma confiança despreocupada: agora pelo contrário, eram os pensamentos do futuro os que tornavam mais tedioso o passado. «Envelhecer! Morrer! E depois?» E, coisa notável! A imagem da morte, que, num perigo próximo, perante um inimigo, costumava redobrar a coragem daquele homem, e infundir-lhe uma ira cheia de coragem, essa mesma imagem, aparecendo-lhe no silêncio da noite, na segurança do seu castelo, cobria-o de uma consternação repentina. Não era a morte ameaçada por um adversário também mortal; não se podia repeli-la com armas melhores, e com um braço mais pronto; vinha sozinha, nascia de dentro; talvez ainda estivesse longe, mas a cada momento dava passos; e enquanto a mente combatia dolorosa para daí afastar o seu pensamento, ela aproximava-se. Nos primeiros tempos, os exemplos tão frequentes, o espetáculo, por assim dizer, contínuo da violência, da vingança, do homicídio, inspirando-lhe uma emulação feroz tinham-lhe até servido de uma espécie de autoridade contra a consciência: agora, renascia-lhe de vez em quando na alma a ideia confusa, mas terrível, de um juízo individual, de uma razão independente do exemplo; agora, o ter saído da turba ordinária dos malvados, o estar à frente de todos, dava-lhe às vezes o sentimento de uma solidão tremenda. Aquele Deus de que ele tinha ouvido falar, mas que, desde há muito tempo, não se importava de negar nem de reconhecer, apenas ocupado em viver como se Ele não existisse, agora, em certos momentos de abatimento, sem motivo, de terror, sem perigo, parecia ouvi-lo gritar dentro de si: «Apesar de tudo, Eu existo.» Na primeira efervescência das pai-

xões, a lei que, pelo menos, sentira anunciar em nome dele, só lhe parecera odiosa: agora, quando de repente lhe vinha à mente esta, contra sua vontade, concebia-a como uma coisa que tem o seu cumprimento. No entanto, em vez de se abrir com alguém sobre esta sua nova inquietação, antes a encobria profundamente, e disfarçava-a com as aparências de uma ferocidade mais sombria; e por este meio procurava também escondê-la de si mesmo ou sufocá-la. Inveja (dado que não podia aniquilá-los nem esquecer-los) daqueles tempos em que costumava cometer iniquidades sem remorsos, sem outra preocupação que não fosse a de ser bem sucedido, fazia todos os esforços para os obrigar a retornar, para reter ou para recuperar aquela antiga vontade, pronta, soberba, imperiturbável, para se convencer a si próprio que ainda era o mesmo.

Por isso, nesta ocasião, tinha imediatamente empenhado a sua palavra a Dom Rodrigo, para cortar o caminho a qualquer hesitação. Mas assim que este partiu, sentindo faltar-lhe aquela firmeza que a si mesmo intimara para prometer, sentindo aos poucos afluírem-lhe à mente pensamentos que o tentavam a faltar àquela palavra, e o conduziram a fazer má figura perante um amigo, de um cúmplice secundário; para truncar de imediato aquela contradição penosa, chamou o Milhafre, um dos mais destros e ousados ministros das suas enormidades, e aquele de quem costumava servir-se para a correspondência com Egidio. E com ar resolutivo, mandou-o montar sem demora a cavalo, e ir direito a Monza, informar Egidio do compromisso contraído, e pedir a sua ajuda para o cumprir.

O celerado mensageiro tornou mais depressa do que o seu amo esperava, com a resposta de Egidio: que a proeza era fácil e segura; que lhe mandasse já uma carruagem com dois ou três bravos bem disfarçados; e ele se encarregaria de tudo o resto, e conduziria a coisa. A este anúncio, o *Inominado*, fosse qual fosse a sua disposição interior, deu ordens ao próprio Milhafre para que dispusesse tudo conforme dissera Egidio, e que, com mais dois que lhe indicou, tratasse da expedição.

Se para prestar o horrível serviço que lhe fora pedido, Egidio tivesse de contar só com os seus meios normais, certamente não teria feito com tanta rapidez uma promessa assim tão decidida. Mas, naquele mesmo abrigo onde parecia que tudo deveria ser

obstáculo, o atroz jovem tinha um meio que só ele conhecia; e o que para os outros seria a maior dificuldade, era um instrumento para ele. Já descrevemos como a desgraçada Senhora deu uma vez ouvidos às suas palavras; e o leitor pode ter entendido que essa vez não foi a última, não foi senão um primeiro passo num caminho de sangue e abominação. Aquela mesma voz que tinha adquirido força, e direi quase autoridade pelo crime, impôs-lhe agora o sacrifício da inocente que tinha sob sua custódia.

A proposta pareceu pavorosa a Gertrude. Perder Lucia por um acaso imprevisto, sem culpa, para ela seria uma desventura, uma punição amarga: e ordenavam-lhe que se privasse dela com uma celerada perfídia, que transformasse num novo remorso um meio de expiação. A desventurada tentou todos os caminhos para se eximir da horrível ordem; todos, menos o único que era seguro, e que estava sempre aberto à sua frente. O crime é um senhor rígido e inflexível, contra o qual apenas se torna forte quem se rebelar inteiramente contra ele. A isto não queria Gertrude resolver-se; e obedeceu.

Era o dia estabelecido; a hora marcada aproximava-se; Gertrude, retirada com Lucia no seu parlatório privado, fazia-lhe mais carícias do que de costume, e Lucia recebia-as retribuindo com uma ternura crescente: como a ovelha, tremendo sem temor sob a mão do pastor que a apalpa e a arrasta molemente, se volta para lambar aquela mão; e não sabe que, fora do redil, a espera o carneiro, a quem o pastor a vendeu há um momento.

– Preciso de um grande favor; e só vós podeis fazer-mo. Tenho tanta gente às minhas ordens; mas em quem possa confiar, ninguém. Para uma coisa de muita importância, que depois vos direi, preciso de falar imediatamente com aquele padre guardião dos Capuchinhos que vos trouxe aqui, minha pobre Lucia; mas também é necessário que ninguém saiba que o mandei chamar. Só vos tenho a vós para fazer secretamente este recado.

Lucia ficou aterrada com este pedido; e com aquela sua humildade, mas sem esconder um grande espanto, aduziu logo, para se desvincular, as razões que a Senhora devia entender, que deveria prever: sem a mãe, sem ninguém, por um caminho solitário, numa terra desconhecida... mas Gertrude, ensinada numa escola infer-

nal, mostrou também tamanho espanto e tamanho desgosto de encontrar tanta hesitação na pessoa de quem julgava poder contar, fingiu achar totalmente vãs aquelas desculpas! De dia claro, dois passos por um caminho que Lucia tinha feito poucos dias antes, e que, mesmo que nunca o tivesse visto não podia enganar-se... Tanto disse que a pobrezinha, comovida e ferida ao mesmo tempo, deixou escapar da boca para fora:

– Pois bem; o que tenho de fazer?

– Ide ao convento dos Capuchinhos, – e descreveu-lhe o caminho de novo. – Mandai chamar o padre guardião e dizei-lhe a sós que venha ter comigo, mas já; e que não diga a ninguém que fui eu que o mandei chamar.

– Mas o que direi à feitora, que nunca me viu sair, e me irá perguntar aonde vou?

– Tentai passar sem ser vista; e se não conseguirdes, dizei que ides à igreja tal, onde prometestes orar.

Nova dificuldade para a pobre jovem: dizer uma mentira; mas a Senhora mostrou-se de novo tão aflita com as recusas, fez-lhe parecer tão feio dar prioridade a um vão escrúpulo em vez do reconhecimento, que Lucia, mais desorientada do que convencida, e sobretudo mais comovida que nunca, respondeu:

– Muito bem; irei. Que Deus me ajude! – e saiu.

Quando Gertrude, que pela grade a seguia de olho fixo e turvo, a viu pôr o pé no umbral da porta, como que dominada por um sentimento irresistível, abriu a boca e disse:

– Escutai, Lucia!

Esta voltou-se, e tornou até à grade. Mas já outro pensamento, um pensamento habituado a predominar, vencera de novo na desventurada mente de Gertrude. Fazendo de conta que não estava satisfeita com as instruções já dadas, explicou de novo a Lucia o caminho que devia fazer, e despediu-a dizendo:

– Fazei tudo como vos disse, e tornai depressa. – Lucia partiu.

Passou inobservada a porta do claustro, chegou à rua de olhos baixos, rasando a parede; com as indicações recebidas e com as suas próprias lembranças, deu com a porta do burgo, saiu indo toda encolhida e um pouco trémula pela rua principal e chegou em poucos momentos à que dava para o convento; e reconheceu-a. Aquela rua era e é afundada, ao modo de um leito de rio, entre duas altas margens orladas de silvados, que lhe formam por cima uma espécie de abóbada. Lucia, ao entrar, e vendo-a de facto solitária, sentiu crescer o medo e alongava o passo; mas pouco depois acalmou-se um pouco ao ver uma carruagem de viagem parada, e a seu lado, diante da portinhola aberta, dois viajantes que olhavam para um lado e para o outro, como que incertos do caminho a seguir. Ao avançar ouviu um daqueles dois dizendo:

– Cá está uma boa jovem que nos vai ensinar o caminho.

Com efeito ao chegar junto da carruagem, aquele mesmo, com modos mais gentis do que o seu aspeto, voltou-se e disse:

– Esta boa jovem, saberíeis dizer-me a estrada de Monza?

– Indo por aí, vão ao contrário – respondeu a pobrezinha. – Monza é para aqui... – e ia voltar-se para apontar com o dedo quando o outro companheiro (era o Milhafre) a agarrou de repente pela cintura e levantou do chão. Lucia virou a cabeça para trás aterrada, e lançou um grito; o malandrim meteu-a à força na carruagem: um que estava sentado à frente, agarrou-a e pô-la sentada à sua frente, por mais que ela tentasse soltar-se e gritar; um outro, metendo-lhe um lenço na boca prendeu-lhe o grito na garganta. Entretanto, o Milhafre, a correr, entrou também na carruagem; a portinhola fechou-se, e a carruagem moveu-se a galope. O outro

que lhe tinha feito aquela pergunta traiçoeira, ficando na rua, olhou para cá e para lá para ver se acorreria alguém aos gritos de Lucia: não havia ninguém; saltou para uma das margens, agarrando-se a uma árvore no meio dos silvados, e desapareceu. Este era um esbirro de Egidio; tinha estado de guarda à porta do seu patrão para ver quando Lucia sairia do mosteiro; observara-a bem, para poder reconhecê-la; e viera a correr por um atalho, para a esperar no sítio combinado.

Quem poderá agora descrever o terror e a angústia dela, e exprimir o que passava pela sua mente? Esbugalhava os olhos apavorados, pela ansiedade de conhecer a sua horrível situação e fechava-os logo, pelo horror daquelas caras medonhas; retorcia-se, mas era manietada por todos os lados; concentrava todas as suas forças e dava impulsos para se atirar à portinhola; mas dois braços nodosos logo a retinham como que pregada ao fundo da carruagem; quatro outras manámulas a fincavam ali. De cada vez que abria a boca para lançar um grito, o lenço vinha sufocar-lho na garganta. Entretanto, três bocas infernais, com a voz mais humana que conseguiam forjar, iam repetindo:

– Calada, esteja calada, não tenha medo. Nós não queremos fazer-lhe mal nenhum.

Após alguns momentos de uma luta tão angustiante, pareceu aquietar-se; deixou cair os braços, e a cabeça para trás, ergueu a custo as pálpebras, mantendo os olhos imóveis; e aquelas horrendas carantonhas que estavam à sua frente pareceram-lhe confundir-se e ondular todas juntas num amontoado monstruoso; desvaneceu-se a cor da cara, e um suor frio cobriu-lho; abandonou-se e desmaiou.

– Vá, vá, coragem – disse o Milhafre. – Coragem, coragem – repetiram os outros dois bandidos; mas a perda de todos os sentidos naquele momento preservava Lucia de ouvir os confortos daquelas vozes horríveis.

– Diabos! Parece morta – disse um deles. – E se estivesse mesmo morta?

– Oh! Morta!... – disse o outro. – É um daqueles desmaios que costumam dar às mulheres. Isto, sei-o porque quando quis mandar alguém para o outro mundo, homem ou mulher que fosse, não era preciso mais nada.

– Basta! – disse o Milhafre. – Tenham cuidado enquanto fazem o vosso dever, e não arranjem coisa pior. Tirem da gaveta os vossos arcabuzes e tenham-nos prontos; que neste bosque onde vamos entrar há sempre bichos aninhados. Mas não assim na mão, diabos! Ponham-nos a tiracolo atrás das costas: não veem que esta é um pin-tainho molhado que desmaia por uma coisa de nada? Se vê armas, ainda é capaz de morrer de verdade. E quando voltar a si vejam lá se não lhe metem medo; não lhe toquem enquanto eu não fizer sinal; para a segurar basto eu. E calados: deixem-me ser eu a falar.

Entretanto a carruagem, sempre em corrida, embrenhou-se na mata.

Passado algum tempo, a pobre Lucia começou a recuperar como se viesse de um sono profundo e agitado, e abriu os olhos. Custou-lhe um pouco distinguir os assustadores objetos que a rodeavam; bem como concentrar-se nos seus pensamentos; por fim, percebeu de novo a terrível situação em que se achava. O primeiro uso que fez das poucas forças recuperadas foi o de voltar a lançar-se na direção da portinhola, com o objetivo de se atirar para fora. Mas foi retida, e não conseguiu mais do que ver, por um

momento, a selvagem solidão do lugar por onde passava. Soltou novamente um grito; mas, levantando a brutal mão com o lenço, disse-lhe o Milhafre o mais docemente que pôde:

– Vamos lá, fique calada, será melhor para si: nós não lhe queremos fazer mal, mas, se não se calar, fazemo-la nós calar-se.

– Deixem-me ir! Quem sois vós? Para onde me levam? Porque é que me prenderam? Deixem-me ir, deixem-me ir!

– Já lhe disse que não tenha medo; você não é nenhuma criança, e tem de compreender que nós não lhe queremos fazer mal. Não vê que poderíamos matá-la um cento de vezes se tivéssemos más intenções? Portanto, deixe-se ficar quieta.

– Não, não, deixem-me seguir o meu caminho: eu não os conheço!

– Mas conhecemo-la nós.

– Oh, Virgem Santíssima! Conhecem-me como? Deixem-me ir em paz, por favor. Quem são vocês? Porque é que me prenderam?

– Porque nos mandaram.

– Quem? Quem? Quem poderá tê-los mandado?

– Calada! – disse com má cara o Milhafre. – A nós, não se nos fazem perguntas dessas.

Lucia tentou outra vez lançar-se de surpresa para a portinhola; mas vendo que era inútil, recorreu de novo à oração; e de cabeça baixa, com as faces regadas de lágrimas, com a voz cortada pelo choro, de mãos postas diante dos lábios, dizia:

– Oh! Por amor de Deus e da Virgem Santíssima, deixem-me ir em paz! Que mal é que lhes fiz eu? Sou uma pobre criatura que não lhes fez nada. O que me fizeram vocês, perdoo-lhes eu; e rezei a Deus por vocês. Se também têm uma filha, uma mulher, uma mãe, pensem quanto sofreriam se elas estivessem neste estado. Lembrem-se que temos de morrer todos e que um dia haverão de desejar que Deus use de misericórdia convosco. Deixem-me ir, deixem-me aqui: o Senhor far-me-á encontrar o meu caminho.

– Não podemos.

– Não podem? Oh, Senhor! Não podem, porquê? Aonde querem levar-me? E porquê?...

– Não podemos; é inútil; não tenha medo, que não lhe queremos fazer mal! Fique quieta e ninguém lhe tocará.

Aflita, amargurada, cada vez mais aterrada ao ver que as suas palavras não tinham qualquer efeito, Lucia dirigiu-se àquele que tem na mão o coração dos homens, e pode, quando quiser, enternecer os mais duros. Encolheu-se o mais que pôde, e rezou algum tempo com a mente, e depois pegando no rosário, começou a rezar o terço, com mais fé e mais afeto do que tinha feito alguma vez na sua vida. De vez em quando, na esperança de ter alcançado a misericórdia que implorava, voltava a implorar àqueles homens; mas sempre inutilmente. Depois reanimava-se para reviver novas angústias. Contudo, agora já o nosso coração aguenta descrevê-lo mais longamente: uma piedade demasiado dolorosa apressa-nos a chegar ao fim dessa viagem, que durou mais de quatro horas; após as quais teremos mais outras horas angustiantes para passar. Transportemo-nos para o castelo onde aquela infeliz era aguardada.

Era aguardada pelo *Inominado*, com uma inquietação, com uma suspensão de ânimo insólita. Coisa estranha! Aquele homem, que dispusera a sangue-frio de tantas vidas, que em tantos dos seus atos não tinha contado para nada com as dores que causava, senão algumas vezes, para nelas saborear uma selvagem volúpia de vingança, agora, ao ter nas mãos esta desconhecida, esta pobre camponesa, sentia como que repugnância, direi quase um terror. Por uma alta janela do seu castelo, fitava há algum tempo uma desembocadura do vale; e eis que aparece a carruagem, que avança lentamente; porque aquela primeira corrida gastara o fôlego e domara as forças dos cavalos. E embora do ponto onde estava a observar não parecesse mais do que uma daquelas carrocinhas que se dão às crianças como brinquedo, reconheceu-a logo, e ouviu-se o coração bater-lhe com mais força.

«Virá?», pensou logo; e continuou para consigo: «Que aborrecimento me dá esta criatura! Livremo-nos dela.» E apeteceu-lhe chamar um dos seus esbirros, e mandá-lo já ao encontro da carruagem, ordenando ao Milhafre que voltasse e a conduzisse ao palácio de Dom Rodrigo. Mas um «não» imperioso, que ressoou na sua mente, fez desvanecer-se aquele desígnio. Atormentado, porém, pela necessidade de dar alguma ordem, tornando-se-lhe intolerável estar ociosamente à espera daquela carruagem que avan-

çava a passo, como uma traição, sei lá!, como um castigo, mandou chamar uma sua velha criada.

Esta havia nascido naquele mesmo castelo, de um antigo guarda, e ali passara toda a sua vida. O que tinha visto e ouvido desde os cueiros gravara-lhe na mente um conceito magnífico e terrível do poder dos seus patrões; e a máxima principal que deduzira das instruções e dos exemplos que ali recebera, era que se tinha de lhes obedecer em tudo, porque eles podiam fazer grande mal e grande bem. A ideia do dever, deposta como um germe no coração de todos os homens, ao desenvolver-se no seu, juntamente com os sentimentos de um respeito, de um terror, de uma cupidez servil, tinha-se associado e adaptado àqueles. Quando o *Inominado*, ao tornar-se o patrão, começou a fazer sentir aquele uso assustador da sua força, esta sentiu ao princípio uma certa repugnância juntamente com um sentimento mais profundo de submissão. Com o tempo, tinha-se habituado ao que tinha todo o dia diante dos olhos e nos ouvidos: a vontade poderosa e desenfreada de tão grande senhor era para ela como que uma espécie de justiça fatal. Rapariga já feita, desposara um servidor da casa, o qual, pouco depois, tendo participado numa expedição arriscada, deixou a pele numa estrada, e a ela viuva no castelo. A imediata vingança do senhor deu-lhe um consolo feroz, e cresceu-lhe o orgulho de se encontrar sob tal proteção. A partir de então, só muito raramente pôs o pé fora do castelo; e, pouco a pouco, não lhe restou do viver humano outra ideia salvo as que recebia naquele lugar. Não tinha nenhum serviço em particular, mas no meio daquela corja de esbirros, ora um ora outro lhe davam qualquer coisa de fazer; que era o seu tormento. Ora tinha velhas roupas a remendar, ora devia preparar à pressa qualquer coisa para comer a quem tornava duma expedição, ora feridos a tratar. Depois as ordens deles, as censuras ou agradecimentos eram temperadas de troças e de impropérios: velha, era o seu apelativo habitual; os acrescentos que alguns lhe somavam sempre variavam conforme as circunstâncias e o temperamento do sujeito. E ela, perturbada na sua preguiça e provocada na cólera, que eram duas das suas paixões predominantes, às vezes, retribuía esses cumprimentos com palavras em

que Satanás teria reconhecido maior soma do seu talento do que nas dos provocadores.

– Estás a ver lá em baixo aquela carruagem? – perguntou-lhe o senhor.

– Vejo – respondeu a velha, apontando para a frente o queixo afilado e aguçando os olhos encovados, como se procurasse empurrá-los para dentro das órbitas.

– Manda preparar já uma liteira, mete-te lá e manda que te levem à *Má Noite*. Mas já; que chegues antes daquela carruagem: que vem avançando com o passo da morte. Lá dentro está... deve estar uma jovem. Se estiver, diz ao Milhafre, em meu nome, que a meta na liteira e venha já ter comigo. Tu ficarás na liteira com essa... jovem; e, quando estiverem cá em cima, vais levá-la para o teu quarto. Se te perguntar para onde a levas, de quem é o castelo, tem cuidado para não...

– Oh! – disse a velha.

– Mas fá-la ganhar coragem – continuou o *Inominado*.

– O que devo dizer-lhe?

– O que deves dizer? Fá-la ganhar coragem, já te disse. Tu chegaste a essa idade sem saberes como se dá coragem a uma criatura,

sempre que se quiser? Nunca sentiste uma angústia no coração? Nunca tiveste medo? Não sabes que palavras dão prazer nesses momentos? Diz-lhe palavras dessas: descobre-as, com os diabos! Vai lá.

E saída a mulher, ficou algum tempo à janela com os olhos fixos naquela carruagem, que já parecia muito maior; depois, ergueu-os para o sol, que naquele momento se ocultava por trás da montanha; a seguir, olhou para as nuvens esparsas no alto, que de pardas se tornaram, quase de repente, cor de fogo. Retirou-se, fechou a janela e pôs-se a caminhar pelo quarto para a frente e para trás, com um passo de viajante apressado.

CAPÍTULO XXI

AVELHA CORREU A OBEDECER E A MANDAR COM A AUTORIDADE daquele nome que, por quem quer que fosse pronunciado naquele lugar, os fazia despachar a todos: porque a ninguém passava pela cabeça que houvesse pessoa tão ousada ao ponto de poder servir-se dele falsamente. De facto, encontrava-se na *Má Noite* um pouco antes de chegar a carruagem; e ao vê-la, saiu da liteira, fez sinal ao condutor que parasse, aproximou-se da portinhola; e ao Milhafre, que pôs a cabeça de fora, transmitiu em voz baixa as ordens do seu amo.

Quando a carruagem parou, Lucia deu um estremeção, e voltou a si de uma espécie de letargo. O Milhafre retirou-se para trás; e a velha, com o queixo na portinhola, olhando para Lucia, disse:

– Vinde, minha menina, vinde, pobrezinha; vinde comigo, que tenho ordens para vos tratar bem e vos animar.

Ao som da voz de uma mulher, a pobrezinha sentiu um conforto, uma coragem momentânea; mas logo tornou a cair num pavor ainda mais sombrio.

– Quem sois vós? – disse Lucia com voz trémula, fixando o olhar atônito na cara da velha.

– Vinde, vinde, pobrezinha – ia repetindo esta.

O Milhafre e os outros dois, deduzindo, pelas suas palavras e pela voz tão extraordinariamente suavizada, quais eram as intenções do amo, com boas maneiras tentavam persuadir a oprimida a obedecer. Ela porém continuava a olhar lá para fora; e apesar de o lugar selvagem e desconhecido, e a segurança dos seus guardas, não a deixarem conceber esperanças de socorro, no entanto, abriu a boca para gritar; mas vendo o Milhafre de olhos a ameaçá-la com o lenço, reteve o grito, tremeu, contorceu-se, foi agarrada e posta na liteira. Depois, nesta, entrou a velha; o Milhafre disse aos outros dois verdugos que seguissem atrás, e em passo expedito meteu-se à subida, para acudir às ordens do patrão.

– Quem sois vós? – perguntava com ansiedade Lucia à carantonha desconhecida e disforme: – Porque é que estou convosco? Onde estou eu? Para onde me levais?

– A quem vos quer fazer bem – responde a velha –, a um grande... Afortunados são aqueles a quem ele quer fazer bem. É bom para vós, é bom para vós. Não tenhais medo, ficai satisfeita,

que ele me encarregou de vos animar. Ides então dizer-lhe, não é verdade?, que eu vos dei ânimo?

– Quem sois vós? Porquê, o que quereis de mim? Eu não sou dele. Dizei-me onde estou; deixai-me partir; e dizei a esse tal que me soltem, que me levem a qualquer igreja. Oh! A vós que sois uma mulher, suplico-vos em nome da Virgem Maria! ...

Aquele suave e santo nome, já repetido com veneração nos primeiros anos, e depois nunca mais invocado por tanto tempo, nem talvez ouvido proferir, fazia na mente da infeliz que o ouvia naquele momento uma impressão confusa, estranha, lenta, como a lembrança da luz num ancião que tivesse cegado em criança.

Entretanto, o *Inominado*, de pé à porta do castelo, olhava para baixo; e via a liteira vir passo a passo, como antes a carruagem, e à frente, a uma distância que o fazia crescer a cada momento, subir a correr o Milhafre. Quando este chegou lá acima, o senhor fez-lhe sinal para que o seguisse; e foi com ele para uma sala do castelo.

– Então? – disse ele, ali se detendo.

– Tudo em perfeita ordem – respondeu, fazendo uma vénia, o Milhafre. – O aviso a tempo, o cocheiro pronto, os cavalos bons, nenhum encontro: mas...

– Mas o quê?

– Mas... para dizer a verdade, teria gostado mais que a ordem fosse de lhe dar uma chumbada nas costas, sem a ouvir falar nem ver-lhe a cara.

– O quê, o quê? O que queres dizer com isso?

– Quero dizer que todo aquele tempo, todo aquele tempo... me deu muita compaixão.

– Compaixão! O que sabes tu de compaixão? O que é ter compaixão?

– Nunca o percebi tão bem como desta vez: é uma história um pouco como o medo, a compaixão; se a gente a deixa tomar posse de si, nunca mais é homem.

– Vamos lá a saber o que foi que essa rapariga fez para te despertar compaixão.

– Ó ilustríssimo senhor! tanto tempo...! A chorar, a implorar, a

fazer certos olhos, e a ficar branca, branca que nem morta, e depois soluçar, e implorar de novo, e certas palavras...

«Não a quero aqui em casa», pensava entretanto o *Inominado*. «Fui uma besta a comprometer-me; mas prometi, está prometido. Quando estiver longe...» E levantando a cabeça em gesto de comando, disse ao Milhafre: – Agora põe de lado a compaixão: monta a cavalo, pega num companheiro, ou mesmo dois, se quiseres; e vai a correr a casa daquele Dom Rodrigo que tu sabes. Diz-lhe que mande... mas é já, agora mesmo, porque caso contrário...

Mas outro *não* mais imperioso do que o primeiro proibiu-o de acabar.

– Não – disse com voz resoluta, quase para exprimir a si mesmo o comando daquela voz secreta. – Não. Vai descansar; e amanhã de manhã... farás o que eu te disser!

«Esta rapariga deve ter um demónio qualquer pelo seu lado» – pensava ele depois, ao ficar sozinho, em pé, de braços cruzados sobre o peito, e com o olhar imóvel sobre uma parte do pavimento, onde o raio de luar, entrando por uma janela alta, desenhava no quadrado de luz pálida, cortada em xadrez pelas grossas grades, e recortada como que em mosaicos pelos pequenos compartimentos das vidraças. «Um demónio qualquer, ou... algum anjo que a protege... Compaixão, ao Milhafre!... Amanhã, de manhã... Logo de manhãzinha, vai ela daqui para fora; para o seu destino, e não se fala mais nisso!», prosseguia para consigo, com aquele ânimo com que se ordena a um rapaz indomável, sabendo que ele não irá obedecer: «E que não se pense mais nisso. Aquele animal do Dom Rodrigo não me venha moer a cabeça com agradecimentos; que... não quero ouvir mais falar desta. Eu servi-o porque... porque prometi; e prometi porque... é o meu destino. Mas tem de mo pagar bem, este serviço. Ora vejamos...»

E queria fazer a lista de tudo o que lhe pudesse pedir de escabroso, em compensação, e quase por punição; mas atravessaram-se-lhe de novo na mente essas palavras: Compaixão, ao Milhafre!

«O que pode ela ter feito?», continuava, arrastado por aquele pensamento. «Quero vê-la... Eh! não... Sim, quero vê-la.»

E passando de um compartimento para outro, chegou a uma

pequena escada, subiu-a tateando até chegar ao quarto da velha, e bateu à porta com um pontapé.

– Quem é?

– Abre.

Àquela voz, a velha deu três saltos; e logo se ouviu correr o ferrolho nos aros, e a porta abriu-se de par em par. O *Inominado*, da entrada, deu uma olhadela em volta: e, à luz de uma candeia que ardia em cima de uma mesinha, viu Lucia toda encolhida no chão, no canto mais afastado da porta.

– Quem te mandou atirá-la para ali como um saco de roupa suja, desgraçada? – disse à velha, com um cenho iracundo.

– Ela pôs-se onde lhe aprouve – respondeu esta humildemente.

– Eu fiz tudo para lhe dar coragem: ela também pode dizê-lo; mas não houve maneira.

– Levantai-vos – disse o *Inominado* a Lucia, aproximando-se dela. Mas Lucia, a quem o bater à porta, o abrir, o aparecer daquele homem, as suas palavras, tinham dado um novo pavor naquela alma já tão assustada, estava mais encolhida que nunca no seu cantinho, com o rosto oculto entre as mãos, e não se mexendo para além de tremer toda.

– Levantai-vos, que não vos quero fazer mal... e posso fazer-vos bem – repetiu o senhor... – Levantai-vos! – troou depois aquela voz, indignada por ter duas vezes ordenado em vão.

Como que revigorada pelo pavor, a infelicíssima pôs-se imediatamente de joelhos; e juntando as mãos como faria diante de uma imagem, ergueu os olhos para a face do *Inominado*, e baixando-os logo, disse:

– Aqui estou: matai-me.

– Já vos disse que não vos quero fazer mal – respondeu com voz abrandada o *Inominado*, fitando aquele rosto perturbado pela aflição e pelo terror.

– Coragem, coragem – disse a velha. – Se é ele que diz que não vos quer fazer mal...

– Então – replicou Lucia com uma voz em que, com o tremor do medo, se sentia uma certa sobranceira da indignação desesperada –, porque me faz sofrer as penas do inferno? O que lhe fiz eu?...

– Acaso vos maltrataram? Falai.

– Oh, maltratar! Prenderam-me à traição, pela força! Porquê? Porque me prenderam? Porque estou aqui? Onde estou? Sou uma pobre criatura; o que lhe fiz? Em nome de Deus...

– Deus, Deus... – interrompeu o *Inominado*. – Sempre Deus: os que não se podem defender por si, porque não têm força, têm sempre este Deus para chamar à liça, como se lhe tivessem falado. O que pretendeis com esta vossa palavra. Fazer-me... – e deixou a frase a meio.

– Oh senhor! Pretender! O que posso pretender eu, pobre de mim, senão que useis de misericórdia para comigo? Deus perdoa tantas coisas, por uma obra de misericórdia! Deixai-me ir em paz, por caridade, deixai-me ir embora! Não vale a pena a uma pessoa, que um dia tem de morrer, fazer sofrer tanto uma pobre criatura. Oh! Já que tendes tanto poder, dizei que me deixem partir! Trouxeram-me para aqui à força. Mandai-me com esta mulher a ***, onde está a minha mãe. Oh, Virgem Santíssima! A minha mãe! Minha mãe! Minha mãe, por caridade, minha mãe! Se calhar não é longe daqui... eu vi os meus montes! Porque me fazeis sofrer? Mandai que me levem a uma igreja. Rezarei por vós toda a minha vida. O que vos custa dizer uma palavra? Oh, estou a ver que vos moveis por compaixão: dizei uma palavra, dizei. Deus perdoa tantas coisas, por uma obra de misericórdia!

«Oh, porque não é filha de um desses cães que me baniram! – pensava o *Inominado* –, «de um desses cobardes que me queriam ver morto! Que agora gozaria destes gritos; e afinal...».

– Não esmagueis uma boa inspiração! – prosseguiu fervorosamente Lucia, reanimada por ver um certo ar de hesitação no rosto e no comportamento do seu tirano. – Se não me fizerdes esta caridade, far-ma-á o Senhor: far-me-á morrer, e para mim acabará tudo; mas para vós!... Talvez um dia também vós... mas não, não; rezarei eu sempre ao Senhor para que vos preserve de todos os males. O que vos custa dizer uma palavra? Se experimentásseis sofrer estas penas!...

– Vá, sossegai – interrompeu o *Inominado*, com uma doçura que espantou a velha. – Eu fiz-vos algum mal? Ameacei-vos?

– Oh, não! Vejo que tendes bom coração, e que sentis piedade desta pobre criatura. Se quisésseis, bem poderíeis fazer-me mais medo do que os outros todos, poderíeis matar-me; e afinal fizestes... aliviar-me um pouco o coração. Deus vos pagará. Completai a obra de misericórdia: libertai-me, libertai-me.

– Amanhã de manhã...

– Oh! Libertai-me agora, já...

– Amanhã de manhã tornamos a ver-nos, digo-vos. Vamos, até lá ficai sossegada. Descansai. Deveis precisar de comer. Trar-vos-ão já...

– Não, não; eu morro se alguém entrar aqui: eu morro. Levai-me à igreja... esses passos Deus lhos contará.

– Virá uma mulher trazer-vos comida – disse o *Inominado*; e ao dizê-lo, ele próprio ficou espantado por lhe ter vindo à mente um tal recuo e de que lhe tivesse nascido a necessidade de procurar um expediente para tranquilizar uma mulherzinha.

– E tu – prosseguiu imediatamente, virando-se para a velha –, encoraja-a a comer; põe-na a dormir nesta cama; e se ela quiser a tua companhia, muito bem; se não, também não te fará mal dormir uma noite no chão. Anima-a, digo-te eu; alegra-a. E que não fique com razões de queixa tuas!

Dito isto, dirigiu-se rapidamente para a porta. Lucia levantou-se e correu para o deter, e renovar o seu pedido, mas ele já desaparecera.

– Oh, pobre de mim! Fechai, fechai já. – E tendo ouvido mover

os batentes e correr o ferrolho, tornou a encolher-se no seu cantinho. – Oh, pobre de mim! – exclamou de novo soluçando. – A quem pedirei agora? Onde estou? Dizei-me vós, dizei-me por caridade, quem é aquele senhor, aquele que me falou?

– Quem é, hem? Quem é? Quereis que vos diga? Espera que eu já te digo. Lá porque vos protege, já estais aí cheia de soberba; e quereis ficar satisfeita vós, e à minha custa. Perguntai-lho a ele. Se eu também vos contentasse nisso, não me calhariam aquelas boas palavras que vós ouvistes. – «Eu sou velha, sou velha», continuou murmurando entre dentes. «Malditas sejam as novas que são bonitas tanto a chorar como a rir, e têm sempre razão.» Mas ouvindo Lucia soluçar, e tornando-lhe, ameaçadora, à mente a ordem do patrão, inclinou-se para a pobre encolhida no seu canto e, com a voz atenuada, prosseguiu: – Vá lá, eu não vos disse nada de mal: alegrai-vos. Não me pergunteis coisas das que não vos posso dizer; e quanto ao resto, ficai de bom ânimo. Oh, se soubésseis quanta gente ficaria contente de o ouvir falar como vos falou a vós! Alegrai-vos, que está a chegar a comida; e, pelo que percebo disto, pelo modo como ele lhe falou, deve ser coisa boa. E depois ireis para a cama, e... deixar-me-eis também um cantinho, espero – acrescentou, com uma voz, embora contra vontade, irritada.

– Não quero comer, não quero dormir. Deixe-me estar; não se aproxime; não saia daqui!

– Não, não – disse a velha, recuando e sentando-se numa cadeira velha, donde lançava à pobrezinha olhares de terror e de inveja ao mesmo tempo; e, depois, olhava para o seu ninho, roendo-se por talvez ser dele excluída por toda a noite, e resmungando contra o frio. Mas alegrava-se com o pensamento da ceia, e com a esperança de que houvesse também qualquer coisa para ela. Lucia não dava pelo frio, não sentia fome, e como que atordoada, pelos seus desgostos e pelos seus próprios terrores, tinha apenas uma sensação confusa, semelhante às imagens sonhadas num estado febril.

Voltou à realidade quando ouviu bater à porta; e levantando a face aterrorizada, gritou:

– Quem é? Quem é? Que não entre ninguém!

– Não é nada, não é nada: boas-novas – disse a velha. – É Marta que traz de comer.

– Feche, feche! – gritou Lucia.

– Ih! já vai, já vai – respondeu a velha; e tendo recebido um tabuleiro das mãos daquela Marta, mandou-a embora, fechou a porta e veio pousar o tabuleiro em cima de uma mesa no meio do quarto. Convidou depois várias vezes Lucia para que viesse fruir daqueles acepipes. Usava as palavras mais eficazes, no seu entender, para despertar o apetite à pobrezinha, irrompia em exclamações sobre o requinte dos pratos:

– Desses petiscos que, quando as pessoas como nós puderem chegar a prová-los, nos ficam na lembrança por muito tempo! Vinho do que o patrão bebe com os amigos... quando passa por aqui algum daqueles!... e querem ficar alegres! Hem! – Mas vendo que todos os encantos resultavam inúteis, disse: – Vós é que não quereis. Não ides dizer-lhe amanhã que eu não vos animei. Comerei eu; e ainda sobrá mais do que o bastante para vós, para quando ganhades juízo e quiserdes obedecer. – Dito isto, pôs-se a comer avidamente. Quando ficou saciada, levantou-se, foi até ao cantinho e, inclinando-se por cima de Lucia, convidou-a de novo a comer, para ir depois deitar-se na cama.

– Não, não, não quero nada – respondeu esta, com voz fraca e

como que ensonada. Depois, mais resoluta, acrescentou: – Está fechada a porta? Está bem fechada? – E depois de ter olhado o quarto todo em volta, levantou-se e, com as mãos à frente, com passo de quem tem alguma suspeita, dirigiu-se para aquele lado.

A velha correndo chegou antes dela, estendeu a mão para o ferrolho, abanou-o e disse:

– Ouvis? Vedes? Está bem fechada? Já estais satisfeita, agora?

– Oh!, satisfeita!... Satisfeita, eu, aqui! – disse Lucia, voltando novamente para o seu cantinho. – Mas o Senhor sabe que eu estou aqui.

– Vinde deitar-vos: o que quereis fazer aí, agachada que nem um cão? Já se viu alguém recusar todas as comodidades quando as pode ter?

– Não, não, deixai-me estar aqui.

– Sois vós que o quereis. Pronto, eu deixo-vos o lugar bom; eu fico na beira da cama, ficarei mal instalada por vossa causa. Se quiserdes vir deitar-vos, já sabeis o que deveis fazer. Lembrai-vos que vos pedi muitas vezes. – Assim falando, meteu-se debaixo dos cobertores vestida; e tudo emudeceu.

Lucia estava imóvel naquele cantinho, toda encolhida, de joelhos levantados, com as mãos apoiadas nos joelhos e o rosto oculto entre as mãos. Não era sono nem vigília, mas uma rápida sucessão, uma turva avalanche de pensamentos, de imaginações, de pavores. Agora mais presente a si mesma, e lembrando-se mais distintamente dos horrores vistos e sofridos naquele dia, aplicava-se dolorosamente às circunstâncias da obscura e formidável realidade em que se encontrava envolvida; agora, arrebatada para uma região ainda mais obscura, a mente debatia-se contra os fantasmas nascidos da incerteza e do terror. Esteve um bocado naquela angústia; afinal, mais cansada e abatida que nunca, estendeu os membros entorpecidos, deitou-se ou caiu deitada, e ficou algum tempo num estado mais semelhante a um sono verdadeiro. Mas de repente voltou a si, como que respondendo a uma chamada interior, e sentiu a necessidade de voltar completamente à realidade, de recuperar todo o seu pensamento, de saber onde estava, como e porquê. Prestou atenção a um som: era o ressonar lento e roufê-nho da velha; arregalou os olhos e viu um fraco clarão aparecer e

desaparecer alternadamente: era a mecha da candeia, que, quase a apagar-se, desferia uma luz trémula, e logo, por assim dizer, a retirava para trás, como é o vaivém da onda na praia; e aquela luz, fugindo dos objetos, antes que estes dela tivessem tomado relevo e cor diferente, à vista não representava senão uma sucessão de barafundas. Mas bem depressa as recentes impressões, reaparecendo na mente, a ajudaram a distinguir o que parecia ser de confuso sentido. A infeliz despertada reconheceu a sua prisão: todas as memórias do horrível dia passado, todos os terrores do futuro, assaltaram-na ao mesmo tempo: a própria calma de agora após tantas agitações, aquela espécie de repouso, aquele abandono em que fora deixada, causavam-lhe um novo pavor: e foi vencida por uma ânsia tão grande que desejou morrer. Mas, naquele momento, lembrou-se que ao menos sempre podia rezar, e, juntamente com esse pensamento, despontou-lhe no coração como que uma súbita esperança. Pegou de novo no seu rosário, e recomeçou a rezar o terço; e, à medida que a oração saía do seu lábio tremente, o coração sentia crescer uma confiança indeterminada. De repente, passou-lhe pela mente outro pensamento: que as suas orações seriam aceites e mais certamente cumpridas quando, na sua deso-

lação, fizesse também alguma oferta. Recordou-se do que tinha de mais caro, ou que de mais caro havia possuído; como naquele momento, a sua alma não podia sentir outro sentimento senão o pavor, nem conceber outro desejo que não fosse o da libertação, recordou-se, e imediatamente resolveu fazer disso um sacrifício. Levantou-se e pôs-se de joelhos, e mantendo juntas sobre o peito as mãos de que pendia o rosário, elevou o rosto e as pupilas ao céu, e disse: – Ó Virgem Santíssima! Vós, a quem me encomendei tantas vezes, e que tantas vezes me haveis consolado! Vós que sofrestes tantas dores, e sois agora tão gloriosa, e fizestes tantos milagres pelos pobres atribulados, ajudai-me! Fazei-me sair deste perigo, fazei-me tornar salva para junto da minha mãe. Mãe do Senhor: faço-vos o voto de permanecer virgem; renuncio para sempre àquele meu pobrezinho, por nunca mais ser de outrem senão vossa.

Proferidas estas palavras, baixou a cabeça e pôs o rosário em volta do pescoço, quase como em sinal de consagração, e uma salvaguarda ao mesmo tempo, como uma armadura da nova milícia em que se inscrevera. Sentando-se novamente no chão, sentiu entrar na alma uma certa tranquilidade, uma confiança mais ampla. Lembrou-se daquele *amanhã de manhã* repetido pelo potente desconhecido, e pareceu-lhe sentir naquela palavra uma promessa de salvação. Os sentidos fatigados de tanta guerra, pouco a pouco, adormeceram nessa quietude de pensamentos; e finalmente, já perto do amanhecer, com o nome da sua protetora truncado entre os lábios, Lucia adormeceu num sono perfeito e contínuo.

Mas havia mais alguém naquele mesmo castelo que desejaria fazer o mesmo, e não conseguiu. Ao deixar Lucia, ou quase fugindo dela, depois de dar ordens para a ceia da rapariga, e fazer a sua visita habitual a certos pontos do castelo, sempre com aquela imagem viva na mente, e com aquelas palavras ressoando nos ouvidos, o senhor meteu-se no quarto, fechou-se lá dentro apressadamente, e em fúria, como se tivesse tido de se entrincheirar contra um batalhão de inimigos, e despindo-se também em fúria, enfiou-se na cama.

Contudo aquela imagem, mais presente do que nunca, pareceu que naquele momento lhe dizia: tu não vais dormir. «Que tola curiosidade de mulherzinha – pensava – me deu ao vê-la? Tem

razão aquela besta do Milhafre: uma pessoa já não é homem; é verdade, já não é homem!... Eu?... Eu já não sou homem, eu? O que se passou? Que diabo me deu agora? O que há de novo? Eu não sabia antes que as mulheres guincham? Guincham até os homens às vezes, quando não se podem revoltar. Que diabo! Então eu nunca ouvi mulheres balirem?»

E aqui, sem que se esforçasse muito a descobrir na memória, a memória sozinha apresentou-lhe mais de um caso em que nem súplicas nem lamentos o tinham demovido minimamente de cumprir as suas resoluções. Mas a lembrança de tais proezas não lhe devolveram a firmeza, que já lhe faltava, de cumprir esta; não que se apagasse na alma tão molesta piedade; pelo contrário despertava-lhe uma espécie de terror, uma não sei qual raiva de arrependimento. De maneira que lhe pareceu um alívio o tornar aquela primeira imagem de Lucia, contra a qual tinha procurado revigorar a sua coragem. «Está viva, esta – pensou. – E está aqui, estou a tempo, posso dizer-lhe: ide, alegrai-vos; posso ver aquele rosto mudar, posso-lhe dizer também: perdoai-me... Perdoais-me? Eu pedir perdão?... a uma mulher? Eu... ah, contudo, se uma palavra, uma palavra assim me pudesse fazer bem, se pudesse tirar-me de cima este demónio, eu di-la-ia; eh! Sinto que a diria. Ao que estou

reduzido! Já não sou homem, não sou homem! Ora!» – disse a seguir, revolvendo-se raivosamente na cama que ficara duríssima debaixo das cobertas que se tornaram pesadíssimas: «Basta! São tolices que me passaram pela cabeça já outras vezes. Também passará desta.»

E para a fazer passar, procurou com o pensamento qualquer coisa importante, alguma daquelas coisas que costumavam ocupá-lo fortemente, para nela todo ele se aplicar; mas não encontrou nenhuma. Tudo lhe parecia mudado: o que outras vezes estimulava com mais força os seus desejos, agora já não tinha nada de desejável: a paixão, como um cavalo que subitamente se tornou arisco devido a uma sombra, já não queria ir mais adiante. Pensando nas empresas começadas e não acabadas, em vez de se animar com o seu cumprimento, em vez de se irritar com os obstáculos (que a ira naquele momento lhe pareceria suave), sentia uma tristeza, quase um pavor pelos passos já dados. O tempo surgiu-lhe vazio de qualquer intento, de qualquer ocupação, de qualquer vontade, cheio apenas de memórias intoleráveis; todas as horas semelhantes à que lhe passava tão lenta, pesando-lhe tanto na cabeça. Alinhava na fantasia todos os seus malandrins e a nenhum deles podia comandar uma coisa que lhe importasse; de resto a própria ideia de tornar a vê-los, de se encontrar no meio deles, era um novo peso, uma ideia de nojo e de embaraço. E se quis achar uma ocupação para o dia seguinte, uma obra factível, teve de pensar que no dia seguinte podia deixar em liberdade aquela pobrezinha.

«Vou libertá-la, sim; mal nasça o dia, vou a correr ter com ela e dizer-lhe: ide, ide. Mandarei acompanhá-la... e a promessa? E o compromisso? E Dom Rodrigo?... Quem é esse Dom Rodrigo?»

Ao modo de quem é apanhado por uma interrogação inesperada e embaraçosa de um superior, o *Inominado* pensou logo em responder a esta que ele fizera a si próprio, ou antes aquele novo *ele*, que, tendo de repente crescido de um modo terrível, surgia como que a julgar o antigo. Andava portanto à procura das razões por que, antes quase de lhe ser pedido, se pudera resolver a aceitar o compromisso de tanto fazer sofrer, sem ódio, sem temor, uma infeliz desconhecida, para servir aquele homem; todavia, não é que não conseguisse achar razões que naquele momento lhe paresces-

sem boas para desculpar o facto, é que não sabia quase explicar a si mesmo como a isso fora induzido. Esse querer, mais que uma deliberação, fora um movimento instantâneo da alma obediente a sentimentos antigos, habituais, uma consequência de mil factos anteriores; e o atormentado examinador de si mesmo, para compreender as razões de um único facto viu-se mergulhado no exame de toda a sua vida. Para trás, para trás, de ano para ano, de compromisso em compromisso, de sangue em sangue, de crime em crime: cada um reaparecia na alma consciente e nova, separado de sentimentos que o haviam feito querer e cometer; reaparecia com uma monstruosidade que aqueles sentimentos na altura não tinham deixado entrever. Eram todos seus, eram ele: o horror deste pensamento, que renascia a cada uma daquelas imagens, preso a todas, cresceu até ao desespero. Sentou-se em fúria na cama, levou em fúria as mãos à parede ao lado daquela, pegou numa pistola, tirou-a e... no momento de terminar uma vida que se tornara insupportável, o seu pensamento surpreendido por um terror, por uma inquietação por assim dizer sobrevivente, lançou-se no tempo que continuaria no entanto a correr após o seu fim. Imaginou com arrepios o seu cadáver deformado, imóvel, em poder do mais vil sobrevivente; a surpresa, a confusão no castelo, no dia seguinte:

tudo virado do avesso; ele, sem forças, sem voz, atirado sabe-se lá para onde. Imaginava as conversas que iriam fazer ali, perto, longe; a alegria dos seus inimigos. Até as trevas, até o silêncio, lhe faziam ver na morte qualquer coisa mais triste e assustadora; pareceu-lhe que, se fosse de dia, ao ar livre, cara a cara com toda a gente, não teria hesitado em lançar-se a um rio e desaparecer. E absorto nestas contemplações tormentosas, ia erguendo e baixando com uma força convulsiva do polegar o cano da pistola. «E se aquela outra vida de que me falaram quando era rapaz, e de que falam sempre como se fosse coisa segura, se essa vida não existe, se é uma invenção dos padres; o que estou a fazer? Morrer para quê? O que importa aquilo que fiz? O que importa? É uma loucura a minha... E se existe essa tal outra vida!...»

Perante tal dúvida, com tal risco, deu-lhe um desespero mais negro, mais grave, do qual não se podia escapar, nem sequer com a morte. Largou a arma, e ficou de mãos nos cabelos, batendo os dentes, tremendo. De repente, vieram-lhe à memória palavras que ouvira e voltara a ouvir poucas horas antes: «Deus perdoa tantas coisas, por uma obra de misericórdia!» E não lhe voltavam com aquele tom de humilde súplica com que tinham sido proferidas; mas com um som pleno de autoridade, e que ao mesmo tempo induzia a uma remota esperança. Este foi um momento de alívio: tirou as mãos das têmporas e, numa atitude mais composta, fixou os olhos da mente naquela a quem tinha ouvido essas palavras; e via-a, não como a sua prisioneira, não como uma suplicante, mas como quem dispensa favores e consolações. Esperava ansiosamente o dia, para correr a libertá-la, para ouvir da boca dela outras palavras de refrigério e de vida; imaginava-se a conduzi-la ele mesmo à presença da mãe. «E depois, o que farei amanhã, no resto do dia? O que farei depois de amanhã, o que farei depois de depois de amanhã? E de noite? A noite que voltará dentro de doze horas! Oh, a noite! Não, não, a noite!» E recaindo no vazio penoso do porvir, procurava em vão um emprego do tempo, uma maneira de passar os dias, as noites. Ora se propunha abandonar o castelo e ir-se embora para países longínquos, onde ninguém o conhecesse, nem sequer de nome; mas sentia que ele, ele estaria sempre consigo; ora lhe renascia uma obscura esperança de recuperar a alma antiga,

os antigos desejos, e que aquele fosse como um delírio passageiro; ora temia o dia, que deveria mostrá-lo aos seus, tão miseravelmente transformado; ora suspirava por esse dia, como se tivesse de iluminar também os seus pensamentos. E eis que, precisamente à alvorada, poucos momentos depois de Lucia ter adormecido, eis que estando sentado assim imóvel, sentiu chegar-lhe ao ouvido como que uma onda de som não bem expresso, mas que no entanto tinha algo de alegre. Ficou atento e reconheceu um badalar festivo ao longe; e passado alguns momentos, ouviu também o eco do monte, que de vez em quando repetia languidamente a harmonia e se confundia com ela. Daí a pouco ouve outro badalar mais próximo, e depois outro. «Que alegria é esta? O que têm de belo estes sinos todos?» Saltou para fora daquele covil de espinhos; e meio vestido, correu a abrir uma janela e olhou. As montanhas estavam meio veladas de nevoeiro; o céu, mais do que enevoadado, era todo ele uma nuvem cor de cinza; contudo, à claridade que vinha pouco a pouco a crescer, na estrada do fundo do vale, distinguia-se a gente que passava, mais outra que saía das casas, e todos se dirigiam todos para o mesmo lado, para uma embocadura à direita do castelo, todos de traje domingueiro e com uma alacridade extraordinária.

«Que diabo terão estes? O que há de alegre nesta maldita terra? Aonde vai toda esta canalha?» E dando um grito para um bravo de confiança que dormia num quarto ao lado, perguntou-lhe qual era a razão daquele movimento todo. O homem, que sabia tanto como ele, respondeu que iria já informar-se. O senhor permaneceu encostado à janela, muito atento ao móvel espetáculo. Eram homens, mulheres, crianças, em grupos, aos pares, sozinhos; um, alcançando os que iam à sua frente, juntou-se a eles; outro, ao sair de casa, passava a fazer companhia ao primeiro que encontrasse; e prosseguiam juntos, como amigos numa viagem combinada. Os modos indicavam manifestamente uma pressa e uma alegria comuns; e aquele ribombar não afinado mas consentâneo dos vários sinos, uns mais, outros menos vizinhos, parecia, por assim dizer, a voz daqueles gestos e o suplemento das palavras que não podiam chegar lá acima. Ele olhava, olhava; e crescia-lhe no coração uma mais do que mera curiosidade de saber o que é que podia comunicar um arrebatamento igual a tanta gente diferente.

CAPÍTULO XXII

POUCO DEPOIS, O BRAVO VEIO RELATAR QUE, NA VÉSPERA, O CARdeal Federigo Borromeo, arcebispo de Milão, chegara a ***, e ali estaria todo esse dia; e que a notícia propagada na véspera despertara em todos, nas terriolas em volta, a vontade de irem ver este homem; e tocavam os sinos a rebate mais pela alegria do que para avisar a gentinha. O senhor, ao ficar sozinho, continuou a fitar o vale, ainda mais pensativo. «Por um homem! Todos pressurosos, todos alegres, por verem um homem! E, no entanto, cada um destes deve ter o seu diabo que o atormente. Mas ninguém, ninguém terá um como o meu; ninguém terá passado uma noite como a minha! O que tem aquele homem, para fazer tanta gente alegre? Algum dinheiro que ele depois distribuirá por aí ao acaso... Mas estes não vão todos atrás da esmola. Pois bem, um ou outro sinal no ar, uma ou outra palavra... Oh, se eu tivesse para mim as palavras que podem consolar?... Porque é que eu não vou também? Porque não?... Irei, irei; e quero falar-lhe: de olhos nos olhos, é que lhe quero falar. O que lhe direi? Pois bem, o que, o que... Ouvirei o que este homem sabe dizer!»

Tomada assim de modo confuso esta resolução, acabou à

pressa de se vestir, pondo uma sua casaca que tinha algo de militar; pegou na pistola, que ficara em cima da cama e prendeu-a ao cinturão de um dos lados; do outro lado, mais uma que tirou de um prego na parede; no mesmo cinturão pôs o seu punhal; e tirou também da parede um carabina quase tão famosa como ele, e pô-la a tiracolo; pegou no chapéu e saiu do quarto; e, antes de mais, foi àquele onde tinha deixado Lucia. Cá fora pousou a carabina num cantinho ao pé da porta, e bateu, ao mesmo tempo que fazia ouvir a sua voz. A velha saiu da cama de um salto, e correu a abrir. O senhor entrou, e dando uma olhadela pelo quarto, viu Lucia no seu canto muito quieta e encolhida.

– Está a dormir? – perguntou em voz baixa à velha. – A dormir ali? Foi essa a ordem que te dei, desgraçada?

– Eu fiz de tudo – respondeu ela –, mas não quis comer, não quis ir para a cama...

– Deixa-a dormir em paz; tem cuidado para não a incomodares e quando acordar... Marta virá para o quarto aqui ao lado; e tu manda-a ir buscar qualquer coisa que ela possa querer. Quando acordar... diz-lhe que eu... que o patrão saiu por pouco tempo, que voltará, e que... fará tudo o que ela quiser.

A velha ficou estupefacta, pensando para consigo mesma: «Será que esta é alguma princesa?»

O senhor saiu, retomou a carabina, mandou Marta fazer antecâmara, ordenou ao primeiro bravo que encontrou que fosse montar guarda para que mais ninguém, além daquela mulher, pusesse o pé no quarto, e depois saiu do castelo e fez a descida a correr.

O manuscrito não diz a que distância ficava o castelo da povoação onde estava o cardeal; mas dos factos que estamos para narrar, resulta que não devia ser mais do que a de um longo passeio. Do simples afluir dos aldeões, e mesmo de gente mais distante, àquele local, isto não se poderia inferir, já que nas memórias daquele tempo achamos que de vinte milhas e até mais vinha gente em multidão para ver Federigo.

Os bravos que faziam a subida paravam respeitosamente à passagem do senhor, esperando para ver se ele tinha ordens a dar-lhes, ou se queria levá-los consigo para qualquer expedição; e não

sabiam o que pensar do seu aspeto, e dos olhares que dava em resposta às suas vénias.

Quando chegou à via pública, o que espantava os transeuntes era vê-lo sem séquito. De resto, todos lhe abriam passagem, que seria bastante para o séquito, e tiravam respeitosamente o chapéu. Chegado à aldeia, deparou-se com uma grande multidão; mas o seu nome logo passou de boca em boca, e a multidão abria caminho. Aproximou-se de um, a quem perguntou onde estava o cardeal.

– Em casa do cura – respondeu aquele, inclinando-se, e indicou-lhe onde era. Para lá se dirigiu o fidalgo, entrou num pátio onde havia muitos padres, e todos o olharam com uma atenção surpreendida e desconfiada. Viu, mesmo em frente, uma porta escancarada, que dava para uma salinha onde estavam reunidos muitos outros padres. Tirou a carabina e encostou-a a um canto do pátio; depois, entrou na salinha; e ali também olhadelas, cochichares, um nome repetido, e silêncio. Voltando-se para um deles, perguntou onde estava o cardeal e disse que queria falar-lhe.

– Eu sou forasteiro – respondeu o interrogado, e dando um olhar em volta, chamou o capelão crucífero, que a um canto da salinha estava precisamente a dizer baixinho a um seu colega: – Este? Aquele famoso? O que vem ele aqui fazer? Que vá morrer longe! –

Contudo, àquela chamada que ressoou no silêncio geral teve mesmo de ir; saudou o *Inominado*, ouviu o que ele queria, e erguendo com uma curiosidade inquieta os olhos para aquela cara, e baixando-os imediatamente, hesitou um pouco, e depois disse ou balbuciou: – Não sei se o ilustríssimo monsenhor... neste momento... se encontra... se está... se pode... Basta, vou ver. – E lá foi de má vontade levar o recado ao quarto vizinho, onde estava o cardeal.

Neste ponto da nossa história, não podemos deixar de nos deter um pouco, tal como o viajante cansado e triste de uma longa caminhada por um terreno árido e selvagem, se entretém e perde algum tempo à sombra de uma bela árvore, no meio das ervas, ao pé de uma fonte de água fresca. Habituaamo-nos a uma personagem cujo nome e memória, assomando em qualquer tempo, à mente, a recriam com uma plácida comoção de reverência, e com um jucundo sentimento de simpatia: ora, muito mais sucede ao fim de tantas imagens de dor, após a contemplação de uma múltipla e enfadonha perversidade! Em torno desta personagem é absolutamente necessário que gastemos umas palavrinhas: quem não estiver interessado em ouvi-las, e tiver porém vontade de avançar na história, pode inclusivamente saltar para o capítulo seguinte.

Federigo Borromeo, nascido em 1564, foi dos homens raros em qualquer tempo que empregaram um egrégio engenho, todos os meios de uma grande opulência, todas as vantagens de uma condição privilegiada, uma intenção contínua, na busca e no exercício do melhor. A sua vida é como um ribeiro que, jorrando límpido da rocha, sem se estagnar ou turvar num longo curso por diferentes terrenos, vai lançar-se límpido no rio. Entre as comodidades e as pompas atendeu desde a infância às palavras de abnegação e de humildade, às máximas acerca da vacuidade dos prazeres, à injustiça do orgulho, à verdadeira dignidade e aos bens verdadeiros, que, sentidos ou não nos corações, se transmitem de uma geração à outra, no mais elementar ensinamento da religião. Atendeu, dizia eu, àquelas palavras, àquelas máximas, tomou-as a sério, provou-as e achou-as verdadeiras; viu que, portanto, não podiam ser verdadeiras outras palavras e outras máximas opostas, que porém são transmitidas de geração em geração, com a mesma segurança, e às vezes pelos mesmos lábios; e das ações e dos pensamentos propôs-

-se tomar por norma os que eram a verdade. Persuadido que a vida não é destinada a ser um peso para muitos e uma festa para uns poucos, mas sim para todos um emprego do qual cada um deve prestar contas, começou desde menino a pensar como poderia tornar útil e santa a sua vida.

Em 1580, manifestou a resolução de se dedicar ao ministério eclesiástico, e recebeu o hábito das mãos daquele seu primo Carlos, que uma fama, já desde então antiga e universal, predicava santo. Entrou pouco depois no colégio fundado por este em Pavia e que tem ainda o nome da sua família; e ali, aplicando-se assiduamente nas ocupações que estavam prescritas, impôs-se ainda duas outras voluntariamente: e foram a de ensinar a doutrina cristã aos mais rudes e desamparados do povo, e a de visitar, servir, consolar e socorrer os enfermos. Valeu-se da autoridade que tudo lhe conciliava naquele lugar para atrair os seus companheiros a secundá-lo em tais obras; e em todas as coisas honestas e proveitosas exerceu como que um primado de exemplo, um primado que os seus dotes pessoais talvez bastassem para lho assegurar, mesmo que fosse o ínfimo por condição. As vantagens de outro género que a sua condição lhe poderia proporcionar, não só não as procurou como usou todo o seu estudo para as evitar. Quis uma mesa mais pobre do que frugal, usou um vestuário mais pobre do que simples; em conformidade com isto, todo o estilo de vida e atitudes. Nunca achou que devia mudar, por mais que alguns parentes reclamassem e se lamentassem de que assim aviltava a dignidade da família. Outra guerra teve ele de manter com os preceptores, os quais, furtivamente ou como de surpresa, tentavam pôr-lhe em cima, ou em volta, alguns acessórios mais senhoris, algo que o fizesse distinguir-se dos outros, e figurar como o príncipe do lugar; ou julgassem a longo prazo ganhar a sua amizade, ou fossem movidos por essa paixão servil que se envaidece e se recria no esplendor dos outros; ou fossem daqueles prudentes que se espantam tanto com as virtudes como com os vícios, pregam sempre que a perfeição está no meio; e o meio fixam-no exatamente no ponto a que eles chegaram e se sentem em comodidade. Federigo, em vez de se deixar vencer por estas tentativas, repreendeu os que lhas faziam; e isto entre a puberdade e a juventude.

C. Car. de Giovanni

Que em vida do cardeal Carlos, mais velho do que ele vinte e seis anos, perante aquela presença grave e solene que exprimia tão vivamente a santidade, e fazia lembrar as obras, e a qual, se preciso fosse, viria a todo o momento dar mais autoridade ao obséquio manifesto e espontâneo dos circundantes, fossem estes quais e quantos fossem, Federigo menino e rapaz procurasse conformar-se na atitude e no pensar a um tal superior, certamente não é coisa de espantar; mas já é coisa muito notável que, após a morte dele, ninguém pudesse verificar que a Federigo, agora com vinte anos, tivesse faltado um guia e um censor. A fama crescente do seu engenho, da sua doutrina e da sua piedade, a parentela e os empenhos de mais de um cardeal poderoso, o crédito da sua família, o próprio nome a que Carlos tinha quase anexado nas mentes uma ideia de santidade e de proeminência, tudo o que deve, e tudo o que pode conduzir os homens às dignidades eclesiásticas, concorria para lhas prognosticar. Mas ele, persuadido no seu coração daquilo que ninguém que professe o cristianismo pode negar com a boca, ou seja, de não haver justa superioridade de um homem sobre os homens, senão ao seu serviço, temia as dignidades e pro-

curava evitá-las; não certamente porque fugisse ele a servir os outros; pois poucas vidas foram passadas em tal ato como a sua; mas porque não se considerava nem suficientemente digno nem capaz de tão elevado e perigoso serviço. Por isso, ao ser-lhe, em 1595, proposto por Clemente VIII o arcebispado de Milão, ficou fortemente perturbado, e recusou sem hesitar. Cedeu depois por ordem expressa do Papa.

Estas demonstrações – quem é que não o sabe? – não são nem difíceis nem raras; e a hipocrisia não precisa de maior esforço de engenho para as fazer do que a chocarrice para as ridicularizar em todos os casos. Mas será que por isso deixarão de ser a expressão natural de um sentimento virtuoso e sapiente? A vida é a pedra de toque das palavras: e as palavras que exprimem esse sentimento, mesmo que tivessem passado pelos lábios de todos os impostores e de todos os trocistas do mundo, acabam por ser sempre belas, quando são antecedidas e seguidas por uma vida de desinteresse e de sacrifício.

Em Federigo, quando arcebispo, surge uma preocupação singular e contínua de não tomar para si das riquezas, do tempo, dos cuidados, de si mesmo em suma, senão o que fosse rigorosamente necessário. Dizia, como todos dizem, que os rendimentos eclesiásticos são património dos pobres; depois, como é que ele entendia de facto esta máxima, veja-se por este exemplo. Quis ele que se calculasse a quanto podia ascender a sua manutenção e a da sua criadagem; e sendo-lhe dito que seiscentos escudos (escudo se chamava então aquela moeda de ouro que, permanecendo sempre do mesmo peso e título, teria o nome de *sequim*), deu ordens para que tal quantia fosse transferida todos os anos da sua caixa particular para a da sua mesa, não acreditando que, sendo ele riquíssimo, lhe fosse lícito viver daquele património. Depois, do seu era tão escasso e subtil medidor para consigo mesmo, que tratava de não largar uma peça de roupa antes de ficar completamente gasta; combinando porém, como foi demonstrado por escritores contemporâneos, o génio da simplicidade com uma requintada limpeza, dois costumes de facto notáveis, naquela época suja e faustosa. De semelhante modo, para que nada se desperdiçasse dos restos da sua mesa frugal, destinou-os a um hospício de pobres; e um destes,

por sua ordem, entrava todos os dias na sala de jantar para recolher o que restasse. Cuidados estes que poderiam talvez induzir o conceito de uma virtude mesquinha, miserável, estreita, de uma mente embrenhada nas minúcias, e incapaz de concepções elevadas; se não estivesse de pé aquela Biblioteca Ambrosiana, que Federigo ideou com tão animosa magnificência e erigiu com tanto dispêndio, desde os alicerces; e para a fornecer de livros e de manuscritos, para além dos que ofereceu, daqueles que fora reunindo com grande diligência e despesa, enviou oito homens, dos mais cultos e experientes que pôde obter, para os comprar pela Itália, pela França, pela Espanha, pela Alemanha, pela Flandres, pela Grécia, até ao Líbano e Jerusalém. Assim, conseguiu reunir cerca de trinta mil volumes impressos, e catorze mil manuscritos. À biblioteca agregou um colégio de doutores (foram nove, e remunerados por ele enquanto viveu; depois, não bastando para aquela despesa as receitas normais, viram-se restritos a dois); e o seu ofício era o de cultivar diversos estudos: teologia, história, letras, antiguidades eclesiásticas, línguas orientais, tendo cada um deles a obrigação de publicar algum trabalho sobre as matérias que lhe haviam sido atribuídas; agregou-lhe também um colégio por ele chamado trilingue, para o estudo das línguas grega, latina e italiana, um colégio de alunos que seriam instruídos naquelas faculdades e línguas, para as virem um dia a ensinar; a tudo isto juntou uma oficina impressora de línguas orientais, ou seja, da hebraica, da caldaica, da arábica, da persa, da arménia; uma galeria de quadros; uma de estátuas, e uma escola das três artes principais do desenho. Para estas, pôde contar com professores já formados; quanto ao resto, já vimos que trabalho lhe dera a colheita dos livros e manuscritos; sem dúvida mais difíceis de encontrar deviam ser os tipos daquelas línguas, então muito menos cultivadas na Europa do que no presente; mais ainda do que os tipos, os homens. Bastará dizer que, de nove doutores, oito foi buscá-los entre os alunos do seminário; e daí que se possa argumentar que juízo fazia dos estudos consumados e das reputações já feitas daqueles tempos: juízo este à semelhança do que parece deles ter formado a posteridade, ao lançar uns e outras no esquecimento. Nas regras que estabeleceu para o uso e para o governo da biblioteca, vê-se uma intenção de utili-

dade perpétua, não só bela em si mesma, mas em muitos aspectos muito sapiente e gentil para além das ideias e dos hábitos comuns daquele tempo. Prescreveu ao bibliotecário que mantivesse contacto com os homens mais doutos da Europa, para através deles ter notícias do estado das ciências, e aviso dos melhores livros que saíssem de todos os géneros, e proceder à sua compra; prescreveu-lhe que indicasse aos estudiosos os livros que não conhecessem, ou que lhes pudessem ser úteis; ordenou que a todos, fossem eles cidadãos ou forasteiros, se desse tempo e comodidades para se servirem dos livros, conforme as necessidades. Tal intenção deve agora parecer a todos demasiado natural, e identificada com a fundação de uma biblioteca; mas naquela altura não era assim. E numa história da Biblioteca Ambrosiana, escrita (com a forma e com as elegâncias comuns do século) por um certo Pierpaolo Bosca, que foi seu bibliotecário após a morte de Federigo, é anotado expressamente, como coisa singular, que nesta livraria, erigida por um privado e quase toda à sua custa, os livros estivessem expostos à vista do público, que fossem dados a quem quer que os pedisse, e que também lhes fosse dado assento, e papel, penas e tinteiro, para tirarem os apontamentos de que pudessem ter necessidade; enquanto em qualquer outra biblioteca pública de Itália os livros não eram sequer visíveis, mas sim fechados em armários, donde não saíam senão por amabilidade dos bibliotecários, quando lhes apetecia mostrá-los por um momento; de dar aos visitantes a comodidade de estudar, não havia nem sequer a ideia. De modo que enriquecer tais bibliotecas era subtrair livros ao uso comum: uma daquelas culturas, como havia e ainda há muitas, que esterilizam o campo. Não perguntem quais terão sido os efeitos desta fundação de Borromeo sobre a cultura pública: seria fácil demonstrar em duas frases, do modo como se demonstra, que foram miraculosos ou que não foram nada; procurar e explicar, até certo ponto, o que terão sido realmente, são coisas que exigem grande esforço, de pouco conteúdo, e fora de tempo. Mas pensem que generoso seria, que judicioso, que benévolo e que perseverante amador do melhoramento humano, deveria ser aquele que quis uma tal coisa, que a quis desta maneira, e a executou, no meio de tanta ignorância, de tanta inércia, de tanta antipatia geral para com

todas as aplicações estudiosas, e por consequência no meio dos *o que importa isso?*, dos *não havia mais nada em que pensar?*, e dos *mas que bela invenção! só faltava mais esta*, e semelhantes: que muito certamente terão sido mais do que os escudos gastos por ele naquela empresa, os quais foram cento e cinco mil, e a maior parte à sua custa.

Para chamar a um homem destes extremamente benéfico e liberal, pode parecer que não haja necessidade de saber se terá dispendido muito mais no socorro imediato dos necessitados; e talvez haja ainda quem pense que das despesas daquele género, e estou a falar em todas as despesas, sejam a bem melhor e mais útil esmola. Mas Federigo tinha a esmola propriamente dita por um dever muito principal; e aqui, tal como no resto, os seus feitos foram coerentes com a opinião. A sua vida foi um contínuo prodigalizar aos pobres; e, a propósito desta mesma penúria de que já falou a nossa história, teremos daqui a pouco a oportunidade de referir alguns aspetos, a partir dos quais se verá que sapiência e gentileza soube pôr também nessa liberalidade. Dos muitos exemplos singulares que de tal virtude notaram os seus biógrafos, vamos citar um só. Tendo sabido que um nobre usava de artifícios e de vexames para fazer freira uma sua filha, que tudo o que desejava era casar-se, mandou chamar o pai; e obtendo dele a confissão de que o verdadeiro motivo daquela imposição era não dispor de quatro mil escudos que, na sua ideia, seriam necessários para casar convenientemente a filha, Federigo dotou-a de quatro mil escudos. Talvez a alguns isto pareça uma excessiva magnanimidade, não muito ponderada, demasiado condescendente para com os estultos caprichos de um soberbo; e que quatro mil escudos poderiam ter sido muito mais bem utilizados de mil outras maneiras. A isto não temos nada a objetar, senão que seria de desejar que se vissem com maior frequência excessos de uma virtude tão livre das opiniões dominantes (todas as épocas têm as suas), tão independente da tendência geral, como, neste caso, foi a que moveu um homem a dar quatro mil escudos para que uma jovem não fosse obrigada a fazer-se freira.

A inesgotável caridade deste homem, não menos que no dar, vinha ao de cima em todo o seu comportamento. De fácil contacto

com toda a gente, considerava dever especialmente aos que são chamados de baixa condição uma cara jovial, uma cortesia afetuosa; tanto mais quanto menos as encontrarem no mundo. E aqui também teve de combater com os fidalgos do *ne quid nimis*, os quais, em todas as coisas, desejariam fazê-lo estar dentro dos limites, ou seja, dentro dos limites deles. Um destes, uma vez em que, na visita a uma aldeia alpestre e selvagem, Federigo instruía umas pobres crianças, e, entre o interrogar e o ensinar, as ia amorosamente acariciando, advertiu-o que tivesse mais cuidado ao fazer tantas carícias àqueles rapazes porque estavam muito sujos e repugnantes, como se soubesse, o bom homem, que Federigo não tinha o siso suficiente para fazer essa descoberta, ou a necessária perspicácia para achar por si uma atitude tão fina. Tal é, em certas condições de tempo e de coisas, a desventura dos homens constituídos em certas dignidades: que, enquanto tão raramente se acha quem os avise dessas faltas, não falta gente corajosa para os repreender pelo bem que fazem. Mas o bom bispo, não sem um certo ressentimento, respondeu: – São almas minhas e talvez nunca mais vejam a minha cara; e não quereis que os abrace?

Contudo, nele era bem raro o ressentimento, admirado como era pela suavidade dos seus modos, por uma pacatez imperturbável, que se atribuiria a uma extraordinária felicidade de temperamento; e era o efeito de uma disciplina constante sobre uma índole viva e irritada. Se uma vez por outra se mostrou severo, aliás

brusco, foi com os pastores seus subordinados que descobria culpados de avareza ou de negligência ou de outros aspetos particularmente opostos ao espírito do seu nobre ministério. Por tudo o que pudesse dizer respeito ao seu interesse pessoal ou à sua glória temporal, nunca dava sinal de alegria, nem de pesar, nem de ardor, nem de agitação: se é admirável que estes movimentos não se despertassem no seu ânimo, mais admirável ainda se se despertavam. Não só pelos muitos conchaves a que assistiu, captou o conceito de nunca ter aspirado àquele lugar tão desejável à ambição, e tão terrível à piedade; mas uma vez que um colega, que contava muito, veio oferecer-lhe o seu voto, e os da sua facção (feia palavra, mas era a que usavam), Federigo recusou tal proposta de um modo que aquele desistiu da ideia e se virou para outro lado. Esta mesma modéstia, esta aversão ao predomínio, surgiam igualmente nas ocasiões mais comuns da vida. Atento e infatigável a dispor e a governar onde considerava que fosse seu dever fazê-lo, fugiu sempre a meter-se nos assuntos dos outros; aliás, escusava-se sempre que podia a imiscuir-se, quando procurado para o fazer: discrição e reserva não comuns, como todos sabem, nos homens zelosos do bem, como era Federigo.

Se quiséssemos deixar-nos levar pelo prazer de reter os aspetos notáveis do seu carácter, daí resultaria certamente um conjunto singular de méritos na aparência opostos, e claramente difíceis de se acharem juntos. Mas não deixaremos de notar outra singularidade daquela bela vida: que, cheia como foi de atividade, de governo, de funções, de ensinamento, de audiências, de visitas diocesanas, de viagens, de contrastes, o estudo teve nisso não só uma parte, mas também uma parte importante, que para um literato de profissão seria suficiente. E de facto, juntamente com muitos outros e diferentes títulos de louvor, também teve Federigo, entre os seus contemporâneos, o de homem douto.

Não devemos porém dissimular que ele manteve com firme persuasão, e defendeu na prática, com longa constância, opiniões que nos dias de hoje todos achariam mais estranhas do que mal fundamentadas; e falo também dos que desejariam muito achá-las justas. Quem o quisesse defender nisto teria aquela desculpa tão corrente e recebida, que eram erros mais do seu tempo do que dele

próprio: desculpa que, para certas coisas, e quando resultar do exame particular dos factos, pode ter algum valor, ou até muito; mas que aplicada assim, nua e às cegas, como se costuma fazer, não significa mesmo nada. E por isso, não querendo resolver com fórmulas simples questões complicadas, nem alongar demasiado um episódio, deixaremos aqui de as expor, bastando-nos ter indicado assim de fugida que, de um homem tão admirável no seu conjunto, nós não pretendemos que em todas as coisas o fosse igualmente, para que não pareça que quisemos escrever um elogio fúnebre.

Não é certamente desprezitar os nossos leitores o supor que algum deles pergunte se de tanto engenho e de tanto estudo este homem terá deixado algum monumento. Se deixou! Cerca de cem são as obras que dele ficaram, entre grandes e pequenas, entre latinas e italianas, entre impressas e manuscritas, que se conservam na biblioteca por ele fundada: tratados de moral, oratórias, dissertações de história, de antiguidades sacras e profanas, de literatura, de arte, e assim por diante.

«E porque será – perguntará este leitor – que tantas obras estão esquecidas, ou pelo menos são tão pouco conhecidas, tão pouco procuradas? Porque é que, com tanto engenho, com tanto estudo, com tanta prática dos homens e das coisas, com tanto meditar, com tanta paixão pelo bom e pelo belo, com tanta candura de alma, com tantas outras das qualidades que fazem o grande escritor, este, num cento de obras, não deixou nem uma das que são reputadas como insignes, até por quem não as aprova em tudo, e conhecidas de título até por quem não as lê? Porque é que todas juntas não chegaram para dar, ao menos pelo seu número, ao seu nome uma fama literária, junto de nós, seus póstumos?»

A pergunta é razoável sem dúvida, e a questão muito interessante; porque as razões deste fenómeno se achariam através da observação de muitos factos gerais: e achadas, levariam à explicação de mais outros fenómenos semelhantes. Mas seriam muitas e prolixas: e, depois, se não nos agradassem? Se nos fizessem torcer o nariz? Pelo que será melhor que retomemos o fio à nossa história, e que, em vez de palrarmos mais acerca deste homem, o vejamos em ação, guiados pelo nosso autor.

CAPÍTULO XXIII

O CARDEAL FEDERIGO, ENQUANTO ESPERAVA PELA HORA DE IR À igreja celebrar os ofícios divinos, estava a estudar, como costumava fazer em todos os momentos livres, quando entrou o capelão crucífero, de feições alteradas.

– Uma estranha visita, realmente estranha, ilustríssimo monsenhor.

– Quem é? – perguntou o cardeal.

– Nada mais nada menos que o senhor... – respondeu o capelão; e prolongando as sílabas com grande significação, proferiu aquele nome que nós não podemos escrever para os nossos leitores. Para acrescentar: – Está aqui fora em pessoa; e pede nada menos que ser apresentado a Vossa Senhoria Ilustríssima.

– Ele! – disse o cardeal, com çara animada, fechando o livro e levantando-se do assento. – Que venha! Venha já!

– Mas... – replicou o capelão, sem se mexer. – Vossa Senhoria Ilustríssima deve saber quem é este: o bandido, aquele famoso...

– E não é uma sorte para um bispo que a um tal homem tenha nascido a vontade de vir visitá-lo?

– Mas... – insistiu o capelão – nós nunca podemos falar de

certas coisas, porque monsenhor diz que são disparates; contudo, quando é caso disso, parece-me que é um dever... O zelo faz inimigos, monsenhor; e nós sabemos positivamente que mais de um malvado tem ousado gabar-se que um dia destes...

– E o que fizeram? – interrompeu o cardeal.

– Digo que este é um empreiteiro de crimes, um desesperado, que não tem correspondência com os desesperados mais furiosos, e que pode ter sido mandado...

– Oh! Que disciplina é esta – interrompeu de novo Federigo, sorrindo – em que os soldados exortam o general a ter medo? – Depois, ficando sério e pensativo, prosseguiu: – São Carlos não se teria visto a debater se deveria receber um homem desses: teria ido procurá-lo. Mande-o entrar imediatamente: já esperou demasiado.

O capelão dirigiu-se para a porta dizendo para consigo: «Não há remédio: estes santos são todos uns teimosos.»

Aberta a porta, e assomando à sala onde estava o senhor e o grupo da casa, viu este afastado para um dos lados, a segredar e olhando de soslaio aquele, deixando-o sozinho a um canto. Dirigiu-se para ele; e entretanto observando-o como podia pelo canto do olho, ia pensando que diabo de arma podia estar escondida por baixo daquela casaca: e que realmente, antes de o deixar entrar, deveria propor-lhe ao menos... mas não foi capaz de se decidir. Aproximou-se e disse:

– Monsenhor espera Vossa Senhoria. Queira vir comigo. – E antecedendo-o através daquela pequena multidão, que logo fez

alas, dava olhadelas à direita e à esquerda que significavam: «O que quereis? Não sabeis vós também que ele faz sempre o que muito bem entende?»

Assim que entrou o *Inominado*, Federigo foi ao seu encontro de rosto atencioso e sereno, e de braços abertos, como a uma pessoa desejada, e fez logo sinal ao capelão para que saísse: o qual obedeceu.

Ficaram os dois algum tempo sem falar, e, diferentemente, suspensos. O *Inominado*, que tinha sido como que arrastado para ali à força por uma ânsia inexplicável, bem mais do que conduzido por um determinado desígnio, estava agora como que dilacerado por duas paixões opostas, o desejo e esperança confusa de encontrar um refrigério para o tormento interno e, por outro lado, por um mal-estar, por uma vergonha de vir ali como um arrependido, como um submetido, como um miserável, a confessar-se em culpa, a implorar a um homem; e não achava palavras, nem quase as procurava. No entanto, ao levantar os olhos para o rosto daquele homem, sentia-se cada vez mais penetrado por um sentimento de veneração, imperioso ao mesmo tempo que suave, e que aumentando a confiança, atenuava o despeito, e, sem atacar de frente o orgulho, abatia-o e, por assim dizer, impunha-lhe o silêncio.

A presença de Federigo, de facto, era daquelas que anunciam uma superioridade, e a fazem ser amada. O porte era naturalmente composto, e quase involuntariamente majestoso, não encurvado nem alquebrado pelo peso dos anos; o olho grave e vivaz, a fronte serena e pensativa; com a canície, na palidez, por entre as marcas da abstinência, da meditação e da fadiga, uma espécie de florescimento virginal: todas as formas do rosto indicavam que, noutras idades, tinha sido aquela que mais propriamente se chama beleza; o hábito dos pensamentos solenes e benévolos, a paz interna de uma longa vida, o amor dos homens, a alegria contínua de uma esperança inefável, haviam sido substituídas por uma, quase diria eu, beleza senil, que sobressaia ainda mais na magnífica simplicidade da púrpura.

Manteve também, por uns momentos, fixo, no aspeto do *Inominado*, o seu olhar penetrante e treinado desde há muito a extrair pelos semblantes os pensamentos; e, sob aquele semblante sombrio

e turvo, parecendo-lhe descobrir cada vez mais algo semelhante à esperança por ele concebida ao primeiro anúncio daquela visita, todo animado disse:

– Oh! Que preciosa visita é esta! E como devo ficar-vos grato por tão boa resolução, embora para mim ela contenha um pouco de censura.

– Censura? – exclamou o senhor espantado, mas abrandado por aquelas palavras e por aqueles modos, e satisfeito por ter o cardeal quebrado o gelo e iniciado uma conversa qualquer.

– Certamente é uma censura para mim – continuou este. – Por eu me ter deixado antecipar por si; quando há tanto tempo, tantas vezes devia eu ir ter consigo.

– Ter comigo, vós! Sabeis quem sou? Disseram-vos bem o meu nome?

– E este consolo que eu sinto, e que decerto se manifesta no meu aspeto, parece-vos que eu deveria senti-lo ao anúncio e à vista de um desconhecido? Sois vós que mo fazeis sentir, vós, digo, que eu deveria ter procurado; vós que ao menos tanto amei e chorei, por quem tanto rezei; vós, dos meus filhos, que todavia amo todos do fundo do coração, aquele que eu mais desejaria acolher e abraçar, se tivesse acreditado que podia ter essa esperança. Mas só Deus é capaz de fazer maravilhas, e compensa a fraqueza, a lentidão dos seus pobres servos.

O *Inominado* estava atônito perante aquele discurso tão inflamado, perante aquelas palavras que correspondiam tão resolutamente ao que ele ainda não tinha dito, nem estava bem determinado a dizer; e comovido, mas aturdido, conservava-se em silêncio.

– Então? – continuou ainda mais afetuosamente Federigo. – Tendes uma boa notícia para me dar, e fazeis-me suspirar tanto por ela?

– Uma boa notícia, eu? Tenho o inferno no coração; e dou-vos uma boa notícia? Dizei-me vós, se o souberdes, qual é essa boa notícia que esperais de uma pessoa como eu.

– Que Deus vos tocou o coração e quer fazer-vos seu – respondeu pacatamente o cardeal.

– Deus! Deus! Deus! Ainda se o visse! Se o ouvisse! Onde está esse Deus?

– E sois vós que mo perguntais? Quem mais do que vós o tem próximo? Não o sentis no coração que vos oprime, que vos agita, que não vos deixa em paz, e que ao mesmo tempo vos atrai, vos faz sentir uma esperança de calma de consolação que será plena, imensa, assim que vós o reconhecerdes, o confessardes e implorardes?

– Oh, certamente! Tenho aqui qualquer coisa que me oprime, que me corrói! Mas Deus!... Se há este Deus, se é aquilo que dizem, o que quereis que faça de mim?

Estas palavras foram ditas com uma voz desesperada; mas Federigo, num tom solene, como de plácida inspiração, respondeu:

– O que pode fazer Deus de vós? O que quererá fazer? Um sinal do seu poder e da sua bondade: quer tirar de vós uma glória que mais nenhum poderia dar-lhe. Que o mundo grite há tanto tempo contra vós, que mil e mil vozes detestem as vossas obras... – (o *Inominado* estremeceu, e ficou um momento estupefacto ao ouvir aquela linguagem tão insólita, e mais estupefacto ainda por não se indignar com ela, mas sentir quase um alívio). – Que glória – continuou Federigo – dá isso a Deus? São vozes de terror, são vozes de interesse; vozes talvez mesmo de justiça mas de uma justiça tão fácil, tão natural! Algumas vozes talvez, infelizmente de inveja desse vosso desgraçado poder, desta até hoje deplorável segurança de alma. Mas, quando vós mesmo apparecerdes a condenar a vossa vida, a acusar-vos a vós mesmo, então! Então, Deus será glorificado! E ainda perguntais o que pode Deus fazer de vós? Quem sou eu, pobre homem, que saiba dizer-vos desde já que proveito poderá tirar de vós um tal Senhor? O que pode fazer desta vontade impetuosa, desta imperturbada constância, quando a tiver animado e inflamado de amor, de esperança e de arrependimento? Quem sois vós, pobre homem, que pensais ter sabido por vós mesmo imaginar e fazer coisas maiores no mal, que Deus não possa fazer-vos querer e agir no bem? O que pode fazer Deus de vós? E perdoar-vos? E tornar-vos salvo? E completar em vós a obra da redenção? Não são coisas magníficas e dignas dele? Oh, pensai! Se eu mero homenzinho, eu miserável e contudo tão cheio de mim mesmo, eu como sou, agora anseio tanto pela vossa salvação, que por ela daria com gáudio (Ele é minha testemunha) estes poucos dias que me restam; oh!... Pensai quanta e qual terá de ser a caridade da-

quele que me infunde esta tão imperfeita, mas tão viva; como vos ama, como vos quer. Aquele que me comanda e me inspira um amor por vós que me devora!

À medida que estas palavras iam saindo dos seus lábios, o rosto, o olhar, todos os movimentos respiravam o seu sentimento. O rosto do seu ouvinte que estivera consternado e convulso, começou primeiro por ficar atônito e atento; e depois compôs-se numa emoção mais profunda e menos angustiosa; os seus olhos, que desde a infância nunca mais tinham conhecido as lágrimas, incharam-se-lhe; quando cessaram as palavras, cobriu o rosto com as mãos, e deu num copioso pranto, que foi como que a última e mais definitiva resposta.

– Deus grande e bom! – exclamou Federigo, erguendo os olhos e as mãos ao céu. – Que fiz eu, servo inútil, pastor sonolento, porque me chamais a este festim de graça, porque me fazeis digno de assistir a este jucundo prodígio? – Assim falando, estendeu a mão para pegar na do *Inominado*.

– Não! – gritou este. – Não! Fora, para bem longe de mim, vós: não sujeis essa mão inocente e benéfica. Não sabeis tudo o que fez esta que quereis apertar.

– Deixai – disse Federigo, prendendo-a com amorosa violência.
– Deixai-me apertar esta mão que irá reparar tantos males, que espalhará tantas beneficências, que aliviará tantos aflitos, que se estenderá desarmada, pacífica e humilde a tantos inimigos.

– É demasiado! – disse, soluçando, o *Inominado*. – Deixai-me, monsenhor; bom Federigo, deixai-me. Tendes um povo apinhado à vossa espera; tantas almas boas, tantos inocentes, tantos vindos de longe para vos ver nem que seja uma vez, para vos ouvir; e vós deixais-vos ficar retido... e logo com quem!?

– Deixemos as noventa e nove ovelhas – respondeu o cardeal. – Elas estão em segurança no monte: eu agora quero estar com a que estava perdida. Aquelas almas agora estarão talvez bem mais contentes do que se vissem este pobre bispo. Talvez Deus, que operou em vós o prodígio da sua misericórdia, difunda nelas uma alegria cuja razão ainda não percebem. Esse povo talvez esteja unido a nós sem saber: talvez o Espírito Santo lhes ponha no coração um ardor indistinto de caridade, uma prece por vós, uma ação de graças de que sois vós o objeto ainda não reconhecido.

Assim dizendo, estendeu os braços ao pescoço do *Inominado*, o qual, depois de ter tentado subtrair-se e resistido um momento, cedeu, como que vencido por aquele ímpeto de caridade, abraçou também o cardeal, e abandonou sobre o ombro dele a sua cabeça trememente e transtornada. As ardentes lágrimas caíam-lhe sobre a púrpura incontaminada de Federigo; e as mãos inculpadas deste apertavam afetuosamente aqueles membros, premiam aquela casaca, acostumada a trazer as armas da violência e da traição.

O *Inominado*, soltando-se daquele abraço, cobriu de novo os olhos com a mão e, levantando ao mesmo tempo a cabeça, exclamou:

– Deus na verdade é grande! Deus na verdade é bom! Agora eu conheço-me, compreendo quem sou; tenho as minhas iniquidades à frente, tenho repugnância por mim próprio; contudo... contudo sinto um refrigério, uma alegria, sim uma alegria, como nunca senti em toda esta minha vida tão horrível!

– É uma prova – disse Federigo – que Deus vos dá para vos cativar ao seu serviço, para vos animar a entrar resolutamente na

nova vida em que haveis muito que desfazer, muito que reparar, muito que chorar!

– Desventurado de mim! – exclamou o senhor. – Tantas, tantas... coisas, as quais não poderei senão lastimar. Quanto mais não seja tenho empresas já começadas que pelo menos posso quebrar a meio; tenho uma que posso quebrar já, que posso desfazer, reparar.

Federigo ficou atento; e o *Inominado* contou brevemente, mas com palavras de execração ainda mais fortes das que empregámos nós, a prepotência feita a Lucia, os terrores, os sofrimentos da pobrezinha, e como havia implorado, e a ânsia que aquele implorar lhe provocara a ele, e que a pobrezinha estava ainda no castelo...

– Não percamos tempo! – exclamou Federigo, arfando de piedade e solicitude. – Bem-aventurado sejais! Isto é penhor do perdão de Deus, o fazer que possais tornar-vos instrumento de salvação para alguém a quem tinha intenções de ser instrumento de ruína. Deus vos abençoe! E sabeis donde é essa nossa pobre oprimida?

O fidalgo disse o nome da terra de Lucia.

– Não é longe daqui – disse o cardeal. – Louvado seja Deus; e provavelmente... – Assim dizendo, correu para uma mesinha e abanou uma sineta. Logo entrou com ansiedade o capelão crucífero, e a primeira coisa que fez foi olhar para o *Inominado*; e vendo aquela face transformada, e aqueles olhos vermelhos de pranto, olhou para o cardeal; e por baixo daquela inalterável compostura, o seu rosto deixava perceber como que um grave contentamento e uma pressa quase impaciente, o capelão teria ficado extático de boca aberta, se o cardeal não o despertasse imediatamente daquela contemplação, perguntando-lhe se entre os párocos ali reunidos se encontraria o de ***.

– Está, ilustríssimo monsenhor – respondeu o capelão.

– Mande-o vir imediatamente – disse Federigo –, e com ele o pároco aqui da igreja.

O capelão saiu, e foi à sala onde estavam aqueles padres reunidos; todos os olhos se voltaram para ele. Ele, de boca ainda aberta, com o rosto ainda pintado daquele êxtase, levitando as mãos, e movendo-as no ar, disse:

– Meus senhores! Meus senhores! *Haec mutatio dexterarum Excelsi*. – E ficou um momento sem dizer mais nada. Depois, reto-

mando o tom e a voz do cargo, acrescentou: – Sua Senhoria Ilustríssima e reverendíssima quer o senhor cura desta paróquia, e o senhor cura de ***.

O primeiro chamado avançou logo, e a o mesmo tempo saiu do meio da multidão um: – Eu? – arrastado, com uma entoação de surpresa.

– Não é o senhor cura de ***? – continuou o capelão.

– Exatamente, mas...

– Sua Senhoria Ilustríssima e reverendíssima chama-o.

– A mim? – disse ainda aquela voz, significando claramente naqueles monossílabos: Como pode isto ter alguma coisa a ver comigo? Mas desta vez, juntamente com a voz, apareceu o homem, Dom Abbondio em pessoa, com um passo forçado, e um rosto entre o atônito e o desgostado. O capelão fez-lhe um sinal com a mão, que queria dizer: «Isso agora é connosco; vamos. São precisos tantos rodeios?» E precedendo os dois curas, chegou à porta, abriu-a, e mandou-os entrar.

O cardeal largou a mão do *Inominado*, com o qual entretanto havia combinado o que deviam fazer; afastou-se um pouco, e com um sinal chamou o cura da igreja. Contou-lhe um resumo do que se tratava; e se seria capaz de achar já uma boa mulher que quisesse ir numa boa liteira buscar Lucia: uma mulher de bom coração e boa cabeça, que soubesse governar-se bem numa expedição

tão nova, e usar os modos mais a propósito, as palavras mais adequadas, para animar, para tranquilizar aquela pobrezinha, a quem, após tantas angústias, e em tão grande perturbação, a própria libertação podia causar-lhe na alma uma nova confusão. Pensando um momento, disse o cura que tinha a pessoa a propósito, e saiu. O cardeal com outro aceno chamou o capelão, ao qual ordenou que mandasse preparar imediatamente a liteira e os carregadores, e arrear duas mulas. Saindo também o capelão, voltou-se para Dom Abbondio.

Este, que já estava junto dele para se manter longe daquele outro senhor, e que entretanto dava uma olhadela de cima abaixo ora a um, ora a outro, continuando a matutar para consigo o que poderia ser todo aquele vaivém, aproximou-se mais, fez uma reverência e disse:

– Informaram-me que Vossa Senhoria Ilustríssima me queria ver. Mas eu creio que se enganaram.

– Não se enganaram, não – respondeu Federigo. – Tenho uma boa notícia a dar-vos, e um consolador, um suavíssimo recado. Uma vossa paroquiana, que devereis ter chorado por perda, Lucia Mondella, foi achada, está aqui perto, em casa deste meu querido amigo; e vós ireis agora com ele, e com uma mulher que o senhor cura daqui foi buscar, ireis, dizia eu, trazer essa vossa criatura, acompanhando-a até aqui.

Dom Abbondio fez tudo para ocultar o aborrecimento, que digo eu?... a angústia e a amargura que lhe fazia uma proposta destas, ou comando que fosse; e já não indo a tempo de desmanchar e desfazer uma careta já formada no rosto, escondeu-a, inclinando profundamente a cabeça, em sinal de obediência. E não a levantou senão para fazer outra profunda vénia ao *Inominado*, com um olhar implorante que dizia: «Estou nas vossas mãos: tende misericórdia: *parcere subjectis.*»

Perguntou-lhe então o cardeal que parentes tinha Lucia.

– Chegados e com quem viva, ou vivesse, não tem senão a mãe – respondeu Dom Abbondio.

– E esta encontra-se lá na terra?

– Sim, monsenhor.

– Então – prosseguiu Federigo –, dado que essa pobre jovem

não poderá tão cedo ser restituída à sua casa, será uma grande consolação para ela ver já a mãe: assim, se o senhor cura daqui não voltar antes que eu vá para a igreja, fazei-me vós o favor de lhe dizer que arranje uma carroça ou uma cavalgadura, e mande um homem de juízo buscar aquela mulher e trazê-la para aqui.

– E se fosse eu? – propôs Dom Abbondio.

– Não, vós não: já vos pedi outra coisa – respondeu o cardeal.

– Eu falei – replicou Dom Abbondio –, para dispor bem essa pobre mãe. É uma mulher muito sensível; e tem de ser alguém que a conheça, e saiba levá-la com jeito, para não lhe fazer mal em vez de fazer bem.

– E para isso, peço-vos que aviseis o senhor cura para que escolha um homem de bom senso; vós sois muito mais necessário noutro lugar – respondeu o cardeal. E teria preferido dizer: aquela pobre jovem tem muito mais necessidade de ver já uma cara conhecida, uma pessoa segura naquele castelo, após tantas horas de martírio, e numa terrível escuridão quanto ao futuro. Mas esta não era razão a dizer tão claramente diante daquele terceiro. Mas o cardeal achou estranho que Dom Abbondio não a tivesse captado logo, ou melhor ainda, pensado por si; e tão despropositada lhe pareceu a proposta e a insistência, que concluiu haver ali qualquer coisa por trás. Olhou-lhe a cara e nela descobriu facilmente o medo de viajar com aquele homem tremendo, de ir àquela casa, nem que fosse por poucos instantes. Querendo assim dissipar aquelas sombras cobardes, e não lhe agradando chamar à parte o cura e murmurar com ele em segredo, enquanto o seu novo amigo estava ali no papel de terceiro, pensou que o meio mais oportuno era fazer o que faria mesmo sem este motivo, falar com o próprio *Inominado*; e, pelas suas respostas, Dom Abbondio entenderia finalmente que aquele já não era homem para fazer medo a ninguém. Por isso, aproximou-se do *Inominado*, e com aquele ar de espontânea confiança que se encontra numa nova e poderosa afeição, disse-lhe:

– Não julgueis que me contento com esta visita por hoje. Voltareis cá, na companhia deste honrado eclesiástico, não é verdade?

– Se voltarei?! – respondeu o *Inominado*. – Mesmo que vos recusásseis a receber-me, eu ficaria obstinado à vossa porta, como

um pobre mendigo. Preciso de falar convosco! Preciso de vos ouvir, de vos ver! Preciso de vós!

Federigo pegou-lhe na mão, apertou-lha, e disse:

– Então sereis servido de almoçar connosco. Ficarei à vossa espera. Entretanto, vou rezar, e dar graças juntamente com o povo; e vós ireis colher os primeiros frutos da misericórdia.

Dom Abbondio, àquelas demonstrações, estava como um rapaz medroso, que veja alguém acariciar com segurança um seu canzarrão enorme, hirsuto e de olhos vermelhos, com um nome fatídico, famoso por mordidas e por sustos, e oiça dizer ao dono que o seu cão é um bom bicho, muito mansinho: olha para o dono e não contradiz nem aprova: olha para o cão e não se atreve a aproximar-se, por temer que o bom bicho lhe mostre os dentes, mesmo que fosse para lhe fazer festas; nem se atreve a afastar-se, para não se fazer notar, e diz para consigo lá no fundo do coração: «Eh, quem me dera estar em casa!»...

O cardeal, que se punha em movimento para sair, tendo sempre pela mão e conduzindo consigo o *Inominado*, pôs de novo os olhos naquele homem, que ia ficando para trás, mortificado, descontente, fazendo beijo sem querer. E pensando que talvez aquele desagrado lhe pudesse provir também de achar que estava a ser descurado, e como que posto a um canto, e para mais em comparação com um facínora tão bem acolhido, tão acarinhado, voltou-se para ele ao passar, parou um momento, e com um sorriso amoroso, disse-lhe:

– Senhor cura, vós estais sempre comigo na casa do nosso bom Pai; mas este... este *perierat, et inventus est*.

– Oh, como isso me alegra! – disse Dom Abbondio, fazendo uma grande reverência àqueles dois em comum.

O arcebispo prosseguiu o seu caminho, empurrou a porta, que foi imediatamente escancarada de fora por dois servos, que estavam um de cada lado: e o admirável par surgiu aos olhares ansiosos do clero recolhido na sala. Viram-se aqueles dois rostos em que estava pintada uma comoção diferente, mas igualmente profunda; uma reconhecida ternura, uma alegria humilde no aspeto venerável de Federigo, enquanto no do *Inominado*, uma confusão temperada de conforto, um novo pudor, uma compunção, da qual transpare-

cia porém ainda o vigor daquela natureza selvagem e arrebatada. E soube-se depois que, pela mente de mais de um daqueles muitos espectadores, passara entretanto esse dito de Isaías: *o lobo e o cordeiro irão ao mesmo pasto, o leão e o boi comerão juntos a forragem*. Atrás vinha Dom Abbondio, em quem ninguém reparou.

Quando chegaram ao meio da sala, entrou pelo outro lado o ajudante de quarto do cardeal, e aproximou-se dele para lhe dizer que tinha cumprido as ordens que lhe haviam sido comunicadas pelo capelão; que a liteira e as duas mulas estavam preparadas, e que só se aguardava a mulher que o cura havia de trazer. O cardeal disse-lhe que assim que este chegasse, o mandasse falar logo com Dom Abbondio, e que tudo ficasse às ordens deste e do *Inominado*, ao qual apertou novamente a mão, em gesto de despedida, dizendo:

– Espero-vos. – Voltou-se para saudar Dom Abbondio, e dirigiu-se para o lado em que ficava a igreja. O clero foi atrás dele, no meio da multidão e em procissão; os dois companheiros de viagem ficaram sozinhos na sala.

Estava o *Inominado* todo recolhido em si, pensativo, impaciente por chegar o momento de ir tirar dos seus sofrimentos e do cárcere a sua Lucia: sua agora num sentido tão diferente do que era na véspera; e o seu rosto exprimia uma agitação concentrada, que aos olhos desconfiados de Dom Abbondio podia facilmente

parecer qualquer coisa bem pior. Este olhava-o de soslaio, desejaria entabular com ele uma conversa agradável, mas, «o que devo dizer-lhe? – pensava; – devo dizer-lhe outra vez: Isto alegra-me? O que é que me alegra? Que tendo sido até agora um demónio, se tenha finalmente resolvido a tornar-se um homem de bem como os outros? Bonito cumprimento! Eh, eh, eh! De qualquer maneira que eu as vire e revire, as felicitações não quereriam dizer mais nada senão isto. E depois será mesmo verdade que se tenha transformado num homem de bem? Assim, tão repentinamente? Demonstrações, fazem-se tantas neste mundo, e por tantos motivos! Sei lá, às vezes! E entretanto, é a mim que me calha ter de ir com ele! E àquele castelo! Oh, que história! Que história! Quem haveria de mo dizer, esta manhã? Ah, se eu puder sair-me desta são e salvo, quem mas há de ouvir é a senhora Perpetua, que me empurrou para aqui à força, quando não havia necessidade nenhuma, para fora da minha freguesia: e que acorriam cá todos os párocos das redondezas, e até de mais longe; e que eu não devia ficar para trás; e que mais isto, e mais aquilo; e fez-me embarcar numa embrulhada destas! Oh, pobre de mim! Mas alguma coisa tenho de dizer a este aqui.» E pensando e repensando, acabou por achar o que lhe poderia dizer: «Eu nunca esperei ter esta sorte de me encontrar em tão respeitável companhia»; e ia já abrir a boca, quando entrou o ajudante de câmara com o cura da terra, o qual anunciou que a mulher estava pronta na liteira; e, depois, voltou-se para Dom Abbondio, para dele receber a outra incumbência do cardeal. Dom Abbondio lá lha comunicou da maneira que pôde, no meio daquela confusão de espírito em que se encontrava; e, aproximando-se depois do ajudante, disse-lhe:

– Dê-me ao menos uma besta sossegada; porque, para dizer a verdade, sou um pobre mau cavaleiro.

– Não se preocupe – respondeu o ajudante com um meio sorriso de troça: – É a mula do secretário, que é um letrado.

– Nada mau... – replicou Dom Abbondio, e continuou pensando: «Que o Céu tenha dó de mim.»

O senhor tinha-se encaminhado em passo rápido ao primeiro aviso. Ao chegar à porta, reparou que Dom Abbondio tinha ficado para trás. Parou à sua espera; e, quando este chegou muito apres-

sado, com o ar de quem pede perdão, fez-lhe uma vénia e deixou-o passar à frente, com um gesto cortês e humilde: coisa que acomodou um pouco o estômago do pobre atribulado. Mas, assim que pôs um pé no pátio, viu outra novidade que lhe estragou aquela escassa consolação; viu o *Inominado* dirigir-se para um canto, pegar no cano da sua carabina com uma das mãos, depois na correia com a outra, e, com um movimento expedito, como se fizesse um exercício, pô-la a tiracolo.

«Ai! ai! ai! – pensou Dom Abbondio. – O que quererá fazer com aquela geringonça, este diabo? Bonito cilício, bonita disciplina de convertido! E se lhe dá na veneta... Oh, que expedição! Oh, que expedição!»

Se aquele senhor pudesse suspeitar que raio de preocupações passavam pela cabeça do seu companheiro, não se pode dizer o que faria para o tranquilizar; mas estava à distância de mil milhas de tal suspeita; e Dom Abbondio tinha o maior cuidado em não fazer nenhum gesto que significasse claramente: «Não me fio em Vossa Senhoria.» Ao chegar à porta da rua, encontraram as duas montadas em ordem: o *Inominado* saltou para a sela da que lhe foi apresentada por um palafreireiro.

– Não terá manhas? – perguntou Dom Abbondio ao ajudante de câmara, voltando a pôr em terra o pé que já tinha levantado para enfiar no estribo.

– Suba lá, sem receio: é um cordeirinho. – Dom Abbondio, trepando para a sela, seguro pelo ajudante, para cima, para cima, para cima, ei-lo finalmente a cavalo.

A liteira, que estava uns passos adiante, levada por duas mulas, pôs-se em movimento a uma ordem do seu condutor; e a comitiva partiu.

Tinham de passar em frente da igreja a abarrotar de gente, por uma pequena praça também cheia de mais gente da aldeia e de forasteiros que não tinham podido entrar naquela. A grande notícia já corria; e ao aparecer a comitiva, à aparição daquele homem, ainda poucas horas antes objeto de terror e de execração, e agora de feliz espanto, levantou-se entre a multidão um murmúrio quase de aplauso; e ao abrirem caminho, ao mesmo tempo empurravam-se todos, para o verem de perto. A liteira passou, o *Inominado* passou; e diante da porta escancarada da igreja tirou o chapéu, e baixou aquela fronte tão temida, até à crina da mula, por entre o sussurro de mil vozes que diziam: «Deus vos abençoe!» Dom Abbondio tirou também o chapéu, inclinou-se, e encomendou-se ao Céu; mas ao ouvir o concerto solene dos seus confrades que cantavam à distância, sentiu uma inveja, uma triste ternura, uma aflição tal que lhe custou a conter as lágrimas.

Depois, fora do povoado, em campo aberto, nas reviravoltas por vezes completamente desertas da estrada, estendeu-se um véu mais negro sobre as suas preocupações. Ele não tinha outro objeto sobre o qual pousar com confiança o olhar, senão o condutor da liteira, o qual, estando ao serviço do cardeal, devia ser certamente um homem de bem, e ao mesmo tempo não tinha ar de fraco. De vez em quando apareciam viandantes, até mesmo em comitiva, que acorriam para ver o cardeal; e era um conforto para Dom Abbondio, mas passageiro, porque eles iam os dois para aquele vale tremendo, onde só se encontrariam súbditos do amigo: e que súbditos! Com o amigo desejaria agora mais do que nunca entrar em conversa, quer para o sondar cada vez mais, quer para o levar a bem, mas ao vê-lo tão pensativo, passava-lhe o desejo. Teve pois

de falar consigo mesmo; e eis uma parte do que o pobre homem disse para consigo, nesse trajeto; porque, se fosse escrever tudo, daria material para fazer um livro.

«Grande verdade é dizer que tanto os santos como os tratantes não de ter sempre dinheiro vivo, e não se contentam com o estarem sempre em movimento eles próprios, mas querem arrastar consigo todo o género humano; e os mais irrequietos não de vir procurar-me; a mim que não procuro ninguém, e arrastar-me pelos cabelos para os seus negócios; a mim que não peço outra coisa senão que me deixem viver! Aquele doido patifório de Dom Rodrigo! O que é que lhe faltava para ser o homem mais feliz deste mundo, se tivesse nem que fosse um pouquinho apenas de juízo? Rico, jovem, respeitado, cortejado: ele aborrece-se com o bem-estar; e assim tem de andar por aí a arranjar sarilhos para si e para os outros. Poderia ter uma vida bem regalada; mas não senhor, quer ter por ofício molestar as mulheres: o mais doido, o mais ladrão, o mais enraivecido dos ofícios deste mundo; poderia ir de carruagem direitinho ao paraíso. E afinal quer ir para casa do diabo ao pé-coxinho. E este!...» E aqui chegado olhava para ele, como se suspeitasse que esse tal ouvisse os seus pensamentos, «este, depois de ter posto o mundo virado do avesso com os seus atos celerados, agora vira-o do avesso com a conversão... se for verdade. Entretanto calha-me a mim fazer a experiência!... Acabou: quando nasceram com essa mania no corpo, têm de fazer sempre barulho. Será assim tão difícil ser um homem de bem toda a vida, como fiz eu? Não senhor: tem de se esquartejar, de matar, de fazer o diabo a quatro... Oh... pobre de mim!... E depois, mais espalhafato, até para se fazer penitência. A penitência, quando se tem boa vontade, pode-se fazer em casa, quietamente, sem dar incómodo ao próximo. E Sua Senhoria ilustríssima, vai logo a correr de braços abertos: querido amigo, querido amigo, aceitar tudo o que lhe disser este homem, como se o tivesse visto fazer milagres; e tomar sem mais nem menos uma resolução, e atacá-la com mãos e pés, depressa para cá, depressa para lá; em minha casa, a isto chama-se precipitação. E sem ter a mínima garantia, entregar-lhe nas mãos um pobre cura! A isto chama-se jogar um homem no par ou ímpar. Um bispo santo, como ele é, deveria ser

zeloso com os curas como com a menina dos seus olhos. Um bocadinho de fleuma, um bocadinho de prudência, um bocadinho de caridade, parece-me que se podem conciliar com a santidade... E se fosse tudo aparência? Quem pode conhecer todos os objetivos dos homens? E digo dos homens como este. E pensar que eu tenho de ir com ele à sua casa! Por baixo disto tudo, pode estar algum demónio: oh! coitado de mim! É melhor nem pensar nisso. E que trapalhada é esta de Lucia? Terá havido algum entendimento com Dom Rodrigo? Que gente! Mas assim ao menos a coisa seria clara. No entanto, como foi parar às garras deste aqui? Vá-se lá saber! É todo um segredo com monsenhor: e a mim que me fazem trotar desta maneira, não se diz nada. Eu não me preocupo em saber os segredos dos outros; mas quando alguém arrisca a pele, tem mesmo razões para saber. Se fosse mesmo para ir buscar aquela pobre criatura, paciência! Se bem que ele poderia trazê-la consigo. E depois, se está assim tão convertido, se se tornou um santo padre, para que serei preciso eu? Oh, que caos! Basta; queira o Céu que assim seja: terá sido um grande incómodo, mas paciência! Também ficarei satisfeito por essa pobre Lucia: ela também deve ter escapado de boa; sabe o Céu o que ela terá sofrido: tenho pena dela; mas nasceu para dar cabo de mim... Se ao menos eu pudesse ver dentro do coração deste homem como é que ele pensa... Quem pode conhecê-lo? Ali está ele, que ora parece um Santo Antão no deserto, ora parece Holofernes em pessoa. Oh, pobre de mim! pobre de mim! Enfim, o Céu está na obrigação de me ajudar, porque se estou metido nesta, não foi por capricho meu.

De facto, no rosto do *Inominado* via-se, por assim dizer, passar os pensamentos, como numa hora borrascosa as nuvens passam diante da face do sol, alternando a cada momento uma luz viva com uma fria escuridão. A alma, ainda toda inebriada pelas suaves palavras de Federigo, e como que refeita e rejuvenescida na nova vida, elevava-se àquelas ideias de misericórdia, de perdão e de amor; depois recaía sob o peso do terrível passado. Corria com ansiedade procurando quais fossem as iniquidades reparáveis, como se pudesse trincar a meio, quais os remédios mais expedientes e mais seguros, como desfazer tantos nós, que fazer de tantos cúmplices: era um aturdimento pensar nisso. Àquela própria expedi-

ção, que era a mais fácil e estava tão próxima do seu termo, e a ele com uma impaciência mista de angústia, pensando que entretanto aquela criatura sofria, só Deus sabe quanto, e que ele, que no entanto se esforçava por libertá-la, era ele quem ainda a fazia sofrer. Onde havia dois caminhos, o condutor da liteira voltava-se para saber qual devia tomar. O *Inominado* apontava-lho com a mão e ao mesmo tempo acenava-lhe para que se apressasse.

Entram no vale. Como estava então o pobre Dom Abbondio! Aquele vale famoso, do qual tinha ouvido contar tantas histórias horríveis, estar dentro dele! Aqueles famosos homens, a fina flor dos bravos de Itália, aqueles homens sem medo e sem misericórdia, vê-los em carne e osso, encontrar um ou dois ou três a cada curva do caminho. Inclínavam-se submissamente ao senhor; mas certas caras bronzeadas! Certos bigodes eriçados! Certos olhos ferozes que a Dom Abbondio pareciam querer dizer: «Temos de dar cabo deste padre?» A ponto de num momento da sua consternação ele dizer para consigo: «Se eu os tivesse casado! Pior não me podia acontecer.» Entretanto, avançava-se por um carreiro pedregoso, ao longo da torrente: para lá aquela perspectiva de rochas ásperas, escuras, desabitadas; para cá esta população capaz de fazer parecer desejável qualquer deserto: Dante não estava pior no meio das Bólgias.

Passaram diante da *Má Noite*; valentões à porta, reverências ao senhor, olhares para o seu companheiro e para a liteira. Eles não sabiam o que pensar. Já a partida do *Inominado* sozinho, de manhã, tinha algo de extraordinário; o regresso não o era menos. Era uma presa que trazia? E como a tinha feito por si? E porquê uma liteira forasteira? E de quem podia ser aquela libré? Olhavam, olhavam, mas ninguém se mexia, porque era esta a ordem que o seu amo lhes dava através de olhares.

Fazem a subida, estão lá em cima. Os bravos que se encontram na esplanada e à porta afastam-se para cá e para lá, para lhes deixarem o caminho livre; o *Inominado* faz sinal de que não saiam donde estão; esporeia a montada; acena ao condutor e a Dom Abbondio para que o sigam; entra num primeiro pátio; desse passa a um segundo; vai até uma portinha, faz parar com um gesto um bravo que acorria para lhe segurar o estribo, e diz-lhe: «Fica aqui, e que não venha ninguém. Desmonta, amarra a mula apressadamente a uma grade de ferro, vai até à liteira, aproxima-se da mulher, que tinha puxado a cortina, e diz-lhe baixinho:

– Consolai-a já; explicai-lhe imediatamente que está livre, na mão de amigos. Deus recompensar-vos-á.

Depois faz sinal ao condutor da liteira para que a abra; a seguir, aproxima-se de Dom Abbondio, e com um semblante tão sereno como este ainda não lhe tinha visto, nem achava que ele pudesse ter, mostrando, pintada nele, a alegria da boa obra que finalmente estava prestes a concluir, diz-lhe, ainda em voz baixa:

– Senhor cura, não lhe peço desculpa pelo incómodo que tem por minha causa: fá-lo por Um que paga bem, e por esta sua pobrezinha.

Dito isto, pegou com uma das mãos o freio e com a outra o estribo, para ajudar Dom Abbondio a descer.

Aquela cara, aquelas palavras, aquele gesto, tinham-lhe dado a vida. Deu um suspiro, que há uma hora girava dentro de si sem nunca encontrar a saída; inclinou-se para o *Inominado*, respondeu em voz baixa:

– Acha? Mas, mas, mas, mas!... – e desmontou conforme pôde da sua montada. O *Inominado* amarrou-a também, e, dizendo ao condutor que ficasse ali à espera, tirou uma chave do bolso, abriu a porta, entrou, mandou entrar o cura e a mulher, e dirigiu-se à frente deles para a escada; e os três subiram todos em silêncio.

CAPÍTULO XXIV

LUCIA ACORDARA POUCO TEMPO ANTES; E, DESSE TEMPO, HAVIA passado uma parte a despertar completamente, a separar as turvas visões do sono das memórias e das imagens daquela realidade demasiado parecida com uma funesta visão do inferno. A velha tinha-se logo aproximado, e, com aquela voz forçadamente humilde, dissera-lhe:

– Ah! dormistes? Podíeis ter dormido na cama; eu bem vos disse tantas vezes esta noite.

E não recebendo resposta, prosseguira, ainda com um tom de súplica irritada:

– Agora comei: tende juízo. Uh, como estais feia! Precisais de comer. E se depois, quando ele chegar, me culpar a mim?

– Não, não; quero ir-me embora, quero ir para o pé da minha mãe. O patrão prometeu-mo, ele disse amanhã de manhã. Onde está o patrão?

– Saiu; disse-me que voltará cedo, e que fará tudo o que quiserdes.

– Foi o que ele disse? Foi assim que disse? Pois bem; quero ir para casa da minha mãe; já, já!

Nisto, ouvem-se umas pisadas no quarto ao lado; depois, uma pancada na porta. A velha acorre perguntando:

– Quem é?

– Abre – respondeu baixinho a conhecida voz. A velha puxa o ferrolho; o *Inominado*, empurrando levemente os batentes, demora um pouco: ordena à velha que saia, e faz logo entrar Dom Abbondio com a boa mulher. Depois, torna a encostar a porta, detém-se atrás desta, e manda a velha para uma parte distante do castelo; tal como tinha já mandado embora a outra mulher que estava cá fora de guarda.

Todo este movimento, aquele novo espetáculo, o primeiro aparecimento de pessoas novas causaram um sobressalto de agitação em Lucia, à qual, se o estado presente era intolerável, qualquer mudança porém era motivo de suspeita e de novo susto. Olhou, viu um padre, uma mulher; animou-se um pouco; olha com mais atenção: é ele ou não é? Reconhece Dom Abbondio, e fica de olhos fixos, como que encantada. A mulher, aproximando-se dela, inclinou-se sobre ela, e olhando-a piedosamente, pegando-lhe nas mãos, como se quisesse acariciá-la e levantá-la ao mesmo tempo, disse-lhe:

– Oh, pobrezinha! Vinde, vinde conosco.

– Quem sois vós? – perguntou-lhe Lucia; mas sem esperar pela resposta, virou-se de novo para Dom Abbondio, que se mantivera à distância de dois passos, com uma cara toda ela de compaixão; fitou-o de novo, e exclamou:

– O senhor! É o senhor cura? Onde estamos?... Oh, pobre de mim! Perdi o entendimento!

– Não, não – respondeu Dom Abbondio. – Sou mesmo eu: tende coragem. Vedes? Viemos levar-vos daqui para fora. Sou mesmo o vosso cura, vindo aqui de propósito, de cavalo...

Lucia, como se tivesse de repente recuperado todas as suas forças, levantou-se precipitadamente; depois fixou de novo o olhar naquelas duas caras, e disse:

– Foi, então, Nossa Senhora que vos mandou.

– Eu acredito que sim – disse a boa mulher.

– Mas podemos ir-nos embora, podemos ir a sério? – insistiu Lucia, baixando a voz, e com um olhar tímido e desconfiado. – E

aquela gente toda?... – continuou, de lábios contraídos e trementes de susto e de horror: – E aquele senhor!... Aquele homem!... Sim, ele tinha-me prometido...

– Também está aqui em pessoa, veio de propósito connosco – disse Dom Abbondio. – Está aqui fora à espera. Vamos depressa; não façamos esperar um homem daquela categoria.

Então, aquele de quem se falava empurrou a porta e apresentou-se à vista de todos; Lucia, que pouco antes o desejava, aliás, não tendo esperança em mais nada no mundo, só desejava que ele viesse, agora, depois de ter visto caras e ouvido vozes amigas, não conseguiu reprimir um súbito calafrio; estremeceu, conteve a respiração, apertou-se contra a boa mulher, e ocultou o rosto no seio desta. O *Inominado*, à vista daquele aspeto sobre o qual já na noite anterior não pudera deter o olhar, daquele aspeto que se tornara agora mais desolado, abatido, mais angustiado pelo sofrimento prolongado e pelo jejum, ficara ali parado, quase à porta; depois, ao ver aquele gesto de terror, baixou os olhos e ficou mais um momento mudo e imóvel; a seguir, respondendo ao que a pobrezinha não dissera, exclamou: – É verdade, perdoai-me!

– Vem soltar-vos; já não é o mesmo; tornou-se bom; não ouvis que vos pede perdão? – disse a boa mulher ao ouvido de Lucia.

– Pode-se dizer mais? Vá lá, essa cabeça para cima; não sejas criança, para podermos ir cedo – disse-lhe Dom Abbondio.

Lucia levantou a cabeça, olhou para o *Inominado*, e vendo-o de frente baixa, de olhar aterrado e confuso, tomada por um sentimento misto de conforto, de reconhecimento e de piedade, disse:

– Oh, meu senhor! Deus o recompense pela sua misericórdia!

– E a vós cem vezes o bem que me fazem estas vossas palavras.

Dito isto, voltou-se, dirigiu-se para a porta, e foi o primeiro a sair. Lucia, toda reanimada, com a mulher que lhe dava o braço, foi atrás dele e por fim Dom Abbondio. Desceram a escada, chegaram à porta que dava para o pátio. O *Inominado* abriu-a, dirigiu-se para a liteira e, abrindo a portinhola, com uma certa gentileza quase tímida (duas novidades nele) amparando o braço de Lucia, ajudou-a a entrar, seguida pela boa mulher. Desprendeu a mula de Dom Abbondio, e ajudou-o também a montar.

– Oh, que consideração! – disse este e montou muito mais lesto do que tinha feito da primeira vez. A comitiva moveu-se, quando o *Inominado* montou também a cavalo. Voltara a levantar a cabeça; o olhar recuperara a sua habitual expressão de império. Os bravos que encontrava viam bem no seu rosto os sinais de um forte pensamento, de uma preocupação extraordinária; mas não compreendiam, nem podiam compreender mais do que isso. No castelo não se sabia ainda nada da grande mutação daquele homem; e por conjectura certamente nenhum daqueles lá teria chegado.

A boa mulher correu logo as cortinas da liteira; depois pegou afetosamente nas mãos de Lucia, e pôs-se a confortá-la com palavras de piedade, de congratulação e de ternura. E vendo que, além da fadiga de tanta aflição sofrida, a confusão e obscuridade dos acontecimentos impediam a pobrezinha de sentir plenamente o contentamento pela sua libertação, disse-lhe tudo o que podia achar de mais apto para esclarecer, para pôr em ordem, por assim dizer, os seus pobres pensamentos. Indicou-lhe a terra para onde iam.

– Sim? – disse Lucia, que sabia ser a pouca distância da sua. – Ah, Maria Santíssima, agradeço-vos! Minha mãe! Minha mãe!

– Vamos logo mandar buscá-la – disse a boa mulher, sem saber que a coisa já estava feita.

– Sim, sim; que Deus vos recompense... E vós, quem sois? Como viestes?

– Mandou-me o nosso cura – disse a boa mulher. – Porque a este senhor, Deus tocou-lhe o coração (abençoado seja!). E ele veio à nossa aldeia, para falar com o senhor cardeal arcebispo (que o temos lá de visita, esse santo homem), e arrependeu-se dos seus pecados, e quer mudar de vida; e disse ao cardeal que tinha mandado raptar uma pobre inocente, que sois vós, combinado com outro sem temor a Deus, que o cura não me disse quem poderá ser.

Lucia ergueu os olhos ao céu.

– Talvez o saibais vós – continuou a boa mulher –, basta! Portanto o senhor cardeal pensou que, tratando-se de uma jovem, era preciso uma mulher para lhe fazer companhia, e disse ao cura que arranjasse uma; e o cura, por bondade sua, veio ter comigo...

– Oh! O Senhor recompensar-vos-á pela vossa caridade!

– Não digais isso, minha pobre jovem. Disse-me o senhor cura que vos fizesse ganhar coragem e tentasse aliviar-vos de imediato, e fazer-vos compreender como o Senhor vos salvou miraculosamente...

– Ah sim! Foi mesmo miraculosamente; por intercessão de Nossa Senhora.

– Portanto, estai de boa disposição e perdoai a quem vos fez mal, e ficai contente por Deus ter usado de misericórdia para com ele, aliás, rezai por ele; porque ao merecê-lo sentireis alargar-se o coração.

Lucia respondeu com um olhar que dizia que sim, tão claro como poderiam ser as palavras, e como uma doçura que as palavras não saberiam exprimir.

– Brava rapariga! – prosseguiu a mulher. – E encontrando-se também na aldeia o vosso cura (que estão lá tantos de todos os arredores, que dava para juntar quatro ofícios solenes), pensou o senhor cardeal mandá-lo também por companhia; mas foi de pouco auxílio. Já tinha ouvido dizer que era homem que não valia muito; mas nesta ocasião tive mesmo de ver que é mais atrapalhado que um pintainho perdido.

– E este...– perguntou Lucia –, este ficou bom... Quem é?

– O quê! Não sabeis? – disse a boa mulher, e declinou o nome dele.

– Oh, misericórdia! – exclamou Lucia. Aquele nome, quantas vezes o tinha ouvido repetir com horror em mais de uma história, em que aparecia sempre, como noutras histórias, o do ogre! E agora, à ideia de ter estado sob o seu terrível poder, e de estar à sua guarda piedosa; à ideia de uma desgraça tão horrenda e de uma tão imprevista redenção; ao considerar de quem era aquele rosto que tinha visto primeiro violento, depois comovido e por fim humilhado, permanecia como que estática, só dizendo, de quando em quando: – Oh misericórdia!

– É uma grande misericórdia, na verdade! – disse a boa mulher. – Deve ser um grande alívio para meio mundo. Ao pensar quanta gente deitou abaixo; e agora, como me disse o nosso cura... e depois, basta olhar-lhe para a cara, tornou-se um santo! E para mais veem-se logo as obras.

Dizer que esta boa mulher não sentisse muita curiosidade de conhecer um pouco mais distintamente a grande aventura em que se encontrava a desempenhar um papel, não seria verdade. Mas é preciso dizer para sua glória que, tomada por uma piedade respeitosa em relação a Lucia, sentindo de certo modo a gravidade e a dignidade do encargo que lhe tinha sido confiado, não pensou sequer em fazer-lhe uma pergunta indiscreta, nem ociosa: todas as suas palavras, naquele trajeto foram de conforto e cuidados para com a pobre jovem.

– Sabe Deus há quanto tempo não comeis!

– Já nem me lembro... Há algum tempo.

– Pobrezinha! Precisaís de ganhar forças.

– Sim – respondeu Lucia com voz fraca.

– Em minha casa, graças a Deus, vamos já arranjar alguma coisa. Tenha coragem que já falta pouco.

Lucia então deixou-se cair lânguida no fundo da liteira, como que dormitando; e então a boa mulher deixou-a em repouso.

Para Dom Abbondio este regresso não era certamente tão angustioso como a ida de há pouco; mas também não foi uma viagem de prazer. Ao cessar aquele medo terrível, ao princípio sentiu-se mais aliviado, mas bem cedo começaram a brotar-lhe no coração mil outros alarmes no coração; como quando se arranca uma grande árvore pela raiz, o terreno permanece nu durante

algun tempo, mas, depois, cobre-se todo de ervas daninhas. Tornara-se mais sensível a tudo o resto, e, tanto no presente como nas preocupações do futuro, não lhe faltava infelizmente matéria para se atormentar. Sentia agora, muito mais que à ida, o incómodo daquele modo de viajar a que não estava muito habituado; e especialmente ao princípio, na descida do castelo até ao fundo do vale. O condutor da liteira, estimulado pelos sinais do *Inominado*, fazia andar os bichos a bom passo; as duas cavalgaduras vinham atrás de tudo com o mesmo passo; daí resultava que em certos lugares mais íngremes, o pobre Dom Abbondio, como se lhe tivessem posto uma alavanca por trás, escorregava para a frente, e para se equilibrar tinha de se agarrar com a mão ao arção; mas não se atrevia a pedir que fossem mais devagar, e, por outro lado, queria estar fora daquela terra o mais depressa que fosse possível. Além disso, onde a estrada subia, junto de uma ribanceira, a mula, conforme o uso dos seus pares, parecia fazer por partida manter-se sempre do lado de fora, e a pôr as patas mesmo na beirinha; e Dom Abbondio via lá em baixo quase na perpendicular, um salto, ou como pensava ele, um precipício. «Tu também – dizia para con-

sigo ao animal –, tens esse maldito gosto de ir procurar os perigos, quando há aqui tanta estrada!» E puxava a rédea para outro lado; mas em vão. Pelo que, de costume, roendo-se de medo e de irritação, se deixava conduzir pela vontade dos outros. Os bravos já não lhe metiam tanto pavor, agora que sabia as intenções do patrão. «Contudo – refletia ele –, se a notícia desta grande conversão se espalha aqui dentro, enquanto ainda cá estamos, sabe-se lá como a irãõ entender estes! Sabe-se lá o que pode daqui nascer! Poderiam até imaginar que tinha vindo eu fazer de missionário! Ai de mim! Que ainda me martirizam!» O cenho do *Inominado* não o incomodava. «Para segurar aquelas caras – pensava –, é preciso pelo menos esta aqui; isso também eu percebo; mas porque é que me havia de calhar a mim ver-me no meio destes tipos todos!»

Basta; chegou-se ao fundo da descida e saiu-se finalmente do vale. A fronte do *Inominado* foi-se descontraindo. Dom Abbondio também fez uma cara mais natural, soltou um pouco a cabeça do meio dos ombros, desentorpeceu os braços e as pernas, pôs-se um pouco mais atrás na sela, fazendo já outra figura, respirou mais fundo e, de ânimo mais descansado, pôs-se a considerar outros perigos distantes. «O que dirá aquela besta do Dom Rodrigo? Ficar com um nariz de palmo desta maneira, com os danos e sem receber nada em troca, imagine-se como lhe vai parecer amarga a derrota. Agora é que vai ser mesmo um diabo. Já estamos a ver que eu também vou pagá-las, porque vim parar dentro desta cerimónia. Se logo ao princípio teve a coragem de mandar aqueles dois demónios para eu fazer uma figura daquelas na estrada, agora, no fim, sabe-se lá o que poderá fazer! Com Sua Senhoria ilustríssima não se pode meter, porque é um peixe muito maior que ele; ali terá de roer o freio. Entretanto, o veneno já o terá metido no corpo, e sobre alguém irá descarregar. Como é que acabam estas coisas? As pancadas caem sempre para baixo; os desgraçados vão ao ar. Lucia, certamente Sua Senhoria ilustríssima tratará de a pôr a salvo: aquele outro desgraçado infeliz está fora do alcance de tiro, e já levou a sua; assim, o pobre coitado passei a ser eu. Seria cruel que ao cabo de tantos incómodos, de tantas agitações, e sem ganhar nada com isto, que a pena me coubesse a mim. O que fará agora Sua Senhoria ilustríssima para me defender, depois de me ter

metido ao barulho? Poderá ser meu fiador para que aquele danado não me faça uma má ação, pior do que a primeira? E depois tem tantos afazeres a encher-lhe a cabeça! Lança a mão a tantas coisas! Como se pode cuidar de tudo? Depois, às vezes, deixam as coisas ainda mais embrulhadas do que antes. Os que fazem o bem, fazem-no por atacado: depois de terem provado aquela satisfação, fartam-se dela, e não se querem incomodar a tratar de todas as consequências; mas os que têm o gosto de fazer o mal, fazem-no com mais diligência, querem levar a coisa até ao fim, nunca fazem tréguas, porque têm aquele cancro a roê-los. Tenho de ir eu dizer que vim aqui por ordem expressa de Sua Senhoria ilustríssima, e não por minha vontade? Pareceria que eu queria ficar do lado da iniquidade. Oh, santos céus! Do lado da iniquidade, eu! Pelas satisfações que me dá! Basta; o melhor será contar a Perpetua as coisas tal como são; e deixar depois que seja Perpetua a espalhá-las. Desde que a monsenhor não lhe dê a mania de fazer qualquer publicidade, qualquer cena inútil, e meter-me dentro disto a mim também. Enfim, assim que chegarmos, se estiver fora da igreja, irei cumprimentá-lo sem demora; se ainda não tiver saído, apresento as minhas desculpas e vou direitinho a casa. Lucia está bem amparada; e ao cabo de tanto incómodo também posso pretender descansar. E depois... que não venha a monsenhor também a curiosidade de saber a história toda, e me calhe prestar contas do problema do casamento! Não me faltava mais nada. E se também vier de visita à minha paróquia!... Oh! Será o que tiver de ser; não vou angustiar-me antes de tempo; já estou farto de sarilhos. Por agora, vou fechar-me em casa. Enquanto monsenhor andar por estes lados, Dom Rodrigo não terá o descaramento de fazer loucuras. E depois... e depois? Ah! Vejo que os meus últimos anos ainda terei de os passar mal!»

A comitiva chegou, quando as funções da igreja ainda não tinham terminado; passou pelo meio da mesma multidão não menos comovida do que antes; e depois dividiu-se. Os dois, a cavalo, viraram para uma praceta lateral, ao fundo da qual ficava a casa do pároco; a liteira avançou para a da boa mulher.

Dom Abbondio fez o que tinha pensado: assim que desmontou deu os cumprimentos mais exagerados ao *Inominado*, e pediu-lhe

que o desculpasse junto de monsenhor; ele tinha de voltar à sua paróquia por assuntos urgentes. Foi buscar aquele a que chamava o seu cavalo, ou seja, o bastão que tinha deixado a um canto da sala, e saiu. O *Inominado* ficou à espera de que o cardeal voltasse da igreja.

A boa mulher, fazendo Lucia sentar-se no melhor sítio da sua cozinha, estava ocupada a preparar-lhe qualquer coisa para comer, recusando com uma certa cordialidade rústica, os agradecimentos e as desculpas que esta de vez em quando renovava.

Rapidamente, metendo lenha debaixo de uma pequena caldeira, onde nadava um bom capão, fez o caldo levantar fervura e com ele encheu uma gamela já guarneçada de fatias de pão, e pôde finalmente apresentá-la a Lucia. E ao ver a pobrezinha voltar a si a cada colherada, em voz alta se congratulava consigo mesma por tudo ter acontecido um dia em que, como dizia ela, não havia gato no lume.

– Hoje todos se esforçam por fazer qualquer coisa – acrescentava. – Menos aqueles pobrezinhos que não têm nem pão de rolão nem polenta de sorgo; mas hoje, de um senhor tão caridoso esperam todos receber alguma coisa. Nós, graças ao Céu, não estamos neste caso: entre o ofício do meu marido e qualquer coisa que a terra dá, lá vamos vivendo. Por isso, podereis comer sem vos ralardes, que em breve o capão está pronto e podereis restabelecer-vos um pouco melhor.

Assim falando, tornou a acorrer à comida, e a pôr a mesa. Lucia, tendo-lhe voltado parte das forças, e acalmando cada vez mais o seu ânimo, entretanto arranjava-se, por hábito, por instinto de limpeza e de pudor: endireitava e prendia as tranças soltas e desgrenhadas, endireitava o lenço sobre o seio e em volta do pescoço. Ao fazê-lo os seus dedos embateram no terço que tinha posto na noite antes; percorreu-o com o olhar; fez-se na mente um tumulto instantâneo; a memória da promessa, oprimida até agora e sufocada por tantas sensações presentes, suscitou-se de repente e apareceu clara e distinta. Então toda a potência do seu ânimo que acabava de recuperar foi de novo esmagada de imediato: e se esse ânimo não tivesse sido tão preparado por uma vida de inocência, de resignação e de confiança, a consternação que sentiu naquele

momento teria sido desespero. Após uma ebulção daqueles pensamentos que não vêm com palavras, as primeiras que se formaram na sua mente foram: «Oh, pobre de mim, o que fui fazer!»

Mas assim que o pensou sentiu como que um susto. Tornaram-lhe à mente todas as circunstâncias da promessa, a angústia intolerável, o não ter uma esperança de socorro, o fervor da oração, a plenitude do sentimento com que fora feita a promessa. E depois de ter obtido a graça, arrepender-se da promessa pareceu-lhe uma ingratidão sacrílega, uma perfídia para com Deus e Nossa Senhora; pareceu-lhe que tamanha infidelidade atrairia sobre ela novas e mais terríveis desventuras, no meio das quais já não poderia ter esperança sequer na oração; e apressou-se a renegar aquele arrependimento momentâneo. Tirou com devoção o terço do pescoço e, segurando-o na mão tremente, confirmou e renovou a promessa, pedindo ao mesmo tempo, com uma sentida súplica, que lhe fosse concedida a força para o conseguir, que lhe fossem poupados os pensamentos e as ocasiões que pudessem, senão demover o seu ânimo, pelo menos agitá-lo demasiado. O afastamento de Renzo, sem nenhuma probabilidade de retorno, aquele afastamento que desde então lhe fora tão amargo, pareceu-lhe agora uma disposição da Providência, que tivesse juntado os dois aconte-

tecimentos para um único fim; e procurava achar num a razão de ficar contente com o outro. E por trás desse pensamento, ia imaginando igualmente que aquela mesma Providência, para realizar a sua obra, seria capaz de achar a maneira de fazer que Renzo se resignasse também, e deixasse de pensar... Mas uma ideia destas, assim que se tem, vira do avesso a mente que a procurou. A pobre Lucia, sentindo que o coração estava prestes a arrepender-se, voltou à oração, às confirmações, ao combate, do qual se ergueu, se deixarmos passar esta expressão, como o vencedor exausto e ferido, de cima de um inimigo abatido: e não digo morto.

De repente, ouve-se um barulho, e um soar de vozes alegres. Era a família da boa mulher que voltava da igreja. Duas meninas e um rapazinho entram pulando; param um momento para dar uma olhadela curiosa a Lucia, depois correm para a mãezinha e agrupam-se à sua volta; ou a perguntar o nome daquela convidada desconhecida, e o como e o porquê; ou a contar as maravilhas que tinham visto: a boa mulher responde a tudo e a todos com um: «Calados, calados.» Depois entra com passo mais calmo, mas com uma solicitude cordial pintada no rosto, o dono da casa. Se ainda não o dissemos, era o alfaiate da terra, e dos arredores; um homem que sabia ler, que lera de facto mais de uma vez as *Lendas dos Santos*, o *Guerin Meschino* e os *Reis de França*, e naqueles lados passava por homem de talento e de saber: louvores porém que rejeitava modestamente, dizendo apenas que tinha errado a vocação; e que se tivesse ido estudar, em vez de tantos outros!... Com isto, a melhor massa do mundo. Encontrando-se presente quando o cura veio pedir à sua mulher que empreendesse aquela viagem caritativa, não só tinha dado a sua aprovação, como a animaria, se tivesse sido preciso. E agora que a função, a pompa, a presença e sobretudo a prédica do cardeal tinham, como se diz, exaltado todos os seus bons sentimentos, tornava a casa com uma expectativa, com um desejo ansioso de saber como tinham corrido as coisas, e de ver a pobre inocente acabada de se salvar.

– Olhe – disse-lhe, quando ele entrou, a boa mulher, indicando Lucia; a qual ficou de cara vermelha, levantou-se e começou a balbuciar alguma desculpa. Mas ele, aproximando-se, interrompeu-a fazendo-lhe uma grande festa e exclamando:

– Bem-vinda, bem-vinda! Sois a bênção dos Céus sobre esta casa. Como estou contente por vos ver aqui! Já tinha a certeza de que chegaríeis a bom porto; porque nunca dei por que o Senhor comesse a fazer um milagre sem o acabar bem; mas estou contente por vos ver aqui. Pobre jovem. Mas é uma grande coisa receber um milagre!

Não se julgue que fosse ele o único a opinar deste modo o grande acontecimento, por ter lido as *Lendas*: por toda a terra e pelos arredores não se falou do caso com outros termos, enquanto dele restou memória. E para dizer a verdade, com as franjas que lhe coseram, nem lhe poderia convir qualquer outro nome.

Depois, acercando-se devagarinho da mulher, que tirava a caldeira da corrente, disse-lhe em voz baixa:

– Correu tudo bem?

– Muito bem; depois conto-te tudo.

– Sim, sim; com calma.

Posta a refeição na mesa, a dona da casa foi buscar Lucia, trouxe-a, fê-la sentar-se, e tirando uma asa àquele capão, pôs-lha à frente; sentaram-se também mulher e marido, encorajando ambos a comer a sua abatida e envergonhada hóspede. O alfaiate, aos primeiros bocados, começou a discorrer, com grande ênfase, no meio das interrupções das crianças, que comiam muito direitas em volta da mesa, e que, na verdade, tinham visto demasiadas coisas extraordinárias para fazerem durante muito tempo o papel de meros ouvintes. Descrevia as cerimónias solenes, depois saltava para o tema da conversão maravilhosa. Mas o que lhe fizera maior impressão, e a que tornava com maior frequência, era a prédica do cardeal.

– Ao vê-lo ali diante do altar – disse –, um senhor daquela categoria, como um cura...

– E aquela coisa de ouro que tinha na cabeça... – disse uma das meninas.

– Está calada. Ao pensar, digo eu, que um senhor daquela categoria, e homem tão sabedor que, ao que dizem, já leu todos os livros que existem, coisa a que nenhum outro jamais chegou, nem mesmo em Milão; e pensar que sabe até adaptar-se a dizer coisas de maneira que todos possam entender...

– Eu também entendi – disse a outra tagarela.
– Está calada. O que é que entendeste?
– Entendi que ele explicava o Evangelho em vez do senhor cura.

– Está calada. Não falo de quem sabe alguma coisa; que então é-se mesmo obrigado a entender; mas também dos de cabeça mais dura, dos mais ignorantes. Acompanhavam a linha do discurso. Vão lá agora perguntar-lhes se saberiam repetir as palavras que ele disse: sim; não conseguiam repescar nem uma; mas o sentimento, têm-no aqui. E sem nunca nomear aquele senhor, como se percebia que queria falar dele! E depois, para compreender, bastava observar quando estava de lágrimas nos olhos. E então, toda a gente a chorar...

– É mesmo verdade – deixou escapar o menino. – Mas porque é que choravam todos daquela maneira, como umas crianças?

– Está calado. É um facto que há corações duros aqui nesta terra. E ele mostrou mesmo que, embora exista a carestia, temos de agradecer ao Senhor, sentindo-nos satisfeitos: temos de fazer o que nos for possível, temos de nos esforçar e de nos ajudarmos, para depois podermos ficar satisfeitos. Porque a desgraça não é o que se sofre, nem o ser-se pobre; a desgraça é fazer mal. E não é só palavreado bonito; que ele também vive como os pobres e tira o pão à sua boca para o dar aos famintos; quando, melhor do que qualquer outro, podia levar uma vida regalada. Ah! Assim dá satisfação a um homem ouvi-lo pregar; não é como tantos outros, fazei o que eu digo, mas não o que eu faço. E depois mostrou mesmo que até aqueles que não são fidalgos, se tiverem mais do que o necessário, são obrigados a repartir com quem sofre.

Aqui interrompeu o seu próprio discurso, como que surpreendido por uma ideia. Deteve-se um momento: a seguir pegou num prato com comida que estava em cima da mesa e, juntando-lhe um pão, cobriu o prato com um guardanapo, e, segurando-o pelas quatro pontas, disse à filha mais velha:

– Segura aqui. – Deu-lhe para a outra mão uma garrafa de vinho e acrescentou: – Vai aqui a casa da viúva Maria; deixa-lhe lá isto e diz-lhe que é para passar o dia mais alegre com os filhos. Mas com boas maneiras, vê lá; que não pareça que lhe das uma

esmola. E não digas nada, se te cruzares com alguém; e cuidado para não partires nada.

Lucia sentiu os olhos molhados, e no coração uma agradável ternura; como já com as conversas anteriores havia recebido um alívio que um discurso feito de propósito não podia dar-lhe. Com o espírito atraído por aquelas descrições, por aquele falar sensato, por aquelas comoções de piedade e de admiração, tomado pelo entusiasmo do próprio narrador, afastava-se dos seus pensamentos dolorosos; e também voltando atrás, achava-se mais forte contra eles. O próprio pensamento do grande sacrifício, mesmo não tendo perdido nada da sua amargura, juntamente com esta, continha algo como que de alegria austera e solene.

Pouco depois, entrou o cura da terra, e disse que tinha sido mandado pelo cardeal para se informar de Lucia, e avisá-la que monsenhor queria vê-la nesse mesmo dia, e para agradecer em seu nome ao alfaiate e à mulher. E tanto ele como ela, emocionados e confundidos, não achavam palavras para corresponder a tais demonstrações daquela personalidade.

– E a vossa mãe ainda não chegou? – perguntou o cura a Lucia.

– A minha mãe! – exclamou esta. Dizendo-lhe o cura que tinha mandado irem buscá-la, por ordem do arcebispo, levou o avental aos olhos, e rompeu num pranto desalmado, que durou ainda um bocado depois de ter saído o cura. Quando os afetos tumultuosos

que se lhe tinham suscitado àquele anúncio, começaram a dar lugar a pensamentos mais repousados, a pobrezinha lembrou-se que aquela consolação agora tão próxima, de voltar a ver a mãe, uma consolação tão inesperada poucas horas antes, tinha sido por ela expressamente implorada naquelas horas terríveis e posta quase como uma condição ao voto. *Fazei-me tornar sã e salva com a minha mãe*, dissera ela; e estas palavras agora voltaram a aparecer-lhe bem distintas na memória.

Confirmou-se mais que nunca, no propósito de manter a promessa e teve de novo, mais amargamente que nunca, escrúpulos por aquele *pobre de mim!* que lhe escapara, dito para consigo no primeiro momento.

Agnese de facto, enquanto falavam dela, estava já a pouca distância. É fácil pensar como teria ficado a pobre mulher perante aquele convite tão inesperado, e àquela notícia, necessariamente incompleta e confusa, de um perigo que se podia considerar terminado, mas pavoroso; de um caso terrível do qual o mensageiro não sabia contar as circunstâncias nem explicar; e ela não tinha nada em que se apoiasse para o explicar sozinha. Depois de ter enfiado as mãos nos cabelos, depois de ter gritado várias vezes: – Oh, Senhor! Ah, Virgem Santa! – Depois de ter feito ao mensageiro várias perguntas a que este não sabia responder, meteu-se apressada e decididamente a caminho, continuando pela estrada fora a exclamar e a interrogar sem proveito. Mas a certa altura encontrou-se com Dom Abbondio que vinha devagarinho pondo à frente, a cada passo, o seu cajado. Após um – oh! – de ambas as partes, ele parou, ela mandou parar e desmontou; retiraram-se um pouco à parte para um souto que ladeava a estrada. Dom Abbondio despejou o que tinha podido saber e tinha devido ver. A coisa não era clara, mas ao menos Agnese ficou sabendo com certeza que Lucia estava realmente a salvo, e respirou fundo.

Depois, Dom Abbondio quisera entrar noutro assunto, e dar-lhe uma longa instrução sobre o modo de tratar o arcebispo, se este, como era provável, desejasse falar com ela e com a filha; e sobretudo que não convinha dizer nem uma palavra acerca do casamento... mas Agnese, ao perceber que o bom homem falava apenas por seu próprio interesse, pôs-se a andar, sem lhe prometer,

aliás, sem resolver nada, já que tinha muito mais em que pensar. E voltou ao seu caminho.

Finalmente chega e para junto da casa do alfaiate. Lucia levanta-se precipitadamente; Agnese entra a correr: caem nos braços uma da outra. A mulher do alfaiate, que era a única ali presente, anima as duas, acalma-as, alegre-se com elas, e depois, sempre discreta, deixa-as sozinhas, dizendo que ia preparar uma cama para elas; que a tinha, sem se incomodar; mas que se fosse preciso, tanto ela como o marido preferiam dormir no chão a deixá-las irem à procura de alojamento noutro sítio.

Passado aquele primeiro desabafo de abraços e de soluços, Agnese quis saber o que acontecera a Lucia, e esta pôs-se laboriosamente a contar-lhe. Mas como o leitor sabe, era uma história que ninguém a sabia toda; e para a própria Lucia havia partes obscuras, na verdade inexplicáveis. E, principalmente aquela fatal coincidência da terrível carruagem encontrada ali no caminho, precisamente quando Lucia lá passava por um acaso extraordinário: acaso sobre o qual mãe e filha fizeram mil conjeturas, sem nunca acertarem no alvo, aliás sem chegarem sequer lá perto.

Quanto ao autor principal da trama, tanto uma como outra não podiam deixar de pensar que tinha sido Dom Rodrigo.

– Ah, alma negra! Ah, tição do Inferno! – exclamou Agnese. – Mas também há de chegar a hora dele. Deus Nosso Senhor há de pagar-lhe como ele merece; e então há de provar também...

– Não, não, mãezinha; não! – interrompeu Lucia. – Não lhe desejeis que sofra, não o queirais a ninguém! Se soubésseis o que é sofrer! Se o tivésseis experimentado! Não, não, antes rezemos a Deus e a Nossa Senhora por ele: que Deus lhe toque o coração, como fez a este outro pobre senhor, que era pior do que ele e agora é um santo.

O calafrio que Lucia sentiu ao voltar a memórias tão recentes e tão cruéis por mais de uma vez a fez ficar a meio; por mais de uma vez disse que lhe faltava a coragem para continuar, e ao fim de muitas lágrimas, retomava a palavra a custo. Mas um sentimento diferente a deixou suspensa, a certa altura do relato, quando chegou à promessa. O temor de que a mãe lhe chamasse imprudente e precipitada; e que, como tinha feito na questão do casa-

mento, pusesse em campo alguma sua regra larga de consciência, e quisesse fazer-lha achar justa à força; ou que, pobre mulher, contasse a coisa a alguém em confiança, quanto mais não fosse, para obter orientação e conselho, e assim a tornasse pública, coisa que Lucia, só de pensar nela, se sentia corar toda; também uma certa vergonha da própria mãe, um retraimento inexplicável a entrar naquela matéria; todas estas coisas juntas levaram-na a ocultar essa circunstância importante, propondo-se fazer primeiro a confiança ao padre Cristoforo. Mas, como não ficou, quando ao perguntar por ele ouviu responder que já lá não estava, que tinha sido mandado para uma terra longínqua, para uma terra que tinha um certo nome!

– E Renzo? – disse Agnese.

– Está a salvo, não está? – perguntou ansiosamente Lucia.

– Isso está de certeza, todos o dizem; dá-se por certo que está refugiado no território de Bérgamo; mas o lugar exato ninguém sabe dizer: e ele até agora ainda nunca disse nada. Ainda não deve ter arranjado maneira.

– Ah, se está a salvo, louvado seja o Senhor! – disse Lucia; e

procurava mudar de assunto, quando a conversa foi interrompida por uma novidade inesperada: o aparecimento do cardeal arcebispo.

Este, ao tornar da igreja onde o tínhamos deixado, ouvindo o *Inominado* dizer que tinha chegado Lucia, sã e salva, foi para a mesa com ele, fazendo-o sentar-se à sua direita, em pleno círculo de padres que não se fartavam de dar olhares para aquele aspeto tão amansado sem fraqueza, tão humilhado sem baixezas, e de o comparar com a ideia que há muito tinham de tal personagem.

Terminada a refeição, os dois se retiraram novamente juntos. Após uma conversa que durou muito mais do que a primeira, o *Inominado* regressou ao seu castelo, montando a mesma mula da manhã; e o cardeal, mandando chamar o cura, disse-lhe que desejava ser conduzido à casa onde estava alojada Lucia.

– Oh! Monsenhor – respondeu o cura –, não se incomode: mando já avisar a jovem e a mãe, caso já tenha chegado, e também os hospedeiros, se monsenhor quiser, todos os que desejar Vossa Senhoria Ilustríssima.

– Desejo ser eu a ir vê-los – replicou Federigo.

– Vossa Senhoria Ilustríssima não deve incomodar-se; mando já chamá-los: é coisa de um momento – insistiu o cura desmancha-prazeres (bom homem de resto), não entendendo que o cardeal com aquela visita queria honrar a desventura, a inocência, a hospitalidade e o seu próprio ministério ao mesmo tempo. Mas tendo o superior expressado de novo o mesmo desejo, o inferior inclinou-se e cumpriu.

Quando viram as duas personagens aparecer na rua, toda a gente ali presente se encaminhou para eles; e dentro de poucos momentos acorreu de outros lados, caminhando uns ao lado e outros atrás, em grande ajuntamento. O cura só dizia: – Vá, lá para trás retirem-se. – Mas Federigo dizia-lhe: – Deixai-os – e avançava, ora levantando a mão para abençoar a multidão, ora baixando-a para acariciar as crianças que se metiam à sua frente. Assim chegaram à casa e entraram: a multidão ficou apinhada lá fora. Mas no meio da multidão encontrava-se também o alfaiate, que tinha ido atrás como os outros, de olhos fixos e boca aberta, não sabendo para onde iam. Quando viu qual era aquele *onde*

inesperado, abriu caminho, imaginem com que ruído, gritando e barafustando: – Deixem passar quem pode e deve passar – e entrou.

Agnese e Lucia ouviram um rumor crescente na rua; quando pensavam quem poderia ser, viram a porta abrir-se de par em par e aparecer o purpurado com o pároco.

– É aquela? – perguntou o primeiro ao segundo; e a um aceno afirmativo dirigiu-se a Lucia, que tinha ficado ali com a mãe, as duas imóveis e emudecidas pela surpresa e pela vergonha. Mas o tom daquela voz, o aspeto, a conduta e sobretudo a palavra de Federigo logo as reanimaram. – Pobre jovem – começou ele: – Deus permitiu que fosseis submetida a uma grande prova; mas também mostrou que não havia tirado os olhos de vós, que não vos tinha esquecido. Pôs-vos a salvo; e serviu-se de vós para uma grande obra, para fazer uma grande misericórdia a um, e para aliviar muitos ao mesmo tempo.

Aqui apareceu na sala a dona da casa, a qual, ao ouvir o rumor, tinha assomado também à janela, e vendo quem lhe entrava em casa, desceu as escadas a correr, depois de se ter composto de qualquer maneira; e quase ao mesmo tempo, entrou o alfaiate por outra porta. Vendo já começada a conversa foram juntos para um canto, onde permaneceram com grande respeito. O cardeal cumprimentou-os com toda a cortesia e continuou a falar com as mulheres, misturando com os confortos uma ou outra pergunta, para ver se nas respostas podia encontrar alguma conjuntura para fazer bem a quem tanto tinha sofrido.

– Era preciso que todos os padres fossem como Vossa Senhoria, que também estivessem um pouco do lado dos pobres, e não ajudassem a metê-los em sarilhos, para se salvarem eles – disse Agnese, animada pela atitude tão familiar e amável de Federigo, e irritada por pensar que o senhor Dom Abbondio, depois de ter sempre sacrificado os outros, ainda pretendesse agora impedi-los de um pequeno desabafo, um lamento com quem estava acima dele, quando por um raro acaso, tivessem ocasião disso.

– Dizei então tudo o que pensais – disse o cardeal. – Falai livremente.

– Quer dizer que se o nosso senhor cura tivesse feito o seu

dever, as coisas não correriam assim. – Mas fazendo-lhe o cardeal novas instâncias para que se explicasse melhor, ela começou a ficar atrapalhada por ter de contar uma história na qual ela tivera um papel que não desejava dar a saber, especialmente a uma tal personalidade. Achou porém a maneira de a compor com uma pequena omissão: contou do casamento combinado, da recusa de Dom Abbondio, não deixou passar o pretexto dos superiores que ele trouxera à liça (ah, Agnese!...); e saltou para o atentado de Dom Rodrigo, e como, tendo sido avisados, tinham podido escapar. – Sim – acrescentou e concluiu: – Mas escapar para tropeçar de novo. Se afinal o senhor cura nos tivesse dito sinceramente as coisas e casasse logo os meus pobres jovens, nós íamo-nos embora logo, todos juntos, às escondidas, para longe, para um lugar que ninguém daria com ele. Assim perdeu-se tempo, e aconteceu o que aconteceu.

– O senhor cura prestar-me-á contas deste facto – disse o cardeal.

– Não, senhor; não, senhor – disse logo Agnese. – Não foi para isso que eu falei: não lhe ralhe, porque o que se passou já passou, e depois não serve de nada: ele é assim: se tivesse de acontecer outra vez, ele faria o mesmo.

Mas Lucia, descontente com aquela maneira de contar a história, acrescentou: – Nós também fizemos mal; vê-se que não era vontade do Senhor que a coisa resultasse.

– Que mal podereis ter feito vós, pobre jovem? – disse Federigo.

Lucia, apesar dos olhares que a mãe lhe deitava às escondidas, contou a história da tentativa feita em casa de Dom Abbondio, e concluiu dizendo: – Fizemos mal; e Deus castigou-nos.

– Tomai da sua mão os sofrimentos por que haveis passado, mantendo a vossa fé – disse Federigo –, porque só tem razão para se alegrar e ter esperança quem tiver sofrido, e quem pensa em acusar-se a si mesmo?

Perguntou ainda onde estava o noivo, e ouvindo de Agnese (Lucia estava calada, de cabeça e olhos baixos) que tinha fugido da terra, sentiu e mostrou espanto e desgosto e quis saber o porquê.

Agnese contou conforme pôde o pouco que sabia da história de Renzo.

– Ouvi falar desse jovem – disse o cardeal. – Mas como é que alguém que se viu envolvido em assuntos dessa espécie, podia ter combinado casamento com uma rapariga assim?

– Era um rapaz como deve ser – disse Lucia, ficando de faces vermelhas, mas com voz segura.

– Era um rapaz sossegado, até de mais – acrescentou Agnese. – Isso pode perguntá-lo seja a quem for, até ao senhor cura. Sabe-se lá em que sarilhos o terão metido, que cabalas lhe fizeram? Aos pobres, é preciso pouco para que os façam passar por malfeitores.

– Infelizmente é verdade – disse o cardeal. – Vou informar-me sobre ele, sem dúvida – e anotou o nome e apelido do jovem num livrinho. Acrescentou a seguir que contava visitar a terra delas daí a poucos dias, que então Lucia podia ir lá sem temor, e que, entretanto, ele trataria de lhe arranjar um lugar onde pudesse estar em segurança, até estar tudo arrumado da melhor maneira.

Voltou-se, a seguir, para os donos da casa que vieram imediatamente. Renovou os agradecimentos que tinha mandado pelo

cura, e perguntou se lhes agradaria dar alojamento, por aqueles poucos dias, às hóspedes que Deus lhes tinha mandado.

– Oh! Sim, senhor – respondeu a mulher, com um tom de voz e uma cara que exprimiam muito mais do que aquela simples resposta, abafada pela vergonha, mas o marido, entusiasmado pela presença de tal interrogador, pelo desejo de se fazer notar numa ocasião de tanta importância, estudava ansiosamente uma bela resposta a dar. Enrugou a fronte, torceu os olhos, apertou os lábios, estendeu com toda a força o arco do intelecto, procurou, vasculhou, sentiu dentro de si um amontoado de ideias não concluídas e de meias palavras: mas o momento premia; o cardeal dava já sinal de ter interpretado o silêncio; o pobre homem abriu a boca, e disse: – Imagine! – E mais não saiu. Coisa de que não só ficou envergonhado no momento, como sempre depois aquela lembrança importuna lhe estragava o prazer da grande honra recebida. E quantas vezes, voltando ao assunto, e trazendo ao pensamento aquela circunstância, lhe vinham à mente, quase por partida, palavras que todas elas teriam sido bem melhores do que aquele insípido «imagine!» Mas, como diz um antigo provérbio, de remédios depois da doença estão os cemitérios cheios.

O cardeal partiu, dizendo: – A bênção do Senhor cubra esta casa.

Mais tarde perguntou ao cura como se poderia recompensar convenientemente aquele homem, que não devia ser rico, da hospitalidade custosa, especialmente naqueles tempos. O cura respondeu que, na verdade, nem os ganhos da profissão nem os rendimentos de algumas fazendas que o bom alfaiate possuía, não bastariam naquele ano para o deixar em condições de ser liberal para com os outros; mas que, tendo feito poupanças nos anos anteriores, se encontrava entre os mais remediados do lugar, e podia fazer alguma despesa a mais, sem se importar, como certamente fazia esta de boa vontade; e que, de resto, não haveria maneira de o fazer aceitar alguma recompensa.

– Terá provavelmente – disse o cardeal – débitos de pessoas que não podem pagar.

– Veja, monsenhor ilustríssimo: esta pobre gente paga com o

que lhe sobeja da colheita: no ano passado não sobrou nada, e neste todos ficam aquém do necessário.

– Pois bem – disse Federigo. – Tomo eu a meu cargo todos esses débitos; e vós far-me-eis o favor de lhe pedir a nota das dívidas e de as saldar.

– Será uma quantia razoável.

– Tanto melhor; e tendes infelizmente outros ainda mais necessitados, que não têm débitos porque não conseguem crédito.

– Eh, infelizmente! Faz-se o que se pode; mas como chegar a todos, em tempos como este?

– Fazei que ele os vista por minha conta, e pagai-o bem. Francamente, nestes anos, parece-me roubado tudo o que não vai para o pão. Mas este é um caso especial.

Não queremos porém encerrar a história deste dia sem contar brevemente como o terminou o *Inominado*.

Desta vez, a notícia da sua conversão antecedeu-o a chegar ao vale; espalhou-se logo; deixando por toda a parte uma desorientação, uma ansiedade, uma angústia, um sussurro. Aos primeiros bravos ou servos (era a mesma coisa) que viu acenou que o seguissem, e assim foi passando de mão em mão. Vinham todos atrás dele, com uma curiosidade nova, e com a sujeição habitual; até que, com um séquito sempre crescente, chegou ao castelo. Acenou aos que se encontravam à porta para que viessem atrás dele com os outros; entrou no primeiro pátio, dirigiu-se ao meio e aí, continuando ainda a cavalo, deu um dos seus gritos troantes: era o sinal usado, ao qual acorriam todos dos seus que o ouvissem. Num momento, todos os que estavam espalhados pelo castelo vieram atrás daquela voz juntar-se aos já reunidos, todos olhando o patrão.

– Ide esperar-me à sala grande – disse-lhes; e do alto da sua cavalgadura ficou a vê-los partir. Depois, desmontou-a, conduziu-a ele mesmo à cavaliariça, e foi para onde era esperado. À sua aparição cessou de imediato o grande burburinho que havia; todos se apertaram para um lado, deixando vazio para ele um grande espaço da sala: podiam ser uns trinta.

O *Inominado* levantou a mão, como que para manter aquele

silêncio repentino; ergueu a cabeça que passava por cima de todas as cabeças da brigada, e disse:

– Oçam todos, e ninguém fale se não for interrogado. Meus filhos! O caminho por onde andámos até agora leva às profundezas do Inferno. Não é uma censura que pretendo fazer-vos, eu que estou à cabeça de todos, o pior de todos; mas ouvi o que tenho a dizer: Deus misericordioso chamou-me a mudar de vida; e eu vou mudá-la, já a mudei: assim o faça com todos vós. Sabei, portanto, e tende por ponto assente que estou mais decidido a morrer do que a fazer algo contra a sua santa Lei. Retiro a cada um de vós as ordens celeradas que de mim haveis recebido; entendeis-me; aliás, ordeno-vos que não façais nada do que eu vos tinha mandado. E, tendo igualmente por ponto assente que, daqui em diante, ninguém poderá fazer mal com a minha proteção, e ao meu serviço. Quem estiver de acordo com estas condições, será para mim como um filho, e ficarei contente, no fim deste dia, se não tiver comido para saciar o último de vós, o último que me restar em casa. Quem não quiser, ser-lhe-á dado o que lhe é devido de salário, com mais um presente, poderá partir; mas que nunca mais aqui ponha o pé, se não for para mudar de vida, que para isso será sempre recebido de braços abertos. Pensai nisto esta noite: amanhã de manhã, chamar-vos-ei, um a um, para me darem a resposta; e, então, dar-vos-ei novas ordens. Por agora, retirai-vos, cada um para o seu lugar. E Deus, que usou para comigo de tanta misericórdia, vos mande o bom pensamento.

Aqui, acabou; e ficaram todos em silêncio, por mais variados e tumultuosos que fossem os pensamentos que ferviam naquelas mentes, não saiu cá para fora nenhum sinal. Estavam habituados a tomar a voz do seu senhor como a manifestação de uma vontade à qual não se podia replicar; e aquela voz, anunciando que se alterara a vontade, não dava indícios de ter enfraquecido. A nenhum deles passou sequer pela cabeça que, lá por ele se ter convertido, se podia passar-lhe à frente, e responder-lhe como se fosse outro homem. Viam nele um santo, mas um desses santos que se pintam de cabeça erguida, e de espada em punho. Além do temor, tinham também por ele (principalmente aqueles que tinham nascido sob a sua tutela, e que eram uma grande parte) uma afeição de homens

leais; tinham todos uma benevolência de admiração; e na sua presença sentiam uma espécie, chamemos-lhe assim, de verecúndia, que até os espíritos mais estranhos e mais petulantes sentem perante uma superioridade que já reconheceram. Afinal, as coisas que agora ouviam àquela boca eram bem odiosas aos seus ouvidos, mas não falsas nem de modo nenhum alheias aos seus intelectos; se mil vezes tinham feito troça delas, não era por não acreditarem, mas para prevenir com a troça o medo que teriam ao pensar naquelas a sério. E agora, vendo o efeito daquele medo num espírito como o do seu senhor, uns mais, outros menos, mas não houve nenhum que não lhes desse razão, pelo menos durante algum tempo. Acrescente-se a tudo isto que de entre eles os que, por se encontrarem de manhã fora do vale, tinham sido os primeiros a saber a grande notícia, tinham também visto, e até contaram, a alegria, o contentamento da população, o amor e a veneração pelo *Inominado* que tinham surgido no lugar do antigo ódio e do antigo terror. De maneira que, no homem que sempre tinham visto, por assim dizer, de baixo para cima, mesmo quando eles próprios eram em grande parte a sua força, viam agora a maravilha, o ídolo de uma multidão; viam-no acima dos outros, de modo bem diferente de como o viam antes, mas não menos; sempre fora da bitola comum, sempre chefe.

Estavam portanto aturdidos, incertos uns dos outros e cada um de si. Uns atormentavam-se, outros pensavam aonde iriam procurar abrigo e emprego; outros examinavam-se para ver se poderiam adaptar-se a tornarem-se homens de bem; também havia quem, tocado por aquelas palavras, sentia pela mudança uma certa inclinação; outros, sem resolver nada, propunham-se prometer tudo e mais alguma coisa, e assim ficarem entretanto a comer aquele pão oferecido com tão bom coração, e na altura tão escasso, e assim ganhar tempo: ninguém abriu boca. E quando o *Inominado*, no fim das suas palavras, levantou de novo aquela mão tão imperiosa para dar sinal que saíssem, em ordem e silêncio como um rebanho de ovelhas, saíram todos juntos. Ele também foi, atrás deles, e, colocando-se antes, no meio do pátio, pondo-se a vê-los afastarem-se, e a dirigir-se cada um ao seu posto. Tendo ido depois buscar uma sua lanterna, correu de novo os pátios, os corredores,

os salões, visitou todas as entradas e, quando viu que estava tudo calmo, foi finalmente dormir. Sim, dormir; porque tinha sono.

Assuntos em curso e ao mesmo tempo urgentes, por mais que sempre os tivesse procurado, nunca tinha encontrado tantos, em nenhuma circunstância, como agora; e contudo tinha sono. Os remorsos, que o tinham mantido acordado na noite anterior, não é que se tivessem aquietado, aliás davam gritos mais altos, mais severos, mais absolutos; e contudo tinha sono. A ordem, a espécie de governo estabelecida ali dentro por ele em tantos anos, com tantos cuidados, com uma tão singular combinação de audácia e de perseverança, agora ele próprio a pusera em causa, com poucas palavras; a dependência ilimitada dos seus homens, aquele seu estarem dispostos a tudo, aquela fidelidade de servos, sobre a qual se habituara há tanto tempo a apoiar-se, agora tinha-a abolido ele mesmo; os seus meios, ele os fizera tornarem-se um montão de sarilhos, tinha instalado a confusão e a incerteza na sua casa; contudo tinha sono.

Foi, portanto, para o quarto, encostou-se àquela cama em que na noite anterior encontrara tantos espinhos; e ajoelhou-se ao lado dela, com intenção de rezar. Achou de facto num cantinho vazio e profundo da mente as orações que lhe tinham ensinado em criança; começou a dizê-las; e aquelas palavras, que tinham ficado ali tanto tempo arrumadas, vinham uma a seguir à outra, como se se acotovelassem. Nisto sentia uma indefinível mistura de sentimentos; uma certa doçura naquele retorno material aos hábitos da inocência; um agravamento de dor ao pensamento do abismo que tinha posto entre aquele tempo e este; um ardor de chegar, com obras de expiação, a uma consciência nova, a um estado o mais próximo possível da inocência, a que não podia voltar; um reconhecimento, uma confiança naquela misericórdia que podia conduzi-lo àquele estado e que já lhe dera tantos sinais de o querer. Depois, levantando-se, foi para a cama, e adormeceu imediatamente.

Assim terminou aquele dia tão célebre, ainda quando escreveu o nosso anónimo; e agora, se não fosse ele, não se saberia nada disto, pelo menos os pormenores; dado que Ripamonti e Rivola, acima citados, dizem apenas que aquele assinalado tirano, após uma conversa com Federigo, mudou surpreendentemente de vida,

e para sempre. E quantos são os que leram os livros daqueles dois? Menos ainda do que os que lerão o nosso. E quem sabe se, no próprio vale, quem tivesse vontade de a procurar e a habilidade de a achar, terá permanecido qualquer fraca e confusa tradição deste facto? Têm nascido tantas coisas daquele tempo para cá!

CAPÍTULO XXV

NO DIA SEGUINTE, NA TERRIOLA DE LUCIA, E EM TODO O TERRITÓRIO de Lecco, só se falava nela, no *Inominado*, no arcebispo e num tal outro que, embora gostasse muito de andar nas bocas dos homens, naquela altura de boa vontade passaria sem isso: falamos do senhor Dom Rodrigo.

Não é que já não se falasse antes da sua vida; mas eram conversas soltas, segredos: era preciso que dois fulanos se conhecessem bem um ao outro para se abrirem sobre este assunto. E também não o faziam com todo o sentimento de que seriam capazes: porque os homens, falando em geral, quando a indignação não se puder desabafar sem grave perigo, não só deixam de a demonstrar, ou mantêm totalmente dentro de si próprios a que sentem, como de facto a sentem menos. Mas agora, quem se empenharia em informar-se, e de raciocinar sobre um facto que dava tanto que falar, em que se tinha visto a mão do Céu, e onde faziam boa figura duas personagens assim: um em que um amor da justiça tão animoso se juntava a uma grande autoridade; o outro, em que parecia que a prepotência em pessoa tinha sido humilhada, que o banditismo dos bravos tivesse sido, por assim dizer, forçado a depor as armas

e a pedir repouso. Comparado com tais figuras, o senhor Dom Rodrigo ficava bem mais pequenino. Assim compreendiam todos o que era atormentar a inocência para a poder desonrar, e persegui-la com uma insistência tão descarada, com tão atroz violência, com tão abomináveis insídias. Naquela ocasião, passava-se em revista muitas outras proezas daquele senhor; e de tudo diziam o que sentiam, cada um encorajado por se encontrar de acordo com todos. Era um sussurro, um frémito geral; com cautela porém, devido a todos os bravos que ele tinha à sua volta.

Uma boa parte deste ódio público recaía também sobre os seus amigos e cortesãos. Falava-se muito do senhor Podestade, sempre surdo, cego e mudo sobre os feitos daquele tirano; mas de longe também porque, se não tinha bravos, tinha os esbirros. Com o doutor *Acerta-Engulhos*, que só tinha paleio e intrigas, e com outros simples cortesãos seus pares, já não se usavam tantos rodeios: eram apontados a dedo, e vistos com maus olhos; de maneira que, durante algum tempo, acharam melhor não se mostrarem na rua.

Dom Rodrigo, fulminado por aquela notícia tão inesperada, tão diferente do aviso que aguardava dia a dia, momento a momento, ficou enfiado no seu palacete só com os seus bravos, a roer-se durante dois dias; ao terceiro, partiu para Milão. Se tivesse sido apenas o murmúrio das pessoas, talvez, pois as coisas tinham avançado tanto, tivesse ficado de propósito para o enfrentar, aliás para procurar a ocasião de dar um exemplo a todos, atuando

sobre algum dos mais atrevidos; mas o que o tramou foi o ter-se sabido como certo que o cardeal também vinha a estes sítios. O conde-tio, o qual de toda aquela história apenas sabia o que lhe tinha dito Attilio, certamente pretenderia que, numa conjuntura daquelas, Dom Rodrigo fizesse uma boa figura e recebesse em público o mais distinto acolhimento por parte do cardeal: ora todos veem como o assunto estava a ser encaminhado. Pretendê-lo-ia, e reclamaria que lhe prestassem contas minuciosamente; porque era uma ocasião importante de mostrar em que estima era mantida a família por uma das autoridades primárias. Para escapar de um sarilho tão aborrecido, Dom Rodrigo, levantando-se uma manhã antes do sol, meteu-se numa carruagem, com o Griso e com outros bravos lá fora, tanto à frente como atrás; e, tendo deixado ordens para que o resto da criadagem viesse a seguir, partiu como um fugitivo, como (seja-nos permitido enaltecer um pouco as nossas personagens com umas comparações ilustres) Catilina de Roma, bufando e jurando voltar bem cedo, com outro aparato, para fazer as suas vinganças.

Entretanto, o cardeal andava a visitar, a uma por dia, as paróquias do território de Lecco. No dia em que deveria chegar à de Lucia, já uma grande parte dos habitantes tinha ido para a rua ao seu encontro. À entrada da terra, mesmo ao lado da casa das nossas duas mulheres, havia um arco triunfal construído por estacas à frente e de paus pelas traseiras, revestido de palha e de forragens; e ornamentado de ramos verdes de azevinho, com bagas vermelhas; a fachada da igreja estava engalanada de tapeçarias; no peitoril de todas as janelas pendiam mantas e colchas estendidas, com fraldas de criança dispostas à maneira de pendões; todo aquele pouco necessário que fosse propício bem ou mal, a fazer figura de supérfluo. Pelas quatro da tarde, que era a hora a que se esperava o cardeal, os que tinham ficado em casa, na sua maior parte velhos, mulheres e crianças, dirigiram-se também ao seu encontro, uma parte em fila, outra a monte, antecidos por Dom Abbondio, irritado no meio de tanta festa, quer pela barulheira que o aturdiava, quer pelo fervilhar da gente para trás e para diante que, como ele ia repetindo, lhe punha a cabeça à roda, quer ainda

pelo secreto receio de que as mulheres pudessem dar com a língua nos dentes e ele devesse prestar contas do casamento.

Quando se viu aparecer o cardeal, ou melhor dizendo, a multidão no meio da qual se encontrava, na sua liteira, rodeado pelo seu séquito; porque de tudo isto não se via mais do que um indício no ar, por cima das cabeças todas, um pedaço da cruz trazida pelo capelão que cavalgava uma mula. A gente que vinha com Dom Abbondio apressou-se desordenada a alcançar aquela outra: e ele, depois de ter dito, três e quatro vezes: – Devagar, em fila, o que estão a fazer? – virou-se melindrado, e continuando a resmungar: – É uma babilónia, é uma babilónia – entrou na igreja, enquanto estava vazia, e ali ficou à espera.

O cardeal vinha à frente, dando bênçãos com a mão, e recebendo-as das bocas de toda a gente, que os do séquito só a muito custo conseguiu manter um pouco mais atrás. Por ser da terra de Lucia, quis aquela gente fazer ao arcebispo demonstrações extraordinárias; mas a coisa não era fácil, porque era costume que, a toda a parte aonde chegasse, todos fizessem o mais que podiam. Mesmo já no princípio do seu pontificado, na primeira entrada solene na catedral, a pressão e o ímpeto da gente em cima dele fora tal que fizera temer pela sua vida; e alguns fidalgos que lhe estavam mais próximos, tiveram de desembainhar as espadas para aterrar e afastar a multidão. Naqueles costumes havia tanto de descomposto e de violento que até ao fazer demonstrações de benevolência a um bispo na igreja, e no moderá-las, se tinha de chegar próximo ao matar. E aquela defesa se calhar não teria bastado, se o mestre e o contramestre das cerimónias, um Clerici e um Picozzi, jovens sacerdotes que estavam bem de corpo e alma, não lhe tivessem pegado ao colo e levado em peso desde a porta até ao altar-mor. Daí em diante, em muitas visitas episcopais que teve de fazer, a primeira entrada numa igreja pode-se, sem exagero, contar entre as suas pastorais fadigas e algumas vezes entre os perigos por ele corridos.

Naquela também entrou conforme pôde; foi até ao altar e, depois de ter estado um pouco em oração, fez, de acordo com o seu costume, um pequeno sermão ao povo, sobre o seu amor por eles, sobre o seu desejo da sua salvação, e como deveriam dispor-se

às funções do dia seguinte. Retirando-se depois para a casa do pároco, entre outros assuntos, pediu-lhe informações sobre Renzo. Dom Abbondio disse-lhe que era um jovem um pouco vivo, um pouco teimoso e um pouco colérico. Contudo, a mais perguntas, mais particulares e precisas, teve de responder que era um homem de bem, e que ele também não conseguia perceber como é que, em Milão, pudera fazer todas aquelas diabruras que tinham dito.

– Quanto à jovem – insistiu o cardeal –, também vos parece que agora já poderá vir com segurança habitar a sua casa?

– Por agora – recomeçou Dom Abbondio –, pode vir e ficar, como quiser; digo, por agora; mas – acrescentou a seguir com um suspiro – seria preciso que vossa senhoria estivesse sempre aqui, ou pelo menos perto.

– O Senhor está sempre perto – disse o cardeal. – De resto, eu tratarei de a pôr a salvo. – E deu imediatamente ordens para que no dia seguinte mandassem bem cedo a liteira, com uma escolta, buscar as duas mulheres.

Dom Abbondio saiu dali todo contente porque o cardeal lhe tinha falado dos dois jovens sem lhe pedir contas por se ter recusado a casá-los. «Portanto, não sabe de nada» – disse para consigo. – Agnese ficou calada: milagre! É verdade que vão tornar a ver-se; mas havemos de lhe dar outras instruções, ah, pois have-

mos.» Não sabia o pobre homem que Federigo não tinha entrado naquele assunto, precisamente por ter intenções de lhe falar disso longamente, com mais tempo livre; e, antes de lhe dar o que era devido, queria ouvir também as suas razões.

Mas as preocupações do bom prelado para pôr Lucia em segurança tinham-se tornado inúteis: depois de a ter deixado, haviam nascido certas coisas que temos de contar.

As duas mulheres, naqueles poucos dias que estiveram a passar na acolhedora casa do alfaiate, tinham retomado, na medida do possível, cada uma o seu antigo modo de vida. Lucia tinha pedido logo trabalho para fazer; e, como já fizera no mosteiro, costurava, costurava, numa saleta retirada, longe dos olhos de toda a gente. Agnese, um pouco saía, um pouco trabalhava, fazendo companhia à filha. As suas conversas, quanto mais afetuosas, mais tristes eram; ambas estavam preparadas para uma separação, dado que a ovelha não podia ficar de novo assim tão perto do covil do lobo; e quando, qual, seria o prazo que devia durar esta separação? O devir estava obscuro, incerto; principalmente para uma delas. Agnese para consigo mesma bem fazia conjeturas alegres: que Renzo finalmente, se não lhe tivesse acontecido nada de sinistro, deveria em breve dar notícias suas; e tendo arranjado maneira de trabalhar e de se estabelecer, se (como se podia duvidar?) continuava firme nas suas promessas, porque não se podia ir para junto dele? E de tais esperanças falava e tornava a falar com a filha, para a qual não saberei dizer se maior dor fazia o ouvir, ou sofrimento, o responder. O seu grande segredo, continuava a mantê-lo ainda dentro de si; mas inquieta pelo desgosto de com uma mãe tão boa usar de um subterfúgio, que não era o primeiro; mas contida, como que invencivelmente, pela vergonha e pelos vários temores que já mencionámos acima, adiava de hoje para amanhã, sem dizer nada. Os seus desígnios eram bem diferentes dos da mãe, ou, melhor dizendo, não os tinha; abandonara-se à Providência. Tentava portanto omitir, e contornar aquele assunto; ou dizia, em termos gerais, que já não tinha esperanças nem desejos de coisas deste mundo à exceção de poder em breve juntar-se à sua mãe; na maior parte das vezes, o pranto vinha oportunamente truncar as palavras.

– Sabes porque pensas assim? – dizia Agnese. – Porque tens sofrido muito, e nem crês que seja verdade que se pode tudo transformar em bem. Mas deixa as coisas nas mãos do Senhor; e se... Deixa aparecer-se uma réstia de esperança; e então me dirás se já não pensas em nada... – Lucia beijava a mãe, e chorava.

De resto, entre elas e os seus hospedeiros nascera logo uma grande amizade; e onde deverá nascer, senão entre beneficiados e benfeitores, quando uns e outros são boa gente? Agnese especialmente tinha grandes conversas com a dona da casa. O alfaiate também as entretinha com histórias e com discursos morais; e ao almoço, sobretudo, tinha sempre alguma bela história para contar, de Bovo de Antona ou dos Padres do Deserto.

A pouca distância daquela aldeola estava em vilegiatura um casal de altos negócios: Dom Ferrante e Dona Praxedes; o apelido, como de costume na pena do anónimo. Era Dona Praxedes uma velha fidalga muito propensa a fazer bem: certamente o ofício mais digno que o homem pode exercer; mas que infelizmente também pode estragar tudo, como todos os outros. Para praticar o bem, é preciso conhecê-lo; e, tal como outra coisa qualquer, não podemos conhecê-lo senão no meio das nossas paixões, por meio dos nossos juízos, com as nossas ideias, as quais com grande frequência estão como podem estar.

Com as ideias Dona Praxedes regulava-se como dizem que se deve fazer com os amigos: tinha poucas; mas a essas poucas era muito afeiçãoada. Entre essas poucas, por azar havia muitas erradas; e não se contavam entre as menos queridas. Acontecia-lhe portanto ou tomar por bem o que não o era, ou utilizar, como meios, coisas que poderiam vir antes a beneficiar a parte oposta, ou considerar lícitos alguns meios que estavam bem longe de o ser, por uma certa suposição confusa de que quem faz mais do que o seu dever fica autorizado a fazer mais do que aquilo a que teria direito; acontecia-lhe não ver nos factos o que neles havia de real, ou de ver o que não o era, e muitas outras coisas parecidas, que podem acontecer e que acontecem a todos sem excetuar os melhores; mas a Dona Praxedes, com demasiada frequência, e não raramente todas de uma vez.

Ao ouvir falar do caso de Lucia e tudo o que naquela ocasião se

dizia da jovem, veio-lhe a curiosidade de a ver; e mandou uma caruagem, com um velho cocheiro, buscar a mãe e a filha. Esta encolheu os ombros, e pediu ao alfaiate, que lhe trouxera o recado, que arranjasse maneira de a desculpar. Enquanto se tratara de boa gente que tentava conhecer a jovem do milagre, o alfaiate de boa vontade lhes prestara tal serviço; mas neste caso, a recusa pareceu-lhe uma espécie de rebelião. Fez tantos grunhidos, tantas exclamações, disse tantas coisas, que não se fazia uma coisa dessas, e que era uma casa grande, e que a senhora Dona Praxedes, além do mais era também uma santa; tantas coisas, em suma, que Lucia teve de se render: tanto mais que Agnese confirmava todas aquelas razões com outros tantos «certo, certo».

Chegadas diante da senhora, esta fez-lhes um grande acolhimento, com muitas congratulações; interrogou, aconselhou: tudo com uma certa superioridade quase inata, mas corrigida por tantas expressões de humildade, temperada por tanta solicitude, recheada com tanta espiritualidade que Agnese, quase de imediato, e Lucia, pouco depois, começaram a sentir-se aliviadas daquele respeito opressivo que ao princípio lhes incutira aquela presença senhorial; aliás até acharam que era uma coisa atrativa. E para mais, Dona Praxedes, tendo ouvido que o cardeal se encarregara de arranjar a Lucia um abrigo, picada pelo desejo de secundar e de prevenir ao mesmo tempo aquela boa intenção ofereceu-se para receber a jovem em sua casa, onde, sem ter sido admitida para nenhum serviço especial, poderia, se fosse essa a sua vontade, auxiliar as outras mulheres nas suas tarefas. E acrescentou que trataria de dar parte disso a monsenhor.

Além do bem claro e imediato que havia em tal obra, Dona Praxedes via nesta, e propunha-se outra, talvez mais considerável, na sua opinião: orientar uma mente, trazer ao bom caminho quem disso precisava. Porque, desde que ouvira pela primeira vez falar de Lucia, logo se persuadira que uma jovem que pudera prometer-se a um malfeitor, a um sedicioso, resumindo, a um escapado à força, algum pecadilho, alguma pecha oculta devia ter. Diz-me com quem andas e eu te direi quem és. O ver Lucia tinha-lhe confirmado tal persuasão. Não é que, no fundo, como se diz, não lhe parecesse boa rapariga; mas havia muito mais que dizer. Aquela

cabecinha baixa com o queixo pregado no pescoço, aquele não responder, ou responder muito seco, como que à força, podiam indicar verecúndia; mas denotavam seguramente muita arrogância: não demorava muito a adivinhar que aquela cabecinha tinha as suas ideias. E aquele corar a todo o momento, e aquele conter os suspiros... mais dois grandes olhos, que a Dona Praxedes não agradavam nada. Tinha por coisa segura, como se o soubesse de fonte fidedigna, que todas as desgraças de Lucia eram um castigo do Céu pela sua amizade com aquele patife, e um aviso de que devia afastar-se dele quanto antes; e assim sendo propunha-se colaborar para tão bom fim. Já que, como dizia tantas vezes aos outros e a si própria, todo o seu desejo era secundar as vontades do Céu: mas cometia com frequência um enorme erro, que era o de tomar por céu o seu próprio cérebro. Contudo, da segunda intenção que dissemos, guardou-se bem de dar o mínimo indício. Era esta uma das suas máximas, que para conseguir fazer bem às pessoas, a primeira coisa, na maior parte dos casos, é não as pôr a par do desígnio.

Mãe e filha olharam uma para a outra. Na dolorosa necessidade de se separarem o oferecimento a ambas pareceu que devia ser aceite, pelo menos por ser aquele palacete tão perto da sua

aldeia: pelo que no pior dos casos se juntariam e poderiam ficar juntas na próxima vilegiatura. Visto isto cada uma nos olhos da outra leu o consentimento e viraram-se ambas para Dona Praxedes com aquele agradecimento que aceita. Ela repetiu as gentilezas e as promessas, e disse que mandaria imediatamente uma carta a apresentar ao monsenhor.

Depois de partirem as mulheres, a carta mandou-a fazer a Dom Ferrante, de quem, por ser literato, como veremos mais em particular, se servia como secretário nas ocasiões de importância. Tratando-se de uma desta espécie, Dom Ferrante aplicou-se com todo o seu saber, e, entregando a minuta para copiar à consorte, recomendou-lhe calorosamente a ortografia, que era uma das muitas coisas que tinha estudado, e das poucas sobre as quais detinha ele o comando em casa. Dona Praxedes copiou diligentissimamente e expediu a carta para casa do alfaiate. Isto passou-se dois ou três dias antes que o cardeal enviasse a liteira para mandar as duas mulheres de volta à sua aldeia.

Chegadas apearam-se na casa paroquial onde se encontrava o cardeal. Havia ordem de as introduzir logo; o capelão, que foi o primeiro a vê-las, cumpriu a ordem, retendo-as só o tempo necessário para lhes dar, apressadamente, algumas instruções sobre o cerimonial a usar com monsenhor, e sobre a forma de se lhe dirigirem; o que praticava, todas as vezes que podia, nas suas costas. Era para o pobre homem um tormento contínuo ver a pouca ordem que reinava em torno do cardeal, sobre aquele pormenor: – Tudo – dizia ele com os outros da família –, pela demasiada bondade daquele abençoado homem; por aquela grande familiaridade. – E contava que já tinha ouvido mais de uma vez, com os seus próprios ouvidos, responderem-lhe: sim, senhor, e não, senhor.

Estava naquele momento o cardeal conversando com Dom Abbondio sobre as questões da paróquia: de modo que este não teve ocasião de também dar, como desejava, as suas instruções às mulheres. Ao passar ao lado delas, enquanto saía e elas avançavam, só pôde piscar-lhes o olho dando sinal que estava contente com o seu procedimento e que continuassem a portar-se bem não dizendo nada.

Após as primeiras saudações por um lado, e as primeiras vénias

pelo outro, Agnese tirou do seio a carta, e apresentou-a ao cardeal, dizendo:

– É da senhora Dona Praxedes, a qual diz que conhece muito bem Vossa Senhoria Ilustríssima, monsenhor; como naturalmente, entre os senhores grandes, que se devem conhecer todos. Quando ler, verá.

– Muito bem – disse Federigo depois de ter lido e apreciado o perfume das flores de Dom Ferrante. Conhecia aquela família o suficiente para ter a certeza de que Lucia fora convidada com boas intenções, e que ali estaria a salvo das insídias e da violência do seu perseguidor. Que conceito teria da cabeça de Dona Praxedes, não temos notícia positiva. Provavelmente, não era aquela a pessoa que ele escolheria com essa intenção; mas como já dissemos ou demos a entender algures, não era seu costume desfazer as coisas a que era alheio para as refazer melhor.

– Aceitai também em paz esta separação e a incerteza em que vos encontrais – acrescentou a seguir. – Confiai que seja para acabar depressa, e que o Senhor queira guiar as coisas como parece que as tinha concebido; mas tende por certo que o que Ele quiser será o melhor para vós.

Deu a Lucia em especial outra amável lembrança; mais um ou outro conforto a ambas, abençoou-as e deixou-as sair. Chegadas lá fora, caiu-lhes em cima um enxame de amigos e amigas; era todo o município, pode-se dizer, que as esperava e conduziu a casa, como que em triunfo. Entre todas aquelas mulheres havia como

que uma disputa de congratulações, de solidariedade, de perguntas; e todas exclamavam o seu desgosto ao ouvirem dizer que Lucia se iria embora no dia seguinte. Os homens competiam em oferecer serviços; todos queriam ficar nessa noite a montar guarda à casa. Sobre esse facto o nosso anónimo achou por bem compor um provérbio: «Queres ter muitos em teu socorro? Procura não precisar deles.»

Tamanhas receções confundiam e desorientavam Lucia; Agnese não se atrapalhava por tão pouco. Mas no fundo também fizeram bem a Lucia, distraíndo-a um pouco das preocupações e lembranças que, infelizmente, até no meio do barulho, se lhe despertavam, àquela porta, naqueles compartimentos, à vista de cada objeto.

Ao toque do sino que anunciava próximo o início das funções, todos se dirigiram para a igreja, e foi para as nossas mulheres outro desfile triunfal.

Terminadas as funções, Dom Abbondio, que acorrera para ver se Perpetua dispusera bem todas as coisas para a refeição, foi chamado pelo cardeal. Foi de imediato ao encontro do importante convidado, o qual, deixando-o aproximar-se, começou:

– Senhor cura – e aquelas palavras foram ditas de maneira a dar a entender que eram o princípio de um discurso longo e sério. – Senhor cura, porque não unistes em matrimónio aquela pobre Lucia com o seu noivo?

«Despejaram o saco esta manhã», pensou Dom Abbondio; e respondeu gaguejando: – Monsenhor ilustríssimo, de certo terá ouvido falar dos sarilhos que nasceram neste caso: foi uma confusão tal que não se consegue, nem mesmo no dia de hoje, ver claro: como também Vossa Senhoria Ilustríssima pode argumentar que a jovem está aqui, ao cabo de tantos acidentes, como por milagre; e o jovem, após muitos incidentes, não se sabe onde está.

– Pergunto – insistiu o cardeal – se é verdade que antes de todos estes casos, vos recusastes a celebrar o casamento, quando para isso fostes requerido, no dia fixado, e o porquê.

– Na verdade... se Vossa Senhoria Ilustríssima soubesse... que intimações... que ordens terríveis tive para não falar... – E por ali se ficou, sem concluir, num certo gesto de dar respeitosa e a entender que seria indiscrição querer saber mais.

– Bem! – disse o cardeal com voz e com ar grave fora do comum: – É o vosso bispo que, por seu dever e para vossa justificação quer saber por vós porque é que não fizestes o que, na vida regular, era obrigação vossa fazer.

– Monsenhor – disse Dom Abbondio, encolhendo-se todo. – Eu não quis dizer antes... mas pareceu-me que, sendo coisas tão embrulhadas, tão velhas e sem remédio, fosse inútil remexer... mas, mas digo... sei que Vossa Senhoria Ilustríssima não quererá atraiçoar um seu pobre pároco. Porque bem vê, monsenhor; Vossa Senhoria Ilustríssima não pode estar presente para tudo; e eu fico aqui exposto... contudo, quando mo ordenar, eu direi, direi tudo.

– Dizei. Eu não queria outra coisa senão achar-vos sem culpa.

Então Dom Abbondio pôs-se a contar a dolorosa história; mas calou o nome principal e substituiu-o por: um grande senhor, dando assim à prudência tudo quanto podia, num aperto daqueles.

– E não tivestes outro motivo? – perguntou o cardeal quando Dom Abbondio terminou.

– Talvez não me tenha explicado o suficiente – respondeu este.

– Em questão de vida ou de morte, intimaram-me a não fazer esse casamento.

– E achais que foi razão bastante para deixardes de cumprir um dever bem preciso?

– Eu tentei sempre fazer o meu dever, mesmo com grande incómodo meu, mas quando se trata da vida...

– E quando vos apresentastes à Igreja – disse Federigo, num tom ainda mais grave – para assumir este ministério, ela deu-vos garantia de vida? Disse-vos que os deveres endossados ao ministério estavam livres de qualquer obstáculo, imunes a qualquer perigo? Ou disse-vos talvez que onde começava o perigo cessaria o dever? Ou disse-vos expressamente o contrário? Não vos advertiu que vos enviava como um cordeiro para o meio dos lobos? Não sabeis que havia seres violentos, a quem poderia desagradar o que vos era ordenado? Aquele de Quem temos a doutrina e o exemplo, à imitação de Quem nos deixamos chamar e nos chamamos pastores, vindo à Terra para exercer o seu ofício, terá porventura por condição ter salva a vida? E para a salvar, para a conservar, quero dizer, uns dias a mais sobre a Terra, à custa da caridade e do dever, era necessária da sagrada unção, da imposição das mãos, da graça do sacerdócio? Basta o mundo para dar esta virtude, para ensinar esta doutrina. O que digo eu? Oh, vergonha! O próprio mundo a rejeita: o mundo também faz as suas leis, que tanto prescrevem o mal como o bem; também tem o seu evangelho, um evangelho de soberba e de ódio; e não quer que se diga que o amor à vida seja uma razão para transgredir os seus mandamentos. Não o quer; e é obedecido. E nós! Nós, filhos e anunciadores da promessa! O que seria a Igreja, se esta vossa linguagem fosse a de todos os vossos confrades? Aonde teria ido parar se houvesse surgido no mundo com essas doutrinas?

Dom Abbondio estava de cabeça baixa: o seu espírito encontrava-se no meio daqueles argumentos como um pintainho nas garras do falcão, que o mantêm suspenso numa região desconhecida, num ar que nunca respirou. Vendo que alguma coisa precisava de responder, disse, com uma submissão algo forçada:

– Monsenhor ilustríssimo, terei feito mal. Quando a vida não deve contar, não sei o que me dizer. Mas quando se tem de lidar com certa gente, com gente que tem a força e não quer ouvir a razão, mesmo querendo portar-se como bravo, não sei o que se po-

deria ganhar com isso. É um senhor, aquele, com quem não se pode vencer nem empatar.

– E vós não sabeis que sofrer pela justiça é o nosso vencer? Se não sabeis isto, o que pregais vós? De que sois mestre? Qual é a *boa-nova* que anunciais aos pobres? Quem pretende de vós que vençais a força com a força? Decerto não vos será inquirido, um dia, se soubestes meter na ordem os poderosos; que disso não vos foram dados nem a missão, nem o modo. Mas ser-vos-á inquirido, isso sim, se haveis utilizado os meios que estavam na vossa mão para fazer o que vos era prescrito, mesmo quando tivesse alguém a temeridade de vo-lo proibir.

«Estes santos também são curiosos – pensava entretanto Dom Abbondio. – Em substância, espremendo o sumo de tudo isto, interessa-lhes mais os amores de dois jovens, do que a vida de um pobre sacerdote.» E, quanto a ele, de boa vontade se teria contentado que o discurso terminasse ali; mas ele via o cardeal, a cada pausa, ficar na atitude de quem espera uma resposta: uma confissão, ou uma apologia, qualquer coisa, em suma.

– Torno a dizer, monsenhor – por isso respondeu –, que eu terei feito mal... A coragem, uma pessoa não a pode arranjar...

– E porquê, então, poderia perguntar-vos, vos haveis comprometido num ministério que vos impõe estar em guerra com as paixões seculares? Mas, como, vos pergunto eu antes, como não pensais que, se neste ministério, seja como for que o tenhais assumido, é necessária a coragem para cumprir as vossas obrigações, existe Quem vo-la dará infalivelmente quando lha pedirdes? Julgais que todos estes milhões de mártires tinham coragem, naturalmente? Que não tinham naturalmente nenhum gosto pela vida? Tantos jovens que começavam a saboreá-la, tantos velhos prontos a queixar-se de a terem já próxima do fim, tantas donzelas, tantas esposas, tantas mães? Todos tiveram coragem; porque a coragem era necessária e eles confiavam. Conhecendo a vossa fraqueza e os vossos deveres, pensastes vós em preparar-vos para os passos difíceis com que pudésseis deparar-vos, com que de facto vos deparastes? Ah!, se durante tantos anos de ofício pastoral, haveis (e como seria possível não o terdes feito?) amado o vosso rebanho, se nele haveis posto o vosso coração, os vossos cuidados, as vossas

delícias, não vos teria faltado a coragem quando fosse necessária: o amor é intrépido. Pois bem, se vós os amásseis, àqueles que foram confiados aos vossos cuidados espirituais, àqueles a quem vós chamais filhos; quando vísseis dois deles ameaçados ao mesmo tempo que vós mesmo, ah!, certamente, tal como a fraqueza da carne vos fez tremer por vós, assim a caridade vos teria feito tremer por eles. Sentir-vos-íeis humilhado por aquele primeiro temor, visto que era um efeito da vossa miséria; teríeis implorado a força para o vencer, para o expulsar de vós, porque era uma tentação: mas o santo e nobre temor pelos outros, pelos vossos filhos, esse tê-lo-íeis escutado, esse não vos daria paz, esse incitar-vos-ia, esse ter-vos-ia obrigado a pensar, a fazer o que se poderia fazer, para evitar o perigo que sobre eles pairava... O que vos terá inspirado o temor, o amor? O que fizestes por eles? O que pensastes?

E calou-se com ar de quem fica à espera.

CAPÍTULO XXVI

AUMA PERGUNTA DESTAS, DOM ABBONDIO, QUE NO ENTANTO pusera todo o seu engenho em responder qualquer coisa a outras menos precisas, ficou ali sem articular palavra. E, para dizer a verdade, também nós, com este manuscrito à frente, com uma pena na mão, não tendo com que digladiar senão com as frases, nem mais nada a temer senão as críticas dos nossos leitores; também nós, dizia eu, sentimos uma certa repugnância a prosseguir: achamos qualquer coisa de estranho neste trazer à liça, com tão pouco esforço, tantos belos preceitos de firmeza e caridade, de solicitude ativa para com os outros, de sacrifício ilimitado de si. Mas ao pensarmos que essas coisas eram ditas por alguém que as praticava, avancemos com coragem.

– Não respondeis? – prosseguiu o cardeal. – Ah, se tivésseis feito, pela vossa parte, o que o dever exigia; corresseis as coisas como corresseis, não vos faltaria agora uma resposta. Vede, portanto, vós mesmo o que fizestes. Haveis obedecido à iniquidade, descurando o que o dever vos prescrevia. Haveis-lhe obedecido pontualmente: ela mostrou-se-vos para vos intimar o seu desejo; mas queria permanecer oculta a quem poderia defender-se dela, e

pôr-se em guarda; não queria que a coisa soasse, queria segredo, para maturar à sua vontade os seus desígnios de insídias ou de força; encomendou-vos a transgressão e o silêncio: vós haveis transgredido e não faláveis. Pergunto-vos, agora, se não haveis feito mais; agora ireis dizer-me se é verdade que mendigastes pretextos à vossa recusa, para não revelardes o seu motivo. E fez uma pausa, esperando novamente uma resposta.

«Até isso lhe contaram as lingüareiras», pensava Dom Abbondio; mas não deu sinais de ter alguma coisa a dizer, pelo que o cardeal insistiu:

– Se é verdade que haveis dito o que não era, para os manter na ignorância, na escuridão em que os queria a iniquidade... Tenho portanto de acreditar nisso. Só me resta portanto corar juntamente convosco e ter a esperança de que vós o lamentareis comigo. Vede a que vos conduziu (Oh, bom Deus!)... aquela ânsia pela vida, que tem de acabar. Conduziu-vos... rebatei livremente estas palavras, se as achardes injustas, tomai-as como salutar humilhação, se não o forem... Conduziu-vos a enganar os fracos, a mentir aos vossos filhos.

«É assim que estão as coisas – dizia ainda para consigo Dom Abbondio. – Com aquele Satanás – e pensava no *Inominado* – são grandes abraços; e comigo, por meia mentirola, dita só com o fim de salvar a pele, tanto barulho. Mas são seres superiores: têm sempre razão. É a minha sina, que todos me caiam em cima sem dó nem piedade; até os santos.» E em voz alta, disse:

– Eu errei; compreendo que errei; mas o que devo fazer, em circunstâncias desta espécie?

– E ainda o perguntais? Eu não vos disse? E deveria dizê-lo? Amar, filho meu; amar e rezar. E eu devia dizer-te que a iniquidade pode fazer ameaças, ou atribuir culpas, mas dar ordens é que não; deveríeis ter unido, segundo a lei de Deus, o que o homem queria separar; deveríeis ter prestado àqueles infelizes inocentes o ministério que tinham razão de vos requerer: das consequências teria sido Deus garante e testemunha, porque seguiriam pelo seu caminho; tendo tomado outra, esse garante e testemunha então sereis vós; e de quais consequências! Mas talvez vos tenham faltado todas as defesas humanas? Talvez não estivesse aberta nenhuma

saída quando quisestes olhar à vossa volta, à sua procura? Agora vós podeis saber que estes vossos pobrezinhos, quando tivessem sido casados, tratariam eles da sua saída, estavam dispostos a fugir dos olhos do poderoso senhor, já tinham concebido o seu lugar de refúgio. Mas, mesmo sem isso, não vos passou pela cabeça que afinal tínheis um superior? O qual, porque teria esta autoridade de vos repreender por terdes faltado ao vosso ofício, se não tivesse também a obrigação de vos ajudar a cumpri-lo? Porque não pensastes em informar o vosso bispo do impedimento que um infame violência levantava ao exercício do vosso ministério?

«As opiniões de Perpetua!», pensava cheio de irritação Dom Abbondio, a quem, no meio destas prédicas, o que tinha com maior nitidez diante dos olhos era a imagem daqueles bravos, e a ideia de que Dom Rodrigo estava vivo e são, e que mais dia, menos dia, voltaria glorioso e triunfante, e enraivecido. E embora aquela dignidade presente, aquele aspeto e aquela linguagem o fizessem estar confuso, e lhe incutissem um certo temor que de modo nenhum o subjugava, nem lhe impedia o pensamento de recalcitrar: porque sabia aquele pensamento que, afinal de contas, o cardeal não se servia nem de escopeta nem de espada, nem de bravos.

– Como é possível não haverdes pensado – prosseguiu este – que, se àqueles inocentes insidiados não se abrisse outro refúgio, estava eu para os acolher, para os pôr a salvo, quando vós mos enviásseis, tendo enviado desprotegidos a um bispo, como coisa sua, como parte preciosa, já não digo do seu cargo, mas das suas riquezas? E quanto a vós, eu ficaria inquieto por vós: eu decerto não dormiria, enquanto não estivesse seguro de que não vos tocariam num só cabelo. Credes que eu não teria como, onde, pôr em segurança a vossa vida? Mas esse homem que foi tão atrevido, credes que não lhe seria tirada a ousadia, quando soubesse que as suas tramas eram conhecidas fora daqui, que eram do meu conhecimento, e que eu velava, e estava resolvido a usar em vossa defesa todos os meios que tivesse nas minhas mãos? Não sabíeis que, se o homem promete demasiadas vezes mais do que pode cumprir, também não é raro ameaçar mais do que é capaz de cometer? Não

sabíeis que a iniquidade não assenta só nas suas forças, mas também na credulidade e no pavor alheios?

«Precisamente as ideias de Perpetua», pensou também aqui Dom Abbondio, sem refletir que o facto de estarem de acordo, a sua criada e Federigo Borromeo, quanto ao que se poderia e deveria ter feito, queria dizer muito contra si próprio.

– Mas vós – prosseguiu e concluiu o cardeal –, não vistes, não quisestes ver mais nada senão o vosso perigo temporal; que maravilha nele tereis achado para assim descurardes tudo o resto?

– É porque vi aquelas caras – foi a resposta que saiu a Dom Abbondio. – Ouvi-as eu, aquelas palavras. Vossa Senhoria Ilustríssima fala bem; mas precisava de estar na pele de um pobre padre, e de se encontrar naquele transe.

Mal acabou de proferir aquelas palavras, mordeu a língua; deu-se conta de se ter deixado vencer demasiado pela irritação, e disse para consigo: «Agora é que vou pagar as favas.» Mas, levantando dubitativamente o olhar, ficou todo espantado ao ver o aspeto daquele homem, que nunca se conseguia adivinhar nem compreender, ao vê-lo, dizia eu, passar daquela gravidade cheia de autoridade e corretiva para uma gravidade compungida e preocupada.

– Infelizmente! – disse Federigo – é tão mísera e terrível a nossa condição. Temos de exigir rigorosamente aos outros o que só Deus sabe se nós estaremos prontos a dar: temos de julgar, corrigir, repreender: e sabe Deus o que nós faríamos no mesmo caso, o que temos feito em casos semelhantes! Mas ai de nós se eu tivesse de tomar a minha fraqueza por medida do dever dos outros, por norma do meu ensinamento! E contudo é certo que, juntamente com as doutrinas, eu tenho de dar aos outros o exemplo, não me tornar semelhante ao doutor da Lei, que carrega os outros com pesos que eles não podem aguentar, e que ele não tocara nem com um dedo. Pois bem, meu filho e irmão; como os erros daqueles que presidem são muitas vezes mais visíveis aos outros do que a si próprios; se sabeis que eu, por pusilanimidade, por qualquer motivo, descurei alguma obrigação minha, dizei-mo francamente, fazei-mo notar; para que onde faltou o exemplo, venha supri-lo ao menos a confissão. Censurai-me livremente as minhas fraquezas; e então as palavras hão de adquirir mais valor na minha boca, porque vós sentireis mais vivamente que não são minhas, mas de Quem nos pode dar, a vós e a mim, a força necessária para fazer o que prescrevem.

«Oh, que santo homem! Mas que tormento! – pensava Dom Abbondio. – E até sobre si mesmo: desde que vasculhe, remexa, critique e inquiete; nem ele mesmo escapa.» E disse depois em voz alta:

– Oh, monsenhor, estais a brincar comigo? Quem não conhece o peito forte, o zelo imperturbável de Vossa Senhoria Ilustríssima? – E, para consigo, acrescentou: «e até exagerado.»

– Eu não vos peço um louvor, que me faz tremer – disse Federigo –, porque Deus conhece as minhas faltas, e o que eu próprio conheço delas basta para me confundir. Mas queria, desejava que nos confundíssemos ambos diante dele, para confiarmos juntos. Queria, por amor vosso, que entendésseis até que ponto o vosso comportamento foi oposto, como foi oposta a vossa linguagem, à lei que, no entanto, predicais, e segundo a qual sereis julgado.

– Cai tudo em cima de mim – disse Dom Abbondio –, mas estas pessoas que vos foram contar, não vos disseram que se introduziram em minha casa à traição, para me surpreenderem, e para fazer um casamento contra as regras.

– Disseram sim, meu filho: mas isto desgosta-me, isto assusta-

-me, que vós desejeis ainda desculpar-vos; que penseis desculpar-vos acusando; que tomeis como matéria de acusação o que deveria fazer parte da vossa confissão. Quem os pôs, não digo na necessidade, mas na tentação de fazer o que fizeram? Teriam procurado essa via irregular, se a legítima não lhes tivesse sido vedada? Teriam pensado em insidiar o pastor, se tivessem sido recebidos nos seus braços, ajudados e aconselhados por ele? Viriam surpreendê-lo, se ele não se tivesse escondido? E a estes, vós ainda os atacaís? E indignai-vos porque, ao fim de tantas desventuras, que digo eu? No meio da desventura, tenham dito uma palavra de desabafo ao seu, ao vosso pastor? Que o recurso do oprimido, a que-rela do aflito sejam odiosos ao mundo, bem, o mundo é assim; mas nós! E o que ganharíeis vós, se se tivessem calado? Não vos convinha que a sua causa chegasse inteira ao juízo de Deus? Não é para vós uma nova razão de amar estas pessoas (e já muitas razões tendes) que vos tenham dado ocasião de ouvir a voz sincera do vosso bispo, que vos dessem um meio de conhecer melhor, e de descontar em parte a grande dívida que tendes para com eles? Ah! Se vos tivessem provocado, ofendido, atormentado, eu vos diria (e teria eu de o dizer?) que os amasseis, justamente por isso. Amai-os porque sofreram, porque sofrem, porque são vossos, porque são fracos, porque vós tendes necessidade de um perdão, de modo que para o obter, penseis quanta força possa ter a sua oração.

Dom Abbondio ficou calado; mas já não era aquele silêncio forçado e impaciente: estava calado como quem tem mais coisas em que pensar do que para dizer. As palavras que ouvia eram consequências inesperadas, aplicações novas, mas de uma doutrina antiga na sua mente, e não contradita. O mal dos outros, de cuja consideração sempre o distraíra o medo do seu próprio mal fazia-lhe uma impressão nova. E se não sentia todo o remorso que a prédica queria produzir (pois aquele medo estava sempre presente a fazer o papel de defensor), contudo sentia-o; sentia um certo desgosto de si mesmo, uma compaixão pelos outros, um misto de ternura e de confusão. Era, se deixarmos passar esta comparação, como a torcida húmida e amachucada de uma candeia, que apresentada à chama de uma grande tocha, ao princípio fumega, salpica, estala, não quer aceitá-la; mas por fim acende-se e, bem ou

mal, fica a arder. Ter-se-ia abertamente acusado, teria chorado, se não fosse o pensar em Dom Rodrigo; todavia, mostrava-se bastante comovido, para que o cardeal desse por que as suas palavras não tinham sido sem efeito.

– Agora – prosseguiu este –, um fugitivo de sua casa, outra prestes a abandoná-la, ambos com motivos demasiado fortes para estarem longe daqui, com probabilidades de nunca se juntarem aqui, e contentes pela esperança de que Deus os reúna algures; agora, infelizmente, não precisam de vós; infelizmente, vós não tendes ocasião de lhes fazer bem; nem a nossa curta previsão pode descobrir alguma no futuro. Mas sabe-se lá se Deus misericordioso não vo-la prepara? Ah, não a deixeis escapar! Procurai-a, estai alerta, suplicai-lhe que as faça nascer.

– Não faltarei, monsenhor, não faltarei, verdade – respondeu Dom Abbondio com uma voz que, naquele momento, provinha exatamente do coração.

– Ah, sim, meu filho, sim! – exclamou Federigo; e com uma dignidade plena de afeto, concluiu: – Sabe Deus se não terei desejado ter convosco outras conversas. Já vivemos muito, nós ambos: só o Céu sabe como me foi duro ter de contrariar com censuras

esta vossa canície, e como eu teria ficado mais satisfeito se nos consolássemos juntos dos nossos cuidados comuns, das nossas atribulações, falando da nossa abençoada esperança, a que chegámos ao mesmo tempo. Queira Deus que as palavras que tive de usar convosco nos sirvam a vós e a mim. Não façais que eu tenha de pedir contas, naquele dia, de vos ter mantido num ofício a que tão infelizmente faltastes. Recuperemos o tempo: é quase meia-noite; o *Noivo* não pode tardar; deixemos acesas as nossas candeias. Apresentemos a Deus os nossos míseros corações vazios, para que seja servido de os encher com aquela caridade que repara o passado, que assegura o futuro, que teme e confia, que chora e se alegra, com sapiência; que se torna de qualquer modo a virtude de que necessitamos. Dito isto, saiu; e Dom Abbondio foi atrás dele.

Aqui o anónimo avisa-nos que não foi esta a única conversa daquelas duas personagens, nem Lucia o único assunto dos seus diálogos; mas que ele se restringiu a isto, para não se afastar do tema principal do conto. E que, pelo mesmo motivo, não fará menção de outras coisas notáveis ditas por Federigo em todo o decorrer da visita, nem das suas liberalidades, nem das discórdias apaziguadas, nem dos ódios antigos entre pessoas, famílias e terras inteiras, eliminados ou (o que era infelizmente mais frequente) adormecidos, nem de algum maldito bravo ou tiranete amansado, ou para toda a vida, ou por algum tempo; coisas todas elas que havia sempre mais ou menos em todos os lugares da diocese onde fizesse alguma estadia aquele excelente homem.

Diz depois que, na manhã seguinte, veio Dona Praxedes, conforme estava marcado, a buscar Lucia, e cumprimentar o cardeal que lha louvou e recomendou calorosamente. Lucia separou-se da mãe, bem podeis imaginar com que prantos; e saiu da sua casa; pela segunda vez disse adeus à aldeia com um sentimento de dupla amargura que se tem ao deixar um lugar que foi unicamente querido, e que agora já não pode sê-lo. Mas as despedidas com a mãe não foram as últimas, porque Dona Praxedes dissera que seria melhor passarem uns dias no seu palacete, que não ficava muito longe; e Agnese prometeu à filha ir lá vê-la, dar e receber um adeus mais doloroso.

O cardeal estava também prestes a continuar a sua visita quan-

do chegou e pediu se podia falar-lhe o cura da paróquia em que ficava o castelo do *Inominado*. Introduzido, apresentou-lhe um grupo e uma carta daquele senhor, em que lhe pedia o favor de fazer aceitar à mãe de Lucia cem escudos de ouro que o grupo trazia, para servir de dote à jovem, ou para o uso que elas achassem melhor; pedia-lhe também que lhes dissesse que, se acaso em qualquer altura, considerassem que ele poderia prestar-lhes qualquer serviço, a pobre jovem sabia infelizmente onde ele estava; e para ele, esta seria uma das sortes mais desejadas. O cardeal mandou logo chamar Agnese, contou-lhe o recado, que foi ouvido com tanta satisfação quanto surpresa; e apresentou-lhe o rolo, que ela recebeu sem grandes cerimónias.

– Que Deus lhe pague, àquele senhor – disse. – E Vossa Senhoria Ilustríssima lhe agradeça muito. E não diga nada a ninguém, porque esta é cá uma terra... desculpe-me, veja: sei muito bem que um fidalgo da sua categoria não vai contar estas coisas; mas... bem me entende.

Foi para casa, muito calada; fechou-se no quarto, abriu o rolo, e embora já inteirada, viu com admiração, todas num montão e agora suas, muitas daquelas moedas bem lisinhas, das quais talvez nunca tivesse visto mais do que uma de cada vez, e mesmo assim raramente; contou-as, guardou-as de novo com um certo esforço para caberem todas, pois a cada momento o rolo fazia barrigas e as moedas escorregavam-lhe por entre os dedos inexperientes; finalmente, recomposto o rolo de qualquer maneira, pô-lo dentro de um trapo, dele fez um embrulho e atou-o bem em volta com um cordel, indo enfiá-lo a um canto da sua enxerga. No resto daquele dia não fez mais nada senão fantasiar, tecer planos para o futuro, e suspirar pelo dia seguinte. Quando se deitou ficou um tempo acordada, com o pensamento em companhia daqueles cem que tinha debaixo de si; adormecendo, viu-os em sonhos. Ao amanhecer, levantou-se e encaminhou-se logo para o palacete, onde estava Lucia.

Esta, por seu lado, embora não lhe tivesse diminuído a grande repugnância em falar da promessa, estava porém decidida a ganhar forças para se abrir com a mãe naquela conversa que durante muito tempo deveria chamar-se a última.

Assim que puderam ficar sozinhas, Agnese, com uma cara toda

animada, e ao mesmo tempo em voz baixa, como se estivesse presente alguém por quem ela não quisesse ser ouvida, começou:

– Tenho uma grande novidade para te dar. – E contou-lhe a fortuna inesperada.

– Deus abençoe esse senhor – disse Lucia. – Assim já tendes com que ficar bem, e podereis até fazer bem a mais alguém.

– Como? – perguntou Agnese. – Não vês quantas coisas poderemos fazer, com tanto dinheiro? Ouve: eu só te tenho a ti, vocês os dois, posso dizer; porque Renzo, desde que começou a conversar contigo, vi-o sempre como um filho meu. Tudo depende de não lhe ter sucedido alguma desgraça, pois nunca mais deu notícia nenhuma: mas eh! nem tudo tem de correr mal. Esperemos que não, esperamos. Cá por mim, gostava muito de deixar os ossos na minha terra; mas agora que tu não podes cá estar, devido àquele patife, e também só de pensar que o tinha aqui por perto, veio-me um ódio à minha terra; e com vocês estou por tudo. Estava disposta, desde então, a ir convosco nem que fosse para o fim do mundo; e fui sempre dessa opinião; mas sem dinheiro como pode ser? Entendes agora? Aquele pouco que esse pobrezinho tinha posto de parte a tanto custo e com tanta poupança, veio a justiça, e varreu-lhe tudo; mas por recompensa o Senhor mandou-nos a fortuna. Portanto, quando ele achar o modo de dar a saber se está vivo, e onde está e que intenções tem, vou eu buscar-te a Milão. De outras vezes, acharia uma grande complicação; mas as desgraças fazem tornar-nos desenvoltos; até Monza já fui, e sei o que é viajar. Levo comigo um homem de propósito, um parente, que pode ser Alessio de Maggianico; quer dizer, aqui na terra, um homem de propósito não há: vou com ele; das compras tratamos nós, e... estás a entender?

Mas vendo que, em vez de se animar, Lucia ia entristecendo, e não demonstrava senão uma ternura sem alegria, deixou o discurso a meio e disse:

– Mas o que tens? Não achas bem?

– Pobre mãezinha! – exclamou Lucia, lançando-lhe um braço ao pescoço, e ocultando o rosto no seio dela.

– O que é? – perguntou de novo ansiosamente a mãe.

– Devia ter-vos dito antes – respondeu Lucia, levantando a cara e enxugando as lágrimas –, mas nunca tive coragem: perdoai-me.

- Mas diz lá, então.
- Já não posso ser mulher daquele pobrezinho!
- Como? Como?

Lucia, de cabeça baixa, com o peito a arfar, lacrimejando sem chorar, como quem conta uma coisa que, por mais que desgoste, não se pode mudar, revelou a promessa; e ao mesmo tempo, de mãos postas, tornou a pedir perdão à mãe por não ter falado antes; rogou-lhe que não dissesse nada a vivalma, e que a ajudasse a cumprir o que tinha prometido.

Agnese ficou estupefacta e consternada. Queria indignar-se com o segredo para com ela; mas as graves preocupações do caso sufocavam aquele seu desgosto; queria dizer-lhe: «O que foste fazer?» Mas pareceu-lhe que seria desconsiderar o Céu: tanto mais que Lucia tornava a pintar com cores mais vivas, aquela noite, a desolação tão negra, e a libertação tão imprevista, no meio das quais fora proferida a promessa, tão expressa, tão solene. E entretanto, a Agnese também vinha à mente este e aquele exemplo, que tinha ouvido contar várias vezes, que ela própria contara à filha, de castigos estranhos e terríveis, sobrevivendo pela violação de qualquer promessa. Depois de ter ficado um pouco como encantada, disse:

- E agora o que vais fazer?
- Agora - respondeu Lucia - cabe ao Senhor decidir; ao Senhor

e a Nossa Senhora. Pus-me nas mãos deles: até agora não me abandonaram; não me abandonarão agora que... a graça que peço para mim ao Senhor, a única depois da salvação da alma, é que me faça tornar a viver convosco: e irá conceder-ma, sim, pois vai conceder-ma. Naquele dia... naquela carruagem, ah!, Virgem Santíssima!... Aqueles homens!... Quem me diria que me levavam àquele que me levaria a encontrar-me convosco no dia seguinte!

– Mas não contar logo à mãe! – disse Agnese com uma certa irritação temperada de amor e de piedade.

– Perdoai-me; não tive coragem... e de que serviria ter-vos afligido algum tempo antes?

– E Renzo? – disse Agnese, abanando a cabeça.

– Ah! – exclamou Lucia, estremecendo –, já não posso pensar nesse pobrezinho. Já se vê que não estava destinado... Vês como parece que o Senhor quis mesmo separar-nos. E quem sabe?... Mas não, não: ele tê-lo-á preservado dos perigos e o fará ser ainda mais afortunado, sem mim.

– Mas, entretanto – insistiu a mãe –, se tu não estivesses ligada para sempre a tudo o resto, se a Renzo não tiver acontecido nenhuma desgraça, com aquele dinheiro eu acharia remédio.

– Mas aquele dinheiro – replicou Lucia, viria se eu não tivesse passado aquela noite? Foi o Senhor que quis que corresse tudo assim: seja feita a sua vontade. – E a palavra morreu no pranto. A este argumento inesperado, Agnese ficou pensativa. Passado uns momentos, Lucia, contendo os soluços, continuou: – Agora que a coisa está feita, temos de adaptar-nos com boa vontade; e vós, pobre mamã, vós podeis ajudar-me, primeiro, orando ao Senhor pela vossa pobre filha, e, depois, é bem preciso que aquele pobrezinho saiba. Tratai disso vós, fazei-me também essa caridade, que vós podeis tratar dela. Quando souberdes onde está, mandai escrever-lhe, achai um homem... Justamente o vosso primo Alessio, que é homem prudente e caridoso, sempre gostou de nós, e não falará: mandai-o escrever como correram as coisas, aonde fui parar, como sofri, e que Deus assim o quis, e que ele ponha o coração em paz, e que eu nunca mais posso ser de ninguém. E fazer-lhe compreender a coisa com boa graça, explicar-lhe que fiz promessa, que fiz mesmo voto. Quando souber que fiz a promessa a Nossa Senho-

ra... Teve sempre temor a Deus. E vós, a primeira vez que tiverdes notícias suas, mandai escrever-mas, dizei-me que está são e salvo; e depois... não me façais saber mais nada.

Agnese, toda enternecida, garantiu à filha que tudo se faria como ela desejava.

– Queria dizer-vos outra coisa – prosseguiu esta. – Aquele pobrezinho, se não tivesse tido a desgraça de pensar em mim, não lhe teria acontecido o que aconteceu. Anda pelo mundo; truncaram-lhe o seu destino, levaram-lhe os seus bens, as poupanças que tinha feito, pobrezinho, sabeis porquê... E nós temos tanto dinheiro! Oh, mãezinha! Já que o Senhor nos mandou tantos bens, e aquele pobrezinho, é mesmo verdade que o consideráveis como vosso... sim, como um filho, oh! Fazei metade para cada um: que, de certeza, Deus não nos faltará. Procurai uma ocasião de confiança e mandai-lhe, que sabe o Céu como ele precisa!

– Bem, o que julgas tu? – respondeu Agnese: – Vou mandar-lho mesmo. Pobre jovem! Porque pensas tu que eu estava tão contente com este dinheiro? Mas, bem... eu vim aqui mesmo contente! Basta! Eu mando-lhe, pobre Renzo! Mas ele também... eu sei bem o que digo: é certo que o dinheiro dá prazer a quem precisa dele; mas não será este que o fará engordar.

Lucia agradeceu à mãe por esta pronta e liberal condescendência com uma gratidão, com um afeto, capaz de dar a entender a quem o observasse que o seu coração estava ainda dividido com Renzo, talvez mais do que ela mesmo julgava.

– E sem ti o que farei eu, pobre mulher? – disse Agnese chorando também.

– E eu sem vós, pobre mamã, e em casa de forasteiros? E lá nesse Milão! Mas o Senhor estará com as duas; e depois nos fará juntar de novo. Daqui a oito ou nove meses tornaremos a ver-nos; e aqui, então, ou até menos espero, Ele terá acomodado as coisas para nos juntar. Deixemos o assunto com Ele. Pedirei sempre a Nossa Senhora esta graça. Se tivesse outra coisa para lhe oferecer fá-lo-ia; mas é tão misericordiosa que mo dará em troca de nada.

Com estas e outras semelhantes, e várias vezes repetidas, palavras de lamento e de conforto, de amargura e de resignação, com muitas recomendações e promessas de não dizer nada, com muitas

lágrimas após longos e renovados abraços, as mulheres separaram-se, prometendo uma à outra encontrarem-se de novo no próximo outono, o mais tardar; como se o cumprir dependesse delas, e como porém se faz sempre em casos análogos.

Entretanto, começou a passar muito tempo sem que Agnese conseguisse saber alguma coisa de Renzo. Nem cartas nem recados da parte dele, não vinha nada; de todos os da terra ou das redondezas a quem pôde perguntar, ninguém sabia mais do que ela.

E não era a única que fazia em vão essa busca: o cardeal Federigo que, por cerimónia para com as pobres mulheres, não dissera que pretendia tirar informações do pobre jovem, tinha de facto escrito imediatamente para as obter. Ao regressar, depois da visita a Milão, recebera a resposta em que se lhe dizia que não se pudera localizar o indicado sujeito; que, na verdade, estivera algum tempo em casa de um parente seu na tal aldeia, onde não fizera falar de si; mas, uma manhã, desapareceu de repente, e até o seu parente não sabia o que fora feito dele, e só podia repetir certos boatos no ar e contraditórios que corriam, ter-se o jovem alistado para o Levante, ter ido para a Alemanha, como perito em passar um rio a vau: que não se faltaria de estar alerta e no caso de se poder saber algo de mais positivo, dar parte imediatamente a sua senhoria ilustríssima e reverendíssima.

Mais tarde, esses e outros boatos também se espalharam pelo território do Lecco, e, por consequência, chegaram aos ouvidos de Agnese. A pobre mulher fazia tudo para esclarecer qual seria o verdadeiro, para chegar à fonte deste e daquele, mas nunca conseguia encontrar mais do que aquele *dizem*, que, ainda nos dias de hoje basta por si para atestar muita coisa. Às vezes, mal lhe contavam um caso, chegava outro e dizia-lhe que nada daquilo era verdadeiro; mas para lhe darem em troca outro, igualmente estranho e sinistro. Tudo conversa: o facto é este.

O governador de Milão e capitão-general em Itália, Dom Gonzalo Fernández de Córdova, fizera muito barulho com o senhor residente de Veneza em Milão, porque um malandrim, um ladrão público, um promotor da pilhagem e do homicídio, o famoso Lorenzo Tramaglino, que nas próprias mãos da justiça excitara a sublevação para se fazer libertar, fosse acolhido e recebido no ter-

ritório bergamasco. O residente respondera que para si era um facto novo, e que escreveria a Veneza para dar a sua excelência a explicação que tivesse o caso.

Em Veneza tinham por máxima secundar e cultivar a inclinação dos operários de seda milaneses para se deslocarem para o território bergamasco e, portanto, fazer que aí encontrassem muitas vantagens e, sobretudo aquela sem a qual qualquer outra é nula, a segurança. Como porém, entre dois grandes rivais, qualquer coisa por pouco que seja é preciso sempre que o terceiro goze, assim Bortolo foi avisado em confidência, não se sabe por quem, de que Renzo não estava bem naquela terra, e que faria melhor se entrasse em qualquer outra fábrica, mudando também de nome durante algum tempo. Bortolo entendeu no ar, não perguntou mais nada e correu a dizer a coisa ao primo, levou-o consigo numa caleche, conduziu-o a outra fiação, a uma distância de talvez quinze milhas da outra, e apresentou-o, sob o nome de Antonio Rivolta, ao patrão, que era também natural do estado de Milão e seu velho conhecido. Este, embora a colheita do ano fosse escassa, não se fez rogado a receber um operário que lhe fora recomendado como honesto e hábil por um cavalheiro entendido no assunto. Na prova depois, só teve com que se gabar da aquisição, tanto mais que a princípio lhe parecera que o jovem devia ser um tanto pasmado porque, quando se chamava «Antonio!», a maior parte das vezes não respondia.

Pouco depois veio uma ordem de Veneza em estilo pacato, ao capitão de Bérgamo para que tirasse e desse informações, se na sua jurisdição, e nomeadamente na tal aldeia, se encontrava o tal sujeito. O capitão, tomadas as suas diligências, como compreendera que as queriam, transmitiu a resposta negativa, a qual por sua vez foi transmitida ao residente em Milão, que a transmitiu ao grão-chanceler que deveria transmiti-la a Dom Gonzalo Fernández de Córdova.

Não faltaram depois curiosos que queriam saber da boca de Bortolo porque é que aquele jovem já lá não estava, e para onde tinha ido. À primeira pergunta Bortolo respondia: – *Mah!* Desapareceu. – Para depois mandar em paz os mais insistentes, sem lhes dar a suspeita do que havia realmente, julgou ser melhor oferecer-

-lhes, a uns uma e a outros a outra das notícias acima referidas: mas como coisas incertas, que ele também ouvira dizer, sem confirmação concreta.

Mas, quando a pergunta lhe foi feita a pedido do cardeal, sem o nomear, e com um certo aparato de importância e de mistério, deixando perceber que era em nome de uma grande personagem, maior foram as suspeitas de Bortolo, que achou necessário responder conforme era hábito; aliás, tratando-se de uma grande personagem, deu de uma vez todas as notícias que imprimira uma a uma naquelas diferentes ocorrências.

Não se julgue porém que Dom Gonzalo, um senhor daquela categoria, tivesse realmente preocupado com o pobre tecelão da montanha; que informado fosse do pouco respeito usado, e das feias palavras ditas por ele ao seu rei mouro acorrentado pela garganta, quisesse fazer-lhos pagar; ou que o julgasse um sujeito tão perigoso que o perseguisse mesmo fugitivo, a ponto de não o deixar viver nem mesmo longe, como o senado romano com Aníbal. Dom Gonzalo tinha demasiadas e demasiado grandes coisas na cabeça para se ralar muito com os feitos de Renzo; e se pareceu que se ralava, isso nasceu de um concorrer singular de circunstâncias, pelo que o pobre homem, sem querer, e sem saber nem agora nem nunca, deu por si com um finíssimo e invisível fio amarrado àquelas demasiadas e demasiado grandes coisas.

CAPÍTULO XXVII

JÁ MAIS DE UMA VEZ ACONTECEU FAZERMOS MENÇÃO À GUERRA, que então efervescia, pela sucessão aos Estados do duque Vincenzo Gonzaga, o segundo deste nome; mas aconteceu-nos sempre em momentos de grande pressa; de modo que nunca pudemos fazer-lhe mais do que uma pequena alusão de fugida. Agora, porém, para a compreensão da nossa narrativa, é mesmo necessário ter alguma noção mais pormenorizada. São coisas que quem conhecer a história terá de as saber; contudo, por um justo sentimento de nós mesmos, devemos supor que esta obra não poderá ser lida senão por ignorantes, pelo que não fará nenhum mal nós dizermos aqui quanto baste para dela dar umas luzes a quem de tal tiver necessidade.

Já dissemos que à morte daquele duque, o primeiro da linha sucessória, Carlo Gonzaga, cabeça de um ramo secundogénito instalado em França, onde possuía os ducados de Nevers e de Rhétel, entrara na posse de Mântua; e agora acrescentamos, Monferrato, que a minha pressa precisamente tinha deixado esquecido.

A corte de Madrid, que a todo o custo (como também o dissemos) pretendia excluir daqueles dois feudos o novo príncipe, e

para o excluir precisava de ter uma razão (porque as guerras feitas sem nenhuma razão seriam injustas), declarou-se defensora da pretensão sobre Mântua, de um outro Gonzaga, Ferrante, príncipe de Guastalla; e, sobre Monferrato, Carlo Emanuele I, duque de Saboia, e Margherita Gonzaga, duquesa viúva de Lorena.

Dom Gonzalo, que era da família do grão-capitão, e tinha o seu apelido, e que já fizera a guerra na Flandres, muito desejoso de conduzir uma em Itália, era talvez o que fazia mais pressão para que esta fosse declarada; e entretanto, interpretando as intenções e percorrendo as ordens da corte mencionada acima, concluíra com o duque de Saboia um tratado de invasão e divisão do Monferrato; e obtivera depois facilmente a ratificação do conde-duque, fazendo-lhe crer ser muito vantajosa a aquisição de Casale, que era o ponto mais defendido da parte atribuída ao rei de Espanha. Protestava, porém, em nome deste, que não queria ocupar países, senão a título temporal até à sentença do imperador; o qual, em parte pelos ofícios alheios, e em parte pelos seus próprios motivos, tinha entretanto negado a investidura ao novo duque, intimando-o a entregar-lhe os Estados controversos, por sequestro; depois, tendo ouvido as duas partes, remetê-las-ia a quem de direito. Decisão a que Nevers não se quis submeter.

Ele também tinha amigos importantes: o cardeal de Richelieu,

os senhores venezianos e o Papa, que era, como já dissemos Urbano VIII. Mas o primeiro, na altura, empenhado no cerco de La Rochelle e numa guerra com a Inglaterra, através do partido da rainha-mãe, Maria de Medici, contrária, por certos motivos muito seus, à casa de Nevers, só podia dar esperanças. Os venezianos não queriam mexer-se, e nem sequer declarar-se, se antes não caísse sobre a Itália um exército francês; e, ajudando o duque por baixo da mesa, da maneira que podiam, com a corte de Madrid e o governador de Milão, estavam presentes nos protestos, nas propostas, nas exortações, plácidas ou ameaçadoras, conforme os momentos. O Papa recomendava Nevers aos amigos, intercedia a seu favor junto dos adversários, fazia projetos de acomodamento; quanto a meter gente em campo, não queria nem ouvir falar.

Assim os dois aliados nas ofensas puderam, muito mais seguramente, começar a empresa combinada. O duque de Saboia, por seu lado, entrara no Monferrato; Dom Gonzalo pusera, com a melhor vontade, cerco a Casale; mas aí não encontrava toda aquela satisfação que tinha imaginado: pois não creiam que na guerra são tudo rosas. A corte não ajudava segundo os seus desejos, pelo contrário deixava faltarem-lhe os meios mais necessários; o aliado ajudava-o de mais; quero dizer que, depois de ter tomado

a sua parte, ia debicando na conferida ao rei de Espanha. Dom Gonzalo enfurecia-se o mais que se possa dizer; mas temendo, mal fizesse algum barulho, que aquele Carlo Emanuele, tão ativo nos manejos e móvel nos tratados como valente nas armas, se virasse para a França, tinha de fechar os olhos, engolir tudo e ficar calado. O cerco depois estava a correr mal, em tempo, por vezes recuando, quer devido ao comportamento firme, vigilante e resoluto dos assediados, quer por ter ele pouca gente, e, no dizer de alguns historiadores, pelos muitos despropósitos que fazia. Sobre isto nós deixamos a verdade ficar no seu lugar, dispostos também, quando as coisas fossem realmente assim, a achá-la muito bela, se foi causa de naquela empresa ter sido morto, decepado ou estropiado um ou outro homem a menos, e, *ceteris paribus*, mesmo só um pouco danificadas as telhas de Casale. Neste transe, recebeu a notícia da sedição de Milão, e para ali acorreu em pessoa.

Aqui, no relato que se lhe deu, também se fez menção da fuga rebelde e clamorosa de Renzo, dos factos verdadeiros e supostos

que tinham sido causa da sua prisão; e souberam até dizer-lhe que esse tal se tinha refugiado no território de Bérgamo. Esta circunstância reteve a atenção de Dom Gonzalo. Estava informado, por um lado muito diferente, que, em Veneza, tinham levantado a crista, devido à revolta de Milão; que ao princípio tinham julgado que ele seria obrigado a levantar o cerco de Casale, e pensavam, no entanto, que ele estivesse ainda aturdido, e em grande preocupação: tanto mais que, imediatamente a seguir àquele acontecimento, chegara a notícia, suspirada por aqueles senhores e temida por ele, da rendição de La Rochelle. E escaldando-o muito, quer como homem, quer como político, que aqueles senhores tivessem esse conceito dos seus atos, espiava toda e qualquer ocasião de os persuadir, por indução, que não perdera nada da antiga segurança; dado que dizer, expressamente, «não tenho medo», é como não dizer nada. Um bom meio é o de fazer-se desgostoso, questionar e reclamar; por isso, vindo o residente de Veneza cumprimentá-lo, e explorar ao mesmo tempo, na sua cara e na sua conduta, como estaria por dentro (note-se que esta é a política verdadeira), Dom Gonzalo, depois de ter falado do tumulto, com ligeireza e como homem que já pôs remédio a tudo, fez aquele barulho que já sabeis a propósito de Renzo, como também sabeis o que sucedeu em consequência dele.

Depois, não se ocupou mais de um assunto tão pequeno e, quanto a ele, já terminado; e quando depois, passado bastante tempo, lhe chegou a resposta, ao acampamento sobre Casale, a que tinha voltado, e onde tinha bem outras preocupações, levantou e abanou a cabeça como uma lagarta da seda procura a folha de amoreira: deixou-se ficar assim um momento, para que lhe chegasse vivo à memória aquele facto de que não restava mais do que uma sombra; lembrou-se da coisa, teve uma ideia fugaz e confusa de tal personagem; e passou adiante, não pensando mais no assunto.

Mas Renzo, que por aquele pouco que se lhe tinha mostrado, devia supor coisa bem diferente de uma tão benigna indiferença, durante um tempo não teve outra preocupação, ou, melhor dizendo, sem outro pensamento que o de viver escondido. Pensai se não estava ansioso por mandar notícias suas às duas mulheres, e por receber as delas; mas havia duas grandes dificuldades. Uma,

que ele também deveria confiar-se a um secretário, porque o pobrezinho não sabia escrever, nem ler no sentido amplo da palavra; e se, interrogado acerca disso, como talvez vos lembrais, pelo doutor *Acerta-Engulhos*, respondera que sim, não fora uma gabarolice, uma bravata, como se diz; mas era a verdade que uma folha impressa sabia lê-la, demorando o seu tempo: o escrever era outra camisa de onze varas. Era, portanto, obrigado a pôr um terceiro a par dos seus interesses, e de um segredo tão ciosamente guardado: e um homem que soubesse usar a pena na mão, e de quem uma pessoa se pudesse fiar, naqueles tempos não se encontrava com muita facilidade; tanto mais numa terra onde não se tinha nenhum conhecimento antigo. A outra dificuldade era ter também um correio; um homem que fosse precisamente para aqueles lados, que quisesse encarregar-se da carta, e se desse realmente à preocupação de a entregar; todas estas também coisas difíceis de encontrar num homem só.

Finalmente, procura que procura, descobriu quem escrevesse por ele. Contudo, não sabendo se as mulheres estavam ainda em Monza, ou onde fosse, achou por bem anexar a carta para Agnese numa outra dirigida ao padre Cristoforo. O escrivão tomou também o encargo de fazer chegar o pacote: entregou-o a um que devia passar não longe de Pescarenico; este deixou-o, com muitas recomendações numa estalagem à beira da estrada, no ponto mais

próximo; tratando-se de um pacote endereçado a um convento, chegou ao seu destino; mas o que lhe aconteceu depois, nunca se soube. Renzo não vendo aparecer resposta, mandou escrever outra carta, mais ou menos como a primeira, e inseri-la dentro de outra para um seu amigo de Lecco, ou parente que fosse. Procurou outro portador, e encontrou-o; desta vez, a carta chegou a quem era dirigida. Agnese trotou a Maggianico, fez lê-la e explicá-la àquele Alessio seu primo: combinou com ele uma resposta, que este pôs em papel; arranjou um meio de a mandar a Antonio Rivolta, no lugar do seu domicílio: tudo isto porém não foi tão rápido como nós o contamos. Renzo teve a resposta e fez-se reescrever. Em suma, iniciou-se entre as duas partes uma correspondência, nem rápida nem regular, mas no entanto, com saltos e intervalos, continuada.

Mas para ter uma ideia daquela correspondência, é preciso saber um pouco como se faziam então essas coisas, aliás como se fazem; dado que, neste aspeto, creio que pouco ou nada mudou.

O camponês que não sabe escrever, e que teria necessidade de escrever, dirige-se a um que conheça aquela arte, escolhendo-o, na medida do possível, entre os da sua condição, porque com os outros se intimida ou desconfia; informa-o, com mais ou menos ordem e clareza, dos antecedentes: e expõe-lhe, do mesmo modo, o que se deve pôr no papel. O literato, uma parte entende e outra parte deduz, dá conselhos, propõe algumas alterações e diz: deixe isso comigo; pega na pena, põe conforme pode em forma literária os pensamentos do outro, emenda-os, melhora-os, carrega a mão ou, então, aligeira-a, omite mesmo, conforme lhe pareça que dê melhor as ideias: porque não há remédio, quem sabe mais do que os outros não quer ser instrumento material nas mãos deles; e quando entra nos assuntos de outros, quer também fazê-los andar um pouco à sua maneira. Com tudo isto, o dito literato nem sempre consegue dizer tudo o que queria; às vezes, até lhe acontece dizer coisas bem diferentes: acontece mesmo a nós que escrevemos para ser impresso. Quando a carta assim composta chega às mãos do correspondente, que também não tem prática do abecedário, leva-a a outro douto do mesmo calibre, que lha lê e a explica. Nasce questões sobre o modo de entender; porque o interessado,

assente no conhecimento dos factos antecedentes, pretende que certas palavras queiram dizer uma coisa; o leitor, com base na prática que tem da composição, pretende que queiram dizer outra. Finalmente, é preciso que quem não sabe se ponha nas mãos de quem sabe, e lhe dê o encargo da resposta: a qual, feita ao gosto da proposta, é depois submetida a uma interpretação semelhante. E se, ainda por cima, o sujeito da correspondência for pessoa ciosa; se houver assuntos secretos que não se queira dar a saber a um terceiro, no caso de a carta se perder; se, por esta reserva também houve a intenção positiva de não dizer as coisas perfeitamente claras; então, por pouco que dure a correspondência, as partes acabam por se entender entre si, como outras vezes sucede com dois escolásticos que durante quatro horas disputassem sobre uma entelêquia: por não terem qualquer semelhança com coisas vivas; como se fossem coisa de críticos demasiado rigorosos.

Ora o caso dos nossos dois correspondentes era precisamente o que nós dissemos. A primeira carta escrita em nome de Renzo continha muitas matérias. Ao princípio, além de um relato da fuga, muito mais conciso, mas também mais complicado do que aquele que vós lestes, uma informação das suas circunstâncias atuais; da qual tanto Agnese quanto o seu turgimão ficaram bem longe de captar uma construção clara e completa: aviso de guardar segredo, mudança de nome, estar seguro, mas dever estar escondido; coisas em si não muito familiares aos seus intellectos, e na carta também ditas um pouco em código. Havia depois perguntas ansiosas, apaixonadas, sobre os casos de Lucia, com alusões obscuras e dolentes, acerca dos boatos que tinham chegado até Renzo. Havia finalmente esperanças incertas e longínquas, desígnios lançados no futuro, e entretanto promessas e súplicas de manter a palavra dada, de não perder a paciência nem a coragem, de aguardar melhores circunstâncias.

Passado algum tempo, Agnese arranjou um meio de confiança para fazer chegar às mãos de Renzo uma resposta com os cinquenta escudos a ele atribuídos por Lucia. Ao ver tanto ouro, Renzo não sabia o que pensar; e com o espírito agitado por um espanto e por uma suspensão que não davam lugar a contentamentos,

correu em busca do secretário para se fazer interpretar a carta, e ter a chave de tão estranho mistério.

Na carta, o secretário de Agnese, após alguns lamentos sobre a pouca clareza da proposta, passava a descrever com clareza mais ou menos igual a tremenda história daquela pessoa (assim dizia); e aqui dava contas dos cinquenta escudos; depois vinha falar da promessa, mas por meio de perífrases, acrescentando, com palavras mais diretas e abertas, o conselho de pôr o coração em paz e não pensar mais no assunto.

Renzo, pouco faltou para se zangar com o leitor intérprete: tremia, horrorizava-se, enfurecia-se, com o que tinha compreendido, e com o que não pudera compreender. Três ou quatro vezes mandou reler o terrível escrito, ora parecendo-lhe entendê-lo melhor, ora tornando-se-lhe obscuro o que antes lhe parecera claro. E nesta febre de paixões, quis que o secretário pusesse imediatamente mão à pena, e respondesse. Após as expressões mais fortes que se podem imaginar de piedade e de terror pelos casos de Lucia – «escrevei – prosseguia ditando – que eu o coração em paz não o quero pôr, nem nunca o porei; e que não são opiniões a dar

a um rapaz como ele; e que no dinheiro não tocarei; que o guardo e tenho em depósito para dote da jovem; que a jovem já deve ser minha; que eu não sei nada de promessas; e que sempre ouvi dizer que Nossa Senhora aparece para ajudar os atribulados e para fazer milagres, mas para pregar partidas, e mandar faltar à palavra, nunca ouvi; e que isto não pode ser; e que, com este dinheiro, temos de montar casa aqui; e que, se agora estou um pouco atrapalhado, é uma borrasca que passará depressa» – e coisas parecidas.

Agnese recebeu aquela carta, e mandou responder; e a correspondência continuou, da maneira que dissemos.

Lucia, quando a mãe, não sei por qual meio, conseguiu informá-la de que aquele tal estava vivo e salvo e avisado, sentiu um grande alívio, e não desejava mais nada senão que ele se esquecesse dela; ou, para dizer as coisas tal como são, que pensasse em esquecê-la; por seu lado, fazia cem vezes ao dia uma resolução semelhante em relação a ele; e usava até de todos os meios para lhe dar efeito. Estava assídua no trabalho, tentando ocupar-se toda neste. Quando a imagem de Renzo se lhe apresentava, começava a dizer ou a cantar mentalmente orações. Mas aquela imagem, exatamente como se tivesse feitiço, não costumava vir a descoberto; introduzia-se sorradeira atrás das outras, de modo que a mente não desse por tê-la recebido, senão algum tempo depois de lá estar. O pensamento de Lucia estava muitas vezes com a mãe: como não havia de estar? E o Renzo ideal vinha devagarinho meter-se no meio, como o real tinha feito tantas vezes. Era o mesmo com todas as pessoas, em todos os lugares, em todas as memórias do passado, ele havia sempre de se enfiar. E se a pobrezinha se deixava levar alguma vez a fantasiar sobre o seu futuro até aí aparecia ele, para dizer mais ou menos: «Eu não fico bem sem ti.» Mas se o não pensar nele era empresa desesperada, pensar menos, e menos intensamente do que desejaria o coração, Lucia conseguia-o até certo ponto; e conseguia-lo melhor, se fosse a única a querê-lo. Mas havia Dona Praxedes, a qual, toda empenhada por seu lado a tirar-lho do espírito, não achara melhor expediente do que falar nele muitas vezes.

– Então? – dizia-lhe. – Já não pensamos naquele?

– Eu não penso em ninguém – respondia Lucia.

Dona Praxedes não se contentava com uma resposta destas; replicava que eram precisos factos, e não palavras; desatava a falar do costume das jovens, as quais, dizia, «quando têm no coração um malandrim (e é aí que vão sempre parar), nunca mais o tiram. Um partido honesto, razoável, de um homem de bem, que, por qualquer acidente, se perca, elas resignam-se logo; mas um patife é praga incurável». E então principiava o panegírico do pobre ausente, do bandido vindo a Milão para roubar e estripar; e queria fazer Lucia confessar as malandrices que aquele devia ter feito seguramente, mesmo na sua aldeia.

Lucia, com a voz tremendo de vergonha, de dor e daquela indignação que podia ter lugar no seu espírito doce e na sua sorte humilde, assegurava e comprovava que, na sua aldeia, aquele pobrezinho nunca dera que falar, senão para o bem; bem gostaria, dizia ela, que estivesse presente alguém de lá, para lhe fazer de testemunha. Mesmo sobre as aventuras de Milão, das quais não estava bem informada, ela defendia-o, precisamente com o conhecimento que tinha dele e do seu comportamento desde a infância. Defendia-o ou propunha-se defendê-lo por puro dever de caridade, por amor da verdade e, para dizer a palavra exata com que expli-

cava a si mesma o seu sentimento, como próximo. Mas destas apologias Dona Praxedes tirava novos argumentos para convencer Lucia que o seu coração andava ainda perdido atrás daquele. E na verdade, naqueles momentos, eu não saberei bem como estavam as coisas. O indigno retrato que a velha fazia do pobrezinho, despertava, por opposição, mais viva e mais distinta que nunca, na mente da jovem a ideia que aí se tinha formado por meio de um longo hábito; as lembranças comprimidas à força, abriam-se em cachão; a aversão e o desprezo chamavam muitos motivos antigos de estima; o ódio cego e violento fazia surgir mais forte a piedade: e com estes afetos, sabe-se lá quanto podia ser ou não ser daquele outro que atrás deles se introduz com tanta facilidade nos espíritos; imagine-se o que não fará naqueles donde tentam expulsá-lo à força. Seja como for, pela parte de Lucia, o discurso nunca se prolongaria muito; porque as palavras depressa acabavam em pranto.

Se Dona Praxedes tivesse sido impelida a tratá-la daquela maneira por qualquer ódio inveterado contra ela, talvez aquelas lágrimas a tocassem levando-a a desistir; mas falando por bem, continuava sem se deixar demover: tal como os gemidos, os gritos suplicantes poderão bem deter as armas de um inimigo, mas não o ferro de um cirurgião. Mas feito bem o seu dever por aquela vez, das alfinetadas e das reprimendas passava às exortações, aos conselhos, condimentados também por um ou outro louvor, para assim temperar o acre com o doce, e obter melhor efeito, operando sobre o espírito por todos os meios. É certo que destas reprimendas (que mais ou menos tinham sempre o mesmo princípio, meio e fim) não ficava à boa Lucia propriamente rancor contra a severa pregadora, a qual depois, no resto, a tratava com grande doçura. Ficava-lhe antes um fermentar, uma fervura de pensamentos e afetos que requeria muito tempo e muito cansaço para regressar àquela certa calma de antes.

Para sorte dela, não era a única a quem Dona Praxedes tinha de fazer bem; pelo que as reprimendas não podiam ser tão frequentes. Além do resto da criadagem, tudo cabeças que precisavam, mais ou menos, de ser endireitadas e guiadas; além de todas as outras ocasiões de prestar o mesmo serviço, por bom coração, a muitos com quem não era obrigada a nada: ocasiões que pro-

curava, se não se oferecessem por si; também tinha cinco filhas; nenhuma em casa, mas que lhe davam mais de pensar do que se estivessem. Três eram freiras, e duas casadas; e Dona Praxedes achava naturalmente que tinha três mosteiros e duas casas a superintender: empresa vasta e complicada, e mais cansativa ainda porque dois maridos, apoiados por pais, por mães, por irmãos e por três abadessas, acompanhadas por outras dignidades e por muitas freiras, não queriam aceitar a sua superintendência. Era uma guerra, aliás cinco guerras, encobertas, gentis, até certo ponto, mas vivas e sem tréguas: havia em todos aqueles lugares um cuidado contínuo para evitar a sua solicitude, para barrar o caminho às suas opiniões, para iludir os seus pedidos, para a deixar, tanto quanto possível, na ignorância de qualquer assunto. Não falo das oposições, das dificuldades que encontrava no manejo de outros problemas, mesmo quando alheios: é sabido que aos homens, na maior parte dos casos, o bem precisa de lhes ser imposto à força. Onde o seu zelo podia exercer-se livremente, era em casa. Ali, todas as pessoas estavam submetidas, em tudo e por tudo, à sua autoridade, salvo Dom Ferrante, com quem as coisas corriam de modo absolutamente particular.

Homem de estudo, não gostava de mandar nem de obedecer. Que em todas as coisas da casa fosse a mulher a dona e senhora, muito bem; mas ele servo, isso é que não. E se, ao ser-lhe pedido, ele prestava a uma necessidade o ofício da pena, era porque tinha inclinação para isso; de resto, aqui também sabia dizer *não*, quando não estivesse convencido do que ela queria fazê-lo escrever. – Arranje-se – dizia ele nesses casos –, faça sozinha, já que acha isso tão claro. – Dona Praxedes, depois de tentar durante algum tempo, e inutilmente, puxá-lo do deixar fazer ao fazer, tinha-se restringido a resmungar com frequência contra ele, chamando-lhe mandrião, homem de ideias fixas, literato. Título que, juntamente com a raiva, tinha também um pouco de complacência.

Dom Ferrante passava muitas horas no seu escritório, onde tinha uma coleção de livros considerável, pouco menos de trezentos volumes: tudo coisas selecionadas, todas obras das mais reputadas, em várias matérias, em cada uma das quais ele era mais ou menos versado. Na astrologia, era considerado, e com razão, mais

do que um diletante; porque não possuía apenas aquelas noções genéricas e aquele vocabulário comum, de influências, de aspetos, de conjunções; mas sabia falar a propósito, e como do alto da cátedra, das doze casas do céu, dos círculos máximos, dos graus lúcidos e tenebrosos, de exaltação e de dejeção, de trânsitos e de revoluções, em suma, dos princípios mais certos e mais recônditos da ciência. E havia talvez uns vinte anos que, em disputas longas e frequentes, defendia a domificação de Cardano contra outro douto, apegado ferozmente à de Alcabício por mera obstinação, dizia Dom Ferrante; o qual, reconhecendo de bom grado a superioridade dos antigos, não podia porém tolerar aquele não querer dar razão aos modernos, mesmo onde a têm tão clara que a veriam todos. Conhecia também, mais do que mediocrementemente, a história da ciência; caso fosse necessário, sabia citar as mais célebres previsões verificadas, e raciocinar, subtil e eruditamente, sobre outras célebres previsões falhadas, para demonstrar que a culpa não era da ciência, mas de quem não soubera usá-la bem.

Da filosofia antiga tinha aprendido quanto podia bastar, e andava continuamente a aprender mais, da leitura de Diógenes Laércio. Contudo, como aqueles sistemas, por mais belos que sejam, não se pode adoptá-los todos; e, querendo ser filósofo, é preciso escolher um autor; assim, Dom Ferrante escolheu Aristóteles, que, como dizia ele, não é nem antigo nem moderno: é o *Filósofo*. Tinha também várias obras dos mais sábios e argutos dos seus seguidores, entre os modernos; as dos seus impugnadores, nunca as quisera ler, para não desperdiçar o seu tempo, dizia; nem comprá-las, para não desperdiçar o seu dinheiro. Como exceção, porém, dava lugar na sua biblioteca àqueles célebres vinte e dois livros *De subtilitate*, e a uma ou outra obra antiperipatética de Cardano, graças ao seu valor na astrologia; dizendo que quem podia ter escrito o tratado *De restitutione temporum et motuum caelestium*, e o livro *Duodecim geniturarum*, merecia ser ouvido, mesmo quando escrevia despropósitos; e que o grande defeito daquele homem havia sido o de ter demasiado engenho; e que ninguém pode imaginar aonde teria chegado, também na filosofia, se tivesse seguido sempre o caminho certo. Quanto ao resto, embora no juízo dos doutos Dom Ferrante passasse por peripatético consumado, não

obstante, a ele não lhe parecia saber o suficiente; e mais de uma vez disse, com grande modéstia, que a essência, os universais, a alma do mundo e a natureza das coisas não eram coisas muito claras como se poderia crer.

Da filosofia natural fizera mais um passatempo do que um estudo; as próprias obras de Aristóteles sobre esta matéria e as de Plínio, tinha-as mais lido do que estudado: no entanto, com esta leitura, com as notícias captadas acidentalmente em tratados de filosofia geral, com uma ou outra espreitadela dada à *Magia natural* de Porta, às três histórias *lapidum*, *animalium* e *plantarium* de Cardano, ao *Tratado das ervas, das plantas e dos animais* de Alberto Magno, e a qualquer outra obra de menor conta, sabia a seu tempo manter uma conversação raciocinando sobre as virtudes mais admiráveis e as curiosidades mais singulares de muitos simples; descrevendo exatamente as formas e os hábitos das sereias e da única *Fénix*; explicando como a salamandra está no fogo sem se queimar; que a rémora, aquele peixinho, tem a força e a habilidade de deter num instante, no alto mar, qualquer grande nau; como as gotas do orvalho se transformam em pérolas dentro das conchas; como o camaleão se nutre do ar; como do gelo lentamente endurecido ao longo dos séculos se forma o cristal, e outros dos mais maravilhosos segredos da natureza.

Nos da magia e da feitiçaria internara-se mais, tratando-se, diz o nosso anónimo, de ciência muito mais em voga e mais necessária, e na qual os factos são de muito maior importância, e mais à mão, para se poderem verificar. Não é preciso dizer que, num estudo destes, nunca tivera em mira senão instruir-se e conhecer a fundo as péssimas artes dos bruxos, para delas se guardar e poder defender. E com a escolta principal do grande Martino Delrio (o homem da ciência), estava em condições de discursar *ex professo* acerca do malefício amatório, do malefício sonífero, do malefício hostil e das infinitas espécies que infelizmente, diz também o anónimo, se veem praticar hoje em dia, destes três géneros principais de feitiços, com efeitos tão dolorosos. Igualmente vastos e fundamentados eram os conhecimentos de Dom Ferrante quanto à história, especialmente da universal: em que os seus autores eram o

Tarcagnota, o Dolce, o Bugatti, o Campana e o Guazzo; em suma, os mais reputados.

Mas o que é afinal a história, dizia muitas vezes Dom Ferrante, sem a política? Um guia que caminha e torna a caminhar sem ninguém atrás que aprenda o caminho, e por consequência desperdiça os seus passos; tal como a política sem a história é alguém que caminha sem guia.

Havia portanto nas suas prateleiras um espaço reservado aos estadistas; onde, entre muitos de pequena envergadura, e de fama secundária, se salientavam o Bodino, o Cavalcanti, o Sansovino, o Paruta e o Boccalini. Contudo, até certa altura, havia dois que de longe Dom Ferrante costumava chamar os primeiros, sem nunca se conseguir resolver a qual dos dois coubesse unicamente aquele grau: um, o *Príncipe* e os *Discursos* do célebre secretário florentino; um malandro, sim, mas profundo; o outro, a *Razão de Estado* do não menos célebre Giovanni Botero; um cavalheiro, sim, também dizia, mas arguto. Contudo, pouco antes do tempo a que está circunscrita a nossa história, tinha saído o livro que acabou com a questão do primado, ultrapassando até as obras daqueles dois *matadores*, como dizia Dom Ferrante; o livro em que se encontravam contidas e como que destiladas todas as malícias, para se poder conhecê-las, e todas as virtudes, para se poderem praticar; aquele livro pequenino, mas todo ele uma pérola; numa palavra, o *Estadista Reinante* de Dom Valeriano Castiglione, desse homem celebérrimo de quem se pode dizer que os maiores letrados competiam para o exaltar, e as maiores personalidades para o roubar; desse homem que o papa Urbano VIII honrou, como é sabido, com magníficos louvores; a quem o cardeal Borghese e o vice-rei de Nápoles, Dom Pedro de Toledo, solicitaram que escrevesse, o primeiro, os feitos do papa Paulo V, e o outro, as guerras do rei católico em Itália, um e outro em vão; desse homem que Luís XIII, rei de França, por sugestão do cardeal de Richelieu, nomeou seu historiador; a quem o duque Carlo Emanuele de Saboia conferiu o mesmo cargo; do homem em cujo louvor, para descurar outros gloriosos testemunhos, a duquesa Cristina, filha do cristianíssimo rei Henrique IV, pôde, num diploma, entre muitos outros

títulos, enumerar «a certeza da fama que ele obtém em Itália, de primeiro escritor dos nossos tempos».

Mas se, em todas as ciências citadas, Dom Ferrante se podia dizer doutrinado, uma havia em que merecia e gozava do título de professor: a ciência da cavalaria. Não só raciocinava com verdadeiro domínio da matéria, como também, sendo com frequência solicitado a intervir em questões de honra, dava sempre qualquer decisão. Tinha na sua biblioteca, e pode-se dizer que à cabeça, as obras dos escritores mais reputados nessa matéria: Paride del Pozzo, Fausto da Longiano, Urrea, Muzio, Romei, Albergato, *O Forno primeiro* e *O Forno segundo* de Torquato Tasso, que tinha na ponta da língua, e quando era preciso sabia citar de cor todas as passagens da *Jerusalém libertada*, bem como da *Conquistada*, que podem dar cartas em matéria de cavalaria. Mas no seu conceito, o autor dos autores, era o nosso célebre Francesco Birago, com quem se encontrou, mais de uma vez, a dar também juízos sobre casos de honra; e o qual, por seu lado, falava de Dom Ferrante em termos de estima particular. E depois de terem saído os *Discursos Cavaleirescos* desse insigne escritor, Dom Ferrante prognosticou sem hesitação que esta obra deitaria abaixo a autoridade do Olevano, e permaneceria, juntamente com as outras suas nobres irmãs, como código de primeira utilidade para os vindouros: profecia, diz o anónimo, que todos podem ver como se tornou realidade.

Daqui passa depois às letras amenas; mas começamos a duvidar se o leitor terá realmente grande vontade de prosseguir com ele nesta resenha, aliás a temer que já tenha reservado para nós o título de copiador servil, e o de maçador a repartir com o anónimo acima louvado, por bonacheironamente o ter seguido até aqui, em coisa estranha à narração principal, e na qual provavelmente não se descontraiu muito, só para ostentar doutrina, e mostrar que não estava recuado do seu século. Contudo, deixando escrito o que está escrito, para não perder o nosso esforço, omitiremos o resto, para nos pormos a caminho: tanto mais que temos ainda um bom pedaço a percorrer, sem encontrarmos nenhuma das nossas personagens, e um ainda mais longo antes de as encontrarmos no meio dos factos que certamente ao leitor interessam mais, se houver alguma coisa que lhe interesse em tudo isto.

Até ao outono do seguinte ano de 1629, ficaram todos, uns por vontade própria, e outros à força no estado em que mais ou menos os deixamos, sem que a algum acontecesse, nem que nenhum outro pudesse fazer coisa digna de ser citada. Veio o outono, em que Agnese e Lucia tinham feito conta de se encontrarem as duas: mas um grande acontecimento público desfez essa conta: e este foi certamente um dos seus menores efeitos. Seguiram-se depois outros grandes acontecimentos, que contudo não trouxeram nenhuma alteração considerável à sorte das nossas personagens. Finalmente novos casos mais gerais, mais fortes, mais extremos, chegaram mesmo até eles, até aos ínfimos deles, de acordo com a escala do mundo: como uma turbina vasta, insistente, vagabunda, desenraizando e derrubando árvores, arrancando telhados, descobrindo campanários, abatendo muralhas, e abanando aqui e além os seus alicerces também arranca os arbustos escondidos entre as ervas, e vai aos recantos vasculhar as folhas murchas e secas que um vento menor para ali havia desterrado, e as leva num remoinho envolvidas na sua rapina.

Agora, para que os factos privados que restam para contar resultem claros, temos absolutamente de antepor de qualquer modo um relato dos públicos, indo começá-lo mesmo um pouco mais longe.

CAPÍTULO XXVIII

APÓS AQUELA SEDIÇÃO DO DIA DE SÃO MARTINHO E DO SEGUINTE, pareceu que a abundância tinha voltado a Milão como por milagre. Pão em quantidade por todos os fornos; o preço, como nos anos melhores; a farinha em proporção. Os que naqueles dois dias se tinham ocupado em gritar ou a fazer mesmo qualquer coisa mais, tinham agora (menos alguns poucos que haviam sido presos) razão para se louvarem, e não penseis que tentassem fugir a tais louvores assim que cessou aquele primeiro susto das capturas. Nas praças, nos recantos, nos becos, havia um evidente regozijo, uma congratulação, gabando-se entre dentes de ter arranjado maneira de tornar mais barato o pão. Mas no meio da festa e da alegria (e como poderia não haver?) havia uma inquietação, um pressentimento de que a coisa não duraria muito. Assediavam os padeiros e moleiros, como já tinham feito naquela outra artificial e passageira abundância produzida pela primeira tarifa de Antonio Ferrer; todos consumiam sem poupar; quem tinha algum dinheirito de parte, investia-o em pão e em farinha; faziam armazém dos caixotes, dos barris, das caldeiras. Assim, competindo no gozo do presente mercado barato, tornavam, não digo impossível

a longa duração, que já o era por si, mas também cada vez mais difícil a continuação momentânea. E eis que, a 15 de novembro, Antonio Ferrer, *De orden de Su Excelencia*, publicou um édito com o qual, a quem quer que tivesse cereal ou farinha em casa, era proibido comprá-los nem muito nem pouco, e a todos comprar mais pão do que o necessário para dois dias, *sob penas pecuniárias e corporais, ao abrigo de Sua Excelência*; intimação a quem calhava por ofício, e a toda a gente, de denunciar os transgressores; ordem aos juizes de fazer buscas nas casas que pudessem ser-lhes indicadas; juntamente, porém, nova ordem aos padeiros de ter as lojas bem fornecidas de pão, *sob pena, em caso de falta, de cinco anos de prisão, e maior, ao arbitrio de S.E.* Quem conseguir imaginar um édito assim cumprido, deve ter uma bela imaginação; e na verdade, se todos os que se publicavam naquele tempo fossem cumpridos, o ducado de Milão devia ter pelo menos tanta gente no mar como pode ter agora a Grã-Bretanha.

Seja como for, ordenando aos padeiros que fizessem tanto pão, era preciso também fazer de modo que não lhes faltasse a matéria-prima do pão. Tinha-se imaginado (como sempre em tempos de carestia renasce um estudo para transformar em pão produtos que normalmente se consomem sobre outra forma), tinha-se imaginado, dizia eu, fazer entrar o arroz no composto do pão dito de mistura. A 23 de novembro, édito que apreende, às ordens do vigário e dos doze de provisão, metade do arroz com casca (*arrozão* lhe chamavam aqui, e chamam ainda agora) que cada um possua; pena a quem o possuir sem licença daqueles senhores, perda da colheita, e uma multa de três escudos por moio. Como todos veem, é o mais honesto.

Mas este arroz era preciso pagá-lo, e por um preço muito desproporcionado ao do pão. O encargo de suprir à enorme diferença fora imposto à cidade; mas o Conselho dos Decuriões, que o tinha assumido por ela, deliberou, no mesmo dia 23 de novembro, apresentar ao governador a impossibilidade de o manter por mais tempo. E o governador, com édito de 7 de dezembro, fixou o preço do citado arroz a doze liras o moio: a quem pedisse mais, tal como quem se recusasse a vendê-lo, intimou a perda do cereal e uma multa de valor equivalente, e maior pena pecuniária e ainda cor-

poral até às galés, ao arbítrio de S.E., conforme a qualidade dos casos e das pessoas.

Ao arroz descascado já tinha sido fixado o preço antes da rebelião; como provavelmente a tarifa ou, para usar aquela denominação celeberrima nos anais modernos, o *maximum* do trigo e dos outros cereais mais comuns terá sido fixado com outros éditos, que não foi possível verificar.

Mantidos assim o pão e a farinha baratos em Milão, por consequência dos campos aconcorria gente em procissão para os comprar. Dom Gonzalo, para acudir a este, como dizê-lo, inconveniente, com outro édito de 15 de dezembro, proibiu levar para fora da cidade pão por valor superior a vinte soldos; pena: a perda do mesmo pão, e vinte cinco escudos, e em caso de insolvência, de duas chibatadas em público, e maior pena ainda, conforme o habitual, ao arbítrio de S.E. A 22 do mesmo mês (e não se percebe porquê tão tarde), publicou uma ordem semelhante para as farinhas e cereais.

A multidão quisera fazer nascer a abundância com a pilhagem e com o incêndio; o governo queria mantê-la com a prisão e com a corda. Os meios eram equivalentes entre si; mas o que tinham a ver com a sua finalidade, o leitor está a vê-lo; como eram eficientes de facto para o obter, vê-lo-á dentro de momentos. Também é fácil ver, e não inútil observar que entre aqueles estranhos procedimentos há porém uma conexão necessária: cada um era consequência inevitável do antecedente, e todos do primeiro, que fixava ao pão um preço tão longe do preço real, ou seja, do que teria resultado naturalmente da proporção entre a procura e a quantidade. À multidão um expediente assim sempre pareceu, e sempre deve ter parecido, quando conforme à equidade, igualmente simples e fácil de pôr em execução: portanto é coisa natural que, nas angústias e nos sofrimentos da carestia, ela o deseje, implore e, se puder, o imponha. À medida que as consequências se fazem sentir, convém que aqueles a quem atinge se defenda de cada uma com uma lei que proíba os homens de fazer aquilo a que eram levados pela lei anterior. Permitam-nos observar aqui de passagem uma coincidência singular. Num país e numa época próxima, na época mais clamorosa e mais notável da história moderna, recorreu-se,

em circunstâncias parecidas a expedientes parecidos (os mesmos, poder-se-ia quase dizer, na substância, com a única diferença de proporção e mais ou menos na mesma ordem) a despeito de terem mudado tanto os tempos e de terem crescido os conhecimentos na Europa, e naquele país talvez mais que nos outros; e isto principalmente porque a grande massa popular, à qual não tinham chegado estes conhecimentos, pôde fazer prevalecer longamente o seu juízo, e forçar, como lá se diz, a mão aos que faziam a lei.

Assim, voltando a nós, dois tinham sido, afinal de contas, os frutos principais da sublevação: estrago e perda efetiva de víveres na própria sublevação; consumo, enquanto durou a tarifa, largo, despreocupado, sem medida, à custa daquele pouco cereal que precisava porém de durar até à nova colheita. A estes efeitos gerais acrescentem-se quatro desgraçados, enforcados como chefes do tumulto: dois diante do forno das muletas, e dois no alto da rua onde morava o vigário de provisão.

De resto, os relatos históricos daqueles tempos são feitos tão ao acaso que não se encontra sequer a notícia de como e quando cessou aquela tarifa violenta. Se na falta de notícias objetivas é lícito propor conjeturas, inclinamo-nos a crer que tenha sido abolida pouco antes ou pouco depois do dia 24 de dezembro, que foi o

dia daquela execução. E quanto aos éditos, após o último que citámos de 22 do mesmo mês, não encontramos outro em matéria de víveres; ou terão sido anuladas, ou escaparam às nossas investigações, ou que finalmente o governo, desanimado, se não ensinado pela ineficácia dos seus remédios, e esmagado pelas coisas, as tenha abandonado ao seu curso. Encontramos antes nos relatos de mais de um historiador (mais inclinados como eram a descrever grandes acontecimentos, do que a notar as suas causas e o seu progresso) o retrato do país, e da cidade principalmente, no inverno avançado e na primavera, quando a causa do mal, ou seja, a desproporção entre os víveres e a procura, não destruída, mas pelo contrário, até acrescida por remédios que lhe suspenderam temporariamente os efeitos, e nem mesmo por uma introdução suficiente de cereais estrangeiros, para a qual obstavam a insuficiência dos bens públicos e privados, a penúria dos países circundantes, a escassez, a lentidão e os vínculos do comércio, e as próprias leis tendentes a produzir e manter o preço baixo quando, repito, a verdadeira razão da carestia, ou melhor dizendo, a própria carestia atuava sem contenção, e com toda a sua força. E eis a cópia daquele retrato doloroso.

A cada passo, lojas fechadas; as fábricas em grande parte desertas; as ruas, um espetáculo indescritível, uma estada perpétua de sofrimentos. Os mendigos de ofício, agora transformados em maioria, confusos e perdidos numa nova multidão, reduzidos a disputar as esmolas, às vezes com aqueles de quem noutros dias a tinham recebido. Moços aprendizes e jovens despedidos pelos donos de lojas que, tendo diminuído ou mesmo faltado o ganho diário, viviam a custo dos restos de algumas poupanças e do capital; até mesmo patrões para quem o cessar dos negócios tinha sido falência e ruína; operários, e até mestres de todas as manufaturas e de todas as artes e ofícios, tanto dos mais comuns como dos mais refinados, dos mais necessários aos mais luxuosos, vagueando de porta em porta, de rua em rua, encostados às esquinas, agachados nas calçadas, ao longo das casas e das igrejas, piedosamente pedindo esmola, ou hesitantes entre uma necessidade e uma vergonha ainda não domada, macilentos, arrasados, arrepiados de fome e de frio nas suas roupas gastas e escassas, mas que em muitos conser-

vavam ainda vestígios de uma antiga abastança; tal como na inércia e no desânimo, surgia não sei qual indício de costumes ativos e francos. Misturados no meio da deplorável turba, e não pequena parte dela, criados despedidos por patrões caídos então da mediocridade na penúria, ou que por mais opulentos que tivessem sido, se viam agora inábeis, num ano assim, para continuarem a manter a pompa a que estavam habituados. E a todos estes diferentes indigentes, acrescenta-se bom número de outros, em parte acostumados a viver dos ganhos daqueles: crianças, mulheres, velhos, agrupados com quem dantes os sustentava, ou dispersos por outros lados mendigando.

Havia também, e distinguiam-se pelas melenas desgrenhadas, pelos andrajos vistosos, ou até por um certo não sei quê no porte e no gesto, por aquela marca que os costumes gravam nos rostos, tanto mais saliente e clara quanto mais estranhos eles são, muitos daquela escória dos bravos que, tendo perdido, pela condição comum, aquele seu pão celerado, andavam a pedi-lo por caridade. Domados pela fome, não competindo com os outros senão em súplicas, assustados, atônitos, arrastavam-se pelas ruas em que durante tanto tempo haviam passeado de cabeça erguida, com olhar suspeito e feroz, vestidos de librés ricas e bizarras, com grandes plumas, guarnecidos de ricas armas, trajados com requinte, perfumados; e estendiam humildemente a mão, que tantas vezes tinham levantado insolente a ameaçar, ou traidora a ferir.

Mas talvez o mais triste e ao mesmo tempo o mais lastimoso espetáculo eram os camponeses, desacompanhados, os casais, às famílias inteiras; maridos e mulheres, com crianças ao colo, ou pendurados atrás das costas, com os mais crescidos pela mão, com velhos atrás. Alguns que, sendo invadidas e despojadas as suas casas pela soldadesca, ali alojada ou de passagem, tinham fugido desesperadamente; e entre estes havia alguns que, para despertar mais compaixão, e como que para distinção da miséria, mostravam as equimoses e as chagas das feridas recebidas ao defenderem as suas poucas últimas provisões, ou ao fugirem de um desenfreamento cego e brutal. Outros, tendo ficado isentos daquele flagelo particular, mas impelidos por aqueles dois de que nenhum recanto restava imune, a esterilidade do solo e os impostos, mais exorbi-

tantes que nunca para satisfazerem as que eram chamadas as necessidades da guerra, tinham vindo, vinham à cidade, como a sede antiga e último asilo de riqueza e de pia magnificência. Podiam distinguir-se os chegados de fresco, mais ainda do que pelo andar incerto e pelo ar de novos, por um ar maravilhado e despeitoso por encontrarem uma tal vaga, uma tal rivalidade de miséria, no lugar onde julgavam aparecer como objetos singulares de compaixão e atrair sobre si os olhares e os socorros. Os outros que há mais ou menos tempo corriam e habitavam as ruas da cidade, aguentando-se com os subsídios obtidos ou que lhes calhavam como que em sorte, numa desproporção tão grande entre os meios e a necessidade, tinham pintada nos rostos e nos atos uma mais sombria e fatigada consternação. Vestiam-se de maneira diferente, os que ainda se podiam dizer vestidos; e eram diferentes também no aspeto: caras sulcadas as das terras baixas, bronzeadas as do meio das encostas e das colinas, sanguíneas as dos montanheses; mas todas afiladas e transtornadas, todas com os olhos encovados, com olhares fixos, entre o turvo e o insensato; desgrenhados os cabelos, compridas e hirsutas as barbas; corpos criados e endurecidos no esforço, exaustos agora pela miséria; com a pele engelhada nos braços crestados e nas canelas e nos peitos descarnados, que se viam no meio dos andrajos descompostos. E o contrário, mas não menos doloroso do que este aspeto de vigor abatido, o de uma natureza mais cedo vencida, de uma languidez e de um definhar mais abandonado, no sexo e na idade mais débeis.

Aqui e ali pelas ruas, rente às paredes das casas, uma ou outra porção de palha pisada, moída e misturada com lixos imundos. E uma tal porcaria era contudo uma dádiva e uma prova da caridade; eram catres arranjados para algum daqueles felizes, para pousarem a cabeça à noite. De vez em quando, via-se mesmo de dia, estendido ou deitando-se ali alguém a quem o cansaço ou o jejum tinha tirado as forças e prendido as pernas: às vezes aquele triste leito continha um cadáver; outras vezes, via-se um cair de repente como um farrapo, e ficar jazendo cadáver em plena calçada.

Ao lado de um ou outro destes catres, via-se também inclinado algum transeunte ou vizinho, atraído por uma súbita compaixão. Nalguns lugares aparecia um socorro ordenado com mais remota

providência, posto em movimento por uma mão rica de meios, e habituada a beneficiar em larga medida: era a mão do bom Federigo. Tinha escolhido seis padres em que uma caridade viva e perseverante fosse acompanhada e servida por uma robusta compleição; dividira-os aos pares, e a cada um destes pares foi atribuída uma terça parte da cidade para percorrer, levando consigo carregadores com alimentos vários, e outros restaurativos mais subtis, bem como com roupas. Todas as manhãs, os três pares de padres se punham a caminho por diferentes partes, aproximavam-se dos que viam abandonados no chão, e a cada um davam auxílio conforme as necessidades. A algum já agonizante e sem condições para receber alimento, davam os últimos socorros e as consolações da religião. Aos famintos dispensavam sopa, ovos, pão, vinho; a outros, extenuados por mais antigo jejum, forneciam caldos fortes, destilados, vinho mais generoso, reanimando-os antes, se fosse preciso, com bebidas espirituosas. Juntamente, distribuíam roupa às nudezes mais vergonhosas e mais dolorosas.

Mas não acabava aqui a sua assistência: o bom pastor queria que, ao menos aonde ela pudesse chegar, levasse um alívio eficaz e não momentâneo. Aos pobrezinhos, a quem aquela primeira restauração desse forças para se manterem de pé e caminharem, davam algum dinheiro, para que o renascer da necessidade e a falta de outro socorro não os remetesse bem depressa para o

estado de antes; aos outros procuravam abrigo e sustento em qualquer casa das mais próximas. Nas de pessoas abastadas, eram na maior parte recebidos por caridade, e como recomendados do cardeal; noutras, onde à boa vontade faltassem os meios, pediam aqueles padres que o pobrezinho fosse recebido como hóspede, combinavam o preço, e desembolsavam logo uma parte por conta, Depois destes internados davam nota aos párocos, para que os visitassem; e voltavam eles próprios para os visitar.

Não é preciso dizer que Federigo não restringia os seus cuidados a esta extremidade de sofrimentos, nem por ela esperara para se comover. Aquela caridade ardente e versátil devia tudo sentir, em tudo esforçar-se, socorrer onde não pudera prevenir, tomar, por assim dizer, tantas formas em quantas variava a necessidade. Com efeito, reunindo todos os seus meios, tornando mais rigorosa a poupança, pondo a mão em poupanças destinadas a outras liberdades, que se tornavam agora de uma importância demasiado secundária, tentara todas as maneiras de fazer dinheiro, para o utilizar todo em socorro dos famintos. Fizera grandes compras de cereais, de que expedia uma boa parte aos lugares da diocese onde fossem mais escassos; e sendo o socorro muito inferior à necessidade, mandou também sal, «com o qual», diz Ripamonti ao contar estes factos, «as ervas dos prados e as cascas das árvores se transformam em comida» . Cereais também e dinheiro, distribuiu-os aos párocos da cidade; ele próprio a visitava, bairro por bairro, dando esmolas; socorria em segredo muitas famílias pobres; no palácio do arcebispado, como atesta um escritor seu contemporâneo, o médico Alessandro Tadino, num seu *Ragguaglio* que teremos frequentes ocasiões de citar mais adiante, distribuía-se todas as manhãs duas mil escudelas de sopa de arroz.

Mas estes feitos de caridade, a que podemos certamente chamar grandiosos, quando se considera que provinham de um único

homem e exclusivamente dos seus meios (dado que Federigo recusava por sistema fazer-se distribuidor da generosidade alheia); este, juntamente com a generosidade de outras mãos privadas, se não tão fecundas, contudo também numerosas; juntamente com os subsídios que o Conselho dos decuriões decretara, dando ao tribunal da provisão a incumbência de as distribuir; eram ainda pouca coisa em comparação com as necessidades. Enquanto a alguns montanhesees à beira de morrerem de fome, pela caridade do cardeal, era prolongada a vida, outros chegavam mesmo a esse extremo; os primeiros, acabado esse comedido socorro, recaíam; outros lugares, não esquecidos, mas deixados para trás como menos angustiados, perante uma caridade constrangida a escolher, as angústias tornavam-se mortais; por tudo se perecia, de todos os lados se acorria à cidade. Aqui, digamos, uns dois milhares de famintos mais robustos e experientes em enganar a concorrência, e abrir caminho, obtinham uma sopa, de modo a não morrerem de fome nesse dia; mas quantos outros milhares ficavam para trás, invejando aqueles, diremos nós, mais afortunados, quando entre os que tinham ficado para trás, estavam muitas vezes as suas mulheres, os seus filhos e os seus pais? E enquanto em certas partes da cidade alguns dos mais abandonados e reduzidos ao extremo eram levantados do chão, reanimados, internados e abastecidos durante algum tempo; em cem outras partes, outros tombavam, definhavam ou até expiravam, sem ajuda, sem refrigério.

Todo o dia se ouvia pelas ruas um zumbido confuso de vozes suplicantes; à noite, um sussurro de gemidos, quebrado de quando em quando por altos lamentos que explodiam de repente, por gritos, por toadas profundas de invocação que terminavam em berros agudos. É coisa notável que, em tanto excesso de privações, em tanta variedade de querelas, nunca se tivesse visto uma tentativa, nunca se tivesse soltado um grito de sublevação: pelo menos não se encontra a menor alusão a isso. No entanto, entre os que viviam e morriam daquela maneira, havia um bom número de homens educados a fazer coisas bem diferentes do que tolerar; havia às centenas daqueles mesmos que no dia de São Martinho tanto se tinham feito ouvir. Não se pode pensar que fosse o exemplo dos quatro desgraçados que tinham sofrido a pena por todos o que

agora os refreava a todos: que força poderia ter, não a presença, mas a memória dos suplícios nos espíritos de uma multidão vagabunda e reunida, que se via como que condenada a um lento suplício, que já estava a sofrê-lo? Mas nós homens em geral somos assim: revoltamo-nos indignados e furiosos contra os males medianos, e curvamo-nos em silêncio sob os extremos; suportamos, não indignados, mas apalermados, o cúmulo daquilo que ao princípio considerámos insuportável.

O vazio que a mortalidade fazia todos os dias, nesta deplorável multidão, era um concorrer contínuo, primeiro, das terras vizinhas, a seguir, de todo o condado, depois, das cidades do Estado, e, por fim, até de outras. E entretanto, desta partiam todos os dias antigos habitantes; alguns para se subtraírem à visão de tantas chagas; outros, ao verem, por assim dizer, o lugar ocupado por novos concorrentes na mendicidade saíam para uma última prova de pedir socorro noutros lugares onde o houvesse, ou pelo menos não fosse tão densa e tão premente a multidão e a rivalidade no pedir. Encontravam-se na oposta viagem estes e aqueles peregrinos, espetáculo de arrepiar uns e outros, e prova dolorosa, aúgúrio sinistro do fim para que se dirigiam tanto uns como os outros. Mas seguiam cada qual o seu caminho, senão por outra razão pela esperança de mudar a sorte, pelo menos para não tornarem sob um céu que se tornara odioso, para não reverem os lugares onde tinham desesperado. Mas eis que um ou outro, faltando-lhe por completo as forças, caía pelo caminho, e ali ficava morto: espetáculo ainda mais funesto aos seus companheiros de miséria, objeto de horror, talvez de censura para os outros viajantes. «Eu vi – escreve Ripamonti – na estrada, em volta das muralhas, o cadáver duma mulher... Saíam-lhe da boca umas ervas meio roídas, e os lábios faziam ainda quase um esgar de esforço raivoso... Tinha um embrulho às costas, e atado com as fraldas ao peito um menino, que chorando pedia mama... E chegaram pessoas compassivas, que tirando a criança do chão a levaram, efetuando assim entretanto o primeiro ofício materno.»

Aquela contraposição de galas e de farrapos, de supérfluo e de miséria, espetáculo comum de tempos comuns, na altura de modo algum havia cessado. Os farrapos e a miséria, havia-os quase por

toda a parte; e o que se distinguia deles, era apenas uma aparência de parca mediocridade. Via-se os nobres caminharem com roupa simples e descuidada, ou até gasta e coçada; uns, como as causas comuns da miséria nesse aspeto tinham alterado também a sua sorte ou deitando abaixo patrimónios já abalados; outros, ou por temerem provocar com o fausto o desespero público, ou por se envergonharem de insultar a pública calamidade. Esses prepotentes odiados e respeitados que costumavam andar com um séquito de bravos, marchavam agora quase sozinhos, de cabeça baixa, com caras que pareciam oferecer e pedir paz. Outros que, mesmo na prosperidade, tinham sido de pensamentos mais humanos, e de comportamentos mais modestos, pareciam também confusos, consternados, e como que subjugados pela visão contínua de uma miséria que ultrapassava, não só a possibilidade do socorro, mas direi quase as forças da compaixão. Quem tinha modo de dar qualquer esmola, tinha porém de fazer uma triste escolha entre fome e fome, entre urgências e urgências. E mal se via uma mão piedosa aproximar-se da mão de um infeliz, nascia à sua volta uma competição de outros infelizes; aqueles a quem restava mais vigor avançavam pedindo com mais insistência; os extenuados, os velhos, as crianças, estendiam as mãos descarnadas; as mães erguiam e mostravam de longe os filhos chorosos, mal envolvidos nas fraldas andrajosas, e dobrados para jazerem nas suas mãos.

Assim passou o inverno e a primavera: e já há algum tempo o tribunal da sanidade vinha apresentando ao da provisão o perigo do contágio, que ameaçava a cidade, por tanta miséria amontoada em todas as partes dela; e propunha que os mendigos fossem acolhidos em diversos hospícios. Enquanto se discute esta proposta, enquanto se aprova, enquanto se trata dos meios, dos modos, dos lugares para a pôr em prática, os cadáveres aumentam cada vez mais nas ruas; em proporção com estes, cresce todo o outro amontoado de misérias. No tribunal da provisão é proposta, como mais fácil e mais expedita outra medida, reunir todos os mendigos, são e doentes, num único lugar, no lazareto, onde fossem mantidos e tratados à custa do erário público; e assim foi decidido, contra o parecer da Sanidade, a qual opunha que, numa reunião tão grande, cresceria o perigo a que se pretendia dar remédio.

O lazareto de Milão (se, por acaso, esta história fosse parar às mãos de alguém que não o conhecesse, nem de vista nem por descrição) é um recinto quadrilátero, e quase quadrado, fora da cidade, à esquerda da porta oriental e distante das muralhas o espaço do fosso, de uma estrada de circunvalação e de um canal que rodeia todo o recinto. Os dois lados maiores têm o comprimento de mais ou menos quinhentos passos; os outros dois, talvez quinze menos; todos eles, na parte exterior, estão divididos em pequenos compartimentos de um só piso; por dentro, gira em torno de três deles um pórtico contínuo em abóbada, sustido por pequenas e magras colunas.

Os compartimentos eram duzentos e oitenta e oito, mais ou menos; nos nossos dias, uma grande abertura feita no meio, e uma pequena, a um canto da fachada do lado fronteiro à estrada principal, levaram não sei quantos. Na altura da nossa história, havia só duas entradas; uma no meio, do lado que dá para as muralhas da cidade, a outra, em frente dela, no lado oposto. No centro do espaço interior havia, e ainda há, uma pequena igreja octogonal.

A primeira destinação de todo o edifício, começado no ano de 1489, com o dinheiro de uma herança privada, continuado depois com o do erário público e de outros testamenteiros e doadores, foi,

como indica o próprio nome, a de internar quando necessário os doentes de peste; a qual, já muito antes dessa época, costumava, e continuou assim por muito tempo depois, comparecer duas, quatro, seis, oito vezes por século, ora neste, ora naquele país da Europa, ocupando grande parte dela, ou até correndo-a toda, duma ponta à outra. No momento de que falamos, o lazareto só servia para depósito das mercadorias sujeitas a contumácia.

Ora, para o desimpedir, não se obedeceu ao rigor das leis sanitárias, e feitos a toda a pressa os expurgos e as experiências prescritas, libertaram-no de todas as mercadorias de uma vez. Fez-se cobrir de palha o chão de todos os compartimentos, fizeram-se provisões de víveres, da qualidade e na quantidade que se conseguiu arranjar; e convidaram-se, por édito público, todos os mendigos a internar-se ali.

Muitos foram voluntariamente; todos os que jaziam enfermos pelas ruas e pelas praças, para ali foram transportados; daí a poucos dias, já havia, entre uns e outros, mais de três mil. Mas muitos mais foram os que ficaram de fora. Ou porque cada um deles esperasse ver os outros ir-se embora, ficando uns poucos a desfrutar das esmolas da cidade, ou fosse por aquela natural repugnância à clausura, ou pela desconfiança dos pobres em tudo o que lhes seja proposto por quem possui as riquezas e o poder (desconfiança sempre proporcional à ignorância comum de quem a sente e de quem a inspira, ao número dos pobres, e ao pouco senso das leis), ou por saberem de facto qual era na realidade o benefício oferecido, ou fosse por tudo isto junto, ou por outra coisa que seja, a verdade é que a maior parte, não fazendo caso do convite, continuava a arrastar-se em cortejo pelas ruas. Visto isto, julgou-se por bem passar do convite à força. Foram mandados em ronda esbirros que levassem os mendigos para o lazareto, e açoitassem amarrados os que resistissem; por cada um dos quais foi atribuído o prémio de dez soldos: como se vê, mesmo no meio das maiores restrições, arranja-se sempre dinheiro público para ser empregado a despropósito. E embora, como tinha sido conjectura, aliás intenção expressa da Provisão, um certo número de mendigos abandonasse a cidade, para ir viver ou morrer noutra sítio, ao menos em liberdade; no entanto, a caça foi tal que, em pouco tempo, o número de internados, entre hóspedes e prisioneiros, se aproximava dos dez mil.

As mulheres e as crianças, queremos supor que terão sido postos em lugares separados, embora sobre isso as memórias do tempo nada digam. Regulamentos e providências para a boa ordem certamente não devem ter faltado; mas imagine cada um que ordem se poderia estabelecer e manter naqueles tempos, especialmente e em que circunstâncias numa tão vasta e variada reunião, onde com os voluntários se encontravam os forçados; com aqueles para quem o mendigar era uma necessidade, uma dor, uma vergonha, aqueles para quem era ofício; com muitos criados na honesta atividade dos campos e das oficinas, muitos outros educados na praça pública, nas tabernas, nos palácios dos prepotentes, aprendendo o ócio, a fraude, a zombaria e a violência. Como passavam todos juntos quanto a alojamento e comida, poder-se-ia tristemente conjeturar, quando disso não tivéssemos notícias concretas; mas temo-las. Dormiam amontoados aos vinte e aos trinta por cada uma dessas celas, ou encolhidos debaixo dos pórticos, sobre alguma palha pútrida e fedorenta, ou sobre a nua terra: porque, tinha sido muito bem ordenado que a palha fosse fresca e bastante; mas com efeito era má, escassa, e não se mudava. Tinha sido igualmente ordenado que o pão fosse de boa qualidade: ora já qualquer administrador disse alguma vez que se faça e forneça má comida? Mas o que não se obtinha nas circunstâncias habituais, até para um serviço mais restrito, como consegui-lo naquele caso e para aquela multidão? Foi dito então, como encontramos nas memórias, que o pão do lazareto era alterado com substâncias pesadas e não nutritivas: e infelizmente é credível que não fosse apenas um daqueles queixumes feitos no ar. Até de água havia escassez; quero dizer, de água fresca e potável: o poço comum devia ser o canal que contorna as muralhas do recinto: baixa, parada, nalguns pontos um lodaçal, e tornando-se depois o que podia ser com o uso e a vizinhança de uma tal multidão, e tão numerosa.

A todas estas causas de mortalidade, tanto mais ativas por agirem sobre corpos doentes ou adoentados, acrescenta-se uma grande perversidade do estado do tempo: chuvas obstinadas, seguidas de uma seca ainda mais obstinada, e com esta um calor antecipado e violento. Aos males acrescenta-se o sentimento dos males, o tédio e a agitação da prisão, a lembrança dos antigos há-

bitos, a dor dos seus entes amados perdidos, a memória inquieta dos queridos ausentes, o tormento e o nojo alternados, e tantos outros sofrimentos de abatimento ou de raiva, trazidos ou nascidos ali dentro; mais a apreensão e o espetáculo contínuo da morte tornada frequente por tantas causas, e transformando-se ela mesma numa nova e poderosa causa. E não espanta que a mortalidade crescesse e reinasse naquele recinto a ponto de ganhar o aspeto e, para muitos, o nome de pestilência: ou porque a reunião e o aumento de todas aquelas causas fazia aumentar a atividade de uma influência puramente epidémica, quer (como parece que sucede em carestias até menos graves e menos prolongadas do que aquela) tivesse lugar um certo contágio, o qual nos corpos afetados e propensos devido à miséria e à má qualidade dos alimentos, à intempérie, à sujidade, ao sofrimento e à degradação, obtém a tèmpera, por assim dizer, e a sua época própria, em suma, as condições necessárias para nascer, nutrir-se e multiplicar-se (se a um ignorante é lícito usar estas palavras, segundo a hipótese proposta por alguns físicos e reproposta por último, com muitas razões e com muita reserva, por um, tão diligente quanto engenhoso ou que o contágio rebentasse ao princípio no próprio lazareto, como, por um obscuro e inexato relatório, parece que pensavam os médicos da Sanidade; ou que vivesse e andasse a chocar antes (o que parece talvez mais verosímil, pensando que a doença era já antiga e geral e a mortalidade já frequente) e que levado para junto daquela multidão permanente aí se propagasse com nova e terrível rapidez. Seja qual for destas conjeturas a verdadeira, o número diário de mortos no lazareto em pouco tempo ultrapassou a centena.

Enquanto naquele lugar tudo o resto era fraqueza, angústia, pavor, amargura, frémito, na Provisão era vergonha, aturdimento, incerteza. Discutiui-se, ouviu-se o parecer da Sanidade; não se concluiu mais nada senão desfazer o que se fizera com tanto aparato, com tanta despesa, com tantos vexames. Abriu-se o lazareto, mandaram-se embora todos os pobres que lá continuavam, e que vieram cá para fora com uma alegria furibunda. A cidade voltou a

ressoar com o antigo lamento, mas mais fraco e interrupto; voltou a ver aquela turba mais rara e mais compassiva, diz Ripamonti, pelo pensamento de como tinha sido tão dizimada. Os enfermos foram transportados para Santa Maria della Stella, então hospício de pobres, onde a maior parte pereceu.

Entretanto, porém, começavam aqueles benditos campos a alourar-se. Os mendigos vindos do condado foram-se embora, cada um para seu lado, àquela tão suspirada ceifa. O bom Federigo despediu-se deles com um último esforço, e com um novo achado de caridade: a todo o camponês que se apresentasse no arcebispado, mandou dar uma moeda e uma foice.

Com a colheita finalmente cessou a carestia: a mortalidade, epidémica ou contagiosa, baixando de dia para dia, prolongou-se porém até ao outono. Estava a acabar, quando eis um novo flagelo.

Muitas coisas importantes, daquelas a que mais especialmente se dá título de históricas, tinham acontecido entretanto. O cardeal de Richelieu, tendo tomado como se disse La Rochelle, atamancada de qualquer maneira uma paz com o rei de Inglaterra, propusera e persuadira com a sua poderosa palavra, no Conselho do de França, que se socorresse eficazmente o duque de Nevers; e determinara, ao mesmo tempo, que o próprio rei conduzisse em pessoa a expedição. Enquanto se faziam os preparativos, o conde de Nassau, comissário imperial, intimava, em Mântua, o novo duque para que desse os Estados em sua mão a Ferdinando, ou

este mandaria um exército para os ocupar. O duque, que em circunstâncias mais desesperadas se tinha recusado a aceitar uma condição tão dura e tão suspeita, encorajado agora pelo próximo socorro de França, mais se recusava; mas com termos em que o *não* era iludido e alongado o mais que se podia, e com propostas de submissão, ainda que aparente, mas menos custosa. O comissário partiu, protestando-lhe que viriam pela força.

Em março, o cardeal de Richelieu veio de facto com o rei, à cabeça de um exército, pedir a passagem ao duque de Saboia; tinha-se negociado, mas não concluído; após um recontro com vantagem dos franceses, negociara-se de novo, e concluíram um acordo em que o duque, entre outras coisas, estipulava que Córdova levantaria o cerco de Casale; obrigando-se, se este recusasse, a juntar-se aos franceses para invadirem o ducado de Milão. Dom Gonzalo, parecendo-lhe até que tinha uma boa saída por pouco preço, levantou o cerco de Casale, onde entrou logo um corpo de franceses para reforçar a guarnição.

Foi nesta ocasião que Achillini escreveu ao rei Luís aquele seu famoso soneto:

Sudate, o fochi, a preparar metalli

e outro em que o exortava a dirigir-se de imediato à libertação da Terra Santa. Mas é destino que as opiniões dos poetas não sejam ouvidas: e se na história encontrardes factos em conformidade com alguma sugestão sua, podeis dizer francamente que eram coisas já resolvidas antes. O cardeal de Richelieu, entretanto, decidiu voltar a França, por assuntos que lhe pareceram mais urgentes. Girolamo Soranzo, enviado dos venezianos, fartou-se de aduzir razões para combater aquela resolução, e o rei e o cardeal, ligando à sua prosa como aos versos de Achillini, regressaram com o grosso do exército, deixando só seis mil homens em Susa, para manter a passagem, e por garantia do tratado.

Enquanto aquele exército se ia embora por um lado, o de Fer-

dinando aproximava-se pelo outro; invadira o país dos Grisões e a Valtellina; e dispunha-se a passar ao território de Milão. Além de todos os danos que se podiam temer de tal passagem, tinham chegado expressos avisos ao tribunal da sanidade que, naquele exército, se chocava a peste, da qual, então, nas tropas alemãs, havia sempre algum surto, como diz Varchi, falando da que, um século antes, tinham levado para Florença. Alessandro Tadino, um dos conservadores da sanidade (eram seis, além do presidente: quatro magistrados e dois médicos), foi encarregado pelo tribunal, como ele próprio conta, naquele seu *Ragguaglio* já citado, de apresentar ao governador o pavoroso perigo que pairava sobre a terra, se aquela gente aí passasse para ir ao cerco de Mântua, como se tinha espalhado o boato. De todos os comportamentos de Dom Gonzalo, parece que tinha uma grande ânsia de conquistar um lugar na história, a qual de facto não pôde deixar de se ocupar dele; mas (como muitas vezes lhe aconteceu) não conheceu, ou não teve o cuidado de registar o ato dele mais digno de memória, a resposta que deu a Tadino naquela circunstância. Respondeu que não sabia o que fazer; que os motivos de interesse e de reputação pelos quais se movia aquele exército pesavam mais do que o perigo apresentado; que com tudo isto se tentasse reparar de qualquer maneira, e que tivesse esperança na Providência.

Para reparar de qualquer maneira, os dois médicos da Sanidade (o mencionado Tadino e Senatore Settala, filho do célebre Ludovico) propuseram naquele tribunal que se proibisse, sob severíssimas penas, comprar material de qualquer espécie aos soldados que estavam para passar, mas não foi possível fazer entender a necessidade de tal ordem ao presidente, «homem de muita bondade – diz Tadino –, que não podia acreditar que devessem suceder encontros de morte de muitos milhares de pessoas, devido ao comércio desta gente, e das suas coisas.» Citamos esta passagem como uma das singulares daquele tempo; que decerto, desde que há tribunais de sanidade, nunca aconteceu a outro presidente de tal corpo fazer um raciocínio semelhante, se raciocínio se lhe pode chamar.

Quanto a Dom Gonzalo, pouco depois daquela resposta, foi-se de Milão; e a partida para ele foi triste, tal como o era a causa. Era demitido, devido aos maus resultados da guerra, da qual havia

sido o promotor e o capitão; e o povo culpava-o da fome sofrida sob o seu governo. (O que tinha feito pela peste, ou não se sabia, ou certamente ninguém se ralava com isso, como veremos mais adiante, salvo o tribunal da sanidade, e os dois médicos especialmente.) Ao sair, portanto, num coche de viagem, do palácio da corte, no meio de uma guarda de alabardeiros, com dois trombeteiros a cavalo à frente, e com outras carruagens de nobres que lhe faziam séquito, foi recebido com grandes assobios por parte de rapazes que se tinham juntado na praça da Catedral, e que foram em tropel atrás dele. Entrada a comitiva na rua que leva à Porta Ticinese, por onde se devia sair, começou a dar consigo no meio de uma multidão de gente que, uma parte estava ali à sua espera, e uma parte acorria; tanto mais que os trombeteiros, homens de formalidades, não cessaram de tocar desde o palácio da corte até à Porta. E no processo que se fez depois, sobre aquele tumulto, um destes, repreendido por, com aquele seu trombetear, ter sido causa de o fazer crescer, responde:

– Caro senhor, é esta a nossa profissão; e se S.E. não levasse a peito que nós tocássemos, devia haver mandado que nos calássemos.

Mas Dom Gonzalo, ou por repugnância a fazer alguma coisa que mostrasse temor, ou por temor de com isso tornar mais atrevida a multidão, ou porque estivesse de facto meio aturdido, não deu nenhuma ordem. A multidão, que os guardas tinham em vão tentado repelir, antecedia, circundava, seguia as carruagens, gritando:

– Vai-te daqui, ó carestia! Vai-te de vez, sangue dos pobres – e pior. Quando chegaram junto da Porta, começaram também a atirar pedras, tijolos, caroços e cascas de toda a espécie, em suma, as munições habituais de expedições destas; uma parte correu por cima das muralhas, e de lá fizeram uma última descarga sobre as carruagens que saíam. Logo a seguir dispersaram-se.

Em lugar de Dom Gonzalo, foi mandado o marquês Ambrogio Spinola, cujo nome havia já adquirido, nas guerras da Flandres, a celebridade militar que ainda tem.

Entretanto, o exército alemão, sob o comando supremo do conde Rambaldo de Collalto, outro *condottiere* italiano, de menor, mas não de última fama, tinha recebido ordem definitiva de se dirigir para a empresa de Mântua; e no mês de setembro entrou no ducado de Milão.

A milícia, naqueles tempos, era ainda composta em grande parte por mercenários recrutados por *condottieri* de ofício, por encomenda deste ou daquele príncipe, às vezes até por sua própria conta, e para se venderem depois juntamente com eles. Mais do que pelo pagamento, eram os homens atraídos para aquele ofício pela esperança da pilhagem e por todos os engodos das licenças. Disciplina estável e geral não havia, nem se podia coadunar facilmente com a autoridade, em parte independente, dos vários *condottieri*. Depois estes, em particular, não eram muito bons educadores a respeito de disciplina, nem se vê, mesmo que quisessem, como a poderiam estes estabelecer e manter; que soldados daquela raça, ou se revoltariam contra um *condottiere* inovador a quem se metesse na cabeça abolir o saqueio; ou pelo menos deixá-lo-iam sozinho a olhar para as bandeiras. Além disso, como os príncipes, ao tomarem, por assim dizer, de aluguer aqueles bandos, preocupavam-se mais em ter gente em quantidade, para assegurar as empresas, do que em proporcionar o número à sua faculdade de pagar, de costume muito escassa; assim, os pagamentos na sua maior parte eram tardios, por conta e aos soluços; e os despojos das terras que lhes calhavam, tornava-se como um seu suplemento tacitamente estabelecido. Pouco menos célebre que o nome de Wallenstein é aquela sua sentença, que «é mais fácil manter um exército de cem mil homens do que um de doze mil». E este de que estamos a falar era em grande parte composto de gente que, sob o seu comando, havia assolado a Germânia, naquela guerra célebre entre as guerras, e que por si e pelos seus efeitos recebeu depois o nome dos «Trinta Anos» da sua duração: e na altura decorria o décimo-primeiro. Aliás, era neste exército, conduzido por um seu lugar-tenente, que estava o seu próprio regimento, e aí se encontrava mais de um daqueles que, quatro anos depois, deviam ajudá-lo a ter o mau fim que todos sabem .

Eram vinte e oito mil soldados de infantaria, e sete mil de cavalaria; e, descendo a Valtellina, para entrarem em terras de Mântua, tinham de seguir todo o curso que faz o Adda por dois braços de

lago, e depois de novo, como rio, até desaguar no rio Pó, após o que tinham um bom pedaço deste para contornar; ao todo oito dias no ducado de Milão.

Uma grande parte dos habitantes refugiara-se pelos montes, levando o que tinham de melhor, e mandando à sua frente o gado; outros ficavam, ou para não abandonarem algum doente, ou para terem debaixo de olho coisas preciosas, escondidas, enterradas; outros ainda, porque não tinham nada a perder, ou até faziam conta de adquirir. Quando o primeiro esquadrão chegava à localidade da paragem, espalhava-se logo por essa e pelas circunvizinhas, e pilhava-as mesmo: o que havia para desfrutar ou para levar, desaparecia; o resto, destruíam ou estragavam; os móveis transformavam-se em lenha, as casas, em estábulos; sem falar da pancada, dos ferimentos, dos estupros. Todos os expedientes, todas as astúcias para salvar os bens, na sua maior parte resultavam inúteis, e às vezes até provocavam danos maiores. Os soldados, gente bem mais experiente também nos estratagemas desta guerra, vasculhavam todos os buracos das casas, demoliam; reconheciam com facilidade nas hortas a terra mexida de fresco; andavam até pelos montes a roubar o gado; iam às grutas, guiados por qualquer tratante lá da terra, em busca de algum rico que aí se tivesse refugiado; arrastavam-no até à sua casa, e com a tortura de ameaças e de pancada, obrigavam-nos a indicar o tesouro escondido.

Por fim, iam-se embora. Partiram; ouviu-se ao longe morrer o som dos tambores ou das trombetas; seguiram-se algumas horas de uma quietude apavorada; e depois um novo maldito bater de bombos, um novo maldito soar de trombetas, anunciava outro esquadrão. Estes, não encontrando mais nada que apresar, com mais furor dissipavam o resto, queimavam os tonéis esvaziados pelos outros, as portas das casas onde não havia mais nada, e também lançavam fogo às casas; e com tanto mais raivas, bem entendido, maltratavam as pessoas; e assim cada vez pior, durante vinte dias: pois em tantos esquadrões estava dividido o exército.

Colico foi a primeira terra do ducado que invadiram aqueles demónios; lançaram-se depois sobre Bellano; por aí entraram e se espalharam pela Valsassina, donde desembocaram no território de Lecco.

CAPÍTULO XXIX

AQUI, ENTRE OS POBRES APAVORADOS, VAMOS ENCONTRAR PESSOAS do nosso conhecimento.

Quem não viu Dom Abbondio, no dia em que se espalharam todas de uma vez as notícias da vinda do exército, da sua aproximação e dos seus comportamentos, não sabe bem o que seja atrapalhação e pavor; são trinta, são quarenta, são cinquenta mil; são diabos, são arianos, são anticristos; saquearam Cortenuova; lançaram fogo a Primaluna; devastaram Introbbio, Pasturo, Barsio; chegaram a Balabbio: amanhã estão aqui: tais eram os boatos que corriam de boca em boca; e ao mesmo tempo um correr, o param, um consultar tumultuoso, uma hesitação entre o fugir e o ficar, um juntarem-se as mulheres, um meter as mãos nos cabelos. Dom Abbondio, resolvido a fugir, resolvido antes de todos e mais que todos, via porém, em todos os caminhos a tomar, em todos os lugares onde abrigar-se, obstáculos insuperáveis e perigos pavorosos.

– O que fazer? exclamava. – Para onde ir? – Os montes, já pondo de parte as dificuldades do caminho, não eram seguros: era sabido que os lansquenetes os trepavam que nem gatos, onde mal tivessem indício ou esperança de fazer presa. O lago era grande;

soprava um grande vento; além disso, a maior parte dos barqueiros, temendo que fossem forçados a transportar soldados ou bagagens, tinham-se refugiado, com as suas barcas, na outra margem: as poucas que haviam ficado, saíram depois carregadas de gente; e, molestadas pelo peso e pela borrasca, dizia-se que corriam perigo a todo o momento. Ir para longe e fora do caminho que o exército tinha a percorrer, não era possível arranjar nem uma caleche, nem um cavalo, ou qualquer outro meio; a pé, Dom Abbondio não poderia fazer uma grande caminhada, e temia ser apanhado na estrada.

O território bergamasco não ficava tão distante que as suas pernas não pudessem levá-lo até lá numa tirada; mas sabia-se que fora enviado à pressa de Bérgamo um esquadrão de *chapeletas*¹⁰, que devia contornar a fronteira, para intimidar os lansquenetes; e aqueles eram demónios em carne e osso, nem mais nem menos do que estes, e pela sua parte faziam todo o mal que pudessem. O pobre homem corria, desvairado e fora de si, pela casa toda; andava atrás de Perpetua, para combinar uma resolução com ela; mas Perpetua, ocupada a recolher o que havia de melhor em casa, e a escondê-lo no sótão, ou nos nichos de arrumos, passava a correr, arfando, preocupada, com as mãos ou os braços cheios, e respondia:

– Estou já a acabar de pôr estas coisas em segurança, e depois faremos também como fazem os outros.

Dom Abbondio queria retê-la, e discutir com ela as várias alternativas; mas ela, entre os afazeres e a pressa, e o terror que também tinha no corpo, e a raiva que lhe fazia o do patrão, naquela conjuntura, era menos tratável do que em qualquer outra vez.

– Os outros arranjam-se; arranjemo-nos nós também. Desculpe-me, mas não é capaz de mais nada senão de estorvar? Julga que os outros não têm uma pele para salvar? Que vêm fazer-lhe guerra só a si, os soldados? Podia também dar uma ajuda, nestes momentos, em vez de se meter à frente dos pés a choramingar e a atrapalhar.

Com respostas assim e semelhantes despachava-o, tendo já estabelecido, quando acabasse de qualquer maneira aquela tumultuosa operação, agarrá-lo por um braço, como a um rapazinho, e arrastá-lo por uma montanha acima. Assim deixado sozinho, assomava à janela, olhava, aplicava o ouvido; e, ao ver passar alguém, gritava com uma voz, metade pranto, metade censura:

– Fazei um favor ao vosso pobre cura, de lhe arranjar algum cavalo, alguma mula, algum burro. É possível que ninguém queira ajudar-me? Oh, que gente! Ao menos esperai por mim, para que possa ir também convosco. Esperai por serem quinze ou vinte, para me levarem, que eu não seja abandonado. Quereis deixar-me nas mãos dos cães? Não sabeis que são luteranos a maior parte deles, que matar um sacerdote, acham que é uma obra meritória? Quereis deixar-me aqui a receber o martírio? Oh, que gente! Oh, que gente!

Mas a quem dizia estas coisas? A homens que passavam curvados sob o peso dos seus pobres bens, pensando nos que deixavam em casa, empurrando as suas vaquinhas, levando atrás os filhos, também carregados quanto podiam, e as mulheres tendo ao colo

os que não podiam caminhar. Alguns passavam de largo, sem responder nem olhar para cima; um ou outro dizia: – Eh *messer!* Faça também o que puder; tem a sorte de não pensar na família; ajude-se, arranje-se.

– Oh, pobre de mim! – exclamava Dom Abbondio. – Oh, que gente! Que corações! Já não há caridade: cada um pensa em si; e em mim ninguém quer pensar. – E voltava a procurar Perpetua.

– Precisamente! – disse-lhe esta. – E o dinheiro?

– Como fazemos?

– Dê-mo cá, que eu vou enterrá-lo aqui na horta de casa, juntamente com o faqueiro. – Mas...

– Nem mas nem meio mas; dê cá; fique com algum, para o que possa acontecer, e deixe o resto comigo.

Dom Abbondio obedeceu, foi à escrivania, tirou o seu tesouro e entregou-o a Perpetua, que disse:

– Vou enterrá-lo na horta ao pé da figueira – e saiu. Reapareceu pouco depois, com um cesto onde havia comida, e com uma pequena cesta vazia; e pôs-se à pressa a colocar-lhe no fundo um pouco de roupa sua e do patrão, dizendo entretanto: – O brevíário ao menos leva-o vossemecê.

– Mas para onde vamos?

– Para onde vão os outros todos? Antes de mais nada, vamos para a rua; lá ouvimos, e veremos o que convém mais fazer.

Nesse momento entrou Agnese com uma cesta ao ombro, e com o ar de quem vem fazer uma proposta importante.

Agnese, resolvida também a não esperar por hóspedes daquela espécie, sozinha em casa como estava, e ainda com algum daquele ouro do *Inominado*, ficara algum tempo hesitante quanto ao lugar para onde se retirasse. O resto precisamente daqueles escudos que nos meses da fome tanto jeito lhe fizeram, era a razão principal da sua angústia e da irresolução, por ter ouvido dizer que nas terras já invadidas, os que tinham dinheiro se viram em mais terrível condição, expostos à violência dos estrangeiros, juntamente com as insídias dos patrícios. Era verdade que, do bem que lhe tinha caído do céu, como se diz, não fizera a confiança a ninguém, tirando Dom Abbondio; com o qual ia ter para trocar em miúdos um escudo de cada vez, deixando-lhe sempre qualquer coisa para dar a

alguém mais pobre do que ela. Mas o dinheiro escondido, especialmente quem não está habituado a manejar muito, tem o possuidor sob suspeita contínua da suspeita dos outros. Ora, enquanto ela ia também escondendo aqui e ali de qualquer maneira o que não podia levar consigo, pensava nos escudos que trazia cosidos no busto, e lembrou-se que, o *Inominado* lhe tinha mandado as mais amplas ofertas de serviços; lembrou-se das coisas que tinha ouvido contar daquele seu castelo posto num lugar tão seguro donde, contra vontade do dono só podiam chegar as aves; e resolveu ir pedir asilo lá em cima. Pensou como poderia dar-se a conhecer àquele senhor, e veio-lhe logo à cabeça Dom Abbondio; o qual, depois daquela conversa com o arcebispo lhe tinha feito sempre festa, e tanto mais do coração, que o podia fazer sem se comprometer com ninguém, e que, estando longe os dois jovens, estava também longe o caso de lhe ser feito um pedido em que poria aquela benevolência em grande conta. Supôs que numa tal balbúrdia, o pobre homem devia estar ainda mais atrapalhado e espavorido do que ela, e que a ideia poderia também parecer-lhe muito boa a ele; e vinha propor-lho. Encontrando-o com Perpetua, fez a proposta aos dois.

– O que dizeis, Perpetua? – perguntou Dom Abbondio.

– Digo que é uma inspiração do céu, e que não se pode perder tempo a meter pernas à estrada.

– E depois...

– E depois, e depois, quando lá chegarmos ficaremos bem contentes. Aquele senhor, sabe-se agora que não quererá outra coisa senão servir o próximo; e também ficará bem satisfeito por nos albergar. Lá, na fronteira, e assim pelo ar, não virão soldados certamente. E depois, e depois, também encontraremos que comer; que, lá por cima pelos montes, acabada esta pouca graça de Deus – e assim falando, acomodava-a na cesta, por cima da roupa –, acabaríamos por nos arrepender.

– Convertido, está convertido mesmo, eh?

– Ainda tem de que duvidar, depois de tudo o que se sabe, depois do que vossemecê também viu?

– E se nos fôssemos meter numa jaula?

– Qual jaula? Com todos estes seus casos, desculpe-me, nunca

se chegaria a uma conclusão. Brava, Agnese! Teve mesmo uma boa ideia. – E pondo a cesta numa mesinha, passou os braços pelas asas e pô-la às costas.

– Não se poderia – disse Dom Abbondio – arranjar algum homem que viesse connosco, para escoltar o seu cura? Se encontrássemos algum patife, que infelizmente andam por aí muitos, que ajuda me poderíeis dar as duas?

– Outra para fazer perder tempo! – exclamou Perpetua. – Ponha-se agora à procura do homem, quando cada um tem de tratar da sua vida. Coragem! Vá buscar o breviário e o chapéu; e vamos lá.

Dom Abbondio foi, voltou daí a um momento com o breviário debaixo do braço, de chapéu na cabeça, e com o seu bordão na mão; e saíram os três por uma portinha que dava para a praceta. Perpetua fechou-a, mais para não descurar uma formalidade do que por fé que tivesse naquela fechadura e naqueles batentes, e guardou a chave no bolso. Dom Abbondio deu, ao passar, um olhar à igreja, e disse entre dentes: «Cabe ao povo guardá-la, que lhe serve a ele. Se tiverem algum amor pela sua igreja, tratarão dela; se não tiverem, o mal é deles.»

Meteram-se pelos campos muito calados, pensando cada um nos seus casos e olhando à sua volta, especialmente Dom Abbondio, vendo se aparecia alguma figura suspeita, alguma coisa extraordinária. Não se encontrava ninguém: as gentes estavam nas suas casas a guardá-las, a preparar a bagagem, a esconder, ou pelos caminhos que conduziam diretamente às alturas.

Depois de ter suspirado e voltado a suspirar, e depois deixando escapar alguma interjeição, Dom Abbondio começou a resmungar sem parar. Protestava contra o duque de Nevers, que podia muito bem estar em França a gozar a vida, a ser príncipe, e queria ser duque de Mântua contra a vontade do mundo; contra o imperador que deveria ter juízo pelos outros, e deixar correr as águas sem querer meter o nariz em tudo; que afinal ele seria sempre imperador, fosse duque de Mântua fulano ou sicrano. Protestava principalmente contra o governador, a quem deveria competir o fazer tudo para manter os flagelos afastados do país, e era ele mesmo que os atraía: só pelo gosto de fazer a guerra.

– Era preciso – disse ele – que estivessem aqui esses senhores a ver, a provar que gosto tem. Têm belas contas a dar! Mas entretanto quem paga é quem não tem culpa.

– Deixe lá estar esta gente; que não são eles que nos virão ajudar – disse Perpetua. – Estes, desculpe-me, são os das suas conversas do costume que não concluem nada. A mim o que mais me aborrece...

– O que é?

Perpetua que, naquele troço do caminho, tinha pensado com calma no esconderijo arranjado à pressa, começou a queixar-se de se ter esquecido de tal coisa, de ter guardado mal uma tal outra; aqui, de ter deixado uma marca que podia guiar os ladrões, ali...

– Boa! – disse Dom Abbondio, já seguro da vida o suficiente para se poder angustiar com os bens. – Boa! Foi isso que fizestes? Onde tínheis a cabeça?

– Como? – exclamou Perpetua, parando um momento e pondo os punhos nos flancos, da maneira que a cesta lho permitia. – Como? Vem agora fazer-me estas censuras, quando era vossemecê que me fazia perder a cabeça, em vez de me ajudar a ganhar coragem! Talvez tenha tratado mais das coisas da casa do que das minhas; não tive quem me desse uma ajuda; tive de fazer de Marta

e de Madalena; se alguma coisa correr mal, não sei o que dizer: fiz até mais do que era o meu dever.

Agnese interrompia estas discussões, começando também a falar dos seus problemas: e não se lamentava tanto do incômodo e dos prejuízos, como de ver desvanecida a esperança de tornar a abraçar cedo a sua Lucia; que, se vos lembrais, se estava exatamente naquele outono, para que tinham marcado encontro: também não era de supor que Dona Praxedes quisesse vir passar férias para aqueles lados em tais circunstâncias: antes se iria embora se ali estivesse, como faziam todos os outros veraneantes.

A vista dos lugares tornava ainda mais vivos os pensamentos de Agnese, e mais pungente o seu desgosto. Saindo dos carreiros, tinham tomado a estrada pública, aquela mesma por onde a pobre mulher tinha vindo, ao reconduzir, por tão pouco tempo, a filha para casa, depois de ter estado com ela em casa do alfaiate. E já se via a aldeia.

– Devíamos ir cumprimentar aquela boa gente – disse Agnese.

– E também descansar um bocadinho: que começo a estar farta desta cesta; e também para comer alguma coisa – disse Perpetua.

– Na condição de não perder tempo; que não estamos em viagem por divertimento – concluiu Dom Abbondio.

Foram recebidos de braços abertos, e vistos com grande prazer: faziam lembrar uma boa ação. Fazei bem a todos os que podeis, diz aqui o nosso autor; e de todas as vezes encontrareis rostos que vos darão alegria.

Agnese, ao abraçar a boa mulher, deu num convulsivo pranto que lhe foi de grande alívio; e respondia com soluços às perguntas que ela e o marido lhe fizeram de Lucia.

– Está melhor do que nós – disse Dom Abbondio. – Está em Milão, fora dos perigos, longe destes infernos.

– Estão em fuga, eh? O senhor cura e a companhia – disse o alfaiate.

– Sem dúvida – responderam a uma só voz patrão e serva.

– Compreendo-os.

– Vamos encaminhados – disse Dom Abbondio – ao castelo de ***.

– Pensaram bem: seguros como na igreja.

– E aqui, não têm medo? – disse Dom Abbondio.

– Já lhe digo, senhor cura: propriamente em *hospitação*, como sabe que se diz, falando bem, aqui não deveriam vir aqueles; estamos demasiado fora do seu caminho, graças ao Céu. Quando muito, uma ou outra escapada, que Deus não queira: mas de qualquer modo há tempo; tem de se ouvir antes outras notícias das pobres terras onde eles irão parar.

Concluiu-se que ficariam ali um pouco a ganhar fôlego; e, como era hora do almoço – disse o alfaiate: – Meus senhores, têm de honrar a minha pobre mesa; haverá um prato com boa cara.

Perpetua disse ter consigo qualquer coisa para quebrar o jejum.

Após alguma cerimónia de um lado e do outro, concordaram em juntar as panelinhas, como se diz, e comerem em companhia.

As crianças puseram-se com grande festa em volta de Agnese, sua velha amiga. Depressa, depressa; o alfaiate ordenou a uma das meninas (a que tinha trazido aquela comida a Maria viúva: quem sabe se ainda vos lembrareis!) que fosse tirar os ouriços a quatro castanhas novas que estavam guardadas a um cantinho, e as pusesse a assar.

– E tu – disse a um rapaz –, vai à horta dar um abanão ao pessegueiro, para fazer cair quatro e trá-los todos para aqui. E tu – disse a outro –, vai à figueira apanhar quatro figos dos mais maduros. Esse ofício já vós conheceis, até de mais. – Ele foi abrir um seu barrilinho; a mulher foi buscar os adereços de mesa. Perpetua tirou para fora as provisões; puseram a mesa. Um guardanapo e

um prato de majólica no lugar de honra, para Dom Abbondio, com um talher que Perpetua trazia na cesta. Sentaram-se à mesa e almoçaram, se não com grande alegria, pelo menos com muito mais do que nenhum dos comensais esperara ter naquele dia.

– O que me diz, senhor cura, de um descalabro destes? – disse o alfaiate. – Até parece que estou a ler a história dos mouros em França.

– O que hei de dizer? Só me faltava cair-me mais esta em cima!

– Contudo, escolheram um bom abrigo – respondeu aquele. – Quem diabo consegue chegar lá acima pela força? E encontrarão companhia. Já ouvi dizer que se refugiou lá muita gente, e que continuam a chegar muitos.

– Só espero – disse Dom Abbondio – que sejamos bem recebidos. Eu conheço aquele bom senhor; e quando tive a outra vez a honra de me encontrar com ele, foi bem delicado.

– E a mim – disse Agnese –, mandou o próprio senhor monsenhor ilustríssimo dizer-me que, quando precisasse de alguma coisa, bastava ir ter com ele.

– Grande e bela conversão! – insistiu Dom Abbondio; e mantém-se, não é verdade? Assim se mantém.

O alfaiate pôs-se a falar amplamente da santa vida do *Inominado*, e como, de flagelo das redondezas, se tinha tornado o exemplo e o benfeitor.

– E aquela gente que tinha consigo?... Toda aquela criadagem?... – insistiu Dom Abbondio, que já por mais de uma vez tinha ouvido dizê-lo, mas ainda não estava muito descansado.

– Postos na rua a maior parte – respondeu o alfaiate –, e os que ficaram tiveram de mudar de sistema, e de que maneira! Resumindo, aquele castelo transformou-se numa Tebaida: o senhor sabe o que quero dizer.

Começou então a falar com Agnese da visita do cardeal: – Grande homem! – disse. – Grande homem! É pena que tenha passado por aqui com tanta pressa, que não fiz nem pude fazer-lhe nenhuma honra. Como ficarei contente quando puder falar-lhe outra vez, com mais calma!

Quando se levantaram da mesa, mostrou-lhes uma estampa representando o cardeal, que tinha pendurada num batente da porta,

em veneração da personagem, e também para poder dizer a qual-quer pessoa que por ali passasse que não estava nada parecido; visto que ele já pudera examiná-lo de perto e com toda a comodidade, o cardeal em pessoa, naquela mesma sala.

– Quiseram fazer o retrato dele, com esta coisa? – disse Agnese.

– Na roupa está parecido; mas...

– Não é verdade que não parece nada ele? – disse o alfaiate. – É também o que digo sempre. A nós não nos enganam, isso é que não, eh? Se não for por mais nada, tem até o nome por baixo: é uma memória.

Dom Abbondio tinha pressa; o alfaiate comprometeu-se em encontrar uma caleche que os conduzisse até à base da subida; saiu logo à procura, e pouco depois regressou dizendo que aquela estava a chegar. Virou-se depois para Dom Abbondio, e disse-lhe: – Senhor cura, se por acaso desejar levar lá para cima algum livro, para passar o tempo, como pobre homem, posso servi-lo; que eu também me divirto um pouco a ler. Coisas que não são para gente como o senhor cura, livros em vulgar; mas no entanto...

– Obrigado, obrigado – respondeu Dom Abbondio. – São circunstâncias em que mal temos cabeça para nos ocuparmos das coisas que são preceito.

Enquanto se fazem e se recusam agradecimentos, e se trocam cumprimentos e votos de felicidades, convites e promessas de outra paragem no regresso, chegou a caleche diante da porta de casa. Põem as cestas no carro, sobem e começam com um pouco mais de conforto e tranquilidade de espírito a segunda metade da viagem.

O alfaiate dissera a verdade a Dom Abbondio, acerca do *Inominado*. Este, desde o dia em que o deixámos, continuava sempre a fazer o que então se tinha proposto, a compensar danos, a pedir pazes, a socorrer pobres; em resumo, sempre a fazer bem, conforme as ocasiões. Aquela coragem que outras vezes havia mostrado no ofender e em defender-se, agora mostrava-a no facto de não fazer uma coisa nem outra. Andava sempre sozinho e sem armas, disposto a tudo o que lhe pudesse acontecer depois de tantas violências cometidas e persuadido de que seria cometer uma nova o usar a força em defesa de quem era devedor de tanto e a

tantos; persuadido de que todo o mal que lhe fizessem, seria uma injúria em relação a Deus, mas no que lhe tocava a ele uma justa retribuição; e que da injúria, ele menos do que todos os outros tinha o direito de se tornar castigador. Com tudo isto, não ficara menos inviolado do que quando tinha armado, para a sua segurança, tantos braços além do seu. A lembrança da antiga ferocidade, e a vista da mansidão presente, uma que devia ter deixado tantos desejos de vingança; e a outra, que a tornava tão fácil, conspiravam pelo contrário para lhe conseguirem e lhe manterem uma admiração que lhe servia principalmente de salvaguarda. Era aquele homem que ninguém tinha conseguido humilhar, e que se humilhara a si mesmo. Os rancores, irritados outras vezes pelo seu desprezo e pelo medo dos outros, desvaneciam-se agora perante aquela nova humildade: os ofendidos tinham obtido, contra todas as expectativas e sem perigo, uma satisfação que nunca poderiam prometer-se por meio da mais afortunada das vinganças, a satisfação de ver um homem daqueles arrependido dos seus erros, e participando, por assim dizer, da indignação deles. Muitos, cujo desgosto mais amargo e mais intenso tinha sido, durante muitos anos, de em caso nenhum verem probabilidades de se encontrarem mais fortes do que ele para se resgatarem de qualquer grande mal por ele causado; encontrando-o depois sozinho, desarmado, e com o ar de quem não oporia resistência, não tinham sentido outro impulso senão o de lhe fazerem demonstrações de honrarias. Naquele abaixamento voluntário, a sua presença e o seu comportamento tinham adquirido, sem que ele o soubesse, qualquer coisa de mais elevado e mais nobre; porque se via, ainda melhor do que antes, a indiferença por todos os perigos. Os ódios, até os mais rudes e rai-vosos, sentiam-se amarrados e mantidos em respeito pela veneração pública pelo homem penitente e benéfico. Esta era tamanha que aquele homem se via embaraçado para se esquivar a todas as demonstrações que lhe faziam, e precisava de ter o maior cuidado para não deixar transparecer no rosto e nos atos o sentimento interior de compulsão, a não se baixar demasiado, para não ser exaltado em excesso. Tinha escolhido na igreja o último lugar; e não havia o perigo de alguém lho tirar: seria o mesmo que usurpar um lugar de honra. Depois, ofender aquele homem, ou até tratá-lo

com pouco respeito, podia parecer, não tanto uma insolência e uma cobardia, quanto um sacrilégio: e até aqueles a quem este sentimento dos outros podia parecer de reserva, mais ou menos também participavam do mesmo sentimento.

Estas mesmas e outras razões também afastavam dele as vinganças da força pública, e vinham dar-lhe, também deste lado, a segurança que já não lhe causava preocupações. A categoria e a parentela, que em todos os tempos lhe tinham servido de alguma defesa, mais valiam para ele, agora que àquele nome ilustre e infame se acrescentava o louvor de uma conduta exemplar, a glória da conversão. Os magistrados e os grandes senhores tinham-se alegrado com esta, publicamente como o povo; e parecia estranho alguém encarniçar-se contra quem havia sido sujeito de tantas congratulações.

Além disso, um poder empenhado numa guerra perpétua, e muitas vezes infeliz, contra rebeliões vivas e sempre renascentes, devia achar-se muito satisfeito por se ter libertado da mais indomável e molesta, para não ir arranjar outro problema: tanto mais que aquela conversão produzia reparações que não estava habituado a obter e nem sequer a requerer. Atormentar um santo não parecia bom meio de apagar a vergonha de não ter sabido constrianger um facínora a comportar-se como deve ser: e o exemplo que se daria castigando-o, não poderia ter outro efeito senão desviar os seus semelhantes de se tornarem inofensivos. Provavelmente até o papel que o cardeal Federigo tivera na conversão, e o seu nome associado ao do convertido, para este, serviam como que de escudo sagrado. E nesse estado de coisas e de ideias, naquelas singulares relações da autoridade espiritual e do poder civil, que andavam tantas vezes em litígio um com o outro, sem nunca terem em mira destruírem-se, mas antes misturando sempre à hostilidade atos de reconhecimento e protestos de deferência, e que, também muitas vezes, se mantinham de reserva para um objetivo comum, sem nunca fazerem as pazes, podia fazer parecer, de certa maneira, que a reconciliação da primeira implicaria o esquecimento, senão mesmo a absolvição do segundo, quando aquela tinha sido usada apenas para produzir um efeito desejado por ambas.

Assim aquele homem sobre o qual, se tivesse caído, teriam cor-

rido sobre ele grandes e pequenos para o espezinhar, tendo-se atirado voluntariamente para o chão, era poupado por todos, e saudado com vênias por muitos.

É verdade que também eram muitos aqueles a quem a estrondosa mutação deve ter provocado tudo menos prazer: muitos executores pagos para ações criminosas, muitos parceiros de crimes, que perdiam assim uma força tamanha com a qual estavam habituados a contar, que também viam tão de repente quebrados os fios de tramas urdidas há muito, no momento talvez em que esperavam a notícia da execução. Mas já vimos que diferentes sentimentos aquela conversão fazia nascer nos galfarros que se encontravam então com ele, e que a ouviram anunciar da sua própria boca: espanto, dor, abatimento, raiva; um pouco de tudo, menos desprezo e ódio. O mesmo sucedeu com os outros que ele mantinha espalhados por diversos lugares, o mesmo com os cúmplices de mais altos negócios, quando souberam a terrível notícia, e a todos pelas mesmas razões. Muito ódio, como encontro na passagem já citada de Ripamonti, recaiu antes sobre o cardeal Federigo. Olhavam-no como alguém que se tinha metido na vida deles, para lhes estragar o negócio; o *Inominado* limitara-se a querer salvar a sua alma: dele ninguém tinha razões de queixa.

De mão em mão, a maior parte dos galfarros da casa, não conseguindo acomodar-se à nova disciplina, tinha-se ido embora. Uns terão procurado outro patrão, e talvez mesmo entre os antigos amigos daquele que deixavam; outros ter-se-ão alistado nalgum *terço*, como então diziam, de Espanha ou de Mântua, ou de qualquer outra parte beligerante; outros terão posto os pés a caminho, para fazerem a guerra aos bochechos, e por sua conta e risco; outros ter-se-ão dado por satisfeitos por irem fazendo patifarias em liberdade. E coisa parecida terão feito os outros que estavam antes às suas ordens em diferentes terras. Depois, dos que se puderam habituar ao novo teor de vida, ou o tenham abraçado de boa vontade, na sua maior parte nascidos no vale, voltaram para os campos, ou para os ofícios aprendidos em tenra idade, e depois abandonados; os forasteiros tinham ficado no castelo, como criados. Uns e outros abençoados de novo quase ao mesmo tempo que

o seu senhor, iam vivendo, tal como ele, sem fazer nem sofrer malfeitorias, inermes e respeitadas.

Mas quando, ao aparecerem os bandos alemães, alguns fugitivos de terras invadidas ou ameaçadas, vieram lá acima ao castelo pedir abrigo, o *Inominado*, todo contente por aquelas suas muralhas serem procuradas como asilo dos fracos, que por tanto tempo as tinham olhado como um enorme pesadelo, acolheu aqueles debandados com expressões mais de reconhecimento do que de cortesia; fez espalhar a nova de que a sua casa estaria aberta a quem quer que lá quisesse refugiar-se, e tratou logo de pôr, não só esta, mas também o vale, em estado de defesa, se por acaso lansquenetes ou chapeletas experimentassem aparecer a fazer das suas. Reuniu os servos que lhe restavam, poucos e valentes, como os versos do Torti¹; fez-lhes um discurso sobre a boa ocasião que Deus lhes dava, a eles e a si próprio, de se entregarem por uma vez em auxílio do próximo, que tanto haviam oprimido e apavorado; e, com aquele tom natural de comando que exprimia a certeza da obediência, anunciou-lhes nas suas linhas gerais as suas intenções quanto ao que deviam fazer, e sobretudo prescreveu como deviam agir, para que a gente vinda para se abrigar lá em cima não visse neles senão amigos e defensores. Depois mandou trazer para baixo as armas de fogo, de corte e de haste que tinha num sótão, há muito ali amontoadas, e distribuiu-lhas; mandou avisar os seus camponeses e rendeiros do vale, que quem estivesse disposto, viesse com armas ao castelo; a quem não as tinha, deu-as; escolheu alguns para que fossem como que oficiais, e tivessem outros sob o seu comando; decidiu os postos nas entradas e noutros lugares do vale, na subida, e às portas do castelo; estabeleceu as horas e os modos de render a guarda, como num acampamento militar, ou como já se tinha habituado naquele mesmo castelo, nos tempos da sua vida desesperada.

A um canto daquele sótão, estavam à parte as armas que só ele próprio usava; a sua famosa carabina, mosquetes, espadas, espadões, pistolas, facas e punhais, no chão ou encostados à parede.

Nenhum dos criados lhes tocou; mas combinaram perguntar ao patrão quais queria que lhe trouxessem.

– Nenhuma – respondeu. – E, fosse por promessa ou por propósito seu, andou sempre desarmado, à cabeça daquela espécie de guarnição.

Ao mesmo tempo, pôs em movimento outros homens e mulheres de serviço, ou seus criados, a preparar no castelo alojamento para quantas mais pessoas fosse possível, a fazer camas, a dispor enxergas e mantas nos quartos e nas salas, que eram transformados em dormitórios. E dera ordens para mandar vir provisões abundantes, para poupar despesas aos hóspedes que Deus lhe mandasse, os quais de facto aumentavam de dia para dia. Ele, entretanto, nunca estava quieto nem parado; dentro e fora do castelo, ladeira abaixo e acima, a percorrer o vale, a estabelecer, a reforçar, a visitar postos, a ver, a fazer ver, a pôr e a manter em ordem, com palavras, com os olhos, com a presença. Em casa, pela estrada, a acolher os que chegavam, e todos, tivessem-no já visto ou vissem agora pela primeira vez, olhavam-no extasiados, esquecendo num momento os sarilhos e os temores que os tinham impedido lá para cima; e voltavam-se outra vez para o olharem quando, afastando-se deles, seguia o seu caminho.

CAPÍTULO XXX

EMBORA A AFLUÊNCIA MAIOR NÃO FOSSE DO LADO POR ONDE OS nossos três fugitivos se aproximavam do vale, mas sim da embocadura oposta, contudo começaram a deparar-se com companheiros de viagem e de desventura, que, de travessas e carreiros, vinham embocar ou desembocar na estrada. Em circunstâncias destas, todos os que se encontravam, era como já se conhecessem. Sempre que a caleche alcançava algum peão, trocavam-se perguntas e respostas. Uns tinham escapado, como os nossos, sem esperar pela chegada dos soldados; outros tinham ouvido os tambores ou as trompas; outros tinham-nos visto, àqueles, e pintavam-nos como só os apavorados costumam pintar.

– Vá lá, que ainda tivemos sorte – diziam as duas mulheres. – Agradecemos ao Céu. Perdemos as coisas; mas ao menos estamos a salvo.

Mas Dom Abbondio não achava que houvesse algum motivo para se alegrarem; aliás aquela confluência, e mais ainda a maior que ouvia dizer que estava do outro lado, começava a deixá-lo sombrio.

– Oh, que história! Não percebem que juntar-se tanta gente

para um sítio é o mesmo que pretender atrair os soldados à viva força? Todos escondem, todos trazem coisas; nas casas não resta nada; eles até vão julgar que há tesouros. Vão vir de certeza: de certeza que vêm! Oh, pobre de mim! Onde vim eu meter-me!

– Oh! Eles têm mais que fazer do que ir lá acima – disse Perpetua. – Eles também têm de seguir o seu caminho. E depois eu cá sempre ouvi dizer que nos perigos, é melhor sermos muitos.

– Muitos? Melhor sermos muitos – replicou Dom Abbondio. – Pobre mulher! Não sabeis que cada lansquenete come cem destes daqui? E depois, se quisessem cometer loucuras, seria um belo gosto, *hem?*, ver-se a gente metida numa batalha. Oh, pobre de mim! Mais valia termos vindo lá por cima, pelo alto dos montes. O que é que lhes terá dado para virem todos juntar-se num único lugar?... Maçadores! – resmungou a seguir, em voz mais baixa. – Todos aqui. E vá, e vá, e vá; um atrás do outro, como ovelhas sem raciocínio.

– Pensando dessa maneira – disse Agnese –, eles também poderiam dizer o mesmo de nós.

– Calai-vos um bocadinho – disse Dom Abbondio –, que as conversas não servem para nada. O que está feito, está feito; já que estamos metidos nisto, agora é aguentar. Há de ser o que a Providência quiser: que o Céu tenha pena de nós.

Mas bem pior foi quando, à entrada do vale, ele viu um belo posto de homens armados, uma parte à porta de uma casa, e outra parte nos quartos do rés do chão: parecia um quartel. Olhou-os pelo canto do olho: não eram aquelas caras as que lhe tinha calhado ver no outro seu doloroso passeio, ou se eram, estavam muito mudadas; mas com tudo isto, não se pode dizer que aborrecimento lhe dava aquela vista. «Oh, pobre de mim! – pensava. – É claro que só loucuras destas hão de fazer. Pois sim, nem podia ser doutra maneira: eu não devia esperar outra coisa de um homem daquela qualidade. Mas o que quererá fazer? Quer fazer guerra? Quer armar-se em rei, ele? Oh, pobre de mim! Em circunstâncias destas, quando tudo o que nós queríamos era podermos esconder-nos debaixo do chão, este, afinal, procura toda e qualquer maneira de se mostrar, de dar nas vistas; parece que os quer convidar!»

– Está a ver, senhor patrão? – disse-lhe Perpetua. – Não falta

aqui gente valente e capaz de nos defender. Venham lá os soldados: aqui não são como aqueles nossos assustadiços que só sabem bater com as pernas no rabo.

– Calada! – respondeu, com voz baixa mas iracunda, Dom Abbondio. – Calada, que não sabeis o que estais dizendo! Rogai aos Céus que venham com pressa os soldados, ou que não cheguem a saber as coisas que se fazem aqui, e que estão a preparar este lugar como uma fortaleza. Não sabeis que os soldados, o ofício deles é conquistar as fortalezas? Não procuram outra coisa; para eles, tomar de assalto é como ir a umas bodas; porque tudo o que acham fica para eles, e passam a gente a fio de espada. Oh, pobre de mim! Basta, vou ver se haverá maneira de nos pormos a salvo, aqui por estes penhascos. Numa batalha não me hão de apanhar. Oh! numa batalha é que não me hão de apanhar.

– Se tem medo até de ser defendido e ajudado... – recomeçou Perpetua; mas Dom Abbondio interrompeu-a asperamente, embora sempre em voz baixa: – Calada! E tende cuidado, não ides falar a ninguém destas nossas conversas. Lembrai-vos que aqui temos de fazer sempre cara alegre, e aprovar tudo o que se vê.

Na *Má Noite* encontraram outro piquete de homens armados, aos quais Dom Abbondio fez uma respeitosa chapelada, dizendo

entretanto para consigo: «Ai de mim, ai de mim: vim mesmo parar a um acampamento!»

Aqui a caleche parou; apearam-se; Dom Abbondio pagou apressadamente, despedindo o condutor, e encaminhou-se com as duas companheiras para a subida, sem dizer palavra. A vista daqueles lugares ia-lhe despertando na fantasia, e misturando com as angústias presentes, a lembrança das que ali sofrera da outra vez. E Agnese, que nunca tinha visto aqueles sítios, e deles fizera na cabeça uma pintura fantástica, e que os representava cada vez que pensava na pavorosa viagem de Lucia, vendo-os agora tal como eram realmente, sentia como que um novo e mais vivo sentimento daquelas cruéis memórias.

– Oh, senhor cura! – exclamou. – E pensar que a minha Lucia passou por este caminho!

– Quereis calar-vos, mulher sem juízo? – gritou-lhe Dom Abbondio ao ouvido. – Isso são conversas que se tenham aqui? Não sabeis que estamos em casa dele? É uma sorte que agora ninguém vos oiça; mas se continuais a falar dessa maneira...

– Oh! – disse Agnese –, agora que é santo...

– Estai calada! – replicou-lhe Dom Abbondio. – Julgais que aos santos se possa dizer, sem nenhum respeito, tudo o que passa pela cabeça? Pensai antes em lhe agradecer o bem que vos fez.

– Oh! Quanto a isso já tinha pensado: o que credes, que eu não saiba um pouquinho de boas maneiras?

– Boas maneiras é não dizer coisas que possam desgostar, especialmente quem não estiver habituado a ouvi-las. E entendi bem as duas, que isto aqui não é sítio de fazer mexericos, e dizer tudo o que vos vier à cabeça. É a casa de um grande senhor, já o sabeis: vede que companhia se encontra aqui à volta: vem para aqui gente de toda a espécie; de modo que, juízo, se puderdes: pesar bem as palavras, e sobretudo dizer poucas, e só quando houver necessidade: que estando calado nunca se erra.

– Pior faz vossemecê com as suas... – recomçava Perpetua.

Mas Dom Abbondio gritou em voz baixa: – Calada! – enquanto à pressa tirava o chapéu e fazia uma profunda vénia: porque, olhando para cima, vira o *Inominado* descer na direção deles. Este

também tinha visto e reconhecido Dom Abbondio; e apressava o passo para ir ao seu encontro.

– Senhor cura – disse quando se aproximou –, desejaria oferecer-lhe a minha casa em melhor ocasião; mas, de qualquer modo, fico bem satisfeito por poder ser-lhe útil nalguma coisa.

– Confiado na bondade de Vossa Senhoria Ilustríssima – respondeu Dom Abbondio –, tive o atrevimento, nestas tristes circunstâncias, de vir incomodá-lo; e como vê Vossa Senhoria Ilustríssima, tomei também a liberdade de trazer companhia. Esta é a minha governanta...

– Seja bem-vinda – disse o *Inominado*.

– E esta – prosseguiu Dom Abbondio –, é uma mulher a quem Vossa Senhoria já fez bem: a mãe daquela... daquela...

– De Lucia – disse Agnese.

– De Lucia! – exclamou o *Inominado*, voltando-se, de cabeça baixa, para Agnese. – Fazer bem, eu! Deus imortal! Sois vós que me fazeis bem, vindo aqui... a minha casa... nesta casa. Sede bem-vinda. Sois vós que nos trazeis a vossa bênção...

– Oh, qual quê? – disse Agnese –, só venho incomodar-vos. Aliás... – continuou, chegando-se-lhe ao ouvido –, tenho até de vos agradecer...



O *Inominado* interrompeu estas palavras, pedindo-lhe com a maior solicitude notícias de Lucia; quando as soube, voltou-se para acompanhar ao castelo os novos hóspedes, como fez, apesar da sua resistência cerimoniosa. Agnese deu ao cura um olhar que queria dizer: «Veja lá se é preciso meter-se no meio de nós os dois a dar opiniões.»

– Já chegaram à sua paróquia? – perguntou-lhe o *Inominado*.

– Não, senhor, que não quis ficar à espera desses diabos – respondeu Dom Abbondio. – Só o Céu é que sabe se eu conseguiria sair vivo das suas mãos, e vir incomodar Vossa Senhoria Ilustríssima.

– Bem, tenha coragem – prosseguiu o *Inominado* –, porque agora está em segurança. Cá acima não virão; e se por acaso quisessem experimentar, estamos prontos a recebê-los.

– Esperemos que não venham – disse Dom Abbondio. – E oiço dizer –, apontando com o dedo os montes que fechavam o vale em frente –, oiço dizer que por aquele lado também vem um bando de gente, mas... mas...

– É verdade – respondeu o *Inominado*. – Mas não tenha dúvidas, que estamos prontos para eles também.

«Entre dois fogos – disse para consigo Dom Abbondio. – Estou mesmo entre dois fogos. Para onde me deixei levar!... e logo por duas tagarelas! E este parece mesmo que se banha aqui dentro. Oh, a gente que há neste mundo!»

Entrados no castelo, o senhor mandou conduzir Agnese e Perpetua a um quarto do setor atribuído às mulheres, que ocupava três lados do segundo pátio, nas traseiras do edifício situadas sobre um penedo saliente e isolado, a cavalo num precipício. Os homens estavam alojados nos lados do outro pátio à direita e à esquerda, e no que dava para a esplanada. O bloco do meio, que separava os dois pátios e dava passagem de um para o outro por um vasto corredor em frente da porta principal, era em parte ocupado pelas provisões, e em parte devia servir de depósito para os bens que os refugiados quisessem pôr a salvo lá em cima. No setor dos homens havia alguns quartos destinados aos eclesiásticos que pudessem aparecer. O *Inominado* em pessoa acompanhou Dom Abbondio, que foi o primeiro a tomar posse deles.

Vinte e três ou vinte e quatro dias estiveram os nossos fugitivos

no castelo, no meio de um movimento contínuo, com uma grande companhia, e que nos primeiros tempos foi sempre crescendo; mas sem que acontecesse nada de extraordinário. Não passou talvez nenhum dia em que não fosse dado o alarme. Vêm lansquenetes daqui; foram vistos chapeletes ali. A cada aviso, o *Inominado* mandava homens a explorar; e, se fosse preciso, levava consigo gente que estava sempre pronta para isso e ia com esta para fora do vale, para o lado donde tinham indicado o perigo. E era coisa singular, ver uma fileira de homens armados da cabeça aos pés e alinhados como uma tropa, mas conduzidos por um homem sem armas. A maior parte das vezes não eram senão pastores e saqueadores isolados, que se iam embora antes de serem surpreendidos. Mas uma vez, tendo caçado alguns destes, para os ensinar a não voltarem a estes sítios, o *Inominado* recebeu o aviso de que uma aldeola vizinha fora invadida e posta a saque. Eram lansquenetes de vários corpos que, ficando para trás para roubar, se tinham juntado e iam lançar-se de surpresa sobre as terras vizinhas àquelas onde se alojava o exército; despojavam os habitantes e faziam-lhes tudo e mais alguma coisa. O *Inominado* fez um breve discurso aos seus homens e levou-os até à aldeola.

Chegaram inesperados. Os malandrins, que julgavam não ter pela frente senão presas, deixaram a pilhagem a meio e fugiram à pressa, sem esperarem uns pelos outros, para donde tinham vindo. O *Inominado* perseguiu-os por um pedaço de estrada; depois, tendo feito alto, ficou algum tempo à espera de ver alguma novidade; e finalmente regressou. E ao passar de novo pela aldeola salva, não se poderia dizer com quantos aplausos e bênçãos foi acompanhado o grupo libertador e o seu comandante.

No castelo, entre aquela multidão, formada ao acaso, de pessoas de variadas condições, costumes, sexo e idades, jamais nasceu alguma desordem de importância. O *Inominado* tinha colocado guardas em diversos lugares que vigiavam para que não sucedesse nenhum inconveniente, com aquele cuidado que todos punham nas coisas de que tivessem de lhe prestar contas.

Depois pediu aos eclesiásticos, e aos homens de maior autoridade que se encontravam entre os internados, que andassem por toda a parte a vigiar também. E com a maior frequência que

podia, andava ele também, aparecendo para tratar de tudo; todavia, mesmo na sua ausência, o recordar-se de quem era a casa em que estavam, servia de freio a quem dele pudesse precisar. E de resto, era tudo gente que fugira, e portanto em geral inclinada para o sossego: as preocupações com a casa e com os bens, e para alguns também com parentes e amigos que tinham ficado em perigo, as notícias que vinham de fora, abatendo os ânimos, mantinham e acresciam cada vez mais aquela disposição.

Havia porém cabeças descarregadas, dos homens de uma tempera mais rija e de uma coragem mais verde, que procuravam passar aqueles dias em alegria. Tinham abandonado as suas casas, por não serem suficientemente fortes para as defenderem; mas não sentiam gosto em chorar e suspirar por uma coisa que não tinha remédio, nem a imaginar e contemplar com a fantasia os danos que infelizmente haviam de ver com os seus olhos. Famílias amigas tinham ido para ali juntas, ou tornaram a encontrar-se lá em cima; fizeram-se amizades novas, e a multidão dividira-se em grupos, conforme os humores e os costumes. Quem tinha dinheiro e discrição ia comer lá em baixo no vale, onde naquelas circunstâncias, tinham construído à pressa estalagens; nalgumas, as colheradas alternavam-se com suspiros, e não era lícito falar de outra coisa senão de catástrofes; noutras, não se lembravam as calamidades senão para dizer que não se devia pensar nisso. A quem não podia ou não queria fazer essas despesas, distribuía-se, no castelo, pão, sopa e vinho, além de haver algumas mesas, servidas todos os dias, para aqueles que o dono da casa havia expressamente convidado; e a nossa gente era desse número.

Agnese e Perpetua, para não comerem o pão de mão beijada, quiseram ser empregadas nos serviços que tamanha hospitalidade requeria e aí passavam grande parte do dia; o resto, a conversar com certas amigas que ali tinham feito, ou com o pobre Dom Abbondio. Este não tinha nada que fazer, mas também não se aborrecia; o medo fazia-lhe companhia. O medo propriamente de um assalto, creio que já lhe teria passado, ou, se ainda continuava vivo, era o que menos incómodo lhe dava; porque, bastava pensar nisso apenas um bocadinho, devia logo compreender como era tão pouco fundado. Mas a imagem da aldeia circunvizinha inundada,

de um lado e do outro, por bandos de soldados, as armas e os homens armados que via sempre por toda a parte, um castelo, aquele castelo, a preocupação por tantas coisas que podiam acontecer a cada momento, naquelas circunstâncias, tudo lhe incutia um pavor indistinto, geral, contínuo; para não falar da ralação que lhe dava o pensar na sua pobre casa. Em todo o tempo que passou naquele refúgio, dali nunca se afastou mais do que a distância de um tiro de escopeta, nem pôs alguma vez o pé na descida; o seu único passeio era sair até à esplanada, e ir, umas vezes por um lado e outras pelo outro lado do castelo, a olhar para baixo pelos barrancos e pelos despenhadeiros, a estudar se haveria alguma passagem um pouco praticável, algum pedaço de carreiro, por onde andar à procura de qualquer esconderijo em caso de alarme. A todos os seus companheiros de refúgio fazia grandes reverências ou grandes cumprimentos, mas conversava com pouquíssimos: os seus diálogos mais frequentes eram com as duas mulheres, como já dissemos; com elas ia fazendo os seus desabafos, com o risco às vezes de se ver com a palavra cortada por Perpetua, e de que o envergonhasse também Agnese. Depois, à mesa, onde estava pouco e falava pouquíssimo, ouvia as notícias da terrível passagem, notícias que chegavam todos os dias, ou de aldeia em aldeia e de boca em boca, ou levada lá acima por alguém, que ao princípio, quisera ficar em casa, sendo o último a fugir, sem ter conseguido salvar nada e ainda por cima maltratado, se preciso fosse; e todos os dias havia qualquer nova história de desgraças. Alguns com jeito para novelistas recolhiam perfeitamente todos os boatos, passavam ao crivo todos os relatos, e davam depois o que havia de melhor aos outros. Discutia-se quais eram os regimentos mais endemoninhados, se era pior a infantaria ou a cavalaria; repetiam-se, o melhor que se podia, certos nomes de *condottieri*; de alguns contavam-se mesmo as empresas passadas, especificavam-se as estações e as marchas: naquele dia, o regimento tal espalhava-se pelas terras tal e tal, amanhã cairia sobre os tais outros, onde entretanto o tal outro fazia o diabo a quatro e ainda pior. Sobretudo, procurava-se ter informação, e fazia-se a contagem dos regimentos que passavam, uns a seguir aos outros, a ponte de Lecco, porque esses se podiam considerar como idos, e definitivamente fora do país.

Passam os cavaleiros de Wallenstein, passam os infantes de Merode, passam os cavaleiros de Anhalt, passam os infantes de Brandeburgo, e depois os cavaleiros de Montecuccoli, e a seguir os de Ferrari; passa Altringer, passa Furstenberga, passa Colloredo, passam os Croatas, passa Torquato Conti, passam outros e mais outros; quando ao Céu apeteceu, passou também Galasso, que foi o último. O esquadrão volante dos venezianos acabou por se afastar também, e todo o país, à direita e à esquerda, se achou livre. Já os habitantes das terras invadidas e evacuadas em primeiro lugar tinham saído do castelo, e todos os dias partiam mais: tal como, após um temporal de outono, se vê, dos galhos frondosos de uma grande árvore, saírem por todos os lados os pássaros que ali se haviam abrigado. Creio que os nossos três terão sido os últimos a retirarem-se; e isto por vontade de Dom Abbondio, que temia, se voltassem já para casa, encontrar ainda pelo caminho lansquenetes que tivessem ficado tresmalhados para trás, na cauda do exército. Bem podia Perpetua dizer que, quanto mais se demoravam, mais deixavam à vontade os gatunos da terra para entrarem em casa e levarem o resto; quando se tratava de salvar a pele, era sempre Dom Abbondio que ganhava; a menos que a iminência do perigo lhe fizesse perder de facto a cabeça.

No dia marcado para a partida, o *Inominado* mandou aprontar, na *Má Noite*, uma carruagem, em que já tinha mandado pôr um enxoval de roupa branca para Agnese. E chamando-a à parte, fê-la também aceitar um punhado de escudos, para reparar os danos que iria encontrar em casa; embora, batendo com a mão no peito, ela fosse repetindo que ainda tinha dos outros.

– Quando virdes aquela vossa boa e pobre Lucia... – disse-lhe à despedida –, tenho a certeza de que rezam por mim, porque lhe fiz muito mal; dissei-lhe portanto que lhe agradeço, e, confio em Deus, que a sua oração se transformará também em grandes bênçãos para ela.

Quis depois acompanhar os três hóspedes até à carruagem. Os exagerados e humildes agradecimentos de Dom Abbondio e os cumprimentos de Perpetua, imagine-os o leitor. Partiram; conforme estava combinado, fizeram uma pequena paragem, mas sem sequer se sentarem, em casa do alfaiate, onde ouviram contar mil

coisas da passagem; a história habitual de roubos, de agressões, de estragos, de porcarias; mas ali, por boa sorte, não se tinham visto lansquenetes.

– Ah, senhor cura! – disse o alfaiate, dando-lhe o braço para o ajudar a subir para a carruagem. – Terá de haver livros impressos sobre uma balbúrdia destas.

Após mais um troço de estrada, começaram os nossos viajantes a ver com os seus próprios olhos alguma coisa do que tanto tinham ouvido descrever: vinhas despojadas, não como pela vindima, mas antes como pelo granizo e pelo vendaval que tivessem vindo ao mesmo tempo: ramos de videira pelo chão, desfolhados e a monte, as estacas arrancadas, espezinhado o terreno, espalhadas lascas, folhas e tojo; desenraizadas e quebradas as árvores; esburacadas as sebes, as cancelas levadas. Depois, nas aldeias, portas arrombadas, empenas partidas, palha, farrapos, lixo de toda a espécie, em montões ou espalhado pelas ruas, um ar pesado, bafordas fétidas mais fortes que saíam das casas; as pessoas, umas a deitar fora porcarias, outras a consertar umbrais conforme podiam, outras ainda, em grupo a lamentar-se; e, ao passar a carruagem, mãos de um lado e do outro, estendidas aos postigos, a pedir esmola.

Com estas imagens, ora diante dos olhos, ora na mente, e com a expectativa de encontrarem outro tanto em suas casas, chegaram; e de facto foram encontrar o que já esperavam.

Agnese mandou pousar as trouxas a um canto do quintal, que passara agora a ser o local mais asseado da casa; pôs-se depois a varrê-la, a apanhar e limpar os poucos haveres que lhe tinham deixado; mandou vir um carpinteiro e um ferreiro, para reparar os danos maiores, e ao guardar mais tarde, peça por peça, a roupa branca oferecida, e contando aqueles novos escudos, dizia para consigo: «Caí de pé; devo dar graças ao Senhor, a Nossa Senhora, e àquele bom senhor: posso mesmo dizer que caí de pé.»

Dom Abbondio e Perpetua entram em casa sem a ajuda de chaves; a cada passo que vão dando pelo corredor, sentem crescer um bafio, um veneno, uma peste que os empurra para trás; de mão no nariz, vão até à porta da cozinha; entram em pontas dos pés, estudando onde devem pô-los, para evitar o mais possível a porca-

ria que cobre o pavimento; e dão uma olhadela em volta. Não havia nada inteiro; mas viam-se a cada canto restos e fragmentos do que tinha existido, ali e algures: plumas e penas das galinhas de Perpetua, pedaços de roupa branca, folhas dos calendários de Dom Abbondio, cacos de panelas e de pratos; tudo junto ou espalhado. Só na lareira se podiam ver os vestígios de um vasto saqueio juntos num montão, como muitas ideias subentendidas, num período redigido por um homem de garbo. Havia ali, dizia eu, um resto de brasas e de tições apagados, os quais mostravam ter sido: um braço de cadeira, um pé de mesa, uma porta de armário, um estrado de cama, uma aduela do barrilinho onde era guardado o vinho que retemperava o estômago de Dom Abbondio. O resto eram cinzas e carvões; e com esses mesmos carvões, por desfastio, haviam os devastadores rabiscado as paredes com obscenas figuras, fazendo o melhor que podiam, com certas barretinas ou com certas coroas, e com certas largas estolas, para as transformar em padres, esforçando-se por fazê-los horríveis e ridículos: intenção essa que na verdade não podia falhar a tais artistas.

– Ah, porcos! – exclamou Perpetua. – Ah, patifes! – exclamou Dom Abbondio; e, como que fugindo, saíram por outra porta, que dava para o horto. Respiraram; foram logo direitos à figueira; mas já antes de lá chegarem, viram a terra revolvida, e deram um grito os dois ao mesmo tempo; quando chegaram viram, em vez do tesouro, o buraco aberto. Aqui nasceram aborrecimentos: Dom Abbondio começou a zangar-se com Perpetua, acusando-a de não ter escondido bem: imaginai se ela se deixava ficar calada: depois de terem gritado bastante, ambos de braço esticado, e com o indicador apontado para a cova, voltaram para dentro juntos, resmungando. E calculai que por toda a parte se depararam mais ou menos com a mesma coisa. Penaram nem sei quanto a mandar limpar e a desinfetar a casa, tanto mais que naqueles dias era difícil encontrar ajuda, e não sei quanto tempo tiveram de passar como que acampados, acomodando-se como melhor ou como pior pudessem, e refazendo aos poucos portas, móveis, utensílios: com dinheiro emprestado por Agnese.

E ainda por cima, aquele desastre foi semente de outras questões muito aborrecidas: como Perpetua, à custa de perguntar e

interrogar, de espreitar e farejar, veio a saber ao certo que alguns trastes do seu patrão, julgadas presa ou destroço dos soldados, pelo contrário estavam sãs e salvas em casa de gente da terra; ela massacrava o patrão instando-o para que se fizesse ouvir e reclamasse o que era seu. Tecla mais odiosa não se podia tocar para Dom Abbondio; já que os seus bens estavam nas mãos de patifes, ou seja, daquela espécie de pessoas com quem ele mais questão fazia de estar em paz.

– Mas eu não quero saber nada destas coisas – disse ele. – Quantas vezes terei de lhe repetir que aquilo que se foi, se foi? Terei de ser crucificado, lá porque me pilharam a casa?

– Só lhe digo – respondeu Perpetua –, que vossemecê deixaria tirarem-lhe os olhos da cara. Roubar aos outros é pecado, mas a si, pecado é não roubar.

– Vede bem se esses despropósitos são coisas que se digam! – replicava Dom Abbondio. – Quereis calar-vos ou não?

Perpetua calava-se, mas não logo, logo, tudo lhe servia de pre-

texto para recomeçar. De modo que o pobre homem se via reduzido à condição de não mais se lamentar, quando dava por falta de alguma coisa, no momento em que dela precisasse; porque mais de uma vez lhe sucedera ouvir como resposta: – Vá pedi-lo a fulano que o tem, e não o teria até agora, se não estivesse a lidar com um ingênuo bem intencionado.

Outra inquietação mais viva, dava-lha o ouvir dizer que todos os dias continuavam a passar soldados isolados, como ele tão bem havia conjeturado; daí que estivesse sempre com a suspeita de ver aparecer-lhe algum à porta, ou mesmo, quem sabe?, uma companhia deles, pelo que fora aquela a primeira coisa que mandara arranjar à pressa, e que mantinha fechada com o maior cuidado; mas, por graça do Céu, isso nunca aconteceu. Contudo, ainda não tinham cessado estes terrores, quando sobreveio um novo.

Mas aqui vamos deixar de lado o pobre homem: trata-se de coisa bem diferente das suas apreensões privadas, dos problemas de algumas povoações, de um desastre passageiro.

CAPÍTULO XXXI

APESTE QUE O TRIBUNAL DA SANIDADE HAVIA TEMIDO QUE PUDesse entrar com as hostes alemãs no território milanês, nele entrou realmente, como é facto conhecido; e é igualmente conhecido que não se ficou por aqui, mas antes invadiu e despovoou uma boa parte da Itália. Guiados pelo fio condutor da nossa história, passamos a contar os acontecimentos principais desta calamidade, no território milanês, bem entendido. Aliás, quase exclusivamente em Milão: porque é da cidade que tratam quase exclusivamente as memórias desse tempo, tal como se verifica mais ou menos sempre e em relação a tudo, pelas boas e pelas más razões. E nesta narrativa, para dizer a verdade, a nossa finalidade não é só a de representar o estado de coisas em que virão a encontrar-se as nossas personagens; mas sim a de, ao mesmo tempo, tão resumidamente quanto se puder fazê-lo e no que pela nossa parte for possível, dar a conhecer um momento da história pátria mais famoso do que conhecido.

Das muitas descrições suas contemporâneas, não há nem uma única que baste por si própria para se ter uma ideia mais distinta e ordenada; tal como não há nenhum que possa dar uma ajuda para

a formar. Em cada um destes relatos, sem excetuarmos o de Ripamonti que os supera a todos, pela quantidade e pela seleção dos factos e ainda mais pelo modo de os observar, em todos se omitem factos essenciais que são registados noutros; em cada um há erros materiais, que se podem reconhecer e retificar com o auxílio de qualquer outro ou daquelas poucas atas das autoridades públicas, publicadas ou inéditas, que se conservaram; é frequente vir a encontrar-se num as causas de que noutro se tinham visto muito pela rama os efeitos. Em todos reina, pois, uma estranha confusão de tempos e de coisas; é um vaivém contínuo, como que ao acaso, sem um desígnio geral, sem um desígnio nos pormenores; característica, de resto, que é das mais comuns e das mais visíveis nos livros daqueles tempos, principalmente nos escritos em língua vulgar, pelo menos em Itália; se também no resto da Europa, os doutos o saberão, nós só o suspeitamos. Nenhum escritor de época posterior se propôs examinar e comparar esses relatos, para daí extrair uma série encadeada dos acontecimentos, uma história daquela peste; de modo que a ideia que em geral se tem dela deve ser necessariamente muito incerta, e um tanto confusa: um ideia indeterminada de grandes males e de grandes erros (e na verdade foi uma coisa e outra, para além do que se possa imaginar), uma ideia composta mais de juízos do que de factos, alguns factos dispersos, e não raramente desacompanhados das circunstâncias que mais os caracterizam, sem distinções de tempo, ou seja, sem inteligência de causa e efeito, de curso, de progressão. Nós, examinando e comparando, pelo menos com muita diligência, todos os relatos impressos, e mais de um inédito, muitos (em relação aos poucos que nos restam) documentos, como se diz, oficiais, tentámos fazer, não o que era preciso, mas sim qualquer coisa que nunca foi feita. Não temos intenções de fazer referência a todas as atas públicas, nem mesmo a todos os acontecimentos de qualquer modo dignos de memória. Muito menos pretendemos tornar inútil a quem quiser fazer uma ideia mais completa do sucedido, a leitura dos relatos originais: sentimos muito qual força viva, própria e, por assim

dizer, incomunicável, existe sempre nas obras desse género, sejam elas concebidas e conduzidas como forem. Tentámos simplesmente distinguir e verificar os factos mais gerais e mais importantes, dispô-los pela ordem real da sua sucessão, desde que o impliquem a sua razão e a sua natureza, observar a sua eficiência recíproca, e dar assim, por agora e até que qualquer outro faça melhor, uma notícia sucinta, mas sincera e continuada, daquela catástrofe.

Ora, portanto, ao longo de toda a faixa de território percorrida pelo exército, tinham-se achado alguns cadáveres dentro das casas, e um ou outro pelos caminhos. Pouco depois, nesta ou naquela povoação, começaram a adoecer e a morrer pessoas, famílias, de males violentos, estranhos, com sintomas desconhecidos da maior parte dos vivos. Havia só alguns poucos, para quem não foram novos: aqueles poucos que podiam lembrar-se da peste que, cinquenta e quatro anos antes, havia assolado mesmo uma grande parte da Itália, e em especial o território milanês, onde foi chamada, e até hoje ainda o é, a «peste de São Carlos». Como é forte a caridade! Entre as memórias tão variadas e tão solenes de um infortúnio geral, pode a caridade fazer primar a de um homem, porque a um homem inspirou sentimentos e ações mais memoráveis ainda que os males; gravá-lo nas mentes como um resumo de todos aqueles padecimentos, porque em todos ela o impeliu e introduziu, como guia, socorro, exemplo, vítima voluntária; enfim, de uma calamidade para todos, fazer para este homem como que uma proeza: denominá-la com o nome dele, como uma conquista ou uma descoberta.

O profetista Lodovico Settala, que não só tinha visto aquela peste, como dela fora um dos mais ativos e intrépidos, e, embora muito jovem nessa altura, dos mais reputados curadores; e que agora, em grande suspeita desta, estava alerta e atento às informações, referiu, a 20 de outubro, no tribunal da sanidade, que na terra de Chiuso (a última do território de Lecco, e confinante com o Bergamasco), eclodira indubitavelmente o contágio. Em relação a isto não se tomou nenhuma resolução, como consta do *Ragguaglio* de Tadino.

E eis que surgem avisos semelhantes de Lecco e de Bellano. O tribunal então lá se resolveu, mas contentou-se em expedir um

comissário que, pelo caminho, levaria consigo um médico de Como, para que o acompanhasse na visita aos lugares indicados. Os dois, «ou por ignorância ou por outra razão, deixaram-se persuadir por um velho e ignorante barbeiro de Bellano, que aquela espécie de mal não era peste»; mas antes, em alguns lugares, efeito habitual das emanações outonais dos pântanos, enquanto noutros era efeito das privações e dos maus tratos sofridos durante a passagem dos alemães. Tal declaração foi mesmo apresentada ao tribunal, com a qual este parece ter recuperado a tranquilidade.

Mas, chegando sem parar mais e mais notícias de mortes de diversos lados, foram enviados dois delegados para ver e proceder: o supracitado Tadino e um auditor do tribunal. Quando estes chegaram, o mal já estava tão dilatado, pois as provas se ofereciam sem que fosse preciso procurá-las. Percorreram o território de Lecco, a Valsassina, as costas do lago de Como, os distritos denominados o Monte di Brianza e a Gera d'Adda; e, por toda a parte, se depararam com localidades fechadas por cancelas nas entradas, outras quase desertas, e os habitantes refugiados em tendas no campo, ou dispersos; «e apareciam-nos – diz Tadino – muitas criaturas selváticas, trazendo na mão, uns a erva menta, outros arruda, outros rosmaninho e alguns até com uma ampola de vinagre.» Informaram-se do número dos mortos: era assustador; visitaram enfermos e cadáveres, e por toda a parte encontraram as más e terríveis marcas da pestilência. Deram logo, por carta, aquelas sinistras notícias ao tribunal da sanidade, o qual, ao recebê-las, que

foi a 30 de outubro, «dispôs-se», como diz o mesmo Tadino, a prescrever os boletins de saúde, para encerrar fora da cidade as pessoas provenientes de terras onde se manifestara o contágio; «e, enquanto se redigia o edital», deu antecipadamente algumas ordens sumárias aos cobradores de impostos.

Entretanto, os delegados tomaram à pressa e em força as medidas que lhes pareceram melhores; e regressaram com a triste persuasão de que não bastariam para deter e remediar um mal já tão avançado e difundido.

Chegados a 14 de novembro, e tendo feito relato de viva voz e de novo por escrito ao tribunal, receberam deste a missão de se apresentarem ao governador, expondo-lhe o estado das coisas. Lá foram, e expuseram: ter ele, de tais notícias, sentido muito desgosto, mostrando um grande sentimento; mas as preocupações da guerra foram muito mais prementes: *sed belli graviores esse curas*. Assim diz Ripamonti, o qual tinha passado em revista os registos da Sanidade, que conferiu juntamente com Tadino, encarregado especial da missão: era a segunda, se o leitor se recorda, por aquela causa, e com aquele resultado. Dois ou três dias depois, a 18 de novembro, emanou o governador um édito, em que ordenava festas públicas pelo nascimento do príncipe Carlos, primogénito do rei Filipe IV, sem suspeitar ou sem se ralar com o perigo de uma grande afluência em tais circunstâncias: tudo como em tempos normais, como se não lhe tivessem falado de nada.

Era este homem, como já se disse, o célebre Ambrogio Spinola, mandado para endireitar aquela guerra e reparar os erros de Dom Gonzalo, e, secundariamente, para governar; e nós também podemos aqui secundariamente recordar que morreu daí a poucos meses, nessa mesma guerra que tanto levava a peito; e morreu, não de feridas no campo de batalha, mas no leito, de aflição e angústia pelas censuras, erros e desgostos de toda a espécie recebidos daqueles a quem servia. A história deplorou a sua sorte e criticou o desconhecimento dos outros; descreveu com muita diligência as suas proezas militares e políticas, louvou a sua providência, atividade e constância: podia também ter investigado o que seria feito de todas estas qualidades, quando a peste ameaçava e invadia uma população que lhe fora dada a tratar, ou antes, a maltratar.

Mas o que, pondo de parte a crítica, diminui o espanto daquele seu comportamento, o que faz nascer outro espanto mais forte, é a conduta da mesma população, daquela, quero dizer, que não tocada ainda pelo contágio, muitas razões mais tinha para o temer. À chegada das notícias das terras que tinham sido tão assoladas, de terras que formam em volta da cidade quase um semicírculo, em alguns pontos, à distância de não mais de dezoito ou vinte milhas; quem não acreditará que deveria suscitar um movimento geral, um desejo de precauções bem ou mal entendidas, ou pelo menos uma estéril inquietação? Contudo, se em alguma coisa as memórias daquele tempo estão de acordo entre si, é em atestar que não sucedeu nada disso. A penúria do ano anterior, os agravos dos soldados, as aflições de alma, pareceram mais que bastantes perante a mortalidade: nas praças, nas oficinas, nas casas, quem deixasse escapar uma palavra sobre o perigo, quem referisse a peste, era acolhido com piadas incrédulas, com desprezo iracundo. A mesma descrença, ou melhor dizendo, a mesma cegueira e fixação prevalecia no Senado, no Conselho dos decuriões, em cada magistrado.

Verifiquei que o cardeal Federigo, mal foram conhecidos os primeiros casos do mal contagioso, prescreveu, em carta pastoral aos paroquianos, entre outras coisas, que avisassem repetidas vezes o povo da importância e da obrigação rigorosa de revelar cada um dos casos individuais, e de entregar as roupas infetadas ou suspeitas — e esta pode ser também contada entre as suas louváveis singularidades.

O tribunal da sanidade pedia, implorava cooperação, mas pouco ou nada obtinha. E, no próprio tribunal, a pressa estava bem longe de igualar a urgência: como afirma várias vezes Tadino, e, como transparece ainda melhor de todo o contexto do seu relato, eram os dois físicos que, persuadidos da gravidade e da iminência do perigo, estimulavam aquela corporação, a qual depois devia estimular as outras.

Já vimos que, ao primeiro anúncio da peste, havia grande frieza no agir, ou melhor, no informar-se: eis ainda outro facto de lentidão, não menos portentosa, embora não fosse forçada por obstá-

culos levantados por magistrados superiores. Aquele edital sobre os boletins de saúde, decidido a 30 de outubro, só foi redigido no dia 23 do mês seguinte, para ser publicado apenas a 29. A peste já tinha entrado em Milão.

Tadino e Ripamonti quiseram dar a conhecer o nome de quem foi o primeiro a apanhá-la e outras circunstâncias da pessoa e do caso: e com efeito, ao observarem os princípios de uma vasta mortalidade, em que as vítimas, apesar de as distinguirem pelo nome, mal se poderá fazer uma avaliação aproximada ao seu número de milhares, nasce uma não sei que curiosidade de conhecer aqueles primeiros e poucos nomes que puderam ser anotados e conservados: esta espécie de distinção, a precedência no extermínio, parece que fazia encontrar neles, e nas particularidades, de resto mais indiferentes, qualquer coisa de fatal e de memorável.

Ambos os historiadores dizem que foi um soldado italiano ao serviço de Espanha; quanto ao resto, não estão muito de acordo, nem sequer no nome. Segundo Tadino, foi um tal Pietro Antonio Lovato, com quartel no território de Lecco; segundo Ripamonti, um Pier Paolo Locati, com quartel em Chiavenna. Diferem também no dia da sua entrada em Milão: o primeiro, põe-na a 22 de outubro; o segundo, em igual dia do mês seguinte: e não se pode confiar nem num nem noutro. As duas datas entram em contradição com outras bem mais verificadas. Contudo Ripamonti, ao escrever por encomenda do Conselho Geral dos Decuriões, devia ter sob o seu comando muitos meios de obter as informações necessárias; e Tadino, tendo em conta o seu emprego, melhor do que qualquer outro, poderia ser informado de um facto deste género. De resto, do confronto com outras datas que, como dissemos, nos parecem mais exatas, resulta que foi antes da publicação do edital dos boletins de saúde; e, se acaso valesse a pena, poder-se-ia também provar, ou quase, que deve ter sido nos primeiros dias daquele mês; mas certamente disso nos dispensará o leitor.

Seja como for, entrou este soldado desventurado e portador da desventura, com uma grande trouxa de roupas compradas ou roubadas a soldados alemães, foi ficar a casa de parentes seus no burgo oriental, ao pé dos Capuchinhos, assim que chegou. Adoeceu; foi levado para o hospital, onde um bubão que lhe descobri-

ram sob uma axila despertou em quem o tratava a suspeita do que era realmente. Ao quarto dia morreu.

O tribunal da sanidade mandou segregar e sequestrar em casa a família dele; as suas roupas e a cama em que tinha estado no hospital foram queimadas. Dois serventes que o tinham tratado e um bom frade que o assistira também adoeceram daí a poucos dias, os três de peste. A dúvida que naquele lugar tinha havido, desde o começo, sobre a natureza do mal, e as cautelas usadas em consequência disso, fizeram que o contágio não se propagasse mais.

Mas o soldado tinha deixado de fora uma semente que não tardou a germinar. O primeiro a quem pegou foi o dono da casa em que ele se tinha alojado, um certo Carlo Colonna, tocador de alaúde. Então, todos os residentes naquela casa, por ordem da Sanidade, foram levados para o lazareto, onde a maior parte adoeceu, e alguns morreram, passado pouco tempo, de manifesto contágio.

Na cidade, o contágio que já tinha sido disseminado por estes, pelas roupas, pelos móveis furtados por parentes, moradores e criados às buscas e ao fogo prescrito pelo tribunal, mais o contágio que se fazia de novo devido à imperfeição dos éditos, ao descuido na sua aplicação e à destreza em enganá-los, foi-se incubando e alastrando lentamente por todo o resto do ano e pelos primeiros meses do seguinte ano de 1630. De quando em quando, ora neste, ora naquele bairro, a alguém se pegava, alguém morria; e a própria raridade dos casos afastava a suspeita da verdade, confirmava cada vez mais o público naquela estúpida e fatal confiança de que não havia peste, nem tinha havido em nenhum momento. Muitos médicos ainda, fazendo-se eco da voz do povo (neste caso seria também a voz de Deus?) escarneciam dos augúrios sinistros, das ameaçadoras advertências dos poucos; e tinham prontos nomes de doenças comuns para qualificarem cada caso de peste que eram chamados a tratar, fossem quais fossem os seus sintomas, ou o aspeto com que se apresentasse.

Os avisos destes acidentes, embora chegassem à Sanidade, na sua maior parte chegavam tarde e incertos. O terror da quarentena e do lazareto aguçava todos os engenhos. Não se fazia participação dos doentes, corrompiam-se os coveiros e os seus superintendentes; através de subalternos do próprio tribunal encarregados

por este de verificar os cadáveres, obtiveram-se, por dinheiro, falsos atestados.

Contudo, dado que a cada descoberta que conseguisse fazer o tribunal ordenava a queima das roupas, punha sob sequestro as casas, mandava famílias inteiras para o lazareto, é fácil deduzir como devia estar contra ele a ira e o descontentamento do público, «da nobreza, dos mercadores e da plebe» diz Tadino; persuadidos, como estavam todos, de que tudo se tratava de vexames sem motivo nem proveito. O ódio principal recaía sobre os dois médicos; o referido Tadino, e Senatore Settala, filho do protomédico; a tal ponto que não podiam passar pelas ruas sem serem assaltados com palavrões, quando não eram mesmo pedras. E certamente foi singular, e merece que dela se guarde memória, a condição com a qual, durante alguns meses, se defrontaram esses homens, de verem avançar um horrível flagelo, de se esforçarem de todas as maneiras por contorná-lo, de encontrarem obstáculos onde procuravam auxílio e boas vontades, e de serem ao mesmo tempo alvo dos éditos, recebendo o nome de inimigos da pátria: *pro patriae hostibus*, diz Ripamonti.

Desse ódio cabia também uma parte aos outros médicos que, convictos como eles da realidade do contágio, sugeriam precauções, e tentavam comunicar a todos a sua dolorosa certeza. A pessoas mais discretas acusavam-nas de credulidade e obstinação; para todos os outros era manifesta impostura, uma cabala urdida para especularem à custa do pavor público.

O protofísico Lodovico Settala, na altura pouco menos que octogenário, havia sido professor de Medicina na Universidade de Pavia e, depois, de Filosofia Moral, em Milão, autor de muitas obras reputadíssimas na época, célebre pelos convites recebidos para ocupar cátedras de outras universidades, Ingolstadt, Pisa, Bolonha, Pádua, e pela recusa de todos estes convites, era certamente um dos homens de maior autoridade no seu tempo. À reputação da ciência vinha juntar-se a da sua vida, e à admiração a benevolência, pela sua grande caridade no tratar e no beneficiar os pobres. E, uma coisa que em nós conturba e entristece o sentimento de estima inspirado por estes méritos, mas que, na altura, devia torná-lo mais geral e mais forte, o pobre homem comparti-

lhava dos preconceitos mais comuns e mais funestos dos seus contemporâneos: era mais avançado do que eles, mas sem se distanciar demasiado do vulgo, que é o que atrai os dissabores, e, muitas vezes, faz perder a autoridade adquirida de outras maneiras. E, no entanto, aquela grandíssima de que gozava, não só não bastou para vencer, neste caso, aquilo a que os poetas chamam «vulgo profano», e os atores cómicos, «respeitável público»; mas não pôde salvá-lo da animosidade e dos insultos da parte do que corre mais facilmente dos juízos às demonstrações e aos factos.

Num dia em que ia de cadeirinha dar consulta aos seus doentes, começou a juntar-se à sua volta uma multidão gritando que era ele o chefe dos que queriam à viva força que houvesse peste; ele que infundia pavor a toda a cidade, com aquela sua carranca, com aquela sua barbicha; tudo para dar que fazer aos médicos. A multidão e o furor iam crescendo. Os carregadores, vendo o caso mal parado, levaram o patrão para casa de uns amigos, que por sorte ficava ali perto. Foi o que lhe coube por ter visto claro, por ter dito o que realmente era. E por ter querido salvar da peste milhares de pessoas: quando, com uma sua deplorável consulta, cooperou para fazer torturar, atenazar e queimar viva, como feiticeira, uma pobre infeliz, simplesmente porque o seu patrão sofria de estranhas dores de estômago, e outro patrão anterior se tinha for-

temente apaixonado por ela — então terá tido junto do seu público novos louvores de sábio e, o que é intolerável pensá-lo, novo título de benemérito.

Mas pelos fins do mês de março começaram, primeiro no burgo da Porta Oriental, e depois em todos os bairros da cidade, a tornar-se frequentes as doenças, as mortes, com estranhos episódios de espasmos, de palpitações, de letargo, de delírio, com aqueles funestos sinais de lívidos e de bubões; mortes na sua maior parte céleres, violentas, não raramente repentinas, sem nenhum indício antecedente de doença. Os médicos opostos à opinião do contágio, não querendo agora confessar aquilo de que antes haviam escarnecido, e devendo contudo dar um nome genérico à nova doença, que se tornara demasiado comum e demasiado evidente para não o ter, acharam o de febres malignas, de febres pestilenciais: miserável transação, aliás, fraudulento número de ilusionismo verbal, mas que no entanto causava grandes danos; porque, aparentando reconhecer a verdade, conseguia ainda não deixar acreditar no que mais importava acreditar, o ver que o mal se contagiava por meio do contacto. Os magistrados, como quem desperta de um sono profundo, principiaram a dar um pouco mais de atenção aos avisos e propostas da Sanidade, a fazer cumprir os seus éditos, os sequestros ordenados, as quarentenas prescritas por aquele tribunal. Este pedia também continuamente dinheiro para prover às despesas diárias, crescentes, do lazareto e de muitos outros serviços; e pedia-o aos decuriões até que fosse decidido (que nunca o foi, creio eu, senão pelo facto de haver a dúvida se estas despesas cabiam à cidade ou ao erário real). Aos decuriões recorria também o grão-chanceler, por ordem do próprio governador, que fora de novo dar assédio àquele pobre Casale; recorria o Senado, para que tratassem da maneira de abastecer a cidade antes que, ao dilatar-se porventura o contágio, lhe fosse negado o trânsito pelos outros países, para que arranjassem meios de alimentar uma grande parte da população a quem tinha faltado o trabalho. Os decuriões tentavam fazer dinheiro pela via de empréstimos e dos impostos, e do que recolhiam davam um pouco à Sanidade e um

pouco aos pobres: uma parte do cereal, compravam-no; supriam uma parte das necessidades. E ainda estavam por sobrevir as angústias maiores.

No lazareto, onde a população, embora todos os dias fosse dizimada, todos os dias ia crescendo, era outra árdua empresa, a de assegurar o serviço e a subordinação, de conservar as separações prescritas, a de o manter, ou, melhor dizendo, estabelecer o governo ordenado pelo tribunal da Sanidade: onde, desde os primeiros momentos, tudo tinha sido sempre uma grande confusão, pelo desregramento de muitos reclusos, pela negligência e mesmo conivência dos serventes. O tribunal e os decuriões, não sabendo onde bater com a cabeça, pensaram dirigir-se aos Capuchinhos, e suplicaram ao padre comissário da província, que fazia as vezes do provincial, falecido pouco antes, que quisesse dar-lhes indivíduos hábeis na governação daquele reino desolado. O comissário propôs-lhes para principal um padre, Felice Casati, homem de idade madura, que gozava de uma grande fama de caridade, de atividade, de mansidão, ao mesmo tempo que força de ânimo, a que o seguimento mostrou ser bem merecida; e como companheiro e seu ministro, o padre Michele Pozzobonelli, ainda jovem, mas de aspeto grave e severo. Foram aceites com grande prazer; e a 30 de março entraram no lazareto. O presidente da Sanidade acompanhou-os na volta que deram pelas instalações, fazendo como que

uma espécie de tomada de posse; e, convocados os serventes e o pessoal de todas as categorias, declarou, na sua presença, presidente daquele local o padre Felice, com primária e plena autoridade. Depois, pouco a pouco, à medida que a miserável aglomeração ia crescendo, aí acorreram outros capuchinhos; e nesse local foram superintendentes, confessores, administradores, enfermeiros, cozinheiros, roupeiros, lavadores, tudo o que fosse preciso. O padre Felice, sempre ocupado e sempre solícito, andava dia e noite correndo os pórticos, as enfermarias, por aquele vasto espaço interior, umas vezes levando um cajado, e outras desarmado e tendo consigo apenas um cilício; animava e regulava tudo; apaziguava os tumultos, atendia as queixas, ameaçava, castigava, repreendia, confortava, limpava e vertia lágrimas. Ao princípio, apanhou a peste; curou-se e regressou, com novo alento, aos cuidados de antes. Os seus confrades ali perderam a maior parte deles a vida, e todos com alegria.

É certo que uma ditadura assim era um estranho recuo; estranho como a calamidade, como aqueles tempos; e mesmo que dela nada mais soubéssemos, bastaria como argumento, aliás para pôr à prova uma sociedade muito rude e mal dirigida, o ver que aqueles sobre quem incumbia um governo de tamanha responsabilidade, já não soubessem fazer outra coisa senão cedê-lo, e não encontravam a quem o ceder, se não entre aqueles homens cuja regra de vida os tornava mais alheios a isso. Mas é ao mesmo tempo uma amostra não ignóbil da força e da habilidade que a caridade pode oferecer em todos os tempos e em qualquer ordem de coisas, ver estes homens desempenhar tão bem um cargo daqueles. E foi igualmente bom o terem aceitado tal tarefa, sem outra razão que não fosse a de não haver quem a quisesse, sem outro fim que não fosse o de servir, sem outra esperança neste mundo que não fosse a de uma morte muito mais invejável do que invejada; e foi igualmente bom ter-lhes sido oferecida, só porque era difícil e perigosa e se supunha que o vigor e o sangue frio, tão raro e tão necessário naqueles momentos, eles deviam tê-lo. E, por isso, a obra e o coração daqueles frades merecem que deles se guarde memória, com admiração, com ternura, com aquela espécie de gratidão que é devida, como que solidariamente, pelos grandes serviços prestados

por homens a outros homens, e mais devida aos que não se propõem recebê-la como recompensa. «Porque, se estes padres ali não estivessem – diz Tadino –, sem dúvida, toda a cidade se veria aniquilada; pois foi obra miraculosa a que fizeram estes padres, em tão curto espaço de tempo, tantas coisas para benefício público, que, não havendo tido auxílio, nem mesmo pouco que fosse, da cidade, com a sua indústria e prudência, mantiveram no lazareto muitos milhares de pobres.» As pessoas internadas naquele lugar, durante os sete meses que o padre Felice teve o seu governo, foram cerca de cinquenta mil, segundo Ripamonti; o qual diz com razão que de tal homem deveria igualmente falar, se, em vez de descrever as misérias de uma cidade, se tivesse de contar as coisas que lhe podem dar honra.

Também no público, aquela teimosia de negar a peste ia naturalmente cedendo terreno e perdendo-se, à medida que se difundia o morbo, e difundia-se pela via do contacto e do convívio; e tanto mais quando, depois de ter permanecido por algum tempo apenas entre os pobres, começou a atingir pessoas mais conhecidas. E entre estas, como na altura foi o mais notado, assim merece agora também uma menção expressa o protofísico Settala. Terão ao menos agora confessado que o pobre velho afinal tinha razão? Quem pode sabê-lo? Caíram doentes de peste, ele, a mulher, dois filhos e sete serviçais. Ele e um dos filhos conseguiram salvar-se; os restantes morreram. «Estes casos – diz Tadino –, ocorridos na cidade em casas nobres, dispuseram a nobreza e a plebe a pensar, bem como os médicos incrédulos, e a plebe ignorante e temerária começou a apertar os lábios, a cerrar os dentes e franzir o sobrolho.»

Contudo as ilações, os expedientes, as desforras, por assim dizer, da teimosia convencida, às vezes são de tal maneira que mais valia que se mantivesse firme e invicta, até ao último instante, contra a razão e a evidência: e esta bem foi uma dessas tais vezes. Os que tinham impugnado de maneira tão resoluta e tão longamente que pudesse haver perto deles, ou mesmo entre eles próprios, um germe do mal, que podia, por meios naturais, propagar-se e fazer uma carnificina; não podendo já negar a propagação daquele, e não querendo atribuí-lo àqueles meios (que seria o mesmo que confessar ao mesmo tempo um grande engano e uma

grande culpa), estavam tanto mais dispostos a adotar qualquer outra causa, a tomar por boas todas as que fossem postas em campo. Para maior desgraça, havia uma pronta, nas ideias e nas tradições comuns da época, não apenas aqui, mas por toda a parte na Europa: artes venéficas, operações diabólicas, gente conjurada em espalhar a peste por meio de venenos contagiosos, de feitiços. Já se tinha suposto e acreditado em coisas dessas, ou semelhantes, em muitas outras pestilências, e nomeadamente aqui, na de há meio século. Acrescente-se que, já desde o ano anterior, havia um despacho, assinado pelo rei Filipe IV, ao governador, avisando-o de que tinham fugido de Madrid quatro franceses, procurados como suspeitos de espalhar unguentos venenosos, pestíferos: que estivesse alerta, no caso de eles terem ido parar a Milão. O governador tinha comunicado o despacho ao Senado e ao tribunal da Sanidade; mas nem por isso é de crer que, naquela ocasião, o assunto os tivesse preocupado por aí além. Contudo, uma vez irrompida e reconhecida a peste, o tornar às mentes aquele aviso pode ter servido de confirmação à suspeita indeterminada de uma fraude criminosa; pode ter sido também a primeira ocasião de a fazer nascer.

Mas houve dois acontecimentos, um de medo cego e indisciplinado, e o outro de não sei qual maldade, que vieram transformar esta suspeita indeterminada de um possível atentado, em suspeita, e para muitos certeza, de um atentado positivo e de uma trama real. Alguns, a quem parecera ver, na tarde de 17 de maio, andarem pessoas na catedral a untar um assento que servia para dividir os espaços destinados a cada sexo, mandaram, durante a noite, retirar para fora da igreja o assento bem como uma quantidade de bancos fechados dentro daquele; embora o presidente da Sanidade, que acorrera a fazer inspeção, com quatro pessoas do mesmo serviço, tendo examinado o assento, os bancos, as pias da água benta, sem encontrar nada que pudesse confirmar a ignorante suspeita de um atentado venéfico, mais para agradar às imaginações alheias do que *por abundar em cautelas, ou em necessidades*, como eu ia dizendo, tivesse decidido dizer que bastava dar uma lavagem ao assento. Aquele volume de coisas empilhadas produziu uma grande impressão de pavor na multidão, para a qual um

objeto se transforma com a maior facilidade num argumento. Foi dito, e geralmente acreditado, que tinham sido untados na catedral todos os bancos, as paredes e até as cordas dos sinos. E não foi só na altura que se disse: todas as memórias dos contemporâneos que falam daquele facto (algumas escritas muitos anos depois), falam do assunto com igual certeza: e a história verdadeira disso, seria preciso adivinhá-la, se não se tivesse achado uma missiva do tribunal da Sanidade ao governador, que se conserva no arquivo dito de San Fedele; da qual o extraímos, e da qual são as palavras que pusemos em itálico.

Na manhã seguinte, um novo e mais estranho, mais significativo espetáculo, agrediu os olhos e as mentes dos cidadãos. Por toda a parte da cidade, viram-se as portas das casas e as muralhas, em compridíssimos troços, embebidas de não sei que porcaria, amarelada, esbranquiçada, espalhada como que por meio de esponjas. Seja por estúpido mau gosto de criar um pavor mais barulhento e mais geral, ou tenha sido um desígnio mais criminoso de aumentar a confusão pública, ou não sei que mais: a coisa é atestada de maneira que nos pareceria menos razoável atribuí-la a um sonho de muitos, pois não terá sido nem o primeiro nem o último de tal género. Ripamonti, que muitas vezes, quanto a este aspeto particular das unturas, escarnece, e ainda mais vezes deplora a credulidade popular, aqui, afirma ter visto esse emplastramento e descreve-o. Na supracitada missiva, os senhores da Sanidade recomendam a coisa nos mesmos termos: falam de visitas, de experiências feitas com aquela matéria, sobre cães, sem mau efeito; acrescentam ser a sua opinião, *que tal temeridade terá sido procedida mais por insolência do que com fins criminosos*: pensamento que mostra neles, até essa altura, a pacatez de espírito suficiente para não verem o que não tinha existido. As outras memórias suas contemporâneas, ao contar estas coisas, fazem também alusão a terem sido, ao princípio, na opinião de muitos, por brincadeira, por bizzarria, nenhuma delas fala de alguém que a tivesse feito; e certamente falariam disso se acaso o tivesse havido; quanto mais não fosse, para lhes chamar extravagantes. Achei que não seria despropositado referir e acrescentar estes pormenores, uma parte pouco conhecidos e outra parte absolutamente ignorados, de um

célebre delírio; porque nos erros e principalmente nos erros de muitos, o que é mais interessante e mesmo mais útil de se observar, parece-me que seja precisamente o caminho que fizeram as aparências, o modo com que puderam entrar as mentes, e dominá-las.

A cidade já de si agitada ficou toda convulsionada; os donos das casas, com palha a arder, queimavam os espaços untados, os transeuntes paravam, olhavam, horrorizavam-se, estremeciam. Os forasteiros, suspeitos só por isso, e que então se reconheciam com facilidade pelo vestuário, eram aprisionados nas ruas pelo povo, e levados à justiça. Fizeram-se interrogatórios e exames, aos presos e às testemunhas; não se descobriu réu nenhum: as mentes ainda eram capazes de duvidar, de examinar, de entender. O tribunal da Sanidade publicou um edital, com o qual prometia prêmio e impunidade a quem pusesse a claro o autor ou os autores do facto. *Seja como for, não nos parecendo conveniente*, dizem aqueles senhores na citada carta que traz a data de 21 de maio, mas que evidentemente foi escrita a 19, o dia indicado no edital impresso, *que este delito de qualquer modo fique impune, sobretudo em tempo tão perigoso e suspeito, para consolação e calma deste Povo, e para retirar indícios do facto, havemos hoje publicado editais*, etc. No edital, porém, nenhuma alusão, pelo menos clara, àquela razoável e tranquilizante conjectura, que participavam ao governador. Silêncio que acusa ao mesmo tempo uma preocupação furiosa no povo, e neles uma condescendência, tanto mais louvável quanto mais perniciosa podia ser.

Enquanto o tribunal procurava, muitos, no público, como tantas vezes acontece, tinham já encontrado. Uns julgavam ser aquela uma unção venenosa, outros achavam que seria uma vingança de Dom Gonzalo Fernández de Córdoba, pelos insultos recebidos à sua partida, outros um achado do cardeal de Richelieu, para diminuir Milão, e se apoderar sem esforço da cidade; outros ainda, e vá-se lá saber por que razões, queriam que fosse seu autor o conde de Collalto, esse outro gentil-homem. Nem fal-tavam, como já dissemos, os que não viam naquele facto senão uma estúpida brincadeira, e que a atribuíam aos estudantes, aos senhores, aos oficiais que se aborreciam no assédio de Casale. Depois, o não se ver, como se deveria temer, seguir-se imediatamente uma infe-

ção, um extermínio geral, deve ter sido com a maior probabilidade causa de aquele primeiro surto se haver por essa altura acalmado, e que a coisa tivesse sido ou parecido caída no esquecimento.

Havia de resto um certo número de pessoas ainda não persuadidas de que essa peste existisse. E como, tanto no lazareto como pela cidade, alguns até se curavam, «dizia-se» (os últimos argumentos de uma opinião derrotada pela evidência são sempre curiosos de se saber) «dizia-se, entre a plebe e ainda por parte de muitos médicos parciais, não ser verdadeira peste, porque então morreriam todos». Para acabar com as dúvidas todas, achou o tribunal da Sanidade um expediente em proporção com as necessidades, um modo de falar aos olhos, como os tempos podiam requerer ou sugerir. Numa das festas de Pentecostes, costumavam os cidadãos afluír ao cemitério de São Gregório, fora da Porta Oriental, para rezar pelos mortos do contágio da outra peste, que ali estavam sepultados; e aproveitando a devoção como oportunidade de divertimento e de espetáculo, ia cada um vestido com a maior gala que pudesse. Nesse dia, tinha morrido de peste, entre muitos outros, uma família inteira. Na hora de maior afluência, pelo meio das carruagens, por entre a gente a cavalo e a pé, foram os cadáveres dessa família, por ordem da Sanidade, conduzidos ao dito cemitério, numa carroça, nus, para que o povo pudesse ver a marca manifesta da pestilência. Levantava-se um grito de arrepio, de terror, por toda a parte por onde passava a carroça; reinava um longo murmúrio por onde tinha passado; e outro murmúrio a precedia. A peste passou logo a ser mais credível: mas de resto, ia ganhando fé por si mesma, em cada dia que passava; e essa mesma aglomeração deve ter servido e não pouco para a propagar.

Ao princípio, portanto, nada de peste, absolutamente não, de maneira nenhuma: proibido até proferir esse vocábulo. Depois, febres «pestilenciais»: a ideia é admitida através de um adjetivo. Depois ainda, «não verdadeira peste»; quer dizer, peste sim, mas só num certo sentido; não peste propriamente dita, mas uma coisa para a qual não se sabe arranjar outro nome. Finalmente, «peste sem dúvida», e sem contestação: mas já traz ligada a si outra ideia, a do venefício e do malefício, a qual altera e confunde aquela que a palavra exprime e que não consegue rejeitar.

Não é necessário, creio eu, ser muito versado na história das ideias e das palavras, para ver que foram muitas as que tiveram um percurso semelhante. Graças ao Céu, não são muitas as de tal espécie e de tal importância, e que conquistem a sua evidência por tal preço, e às quais se possam ligar atributos de tal género. Contudo poder-se-ia, tanto nas coisas pequenas como nas grandes, evitar em grande parte esse curso tão longo e tão tortuoso, adotando o método, proposto há tanto tempo, de observar, escutar, comparar e pensar, antes de falar.

Mas falar, esta coisa assim sozinha, é muito mais fácil de fazer do que todas as outras juntas, tão mais fácil que até nós, e aqui refiro-me a nós homens em geral, somos um pouco dignos de desculpa.

CAPÍTULO XXXII

TORNANDO-SE CADA VEZ MAIS DIFÍCIL SUPRIR AS DOLOROSAS exigências da circunstância, a 4 de maio foi decidido pelo Conselho dos decuriões pedir auxílio recorrendo ao governador. E a 22 foram enviados ao acampamento dois membros daquela corporação, para lhe apresentarem as aflições e penúrias da cidade: as despesas enormes, os cofres vazios, os rendimentos dos anos vindouros comprometidos, os impostos correntes não pagos, devido à miséria geral, produzida por muitas causas, e especialmente pelos gastos militares; para deixarem à sua consideração que, por leis e costumes ininterruptos, e por decreto especial de Carlos V, as despesas da peste deviam ficar a cargo do fisco; que na de 1576 tinha o governador, marquês de Ayamonte, não só suspenso todas as imposições fiscais oriundas da Câmara, como também dava à cidade um subsídio de quarenta mil escudos da própria Câmara; que finalmente pedissem quatro coisas: que fossem suspensos os impostos, como então se fizera; que a Câmara doasse dinheiro; que o governador informasse o rei das misérias da cidade e da província; e que dispensasse de novos alojamentos militares o país já arruinado pelos passados. O governador escreveu em resposta condolência e novas exortações: lamentar não se

poder encontrar na cidade, para empregar todos os seus cuidados no alívio dela, mas esperar que a tudo suprisse o zelo daqueles nobres; ser esta a altura de gastarem sem poupança, de se esforçarem de todas as maneiras. Quanto aos pedidos expressos, *proveeré en el mejor modo que el tiempo y necesidades presentes permitieren*. E por baixo um rabisco, que queria dizer Ambrogio Spinola, claro como as suas promessas. O grão-chanceler Ferrer escreveu-lhe que aquela resposta fora lida pelos decuriões, *con gran desconsuelo*; houve mais idas e vindas, mais perguntas e respostas; mas não acho nada que diga haver-se chegado a quaisquer conclusões. Algum tempo depois, no culminar da peste, o governador transferiu, por cartas patentes, a sua autoridade para o próprio Ferrer, tendo ele, como escreveu, de tratar da guerra. A qual, diga-se aqui de passagem, depois de ter levado, sem falar dos soldados, um milhão de pessoas, fazendo contas por baixo, por meio do contágio, entre a Lombardia, o território veneziano, o Piemonte, a Toscana e uma parte da Romanha; depois de ter desolado, como acima se viu, os lugares por onde passou, e imagine-se então aqueles onde foi feita; depois da tomada e do saque atroz de Mântua, acabou com todos a reconhecer o novo duque desta, para cuja exclusão se tinha empreendido a guerra. É preciso dizer, entretanto, que ele foi obrigado a ceder ao duque de Saboia um pedaço do Monferrato, que rendia quinze mil escudos, e a Ferrante, duque de Guastalla, outras terras rendendo seis mil; e que houve outro tratado à parte, secretíssimo, pelo qual o acima referido duque de Saboia cedeu Pinerolo à França: tratado realizado algum tempo depois, sob outros pretextos, e à força de vigarices.

Juntamente com aquela resolução, os decuriões haviam tomado outra: pedir ao cardeal-arcebispo que se fizesse uma procissão solene, levando pela cidade o corpo de São Carlos Borromeo.

O bom prelado recusou, por muitas razões. Desagradava-lhe aquela confiança num meio arbitrário, e temia que se o efeito não correspondesse, como ele receava, a confiança se transformasse em escândalo. Temia além disso que, *se houvesse destes ungidores*, a

procissão fosse cómoda ocasião para o crime; *se não os havia*, o juntar-se tanta gente só podia expandir cada vez mais o contágio: *perigo este bem mais real*. Porque a suspeita adormecida das unções tinha entretanto despertado mais geral e mais furiosa do que antes.

Tinha-se visto de novo, ou desta vez tinha parecido ver-se, ungidas muralhas, portas de edifícios públicos e de casas, aldrabas. As notícias destas descobertas voavam de boca em boca; e, como acontece mais do que nunca, quando os espíritos estão preocupados, o ouvir fazia o efeito do ver. Cada vez mais amargurados com a presença dos males, irritados pela insistência do perigo, os ânimos abraçavam com a melhor vontade aquela crença: que a cólera aspira a punir; e, como observou argutamente, a este mesmo propósito, um homem de engenho, ele gosta mais de atribuir os males a uma perversidade humana, contra a qual poderá exercer as suas vinganças, do que de os reconhecer com uma causa perante a qual não há mais nada a fazer para além de se resignar. Um veneno refinado, instantâneo, penetrantíssimo, eram palavras mais que bastantes para explicar a violência, e todos os acidentes mais obscuros e desordenados do morbo. Dizia-se ser composto, aquele veneno, de sapos, de serpentes, de baba e de matéria de empestados, de tudo o pior que imaginações selvagens e transtornadas pudessem achar nojento e atroz. Juntaram-se-lhe depois os feitiços, por meio dos quais todos os efeitos se tornavam possíveis, todas as objeções perdiam a força, e todas as dificuldades se resolviam. Se os efeitos não se viam imediatamente após aquela primeira untadura, compreendia-se por qual motivo: fora uma tentativa falhada de envenenadores ainda novatos; agora, a arte havia-se aperfeiçoado, e as vontades estavam mais assanhadas no seu infernal propósito. Agora, quem defendesse que havia sido uma burla, quem negasse a existência de uma trama, passava por cego, por obstinado;

isto se não caísse na suspeita de homem interessado em desviar da verdade a atenção do público, de ser cúmplice, de ser *untador*: o vocábulo rapidamente se tornou comum, solene, tremendo. Com tal persuasão de que havia untadores, devia-se descobri-los, quase infalivelmente: todos os olhos estavam alerta, todo e qualquer gesto podia causar desconfiança. E a desconfiança facilmente se transforma em certeza, e a certeza em furor.

Dois factos aduz em prova Ripamonti, advertindo que os escolheu, não como os mais atrozes entre os que se seguiram dia a dia, mas porque de um e do outro fora ele infelizmente testemunha.

Na Igreja de Santo António, no dia de não sei qual solenidade, um velho mais que octogenário, depois de ter rezado um pouco de joelhos, quis sentar-se; e antes de o fazer, com a capa limpou a poeira do banco. «Aquele velho está a untar os bancos!», gritaram em coro algumas mulheres que viram esse gesto. A gente que se encontrava na igreja atirou-se ao velho; agarraram-no pelos cabelos, brancos como eram; atacaram-no a socos e pontapés; uma parte da gente a puxá-lo, outra parte a empurrá-lo para fora; se não acabaram com ele, foi para o arrastarem, assim semivivo, à prisão, aos juízes, às torturas. «Eu vi-o, enquanto assim o arrastavam – diz Ripamonti –, e não soube mais nada dele. Creio bem que não terá conseguido sobreviver mais que poucos momentos.»

O outro caso (que se passou no dia seguinte) foi igualmente estranho, mas não igualmente funesto. Três jovens companheiros

franceses, um literato, um pintor e um mecânico, vindos para ver a Itália, para estudar as suas antiguidades, e em busca de ocasiões de fazer algum lucro, tinham-se aproximado de não sei de que parte exterior da Catedral, e ali se detiveram a observá-la atentamente. Um indivíduo que ia a passar vê-os e estaca; faz sinal a outro, a outros que chegam: formou-se um ajuntamento a olhar, a tê-los debaixo de olho aqueles, cujo vestuário, o cabelo e sacolas acusavam de estrangeiros, e, o que era ainda pior, de franceses. Como que para se certificar se a parede era de mármore, estenderam eles a mão para a tocar. Foi o que bastou. Foram cercados, agarrados, agredidos e empurrados, à força de pancadas, para o cárcere. Por boa sorte sua, o palácio da Justiça fica a pouca distância da Catedral; e por uma sorte ainda mais feliz, foram considerados inocentes, e libertados.

Estas coisas não aconteciam apenas na cidade: o frenesi tinha-se propagado como o contágio. O viandante que fosse encontrado por camponeses, fora da estrada real, ou que por essa vagueasse a olhar para ali e acolá, ou que se deitasse no chão para repousar; o desconhecido a quem se encontrasse alguma coisa de estranho, de suspeito no rosto, nas roupas, eram untadores; ao primeiro aviso de quem quer que fosse, ao simples grito de uma criança, tocava-se os sinos a rebate, acorria-se; os infelizes eram saraivados de pedras, ou eram presos e levados, à força de povo, para a prisão. Assim diz o próprio Ripamonti. E a prisão, até certa altura, era um porto de salvação.

Mas os decuriões, de modo nenhum desanimados com a recusa do sensato prelado, vinham multiplicando as suas instâncias, que o voto público secundava ruidosamente. Federigo resistiu ainda algum tempo, tentou convencê-los: isto foi tudo o que pôde fazer o siso de um homem contra a força dos tempos e a insistência de muitos. Naquele estado de opiniões, contrariada a ideia do perigo, confusa como estava então, bem longe da evidência que encontra agora, não é difícil de entender como podiam as suas boas razões, mesmo na sua mente, ficar subjugadas pelas más dos outros. Depois, se na cedência que fez teve ou não o seu papel um pouco da fraqueza da vontade, são mistérios do coração humano. A verdade é que se nalgum caso parece que em tudo se poderá atribuir

o erro ao intellecto, e assim desculpar a consciência, sempre que se trate desses poucos homens (e este faz parte realmente desse número), em cuja vida aparece um resolutivo obedecer à consciência, sem ter em conta interesses temporais de género nenhum. Ao reiterar das instâncias, portanto, ele cedeu, consentiu que se fizesse a procissão, e também consentiu mais no desejo, no anseio geral de que a urna em que estavam encerradas as relíquias de São Carlos Borromeo ficasse depois exposta, durante oito dias no altar-mor da Catedral.

Não encontro indicações de que o tribunal da Sanidade, nem outros, tenham feito qualquer admoestação ou opposição de espécie alguma. Só o tribunal supracitado ordenou algumas precauções que, sem reparar o perigo, denunciavam porém o seu temor. Prescreveu regras de maior rigor para a entrada de pessoas na cidade; e, para assegurar o seu cumprimento, mandou fechar as portas: tal como, com a finalidade de excluir o mais possível do ajuntamento os infetados e os suspeitos, mandou encerrar com pregos as portas das casas sequestradas: as quais, dentro do que, num facto deste género, puder ser válida a simples afirmação de um escritor, e de um escritor daquele tempo, eram cerca de quinhentas

Gastaram-se três dias em preparativos: a 11 de junho, que foi o dia estabelecido, ao nascer do sol, saiu a procissão da Catedral. Ia à frente uma longa fileira de povo, na sua maior parte mulheres, de rosto coberto com amplos véus, muitas descalças e vestidas de estopa. Vinham a seguir as corporações das artes e ofícios, antecedidas pelos seus estandartes, em traje de variadas formas e cores; depois, as confrarias, seguidas do clero secular, cada um com as insígnias do seu grau e com uma vela ou uma tocha na mão. No meio, por entre a claridade das luzes mais densas, por entre um rumor mais alto dos cantos, debaixo de um rico baldaquim, vinha a urna, trazida por quatro cónegos, vestidos com grande pompa, que se revezavam, de quando em quando.

Pelo vidros transparecia o venerado cadáver, vestido de esplêndidos hábitos pontificais, com a caveira mitrada; e, nas formas mu-

tiladas e descompostas, ainda se podiam distinguir alguns vestígios do antigo semblante, como o representam as imagens, como alguns se recordavam de o ter visto e honrado em vida. Atrás dos despojos do antigo pastor (diz Ripamonti, a fonte principal a quem fomos buscar principalmente esta descrição), e próximo dele, tanto em méritos e no sangue e na dignidade, como agora também em pessoa, vinha o arcebispo Federigo. Seguia-se a outra parte do clero; depois, os magistrados, com as togas de maior cerimónia; depois, os nobres, uns vestidos pomposamente, como que em demonstração solene de culto, e outros, em sinal de penitência, vestidos de luto, ou descalços e encapuçados, com o capuz tapando o rosto; todos com tochas. Finalmente, na cauda, o povo todo misturado.

Todo o percurso estava festivamente engalanado; os ricos tinham posto cá fora as alfaias mais preciosas; as fachadas das casas pobres estavam ornamentadas pelos vizinhos abastados ou a expensas públicas; aqui, no lugar de ornatos, ali, por cima destes, havia exuberantes ramos de flores; de todos os lados, pendiam quadros, inscrições, emblemas; nos peitoris das janelas, estavam em exposição vasos, antiquilhas, raridades diversas; por toda a

parte luzes. Em muitas daquelas janelas, doentes sequestrados contemplavam a procissão e acompanhavam-na com as suas preces. As outras ruas, mudas, desertas; só com alguns que, também das janelas, prestavam o ouvido ao sussurro vagabundo; outros, e entre estes viam-se até freiras, tinham subido aos telhados, se dali pudessem ver de longe aquela urna, o cortejo, qualquer coisa.

A procissão passou por todos os bairros da cidade: em cada um dos cruzamentos, ou pracetas, onde as ruas principais desembocam nos burgos, e que então conservavam ainda o antigo nome de *carrobbi*, agora reduzidos a um único, fazia-se uma paragem, poustando a urna ao lado da cruz que em cada um deles fora erigida por São Carlos, na peste anterior, e das quais ainda estão algumas de pé: de maneira que só se voltou à Catedral passado o meio-dia.

E, no dia seguinte, precisamente enquanto reinava aquela preunçosa confiança, aliás, em muitos, uma fanática segurança de que a procissão devia ter cerceado a peste, eis que, em todas as classes, por todos os lados na cidade, aumentaram os mortos, e com tal excesso, com um salto tão súbito, que não houve quem não visse a sua causa, a sua ocasião, justamente nessa procissão. Mas oh, forças admiráveis e dolorosas de um preconceito geral! Não era ao facto de se encontrarem tantas pessoas juntas durante tanto tempo, não era à infinita multiplicação dos contactos fortuitos, que a maior parte da gente atribuía aquele efeito; atribuíram-no à facilidade que os untadores teriam encontrado para executar em grande o seu ímpio desígnio. Disse-se que, misturados no meio da multidão, teriam infetado com o seu unguento o maior número de pessoas que puderam. Mas como este não parecia um meio suficiente, nem apropriado para uma mortandade tão vasta e tão difundida em todas as classes de gente; como, ao que parece, não havia sido possível aos tão atentos, e contudo tão míopes, olhos da suspeita, descortinar untaduras ou manchas de qualquer espécie nas paredes ou noutro sítio; assim se recorreu, para explicação do facto, àquela outra invenção, já velha, e na época aceite pela ciência comum da Europa, dos pós venéficos e maléficos; disse-se que tais pós, espalhados ao longo do caminho, e especialmente nos lugares das paragens, se tinham pegado às caudas dos vestidos, e ainda mais aos pés, que em grande número naquele dia tinham

passado descalços. «Viu, portanto, o próprio dia da procissão – diz um escritor seu contemporâneo – a piedade terçar armas com a impiedade, a perfídia com a sinceridade, a perda com o ganho.» E era afinal o pobre siso humano que terçava armas com os fantasmas criados por si próprio.

Desde esse dia, a fúria do contágio foi sempre crescendo: em pouco tempo, já quase não houve casa que não fosse atingida: em pouco tempo, a população do lazareto, no dizer de Somaglia, acima citado, subiu de dois mil para doze mil. Mais tarde, e no dizer de quase todos, chegou aos dezasseis mil. A 4 de julho, como encontro noutra missiva dos conservadores da Sanidade ao governador, a mortalidade diária ultrapassava os quinhentos. Mais adiante, e no auge, segundo o cálculo mais comum, chegou a mil e duzentos, mil e quinhentos; e a mais de três mil e quinhentos, se quisermos crer em Tadino. O qual também afirma que «pelas diligências feitas», depois da peste, achou-se a população de Milão reduzida a pouco mais de sessenta e quatro mil almas, e que antes passava dos duzentos e cinquenta mil. Segundo Ripamonti, era apenas de duzentos mil: dos mortos, diz que resultavam cento e quarenta mil dos registos civis, além dos que não se puderam contar. Outros dizem mais ou dizem menos, mas ainda mais ao acaso.

Pensem-se agora as angústias em que deveriam achar-se os decuriões, sobre os quais ficara o peso de prover às públicas necessidades, e de reparar o que havia para reparar num desastre destes. Todos os dias era preciso substituir, todos os dias aumentar os serventes públicos de várias espécies: *monatos*, apartadores e comissários. Os primeiros eram os encarregados dos serviços mais penosos e perigosos da pestilência: tirar das casas, das ruas e do lazareto os cadáveres; conduzi-los nas carroças às valas, e enterrá-los; levar ou guiar os enfermos ao lazareto, e acomodá-los; queimar, purgar os objetos infetados ou suspeitos. O seu nome, quer Ripamonti que provenha do grego *monos*; Gaspere Bugatti (numa descrição da peste anterior), do latim *monere*; mas ao mesmo tempo duvida, com mais razão, que seja palavra alemã, por serem

esses homens recrutados, a maior parte, na Suíça e nos Grisões. E realmente não seria absurdo o considerá-lo uma abreviatura do vocábulo *monatlich* (mensal), dado que, na incerteza de quanto tempo podia durar a sua necessidade, é provável que os contratos não fossem por mais que de mês a mês. O emprego especial dos apartadores era o de anteceder as carroças, avisando, com o som de uma sineta, os transeuntes, para que se afastassem. Os comissários regulavam uns e outros, sob as ordens imediatas do tribunal da Sanidade. Era preciso ter o lazareto fornecido de médicos, de cirurgiões, de medicamentos, de víveres, de todos os apetrechos de enfermaria; era preciso procurar e achar novos alojamentos para os doentes que chegavam todos os dias. Para este efeito, mandaram-se construir à pressa cabanas de madeira e de palha no espaço interior do lazareto; montou-se um novo lazareto, todo de cabanas, cercado por um simples tabique, e capaz de conter quatro mil pessoas. E como não bastaram, foram decretados outros dois; ainda lhes puseram a mão; mas, por falta de meios de toda a espécie, ficaram inacabados. Os meios, as pessoas e a coragem iam diminuindo à medida que cresciam as necessidades.

E não era só a execução que ficava sempre aquém dos projetos e das ordens; não só, a muitas necessidades, no entanto demasiado reconhecidas, provia-se escassamente, mesmo em palavras; chegou-se a este excesso de impotência e de desespero, que a muitas, tanto das mais piedosas como das mais urgentes, não se providenciava de nenhuma maneira. Por exemplo, morria de abandono uma grande quantidade de crianças, às quais tinham morrido as mães de peste: a Sanidade propôs que se instituísse um abrigo para estas e para as parturientes necessitadas, que se fizesse alguma coisa por elas; não pôde obter nada. «Devia-se, no entanto – diz Tadino –, lamentar os decuriões da cidade, os quais se achavam aflitos, tristes e atormentados pela soldadesca sem regras nem respeito nenhum; como muito menos no infeliz Ducado, visto que nenhum auxílio nem provisão se podia obter do governador, a não ser a declaração de que se estava em tempo de guerra, e que era preciso tratar bem os soldados.» Tanto lhe importava a conquista de Casale! Tão bela se mostra a glória de vencer, independentemente das razões, da finalidade por que se combatia!

Assim, pois, encontrando-se repleta de cadáveres uma ampla, mas única fossa, que tinha sido escavada fora do lazareto; e ficando, não só ali, mas em toda a parte na cidade, insepultos os novos cadáveres, que todos os dias eram mais, os magistrados, depois de terem procurado, debalde, braços para o triste trabalho, tinham-se visto constrangidos a dizer que já não sabiam que partido tomar. Nem se vê como iria acabar, se não viesse um socorro extraordinário. O presidente da Sanidade recorreu, em desespero de causa, de lágrimas nos olhos, àqueles dois bons frades que superintendiam no lazareto; e o padre Michele comprometeu-se a dar-lhe, no prazo de quatro dias, a cidade limpa de cadáveres; e no de oito, fossas abertas suficientes, não só para as necessidades presentes, mas também para as piores que se pudessem prever no futuro. Com um frade por companheiro, e com pessoas do Tribunal que lhe foram dadas pelo presidente, saiu da cidade à procura de camponeses; e em parte com a autoridade do tribunal, e em parte com a do hábito, conseguiu cerca de duzentos, aos quais mandou escavar três grandíssimas valas; do lazareto expediu depois *monatos* para recolher os mortos; de modo que, no dia marcado, a sua promessa se viu cumprida.

Uma vez, o lazareto ficou sem médicos; e só com promessas de grandes ordenados e honorarias, a custo e não imediatamente, conseguiu tê-los, mas muito menos do que o número necessário. Muitas vezes estiveram prestes a faltar os víveres, a ponto de se temer que ali se viesse a morrer também de fome; e mais de uma vez, enquanto já não se sabia onde bater com a cabeça para achar o necessário, vieram a tempo abundantes subsídios, por inesperada dádiva de misericórdia privada: que, no meio do aturdimento geral, da indiferença em relação aos outros, nascida do contínuo temer por si próprio, houve almas sempre despertadas para a caridade, enquanto outros houve em que a caridade nasceu ao cessar toda a alegria terrena; como também, no extermínio e na fuga de muitos a quem competia superintender e prover, houve alguns sempre sãos de corpo e sólidos de coragem no seu posto, também houve outros que, impelidos pela piedade, assumiram e apoiaram os cuidados a que não eram chamados por ofício.

Onde se salientou uma fidelidade mais geral, e mais pronta e

constante aos difíceis deveres da circunstância, foi nos eclesiásticos. Nos lazaretos, na cidade, nunca faltou a sua assistência: onde quer que se sofresse, estavam presentes; sempre se viram misturados, confundidos com os doentes, com os moribundos, eles próprios doentes e moribundos muitas vezes; aos socorros espirituais acrescentavam, na medida do possível, os temporais; prestavam qualquer serviço que as circunstâncias requeressem. Mais de sessenta párocos, só da cidade, morreram do contágio: cerca de oito nonos.

Federigo dava a todos, como era de esperar da sua parte, incitamento e exemplo. Tendo-lhe morrido à sua volta quase toda a família arquiépiscopal, e fazendo-lhe instância parentes, altos magistrados, príncipes circunvizinhos, para que se afastasse do perigo, retirando-se para qualquer palacete, rejeitou estes conselhos todos, e resistiu às instâncias com aquele ânimo com que escrevia aos párocos: «Disponde-vos a abandonar esta vida, em vez desta família, desta nossa prole: ide com amor ao encontro da peste, como se vai em busca de um prêmio, como de uma vida, quando há uma alma a ganhar para Cristo.» Não descurou as cautelas que não o impedissem de cumprir o seu dever (coisa sobre a qual deu também instruções e regras ao clero); e, ao mesmo tempo, não se preocupou com o perigo, nem parecia dar por ele quando, para fazer bem, erá preciso passar por aquele. Sem falar dos eclesiásticos, com os quais se encontrava sempre para lhes louvar e regular o seu zelo, para excitar quem quer que fosse deles andasse frio no trabalho, para os mandar para os lugares onde já tinham morrido outros, quis que fosse aberto o corredor a quem tivesse necessidade dele. Visitava os lazaretos, para dar consolação aos enfermos, e para animar os serventes; corria a cidade, levando socorro aos pobres sequestrados nas casas, parando às portas ou debaixo das janelas a ouvir os seus lamentos, a dar em troca palavras de consolo e de coragem. Em suma, expôs-se e viveu no meio da pestilência, admirado ele próprio, no fim, de ter saído ileso.

Assim, nos infortúnios públicos e nas longas perturbações da ordem habitual, vê-se sempre um aumento, uma sublimação de virtude; mas infelizmente, também nunca falta um aumento, e de costume bem mais geral, de perversidade.

E isto também foi notado. Os malandrins que a peste poupava e não aterrorizava, acharam na confusão comum, no relaxamento de toda a força pública, uma nova ocasião de atividade, e uma nova garantia de impunidade, ao mesmo tempo. De resto, o uso da própria força pública veio a encontrar-se em grande parte nas mãos de gente pior do que eles. Ao emprego de *monatos* e de apartadores só se adaptavam geralmente homens aos quais a atração dos roubos e da licenciosidade fosse mais forte que o terror do contágio, que qualquer natural repulsa. A estes eram prescritas rigorosíssimas regras, intimadas severíssimas penas, conferidos lugares, dados por superiores dos comissários, como já dissemos; acima destes e daqueles havia delegados em todos os bairros, magistrados e nobres, com a autoridade de prover sumariamente a todas as necessidades do bom governo. Esta ordem de coisas foi avante, e teve efeito até certo ponto; mas crescendo todos os dias o número dos que morriam, dos que se iam embora, dos que perdiam a cabeça, chegaram eles a não ter já quase ninguém que os refreasse; tornaram-se, principalmente os *monatos*, árbitros de tudo. Entravam como donos e senhores, como inimigos, nas casas, e, sem falar nos roubos e de como tratavam os infelizes reduzidos pela peste a passar por tais mãos, punham-nas, a essas mãos infectadas e celeradas, nos são, filhos, parentes, mulheres, maridos, ameaçando arrastá-los para o lazareto, se não se resgatassem ou fossem resgatados por dinheiro. Outras vezes, faziam-se pagar

pelos seus serviços, recusando-se a levar os cadáveres já putrefactos, senão por tantos escudos. Dizia-se (e entre a leviandade de uns e a maldade de outros, é igualmente inseguro o acreditar e o não acreditar, dizia-se, e afirma-o também Tadino, que *monatos* e apartadores deixavam propositadamente cair das carroças objetos infetados, para propagar e manter a pestilência, para eles transformada numa receita, num reino, numa festa. Outros desgraçados, fingindo-se *monatos*, trazendo uma sineta amarrada a um pé, como estava prescrito àqueles, para distintivo e para aviso da sua aproximação, introduziam-se nas casas e faziam o diabo a quatro. Nalgumas, abertas e vazias de habitantes, ou habitadas só por algum moribundo, entravam ladrões impunemente para as saquear: outras eram surpreendidas, invadidas por esbirros que faziam o mesmo, e até coisas piores.

A par com a perversidade, cresceu a loucura: todos os erros já mais ou menos dominantes receberam, da desorientação e da agitação das mentes, uma força extraordinária que produziu efeitos mais rápidos e mais vastos. E todos serviram para reforçar e ampliar aquele medo especial das untaduras, o qual nos seus efeitos e modos de escape, era muitas vezes, como já vimos, outra perversidade. A imagem daquele perigo suposto assediava e martirizava os espíritos muito mais que o perigo real e presente. «E – diz Ripamonti –, enquanto os cadáveres esparsos, ou os montões de cadáveres sempre diante dos olhos, sempre no caminho de cada um, faziam da cidade toda como que uma única morgue, havia algo pior, mais funesto, naquela fúria comum, naquela desenfreada monstruosidade de suspeitas... Não era só do vizinho que se desconfiava, do amigo, do convidado; mas aqueles nomes, aqueles vínculos da caridade humana, marido e mulher, pai e filho, irmão e irmão, eram de terror: e, coisa horrível e indigna de se dizer! A mesa doméstica, o leito nupcial, eram temidos como armadilhas, como esconderijos de venefício.»

A vastidão imaginada, a estranheza da trama perturbavam todos os juízos, alteravam todas as razões da confiança recíproca. Ao princípio, só se acreditava que aqueles supostos untadores eram movidos pela ambição e pela cupidez; à medida que se avançava, sonhou-se, acreditou-se que houvesse uma não sei que volú-

pia diabólica naquele ungir, uma atração que dominava as vontades. O delírio dos enfermos que se acusavam a si próprios do que tinham temido vindo dos outros, pareciam revelações, e tornavam tudo, por assim dizer, credível para todos, e, mais do que as palavras, deviam impressionar as demonstrações, se acontecia que empestados delirantes fossem fazendo algo daqueles atos que tinham imaginado que deveriam fazer os untadores: coisa ao mesmo tempo muito provável e destinada a dar melhor razão à persuasão geral e às afirmações de muitos escritores. Assim, no longo e triste período dos processos por feitiçaria, as confissões, nem sempre extorquidas, dos acusados, serviram e não pouco para promover e manter a opinião que reinava à sua volta: que, quando uma opinião reina durante muito tempo e numa boa parte do mundo, acaba por se exprimir de todas as maneiras, por tentar todas as saídas, por correr todos os graus da persuasão; e é difícil que todos ou muitíssimos creiam por muito tempo que uma coisa estranha se faça sem que venha alguém julgar fazê-la.

Entre as histórias que aquele delírio das untaduras fez imaginar, uma merece que se lhe faça menção, pelo crédito que adquiriu, e pelo caminho que fez. Contava-se, não por todos da mesma maneira (que seria um privilégio demasiado singular das fábulas): mas aproximadamente que um tal, em tal dia, tinha visto chegar à praça da Catedral uma carroça, e lá dentro, com outros, uma grande personagem, com uma cara turva e afogueada, de olhos brilhantes, cabelos eriçados e o lábio num esgar de ameaça. Enquanto esse tal estava a olhar, a carroça parou: o cocheiro convidou-o a subir; e ele não soubera dizer que não. Ao cabo de diversas voltas, apearam-se à porta de um tal palácio, onde ele também entrou com a companhia, tendo encontrado amenidades e horrores, desertos e jardins, cavernas e salas; e nelas, fantasmas sentados em conselho. Finalmente mostraram-lhe grandes caixotes com dinheiro, dizendo-lhe que tirasse quanto quisesse, na condição porém de aceitar um vasinho de unguento, e fosse com ele unguindo pela cidade. Mas como não quisera aceitar, deu consigo, num abrir e fechar de olhos, no mesmo lugar donde o tinham levado. Esta história, em que o povo geralmente acreditou, e no dizer de Ripamonti, não suficientemente escarnecida por qualquer homem de

peso, correu por toda a Itália e fora dela. Na Alemanha, fizeram mesmo uma estampa: o eleitor arcebispo de Mogúncia escreveu ao cardeal Federigo, perguntando-lhe o que se devia acreditar dos factos maravilhosos que se contavam de Milão, e teve como resposta que eram sonhos.

De igual valor, se não em tudo de igual natureza, eram os sonhos dos doutos; como igualmente desastrosos eram os seus efeitos. Viam, a maior parte deles, o anúncio e ao mesmo tempo a causa das desgraças num cometa aparecido no ano de 1628, e numa conjunção de Saturno com Júpiter, «inclinando-se – como escreve Tadino – a supracitada conjunção sobre este ano de 1630, tão clara que qualquer um podia percebê-la. *Mortales parat morbos, miranda videntur*». Esta predição, extraída, dizem eles, de um livro intitulado *Espelho dos almanaques perfeitos*, impresso em Turim em 1623, corria pelas bocas de todos. Outro cometa, que apareceu em junho do mesmo ano da peste, foi tomado por um novo aviso; aliás, por uma prova manifesta das unções. Pescavam nos livros, e infelizmente achavam, em grande quantidade, exemplos de peste fabricada, como eles diziam; citavam Tito Lívio, Tácito, Dião [Cássio] – que digo eu? –, Homero e Ovídio, os muitos outros antigos que contaram ou aludiram a factos semelhantes. Citavam cem outros autores que trataram doutrinariamente, ou falaram acidentalmente de venenos, de feitiços, de untos, de pós: Cesalpino, Cardano, Grevino, Salio, Pareo, Schenchio, Zachia e, para terminar, esse funesto Delrio, o qual, se o renome dos autores fosse dado em função do bem ou do mal produzido pelas suas obras, deveria ser um dos mais famosos; esse Delrio, cujas vigílias custaram a vida a mais homens do que as

empresas de qualquer conquistador; esse Delrio, cujas *Disquisizioni Magiche* (o resumo de tudo o que os homens, até aos seus tempos, haviam sonhado naquela matéria), que se tornaram o texto mais autorizado, mais intocável, por mais de um século norma e impulso poderoso de legais, horríveis e ininterruptas carnificinas.

Dos achados do vulgo, a gente instruída pegava em tudo o que se podia acomodar com as suas ideias; das invenções da gente instruída o vulgo apanhava o que podia entender, e como o podia; e de tudo se formava uma massa enorme e confusa de loucura pública.

Mas o que causa maior admiração é ver os médicos, quer dizer, os médicos que desde o princípio tinham acreditado na peste, em especial Tadino, o qual a tinha prognosticado, visto entrar e mandado debaixo de olho, por assim dizer, no seu progresso; que tinha dito e pregado que era peste, e que se pegava com o contacto e que, não lhe dando reparo, infetaria todo o país; vê-lo, depois, destes mesmos efeitos extrair argumento certo das unturas venéficas e maléficas; ele que, naquele Carlo Colonna, o segundo a morrer de peste em Milão, tinha notado o delírio como um acidente da moléstia, vê-lo depois aduzir como prova das untaduras e da conjura diabólica um facto deste género: que duas testemunhas depuseram ter ouvido contar a um seu amigo doente que, uma

noite, lhe tinham aparecido pessoas no quarto, a exhibir-lhe a cura e dinheiro, se quisesse untar as casas da vizinhança; e que, perante a sua recusa, essas pessoas se tinham retirado, e, em vez delas, ficara um lobo debaixo da cama, e três gatarrões em cima, «que até ao nascer do dia ali ficaram».

Se tivesse sido um só a argumentar assim, dever-se-ia dizer que tinha uma cabeça curiosa; ou, antes, não haveria razão para falar dele; mas como eram muitos, aliás quase todos, assim torna-se história do espírito humano, e dá ocasião de observar até que ponto uma série ordenada e razoável de ideias pode ser descomposta por outra série de ideias que se ponha à sua frente. De resto, este Tadino era aqui um dos homens de maior reputação no seu tempo.

Dois ilustres e beneméritos escritores afirmaram que o cardeal Federigo duvidava do facto das untaduras²⁰. Nós gostaríamos de poder dar àquela ínclita e amável memória um louvor ainda mais completo, e representar o bom prelado, nisto como em tantas outras coisas, superior à maior parte dos seus contemporâneos, mas pelo contrário somos obrigados a notar de novo sobre ele um exemplo da força de uma opinião comum até sobre as mentes mais nobres. Já se viu, pelo menos a partir do que diz Ripamonti, que, ao princípio, realmente ficou na dúvida: pois considerou sempre que naquela opinião tinham um grande papel a credulidade, a ignorância, o medo, o desejo de se desculpar, por terem reconhecido tão tarde o contágio e tratado de lhe dar reparação; que havia muito exagero, mas ao mesmo tempo, que qualquer coisa havia de verdade. Na Biblioteca Ambrosiana conserva-se um opúsculo escrito por sua mão, por alturas daquela peste, e com grande frequência faz alusão a este sentimento que aliás uma vez é expressamente enunciado. «Era opinião comum – assim diz, mais ou menos – que destes unguentos se compunham em vários lugares, e que muitas eram as artes de os fabricar: das quais umas nos parecem verdadeiras, e outras inventadas» .

Houve porém aqueles que pensaram até ao fim, e enquanto viveram, que era tudo imaginação: e sabemos-lo, não por eles, já que nenhum teve a ousadia suficiente para expor ao público um sentimento tão oposto ao do público; sabemos-lo pelos escritores que os escarnecem ou retomam ou rebatem, como um preconceito de alguns, um erro que não tentava entrar numa disputa aos olhos de todos, mas que no entanto vivia; sabemos-lo também por quem disso tinha notícia por tradição. «Encontrei gente sensata em Milão – diz o bom Muratori, no lugar acima citado – que tinha bons relatos dos seus parentes mais velhos, e não estava muito persuadida de que fosse verdade o facto daquelas untaduras venenosas.» Vê-se que era um desabafo secreto da verdade, uma confidência doméstica: o bom senso existia; mas estava escondido com medo do senso comum.

Os magistrados, dizimados todos os dias, e cada vez mais desorientados e confusos, por assim dizer, aquela pouca resolução de que eram capazes, empregaram-na para procurar estes untadores. Entre os papéis do tempo da peste que se conservam no arquivo acima citado, há uma carta (sem nenhum outro documento relacionado) em que o grão-chanceler informa, seriamente e com grande solicitude, o governador, de ter recebido um aviso de que, numa casa de campo dos irmãos Girolamo e Giulio Monti, fidalgos milaneses, se fabricava veneno em tanta quantidade que havia quarenta homens ocupados *en este exercicio*, com a assistência de quatro cavaleiros brescianos, os quais mandavam vir materiais do território veneziano, *para la fábrica del veneno*. Acrescentou que já tinha tomado, em grande segredo, as medidas necessárias para mandar lá o podestade de Milão e o auditor da Sanidade, com trinta soldados de cavalaria; que infelizmente um dos irmãos tinha sido avisado a tempo para poder ocultar os indícios do crime, e, provavelmente pelo próprio auditor, seu amigo; e que este arranjava desculpas para não partir; mas que não obstante, o podestade com os soldados tinha ido *a reconocer la casa, y a ver si hallará algunos vestigios*, e obter informações, e prender todos os que fossem inculcados.

A coisa deve ter acabado em nada, visto que os escritos da época, que falam das suspeitas que havia sobre aqueles fidalgos,

não citam nenhum facto. Mas infelizmente, noutra ocasião julgou-se tê-los achado.

Os processos que advieram em consequência, certamente não eram os primeiros de tal género: e não se pode sequer considerá-los como uma raridade na história da jurisprudência. Porque, para não falarmos da antiguidade e aludirmos apenas a algo dos tempos mais próximos daquele que estamos a tratar, em Palermo de 1526, em Genebra de 1530, depois de 1545, e depois ainda de 1574; em Casal Monferrato de 1536; em Pádua de 1555; em Turim de 1599, e de novo naquele mesmo ano de 1630, foram processados e condenados a suplícios, na sua maior parte atrocíssimos, muitos infelizes, como réus, de ter propagado a peste com pós ou com unguentos ou com feitiços, ou com tudo isto junto. Mas a questão das ditas untaduras de Milão, como foi o mais célebre, assim talvez seja também o mais observável; ou pelo menos há mais campo para fazer observações, por ter deixado documentos mais circunstanciados e mais autênticos. E, embora um escritor louvado pouco acima se tenha ocupado também, ao ser-lhe proposto não tanto fazer propriamente a sua história como de retirar dela subsídio de razões, para um assunto de maior, ou certamente de mais imediata importância, pareceu-nos que a história poderia ser matéria de um novo trabalho. Mas não é coisa que se faça com poucas palavras; e não é aqui o lugar de a tratar com a extensão que merece. E, além disso, depois de se ter detido sobre estes casos, o leitor certamente já não se preocupa em saber o que resta do nosso conto. Reservando porém para outro escrito a história e o exame daqueles, voltaremos finalmente às nossas personagens, para já não as deixarmos até ao fim.

CAPÍTULO XXXIII

UMA NOITE, PELOS FINS DE AGOSTO, JUSTAMENTE NO AUGE DA peste, voltava Dom Rodrigo para sua casa, em Milão, acompanhado pelo fiel Griso, um dos três ou quatro que, de toda a família, lhe restavam vivos. Regressava de um reduto de amigos que costumavam andar juntos na pândega, para vencerem a melancolia daquele tempo: e de todas as vezes apareciam novos, e faltavam velhos. Nesse dia, Dom Rodrigo tinha sido um dos mais alegres; e entre outras coisas, fizera rir muito a companhia, com uma espécie de elogio fúnebre do conde Attilio, levado pela peste dois dias antes.

Ao caminhar, contudo, sentia um mal-estar, um abatimento, uma fraqueza nas pernas, uma dificuldade na respiração, um ardor interno, que ele queria atribuir apenas ao vinho, à noitada, ao calor da época. Não abriu a boca durante todo o caminho; e a primeira palavra, ao chegarem a casa, foi ordenar ao Griso que lhe acendesse uma luz para ir já para o seu quarto. Quando lá chegaram, o Griso observou a cara do patrão, transtornada, toda afogueada, com os olhos saídos para fora das órbitas, e muito brilhantes; e não

se aproximou dele: porque naquelas circunstâncias, qualquer estu-
por precisara de adquirir, como se diz, um olho clínico.

– Estou bem, não vês? – disse Dom Rodrigo, que leu na atitude do Griso a preocupação que lhe passava pela mente. – Estou bom, olá se estou. Mas bebi muito, talvez um bocado a mais. Era cá uma *vernaccia!*... Mas com uma bela soneca, já passa. Tenho cá um sono... Tira-me lá aquela luz da frente, que me cega... incomoda-me tanto!...

– Partidas que prega a *vernaccia* – disse o Griso, mantendo-se sempre à distância. – Mas vá já para a cama, que lhe faz bem dormir.

– Tens razão: se conseguir dormir... De resto, estou bom. Entretanto, põe aqui ao pé aquela sineta, se por acaso esta noite eu precisasse de alguma coisa: e está com atenção, vê se ouves tocar. Mas não vou precisar de nada... Leva depressa esta maldita luz daqui para fora – insistiu, enquanto o Griso cumpria a ordem, aproximando-se o menos que podia. – Diabos! incomoda-me tanto!

O Griso pegou na luz e, desejando boa noite ao patrão, saiu apressado, enquanto este se deitava.

Mas os cobertores pareceram-lhe uma montanha. Puxou-os para fora da cama, e encolheu-se, para dormir; pois realmente morria de sono. Mas assim que fechava um olho, acordava com

um solavanco, como se alguém, por brincadeira, viesse dar-lhe um safanão; e sentia crescer o calor, crescer a inquietação. Percorria com o pensamento aquele mês de agosto, a *vernaccia*, a desordem; queria deitar-lhes em cima todas as culpas; mas a estas ideias vinha sempre substituí-las a que então estava associada com todas, que, por assim dizer, tinha a ver com todos os sentidos, que se havia introduzido em todas as conversas dos libertinos, dado que era ainda mais fácil gozar com ela do que passá-la sob silêncio: a peste.

Após um longo remexer-se, finalmente adormeceu, e começou a ter os piores e mais esquisitos sonhos do mundo. E de um para outro, parecia-lhe encontrar-se numa grande igreja, para cima, para cima, no meio de uma multidão; que ali se encontrava, pois não sabia como fora ali parar, como lhe tinha vindo tal pensamento, naquela altura especialmente; e enfurecia-se.

Olhava para os que o rodeavam; tinham todos as caras amarelas, destruídos, com uns olhos extasiados, ofuscados, lábios pendentes; tudo gente com certas roupas a cair aos pedaços; e pelos seu buracos viam-se manchas e bubões. «Arreda, canalha!», parecia-lhe gritar, olhando para a porta, que estava longe, muito longe, e acompanhando o grito com uma cara ameaçadora, que contudo não se mexia, aliás encolhia-se, para não tocar aqueles corpos nojentos, que já o tocavam até de mais por todos os lados. Mas nenhum daqueles insensatos dava sinais de querer desencostar-se, e nem sequer de ter entendido; aliás, estavam cada vez mais sobre ele: e acima de tudo parecia-lhe que algum deles, com o cotovelo ou com outra coisa, o pisava à esquerda, entre o coração e a axila, onde sentia uma pontada dolorosa e como que pesada. E, se se contorcia, para ver se conseguia soltar-se, logo um novo não sei quê vinha carregar-lhe no mesmo sítio. Enfurecido, quis levar a mão à espada; e pareceu-lhe precisamente que esta, naquele aperto, lhe teria subido e que devia ser o seu pomo que o premia; mas pondo-lhe a mão, não achou a espada, e sentiu pelo contrário uma pontada mais forte. Vociferava, sentia-se agoniado, e quis gritar mais alto; quando lhe pareceu que todas aquelas caras se viravam para um lado. Olhou também; viu um púlpito, e no seu parapeito aparecer qualquer coisa convexa, lisa e reluzente; depois, viu levantar-se e surgir bem distinta uma cabeça rapada, a seguir uns

olhos, um rosto, uma barba branca e comprida, um frade de pé, fora do parapeito até à cintura: frei Cristoforo. O qual, lançando um olhar fulminante sobre todo o auditório, pareceu a Dom Rodrigo que o detinha no rosto, levantando a mão ao mesmo tempo, justamente na atitude que tomara na sala do rés do chão do seu palacete. Então, levantou também a mão em fúria, fez um esforço como que para se lançar e agarrar aquele braço estendido no ar; uma voz que lhe andava a resmungar surdamente na garganta irrompeu num grande berro, e ele acordou. Deixou cair o braço que tinha levantado realmente; custou-lhe um pouco voltar a si, abrir bem os olhos: a luz do dia já avançado incomodava-o tanto como a da vela, na noite antes; reconheceu a sua cama, o seu quarto; compenetrrou-se de que tudo havia sido um sonho: a igreja, o povo, o frade, tudo desaparecera; tudo menos uma coisa, aquela dor na parte esquerda. Ao mesmo tempo sentia no coração uma palpação violenta, angustiada, nos ouvidos um zumbido, um assobio contínuo, um fogo por dentro, um peso nos membros todos, pior do que quando chegara à cama. Hesitou uns momentos, antes de olhar para o lado onde tinha a dor; finalmente descobriu-a, lançou-lhe um olhar medroso; e viu um sórdido bubão de um roxo lívido.

O homem viu-se perdido: invadiu-o o terror da morte, e, com um sentimento talvez ainda mais forte, o terror de se tornar presa dos *monatos*, de ser levado e lançado no lazareto. E, procurando a maneira de evitar esta triste sorte, sentia que os seus pensamentos iriam confundir-se e toldar-se-lhe, sentia aproximar-se o momento em que já não teria mais cabeça senão para se entregar ao desespero. Agarrou a campainha e abanou-a com violência. Apareceu logo o Griso, que estava alerta. Parou a uma certa distância da cama; olhou atentamente para o patrão, e confirmou o que na véspera tinha conjeturado.

– Griso! – disse Dom Rodrigo, soerguendo-se com um grande esforço para se sentar. – Foste sempre o meu homem de confiança.

– Sim, senhor.

– Eu sempre te fiz bem.

– Por sua bondade.

– Em ti posso confiar!...

– Diabos!
– Estou mal, Griso.
– Já dei por isso.
– Se me curar, faça-te ainda mais do que todo o bem que te fiz no passado.

O Griso não respondeu nada, e ficou à espera de ver aonde levavam aqueles preâmbulos.

– Não quero confiar em mais ninguém senão em ti – prosseguiu Dom Rodrigo. – Faz-me um favor, Griso.

– Às ordens – disse este, respondendo com a fórmula habitual à insólita.

– Sabes onde é a casa do Chiodo cirurgião?

– Sei muito bem.

– É um homem sério, que, a quem pagar bem, mantém secretos os doentes. Vai chamá-lo: diz-lhe que lhe darei quatro, seis escudos por consulta, ou até mais, se mais ele pedir; mas que venha aqui já, e faz bem as coisas, sem que ninguém dê por isso.

– Bem pensado – disse o Griso. – Vou e volto já.

– Ouve, Griso: antes dá-me um copo de água. Sinto um ardor que não aguento mais.

– Não, senhor – respondeu o Griso. – Nada sem a opinião do médico. São males esquisitos: não há tempo a perder. Fique quieto: em três saltos estou aqui com o Chiodo.

E assim dizendo, saiu, encostando a porta.

Dom Rodrigo, de novo metido debaixo dos cobertores, acompanhava-o com a imaginação até à casa do Chiodo, contava os passos, calculava o tempo. De vez em quando tornava a olhar o seu bubão, mas virava logo a cabeça para o outro lado, com um calafrio. Passado algum tempo, começou a ficar de ouvido alerta, para ver se chegava o cirurgião. E este esforço de atenção suspendia a sensação do mal, e mantinha-lhe em ordem os pensamentos. De repente, ouve um tinir longínquo, mas que lhe parece vir dos quartos, e não da rua. Fica atento; ouve-o mais forte, mais repetido, e ao mesmo tempo um bater de pés: uma horrenda suspeita passa-lhe pela mente. Ergue-se na cama para se sentar, e fica ainda mais atento; ouve um ruído surdo no compartimento ao lado, como de um peso que é posto no chão com cuidado; põe as pernas

fora da cama, como para se levantar, olha para a porta, vê-a abrir-se, vê surgirem e entrarem duas gastas e imundas vestes vermelhas, duas caras de excomungados, dois *monatos*, numa palavra, vê só metade da cara do Griso que, escondido atrás de um batente semicerrado, ali ficou a espreitar.

– Ah, traidor infame!... Fora daqui, canalha! Biondino! Carlotto! Socorro! Estou a ser assassinado! – grita Dom Rodrigo; mete uma mão debaixo do travesseiro, para procurar uma pistola; agarra-a, tira-a para fora, mas, ao seu primeiro grito, os *monatos* haviam corrido para o leito; o mais rápido cai-lhe em cima antes que ele possa fazer alguma coisa, arranca-lhe a pistola da mão, atira-a para longe, derruba-o, e assim o mantém, gritando com um esgar de raiva e ao mesmo tempo de escárnio:

– Ah, patife! Pões-te contra os *monatos*! Contra os ministros do Tribunal! Contra os que fazem as obras de misericórdia!

– Segura-o bem, até o levarmos – disse o companheiro, dirigindo-se para um cofre. E nessa altura o Griso entrou, e pôs-se com ele a arrombar a fechadura.

– Maldito! – berrou Dom Rodrigo, olhando-o por baixo do que o segurava, e debatendo-se entre aqueles braços fortes. – Deixem-me matar aquele infame – dizia então aos *monatos*, e depois

façam de mim o que quiserem. – Depois tornou a chamar os seus outros servos; mas era inútil, porque o abominável Griso os tinha mandado para longe, com ordens falsas do próprio patrão, antes de ir fazer aos *monatos* a proposta de virem àquela expedição, repartindo com ele os despojos.

– Está quieto, está quieto – disse ao desventurado Rodrigo o algoz que o tinha pregado na cama. E virando-se depois para os dois que faziam a pilhagem, gritou: – Façam as coisas como cavaleiros que são!

– Tu! Tu! – mugia Dom Rodrigo para o Griso, que via ocupado a despedaçar, a tirar dinheiro e outros bens, e a dividir as partes. – Tu! Depois... Ah, diabo do Inferno! Ainda posso curar-me! Posso curar-me! – O Griso nem respirava, e, na medida do possível, nem sequer se voltava para o lado donde provinham aquelas palavras.

– Segura-o bem – disse o outro *monato*. – Ele está fora de si.

E isso agora era verdade. Após um grande grito, após um último esforço para se pôr em liberdade, tombou de repente exausto e estúpido: olhava ainda, como que encantado, e de quando em quando estremecia, ou se lamentava.

Os *monatos* pegaram nele, um pelos pés e outro pelos ombros, e foram pousá-lo numa maca que tinham deixado na sala ao lado; depois, um veio buscar o saque, a seguir, levantado o miserável fardo, levaram-no.

O Griso ficou a escolher à pressa o que mais lhe pudesse interessar; com tudo fez uma trouxa, e foi-se embora. Tivera de facto o cuidado de nunca tocar nos *monatos*, e de não se deixar tocar por eles; mas, naquela última fúria do vasculhar, tinha pegado, ao pé da cama, nas roupas do patrão, sacudindo-as, sem pensar em mais nada, para ver se tinham dinheiro. Teve porém de pensar nisso no dia seguinte, porque, enquanto se regalava numa taverna, lhe vieram de repente os arrepios, e os olhos se lhe turvaram, as forças lhe faltaram, e ele caiu. Abandonado pelos companheiros, foi parar às mãos dos *monatos*, que, despojando-o de tudo o que de bom trazia consigo, o atiraram para uma carroça, na qual expirou antes de chegar ao lazareto, para onde fora levado o seu patrão.

Deixado agora este, na mansão das dores, devemos ir à pro-

cura de outra personagem cuja história nunca se teria entrelaçado com a de Dom Rodrigo, se este não o tivesse querido por força; antes se poderá dizer ao certo que não teriam tido história nem um nem outro: Renzo, quero dizer, que deixámos na nova fiação, sob o nome de Antonio Rivolta.

Assim tinha estado cinco ou seis meses, salvo erro; após os quais, declarada a inimizade entre a República e o rei de Espanha, e cessando portanto todo o temor de procuras e de compromissos da parte de cá, Bortolo apressara-se a mandá-lo buscar e a continuar com ele ao seu serviço, quer porque gostava dele, quer porque Renzo, como rapaz de talento e hábil no ofício, numa fábrica era de grande ajuda ao *factotum*, sem nunca poder aspirar a sê-lo ele, devido àquela bendita desgraça de não saber segurar a pena na mão. Como esta razão foi aqui chamada por qualquer motivo, tivemos aqui de referi-la. Talvez os leitores quisessem um Bortolo mais ideal: a isto não sei que responder: fabriquem-no. Aquele era assim.

Renzo, depois, ficara sempre a trabalhar junto dele. Mais de uma vez, e especialmente depois de ter recebido alguma daquelas benditas cartas por parte de Agnese, metera-se-lhe na cabeça ir para soldado e acabar com aquilo; e as oportunidades não faltavam; porque, justamente naquele intervalo de tempo, a República tivera necessidade de gente. Para Renzo, a tentação tinha sido mais forte certas vezes em que se falava de invadir o território milanês; e, naturalmente, ele achava que seria uma bela coisa o regressar a sua casa como vencedor, tornar a ver Lucia e explicar-se de uma vez por todas com ela. Mas Bortolo, às boas, soubera sempre dissuadi-lo dessa resolução.

– Se tiverem de lá ir – dizia-lhe –, vão mesmo sem ti, e tu poderás ir depois, com toda a tranquilidade; se voltarem de cabeça rachada, não será melhor teres ficado em casa? Desesperados que metem pés ao caminho, não hão de faltar. E até que consigam lá pôr os pés!... Eu cá por mim, posso ser um herege: esta gente ladra? Pois sim, o Estado de Milão não é um naco que se engula assim tão facilmente. Trata-se da Espanha, meu rapaz: sabes o que é isso da Espanha? São Marcos é forte em sua casa; mas é preciso bem mais. Tem paciência: não estás bem aqui?... Percebo o que tu

queres dizer; mas se estiver escrito lá em cima que a coisa vai correr bem, podes estar certo, se não fizeres loucuras, de que acabará ainda melhor do que julgas. Algum santo te há de ajudar. Acredita também que isso não é ofício para ti. Achas que te convém deixar de dobar a seda, para ires matar? O que queres tu fazer com essa raça de gente? Eles precisam é de homens para isso já talhados.

Outras vezes, Renzo resolvia ir às escondidas, disfarçado, e com um nome falso. Mas também neste caso pôde Bortolo desviá-lo todas as vezes, e com razões bem fáceis de adivinhar.

Irrompendo depois a peste no Milanês, e, como já dissemos, precisamente na fronteira com o território bergamasco, não demorou ele muito tempo a atravessá-la; e... não se assustem, que não lhes quero contar também a história desta: para quem a quiser, tem-na escrita por ordem pública, pela mão de um tal Lorenzo Ghirardelli: livro raro, porém, e desconhecido, embora contenha talvez mais matéria do que todas juntas as mais célebres descrições de pestilências: de tantas coisas depende a celebridade dos livros! O que eu queria dizer é que Renzo apanhou também a peste, curou-se por si mesmo, ou seja, não fez nada; esteve à beira da morte, mas a sua boa compleição venceu a força do mal: em poucos dias, viu-se fora de perigo. Com o retornar à vida, ressurgiram mais do que nunca vigorosas no seu espírito as memórias, os desejos, as esperanças, os projetos da vida; quer dizer, pensou mais do que nunca em Lucia. O que seria feito dela, naquele tempo em que o viver era como que uma exceção? E a tão pouca distância, não poder saber nada dela? E ficar, sabe Deus quanto tempo, numa tal incerteza! E mesmo quando esta se tiver dissipado, quando tiver cessado todo o perigo, voltasse a saber que Lucia estava viva, havia sempre aquele mistério, aquela confusão do voto. «Irei eu, irei certificar-me de tudo, de uma vez por todas», disse para consigo, e disse-o ainda antes de ser capaz de se manter de pé. «Desde que esteja viva! Achá-la, hei de achar; ouvirei de uma vez, da sua boca, que promessa será aquela, fá-la-ei ver que isso não pode ser, e trago-a comigo, a ela e àquela pobre Agnese, se também estiver viva!, que sempre me quis bem, e estou certo de que ainda me quer. A ordem de captura?, ora... eles agora têm

bem mais em que pensar, os que estão vivos. Também por aqui anda segura certa gente que tem ordens dessas em cima... Terá de haver salvo-conduto só para os tratantes? E em Milão, dizem todos que por lá reina uma confusão ainda pior. Se deixo escapar uma ocasião tão boa – (A peste! Vejam lá como nos faz empregar as palavras esse curioso instinto de referir e de subordinar tudo a nós mesmos!) – não torna a aparecer outra semelhante!»

«Vale a pena ter esperança, meu caro Renzo!»

Assim que pôde arrastar-se, saiu à procura de Bortolo, que até então conseguira evitar a peste, e estava resguardado. Não entrando em sua casa, mas chamando-o da rua, fê-lo assomar à janela:

– Ah! ah! – disse Bortolo –, já te safaste. Ainda bem, tiveste sorte.

– Ainda não estou bem das pernas, como vês, mas, quanto ao perigo, já estou fora.

– Eh! Eu é que bem gostava de estar no teu lugar. Podendo dizer: estou bem, dantes parecia que ficava tudo dito; mas agora pouco conta. Quem pode chegar a dizer: estou melhor; essa sim, que é uma bela palavra!

Renzo, exprimindo ao primo votos de boa saúde, comunicou-lhe a sua resolução.

– Vai, desta vez sim, e que o Céu te abençoe – respondeu aquele. – Procura esquivar-te à justiça, tal como eu procuro esquivar-me ao contágio; e se Deus quiser que corra tudo bem aos dois, tornaremos a ver-nos.

– Oh, eu volto com certeza: e se pudesse não voltar sozinho!... Enfim, espero eu.

– Volta lá acompanhado; que, se Deus quiser, haverá trabalho para todos e faremos boa companhia uns aos outros. Isto desde que tu me encontres, e que tenha acabado este diabo de influência!

– Vemo-nos, vemo-nos, havemos de voltar a ver-nos!

– Torno a dizer: Deus queira!

Durante uns dias, Renzo foi ao trabalho, para experimentar as suas forças e aumentá-las; e assim que lhe pareceu poder meter-se ao caminho, dispôs as coisas para partir. Pôs por baixo das roupas um cinto, tendo lá dentro os cinquenta escudos, em que nunca tinha tocado, e dos quais nunca dissera palavra, nem sequer a

Bortolo; pegou noutros poucos dinheiros que tinha vindo a pôr de parte, dia após dia, poupando em tudo; meteu debaixo do braço uma trouxa de roupa, guardou no bolso uma carta de recomendação que, à cautela, pedira ao segundo patrão, sob o nome de Antonio Rivolta; num bolsinho das calças meteu um facalhão, que era o mínimo que um gentil-homem podia trazer consigo naqueles tempos; e partiu nos últimos dias de agosto, três dias depois de Dom Rodrigo ter sido levado para o lazareto. Dirigiu-se para Lecco, querendo, para não ir assim às cegas para Milão, passar pela sua terra, onde esperava encontrar Agnese viva, e começar a averiguar por ela alguma das muitas coisas que ansiava por saber.

Os poucos curados da peste, no meio do resto da população, eram realmente como que uma classe privilegiada. Uma grande parte da outra gente jazia enferma ou morria; e os que até então haviam ficado ilesos do morbo, viviam em contínuo temor deste; andavam reservados, cautelosos, em passos comedidos, de caras suspeitosas, com pressa e hesitação ao mesmo tempo: que tudo podia ser contra eles uma arma de ferida mortal. Aqueles outros, pelo contrário, mais ou menos seguros do seu destino (já que ter duas vezes a peste era caso mais prodigioso do que raro), andavam pelo meio do contágio francos e resolutos; tal como os cavaleiros de uma época da Idade Média, ferrados até onde o ferro podia cobri-los, e montados em cima de palafréns também aparelhados da mesma maneira dentro da medida do possível, andavam a esmo (e daí aquela sua gloriosa denominação de andantes), ao acaso e à aventura, no meio de uma pobre gentilha pedestre de cidadãos e de vilões que, para rebater e amortecer os golpes, outra coisa não tinham em cima mais do que uns farrapos. Belo, sábio e útil mester! Um ofício propriamente capaz de figurar em primeiro plano num tratado de economia política.

Com tal segurança, mitigada porém pela inquietação que o leitor já sabe, e contristada pelo espetáculo frequente, pelo pensamento da calamidade comum, ia Renzo a caminho da sua casa, debaixo de um belo céu e por uma bonita terra, mas não encontrando, por longos trechos de tristíssima solidão, senão qualquer sombra errante em vez de pessoa viva, ou cadáveres levados para a vala sem honra de exéquias, sem canto, sem acompanhamento.

Mais ou menos a meio da jornada, parou num pequeno bosque, para comer um bocado de pão e de qualquer outro conduto que trouxera consigo. Fruta, tinha-a à sua disposição ao longo do caminho, até mais do que lhe era necessária: figos, pêsegos, ameixas, maçãs, quantas quisesse; bastava entrar nos campos e colhê-la, ou apanhá-la debaixo das árvores, onde a havia como se tivesse caído um granizo dela; visto que o ano era extraordinariamente abundante, especialmente de frutas; e quase não havia quem se preocupasse com elas; até as uvas, por assim dizer, escondiam as suas parras, e eram deixadas à mercê do primeiro que aparecesse.

Pelo anoitecer, descobriu a sua aldeia. Àquela vista, por mais que devesse estar preparado para isso, sentiu como que um aperto no coração: foi assaltado, num momento, por um montão de lembranças dolorosas, e de dolorosos pressentimentos: parecia-lhe ter nos ouvidos aqueles sinistros toques a rebate que o tinham como que acompanhado, perseguido, quando fugira daqueles lugares; e, ao mesmo tempo, ouvia, por assim dizer, um silêncio de morte que ali reinava atualmente. Sentiu uma perturbação ainda mais forte ao desembocar na praceta diante da igreja; e ainda pior esperava no fim do caminho, visto que onde tinha intenções de ir parar era a casa a que outrora costumava chamar a casa de Lucia. Agora não podia ser senão, quando muito, a casa de Agnese; e a única graça que do Céu esperava era a de ali a encontrar em vida e com saúde. E naquela casa se propunha ele pedir guarida, conjeturando bem que a sua já não devia ser habitação senão para ratos e fuinhas.

Não querendo ser visto, enveredou por uma azinhaga exterior, aquela mesma por onde viera em boa companhia, naquela tal noite, para apanhar de surpresa o cura. No meio, mais ou menos, havia de um lado a vinha e do outro a casita de Renzo; de modo que ao passar podia entrar um momento numa e noutra, e ver um pouco como estavam as suas coisas.

Ao caminhar, olhava em frente, ansioso e ao mesmo tempo temendo ver alguém; e ao cabo de poucos passos, viu de facto um homem em camisa, sentado no chão, com as costas apoiadas a uma sebe de jasmims, numa atitude de demente; por esta, e depois também pela fisionomia, pareceu-lhe reconhecer nele o pobre meio idiota de Gervaso, que tinha vindo como segunda testemunha à

infeliz expedição. Mas, ao aproximar-se dele, teve de constatar que, pelo contrário, era aquele Tonio, tão esperto, que conduzira Gervaso. A peste, tirando-lhe o vigor do corpo ao mesmo tempo que o da mente, desenvolvera-lhe na cara e em todos os seus atos um pequeno e velado germe de semelhança com o seu apalermado irmão.

– Oh, Tonio! – disse-lhe Renzo, detendo-se à sua frente. – És tu?

Tonio levantou os olhos, sem mexer a cabeça.

– Tonio! Não me reconheces?

– A quem calha, calha – respondeu Tonio –, ficando depois de boca aberta.

– Estás com ela, eh?, pobre Tonio; mas já não me reconheces?

– A quem calha, calha – replicou ele, com um certo sorriso idiota. Renzo, vendo que dele não conseguiria obter mais nada, prosseguiu o seu caminho, ainda mais entristecido. E eis que ao virar uma esquina, lhe aparece e avança uma coisa negra, que reconheceu logo ser Dom Abbondio. Este caminhava devagarinho, levando a bengala como quem, por sua vez, é levado por ela; e, à medida que se ia aproximando, cada vez mais se podia reconhecer-lhe no rosto pálido e desfigurado, e em cada gesto seu, que ele também devia ter passado a sua tempestade. Ele também olhava;

parecia-lhe e não lhe parecia: via algo de forasteiro no vestuário; mas era precisamente um forasteiro dos de Bérghamo.

«É ele, sem dúvida!», disse para consigo, e levantou as mãos para o céu, com um movimento de surpresa descontente, ficando-lhe suspensa no ar a bengala que segurava na mão direita; e via-se aqueles pobres braços dançarem nas mangas, justamente onde outrora mal cabiam. Renzo foi ao seu encontro, alargando o passo, e fez-lhe uma reverência; pois, embora se tivessem deixado como vós sabeis, contudo não deixava de ser o seu cura.

– Estais aqui, vós? – exclamou Dom Abbondio.

– Estou aqui, como vê. Não sabe nada de Lucia?

– O que quereis que se saiba? Não se sabe nada dela. Está em Milão, se ainda for deste mundo. Mas vós...

– E Agnese, está viva?

– Pode ser que sim; mas quem quereis vós que o saiba? Ela não está cá. Mas...

– Onde está?

– Foi para a Valsassina, para casa daqueles seus parentes, em Pasturo, como bem sabeis; que dizem que lá a peste não fez o diabo a quatro como aqui. Mas vós, dizia eu...

– Essa lamento muito. E o padre Cristoforo?

– Foi-se embora há muito tempo. Mas...

– Isso já sei; mandaram-mo dizer; perguntava se por acaso teria retornado para estes lados.

– Oh! Nunca! Não se ouvia falar mais nele. Mas vós...

– Essa também lamento muito.

– Mas vós, digo eu, o que viestes fazer para estas bandas, por amor do Céu? Não sabeis que bagatela de ordem de captura...

– Que me importa? Eles têm mais em que pensar. Também quis vir desta vez para ver das minhas coisas. E não se sabe nada mesmo?...

– O que quereis ver? Que daqui a pouco já não haverá aqui ninguém, que não haverá mais nada? E digo eu, com aquela bagatela da captura, vir aqui, mesmo à terra, meter-se na boca do lobo, é ter juízo? Fazei o que vos diz um velho que é obrigado a ter mais juízo do que vós, e que vos fala pelo amor que vos tem: dai bem corda aos sapatos, e antes que alguém vos veja voltaí para donde

vieste; e se já fostes visto, mais depressa correi para lá. Achais que isto aqui está bom para vós, achais? Não sabeis que vieram procurar-vos, que vasculharam, vasculharam, que viraram tudo do avesso?...

– Já sei, infelizmente. Tratantes!

– Mas então?

– Já vos disse que isso não me rala. E esse tal, ainda é vivo? Está aqui?

– Só vos digo que não há cá ninguém; digo-vos que não penseis nas coisas daqui; digo-vos...

– Pergunto se ainda está por cá, esse tal?

– Oh, santo Céu! Falai melhor. É possível que haveis ainda em cima todo aquele fogo, ao fim de tantas coisas!...

– Está, ou não está?

– Não está, pronto. Mas, e a peste, filho meu, a peste! Quem é que ainda anda por aí, nestes tempos?

– Se não houvesse outro mal neste mundo a não ser a peste... eu falo por mim: já a tive, e librei-me dela.

– Mas então! Mas então! Isto não são avisos?... Quando se escapou de uma destas, parece-me que se deveriam dar graças ao Céu, e...

– Eu bem lhe agradeço.

– E não andar em busca de outras, digo eu. Fazei o que vos digo.

– Vós também a tivestes, senhor cura, se não me engano.

– Se tive? Pérfida e infame foi ela. Estou aqui por milagre: basta dizer que me deixou desta maneira que vedes. Agora, precisava mesmo de algum sossego, para me recuperar, e já começava a sentir-me um pouco melhor... Em nome do Céu, o que vindes fazer aqui? Voltai...

– Sempre a embirrar com esse voltar, o senhor cura. Para voltar, mais valia não ter saído donde estava. Diz-me: para que viestes? Para que viestes? Essa é boa! Venho também para a minha casa.

– A vossa casa...

– Diga-me: morreram todos por aqui?

– Eh, eh! – exclamou Dom Abbondio; e a começar por Perpetua, citou uma ladainha de pessoas e de famílias inteiras.

Renzo infelizmente já esperava por algo semelhante: mas, ao ouvir tantos nomes de pessoas que ele conhecia, de amigos e parentes, estava pesaroso, cabisbaixo, exclamando a todo o momento: «coitado!, coitada!, coitadinhos!»

– Vede! – continuou Dom Abbondio. – E ainda não acabou. Se os que restam não ganharem juízo desta vez, e não enxotarem os macaquinhos todos da cabeça, não há mais nada senão o fim do mundo.

– Não tendes receio, já não faço contas de parar por aqui.

– Ah, sejam dadas graças ao Céu, que finalmente vos entrou na cabeça. E fazeis conta de tornar já para o Bergamasco, bem entendido.

– Não vos preocupeis com isso.

– O quê? Não queirais fazer-me algum despropósito pior do que este?

– Não vos raleis comigo, digo-vos eu; isso é cá comigo. Já não sou nenhuma criança, tenho o uso da razão. Espero que, por cautela, não conte a ninguém que me viu. É sacerdote, eu sou uma ovelha sua. Não vai querer atraiçoar-me.

– Já percebi – disse Dom Abbondio, suspirando irritado. – Já percebi. Quereis então arruinar-vos a vós e arruinar-me a mim. Não vos bastam aquelas por que já passastes; não vos bastam aquelas por que já passei eu. Já percebi, já percebi. – E conti-

nuando a resmungar entre dentes estas últimas palavras, prosseguiu o seu caminho.

Renzo ali ficou, triste e infeliz, a pensar aonde iria parar. Naquela enumeração dos mortos que lhe fizera Dom Abbondio, havia uma família de camponeses toda levada pelo contágio, salvo um jovem mais ou menos da idade de Renzo, e seu companheiro desde pequenos: a casa ficava poucos passos fora da aldeia. Pensou ir para lá.

No caminho, passou diante da sua vinha; e logo de fora pôde imediatamente verificar em que estado se encontrava. Não se via passar o muro nem uma parra, nem um ramo de árvore das que ali deixara; se alguma coisa se via, era tudo vindo na sua ausência. Assomou à abertura (da cancela não havia nem os gonzos); deu uma olhadela em volta: pobre vinha! Durante dois invernos seguidos, a gente da terra viera «fazer lenha» – no lugar daquele pobre rapaz – como diziam. Videiras, amoreiras, árvores de fruto de toda a espécie, foi tudo arrancado de qualquer jeito, ou cortado pelo pé. Contudo, viam-se ainda os vestígios da antiga cultura: vides jovens, em linhas quebradas, mas que no entanto marcavam o traçado dos renques desolados; aqui e ali, em rebentos ou em botão, pés de amoreiras, figueiras, pessegueiros, cerejeiras e ameixoeiras; mas até estes se viam esparsos, sufocados, no meio de uma nova, densa e variada vegetação, nascida e criada sem a ajuda da mão do homem. Era uma mixórdia de urtigas, de fetos, de relvas, de joio, de aveia brava, de amarantos verdes, de radículas, de azedas, de painço, e de outras plantas que tais; daquelas, quero dizer, de que os camponeses de todos os países fizeram uma grande classe à sua maneira, denominando-as ervas daninhas, ou qualquer coisa parecida. Era uma salgalhada de caules, que competiam a subjugar-se uns aos outros no ar, ou a ultrapassarem-se, rastejando no terreno, em suma, roubando-se o lugar de todas as maneiras; uma confusão de folhas, de flores, de frutos, de mil cores, de mil grandezas: inflorescências, espiguinhas, maçarocas, cachos, raminhos brancos, vermelhos, amarelos, azuis. No meio este emaranhado de plantas, havia algumas mais relevantes e vistosas, mas nem por isso melhores, pelo menos a maior parte: a uva turca, a mais alta de todas, com os seus ramos alargados, avermelhados, com as suas

pomposas folhas verde-escuras, algumas já orladas de púrpura, com os seus cachos dobrados, guarnecidos de bagos roxos em baixo, mais acima de purpurinos, depois de verdes, e no alto, de florinhas esbranquiçadas; o teixo rasteiro, com as suas grandes folhas lanosas no chão, e o caule direito no ar, e as compridas espigas espalhadas e como que estreladas de vivas cores amarelas; cardos, espinhosos nos ramos, nas folhas, nos cálices, dos quais saíam tufos de flores brancas e purpurinas, ou então destacavam-se penachinhos, levados pelo vento, leves e prateados. Aqui, uma quantidade de campainhas trepadeiras envolvendo os novos rebentos de uma amoreira, tinham-nos deixado todos cobertos das suas bamboleantes folhas, e deixavam pender por cima destes as suas campânulas cândidas e moles; ali, uma aboboreira brava, com os seus bagos vermelhos, tinha-se enrolado aos novos sarmentos de uma videira que, procurando em vão um amparo mais sólido, prendera por sua vez as suas gavinhas àquela; e, misturando os seus débeis talos e as suas folhas pouco diferentes, se puxavam também mutuamente, como acontece tantas vezes aos fracos que se prendem uns aos outros para se apoiarem. Havia sarças por toda a parte; iam de umas plantas para as outras, subiam, desciam, encolhiam os ramos e esticavam-nos, conforme conseguissem; e uma, atravessada mesmo em frente do limiar, parecia que estava ali para impedir a passagem, nem que fosse ao próprio dono.

Mas este não tinha intenções de entrar numa vinha assim; e não ficou talvez a olhá-la por tanto tempo como nós a fazer este breve esboço. Prosseguiu: a pouca distância ficava a sua casa; atravessou a horta, caminhando até ao meio da perna por entre as ervas daninhas de que era povoado, coberto, tal como a vinha. Pôs o pé no umbral de um dos dois compartimentos que havia no rés do chão: ao ruído dos seus passos, ao seu assomar, uma sara-banda, uma fuga entrecruzada de ratazanas, a de se enfiarem para dentro da sujeira que cobria todo o pavimento: era ainda o leito dos lansquenetes. Deu uma olhadela às paredes: sem reboco, emporcalhadas, esfumaçadas. Levantou os olhos para o teto: uma tapeçaria de teias de aranha. Ali não havia mais nada. Foi-se também embora, metendo as mãos pelos cabelos; voltou para trás, tornando a fazer o carreiro que ele mesmo tinha aberto poucos

momentos antes; após ter dado alguns passos, seguiu por outro atalho à esquerda, que dava para os campos; e sem ver nem ouvir viva alma, chegou junto da casa aonde tinha pensado ficar. Já começara a escurecer. O amigo estava à porta, sentado num banquinho de madeira, de braços cruzados, com os olhos fixos no céu, como um homem aturdido pelas desgraças, e tornado selvagem pela solidão. Ouvindo passos, voltou-se para ver quem era, e, àquele que lhe pareceu ver assim ao lusco-fusco, por entre os ramos e as folhas, disse em voz alta, endireitando-se e levantando as mãos:

– Não há mais ninguém, só eu! Já não fiz bastante ontem? Deixai-me em paz, que também é já uma obra de misericórdia.

Renzo, não sabendo o que significava isto, respondeu-lhe chamando-o pelo nome.

– Renzo!?!... – exclamou aquele, e ao mesmo tempo interrogando.

– Eu mesmo – disse Renzo; e correram um para o outro.

– És mesmo tu! – disse o amigo, quando chegou junto dele: – Oh, tenho tanto gosto em ver-te! Quem havia de pensar? Confundi-te com o coveiro, o *Paolino dos Mortos*, que me vem sempre atormentar, para que eu vá enterrar defuntos. Sabes que fiquei sozinho? Sozinho! Sozinho que nem um ermitão!

– Já sei, infelizmente – disse Renzo. E assim, trocando e misturando à pressa cumprimentos, perguntas e respostas, entraram os

dois na choupana. E aí, sem suspenderem a conversa, o amigo não se poupou a esforços para fazer um pouco de honra a Renzo, como pudesse, assim de repente e naqueles tempos. Pôs água ao lume, e começou a fazer a polenta; mas cedeu depois o rolo a Renzo, para que a mexesse; e saiu dizendo: – Fiquei sozinho; ah, fiquei sozinho!

Voltou com um pequeno balde de leite, com um pouco de carne seca, um par de queijos, com figos e pêssegos; e tendo pousado tudo, e despejado a polenta na tigela de madeira, sentaram-se à mesa, agradecendo-se mutuamente, um pela visita, e o outro pela recepção. E após uma ausência de talvez uns dois anos, viram-se de repente muito mais amigos do que alguma vez tinham julgado ser, no tempo em que se viam quase todos os dias; porque a um e a outro, diz aqui o manuscrito, tinham calhado coisas que dão a saber que para a alma, que bálsamo é a benevolência, tanto a que se sente como a que se encontra nos outros.

É certo que ninguém podia ocupar, junto de Renzo, o lugar de Agnese, nem consolá-lo da ausência dela, não só por aquele antigo e especial afeto, mas também porque, entre as coisas que ansiava por decifrar, havia uma de que só ela tinha a chave. Hesitou um momento entre se deveria continuar a sua viagem, ou ir antes à procura de Agnese, já que estava tão perto; mas, considerando que da saúde de Lucia, Agnese não deveria saber nada, manteve o primeiro propósito de ir mesmo livrar-se desta dúvida, e ter a sua sentença, e de trazer depois ele mesmo as notícias à mãe. Mas pelo amigo ficou a saber muitas coisas que ignorava, e de muitas esclareceu-se que ele não as conhecia bem, sobre as desventuras de Lucia e das perseguições que lhe tinham feito a ele, e como Dom Rodrigo se tinha ido de rabo entre as pernas, e nunca mais fora visto por aqueles lados; resumindo, sobre toda aquela trama de acontecimentos. Soube também (e para Renzo não era conhecimento de pouca importância) qual era exatamente o apelido de Dom Ferrante: que Agnese lho tinha mandado, escrito pelo seu secretário; mas sabe Deus como tinha sido escrito; e o intérprete bergamasco, ao ler-lhe a carta, do nome fizera uma palavra tal que, se Renzo tivesse ido com ela procurar a localização daquela casa em Milão, provavelmente não encontraria ninguém que adivinhasse de quem queria ele falar. Contudo, era aquele o único fio

que tinha para ir em busca de Lucia. Quanto à justiça, pôde confirmar cada vez mais que era um perigo bastante afastado, com que não valia a pena preocupar-se: o senhor podestade morrera de peste: sabe-se lá quando mandariam outro; a esburraria também se tinha ido embora a maior parte; os que restavam tinham bem mais em que pensar do que nas coisas antigas.

Ele também contou ao amigo as suas andanças, e ouviu em troca mil histórias, da passagem do exército, da peste, de untadores, de prodígios.

– São coisas tristes – disse o amigo, acompanhando Renzo a um quarto que o contágio deixara desabitado. – Coisas que nunca se acreditaria ver alguma vez; coisas de nos tirar a alegria para toda a vida; mas apesar de tudo, ao falar delas com um amigo, é um alívio.

Ao nascer do dia, estavam os dois na cozinha; Renzo equipado para a viagem, com a sua bolsa escondida por baixo do gibão, e o facalhão na algibeira dos calções: a trouxinha, para ir mais leve, deixou-a em depósito com o hospedeiro.

– Se tudo me correr bem – disse-lhe –, se a encontrar com vida, se... basta... volto a passar por cá; corro a Pasturo, para dar a boa notícia àquela pobre Agnese, e depois... e depois... Mas, se por desgraça, por desgraça que Deus não queira... então, não sei o que farei, não sei para onde ir: de certo, só que por estes lados nunca mais me verão.

E assim dizendo, de pé na soleira da porta, da cabeça erguida, contemplava, com um misto de ternura e de tristeza, a alvorada na sua terra, que já não via há tanto tempo. O amigo disse-lhe, como é costume, que tivesse esperança; quis que ele levasse consigo qualquer coisa para comer; acompanhou-o por um pedaço da estrada, e deixou-o com novos votos de felicidades.

Renzo pôs-se a caminho sem pressas, bastando-lhe chegar perto de Milão nesse dia, para lá entrar no seguinte, bem cedo, e começar logo as suas buscas. A viagem decorreu sem incidentes e sem nada que pudesse distrair Renzo das suas preocupações, para além das costumadas misérias e tristezas. Tal como fizera na véspera, parou a seu tempo num pequeno bosque para comer alguma coisa e descansar. Ao passar por Monza, diante de uma loja aber-

ta, onde havia pães à mostra, pediu dois, para não ficar de modo nenhum desprovido. O padeiro intimou-o a não entrar, e estendeu-lhe numa pequena pá uma tigelinha contendo água e vinagre, dizendo-lhe que pusesse lá dentro o dinheiro; e feito isto, com uma pinça estendeu-lhe, um a seguir ao outro, os dois pães, dos quais Renzo guardou um na algibeira.

Pela tardinha, chega a Greco, sem lhe saber porém o nome; mas entre um pouco de memória dos lugares, que lhe ficara da outra viagem, e o cálculo do caminho feito de Monza em diante, conjeturando que devia estar a pouca distância da cidade, saiu da estrada principal, para ir pelos campos em busca de alguma choupana onde passar a noite, porque com estalagens não queria meter-se em sarilhos. Achou melhor do que procurava: viu uma abertura numa sebe que rodeava o quintal de um casal; fosse como fosse, entrou. Não havia ninguém; viu de um lado um grande pórtico, tendo em baixo feno amontoado, e encostada àquele uma escada de mão; deu uma olhadela em volta, e depois subiu à aventura; acomodou-se para dormir, e com efeito adormeceu logo, para não acordar senão à alvorada. Então foi de gatas até à beira daquele grande leito; pôs a cabeça de fora e, não vendo ninguém, desceu donde tinha subido, saiu por onde entrara, encaminhou-se por azinhagas, tomando como sua estrela polar a Catedral; e ao cabo de um brevíssimo caminho, veio desembocar sob as muralhas de Milão, entre a Porta Oriental e a Porta Nova, e muito perto desta.

CAPÍTULO XXXIV

QUANTO À MANEIRA DE PENETRAR NA CIDADE, RENZO TINHA ouvido dizer, assim por alto, que havia ordens severíssimas para não deixar passar ninguém sem boletim de sanidade; mas que afinal se entrava muito bem, bastando saber um pouco ajudar-se e captar o momento certo. De facto era assim: e deixando também de parte as causas gerais por que naqueles tempos as ordens eram todas pouco cumpridas; deixando de parte as especiais, que tornavam tão dificultosa a sua rigorosa execução; Milão encontrava-se agora em tal estado que não se via coisa para a qual, ou da qual, fosse agradável olhar; e quem quer que para lá se encaminhasse poderia parecer bastante mais descuidado com a sua própria saúde do que perigoso para a dos cidadãos.

Sobre estas notícias, o intuito de Renzo era tentar entrar pela primeira porta em que fosse embater, se houvesse qualquer obstáculo, retomar os muros por fora, até encontrar outra de mais fácil acesso. Sabe o Céu quantas portas imaginaria ele que Milão devia ter. Portanto, ao chegar debaixo das muralhas, parou a olhar à sua volta, como faz quem, não sabendo para que lado lhe convém seguir, parece que fica à espera, a pedir indícios a todas as coisas.

Mas à direita e à esquerda só via dois troços de um caminho tortuoso; à sua frente, um pedaço de muralha; de lado nenhum, qualquer sinal de homens vivos: eis senão quando, de um certo ponto do terraplano, se erguia uma coluna de um fogo denso e escuro, que ao subir se alargava e se envolvia em amplos globos, perdendo-se depois no ar imóvel e cinzento. Eram roupas, camas e outros trastes infetados que queimavam. E tais tristes fogueiras faziam-se continuamente, e não só ali, mas em várias partes das muralhas.

O tempo estava cerrado, o ar pesado, o céu todo coberto por uma nuvem ou por um nevoeiro igual, inerte, que parecia negar o sol, sem prometer a chuva; os campos à volta, em parte por cultivar e todos áridos; toda a verdura descolorida e nem uma gota de orvalho sobre as folhas ressequidas e crestadas. Para mais, aquela solidão, aquele silêncio, tão perto de uma grande cidade, acrescentavam uma nova consternação às inquietações de Renzo, e tornavam mais tétricos todos os seus pensamentos.

Passado algum tempo, seguiu pela direita à aventura, dirigindo-se sem o saber para a Porta Nova, da qual, embora próxima, não podia aperceber-se, devido a um baluarte atrás do qual, na altura, estava oculta. Dados poucos passos, começou a ouvir um tinir de sinetas, que cessava e recomeçava de quando em quando, e depois, uma ou outra voz de homem. Avançou e, passada a esquina do baluarte, a primeira coisa que viu foi uma pequena casa de madeira, tendo à entrada um guarda apoiado ao mosquete, com um certo ar cansado e desleixado: atrás dele havia uma paliçada, e atrás desta, a porta, ou seja dois pedaços de muro com um teto por cima para segurar os batentes; estes estavam abertos de par em par, como de resto a cancela da paliçada. Contudo, mesmo em frente da abertura, havia no chão um triste impedimento: um caixão, no qual dois *monatos* acomodavam um pobrezinho para o levarem. Era o chefe dos gabeleiros, a quem, pouco antes, fora descoberta a peste. Renzo parou, esperando o fim: partido o cortejo, e não vindo ninguém fechar a cancela, achou que era o momento certo, e avançou à pressa; mas o guarda, de má catadura, gritou-lhe:

– Eh lá! – Renzo parou de novo imediatamente e, piscando-lhe o olho, sacou de meio ducado, e mostrou-lho. Este, ou por já ter tido a peste, ou por temê-la menos do que amava os meios duca-

dos, fez sinal a Renzo para que lho atirasse; e vendo-o voar logo até aos seus pés, sussurrou: – Vai lá depressa. Renzo não precisou de o ouvir duas vezes; passou a paliçada, passou a porta, e avançou sem que ninguém se apercebesse ou desse por ele; eis senão quando já tinha dado talvez uns quarenta passos, ouviu outro: – Eh lá! – que um gabeleiro gritava atrás dele. Desta vez, fingiu que não ouvia e, sem sequer se voltar, alongou o passo. – Eh lá! – gritou de novo o gabeleiro, com uma voz porém que indicava mais impaciência do que resolução de se fazer obedecer; e não sendo obedecido, encolheu os ombros, e voltou para a sua casa-mata, como pessoa mais preocupada em não se aproximar demasiado dos transeuntes do que informar-se das intenções deles.

O caminho que Renzo tomara ia dar, na altura, como ainda hoje, direito ao canal chamado Naviglio: nas bermas, tinha sebes ou muros de hortas, igrejas e conventos, e poucas casas. No alto deste caminho, e no meio do que bordeja o canal, havia uma coluna com uma cruz dita Cruz de Santo Eusébio. E por mais que Renzo olhasse para diante não via senão aquela cruz. Ao chegar à encruzilhada que divide o caminho, mais ou menos ao meio, e olhando para os dois lados, viu à direita, na chamada estrada de Santa Teresa, um cidadão que vinha precisamente na sua direção. «Uma pessoa, finalmente!», disse para consigo; e voltou-se logo para aquele lado pensando perguntar-lhe o caminho a seguir. Este também viu o forasteiro avançar; e vinha a estudá-lo de longe com um ar de suspeita; e tanto mais quando percebeu que, em vez de ir à sua vida, afinal vinha ao seu encontro. Renzo, quando chegou perto dele tirou o chapéu, como montanhês respeitador que era; e segurando-o com a esquerda, pôs a outra mão na copa e andou mais diretamente para o desconhecido. Mas este, arregalando muito os olhos, deu um passo atrás, ergueu um nodoso cacete, e virando a ponta, que era de ferro, para a cintura de Renzo, gritou: – Fora! Fora! Fora!

– Oh, oh! – gritou também o jovem; repôs o chapéu na cabeça, e com uma vontade bem diferente, como dizia depois, quando contava o episódio, que era a de armar briga naquele momento, virou as costas àquele extravagante, e continuou o seu caminho, ou, melhor dizendo, aquele que já vinha seguindo.

O outro seguiu também o seu, todo a tremer, e a cada momento virando-se para trás. E, ao chegar a casa, contou que dele se tinha aproximado um untador, com ar humilde, de mansidão, com uma cara de infame impostor, com a caixinha do unto, ou embrulhinho do pó (não tinha bem a certeza de qual dos dois seria) na mão, dentro da copa do chapéu, para lho atirar, se ele não tivesse sabido manter as distâncias. – Houvesse ele dado um só passo mais – acrescentou –, e eu espetava-o mesmo, antes que ele tivesse tempo de dar cabo de mim, o bandido. A desgraça foi que estávamos num lugar muito solitário, que se fosse no centro de Milão eu chamaria gente que me ajudasse a apanhá-lo. É sabido que iam encontrar-lhe aquela maldita porcaria no chapéu. Mas ali os dois sozinhos, tive de me contentar com o fazer-lhe medo, sem me arriscar a sofrer uma desgraça; porque um bocado de pó, ainda ele atirou; e aqueles têm uma destreza especial; e para mais têm o diabo por eles. Agora, deve andar por aí a correr Milão: sabe-se lá a matança que irá fazer! – E enquanto viveu, que foi durante muitos anos, todas as vezes que se falasse de untadores, repetia a sua história, e acrescentava: – Esses que afirmam ainda que não era verdade, não venham dizer-mo a mim; porque certas coisas é preciso vê-las.

Renzo, longe de imaginar do que tinha escapado, e agitado mais pela raiva do que pelo medo, enquanto caminhava, ia pensando naquele acolhimento, e mais ou menos bem imaginava o que o desconhecido tinha pensado dele; mas a coisa pareceu-lhe tão irracional que ele concluiu para consigo que o outro devia ser um maluco qualquer. «Começa mal», pensava porém: «Parece que para mim este Milão é um planeta. Para entrar, tudo me corre bem; e depois, quando estou cá dentro, aparecem-me os dissabores todos em fila. Basta... com a ajuda de Deus... se encontrar... se conseguir encontrar... eh! Não há de ser nada.»

Ao chegar à ponte, virou, sem hesitar, para a esquerda, na Rua de São Marcos, parecendo-lhe, com razão, que devia seguir para dentro da cidade. E ao avançar, olhava para um lado e para o outro, vendo se podia descobrir qualquer criatura humana; mas não viu outra senão um cadáver deformado no pequeno fosso que corre por entre aquelas pobres casas (que então eram ainda menos), e por um pedaço da estrada. Passado esse pedaço, ouviu gritar:

– Ó esse homem! – e olhando para esse lado, viu a pouca distância, no terraço de uma casita isolada, uma pobre mulher, com uma ninhada de crianças à volta; a qual, continuando a chamá-lo, lhe fez sinal também com a mão. Foi a correr; e quando chegou perto:

– Ó jovem – disse a mulher –, pelos vossos pobres mortos, fazei a caridade de ir avisar o comissário que estamos aqui esquecidos. Fecharam-nos aqui em casa como suspeitos, porque o meu pobre marido morreu; pregaram-nos a porta, como vedes; e desde ontem de manhã não vem ninguém trazer-nos de comer. Em tantas horas que aqui estamos, nunca me apareceu um cristão que me fizesse esta caridade: e estes pobres inocentes morrem de fome.

– De fome! – exclamou Renzo; e metendo as mãos nos bolsos: – Cá está, cá está – disse, tirando os dois pães. – Mande-me qualquer coisa cá abaixo onde eu os meta.

– Deus vos pague; esperai um momento – disse a mulher; e foi buscar um cesto e uma corda para o descer, como fez. A Renzo entretanto vieram-lhe à mente aqueles dois pães que achara junto da cruz, na sua outra entrada em Milão, e pensou: «Pronto; é uma restituição, e talvez melhor do que se eu os tivesse restituído ao seu dono, porque aqui é realmente uma obra de misericórdia.»

– Quanto ao comissário que dizeis, minha senhora – disse depois, ao colocar os pães no cesto –, não vos posso servir de nada; porque, para dizer a verdade, sou forasteiro e não conheço nada desta terra. Mas, se encontrar algum homem mais doméstico e humano com quem possa falar, dir-lho-ei.

A mulher pediu-lhe que assim fizesse, e disse-lhe o nome da rua, para que ele a soubesse indicar.

– Também vós – prosseguiu Renzo –, creio que podeis fazer-me um favor, uma verdadeira caridade, sem incómodo vosso. Uma casa de cavalheiros, de grandes senhores aqui de Milão, casa * * *, saberíeis indicar-me onde fica?

– Sei que há essa casa – respondeu a mulher –, mas onde é, realmente, não sei. Indo por aqui fora, encontrareis alguém que vos explique. E não vos esqueçais de lhe falar também de nós.

– Não duvideis – disse Renzo, e continuou a andar.

A cada passo, ouvia crescer e aproximar-se um ruído que já começara a ouvir enquanto estivera ali parado a falar: um ruído de rodas e de cavalos, com um retinir de sinetas, e de vez em quando um estalo de chicote, com o acompanhamento de gritos. Olhava em frente, mas não via nada. Chegado ao desembocar daquela rua, descobrindo à sua frente a praça de São Marcos, a primeira coisa que os seus olhos viram foi duas traves direitas, com uma corda, e com certas roldanas; e não tardou a reconhecer (que era coisa familiar naquele tempo): a abominável máquina da tortura. Estava erguida naquele lugar, e não só naquele apenas, mas em todas as praças e nas ruas mais espaçosas, para que os deputados de cada bairro, munidos para isto de todas as faculdades mais arbitrárias, pudessem fazer aplicar imediatamente a quem lhes parecesse merecedores de pena: ou sequestrados que saíssem de casa, ou subalternos que não fizessem o seu dever, ou qualquer outro. Era um daqueles remédios excessivos e ineficazes dos quais naquele tempo, e nestes momentos especialmente, se usava com abundância. Ora, enquanto Renzo olha para aquele instrumento, pensando por qual motivo poderá ter sido colocado naquele lugar, ouve aproximar-se cada vez mais o ruído, e vê surgir da esquina da igreja um homem que agitava uma sineta: era um aparecedor; e atrás dele dois cavalos que, alongando o pescoço e espetando as

patas, avançavam a custo; e arrastado pelos animais, uma carroça de mortos, e a seguir a essa, outra e depois outra e mais outra; de um lado e do outro, *monatos* às costelas dos cavalos, empurrando-os com chicotadas, com picadas, com pragas. Estavam aqueles cadáveres, a maior parte nus, outros mal envoltos em qualquer farapo, amontoados, encaixados uns nos outros, como um grupo de serpentes que lentamente se expandem à tepidez da primavera; que a cada tropeção, a cada solavanco, se viam aqueles funestos montões tremular e decompor-se horrivelmente, e balançar cabeças, e cabeleiras virginais desgrenharem-se, braços soltarem-se e baterem nas rodas, mostrando ao olho já horrorizado como um tal espetáculo podia ainda tornar-se mais doloroso e mais grotesco.

O jovem parou na esquina da praça, junto da grade do canal, e entretanto rezava por aqueles mortos desconhecidos. Um atroz pensamento acendeu-se na sua mente: «Talvez ali, lá no meio, lá no fundo... oh, Senhor! Fazei que não seja verdade! Não me deixeis pensar nisto!»

Passado o cortejo fúnebre, Renzo atravessou a praça, seguindo ao longo do canal à sua esquerda, sem outra razão da escolha senão que o cortejo tinha ido para outro lado. Dados estes quatro passos, entre o flanco da igreja e o canal, viu à direita a ponte Marcellino; seguiu por aí e chegou ao Borgo Nuovo. E olhando em frente, ainda na intenção de encontrar alguém que lhe indicasse o caminho, viu lá ao fundo um padre de gibão, com um pauzinho na mão, de pé junto de uma porta semicerrada, de cabeça inclinada e ouvido na fresta; e, pouco depois, viu-o levantar a mão e benzer. Conjeturou o que era de facto, ou seja, que acabava de confessar alguém; e disse para consigo: «Este é o homem que me serve. Se um padre, em função de padre, não tiver um pouco de caridade e amor e de bem fazer, temos então de dizer que já não há disso neste mundo.»

Entretanto o padre, afastando-se da porta, vinha na direção de Renzo, mantendo-se com grande cautela pelo meio da rua. Renzo, quando passou por ele, tirou o chapéu e fez-lhe sinal de que desejava falar-lhe, parando ao mesmo tempo, de maneira a dar-lhe a entender que já não se aproximaria mais. Aquele também parou, com ar de ficar a ouvir, mas cravando na terra o pauzinho à sua

frente, como que fazendo um baluarte. Renzo expos o seu pedido, que o padre satisfez, não só dizendo-lhe o nome da rua em que estava situada a casa, mas dando-lhe também, quando viu que o pobrezinho necessitava um pouco de itinerário; ou seja, indicando-lhe à força de dextas e de sinistras, de igrejas e de cruzes, aquelas outras seis ou oito ruas por onde tinha de passar para poder chegar.

– Deus vos mantenha são nestes tempos e sempre – disse Renzo; e quando aquele fazia menção de se ir embora, acrescentou: – Outra caridade – e contou-lhe da pobre mulher esquecida. O bom padre agradeceu-lhe por lhe ter dado a ocasião de fazer uma caridade tão necessária; e, dizendo que ia avisar quem de direito, seguiu em frente. Renzo também se moveu e, ao caminhar, tentava fazer a si próprio uma explicação do itinerário, para não ter de voltar ao início e perguntar a cada esquina. Mas não podeis imaginar como lhe foi penosa essa operação, e não tanto pela dificuldade da coisa em si, mas por uma nova perturbação que lhe nascera no espírito. Aquele nome da rua, aquele troço do caminho muito o tinham abalado.

Era o indício que tinha desejado e pedido e sem o qual não podia passar; nem lhe fora dito mais nada donde pudesse extrair algum augúrio sinistro; mas o que quereis? Aquela ideia um pouco mais distinta de um termo próximo, donde sairia de uma grande incerteza, donde poderia ouvir dizer: «Está viva», ou ouvir dizer: «Está morta»; aquela ideia tinha-o impressionado tanto que, naquele momento, gostaria bem mais de se encontrar na ignorância de tudo, de estar no princípio da viagem de que tocava agora o fim. Mas conservou as suas forças, e disse para consigo mesmo: «Eh! Se começamos agora armado em criança, como irá acabar?» Assim, recuperado de qualquer maneira, seguiu o seu caminho, penetrando na cidade.

Que cidade! E como era agora, em comparação com o que fora um ano antes, devido à fome!

Renzo abatia-se precisamente ao passar por uma das partes mais deprimentes e mais desoladas: aquele cruzamento de ruas que se chamava o *Carrobio* da Porta Nova. (Havia, então, uma cruz no meio, e em frente dela, ao lado donde está agora São Francisco de Paula, uma velha igreja com o título de Santa Anástasia.) Tal

fora, ali na vizinhança, a fúria do contágio, e o fedor dos cadáveres ali deixados, que os poucos que restavam vivos foram obrigados a varrê-los: de modo que à tristeza que dava ao passante aquele aspeto de solidão e de abandono, acrescentava-se o horror e o nojo dos vestígios e dos restos da recente habitação. Renzo apressou o passo, ganhando coragem, pensando que a meta não devia ser ainda muito perto, e na esperança de que antes de chegar veria mudada, pelo menos em parte, a cena; e de facto, daí a pouco chegou a um lugar que se podia dizer até cidade de vivos; mas que cidade ainda e que vivos! Encerradas, por suspeita e por terror, todas as portas para a rua, salvo as que estivessem abertas de par em par, por estarem as casas desabitadas ou invadidas; outras pregadas e seladas, por ter nessas casas morrido ou adoecido gente de peste; outras marcadas com uma cruz feita a carvão, para dar a indicação aos *monatos* de que havia mortos para levar; tudo mais ao acaso do que outra coisa, conforme estivesse aqui e não ali qualquer comissário da Sanidade ou outro empregado que quisesse cumprir as ordens ou cometer uma infâmia. Por todo o lado, farrapos e, mais repelentes que os farrapos, fraldas apodrecidas, palha infeta ou lençóis atirados pelas janelas; às vezes corpos, ou de pessoas mortas de repente na rua e ali deixados até passar uma carroça que os levasse, ou caídos das próprias carroças, ou atirados também pelas janelas: de qualquer modo o insistir e perseverar do desastre tinha trazido selvajaria aos espíritos, esquecendo todos os cuidados piedosos, todo o respeito social! Cessado por completo todo o barulho das oficinas, todo o estrépito das carroças, todos os pregões dos vendedores, todo o falatório dos passantes, era bem raro que aquele silêncio de morte fosse quebrado por outro ruído além das carroças fúnebres, dos lamentos de pobres, dos queixumes de enfermos, dos berros de frenéticos, dos gritos dos *monatos*. Ao nascer do sol, ao meio-dia, ao anoitecer, um sino da Cathedral dava sinal de rezar certas orações estabelecidas pelo arcebispo: a esse toque respondiam os sinos das outras igrejas; e, então, teríeis visto pessoas a assomar às janelas, a rezar em coro; teríeis ouvido um bichanar de vozes e de gemidos, que soltava uma tristeza temperada todavia por qualquer conforto.

Mortos por aquela altura talvez dois terços dos cidadãos, e

fugidos ou doentes uma boa parte do resto, reduzido a quase nada a participação da gente de fora, dos poucos que andavam pelas ruas talvez não se encontrasse, num longo percurso, um único em quem não se visse algo de estranho, e que se tornava um indício de uma funesta mutação das coisas. Viam-se os homens mais qualificados, sem capa nem manto, naquela altura, parte essencialíssima do vestuário civil; sem batina os padres, e até religiosos de gibão; resumindo, era rejeitada toda a espécie de roupa-gem que pudesse esvoaçar tocando em qualquer coisa ou facilitar (o que se temia mais do que tudo o resto) a ação aos untadores. E, para além deste cuidado de andar o mais sucinto e restrito no vestir, mostrava-se toda a gente desmazelada e andrajosa; compridas barbas as dos que costumavam usá-las, crescidas as dos que antes costumavam barbear-se; também compridas e desgrenhadas as cabeleiras, não só por aquela negligência que nasce de um velho abatimento, como também por se terem tornado suspeitos os barbeiros, desde que fora preso e condenado como untador um deles chamado Giacomo Mora: nome que durante muito tempo conservou uma celebridade municipal, quando mereceria antes uma bem mais difusa e perene de piedade. A maior parte, numa mão, trazia um cacete, e alguns até uma pistola, como ameaçadora advertência a quem deles quisesse aproximar-se em excesso; na outra, pastilhas aromáticas ou bolas de metal ou de madeira ocas, tendo dentro esponjas ensopadas de vinagres medicinais; e lá iam de vez em quando metendo o nariz, ou então tinham-no continuamente junto de si. Alguns traziam preso ao pescoço um frasquinho contendo mercúrio vivo, persuadidos que aquele teria a virtude de absorver e reter todas as exalações pestilenciais; e tinham depois o cuidado de o renovar de tantos em tantos dias. Os fidalgos não só saíam sem o costumado séquito, mas viam-se, de cesta no braço, ir comprar as coisas necessárias à alimentação. Os amigos, quando dois deles se encontravam na rua, cumprimentavam-se de longe com acenos tácitos e apressados. Toda a gente ao caminhar tinha muito que fazer para evitar os nojentos e mortíferos tropeções de que o terreno era fértil e, num ou noutro lugar, um verdadeiro estorvo: cada um tentava manter-se no meio da rua por temor de mais porcaria, ou de outro fardo mais funesto que pudesse cair das janelas; por

temor dos pós venenosos que se dizia terem sido lançados daquelas sobre os transeuntes; por temor das muralhas que podiam estar untadas. Assim, a ignorância, corajosa e precavida às avessas, agora, acrescentava angústias às angústias, e dava falsos terrores, em compensação dos razoáveis e saltares que ao princípio tirara.

Isto era o que de menos disforme e de menos lastimoso se podia ver em volta: os sãos, os abastados; que após tantas imagens de miséria, e pensando naquela ainda mais grave, por meio da qual teremos de conduzir o leitor, não nos deteremos agora a dizer qual o espetáculo dos empestados que se arrastavam ou que jaziam pelas ruas, dos pobres, das crianças, das mulheres. Era tal que o espectador poderia encontrar quase um desesperado conforto naquilo que aos longínquos e aos vindouros faz mais forte e dolorosa impressão; no pensar, quero dizer, no ver até que ponto aqueles viventes estavam reduzidos a tão pouco.

No meio desta desolação, Renzo já tinha feito uma boa parte do seu caminho, quando, à distância ainda de muitos passos de uma rua em que devia virar, ouviu que dela lhe vinha um barulho variado, no qual se fazia distinguir aquele horrível tinir do costume.

Chegado à esquina da rua, que era uma das mais largas, viu quatro carroças paradas no meio; e, como num mercado de cereais se vê um vaivém de gente, um carregar e um despejar de sacos, tal era o movimento naquele lugar: *monatos* que entravam nas casas, *monatos* que saíam com um peso às costas, e o atiravam para uma ou outra das carroças: alguns com a farda vermelha, outros sem aquele distintivo, muitos com um ainda mais odioso, flocos e penachos de várias cores que aqueles desgraçados traziam como sinal de alegria, no meio de tanto luto público. Ora de uma, ora de outra janela, vinha uma voz lúgubre: «Aqui, *monatos!*» E com um som ainda mais sinistro, daquele triste bulício saía algum vozeirão que dizia: «Já vai!» Ou então, eram inquilinos que resmungavam, e os mandava despacharem-se depressa: aos quais os *monatos* respondiam com pragas e blasfêmias.

Ao entrar naquela rua, Renzo estugou o passo, tentando não olhar para aqueles estorvos, apenas o rigorosamente necessário para os evitar; mas eis que o seu olhar se cruzou com um objeto

singular de piedade, de uma piedade que dava à alma a vontade de o contemplar; de modo que parou, quase sem querer.

Vinha da soleira de uma daquelas portas, e dirigia-se para o cortejo, uma mulher cujo aspeto anunciava uma juventude adiantada, mas ainda não passada; e dela transparecia uma beleza velada e ofuscada, mas de modo nenhum estragada, de uma grande paixão, e de um langor mortal: aquela beleza mole e ao mesmo tempo majestosa, que brilha no sangue lombardo. O seu andar era cansado, mas não trôpego; os olhos não deitavam lágrimas, mas davam sinal de terem derramado muitas; havia naquela dor algo de pacato e de profundo, que testemunhava uma alma bem consciente e presente a senti-la. Mas não era só o seu aspeto que, entre tantas misérias, a apontava tão particularmente à piedade e reavivava por ela aquele sentimento já exausto e amortecido nos corações. Ela trazia ao colo uma menina que aparentava cerca de nove anos, morta; mas toda bem composta, com os cabelos separados sobre a testa, com um vestido branquíssimo, como se aquelas mãos a tivessem enfeitado para uma festa prometida há muito

tempo, e dada por prêmio. Não a segurava em posição jacente, mas levantada, sentada sobre o seu braço, com o peito apoiado ao seu, como se estivesse viva; só uma mãozinha branca que parecia de cera balançava para um lado, com uma certa gravidade inanimada, e a cabeça pousava no úmero da mãe com um abandono mais forte do que o sono: da mãe, que, se a semelhança dos rostos disso não desse fé, di-lo-ia claramente aquele, das duas, que ainda exprimia um sentimento.

Um torpe *monato* ia tirar-lhe a menina dos braços, no entanto, com uma espécie de insólito respeito, com uma hesitação involuntária. Mas ela, dando um passo atrás, sem contudo mostrar indignação nem desprezo, disse:

– Não! Não lhe toqueis por agora: quero ser eu a pô-la naquela carroça: tomai.

Assim dizendo, abriu uma mão, mostrou uma bolsa e deixou-a cair dentro da que o *monato* lhe estendeu. Depois prosseguiu:

– Prometei-me que não lhe tirareis nem um fio, e que não deixareis que outros se atrevam a fazê-lo, e que a poreis debaixo da terra assim.

O *monato* levou uma mão ao peito; e depois, todo pressuroso, e quase obsequioso, mais pelo novo sentimento por que ficara como que subjogado, do que pela inesperada recompensa, azafamando-se a arranjar algum espaço na carroça para a pequena morta. A mãe, dando a esta um beijo na fronte, depô-la como numa caminha, acomodou-a, estendeu-lhe por cima um pano branco, e disse as últimas palavras: – Adeus, Cecília! Repousa em paz! Esta noite iremos nós também, para ficarmos sempre juntos. Entretanto, reza por nós, que eu rezarei por ti e pelos outros.

Depois, voltando-se de novo para o *monato*, disse: – E vós, ao passardes por aqui ao anoitecer, subireis para me levar também a mim, e não vou eu sozinha.

Dito isto, regressou a casa e, um momento depois, assomou à janela, tendo ao colo outra menina mais pequenina, viva, mas com as marcas da morte no rosto. Ficou a contemplar as indignas exéquias da primeira, até que a carroça se moveu, e enquanto a pôde ver; depois, desapareceu. E que mais pôde fazer, senão pousar na cama a única que lhe restava, e pôr-se a seu lado para morrerem

juntas? Como a flor já viçosa sobre o seu caule tomba juntamente com a florinha ainda em botão, ao passar da foice que iguala todas as ervas do Prado.

– Ó Senhor! – exclamou Renzo. – Atendei-a! Chamai-a para junto de Vós, a ela e à sua criaturinha: já sofreram bastante! Já sofreram bastante!

Recuperado daquela comoção extraordinária, e enquanto procura trazer à cabeça o itinerário para ver se na primeira rua tem de virar, e se à dextra ou à sinistra, ouve provir também desta outro estrépito diferente, um som confuso de gritos imperiosos, de fracos queixumes, um chorar de mulheres, um gemer de crianças.

Seguiu em frente, tendo no coração aquela habitual, triste e obscura expectativa. Chegado ao cruzamento, viu de um lado uma multidão confusa que avançava, e ali se deteve, para a deixar passar. Tratava-se de doentes que eram levados para o lazareto; alguns, arrastados à força, resistiam em vão, em vão gritavam que queriam morrer nas suas camas, e respondiam com inúteis imprecações às blasfêmias e às ordens dos *monatos* que os conduziam; outros caminhavam em silêncio, sem mostrar dor nem nenhum outro sentimento, como que insensíveis; mulheres com crianças ao colo; meninos assustados pelos gritos, por aquelas ordens, por aquela companhia, mais do que pela ideia confusa da morte, e que em altos berros imploravam a mãe e os seus braços de confiança, e as suas casas. Ai! e talvez a mãe, que julgavam ter deixado adormecida na sua cama, para ali se tivesse atirado, surpreendida de repente pela peste; e ali estava sem sentimento, para ser levada numa carroça para o lazareto ou para a fossa, se a carroça chegasse tarde. Talvez, oh desgraça digna de lágrimas ainda mais amargas! A mãe, toda ocupada com os seus sofrimentos, tivesse esquecido tudo, até os filhos, e não tivesse senão um pensamento: morrer em paz. No meio de tanta confusão, ainda se via também um ou outro exemplo de firmeza e de piedade: pais, mães, irmãos, filhos, consortes, que amparavam os seus entes queridos, e os acompanhavam com palavras de conforto: e nem só adultos, mas também rapazitos, também donzelinhas que guiavam os irmãozinhos de mais tenra idade, e com juízo e com compaixão de gente crescida, re-

comendavam-lhes que fossem obedientes, garantiam-lhes que iam para um lugar onde havia quem iria tratar deles até se curarem.

No meio da melancolia e da ternura de tais visões, uma coisa tocava mais ao vivo e punha em agitação o nosso viajante. A casa devia ser ali perto, e quem sabe se entre aquela gente... Mas tendo passado toda a comitiva, e cessado aquela dúvida, voltou-se para um *monato* que vinha mais atrás e perguntou-lhe pela rua e pela casa de Dom Ferrante. – Vai para o raio, labrego! – foi a resposta que obteve. Renzo nem pensou em lhe dar o que ele merecia; mas vendo a dois passos um comissário que vinha na cauda do cortejo, e tinha um rosto mais de gente boa, fez-lhe a mesma pergunta. Este, acenando com uma bengala para o lado donde vinha, disse: – A primeira rua à direita, a última casa à esquerda.

Com uma nova e mais forte ansiedade no coração, o jovem dirige-se nesse sentido. Entra na rua; distingue imediatamente a casa no meio das outras, mais baixas e mesquinhas; aproxima-se do portão que está fechado, põe a mão na aldraba, e deixa-a suspensa, como numa urna, antes de puxar para cima a apólice onde estivesse escrita a sua vida, ou a sua morte. Finalmente, levanta a aldraba da porta, e dá uma pancada resoluta.

Passados uns momentos, abre-se um pouco a janela; aparece uma mulher a espreitar quem era, com uma cara sombria que mais parece questionar: *monatos?* vagabundos? comissários? ungidores? diabos?

– Minha senhora – disse Renzo olhando para cima, e com uma voz não muito segura: – Está aqui a servir uma jovem do campo, que dá pelo nome de Lucia?

– Já cá não está; ide-vos daqui – disse a mulher, fazendo menção de fechar a janela.

– Um momento, por caridade! Ela já não está cá? Aonde foi?

– Para o lazareto – e novamente quis fechar.

– Mas é só um momento, por amor de Deus! Com a peste?

– Pois. Coisa nova, eh? Ide-vos daqui!

– Oh, pobre de mim! Esperai: estava muito doente? Há quanto tempo foi?...

Mas entretanto a janela fechou-se mesmo.

– Minha senhora! Minha senhora! Uma palavrinha, por cari-

dade! Pelos seus pobres mortos! Não lhe peço nada quer seja seu, ei! – Mas era como falar com a parede.

Aflito com a notícia, e furibundo com as maneiras, Renzo agarrou outra vez na aldraba, e, assim encostado à porta, apertava-a e torcia-a, levantando-a para bater de novo desesperadamente, e depois deixava-a suspensa. Naquela agitação, voltou-se para ver se por acaso havia ali em redor algum vizinho, que lhe pudesse dar qualquer informação mais precisa, qualquer indício, quaisquer luzes. Mas a primeira, a única pessoa que viu, foi outra mulher, à distância talvez de vinte passos; esta, com uma cara que exprimia terror, ódio, impaciência e maldade, com uns olhos arregalados que pretendiam olhar ao mesmo tempo para ele e para longe, escancarando a boca como que no gesto de gritar o mais que podia, mas contendo até a respiração, levantando dois braços descarnados, estendendo e retirando duas mãos engelhadas e dobradas ao modo de garras, como se procurasse agarrar alguma coisa, via-se que só queria chamar gente, de maneira que alguém não percebesse. Quando se encontraram os seus olhares, ela, tornando-se ainda mais feia, estremeceu como que apanhada em flagrante.

– Que raio!... – começou a dizer Renzo, levantando também as mãos para a mulher; mas esta, perdendo a esperança de poder caçá-lo de surpresa, deixou escapar o grito que mantivera retido até então: – O untador! Agarra! Agarra! Agarra que é o untador!

– Quem? Eu? Ah, bruxa mentirosa! Cala-te! – gritou Renzo; e deu um salto para ela, com a intenção de a amedrontar e fazê-la estar calada. Mas logo se apercebeu que precisava antes de tratar da sua vida. Aos gritos da velha, acorria gente de todos os lados; não a multidão que, num caso daqueles, surgiria três meses antes; contudo, mais do que os bastantes para poderem fazer de um homem sozinho tudo o que muito bem quisessem. Ao mesmo tempo, abriu-se de novo a janela e aquela mesma mulher grosseira desta vez assomou, e gritava também: – Agarrem-no, agarrem-no; que deve ser um daqueles malfeitores que anda por aí a untar as portas das pessoas de bem.

Renzo não ficou ali a perder tempo: achou logo que o melhor seria livrar-se deles, em vez de ficar ali a dar explicações: olhou para a direita e para a esquerda, vendo qual o lado que tinha

menos gente, e por aí se esgueirou. Afastou com um encontrão um que lhe barrava o caminho; com um grande murro no peito fez recuar, oito ou dez passos, outro, que corria direito a ele; e aí vai a galope, de punho no ar, cerrado, em nó, pronto para qualquer outro que se metesse à sua frente. A rua diante de si continuava livre; mas atrás das costas ouvia o tropel da corrida, e, mais do que o tropel, aqueles gritos amargos: – Agarra! Agarra, que é o untador! – Não sabia quando iriam parar; não via onde poderia pôr-se a salvo. A ira tornou-se raiva, a angústia transformou-se em desespero; e, perdendo a luz dos olhos, levou a mão à navalha, desembainhou-a, parou de repente e virou-se para trás fazendo a cara mais turva e mais canina que alguma vez tinha feito em toda a sua vida; e de braço estendido, brandindo no ar a lâmina reluzente, gritou: – Quem tiver coragem que avance, canalha, que eu é que o unto a sério com isto.

Mas, com surpresa e com um sentimento confuso de consolação, viu que os seus perseguidores já tinham parado, e ali estavam como que vacilantes, e que, continuando a berrar, faziam com as mãos no ar certos gestos de possessos que pareciam dirigidos a gente que viesse de longe atrás dele. Voltou-se de novo, e viu (que a sua perturbação não o deixara ver um momento antes) uma carroça que avançava, aliás uma fila daquelas habituais carroças fúnebres, com o acompanhamento do costume; e atrás, a uma certa distância, outro grupo de gente que pretendia também agarrar o untador, e apanhá-lo no meio; mas estava retida pelo mesmo impe-

dimento. Vendo-se assim entre dois fogos, veio-lhe à cabeça que aquilo que era motivo de terror para eles, para si poderia ser de salvação; pensou que não era altura de se armar em esquisito; tornou a pôr a navalha na bainha, chegou-se para um lado, correu na direção das carroças, passou a primeira, e viu de relance na segunda um bom espaço vazio. Prepara-se, dá um salto; e ei-lo lá em cima, assente sobre o pé direito, com o esquerdo no ar, e de braços levantados.

– Bravo! Bravo! – exclamaram a uma voz os *monatos*, dos quais uns seguiam o cortejo a pé, outros iam sentados nas carroças, enquanto outros, para contar o horrível tal como era, se sentavam sobre os cadáveres e bebiam de uma grande garrafas que corria de mão em mão. – Bravo! Bonito salto!

– Vieste pôr-te sob a proteção dos *monatos*; faz de conta que estás na igreja – disse-lhe um dos dois que estavam na carroça para onde ele tinha subido.

Os inimigos, ao aproximar-se o cortejo, na sua maioria voltaram-lhe as costas e iam-se embora, não deixando de gritar: – Agarra! Agarra, que é o untador! – Um ou outro retirava-se mais devagar, parando de quando em quando, e dirigindo-se a Renzo insultos e gestos de ameaça; o qual, dentro da carroça, lhes respondia agitando os punhos no ar.

– Deixa isso comigo – disse-lhe um dos *monatos*; e arrancando de cima de um cadáver um trapo nojento, deu-lhe um rápido nó e, segurando-o por uma das pontas, como se fosse uma funda, levantou-o na direção daqueles obstinados, e fez menção de o atirar, gritando: – Espera, canalha! – Àquele gesto, fugiram todos horrorizados: e Renzo já não viu senão as costas dos inimigos, e calcanhares que bailavam rapidamente no ar ao modo de batedeira.

Entre os *monatos* ergueu-se um brado de triunfo, uma gargalhada tempestuosa, um «uhhhh!» prolongado. Como que a acompanhar aquela fuga.

– Ah, ah!... Vede se nós não sabemos proteger a gente de bem!... – disse a Renzo aquele *monato*. – Vale mais um de nós que cem daqueles poltrões.

– Sem dúvida, posso dizer que vos devo a vida – respondeu Renzo. – E agradeço-vos de todo o coração.

– De quê? – disse o *monato*. – Tu merece-lo: vê-se que és um bom rapaz. Fazes bem em ungir esta canalha: unta-os, extermina essa corja, que não vale nada, salvo quando morrem; que, como recompensa da vida que levamos, nos amaldiçoam, e andam a dizer que, ao acabar a morrinha, nos querem enforcar a todos. Hão de acabar eles primeiro que a morrinha; e os *monatos* hão de ficar sózinhos, a cantar vitória, e a divertir-se por Milão.

– Viva a peste, e morra a ralé! – exclamou o outro; e com este belo brinde, levou o garrafão à boca e, segurando-a com ambas as mãos, por entre os solavancos da carroça, bebeu um bom, e depois ofereceu-a a Renzo, dizendo: – Bebe à nossa saúde.

– É o que vos desejo a todos, do fundo do coração – disse Renzo –, mas não tenho sede; não me apetece mesmo beber nada, neste momento.

– Apanhaste um belo susto, ao que parece – disse o *monato*. – Tu tens-me uma cara de pobre coitado; a tua não é de maneira nenhuma cara de untador.

– Cada um arranja-se conforme pode – disse o outro *monato*.

– Dá-mo cá a mim – disse um dos que vinham a pé ao lado da carroça –, que eu também quero beber mais um gole à saúde do patrão dele, que se encontra aqui nesta bela companhia... ali, ali, exatamente, parece-me, naquela bela carruagem.

E com uma atroz e maldito esgar escarninho apontou para a carroça à frente daquela em que estava o desgraçado Renzo. Depois, compondo a fisionomia numa expressão de seriedade ainda mais pérfida e perversa, fez um vénia naquela direção e continuou: – Dá licença, meu amo, que um pobre *monato* prove do vinho da sua adega? Bem vê: passa-se aqui uma vida... Fomos nós que o pusemos no carro para o levar em vilegiatura. E depois, a suas senhorias, o vinho faz logo mal; mas os pobres *monatos* têm bom estômago.

E no meio das risadas dos companheiros, pegou no garrafão e levantou-o; mas antes de beber, virou-se para Renzo, fixou-lhe os olhos na cara e disse-lhe com um certo ar de compaixão mista de desprezo: – O diabo, com quem fizeste o pacto, deve ser muito no-vinho; porque se não estivéssemos nós ali para te salvar, ele dava-

-te uma bela ajuda. – E com uma nova gargalhada, colou o garrafão aos lábios.

– E nós, eh? Então e nós? – gritaram várias vozes da carroça da frente. O patife, depois de saciado quanto quis, segurando-a com as duas mãos, estendeu o garrafão àqueles outros seus semelhantes, os quais a passaram de um para outro, até um deles que, esvaziando-o, o agarrou pelo gargalo, fazendo-o rodar como um moinho, o arremessou para se espatifar no lajedo da rua, e gritou: – Viva a morrinha! – Depois destas palavras, entoou uma obscena cantiga deles; e logo à sua voz vieram juntar-se todas as outras deste torpe coro. A cantilena infernal, misturada com o tinir das sinetas, o chiar das carroças, o tropel dos cavalos, ressoava no vácuo silencioso das ruas, e, ribombando nas casas, confrangia amargamente o coração dos poucos que ainda as habitavam.

Mas o que há que não possa às vezes fazer arranjo, que não possa dar prazer em certos casos? O perigo de um momento antes tinha tornado mais que tolerável a Renzo a companhia destes mortos e destes vivos; e agora foi aos seus ouvidos uma música, poderei dizer agradável, aquela que o tirava do embaraço de uma tal conversação. Ainda meio aflito e todo transtornado, no seu coração agradecia, entretanto, o melhor que podia, à Providência, o haver saído de uma tal contingência, sem receber nem fazer nenhum mal, e agora implorava-lhe que o ajudasse agora a libertar-se dos seus libertadores; e pelo seu lado, estava alerta, olhava para eles, olhava para a rua, para captar a ocasião para se esgueirar sorrateiro pela carroça abaixo, sem lhes dar o ensejo de fazer qualquer ruído, qualquer cena, que despertasse nos transeuntes as más ideias de antes.

De repente, numa esquina, pareceu-lhe reconhecer o lugar: olhou com mais atenção, e teve a certeza. Sabeis onde estava? No curso da Porta Oriental, naquela rua por onde tinha ido devagariinho e vindo a grande pressa, cerca de vinte meses antes. Recordou-se logo que dali se ia direito ao lazareto; e este facto de se encontrar na rua certa, sem estudar, sem perguntar, tomou-o ele como um favor especial da Providência, e como bom augúrio do restante. Naquele ponto, veio ao encontro das carroças um comissário, gritando aos *monatos* para que parassem, e não sei que mais: o

facto é que o cortejo parou, e a música mudou para um diálogo barulhento. Um dos *monatos* que seguiam na carroça de Renzo saltou para baixo. Renzo disse ao outro: – Agradeço-vos pela vossa caridade: que Deus vos pague. – E salta para o chão, pelo outro lado.

– Vai lá, vai, pobre untadorzito – respondeu aquele. – Não hás de ser tu o que arrasa Milão.

Por sorte, não havia ali ninguém que pudesse ouvi-lo. O cortejo parara à esquerda do corso. Renzo enfia-se rapidamente pelo outro lado e, seguindo rasante ao muro, corre em frente para a ponte; atravessa-a, continua pela rua do subúrbio, reconhece o convento dos Capuchinhos, está ao pé da porta, vê aparecer a esquina do lazareto, passa a cancela, desdobra-se diante dele o cenário exterior daquele recinto: um indício apenas e uma pequena amostra, e, no entanto, é já um vasto palco, diverso e indescritível.

Ao longo dos dois lados que se apresentam a quem olhe daquele ponto, era todo um fervilhar de gente: eram doentes que iam aos magotes para o lazareto; eram outros que estavam sentados à beira do fosso que o ladeia, quer porque as forças não lhes bastavam para se conduzirem até dentro do internamento, quer porque, de lá saídos por desespero, lhes tivessem igualmente faltado as forças para irem mais adiante. Outros infelizes vagueavam dispersos, como estúpidos, e não poucos realmente fora de si; um estava todo fervoroso a contar as suas imaginações a um desgraçado que jazia oprimido pelo mal; outro entrava em fúria; outro que olhava para cá e para lá com uma carinha toda sorridente como se assistisse a um alegre espetáculo. Mas a espécie mais estranha e mais ruidosa de uma tão triste alegria, era um cantar alto e contínuo, que parecia não provir daquela miserável multidão, e que, no entanto, se fazia ouvir mais do que todas as outras vozes: uma canção camponesa de amor alegre e jocoso, dessas a que chamam vilanelas; e com o olhar, acompanhando o som, para descobrir quem é que podia estar contente, naquele tempo, naquele lugar, via-se um desventurado que, sentado tranquilamente no fundo do fosso, cantava a mais não poder, com a cabeça ao ar.

Mal dera Renzo poucos passos ao longo do lado meridional do edifício, quando se ouviu entre aquela multidão um ruído extraor-

dinário, e, ao longe, vozes que gritavam: «Olha! Agarrem!» Levanta-se nas pontas dos pés e vê um estranho cavalo a galopar, impelido por ainda mais estranho cavaleiro: era um frenético que, tendo visto aquele animal à solta e não guardado, ao lado de uma carroça, se montara na garupa e, martelando-lhe o cachaço com os punhos e fazendo dos calcanhares esporas, o fazia correr em fúria; e os *monatos* atrás, gritando; tudo envolto numa nuvem de poeira, que se dispersava para longe.

Assim, já estonteado e farto de ver misérias, o jovem chegou à porta daquele lugar onde as havia juntas talvez em mais quantidade do que espalhadas por todo o espaço que já tivera de percorrer. Aproxima-se daquela porta, entra por baixo da abóbada e fica um momento imóvel a meio do pórtico.

CAPÍTULO XXXV

IMAGINE O LEITOR O RECINTO DO LAZARETO, POVOADO DE DEZASSEIS mil empestados; aquele espaço todo atravancado, aqui de cabanas, ali de barracas, aqui de carroças, além de gente; aquelas duas intermináveis filas de pórticos, à direita e à esquerda, cheias, apinhadas de moribundos ou de cadáveres confundidos, em cima de sacas ou de palha; e por cima de todo aquele quase imenso covil, um burburinho como um marulhar de ondas, e aqui e ali, um vaivém, um parar, um correr, um deitar, um levantar de convalescentes, de frenéticos, de serventes. Tal foi o espetáculo que encheu de repente a vista de Renzo e o reteve ali, submetido e angustiado. Este espetáculo, certamente não nos propomos descrevê-lo em pormenor, nem o leitor o deseja; somente, seguindo o nosso jovem no seu penoso circuito, iremos deter-nos nas suas paragens, e de tudo o que lhe coube ver diremos o que for necessário para contar o que ele fez, e o que se lhe seguiu.

Da porta onde tinha parado até à capela do meio, e dali até à outra porta em frente, havia uma espécie de alameda livre de cabanas e de qualquer outro impedimento estável; e à segunda vista, Renzo viu nela um movimento de carroças, um carregar de coisas

dali para fora, com o fim de arranjar lugar; viu capuchinhos e seculares que dirigiam aquela operação, e ao mesmo tempo mandavam embora quem não tivesse que fazer. E temendo ser também posto fora daquela maneira, meteu-se logo por entre as cabanas do lado para que estava casualmente voltado, para a direita.

La avançando, conforme via espaço para poder pôr o pé, de cabana em cabana, espreitando em cada uma, e observando as camas que estavam cá fora a descoberto, examinando rostos abatidos pelo sofrimento, ou contraídos pelo espasmo, ou imóveis na morte, a ver se lhe sucedia encontrar aquele que temia porém encontrar. Mas fizera já um bom bocado do caminho, e repetido mais e mais vezes aquele doloroso exame, sem nunca ver nenhuma mulher: daí ter imaginado que deviam estar num lugar separado. E adivinhava; mas onde seria, não tinha ele nenhum indício, nem podia perguntá-lo. Cruzava-se de vez em quando com serventes, tão diferentes de aspeto e de maneiras e de hábito, quanto diferente e oposto era o princípio que dava a uns e a outros igual força de viver em tais serviços: nuns a extinção de todo o sentido de piedade, nos outros uma piedade sobre-humana. Mas nem a uns nem a outros tinha coragem de fazer perguntas, para não arranjar alguma vez qualquer tropeção; e deliberou andar, andar, até chegar a encontrar mulheres. E ao andar não deixava de espiar à sua volta; mas de quando em quando via-se obrigado a retirar os olhos contristado e como que encandeado por tantas chagas. Mas para onde dirigi-los, onde repousá-los, senão sobre outras chagas?

O próprio ar e o céu cresciam, se alguma coisa conseguia crescê-lo, o horror daquelas visões. A névoa, pouco a pouco, tinha-se adensado e acumulado em grandes nuvens que, ficando cada vez mais escuras davam a ideia de um anoitecer tempestuoso; contudo, pelo meio daquele céu escuro e baixo, transparecia, como que através de um espesso véu, a esfera do sol, pálida, que espalhava à sua volta uma luzinha fraca e esfumada, e chovia um calor morto e pesado. De vez em quando, no meio do ruído contínuo daquela confusa multidão, ouvia-se um roncar de trovões, profundo, como que entrecortado e resoluto; e nem apurando o ouvido se conseguia distinguir de que lado provinha; até se poderia julgá-lo um correr longínquo de carros que parassem repenti-

namente. Não se via, nos campos em volta, mexer-se um ramo de árvore, nem uma ave ia ali pousar, ou afastar-se: só a andorinha, aparecendo subitamente de cima do telhado do recinto deslizava para baixo com as asas estendidas, como que a roçar o terreno do campo; mas assustada com aquele bulício, voltava para cima rapidamente, e fugia. Era um daqueles tempos em que entre um grupo de viajantes não há ninguém que quebre o silêncio, e o caçador caminha pensativo de olhos no chão; e a aldeã, cavando no campo, para de cantar sem dar por isso; desses tempos que anunciam o temporal, em que a natureza, como que imóvel exteriormente, e agitada por um trabalho interior, parece que oprime todos os seres vivos, e acrescenta não sei que gravidade a todas as operações, ao ócio, à própria existência. Mas naquele lugar, destinado em si ao sofrer e ao morrer, via-se o homem, já a braços com o mal, succumbir à nova opressão; viam-se centenas e centenas piorar precipitadamente; e ao mesmo tempo, a última luta era a mais angustiada, e no aumento das dores eram os gemidos mais sufocados: talvez naquele lugar de misérias ainda não tivesse passado uma hora tão cruel como esta.

Já tinha o moço corrido um bom pedaço, e sem fruto, por aquele labirinto de cabanas, quando, na variedade dos lamentos e na confusão do murmúrio, começou a distinguir um misto singular de vagidos e de balidos; até que chegou a um tabique fendido e desconjuntado, de dentro do qual provinha aquele som extraordinário. Espreitou por um largo buraco, entre duas tábuas, e viu um recinto tendo lá dentro cabanas espalhadas, e, tanto nestas como no pequeno campo, não a habitual enfermaria, mas meninos pequenos jazendo em pequenos colchões, ou travesseiros, ou lençóis esticados, ou colchas; e amas e outras mulheres em serviço; e o que mais do que tudo atraía e detinha o olhar, cabras misturadas com elas, e feitas suas ajudantes: um hospital de inocentes, que só o lugar e o tempo poderiam dar. Era, como digo, uma coisa singular de ver alguns destes bichos, direitos e quietos por cima de uma ou outra criança, dar-lhe a teta; e alguma outra acorrer a um vagido, como se tivesse sentido materno, e deter-se junto de um pequeno filho adotivo, e procurar acomodar-se sobre ele, e balir e agitar-se, quase como se chamasse alguém que viesse em auxílio de ambos.

Aqui e ali estavam sentadas amas de leite com crianças ao peito; algumas em tal expressão de amor que faria nascer a quem visse a dúvida se teriam sido atraídas para aquele lugar pela paga, ou por aquela caridade espontânea que anda em busca das dores e das necessidades. Uma delas, muito aflita, retirava do seu peito exausto um pobrezinho choroso, e procurava tristemente o animal que pudesse fazer as suas vezes. Outra fitava com olho complacente o que se lhe tinha adormecido no seio, e beijando-o ternamente, foi a uma cabana pousá-lo num colchão pequenino. Mas uma terceira, abandonando o seu seio ao latente estranho, com um certo ar não de displicência, mas de preocupação, olhava fixamente o céu: em que pensava ela, naquele ato, com aquele olhar, senão num nascido das suas vísceras que, talvez pouco antes, tinha sugado aquele peito, ou talvez expirado sobre ele? Outras mulheres mais idosas atendiam a outros serviços. Uma acudia aos gritos de uma criança faminta, pegava-lhe ao colo e levava-a para junto de uma cabra que pastava um monte de erva fresca e apresentava-lha às tetas, ralhando ao inexperiente animal e ao mesmo tempo acariciando-o, para que se prestasse docemente ao ofício. Esta corria a levantar um pobrezinho que uma cabra ocupada a aleitar outra criança, pisava com uma pata: aquela andava de cá para lá com o

seu menino, embalando-o, tentando ora adormecê-lo com o canto, ora aquietá-lo com doces palavras, chamando-o por um nome que ela mesma lhe pusera. Chegou nessa altura um capuchinho com a barba branquíssima, trazendo duas crianças que berravam, uma em cada braço, recolhidas então de junto das mães que haviam expirado; e veio uma mulher recebê-las a correr e olhava ora para a brigada, ora para o rebanho, para achar depressa quem lhes fizesse as vezes de mãe.

Mais de uma vez o jovem, impellido pelo que era a primeira e a mais forte das suas preocupações, se afastara do buraco para se ir embora; e depois tornava a aplicar o olho, para espreitar ainda mais um momento.

Finalmente saído dali, foi contornando o tabique, até que um montão de cabanas encostadas àquele o obrigou a voltar. Foi então, ao longo das cabanas, tendo em vista tornar ao tabique e ir até ao fim daquele, e descobrir novas coisas. Ora, enquanto olhava em frente para estudar o caminho, uma aparição repentina, passageira, instantânea, feriu-lhe o olhar e deixou-lhe o espírito transornado. A uns cem passos de distância, viu passar e perder-se logo no meio das barracas um capuchinho, um capuchinho que, mesmo assim de longe e de fuga, tinha todo o andar, todos os modos, toda a forma do padre Cristoforo. Com a ânsia que podeis imaginar, correu para aquele lado; e ali, a girar, a procurar, para a frente, para trás, para dentro e para fora, por aqueles labirintos acabou por ver com igual alegria aquela forma, aquele mesmo frade; viu-o a curta distância, que, afastando-se de uma caldeira, ia com uma tigela na mão a caminho de uma cabana; depois, viu-o sentar-se à sua porta, fazer um sinal da cruz por cima da tigela que tinha à frente; e olhando à volta, como alguém que está sempre alerta, pôr-se a comer. Era mesmo o padre Cristoforo.

A história dele, a partir do ponto em que o perdemos de vista até este encontro, contar-se-á em duas palavras. Nunca saíra de Rimini, nem pensara sequer em sair, senão quando a peste que eclodiu em Milão lhe ofereceu ocasião do que tinha sempre desejado muito, dar a sua vida pelo próximo. Suplicou, com grande insistência, ser chamado para assistir e servir os empestados. O conde tio morrera; e de resto havia mais necessidade de enfermei-

ros do que de políticos: pelo que lhe foi concedido sem dificuldade. Veio logo para Milão; entrou no lazareto; e ali estava há cerca de três meses.

Mas o consolo de Renzo em reencontrar o seu bom frade não foi completo nem sequer um momento: no próprio ato de se certificar se era ele, teve de ver quanto estava mudado. O porte curvado e penoso; o rosto descarnado e mortiço; e em tudo se via uma natureza exausta, uma carne alquebrada e decadente, que se ajudava e se mantinha de pé, em cada momento, com um esforço da alma.

Ele também ia fixando o olhar no jovem que vinha na sua direção e que, com o gesto, não se atrevendo com a voz, tentava fazer-se distinguir e reconhecer:

– Oh, padre Cristoforo! – disse depois, quando chegou perto dele o suficiente para não ter de levantar a voz.

– Tu aqui! – disse o frade, pousando no chão a tigela e levantando-se do assento.

– Como estais, padre? Como estais?

– Melhor do que muitos pobrezinhos que tu vês aqui – respondeu o frade; e a sua voz era rouca, sombria e mudada como tudo o resto. Só os olhos eram os mesmos de antes, e com qualquer coisa que os fazia mais vivos e mais esplêndidos; quase como se a caridade, sublimada no extremo da obra, e exultante por se sentir próxima do seu princípio, neles pusesse novamente uma chama mais ardente e mais pura do que aquela que a doença a pouco e pouco ia extinguindo.

– Mas tu – prosseguiu – como é que estás aqui? Porque vens assim enfrentar a peste?

– Já a tive, graças a Deus. Venho... à procura... de Lucia.

– Lucia? Está aqui, Lucia?

– Está aqui: pelo menos espero em Deus que ainda cá esteja.

– É tua mulher?

– Oh, caro padre! Não, não é minha mulher. Não sabe nada do que aconteceu?

– Não, meu filho: desde que Deus me afastou de vós, nunca mais soube nada; mas agora que Ele te mandou até mim, digo a verdade que desejo muito saber. Mas... e o edital?

- Então já sabe as coisas que me fizeram?
- Mas tu, o que fizeste tu?
- Oiça: se eu quisesse dizer que tive juízo naquele dia em Milão, estaria a mentir; que más ações nunca as fiz eu, ponto assente.
- Acredito em ti, e já acreditava antes.
- Agora, portanto, posso contar-lhe tudo.
- Espera – disse o frade; e dando alguns passos fora da cabana chamou: – Padre Vittore! – Passados uns momentos, apareceu um jovem capuchinho, ao qual disse: – Fazei-me o favor, padre Vittore, de cuidar também por mim estes nossos pobrezinhos, enquanto eu estiver retirado; mas se alguém me quiser, chamai-me. Principalmente aquele tal! Se por acaso der o menor sinal de voltar a si, avisai-me logo, por favor.
- Ficai descansado – respondeu o jovem; e o ancião, virando-se para Renzo: – Entremos aqui – disse-lhe. – Mas ... – acrescentou logo, detendo-se – estás com um ar exausto: deves ter necessidade de comer.
- É verdade – disse Renzo. – Agora que me faz pensar nisso, lembrei-me que ainda estou em jejum.
- Espera – disse o frade; e pegando noutra tigela, foi enchê-la ao caldeirão: ao voltar, deu-a, juntamente com uma colher, a Renzo; fê-lo sentar-se, então, num enxergão que lhe servia de

cama; depois, foi até um barril que estava a um canto e tirou um copo de vinho, que pôs numa mesa diante do seu convidado; a seguir, pegou na sua tigela e foi sentar-se ao lado dele.

– Oh, padre Cristoforo! – disse Renzo. – Continua a fazer coisas destas? Ah, sim, o padre é sempre o mesmo. Agradeço-lhe mesmo do coração.

– Não me agradeças a mim – disse o frade. – É dos pobres; mas tu também és um pobre, neste momento. Agora diz-me o que não sei, conta-me da nossa pobrezinha; e vê se te despachas; que há pouco tempo e muito que fazer, como vês.

Renzo começou, entre uma colherada e a outra, a história de Lucia: como tinha sido internada no mosteiro de Monza, como foi raptada... À imagem de tais sofrimentos e de tais perigos, ao pensamento de ter sido ele quem mandara para aquele lugar a pobre inocente, o bom frade ficou sem fôlego; mas recuperou-o logo, ao ouvir como tinha sido admiravelmente libertada, entregue à mãe e colocada por esta em casa de Dona Praxedes.

– Agora vou falar de mim – continuou Renzo; e contou sucintamente a jornada de Milão, a fuga; e como tinha estado sempre fora de casa, e agora, tendo-a toda virada do avesso, se arriscara a ir lá; que não tinha encontrado Agnese; que em Milão soubera que Lucia estava no lazareto. – E aqui estou eu – concluiu. – Aqui estou eu à procura dela, a ver se ainda está viva, e se... ainda me quer... porque... às vezes...

– Mas afinal – perguntou o frade –, tens algum indício de onde a puseram quando veio para cá?

– Nada, caro padre; nada, senão que está aqui, se ainda estiver que Deus queira!

– Oh, pobrezinho! Mas que buscas fizeste até agora?!

– Andei de um lado para o outro; mas entre outras coisas, quase não vi senão homens. Até pensei que as mulheres devem estar num lugar à parte, mas nunca consegui lá chegar: sendo assim, agora o padre ensina-me.

– Não sabes, meu filho, que é proibido entrarem homens que não tenham qualquer incumbência?

– Pois bem, o que me pode acontecer?

– A regra é justa e santa, querido filho; e se a quantidade e a

gravidade dos acontecimentos não permite que se possa fazê-la observar com todo o rigor, isto é razão para que um homem de bem a transgrida?

– Padre Cristoforo! – disse Renzo –, mas Lucia devia já ser minha mulher; o padre sabe como fomos separados; há vinte meses que soffro, e tenho paciência; vim até aqui correndo o risco de muitas coisas, cada uma pior que a outra, e agora...

– Não sei que dizer – recomeçou o frade, respondendo mais às suas preocupações do que às palavras do jovem. – Tu vais com boas intenções e havia de gostar Deus que todos os que têm livre acesso àquele lugar, ali se comportassem como posso confiar que farás tu. Deus, o qual certamente abençoa esta tua perseverança de afetos, esta tua fidelidade em querer e em procurar àquela que Ele te deu; Deus, que é mais rigoroso do que os homens, mas também mais indulgente, não quererá insistir no que possa haver de irregular neste teu modo de a procurar. Lembra-te só que, da tua conduta neste lugar, teremos de prestar contas nós os dois; aos homens é fácil não o fazer, mas a Deus sem dúvida que sim. Anda cá.

Assim falando, levantou-se, e ao mesmo tempo Renzo também; o qual, não deixando de crer nas suas próprias palavras, se tinha entretanto aconselhado consigo mesmo a não falar, como se propusera antes, daquela tal promessa de Lucia. «Se ouvir também esta – pensou ele –, levantar-me-á outras dificuldades de certeza. Ou a encontro, e estaremos sempre a tempo de falar disso; ou... então! Para que serve?»

Puxando-o para a porta da cabana que ficava virada a norte, o frade recomeçou:

– Ouve; o nosso padre Felice, que é o presidente aqui do lazareto, manda hoje para quarentena fora os poucos curados que há cá. Vês aquela igreja ali no meio... – e, levantando a mão trémula e descarnada apontou para a esquerda no meio do ar turvo a cúpula da capela, que dominava por cima das miseráveis tendas; e prosseguiu: – Ali à volta vão, agora, juntar-se para sair em procissão pela porta pela qual deves ter entrado tu.

– Ah! Então era por isso que trabalhavam a limpar a estrada.

– Exatamente: e tu também deves ter ouvido alguns toques daquele sino.

– Ouvi um.

– Era o segundo: ao terceiro estarão todos reunidos: o padre Felice far-lhes-á um pequeno discurso; e, depois, pôr-se-á em marcha com eles. Tu, àquele toque, vai até lá; procura meter-te atrás daquela gente, de um dos lados da rua, onde, sem perturbares nem dares nas vistas poderás vê-los passar; e vê... vê... se ela lá está. Se Deus não quis que ela esteja; aquele lado – e levantou de novo a mão, acenando o lado do edifício que tinham mesmo à frente –, esse lado do edifício, e uma parte do terreno que está ali à frente, está atribuído às mulheres. Verás uma paliçada que divide este quarteirão do outro, mas em certos lugares interrompido, noutros aberto, pelo que não terás dificuldades para entrar. Depois lá dentro, não fazendo tu nada que faça sombra a alguém, provavelmente não haverá ninguém que te diga alguma coisa. Se porém houver quem te levante algum obstáculo, diz que o padre Cristoforo de*** te conhece, e prestará contas de ti. Procura-a ali; procura-a com confiança e... com resignação. Mas não te esqueças de que não é pouco o que vieste procurar aqui: tu queres uma pessoa viva no lazareto! Nem tu sabes quantas vezes eu vi renovar-se este meu pobre povo! Quantos vi levar! E quão poucos sair!... Vai preparado para fazeres um sacrifício...

– Sim; também compreendo – interrompeu Renzo, revirando os olhos e de cara toda alterada. – Compreendo! Eu vou: verei, procurarei, num lugar, no outro, e depois ainda, por todo o lazareto, de uma ponta à outra... e, se não a encontrar!...

– Se não a encontrares?... – disse, questionante, o frade, com um ar de seriedade e de expectativa, e com um olhar que admoestava.

Mas Renzo, a quem a raiva reacendida pela ideia dessa dúvida fizera perder a luz dos olhos, repetiu e continuou: – Se não a encontrar, vou ver se encontro outra pessoa. Ou em Milão ou no seu palácio celerado, ou no fim do mundo, ou em casa do diabo, hei de encontrar esse patife que nos separou; aquele bandido que, senão fosse ele, Lucia seria minha, há vinte meses; e se estávamos destinados a morrer, pelo menos morríamos juntos. Se esse miserável ainda existe, hei de dar com ele...

– Renzo! – disse o frade, agarrando-o por um braço, e olhando-o ainda mais severamente.

– E se o encontrar – continuou Renzo, totalmente cego pela cólera –, se a peste ainda não fez justiça... já passou o tempo em que um poltrão, com os seus bravos à volta, podia levar a gente ao desespero, e ficar a rir-se. Chegou agora um tempo em que os homens se encontram cara a cara, e... quem fará a justiça, serei eu!

– Desgraçado! – gritou o padre Cristoforo, com uma voz que recuperara toda a antiga plenitude e sonoridade. – Desgraçado! – e a sua cabeça tombada sobre o peito reergueu-se; as bochechas coloriam-se da sua antiga vida; e o fogo dos olhos tinha qualquer coisa de terrível. – Olha, desgraçado! – e enquanto com uma mão apertava e abanava com força o braço de Renzo, rodava a outra à sua frente, apontando o mais possível para a dolorosa cena à volta deles. – Olha que é Ele quem castiga! É Ele quem julga, e não é julgado! É Ele quem flagela e quem perdoa! Mas tu, verme da terra, tu queres fazer justiça! Tu é que sabes, tu, o que é a justiça! Vá, desgraçado, vai-te daqui! Eu tinha a esperança... sim, tive a esperança de ver, antes da minha morte, Deus dar-me esta consolação de ouvir dizer que a minha pobre Lucia estava viva; talvez até vê-la e ouvi-la prometer-me que dirigiria uma prece para a cova onde ficarei. Vai-te, que me tiraste a minha esperança. Deus não a deixou na terra para ti; e tu, certamente, não terás a ousadia de te julgares digno de que Deus pense em consolar-te. Terá pensado nela, sim, porque ela é uma dessas almas a que estão reservadas as consolações eternas. Vai, que não tenho tempo para te ouvir.

– Oh, padre! – disse Renzo em tom suplicante, indo atrás dele. – Quer mandar-me embora desta maneira?

– O quê? – recomeçou, com voz não menos severa, o capuchinho. – Ainda ousas pretender que eu roubasse tempo a estes pobres aflitos, os quais esperam que eu lhes fale do perdão de Deus, para ouvir os teus vozeares de raiva e as tuas propostas de vingança? Ouvi-te, quando tu pedias ajuda e consolação; deixei a caridade pela caridade; mas, agora, tu tens a tua vingança no coração: o que queres de mim? Vai-te embora. Eu vi morrer aqui ofendidos que perdoaram; ofensores que gemiam por não se poderem humi-

lhar perante o ofendido: chorei com uns e com outros; mas contigo o que posso fazer?

– Ah, eu perdoo-lhe! Perdoo-lhe mesmo, perdoo-lhe para sempre! – exclamou o jovem.

– Renzo! – disse o padre, com uma seriedade mais tranquila –, pensa nisso, e diz-me lá quantas vezes lhe perdoaste.

E tendo ficado sem receber resposta, de repente baixou a cabeça e, com voz sombria e lenta, prosseguiu: – Tu sabes porque uso este hábito.

Renzo hesitou.

– Tu sabes! – continuou o velho.

– Sei – respondeu Renzo.

– Eu também odiei: eu, que te repreendi por um pensamento, por uma palavra, aquele homem que eu odiava cordialmente, que odiava há muito tempo, matei-o.

– Sim, mas um prepotente, um daqueles...

– Cala-te! – interrompeu o frade. – Não crês tu que, se houvesse uma boa razão, eu não a teria achado em trinta anos? Ah! Se eu pudesse agora meter-te no coração o sentimento que depois tive sempre, e que ainda tenho pelo homem que eu odiava! Se eu pudesse! Eu? Mas Deus pode: Ele que o faça!... Ouve, Renzo: Ele gosta mais de ti do que tu gostas dele: tu pudeste maquinar a vingança; mas Ele tem suficiente força e suficiente misericórdia para ta impedir; faz-te uma graça de que qualquer outro era demasiado indigno. Tu sabes, tu mesmo o disseste muitas vezes, que Ele pode deter a mão de um prepotente; mas fica sabendo que também pode deter a de um vingador, e, lá por seres pobre, por seres ofendido, crês tu que Ele não pode defender contra ti um homem criado à sua imagem? Crês que Ele te deixaria fazer tudo o que queres? Não! Mas sabes tu o que podes fazer? Podes odiar, e perder-te; podes, com um sentimento teu, afastar de ti todas as bênçãos. Porque de qualquer modo, corressem como corressem as coisas, qualquer fortuna que tu tivesses, tem por certo que tudo será castigo, enquanto não tiveres perdoado de maneira que nunca mais possas dizer: eu perdoo-lhe.

– Sim, sim – disse Renzo, todo emocionado e confuso. – Compreendo que nunca lhe perdoei a sério; compreendo que falei como

fera e não como homem; e agora, com a graça do Senhor, perdoo-lhe mesmo do fundo do coração.

– E se tu o visses?

– Suplicaria ao Senhor que me desse paciência a mim e tocasse o coração a ele.

– Lembrar-te-ias que o Senhor não disse que perdoássemos aos nossos inimigos, mas nos disse que os amássemos? Lembrar-te-ias que Ele o amou a ponto de morrer por ele?

– Sim, com a vossa ajuda.

– Pois bem, vem comigo. Tu disseste: hei de encontrá-lo; vais encontrá-lo. Vem, e verás aquele a quem podias ter ódio, a quem podias desejar mal, querer fazer-lho, sobre cuja vida querias ter tu o poder.

E pegando na mão de Renzo, e apertando-lha como poderia fazer um jovem saudável, começou a andar. Aquele, sem ousar perguntar mais nada, foi atrás dele.

Dados poucos passos, o frade parou ao pé da porta de uma cabana, fixou os olhos no rosto de Renzo com um misto de gravidade e de ternura; e levou-o para dentro.

A primeira coisa que se via, ao entrar, era um doente sentado na palha ao fundo; um doente, mas não grave, e que aliás podia parecer próximo da convalescença; o qual, ao ver o padre, abanou a cabeça, fazendo sinal que não: o padre baixou a sua, com um gesto de tristeza e de resignação. Renzo, entretanto correndo, com uma curiosidade inquieta, o olhar sobre os outros objetos, viu três ou quatro doentes, e distinguiu um de parte sobre um colchão, envolto num lençol, coberto com uma capa senhoril, posta à maneira de cobertor: fixou-o, reconheceu Dom Rodrigo, e deu um passo atrás; mas o frade, fazendo-o de novo sentir fortemente a mão com que o segurava, puxou-o para o catre e, estendendo-lhe por cima a outra mão, apontou com o dedo o homem que ali jazia.

O infeliz estava imóvel; de olhos arregalados, mas sem olhar; com o rosto pálido e esparso de manchas negras; negros e inchados os lábios: dir-se-ia o rosto de um cadáver, se uma contração violenta não tivesse dado testemunho de uma vida tenaz. O peito erguia-se, de quando em quando, com uma respiração ofegante; a

mão direita, fora da capa, carregava-a junto do coração, com um aperto adunco dos dedos, todos lívidos e com as pontas negras.

– Vê bem!– disse o frade, com voz baixa e grave. – Pode ser castigo, pode ser misericórdia. O sentimento que tu tiveres agora por este homem que te ofendeu, sim; o mesmo sentimento, Deus, que tu também ofendeste, terá por ti ao chegar aquele dia. Abençoa-o, e serás abençoado. Há quatro dias que está aqui como o vês, sem dar sinal de sentimento. Talvez o Senhor esteja pronto a conceder-lhe uma hora de arrependimento, mas para isso queria que fosses tu a pedir: talvez queira que tu rezes com aquela inocente; talvez reserve a graça só para a tua oração, para a oração de um coração aflito e resignado. Talvez a salvação deste homem e a tua dependam agora de ti, de um teu sentimento de perdão, de compaixão... de amor!

Calou-se; e, juntando as mãos, inclinou a cabeça sobre elas, e orou: Renzo fez o mesmo.

Estavam há poucos momentos naquela posição, quando tocou o sino. Moveram-se os dois, como de concerto; e saíram. Nem um fez perguntas, nem o outro protestos: os seus rostos falavam.

– Agora vai – disse o frade –, vai preparado, quer para receber uma graça, quer para fazer um sacrifício; para louvar a Deus, seja qual for o resultado da tua procura. E seja qual for vem dar-me notícia; nós o louvaremos juntos.

Aqui, sem dizerem mais nada, separaram-se; um tornou para donde viera; o outro dirigiu-se para a capela, que não chegava a ficar a cem passos de distância.

CAPÍTULO XXXVI

QUEM HAVIA DE DIZER A RENZO, POUCAS HORAS ANTES, QUE NO ponto forte daquela investigação, ao começarem os momentos mais duvidosos e mais decisivos, o seu coração viria a estar dividido entre Lucia e Dom Rodrigo? E contudo assim era: aquela figura vinha misturar-se com todas as imagens queridas ou terríveis que a esperança ou o temor lhe punham à frente, ora uma ora outra, naquele trajeto; as palavras ouvidas ao pé daquele covil introduziam-se entre os sins e os não em que se via debatida a sua mente; e não conseguia chegar ao fim de uma oração para a saída feliz da grande prova, sem que lhe juntasse a que tinha principiado ali, e que o badalar do sino havia truncado.

A capela octogonal que surge, elevada de alguns degraus, no centro do lazareto, na sua construção primitiva, era aberta por todos os lados, sem outro suporte senão de pilares e de colunas, um edifício todo furado, por assim dizer: em cada fachada, um arco entre cada coluna; lá dentro rodava um pórtico em torno da que se diria ser mais propriamente a igreja, composta apenas de oito arcos, correspondentes aos da fachada, tendo por cima uma cúpula, de maneira que o altar erigido no centro poderia ser visto

de qualquer janela dos compartimentos do recinto, e quase de todos os pontos do campo. Ora, sendo o edifício reconvertido para qualquer outro uso, os vãos das fachadas são murados; mas a antiga ossatura, que permaneceu intacta, indica claramente o antigo estado, e a antiga destinação daquele.

Mal Renzo começou a andar, viu aparecer o padre Felice no pórtico da capela, e assomar no arco central do lado que dá para a cidade, diante do qual se reunira a comitiva, no plano, na rua central; e logo, pela sua atitude, se percebeu que havia começado a prédica.

Correu as ruelas necessárias para se colocar na cauda do auditório, como lhe fora sugerido. Ao chegar, deteve-se muito quieto, e percorreu-o todo com o olhar; mas dali não via senão uma densa, eu diria quase uma calçada de cabeças. No meio, havia-as em certo número cobertas de lenços ou de véus; naquela parte fincou mais atentamente os olhos: não chegando porém a descobrir nada lá dentro, levantou também os seus para onde todos os outros mantinham fixos os seus. Ficou tocado e compungido pela figura venerável do pregador; e com o que lhe podia restar de atenção, num momento de tanta expectativa, ouviu esta parte do solene raciocínio:

– Pensemos nos milhares e milhares que estão além – e, com o dedo levantado por cima do ombro, apontou para trás de si a porta que dá para o cemitério chamado de São Gregório, o qual se pode dizer que, na altura, era todo uma grande fossa. – Olhemos em volta para os milhares e milhares que ficam aqui, demasiado incertos do lugar onde estamos para conseguirem sair; olhemos para nós mesmos, tão poucos, que saímos daqui salvos. Abençoado seja o Senhor! Abençoado na justiça, abençoado na misericórdia! Abençoado na morte, abençoado na salvação! Abençoado seja nesta escolha que quis fazer de nós! Oh!, para que a terá querido, meus filhos, senão para conservar um pequeno povo corrigido da aflição, e fervoroso de gratidão? Senão, para que, sentindo agora mais vivamente que a vida é uma dádiva sua, tenhamos por ela a estima que merece uma coisa dada por Ele, e a empreguemos nas obras que lhe possamos oferecer? Senão para que a memória dos nossos sofrimentos nos dê compaixão e nos leve a prestar socorro aos nossos próximos? Entretanto, estes, em cuja companhia

penámos, esperámos, tememos; entre os quais deixámos amigos e parentes; e que, depois, são todos afinal nossos irmãos; que aos de entre eles que nos virem passar no meio, enquanto talvez recebam algum alívio ao pensarem que daqui também saem alguns salvos, recebam edificação pelo nosso comportamento. Não queira Deus que eles possam ver em nós uma alegria ruidosa, um regozijo mundano de ter escapado a essa morte com a qual eles estão ainda a debater-se. Vejam que partimos agradecendo por nós, e rezando por eles; e possam dizer: mesmo fora daqui, estes não se esquecem de nós, continuarão a rezar por nós mesquinhos. Começemos por esta viagem, pelos primeiros passos que estamos prestes a dar, uma vida toda de caridade. Os que voltaram, mantendo o antigo vigor, deem um braço fraterno aos fracos; jovens, amparai os velhos; vós que ficastes sem filhos, vede à vossa volta quantos filhos que perderam os pais! Sede-o por eles! E esta caridade, superando os vossos pecados, atenuará também as vossas dores.

Aqui, um surdo murmúrio de gemidos, um soluço que ia apelando ao ajuntamento, ficou repentinamente suspenso, ao verem o pregador apertar um nó em volta do pescoço e atirar-se de joelhos ao chão: e ali se deixou ficar em grande silêncio, à espera do que houvesse para dizer.

– Por mim – disse – e por todos os meus companheiros, que, sem nenhum mérito nosso, fomos escolhidos para o elevado privilégio de servir Cristo em vós; eu peço-vos humildemente perdão, se não cumprimos dignamente tão grande ministério. Se a preguiça, se a indocilidade da carne nos tornaram menos atentos às vossas necessidades, menos prontos a acorrer às vossas chamadas; se uma injusta impaciência, se um culposo tédio alguma vez vos fez aparecer com uma cara aborrecida e severa; se, uma vez por outra, o miserável pensamento de que vós precisais de nós, nos levou a não vos tratar com a humildade que se impunha, se a nossa fragilidade nos fez passar por qualquer ação que vos haja sido de escândalo, perdoai-nos! Assim Deus vos perdoe todas as vossas dívidas e vos abençoe. – E fazendo por sobre a audiência um grande sinal da cruz, levantou-se.

Nós pudemos referir, se não as palavras exatas, pelo menos o sentido, o tema do que ele na realidade proferiu; mas o modo com

que foram ditas não é coisa que se possa descrever. Era o modo de falar de um homem que chamava privilégio o servir os empestados, porque o tinha por tal; que confessava não haver correspondido dignamente ao dever; que pedia perdão, porque estava persuadido de ter necessidade dele. Mas a gente que tinha visto à sua volta aqueles capuchinhos, não ocupados em mais nada senão em servi-los, e que tantos vira morrer, e o que falava por todos, sempre o primeiro nos esforços, tal como na autoridade, salvo quando estava já em fim de vida, pensai com que soluços, com que lágrimas respondeu a tais palavras. O admirável frade pegou a seguir numa grande cruz que estava encostada a um pilar, levantou-a à frente, deixou à beira do pórtico exterior as sandálias, desceu os degraus e, por entre a multidão que lhe deu respeitosa passagem, foi colocar-se à cabeça de procissão.

Renzo, todo lacrimoso, nem mais nem menos do que se fosse um daqueles para quem fora pedido tal perdão, também se retirou e foi colocar-se de flanco junto de uma cabana; e ali ficou à espera, meio escondido, com o corpo para trás e a cabeça para a frente, de olhos arregalados, com um grande palpitar do coração, mas ao mesmo tempo com uma certa nova e particular confiança, nascida, creio eu, da ternura que lhe tinha inspirado a prédica, e o espetáculo da ternura geral.

E eis que chega o padre Felice, descalço, com aquela corda ao pescoço, com aquela comprida e pesada cruz levantada; pálido e descarnado o rosto, um rosto que emana compunção juntamente com coragem; em passo lento, mas resoluto, como de quem só pensa em poupar a fraqueza dos outros; e em tudo como um homem a quem um aumento de trabalho e de incômodos desse a força para suster os já necessários e inseparáveis daquele seu encargo. Logo a seguir a ele, vinham as crianças mais crescidinhas, em grande parte descalças, bem poucas inteiramente vestidas, algumas mesmo sem camisa. Depois vinham as mulheres, trazendo quase todas uma menina pela mão, e cantando alternadamente o *Miserere*; e o som fraco daquelas vozes, a palidez e a languidez daqueles rostos, eram coisas de ocupar toda a alma de quem quer que ali se encontrasse como simples espectador. Mas Renzo olhava, examinava, de fila em fila, de rosto em rosto, sem deixar passar

nenhum; pois a procissão andava tão devagar que lhe dava todo o tempo para o fazer. Passa que passa, olha que olha: sempre inutilmente: dava uma olhadela apressada para as filas que ainda vinham atrás: já são poucas; estamos na última; passaram todas; só caras desconhecidas. Com os braços pendentes, e com a cabeça, acompanhou com os olhos aquelas fileiras, enquanto passavam à sua frente as dos homens. Uma nova atenção, uma nova esperança lhe nasceu ao ver, depois destes, alguns carros em que vinham os convalescentes ainda não em condições de caminhar. Ali as mulheres eram as últimas e o cortejo avançava com tamanha lentidão que Renzo pôde igualmente examiná-las a todas, sem que lhe escapasse alguma. Mas o quê? Inspetiona o primeiro carro, o segundo, o terceiro, e assim por diante, sempre com o mesmo resultado, até um, atrás do qual vinha apenas outro capuchinho, de aspeto sério, e com um bordão na mão, como que guardião da comitiva. Era aquele padre Michele, de quem já dissemos ter sido enviado para companheiro no governo ao padre Felice.

Assim se desvaneceu por completo aquela querida esperança e, ao afastar-se, não só levou de volta o conforto que havia trazido, mas também, como acontece na maioria dos casos, deixou o homem num estado pior do que antes. Agora, o melhor que poderia ter seria encontrar Lucia enferma. Contudo, ao ardor de uma espe-

rança presente sobrepondo-se ao do temor acrescido, o pobrezinho agarrou-se com todas as forças da alma àquele triste e débil fio; entrou no corredor, e encaminhou-se para aquele lado donde viera a procissão. Quando chegou ao pé da capela, foi ajoelhar-se no último degrau e ali fez a Deus uma súplica, ou, melhor dizendo, uma confusão de palavras encrespadas, de frases interrompidas, de exclamações, de instâncias, de lamentos, de promessas: um daqueles discursos que não se fazem aos homens, porque não têm agudez que baste para os entender, nem paciência para os ouvir, não são suficientemente grandes para sentirem compaixão sem desprezo.

Levantou-se um pouco mais animado; passou em volta da capela; encontrou outro corredor que ainda não tinha visto e que ia dar à outra porta; dados poucos passos, viu a paliçada de que lhe tinha falado o padre, mas interrompida aqui e ali, precisamente como este lhe dissera; entrou por uma daquelas aberturas, e deu consigo no setor das mulheres. As primeiros passos que deu, viu no chão uma sineta, daquelas que os *monatos* traziam presa a um pé; veio-lhe à cabeça que um tal instrumento poderia servir-lhe como de passaporte lá dentro; apanhou-o, viu se havia alguém a ver, e atou-o como o usavam aqueles. E pôs-se logo à procura, essa procura que, só pela quantidade dos objetos seria fortemente gravosa, mesmo que os objetos fossem absolutamente diferentes; começou a percorrer com os olhos, ou melhor, a contemplar novas misérias, tão semelhantes em parte às já antes vistas, e em parte tão diferentes: porque, sob a mesma calamidade, havia aqui outro sofrer, por assim dizer outro padecer, outro lamentar-se, outro suportar, outro compadecer-se e socorrerem-se uns aos outros; era, para quem observasse, outra piedade e outro desgosto.

Já tinha feito sei lá quanto caminho, sem fruto e sem incidentes, quando ouviu atrás das suas costas um «ei!», uma chamada a ele dirigida. Voltou-se e viu a certa distância um comissário que levantou uma mão, acenando mesmo para ele, e gritando: – Ali nas salas, precisam de ajuda; aqui acabou-se agora de limpar.

Renzo percebeu logo por quem havia sido tomado, e que a sineta era a causa do equívoco; chamou-se parvo a si mesmo por só ter pensado nos impedimentos que aquela insígnia podia evitar, e não nos que podia trazer-lhe; mas pensou logo nesse instante na

maneira de se livrar logo dela. Como resposta fez-lhe um gesto rápido com a cabeça, como a dizer que tinha percebido, e que obedecia; e escapou-se da sua vista, enfiando-se por entre as cabanas.

Quando lhe pareceu estar bastante longe, tratou também de se libertar da causa do escândalo, e, para fazer essa operação sem ser observado, foi meter-se num pequeno espaço entre duas cabanas que ficavam, por assim dizer, viradas de costas. Inclina-se para tirar a sineta, e estando assim de cabeça encostada à parede de palha de uma das cabanas, vinda daquela chega-lhe aos ouvidos uma voz... Oh céus! É possível? Toda a sua alma está naquele ouvido: suspende a respiração... Sim! Sim! É aquela voz!... – Medo de quê? – dizia aquela voz suave. – Já passamos bem mais que um temporal. Quem nos amparou até hoje, irá amparar-nos também agora.

Se Renzo não lançou um berro, não foi por temor de se mostrar, foi porque lhe faltou o fôlego. Dobraram-se-lhe os joelhos, toldou-se-lhe a vista; mas foi num primeiro momento; ao segundo, já estava direito, mais lesto e vigoroso do que antes; em três saltos deu a volta à cabana, chegou à porta, viu aquela que tinha falado, viu-a em pé, inclinada sobre uma camilha. Ela volta-se também pelo ruído; olha, julga ver mal, julga sonhar; olha mais atenta e grita: – Oh! O Senhor seja bendito!

– Lucia! Encontrei-vos! Encontro-vos! Sois mesmo vós! Estais viva! – exclamou Renzo, avançando, todo a tremer.

– Oh Senhor bendito! – respondeu, ainda mais trémula, Lucia. – Vós?! O que é isto? De que maneira? Porquê? A peste!

– Já a tive. E vós?...

– Ah!... Eu também. E de minha mãe?...

– Não a vi, porque está em Pasturo; mas creio que está bem. Mas vós... Como estais ainda pálida! Com um ar tão fraco! Mas curada, estais curada?

– O Senhor quis-me deixar ainda cá por baixo. Ah, Renzo! Porque estais aqui?

– Porquê? – disse Renzo, aproximando-se cada vez mais. – Perguntais-me porquê? Porque é que devia vir? Precisais que vos diga? Quem tenho eu em que pensar? Já não me chamo Renzo, eu? Já não sois Lucia, vós?

– Ah, o que dizeis! Mas não vos mandou dizer a minha mãe?
– Sim, infelizmente mandou-me dizer. Belas coisas para mandar dizer a um pobre desgraçado, atribulado, sofredor, a um jovem que, pelo menos, partidas nunca vos tinha pregado!

– Mas, Renzo! Renzo! Se já sabíeis... porque viestes? Porquê?

– Porque vim? Oh, Lucia! Porque vim, dizeis vós? Depois de tantas promessas! Já não somos nós? Já não vos lembrais? O que nos faltava?...

– Oh Senhor! – exclamou dolorosamente Lucia, juntando as mãos e erguendo os olhos para o céu. – Porque não me fizestes a graça de me chamar para junto de Vós?... Oh Renzo! E vós, o que fizestes? Bem; começava a ter a esperança de que... com o tempo... me esqueceríeis...

– Bela esperança! Belas coisas para me dizer mesmo cara a cara!

– Ah, o que fizestes! E neste lugar! No meio destas misérias, destes espetáculos! Aqui onde não se faz senão morrer, pudestes...

– Os que morrem deve-se rezar a Deus por eles, e ter a esperança de que irão para um bom lugar; mas não é justo, nem mesmo por isso, que os que vivem tenham de viver desesperados...

– Mas Renzo! Vós não pensais no que dizeis. Uma promessa a Nossa Senhora... Um voto!

– Eu digo-vos que são promessas, que não contam nada.

– Oh Senhor! O que dizeis? Onde estivestes neste tempo? Com quem lidastes? Como falais?

– Falo como bom cristão e sobre Nossa Senhora penso eu melhor do que vós; porque creio que não aceita promessas em prejuízo do próximo. Se Nossa Senhora tivesse falado, oh, então sim! Mas o que houve? Só uma ideia vossa. Sabeis o que deveis prometer a Nossa Senhora? Prometei-lhe que à primeira filha que tivermos, lhe iremos pôr o nome de Maria: que isto estou aqui eu também para o prometer: estas são coisas que honram bem mais a Virgem Santa: estas são devoções que têm mais conteúdo e não dão prejuízo a ninguém.

– Não, não; não faleis assim: vós não sabeis o que dizeis; não sabeis o que é fazer um voto; não estivestes vós naquela aflição; não sofrestes. Ide, ide, por amor de Deus!

E afastou-se impetuosamente dele, voltando para junto da camilha.

– Lucia! – exclamou Renzo sem se mexer. – Ao menos dissei-me: se não fosse esta razão... seríeis a mesma para mim?

– Homem sem coração! – respondeu Lucia, voltando-se e contendo a custo as lágrimas. – Quando me fizerdes dizer palavras inúteis, palavras que me fariam mal, palavras que seriam talvez pecados, ficareis contente? Ide, oh ide! Esquecei-vos de mim: vê-se que não estávamos destinados! Tornaremos a ver-nos lá em cima: já não devo estar muito tempo neste mundo. Ide; tentai dar a saber à minha mãe que estou curada, que também aqui Deus sempre me assistiu, que encontrei uma boa alma, esta boa mulher, que me faz de mãe; dissei-lhe que espero que ela seja preservada deste mal, e que nos veremos, quando Deus quiser e como quiser... Ide, por amor de Deus, e não penseis em mim... senão quando rezardes ao Senhor.

E como quem já não tem mais que dizer, nem quer ouvir nada, como quem quer subtrair-se a um perigo, retirou-se para mais perto ainda da camilha, onde estava a mulher de que tinha falado.

– Ouvi, Lucia, ouvi! – disse Renzo, embora já sem se aproximar.

– Não, não; ide por favor!

– Ouvi: o padre Cristoforo...

- O quê?!
- Está aqui.
- Aqui? Onde? Como o sabeis?
- Falei com ele há pouco. Estive um bocado com ele: e um religioso da sua qualidade, parece-me...
- Está aqui! Para assistir aos pobres empestados, decerto. Mas ele? Já teve a peste?
- Ah Lucia! Tenho medo, infelizmente tenho medo... – E, enquanto Renzo hesitava assim em proferir a palavra dolorosa para ele, e que também o devia ser para Lucia, esta afastou-se de novo da cama e aproximou-se dele. – Tenho medo de que a tenha, agora!
- Oh, pobre santo homem! Mas o que digo eu, pobre homem? Pobres mas é de nós! Como está? Na cama? É assistido?
- Anda de pé, corre tudo, assiste aos outros; mas se o vísseis, que cor tem, e mal se aguenta! Já vi tantos e tantos, que infelizmente... não se erra!
- Oh, pobres de nós! E está mesmo aqui!
- Aqui e bem perto: pouco mais do que da vossa casa à minha... se vos lembrais...
- Oh Virgem Santíssima!
- Bem, pouco mais. E imaginai se não falámos de vós! Disse-me coisas... e se soubésseis o que me mostrou! Ides ouvir: mas agora vou começar a dizer-vos o que me disse ele antes, com a sua própria boca. Disse-me que eu fazia bem em vir procurar-vos, e o Senhor gosta que um jovem proceda assim, e me ajudaria a fazer com que vos encontrasse; como foi exatamente a verdade: mas sim, é um santo. Por isso, vede!
- Bem, se falou assim é porque ele não sabe...
- O que quereis que saiba ele das coisas que fizestes vós pela vossa cabeça, sem regra e sem a opinião de ninguém? Um bom homem, um homem de juízo como é ele, não vai pensar coisas destas. Mas o que me mostrou! – E aqui contou a visita àquela cabana. Lucia, por mais que os seus sentidos e a sua alma, naquela tarde, tivessem de se habituar às mais fortes impressões, estava toda oprimida de horror e de compaixão.
- E também ali – prosseguiu Renzo – falou como santo: disse

que o Senhor talvez tenha destinado fazer a graça àquele pobre coitado... (agora não poderei mesmo dar-lhe outro nome)... que espera para o apanhar num bom ponto; mas quer que nós rezemos juntos por ele... juntos! Compreendestes?

– Sim, sim; rezaremos, cada um onde o Senhor nos puser: Ele saberá juntar as orações depois.

– Mas se vos digo as suas palavras...

– Renzo, mas ele não sabe...

– Mas não percebeis que, quando é um santo que fala, é o Senhor que o faz falar? E que não falaria assim se não devesse ser mesmo assim?... E a alma daquele pobrezinho? Eu já rezei, e rezarei por ele. De coração, rezei como se fosse por um irmão meu. Mas como quereis que esteja no mundo de lá, o pobrezinho, se daqui não cumprirem esta coisa, se não for desfeito o mal que ele fez? Que se vós escutardes a razão, então, fica tudo como antes: o que lá vai, lá vai: ele fez a sua penitência aqui...

– Não, Renzo, não. O Senhor não quer que façamos nós o mal, para fazer Ele misericórdia. Por isso, deixa-o fazer as coisas; quanto a nós, o nosso dever é rezar. Se eu tivesse morrido naquela noite, não poderia ter-lhe perdoado! E se não morri, se fui libertada...

– E a vossa mãe, aquela pobre Agnese, que sempre gostou tanto de mim, e que ansiava tanto por nos ver marido e mulher, não vos disse também que é uma ideia errada? Ela, que vos fez entender a razão também das outras vezes, porque em certas coisas pensa com maior justeza que vós...

– A minha mãe! Quereis que a minha mãe me desse a opinião de faltar a um voto! Renzo! Estais fora de vós.

– Oh! Quereis que vos diga? Vós, mulheres, certas coisas não podeis sabê-las. O padre Cristoforo disse-me que voltasse para junto dele a fim de lhe contar se vos tinha encontrado. Eu vou: vamos ouvi-lo: o que ele disser...

– Sim, sim; ide ter com aquele santo homem; dizei-lhe que rezo por ele, e que reze por mim, que preciso muito muito! Mas, por amor de Deus, pela vossa alma e pela minha, não volteis cá para me fazer mal, para... me tentar. O padre Cristoforo saberá explicar-vos as coisas e fazer-vos voltar a vós; ele vos fará pôr o coração em paz.

– O coração em paz!... Oh! Essa tira-a da cabeça. Já me fizestes mandar escrever esse palavrão; e eu é que sei o que me fez sofrer; e agora também tendes a coragem de mo dizer. Pois eu digo-vos claramente que coração em paz nunca mais o terei. Vós quereis esquecer-vos de mim; e eu não quero esquecer-vos. E prometo-vos, vede bem, que se me fizerdes perder o juízo, nunca mais o recupero. Vá para o diabo o ofício, vá para o diabo o bom comportamento! Quereis condenar-me a ficar raivoso para toda a vida; e como raivoso viverei... E aquele desgraçado! O Senhor sabe que lhe perdoei do fundo do coração; mas vós... Quereis, portanto, fazer-me pensar por toda a vida que senão fosse ele... Lucia! Dissestes para eu vos esquecer: que eu vos esqueça! O que devo fazer? Em quem julgais que pensei durante este tempo todo... E ao cabo de tantas coisas, de tantas promessas... O que vos fiz eu, depois de nos termos deixado? É por ter sofrido muito, que me tratais assim? Porque tive desgraças? Porque a gente do mundo me perseguiu? Porque passei tanto tempo fora de casa, triste, longe de vós? Porque no primeiro momento em que pude, vim procurar-vos?

Lucia, quando o pranto lhe permitiu formar palavras, exclamou, juntando de novo as mãos, e levantando para o céu os olhos peçados de lágrimas: – Oh, Virgem Santíssima, ajudai-me vós! Vós sabeis que depois daquela noite nunca mais passei um momento como este. Haveis-me socorrido então, socorrei-me também agora!

– Sim, Lucia; fazeis bem em invocar Nossa Senhora; mas porque quereis acreditar que ela que é tão boa, a mãe das misericórdias, possa ter prazer em fazer-nos sofrer... pelo menos, a mim... por uma palavra escapada num momento em que não sabíeis o que dizíeis? Quereis acreditar que vos ajudou então para nos deixar afligidos depois?... Ainda se esta fosse uma desculpa; será que me criastes ódio... disse-me... falai claro.

– Por favor, Renzo, por favor, pelos vossos pobres mortos, acabai com isto, acabai; não me façais morrer... Não seria um bom momento. Ide ter com o padre Cristoforo, dai-lhe recomendações minhas e não volteis aqui, não volteis mais aqui.

– Vou, mas não penseis que não vou voltar! Voltaria nem que fosse ao fim do mundo, eu voltaria. – E desapareceu.

Lucia foi sentar-se, ou antes, deixou-se cair no chão ao lado da cama; e, apoiando nesta a cabeça, continuou a chorar copiosamente. A mulher, que até então estivera de olhos e ouvidos abertos, sem dar sinal de si, perguntou o que era aquela aparição, aquela disputa, aquele pranto. Mas talvez o leitor pergunte por sua vez quem era ela; e para o satisfazer, não são necessárias, nem mesmo aqui, demasiadas palavras.

Era uma abastada mercadora, de talvez trinta anos. No espaço de poucos dias, tinha visto morrer em casa o marido e todos os filhos; daí a pouco, apanhando ela também a peste, fora transportada para o lazareto, e posta naquela cabana na altura em que Lucia, depois de ter superado sem que disso se apercebesse a fúria do mal, e tendo mudado as companheiras, sem que ela também se apercebesse, começava a recuperar e a voltar a si; pois, desde o princípio da doença, encontrando-se ainda em casa de Dom Ferrante, parecia ter perdido o siso. A cabana só podia conter duas pessoas; e entre estas duas, aflitas, desesperadas, desorientadas, sozinhas entre tanta multidão, em breve nascera uma intimidade, uma afeição que parecia provir de uma longa vivência juntas. Em pouco tempo, Lucia estava em condições de poder ajudar a outra, que havia piorado muito. Agora que esta estava também fora de perigo, faziam-se companhia, e animavam-se e guardavam-se uma à outra; tinham-se prometido não saírem do lazareto senão juntas;

e tinham acertado mais coisas para não se separarem depois. A mercadora que, tendo deixado a guardar a um irmão seu, comissário da Sanidade, a casa, as mercadorias e o cofre, tudo bem fornecido e era, por se encontrar sozinha e triste, senhora de muito mais do que precisava para viver comodamente, queria ter Lucia consigo como uma filha ou uma irmã. Lucia aderira, imaginai com que gratidão para com ela e para com a Providência; mas só desde que pudesse ter notícias da sua mãe, e saber, como esperava, a vontade dela. De resto, reservada como era, nem da promessa do noivado, nem das suas outras aventuras extraordinárias tinha jamais dito uma palavra. Mas agora, numa tão grande efervescência de afetos, tinha pelo menos tanta necessidade de desabafar, quanto a outro desejo de ouvir. E, apertando com ambas as mãos a direita dela, pôs-se logo a satisfazer a pergunta, sem outra hesitação senão a que davam os soluços.

Renzo, entretanto, trotava direito ao sítio do bom frade. Com um pouco de estudo, e não sem ter de refazer algum pedaço de estrada, conseguiu finalmente lá chegar. Encontrou a cabana; a ele não o achou; mas, andando à procura em redor, viu-o numa barraca onde, deitado no chão e quase de gatas, estava a confortar um moribundo. Deteve-se ali à espera, em silêncio. Pouco depois, viu-o fechar os olhos àquele pobrezinho; de seguida, ajoelhar-se; rezar uma oração uns momentos; e levantar-se. Então, foi ao seu encontro.

– Oh! – disse o frade ao vê-lo vir. – Então?

– Está cá: achei-a!

– Em que estado?

– Curada, ou pelo menos em pé.

– Agradecemos ao Senhor!

– Mas – disse Renzo, quando chegou a ponto de poder falar-lhe em voz baixa – há outro problema.

– O que é?

– Quer dizer que... já sabe como é boa aquela pobre rapariga; mas, às vezes, fica um tanto fixada nas suas ideias. Ao cabo de tantas promessas, ao cabo de tudo o que o padre sabe, agora diz que não pode casar comigo, porque diz, sei lá!, que, naquela noite do terror, lhe passou uma pela cabeça e, como se diz, se entregou a

Nossa Senhora. Coisas sem conteúdo, não é verdade? Coisas boas, são para quem tem a ciência e o fundamento de as fazer, mas para nós gente simples, que não sabemos bem como se devem fazer... Não é verdade que são coisas que não valem nada?

– Diz-me lá: está muito longe daqui?

– Oh, não; poucos passos depois da igreja.

– Espera aqui por mim um momento – disse o frade. – Depois vamos juntos.

– Quer dizer que vai fazê-la entender...

– Não sei nada, meu filho; tenho de a ouvir a ela.

– Compreendo – disse Renzo, e ficou de olhos fixos no chão, e de braços cruzados sobre o peito, a ruminar a sua incerteza, que permanecera inteira. O frade foi de novo procurar aquele padre Vittore, pediu-lhe que voltasse a substituí-lo, entrou na sua cabana, saiu com uma cesta no braço, voltou para junto de Renzo e disse: – Vamos; e foi à frente, dirigindo-se àquela tal cabana onde, umas horas antes, tinham entrado juntos. Desta vez, entrou sozinho; passado um momento reapareceu, e disse: – Nada! Oremos; oremos. – Depois, recomeçou: – Agora, leva-me tu.

E sem dizer mais nada, lá foram.

O tempo tinha ficado cada vez mais escuro, e agora anunciava a borrasca certa e já próxima. Cerrados relâmpagos rompiam a escuridão que descera, e iluminavam com um clarão instantâneo os tetos e os arcos dos pórticos, a cúpula da capela, as baixas coberturas das cabanas; e os trovões ribombando com repentino estrépito faziam correr o estrondo de uma região do céu à outra. Ia à frente o jovem, atento ao caminho, com uma grande impaciência de chegar, diminuindo porém o passo para o ajustar às forças do companheiro; o qual, farto das canseiras, pior da doença e oprimido pelo calor, caminhava a custo, erguendo de vez em quando para o céu a face macilenta, como que em busca de uma respiração mais livre.

Renzo, quando viu a cabana, virou-se para trás, e disse com voz trémula: – É aqui.

Entraram...

– Ei-los! – grita a mulher da cama. Lucia volta-se, levanta-se

precipitadamente, vai ao encontro do velho, gritando: – Oh, quem vejo eu! O padre Cristoforo!

– Muito bem, Lucia! De quantas angústias vos libertou o Senhor! Deveis estar bem contente por terdes mantido sempre a esperança nele.

– Oh, sim! Mas o senhor, padre? Ai de mim, como estais mudado! Como estais? Dizei-me: como estais?

– Como Deus quer, e como, por sua graça, quero eu também – respondeu, com um rosto sereno, o frade. E, levando-a para um canto, acrescentou: – Escutai: eu só posso estar aqui poucos instantes. Estais disposta a confiar em mim, como das outras vezes?

– Oh! Não é desde sempre o meu padre?

– Portanto, minha filha; que história é esta do voto que me contou Renzo?

– É um voto que fiz a Nossa Senhora... Oh!, numa grande atribulação!... de não me casar.

– Pobrezinha! Mas não pensastes na altura, que ficaríeis presa por uma promessa?

– Tratando-se do Senhor e de Nossa Senhora... nem pensei nisso.

– O Senhor, minha filha, gosta dos sacrifícios, das oferendas, quando os fazemos do que é nosso. É o coração que quer, é a vontade: mas vós não podíeis oferecer-lhe a vontade de outro, com o qual já tínheis uma obrigação.

– Fiz mal?

– Não, pobrezinha, não penseis nisso; aliás, eu creio que a Virgem Santa deverá ter gostado da intenção do vosso coração aflito, e a terá oferecido a Deus por vós. Mas dizei-me: nunca vos aconselhastes com ninguém sobre esta coisa?

– Não pensei que fosse mal, que tivesse de me confessar; e aquele escasso bem que se puder fazer, sabe-se que não é preciso contá-lo.

– Não tendes nenhum outro motivo que vos retenha de manter a promessa que fizestes a Renzo?

– Quanto a isso... para mim... que motivo?... Não poderei mesmo dizer... – respondeu Lucia, com uma hesitação que indicava tudo menos uma incerteza do pensamento; e o seu rosto

ainda desbotado da doença, flores que de repente se puseram com a mais viva da sua vermelhidão.

– Acreditais – insistiu o velho, baixando os olhos – que Deus deu à sua Igreja a autoridade de repor e de reter, conforme se torne em maior bem, as dívidas e as obrigações que os homens possam ter contraído com Ele?

– Sim, acredito.

– Pois, então, fica sabendo que nós sacerdotes, deputados ao tratamento das almas neste lugar, para todos os que recorrem a nós, temos as mais amplas faculdades da Igreja; e, por consequência, eu posso, quando o pedirdes vós, libertar-vos da obrigação, seja ela qual for, que possais ter contraído devido a este voto.

– Mas não é pecado voltar atrás, arrepender-se de uma promessa feita a Nossa Senhora? Naquela altura, eu fi-la do fundo do coração... – disse Lucia, violentamente agitada pelo assalto de uma tão inesperada, devemos chamar-lhe esperança, e pelo surgir oposto de um terror fortalecido por todos os pensamentos que, desde há muito tempo, eram a principal ocupação da sua alma.

– Pecado, minha filha?! – respondeu o padre. – Pecado recorrer à Igreja e pedir ao seu ministro que faça uso da autoridade que dela recebeu, e que recebeu de Deus? Eu vi de que maneira fostes vós ambos conduzidos a unir-vos; e, certamente, se alguma vez me pareceu ver duas pessoas serem unidas por Deus, éreis vós: ora não vejo que motivos tenha Deus para vos querer separar. E bendito seja, por me ter dado, indigno como sou, o poder de falar em seu nome e de vos trazer a sua palavra. E, se me pedirdes que eu vos declare livre deste voto, não hesitarei em fazê-lo; aliás, até desejo que mo peçam.

– Então... então... eu peço – disse Lucia, com um rosto perturbado apenas pelo pudor.

O frade fez um sinal chamando o jovem, que estava no cantinho mais afastado, olhando (já que não podia fazer outra coisa), muito fixo para o diálogo em que estava tão interessado; e, quando se aproximou disse, em voz mais alta: – Com a autoridade que recebi da Igreja, declaro-vos livre do voto de virgindade, anulando o que possa ter havido de menos considerado, e ilibando-vos de toda a obrigação que possais ter contraído.

Pense o leitor o som que fizeram nos ouvidos de Renzo estas palavras. Agradeceu vivamente com os olhos àquele que as proferira; e procurou logo, mas em vão, os de Lucia.

– Voltai, com segurança e em paz, às preocupações de antes – prosseguiu o capuchinho. – Suplicai de novo ao Senhor as graças que lhe haveis pedido para ser uma mulher santa; e confiai que Ele vo-las concederá mais abundantes, ao cabo de tantas dificuldades. E tu – disse, voltando-se para Renzo –, lembra-te, meu filho, que se a Igreja te dá esta companheira, não o faz para te dar uma consolação temporal e mundana, a qual, mesmo que pudesse ser inteira, e sem a mistura de nenhum desgosto, deveria acabar numa grande dor, no momento de vos separardes; mas fá-lo, para vos guiar aos dois no caminho da consolação que não terá fim. Amai-vos como companheiros de viagem, com este pensamento que tereis um dia de vos deixar um ao outro, e com a esperança de vos reencontrardes para sempre. Agradecei ao Céu que vos conduziu a este estado, não por meio de alegrias turbulentas e passageiras, mas com sofrimento e no meio de misérias, para vos dispor a uma alegria contida e tranquila. Se Deus vos conceder filhos, tende em vista criá-los para Ele, instilar-lhes o amor por Ele e por todos os

homens; e, então, guiar-vos-eis bem em tudo o resto. Lucia! Disse-vos... – e dirigiu-se a Renzo – quem viu aqui?

– Oh padre, disse!

– Vós deveis orar por ele! Nunca vos canseis disso. E orai também por mim... quero que tenhais uma lembrança do pobre frade. – E aqui tirou da cesta uma caixa de madeira ordinária, mas torneada e lustrosa com um cuidadoso acabamento capuchinho; e prosseguiu: – Aqui dentro está o resto daquele pão... o primeiro que pedi por caridade; aquele pão de que ouvistes falar! Deixo-o a vós: conservai-o; mostrai-o aos vossos filhos. Virão a um triste mundo, e em tristes tempos, no meio de soberbos e de provocadores; dizei-lhes que perdoem sempre, sempre! Tudo, tudo! E que rezem eles também pelo pobre frade!

E entregou a caixa a Lucia, que lhe pegou com carinho, como faria com uma relíquia. Depois, com voz mais tranquila, prosseguiu:

– Agora dizei-me: que apoios tendes aqui em Milão? Aonde pensastes ter alojamento quando sairdes daqui? E quem vos conduzirá à vossa mãe, que Deus queira ter conservado em saúde?

– Esta boa senhora, entretanto, faz-me de mãe: nós as duas sairemos daqui juntas, e depois ela tratará de tudo.

– Deus a abençoe – disse o frade, aproximando-se da cama.

– Também lhe agradeço – disse a viúva – a consolação que deu a estas pobres criaturas; embora eu fizesse conta de a ter sempre comigo, a esta querida Lucia. Mas tê-la-ei entretanto; levo-a eu para a sua terra, entregá-la-ei à mãe, e – prosseguiu em voz baixa – quero ser eu a fazer-lhe o enxoval. Tenho coisas demasiadas; e dos que deviam gozá-las comigo, já não tenho ninguém.

– Assim – respondeu o frade – pode fazer um grande sacrifício ao Senhor, e fazer bem ao próximo. Não lhe recomendo esta jovem: já vejo que é como sua: é razão para louvarmos o Senhor, que se mostra pai mesmo nos flagelos e que, ao fazê-las encontrarem-se, deu um sinal tão claro de amor a uma e a outra. Ora – prosseguiu, virando-se para Renzo e pegando-lhe na mão –, nós dois não temos mais nada a fazer aqui; e estivemos até de mais. Vamos.

– Oh padre! – disse Lucia. – Voltarei a vê-lo? Eu estou curada, eu que não faço nada de bem neste mundo; e o padre...

– Já há muito tempo – respondeu em tom sério e doce o velho – que peço ao Senhor uma graça, e bem grande: acabar os meus dias a servir o próximo. Se Ele quisesse conceder-ma agora, preciso que todos os que têm caridade por mim me ajudem a agradecer-lhe. Vá: dai a Renzo os recados para a vossa mãe.

– Contai-lhe tudo o que vistes – disse Lucia ao noivo: – que encontrei aqui outra mãe, que irei com ela o mais depressa que puder, e que espero, espero muito encontrá-la sã.

– Se precisardes de dinheiro – disse Renzo –, tenho aqui todo o que me haveis mandado, e...

– Não, não – interrompeu a viúva. – Eu também tenho e até de mais.

– Vamos – repetiu o frade.

– Até à vista, Lucia... e também a si, boa senhora – disse Renzo, não encontrando palavras que significassem o que sentia.

– Sabe-se lá se o Senhor não fará a graça de nos vermos todos ainda! – exclamou Lucia.

– Que Ele esteja sempre connosco e vos abençoe – disse às duas companheiras o padre Cristoforo, e saiu com Renzo da cabana.

Faltava pouco para anoitecer, e o tempo parecia cada vez mais perto de se resolver. O capuchinho insistiu de novo com o jovem que lhe daria abrigo nessa noite na sua cabana. – Companhia não poderei fazer-te – acrescentou –, mas terás onde ficar sob um teto.

Renzo porém tinha uma grande ânsia de partir; e não desejava ficar mais tempo num lugar daqueles, quando não podia aproveitar para ver Lucia e nem sequer poderia estar um bocado com o bom frade. Quanto à hora e ao tempo, pode dizer-se que, noite e dia, sol ou chuva, zéfiro ou tramontana, para ele, naquele momento, eram a mesma coisa. Por isso, agradeceu ao frade, dizendo que queria partir o mais cedo que pudesse em busca de Agnese.

Quando chegaram à rua do meio, o frade estendeu-lhe a mão e disse: – Se a encontrardes, que Deus queira, àquela boa Agnese, saúda-a em meu nome; a ela e a todos os que restam, e se lembram de frei Cristoforo, diz que rezem por ele. Deus te acompanhe e te abençoe para sempre.

– Oh, querido padre!... Voltamos a ver-nos, voltamos a ver-nos.

– Lá em cima, espero. – E com estas palavras afastou-se de Renzo; o qual, ficando ali a olhá-lo até o perder de vista, se encaminhou rapidamente para a porta, dando para a direita e para a esquerda os últimos olhares de compaixão àquele lugar de sofrimento. Havia um movimento extraordinário, um correr de *monatos*, um transportar de coisas, um arrumar de cortinas das cabanas, um rastejar de convalescentes para estas e para os pórticos, com o fim de se abrigarem da tempestade iminente.

CAPÍTULO XXXVII

DE FACTO, ASSIM QUE RENZO ULTRAPASSOU O LIMIAR DO LAZARETO e virou à direita, para reencontrar a ruela donde tinha desembocado de manhã por baixo das muralhas, começou como que uma saraivada de pingos raros e impetuosos que, batendo e ressaltando no caminho branco e árido, levantavam uma diminuta poeirada; depois, num momento se tornaram cerrados; e, antes que ele chegasse à ruela, a chuva caía a cântaros. Renzo, em vez de se inquietar com isso, chafurdava no meio dela, regalava-se com aquele refrescamento, com aquele sussurro, com aquele bulício das ervas e das folhas, gotejantes, trémulas, verdejantes, lustrosas; fazia certos respiros largos e plenos; e sob aquela resolução da natureza, de maneira mais livre e mais viva sentia ele a que se produzira no seu destino.

Mas por mais puro e completo que fosse este sentimento, se Renzo pudesse adivinhar aquele que se viu poucos dias depois: que aquela água levava consigo o contágio; que, a seguir àquela enxurrada, o lazareto, se não restituía aos vivos todos os vivos que continha, pelo menos quase não engoliria mais nenhuns; que, no prazo de uma semana, se veriam reabertas portas e lojas, e já

quase não se falaria de quarentena. E da peste não restaria senão algum resquício, aqui e ali, aquele rastilho que um tal flagelo deixava sempre atrás de si durante algum tempo.

Seguia, portanto, o nosso viajante alegremente, sem ter determinado nem onde, nem quando, nem se teria sítio para passar a noite ou não, somente preocupado em avançar, para chegar cedo à sua aldeia, para achar com quem falar, a quem contar, e sobretudo para poder pôr-se de novo a caminho de Pasturo, à procura de Agnese. Caminhava com a mente toda agitada com as coisas daquele dia, mas do fundo das misérias, dos horrores e os perigos, vinha-lhe sempre ao de cima um pensamento: achei-a; está curada; é minha! E, então, dava uma pirueta, e com isso salpicava tudo em volta, como um cão vadio ao sair da água; às vezes, contentava-se com um esfregar de mãos; e toca a andar com mais ardor do que antes. Olhando pela estrada fora, captava, por assim dizer, os pensamentos que deixara nessa manhã e no dia antes, ao vir; e com mais prazer, precisamente aqueles que então mais tentara expulsar: as dúvidas, as dificuldades, se iria achá-la, e achá-la viva, no meio de tantos mortos e moribundos! «E achei-a viva!», concluía. Tornava com o pensamento a colocar-se nas circunstâncias mais terríveis daquele dia; imaginava-se com aquela aldraba na mão: estará ou não estará? E uma resposta bem pouco alegre; e não ter sequer tempo para a ruminar, que lhe caía em cima aquela turba de loucos vagabundos; e aquele lazareto, aquele mar! Ali é que eu queria ver-vos conseguir dar com ela! E dar mesmo com ela! Retornava precisamente a esse momento, quando acabou de passar a procissão dos convalescentes; e que convalescentes! Que momento! Que aflição não a encontrar! E, agora, não lhe importava mais nada. E aquela secção das mulheres! E lá atrás daquela cabana, quando menos esperava, aquela voz, aquela voz mesmo! E vê-la, vê-la de pé! Mas qual quê?... Havia ainda aquele nó do voto, e mais apertado que nunca. E este também desfeito. E aquele ódio contra Dom Rodrigo, aquele ralação contínua que exacerbava todos os dissabores, e envenenava todas as consolações, também desaparecido. De tal maneira que eu nem seria capaz de imaginar um contentamento mais vivo, se não fosse a incerteza em

relação a Agnese, o triste presentimento acerca do padre Cristoforo, e aquele facto de se encontrarem ainda no meio de uma peste.

Chegou a Sesto ao anoitecer; parecia que a água queria cessar. Mas, sentindo-se mais em forma que nunca, e com tantas dificuldades de encontrar alojamento, e assim ensopado, nem sequer pensou nisso. A única coisa que o incomodava era o grande apetite; que uma consolação daquelas o faria digerir bem mais do que a pouca sopa do capuchinho. Viu se não haveria também por ali um forno de padeiro; viu um; comprou dois pães, com as pinças e com aquelas outras cerimónias todas. Um para o bolso, outro na boca, e toca a andar.

Quando passou por Monza, já era noite cerrada: não obstante, consegui encontrar a porta que dava para a estrada certa. Mas mesmo isto, que, para dizer a verdade, era um grande mérito, podeis imaginar como era aquela estrada e como se ia tornando de momento a momento. Afundada (como eram todas; e já devemos tê-lo dito noutra sítio) entre duas margens, quase o leito de um rio, poder-se-ia dizê-lo àquela hora, e se não fosse um rio, era uma verdadeira vala; e, de vez em quando, umas poças, que delas era o bom e bonito levantar não só os pés, mas também os sapatos. Mas Renzo saía como podia, sem gestos de impaciência, sem palavrões, sem arrependimentos; pensando que cada passo, por mais que custasse, o conduzia em frente, e que a água haveria de cessar quando a Deus apetecesse, e que a seu tempo havia de raiar o dia, e que o caminho que entretanto ia fazendo, já ficava feito.

E direi também que não pensava nisso senão justamente quando não podia deixar de o fazer. Eram distrações, estas; o grande trabalho da sua mente era retornar à história daqueles tristes anos passados, tantos obstáculos, tantas confusões, tantos momentos em que tinha estado à beira de perder a esperança, e largar tudo; e contrapor-lhe as imaginações de um futuro diferente: e a aparição de Lucia, e as núpcias, e o montar casa e o contarem um ao outro os acontecimentos passados, e toda a sua vida.

Como fazia, quando se deparava com dois caminhos; se era a sua pouca prática, com aquelas suas fracas luzes, que o ajudavam a encontrar sempre o bom, ou se adivinhava sempre ao acaso e à aventura, não sei dizê-lo; e ele próprio, que costumava contar a

sua história com todos os pormenores (e tudo leva a crer que o nosso anónimo o tinha ouvido contá-la mais de uma vez), nesta altura, nem ele próprio se alongava, e só dizia que dessa noite não se lembrava, como se a tivesse passado na cama a sonhar. O facto é que ao seu findar, se encontrou na margem do Adda.

Nunca tinha parado de chover; mas, a certa altura, de dilúvio tornara-se chuva, e depois um chuviscar fininho, calmo e sempre igual: as nuvens altas e ralas estendiam um véu ininterrupto, mas leve e diáfano; e a luz crepuscular fez ver a Renzo as terras à sua volta. Incluía a sua; e o que sentiu àquela visão não se pode explicar. Não vos posso dizer senão que aqueles montes, aquele *Resegone* próximo, o território de Lecco, tudo se transformara como que em coisa sua. Deu também um olhar sobre si mesmo, e achou-se um tanto estranho, tal como, para dizer a verdade e por aquilo que sentia, imaginava ser já o seu aspeto: todo ensopado, com tudo colado a si: da cabeça à cintura, toda uma papa e um charco; da cintura à ponta dos pés, só lodo e lama: nas partes onde não os havia, poder-se-ia chamar-lhes salpicos e borrifos. E se se tivesse visto todo inteiro a um espelho, com a aba do chapéu amolecida e pendente, e de cabelos esticados e colados ao rosto, ainda mais estranho se acharia. Quanto a cansaço, podia tê-lo, mas disso não se importava nada: e o fresquinho da alvorada, acrescentado ao da noite e daquele pequeno banho, não lhe dava senão uma valentia, uma vontade de caminhar mais depressa.

E, em Pescate, contorna este último pedaço do Adda, deitando porém um olhar melancólico a Pescarenico; passa a ponte; por estradas e campos, chega num momento a casa do anfitrião amigo. Este, que já se tinha levantado e estava à porta a ver o tempo, levantou os olhos para aquela figura tão empapada e enlameada, digamos mesmo tão encardida, e, ao mesmo tempo, tão viva e desenvolta: nunca tinha visto em toda a sua vida um homem tão mal arranjado e tão satisfeito.

– Eh! – disse. – Já aqui? E com este tempo? Como é que correu?

– Está lá – disse Renzo. – Está lá; está lá.

– Sã?

– Curada, que é melhor. Tenho de agradecer ao Senhor e à

Senhora toda a minha vida. Mas coisas grandes, coisas de fogo: depois conto-te tudo!

– Mas como estás tu!

– Estou bonito, eh?

– Para dizer a verdade, tens tanto que lavar na parte de cima como na parte de baixo. Mas espera, espera; eu faço-te uma boa fogueira.

– Não digo que não. Sabes onde ela me apanhou? Mesmo à porta do lazareto. Mas não é nada! O tempo tem o seu mester, e eu o meu.

O amigo foi buscar duas braçadas de lenha: pôs uma no chão, a outra na lareira e, com um pouco de brasas que restaram da noite anterior, fez-se rapidamente uma grande chama. Renzo, entretanto, tirara o chapéu, e, depois de o ter sacudido duas ou três vezes, atirou-o para o chão; e, não com tanta facilidade, despiu também o colete. Depois, tirou do bolso das calças a navalha, com a bainha toda ensopada que mais parecia ter estado de molho; pousou-a em cima de um banco, e disse: – Esta também está tratada como deve ser; mas é água! É água! Louvado seja o Senhor... Estive mesmo lá... Eu depois conto-te. – E esfregava as mãos. – Agora faz-me outro favor – acrescentou. – Aquela trouxa que deixei lá em cima no quarto, vai buscá-la, que, antes que eu enxugue esta roupa que tenho em cima!...

Voltando com a trouxa, o amigo disse: – Penso que terás também apetite: bem sei que bebida, pelo caminho fora, não te deve ter faltado; mas de comer...

– Tive onde comprar dois pães, ontem à tarde; mas, para dizer a verdade, não chegaram nem para a cova de um dente...

– Deixa isso comigo – disse o amigo; despejou a água numa caldeira, que depois amarrou a uma corrente; e acrescentou: – Vou mungir; quando voltar com o leite, a água estará pronta; e faz-se uma boa polenta. Tu, entretanto, está à tua vontade.

Renzo, ficando sozinho tirou, não sem esforço, o resto da roupa que estava como que pegada ao corpo; enxugou-se e vestiu-se dos pés à cabeça. O amigo voltou e foi à caldeira. Renzo, entretanto, sentou-se, à espera.

– Agora sinto que estou cansado – disse. – Mas foi uma bela

tirada! Contudo, isto não é nada. Tenho para te contar, durante o dia todo, em que estado está Milão! As coisas que há para ver! As coisas que é preciso tocar! Coisas que depois metem nojo a si mesmo. Posso dizer que o mais limpo que lá havia era a minha roupa. E o que me quiseram fazer aqueles senhores de lá. Já vais ouvir. Mas se tu visses o lazareto! Uma pessoa perde-se no meio da miséria. Basta; vou contar tudo... E lá está ela, e virá cá, e será minha mulher; e tu vais ser testemunha, e com peste ou não, pelo menos umas horas havemos de estar alegres.

De resto, manteve o que tinha dito ao amigo, que trazia quanto dava e sobrava para lhe contar o dia inteiro; tanto mais que, continuando a choviscar todo o dia, o passou em casa, uma parte sentado ao pé do amigo, outra parte em tarefas à volta de um barril e um pequeno tonel, e noutros trabalhos de preparação da vindima, nos quais Renzo não deixou de lhe dar uma ajuda; porque, como costumava dizer, era daqueles que se cansam mais sem fazer nada do que a trabalhar. Mas não pôde conter-se sem dar uma escapada a casa de Agnese, para rever uma certa janela, e para dar também ali um esfregar de mãos. Tornou sem ser visto por ninguém; e foi logo para a cama. Levantou-se, antes de nascer o dia; e vendo cessada a água, se não mesmo de volta o bom tempo, pôs-se a caminho de Pasturo.

Ainda era cedo quando chegou, pois não tinha menos pressa nem vontade de chegar ao fim do que deverá ter o leitor. Procurou por Agnese; ouviu que estava bem e indicaram-lhe uma casinha isolada onde ela habitava. Foi lá; chamou-a da estrada: ouvindo tal voz, ela veio a correr assomar à janela; e, enquanto estava de boca aberta, para fazer sair não sei que palavra, não sei que som, Renzo preveniu-a dizendo: – Lucia está curada. Vi-a anteontem; manda-vos cumprimentos, e que virá em breve. E depois também tenho coisas para vos dizer.

Entre a surpresa da aparição e o contentamento da notícia, e a ânsia de saber mais, Agnese começava ora uma exclamação, ora uma pergunta, sem nunca chegar ao fim. Depois, esquecendo-se das precauções que, desde há muito tempo, costumava tomar, disse:

– Esperai: e a peste?

– Vós não a tivestes, creio eu.

– Eu não; e vós?

– Eu sim; mas vós então deveis ter juízo. Venho de Milão; e como ireis ouvir, estive mesmo dentro do contágio até aos olhos. É verdade que mudei a roupa toda da cabeça aos pés; mas há lá uma porcaria que, às vezes, se agarra como um malefício. E já que o Senhor vos preservou até agora, quero que fiquéis resguardada, enquanto não acabar este mal; porque sois a nossa mãe: e quero que vivamos juntos muito tempo alegremente, para desconto do grande sofrer que tivemos, pelo menos eu.

– Mas... – começava Agnese.

– Eh! – Não há mas nem meio mas. Eu sei o que quereis dizer; mas ouvireis, ouvireis, que já não há mas nem meio mas. Vamos para qualquer lugar ao ar livre, onde se possa falar à vontade e sem perigo; e então ouvireis.

Agnese apontou-lhe uma horta que havia por trás da casa; e acrescentou: – Entrai ali, e vereis que há lá dois banquinhos, um em frente do outro, que parecem postos de propósito. Eu venho já.

Renzo foi e sentou-se num; passado um instante, Agnese instalava-se no outro; e estou certo de que se o leitor, informado como está dos factos antecedentes, pudesse encontrar-se ali como um terceiro, a ver com os seus próprios olhos aqueles relatos, aquelas perguntas, aquele exclamar, aquele condoer-se, aquele alegrar-se, e mais Dom Rodrigo e o padre Cristoforo e tudo o resto, e aquelas descrições do futuro, claras e positivas como as do passado; tenho a certeza, dizia eu, de que lhes ganharia o gosto e seria o último a sair. Mas ter no papel toda aquela conversa com palavras mudas, feitas de tinta, sem descobrir um único facto novo, sou de opinião que não lhe interessaria, e que lhe agradaria mais adivinhá-lo por si próprio. A conclusão foi que se iria montar casa, todos juntos, nessa povoação do Bergamasco, onde Renzo já tivera tão bons começos: quanto ao tempo, não se podia decidir mais nada, porque dependia da peste, e de outras circunstâncias: assim que cessasse o perigo, Agnese voltaria para casa, à espera de Lucia; ou então, seria Lucia a esperá-la; entretanto, Renzo daria com frequência uma ou outra saltada a Pasturo, para ver a sua mãe e a manter informada do que pudesse ir acontecendo.

Antes de partir, ofereceu-lhe também dinheiro, dizendo: – Tenho-o aqui todo, vede, aquele tal: também fiz um voto, que foi o de não lhe tocar, enquanto a coisa não ficasse bem clara. Ora, se precisardes, trazei aqui uma tigela com água e vinagre: deito lá para dentro os cinquenta escudos belos e brilhantes.

– Não, não – disse Agnese. – Ainda tenho mais do que preciso para mim; o vosso, guardai-o, que vai ser útil para montar casa.

Renzo voltou à sua aldeia com mais esta consolação de ter encontrado sã e salva uma pessoa muito querida. Passou o resto daquele dia e o seguinte em casa do amigo; no dia seguinte, de novo em viagem, mas para outro lado, ou seja, para a terra adotiva.

Encontrou Bortolo, também de boa saúde, e com menos temor de a perder; pois naqueles poucos dias, as coisas haviam tido uma viragem para melhor. Já eram poucos os que adoeciam; e o mal já não era aquele; não eram aquelas manchas mortais, nem aquela violência de sintomas: mas umas febres baixas, intermitentes a maior parte, mais algum pequeno inchaço descolorido, que se tratava como um vulgar furúnculo. E até o aspeto da aldeia parecia

mudado; os que ficaram vivos começavam a sair cá para fora, a contarem-se uns aos outros, a trocarem condolências e felicitações. Já se falava em retomar os trabalhos: os patrões começavam a procurar e a contratar operários, principalmente naquelas artes em que o seu número já era escasso antes do contágio, como era o caso da seda. Renzo, sem ser pretensioso, prometeu (salvas porém as devidas aprovações) ao primo retornar ao trabalho, quando viesse, acompanhado, instalar-se na aldeia. Entretanto, foi-se ocupando dos preparativos mais necessários: achou uma casa maior, coisa que se tornara muito fácil e pouco dispendiosa, e recheou-a de móveis e utensílios, desta vez, desfalcando o tesouro, mas sem lhe escavar um buraco muito grande, visto que estava tudo muito barato, pois havia muito mais coisas do que gente para as comprar.

Passados não sei quantos dias, retornou à sua aldeia natal, que foi encontrar ainda mais sensivelmente modificada para melhor. Trotou logo a Pasturo; achou Agnese muito encorajada, e disposta a regressar a casa assim que pudesse; de maneira que a levou ele; mas não diremos quais foram os seus sentimentos, nem quais as palavras, ao tornarem juntos a ver aqueles lugares.

Agnese deparou-se com tudo tal como tinha deixado. Pelo que não pôde deixar de dizer que, desta vez, tratando-se de uma pobre

viúva e de uma pobre donzela, lhes tinham feito guarda os anjos. – E da outra vez – acrescentou –, mais se devia acreditar que o Senhor estava a olhar para o outro lado, sem pensar em nós, visto que deixava passar as nossas infelicidades; e eis que nos mostrou o contrário, porque me mandou por outro lado uma boa maquia, com que pude repor as coisas todas. Digo as coisas todas, e não digo bem; porque o enxoval de Lucia, que aqueles levaram novinho em folha, juntamente com o resto, isso ainda faltava; mas eis que agora nos chega, vindo de outro lado. Se me dissessem, quando eu me esforçava tanto para tratar daquele outro: «Tu crês que estás a trabalhar para Lucia: eh, pobre mulher! para quem trabalhas, nem tu sabes, sabe-o o Céu; deste tecido, destas peças de pano, a que espécie de criaturas hão de ir parar; dos que são para Lucia, do verdadeiro enxoval que há de servir para ela, tratará uma boa alma, da qual não sabes sequer que exista uma assim neste mundo.»

A primeira preocupação de Agnese foi a de preparar na sua pobre casita o alojamento mais decente que pudesse, para aquela boa alma; depois, foi à procura de seda para dobar; e, trabalhando, enganava o tempo.

Renzo, por sua vez, também não passou ocioso aqueles dias já tão compridos para si: tinha a sorte de saber dois ofícios; regressou ao de camponês. Uma parte ajudava o seu hospedeiro, para quem era uma grande sorte ter nesse tempo sob o seu comando uma obra, e uma obra daquela habilidade; outra parte cultivava, aliás desassoreava, a pequena horta de Agnese, completamente descurada, durante a ausência dela. Quanto ao seu próprio terreno, não se ocupava dele, dizendo que era uma peruca demasiado encapinhada, e que dois braços não bastavam para a desbastar. E nem sequer lá punha os pés; tal como em casa também não entrava: que lhe faria mal ver aquela desolação; e já tinha tomado o partido de se desfazer de tudo, por qualquer preço, e de empregar na nova terra aquele tanto que pudesse colher.

Se os que restavam vivos eram, uns para os outros, como mortos ressuscitados, Renzo, para os da sua terra, era-o, como dizer, por duas vezes: todos o acolhiam e felicitavam, todos queriam ouvir a história dele vinda da sua boca.

Vós direis talvez: Como corriam as coisas com o edital? Estavam muito bem: ele já quase nem pensava nisso, supondo que os que poderiam persegui-lo também já não deviam estar preocupados com o assunto; e não se enganava. E isto não se devia só à peste que tinha varrido tanta coisa; mas era, como também se pôde ver em vários sítios nesta história, coisa comum àqueles tempos, que os decretos, tanto gerais como especiais, contra as pessoas, se não houvesse qualquer animosidade privada e poderosa que os mantivesse vivos e os viesse validar, ficavam muitas vezes sem efeito, quando não o tivessem tido nos primeiros momentos; como balas de escopeta, que se não acertarem em nada ficam no chão, onde não dão incômodo a ninguém. Consequência necessária da grande facilidade com que iam semeando esses decretos. A atividade do homem é limitada; e todo o mais que havia no comandar, devia resultar noutra tanto, menos no cumprir. O que vai para as mangas, não pode ir para as bainhas...

Para quem quisesse saber como se dava Renzo com Dom Abbondio, naquele tempo de espera, direi que andavam distanciados um do outro: Dom Abbondio, por temor de ouvir entoar qualquer coisa do casamento; e só de pensar nisso já via diante dos olhos Dom Rodrigo de um lado, com os seus bravos, e o cardeal do outro, com os seus argumentos; Renzo, porque tinha decidido não lhe falar no assunto senão no momento de concluir, não querendo arriscar-se a fazê-lo irritar antes de tempo, a suscitar, sabe-se lá!, mais alguma dificuldade, e embrulhar as coisas com conversas inúteis. As suas conversas, fazia-as com Agnese.

– Achais que virá depressa? – perguntava um.

– Espero que sim – respondia o outro; e, muitas vezes, o que tinha dado a resposta, fazia pouco depois a mesma pergunta. E com estas astúcias e outras semelhantes se engenhavam a fazer passar o tempo, que mais longo lhes parecia à medida que ia passando.

Ao leitor, nós fá-lo-emos passar num momento todo aquele tempo, dizendo em resumo que, poucos dias após a visita de Renzo ao lazareto, Lucia saiu com a sua boa viúva; e, tendo sido ordenada uma quarentena geral, a fizeram juntas, encerradas na casa desta última; que uma parte do tempo foi passada a preparar

o enxoval de Lucia, no qual, depois de ter feito uma certa cerimônia, ela própria também teve de trabalhar; e que, acabada a quarentena, a viúva deixou o negócio e a casa ao cuidado daquele seu irmão comissário; e fizeram-se os preparativos para a viagem. Poderíamos também acrescentar já: partiram, chegaram, e o que se seguiu; mas, com toda a vontade que tenhamos de secundar a pressa do leitor, há três coisas pertencentes àquele intervalo de tempo que não queremos deixar sob silêncio; e, pelo menos para duas delas, cremos que o próprio leitor dirá se fizemos mal.

A primeira, quando Lucia tornou a falar à viúva das suas aventuras, mais em pormenor e o mais ordenadamente que podia naquela agitação da primeira confidência, e fez menção mais expressa da senhora que a tinha alojado no mosteiro de Monza, veio a saber, por ela, de coisas que, dando-lhe a chave de muitos mistérios, ao mesmo tempo lhe encheram a alma de uma dolorosa e aterradora admiração. Soube pela viúva, caindo em suspeita de factos extremamente atrozes, que tinha sido, por ordem do cardeal, transferida para um mosteiro de Milão; que ali, depois de muito se debater com acessos de fúria, se arrependera e confessara as acusações; e que a sua vida atual era tal suplício voluntário que ninguém, salvo se lha tirasse, poderia achar um mais severo. Quem quisesse conhecer um pouco mais em pormenor esta triste história encontrá-la-á no livro e no lugar que já citamos algures, a propósito da mesma pessoa.

A outra coisa é que Lucia, perguntando pelo padre Cristoforo a todos os capuchinhos que conseguia ver no lazareto, ouviu, com mais dor do que surpresa, que tinha morrido de peste.

Finalmente, desejava também saber alguma coisa dos seus antigos patrões, e fazer, como dizia, um ato do seu dever, se ainda algum lhe restava. A viúva acompanhou-a a casa deles, onde souberam que um e outra tinham ido com a maioria. De Dona Praxedes, quando se diz que morreu, está tudo dito; mas acerca de Dom Ferrante, tratando-se de um douto como ele era, o anónimo achou por bem alongar-se um pouco mais; e nós, por nossa conta e risco, transcrevemos mais ou menos o que este deixou escrito.

Diz, portanto, que, à primeira vez que se falou de peste, Dom Ferrante foi um dos mais resolutos a negá-la, e que defendeu cons-

tantemente essa opinião até ao último instante; já não com alarido, como fazia o povo, mas com raciocínios aos quais pelo menos ninguém poderá dizer que faltava coerência.

– *In rerum natura* – dizia –, há só dois géneros de coisas: substâncias e acidentes; e se eu provo que o contágio não pode ser nem uma nem outra coisa, terei provado que não existe, que é uma quimera. E aqui estou. As substâncias, ou são espirituais ou materiais. Que o contágio seja substância espiritual, é um despropósito que ninguém quererá afirmar; pelo que é inútil falar dele. As substâncias materiais, ou são simples ou compostas. Ora bem, substância simples, o contágio não é; e demonstra-se em meia dúzia de palavras. Não é substância aérea: porque se o fosse, em vez de passar de um corpo para outro, voaria logo para o seu céu. Não é aquosa; porque molharia e seria enxugada pelos ventos. Não é ígnea; porque arderia. Não é térrea; porque seria visível. Substância composta, também não; porque seja como for, deveria ser sensível à vista e ao tato; e este contágio quem o viu, quem lhe tocou? Resta ver se poderá ser acidente. Ainda pior. Dizem-nos estes senhores doutores que se comunica de um corpo para outro; é o seu ponto de honra, o pretexto para fazer tantas prescrições sem conteúdo. Ora bem, supondo-o acidente, acabaria por ser um acidente transportado: duas palavras que não se encaixam, não havendo, em toda a filosofia, coisa mais clara e mais líquida do que esta: que um acidente não pode passar de um sujeito para outro. Pois se, para evitar este Cila, se limitam a dizer que é um acidente produzido, dão em Caribde; porque, se é produzido, portanto não se comunica, não se propaga, como tem vindo a ser propalado. Postos estes princípios, de que serve virem falar-nos tanto de tumores, de exantemas, antrazes?...

– Tudo ridicularias – deixou certa vez escapar um fulano.

– Não, não – replicou Dom Ferrante. – Eu não digo isso: a ciência é ciência; só é preciso saber usá-la. Tumores, exantemas, antrazes, parótidas, tumores violáceos, furúnculos enegrecidos, são todas palavras respeitáveis, que têm o seu perfeito significado; mas digo que não têm a ver com a questão. Quem nega que possa haver coisas destas, aliás que as há? O que importa é ver donde vêm.

Aqui começavam os problemas também para Dom Ferrante. Enquanto não fazia senão combater a opinião do contágio, achava sempre ouvidos atentos e bem dispostos: porque não se pode explicar como é grande a autoridade de um douto de profissão, quando quer demonstrar aos outros as coisas de que já estão persuadidos. Mas quando se punha a distinguir e a querer demonstrar que o erro daqueles médicos não consistia já em afirmar a existência de um mal terrível e geral, mas, sim, em atribuir-lhe a causa, então (falo dos primeiros tempos, em que não se queria ouvir falar de peste), então, em vez de ouvidos só se deparava com línguas rebeldes, intratáveis; então, acabaram-se as pregações longas; e a sua doutrina já não a podia apresentar senão aos bocados.

– Existe infelizmente a verdadeira causa – dizia. – E são obrigados a reconhecê-la até aqueles que depois defendem essa fatal conjunção de Saturno em Júpiter. E quando é que se ouviu dizer que as influências se propagam?... E os senhores querem-me negar as influências? Negar-me que existem os astros? Ou quererão dizer-me que estão lá em cima sem fazer nada, como tantas cabeças de alfinetes espetadas numa almofadinha? Mas o que não me pode cá entrar, são estes senhores médicos: confessar que nos encontramos sob uma conjunção tão maligna, e depois virem dizer-nos, com todo o descaramento: não toqueis aqui, não toqueis ali, e estareis seguros! Como se este esquivar-se ao contacto material dos corpos terrenos pudesse impedir o efeito virtual dos corpos celestes! E tanto afã em queimar trapos! Pobre gente! Também queimarão Júpiter? Queimarão Saturno?

His fretus, quer dizer, apoiado nestes belos fundamentos, não tomou nenhuma precaução contra a peste: apanhou-a, meteu-se na cama para morrer, como um herói de Metastásio, acusando as estrelas.

E aquela sua famosa biblioteca? Talvez ande dispersa por aí, pendurada nos cordéis.

CAPÍTULO XXXVIII

UMA NOITE, AGNESE OUVIU UMA SEGE PARAR-LHE À PORTA. «É ELA, com certeza.» Era mesmo ela, com a boa viúva. O acolhimento de parte a parte, imagine-o o leitor.

Na manhã seguinte, bem cedo, aparece Renzo que não sabe de nada, e vem só para desabafar um pouco com Agnese sobre aquela grande demora de Lucia. O que fez, e as coisas que disse, também se remetem para a imaginação do leitor. As demonstrações de Lucia em contrapartida foram tais, que não demora muito descrevê-las.

– Saúdo-vos: como estais? – disse, de olhos baixos e sem se alterar. E não julgueis que Renzo pudesse achar aquela conduta demasiado seca, e levá-la a mal. Tomou muito bem a coisa pelo seu lado bom; e como entre gente educada se sabe sopesar os cumprimentos, assim ele compreendia bem que aquelas palavras não exprimiam tudo o que se passava no coração de Lucia. De resto, era fácil reparar que ela tinha duas maneiras de as pronunciar: uma para Renzo, e outra para toda a gente que pudesse conhecer.

– Estou bem, quando vos vejo – respondeu o jovem com uma frase velha, mas que naquele momento ele até inventaria.

– O nosso pobre padre Cristoforo!... – disse Lucia –, orai pela

sua alma: se bem que se pode ter quase a certeza de que a esta hora ele está a rezar por nós lá em cima.

– Já o esperava, infelizmente – disse Renzo. E não foi esta a única corda triste que se tocou naquela conversa. Mas quê? De qualquer coisa que se falasse, a conversação resultava-lhe sempre deliciosa. Como aqueles cavalos manhosos que de repente estacam, e ali ficam emperrados, e levantam uma pata e depois a outra, tornando a assentá-las no mesmo sítio, fazendo mil cerimónias antes de darem um passo, e depois de repente desatam a andar, e aí vão eles, como se o vento os levasse, assim se transformara para ele o tempo: primeiro, os minutos pareciam-lhe horas; depois, as horas pareciam-lhe minutos.

A viúva, não só não estragava a companhia, como até se integrava muito bem; e certamente Renzo, quando a viu naquela camilha, não poderia imaginá-la de um humor tão sociável e jovial. Mas o lazareto e o campo, a morte e as núpcias, não são a mesma coisa. Com Agnese ela já tinha feito amizade; com Lucia então era um prazer vê-la, ao mesmo tempo terna e brincalhona, e como a espiçava delicadamente, e sem insistir demasiado, apenas quanto fosse necessário para a obrigar a demonstrar toda a alegria que tinha no coração.

Renzo disse finalmente que iria ter com Dom Abbondio, tratar

das combinações para o casamento. Lá foi e, com uns certos modos entre o trocista e o respeitoso, disse-lhe: – Senhor cura, já lhe passou aquela dor de cabeça, devido à qual me dizia que não poderia casar-nos? Agora é boa altura: a noiva está presente; e eu estou aqui para saber quando lhe dará jeito: mas desta vez, peço-lhe que não demore.

Dom Abbondio não disse que não; mas começou a vacilar, a descobrir certas outras desculpas, a fazer certas outras insinuações; e porquê expor-se na praça pública, e mandar gritar o seu nome, com aquela captura em cima? E que a coisa se poderia fazer igualmente noutro sítio; e mais isto e mais aquilo...

– Já percebi – disse Renzo. – Ainda tem um bocado daquela dor de cabeça. Mas oiça, oiça.

E começou a descrever em que estado vira aquele pobre Dom Rodrigo, que àquela hora já seguramente deveria ter partido.

– Esperemos – concluiu –, que o Senhor haja usado de misericórdia para com ele.

– Isso não tem nada a ver – disse Dom Abbondio. – Disse-vos eu porventura que não? Eu não disse que não; falo... falo por boas razões. De resto, vede, enquanto restar um sopro de vida... Olhai para mim: sou uma gamela rachada; também estive, mais do lado de lá do que de cá: e aqui estou; e se não me caírem em cima novas atribulações... basta... posso ter esperanças de cá andar ainda por uns tempinhos. Imaginai, então, certos temperamentos. Contudo, como digo, isto não tem nada a ver.

Após mais uns ataques e contra-ataques, nem mais nem menos concludentes, Renzo curvou-se numa bonita reverência, voltou para a sua companhia, fez o seu relatório e acabou por dizer:

– Vim-me embora, que já estava farto, e para não me arriscar a perder a paciência e a faltar-lhe ao respeito. Em certos momentos, parecia mesmo o da outra vez; exatamente o mesmo descaramento, as mesmas razões: tenho a certeza, se durasse mais um pouquinho, saía-se de novo com qualquer palavra em latim. Estou a ver que o que ele quer é mais conversa fiada: é melhor fazer mesmo como ele diz, e ir casar-se aonde vamos viver.

– Sabeis o que devemos fazer? – disse a viúva. – Vamos desta vez, nós mulheres, fazer mais uma tentativa, e ver se nos corre

melhor. Assim terei também o gosto de conhecer esse homem, se é mesmo como dizeis vós. Depois do almoço, vamos lá; para não lhe cairmos em cima logo a seguir. Ora pois, senhor noivo, leve-nos a passear nós as duas, enquanto Agnese tem aqui que fazer, que a Lucia farei eu de mãe; apetece-me mesmo ver melhor estas montanhas, este lago, de que ouvi falar tanto; e pelo pouco que já vi, parece-me ser coisa de grande beleza.

Renzo levou-as antes de mais a casa do seu amigo, onde foi outra festa; e fizeram-no prometer que, não só nesse dia, mas em todos, se pudesse, viria almoçar com eles.

Passeado, almoçado, Renzo saiu, sem dizer aonde ia. As mulheres ficaram algum tempo a discorrer, a combinar a maneira de apanharem Dom Abbondio; e, finalmente, partiram ao assalto.

«Cá estão elas», disse este para consigo; mas fez-se de novas: grandes felicitações a Lucia, saudações a Agnese, cumprimentos à forasteira. Mandou-as sentar, e depois começou logo a falar da peste: quis ouvir de Lucia como havia passado por aqueles tormentos: o lazareto deu-lhe oportunidade de fazer falar também aquela que fora sua companheira; depois, como era justo, Dom Abbondio falou também da sua borrasca; depois, grandes parabéns também a Agnese, que por ela tinha passado ilesa. A coisa prolongava-se; logo desde o primeiro momento, as duas mais velhas estavam alerta, se surgia uma oportunidade de entrarem no discurso essencial; finalmente, não sei qual das duas quebrou o

gelo. Mas o que quereis? Dom Abbondio era surdo desse ouvido. Não é que dissesse que não; mas ei-lo de novo naquele seu serpentejar, esvoaçar e saltar de ramo em ramo.

– Convinha – dizia ele –, poder fazer que revogassem aquele danado mandato. A senhora, que é de Milão, conhecerá mais ou menos as linhas com que estas coisas se cosem, terá boas proteções, algum cavalheiro de peso; que, com estes meios, se saram todas as chagas. Se, depois, se quisesse seguir o caminho mais curto, sem embarcar em muitas histórias; já que estes jovens, e aqui a nossa Agnese, já têm intenções de se expatriar (e eu não saberei o que dizer: a pátria é onde se está bem), parece-me que se poderia fazer tudo lá, onde não há captura que ameace. Estou mesmo ansioso por saber concluída essa aliança, mas queria vê-la concluída bem, descansadamente. Digo a verdade: aqui com aquele mandato em vigor, proclamar do altar aquele nome de Lorenzo Tramaglino, eu não o faria de coração tranquilo: gosto demasiado dele; teria medo de lhe prestar um mau serviço. Veja a senhora; vede vós outras também.

Aqui, em parte Agnese, em parte a viúva, vêm rebater aquelas razões. Dom Abbondio a repô-las em campo, sob outra forma: ficava-se sempre na mesma; quando entra Renzo, com um passo resoluto, e com uma notícia na cara, e diz:

– Chegou o senhor marquês ***.

– O que quer isto dizer? Chegou aonde? – pergunta Dom Abbondio, pondo-se de pé.

– Chegou ao seu palácio, o que era de Dom Rodrigo; porque este senhor marquês é o herdeiro por *fideicomisso*, como dizem; de modo que já não há dúvida. Por mim, ficaria satisfeito se soubesse que aquele pobre homem tinha morrido bem. De qualquer modo, até agora tenho rezado por ele uns padres-nossos; agora, rezar-lhe-ei uns *De profundis*. E este senhor marquês é uma ótima pessoa.

– Sem dúvida – disse Dom Abbondio. – Ouvi falar no nome dele, mais de uma vez, como de um bom senhor de verdade, um homem à antiga. Mas será mesmo verdade?...

– E no sacristão, acredita?

– Porquê?

– Porque ele viu-o com os seus próprios olhos. Eu andei só ali

pelas imediações e, para dizer a verdade, fui, precisamente, porque pensei: por lá alguma coisa se deverá saber. E foi mais de um a dizer-me o mesmo. Depois, encontrei Ambrogio que vinha exatamente de lá de cima, e que o viu, como digo, no ato de dono e senhor. Quer ouvir Ambrogio? Mandei-o de propósito esperar aqui fora.

– Ouçamos, então – disse Dom Abbondio. Renzo foi chamar o sacristão. Este confirmou a coisa em tudo e por tudo, acrescentou outras circunstâncias, desfez todas as dúvidas; e depois foi-se embora.

– Ah! Está morto, portanto! Finou-se mesmo! – exclamou Dom Abbondio. – Vede, filhos meus, se a Providência não acaba por chegar a certa gente. Sabei que é uma grande coisa! Um grande alívio para esta pobre terra! Porque não se podia viver aqui com aquele homem. Foi um grande flagelo esta peste; mas foi também *uma vassoura*; varreu daqui certos sujeitos que, meus filhos, nunca mais nos víamos livres deles: viçosos, frescos, prósperos; podia dizer-se que quem estava destinado a fazer-lhes as exéquias andava ainda no seminário, a dizer os latinórios. E num piscar de olhos desapareceram, aos cem de cada vez. Nunca mais o veremos andar por aí com os seus esbirros atrás, com aquela altivez, com aqueles ares, com aquele cabo de vassoura enfiado, com aquele olhar sobre a gente, que mais parecia estarem todos no mundo por condescendência sua. Entretanto, ele já cá não está, e nós estamos. Nunca mais mandará recados daqueles às pessoas de bem. Deu-nos um grande incómodo a todos, vede que, agora, já podemos dizê-lo.

– Eu perdoei-lhe do fundo do coração – disse Renzo.

– E fazes muito bem – respondeu Dom Abbondio. – Mas também se pode agradecer ao Céu que nos libertou. Ora voltando a nós, repito-vos: fazei o que entenderdes. Se quiserdes que eu vos case, aqui estou eu; se vos for mais cómodo fazer doutra maneira, fazei-o vós. Quanto ao mandato, vendo eu também já não haver agora mais ninguém que vos tenha em mira e vos queira fazer mal, não é coisa que preocupe muito, tanto mais que saiu no meio aquele decreto gracioso, pelo nascimento do sereníssimo infante. E depois a peste! A peste! Veio cair grandes coisas, a peste! De modo

que, se quiserdes... hoje é quinta-feira... domingo vos anuncio na igreja; porque o que se fez da outra vez já não conta nada, ao cabo de tanto tempo; e depois, tenho a consolação de vos casar eu.

– Sabe muito bem que nós tínhamos vindo precisamente para isso – disse Renzo.

– Muito bem; e eu servir-vos-ei, e vou já dar parte a Sua Eminência.

– Quem é Sua Eminência? – perguntou Agnese.

– Sua Eminência – respondeu Dom Abbondio – é o nosso cardeal-arcebispo, que Deus conserve.

– Oh! Quanto a isto, desculpe-me – replicou Agnese – que, embora eu seja uma pobre ignorante, posso garantir-lhe que não se diz assim; porque, quando estivemos a segunda vez para lhe falar, como falo consigo, um daqueles senhores padres chamou-me de parte e explicou-me como se devia lidar com aquele senhor, e que lhe devia dizer Vossa Senhoria Ilustríssima, e monsenhor.

– E agora se ele devesse voltar a ensinar-vos, diria que ele deve ser tratado por eminência: entendestes? Porque o Papa, que Deus o conserve, também prescreveu, desde o mês de junho, que aos cardeais se dê este título. E sabeis porque chegou ele a esta resolução? Porque o ilustríssimo que era reservado a eles e a certos príncipes, agora, vê-lo-eis vós também o que se tornou, e a quantos se chama: e como o sugam sem parar! O que devia fazer o Papa? Tirá-lo a todos? Lamentos, recursos, dissabores, desgostos; e ainda por cima, continuar como antes. Por isso, achou um ótimo expediente. Pouco a pouco, começará a chamar-se eminência aos bispos; depois, vão querê-lo os abades, depois os prebostes, porque os homens são assim; querem subir sempre, subir sempre; depois os cónegos...

– Depois os curas – disse a viúva.

– Não, não – cortou Dom Abbondio –, os curas ficam para puxar a carreta: não tendes medo de que habituem mal os curas: reverendo até ao fim do mundo. Ou antes, não me espantaria nada que os cavaleiros, os quais estão acostumados a ouvir chamar-lhes ilustríssimo, a ser tratados como os cardeais, um dia também quisessem a eminência para si. E se a quiserem, bem vedes, hão de encontrar quem lha dará. E então, o Papa que for na altura arran-

jará outra coisa qualquer para os cardeais. Ora bem, voltemos às nossas coisas: domingo anuncio-vos na igreja; e, entretanto, sabeis o que pensei para melhor vos servir? Vamos pedir a dispensa para as outras duas denúncias. Vão ter muito que fazer lá na cúria, a dar dispensas; se lá for tudo como aqui. Para domingo já tenho... um... dois... três; sem contar convosco e ainda podem aparecer mais. E depois vereis, à medida que avança, o que não vai ser: não deve ficar nem um desacompanhado. Fez mesmo um disparate, Perpetua, ao morrer agora; que esta era a altura de arranjar também o seu freguês. E em Milão, minha senhora, imagino que seja o mesmo.

– E de que maneira! Imagine que só na minha paróquia, no domingo passado, cinquenta anúncios.

– É o que eu digo: o mundo não quer acabar. E à senhora, ainda não começaram os zângãos a zumbir-lhe em volta?

– Não, não; eu não penso nisso, nem quero pensar.

– Sim, sim, não vai querer ser a única. Até Agnese, veja; até Agnese...

– Uh! Apetece-lhe brincar – disse esta.

– É claro que me apetece brincar: e parece-me que finalmente é altura disso. Passámos por tristes dias não é verdade, meus jovens, pois passámos; esta meia dúzia de dias que temos para viver neste mundo, pode-se ter a esperança de que queiram ser um pouco melhores. Mas, ah!, vocês é que têm sorte, pois, não sucedendo desgraças, ainda vos falta um bom pedaço para falar dos dissabores passados: eu, em contrapartida, estou às onze e três quartos, e... os malandros podem morrer, da peste pode-se curar; mas para os anos não há remédio: e, como se diz, *senectus ipsa est morbus*.

– Agora – disse Renzo –, pode falar o latim que quiser, pois não me importa nada.

– Ainda não fizeste as pazes com o latim, tu; bem, bem, eu trato de ti; quando me vires à frente com esta criatura, para vos ouvir dizer exatamente certas palavrinhas em latim, dir-te-ei: «Latim, tu não o queres; vai-te em paz.» Irás gostar?

– Eh! Eu sei o que digo – replicou Renzo. – Não é esse latim que me mete medo; esse é um latim sincero, sacrossanto, como o da missa; eles também, ali, é preciso que leiam o que está no livro.

Falo daquele latim magano, fora da igreja, que nos cai em cima à traição, no melhor de um discurso. Por exemplo, agora que estamos aqui, que está tudo acabado; aquele latim que ia tirando cá para fora, mesmo ali naquele canto, para me dar a entender que não podia, e que eram precisas mais coisas, e sei lá! Traduza-me um pouco em vulgar, agora.

– Está calado, palerma, está calado. Não mistures estas coisas, pois se devêssemos fazer as contas agora, não sei quem tinha mais a pagar. Eu perdoei tudo. Não falemos mais nisso, mas pregaram-me umas partidas. De ti, não me faz espécie, que és um malandrim, mas falo desta mosquinha morta, desta santinha de pau oco, desta virgenzinha dolorosa, que se julgaria ser pecado olhá-la. Pois, sim, eu sei muito bem quem a ensinou, pois sei, eu é que sei.

Assim falando, apontava para Agnese com o dedo que primeiro apontara a Lucia; e não se poderá explicar com que ar bonacheirão e afável fazia estas censuras. Aquela notícia dera-lhe uma desenvoltura, uma loquacidade, insólita há muito tempo; e ainda estaríamos bem longe do fim, se quiséssemos relatar todo o resto desta conversa, que ele muito esticou, retendo mais de uma vez a companhia que desejava ir-se embora, fazendo-a parar ainda mais um bocadinho à porta da rua, sempre a dizer tretas.

No dia seguinte, apareceu-lhe uma visita, quanto menos esperada mais agradável: o senhor marquês de quem se tinha falado:

um homem entre a virilidade e a velhice, cujo aspeto era um atestado do que a fama dizia dele – aberto, cortês, plácido, humilde, digno, e algo que indicava uma mansidão resignada. Disse:

– Venho trazer-lhe os cumprimentos do cardeal-arcebispo.

– Oh! Que deferência de ambos!

– Quando fui despedir-me desse homem incomparável que me honra com a sua amizade, falou-me de dois jovens desta paróquia, que eram noivos, e que tiveram uns dissabores por causa daquele pobre Dom Rodrigo. Monsenhor deseja ter notícias deles. Estão vivos? E as coisas com eles resolveram-se?

– Tudo resolvido. Aliás, eu tinha a intenção de escrever a Sua Eminência; mas agora que tenho a honra...

– Encontram-se aqui?

– Aqui; e o mais depressa que se puder, serão marido e mulher...

– Eu peço-lhe que queira dizer-me se se poderá fazer-lhes bem, e também que me ensine a maneira mais conveniente. Nesta calamidade, perdi os dois únicos filhos que tinha e a mãe deles, e recebi três heranças consideráveis. De supérfluo, já antes tinha muito: por isso, bem vê que o dar-me uma ocasião de o aplicar, e para mais numa como esta, é prestar-me na verdade um serviço.

– O Céu vos abençoe! Porque não são todos como vós os... Basta; agradeço-lhe também do fundo do coração por estes meus filhos. E já que Vossa Senhoria Ilustríssima me encoraja tanto, sim senhor, tenho a sugerir-lhe um expediente que talvez não vos desagrade. Sabei, portanto, que esta boa gente está resolvida a ir montar casa noutra localidade, e vender aquele pouco que tem ao sol aqui: uma vinha o rapaz, de nove ou dez fileiras, salvo erro, mas mal amanhã de facto; é só fazer conta com o terreno e nada mais; mais um casinhoto ele e outro a noiva: dois pardieiros, veja. Um senhor como Vossa Senhoria não pode saber como é a vida para os pobres, quando querem desfazer-se do que têm. Acaba sempre por ir parar aos dentes de qualquer espertalhão, que talvez já ande há tempos a namorar aquelas quatro braças de terra, e quando sabe que o outro tem necessidade de vender, se retira e se finge desinteressado; tem de se correr atrás dele e dar-lhas por um bocado de pão, e especialmente em circunstâncias destas. O senhor

marquês já viu aonde vai parar a minha conversa. A caridade mais requintada que Vossa Senhoria Ilustríssima poderá fazer a esta gente, é tirá-la desta complicação, comprando o pouco que têm. Eu, para dizer a verdade, dou um parecer interessado, porque viria a adquirir para a minha paróquia um proprietário como o senhor marquês; mas Vossa Senhoria decidirá conforme lhe parecer melhor; eu falei por obediência.

O marquês louvou muito a sugestão, agradeceu a Dom Abbondio e pediu-lhe que aceitasse ser árbitro do preço, e que o fixasse bem alto; e depois fê-lo ficar petrificado ao propor-lhe que fossem imediatamente a casa da noiva, onde seria provável que também estivesse o noivo.

Pelo caminho fora, Dom Abbondio, todo regozijado, como podeis imaginar, pensou e disse outra:

– Já que Vossa Senhoria Ilustríssima está tão inclinado a fazer bem a esta gente, haveria ainda outro serviço a prestar-lhes. O jovem tem em cima um mandato de captura, uma espécie de édito, por qualquer escapada que terá feito em Milão, há uns dois anos, naquele dia da grande balbúrdia, em que se viu metido, sem maldade, de ignorante que é, como um rato na ratoeira; nada de sério, veja: rapaziadas, escapadelas; de fazer mal, efetivamente, ele não é capaz; e eu posso dizê-lo porque o batizei e o vi crescer; e depois, se Vossa Senhoria quiser dar-se ao divertimento de ouvir esta pobre gente raciocinar em termos de lendas de cavalaria, poderá mandá-lo a ele mesmo contar a sua história, e então ouvirá. Ora tratando-se de coisas velhas, ninguém o incomoda, e, como eu lhe disse, ele pensa ir-se embora para fora do Estado; mas, com o tempo, ou voltando cá, ou outra coisa, isto nunca se sabe, Vossa Senhoria ensina-me que é melhor não estar naqueles livros. O senhor marquês, em Milão, conta muito, como é justo, quer pelo grande cavaleiro, quer pelo grande homem que é... Não, não, deixe-me dizer; que a verdade também tem direito ao seu lugar. Uma recomendação, uma palavrinha a um par seu, já é mais do que o necessário para se obter uma boa absolvição.

– Não há empenhos fortes contra esse jovem?

– Não, não, não creio. Fizeram fogo sobre ele no primeiro mo-

mento, mas agora creio que já não haverá mais nada além da simples formalidade.

– Sendo assim, a coisa será fácil; e aceito-a de boa vontade a meu cargo.

– E depois não quererá que se diga que é um grande homem. Eu digo-o, e repito; contra a sua vontade, quero dizê-lo. E mesmo que eu estivesse calado, de nada serviria, porque o dizem todos; e *vox populi, vox Dei*.

Encontraram precisamente as três mulheres e Renzo. Como estes ficaram, deixo-o ao vosso critério; eu creio que até aquelas rudes paredes nuas, e as empenas, e as bancadas, e as loiças, se espantaram, por receberem entre eles uma visita tão extraordinária. Iniciou ele a conversação, falando do cardeal e das outras coisas, com aberta cordialidade, e, ao mesmo tempo, com delicados respeitos.

Passou depois a fazer a proposta por que tinha vindo. Dom Abbondio, a quem ele pedira que fizesse o preço, avançou; após certas cerimónias e desculpas, e que aquela não era farinha do seu saco, e que não podia deixar de andar às cegas, e que falava por obediência, e que se remetia ao juízo de Sua Senhoria, proferiu, na sua opinião, um despropósito. O comprador disse que, por seu lado, estava satisfeitíssimo, e, como se tivesse ouvido mal, repetiu o dobro; não quis ouvir retificações, e cortou e concluiu toda a conversa convidando a companhia para almoçar no dia seguinte ao das bodas, no seu palácio, onde se faria em regra o instrumento da transação.

«Ah! – disse depois Dom Abbondio para consigo, ao regressar a casa – se a peste resultasse sempre e em toda a parte desta maneira, seria mesmo pecado dizer mal dela, quase, quase deveria haver uma por cada geração; e poder-se-ia aceitar tê-la, na condição de se curar, claro.»

Veio a dispensa, veio a absolvição, e chegou aquele dia abençoado: os dois noivos foram, com triunfal segurança, precisamente àquela igreja onde, pela boca do próprio Dom Abbondio, foram casados. Outro triunfo, e bem mais singular, foi irem àquele palacete; e deixo-vos pensar que coisas lhes devem ter passado pela cabeça, ao fazerem aquela subida, ao entrarem por aquela porta; e

que conversas devem ter feito, cada um segundo o seu natural. Aludirei apenas que, no meio da alegria, ora um, ora outro, motivou mais de uma vez, que para completar a festa, só faltava o pobre padre Cristoforo. – Mas ele – disseram – está melhor que nós, certamente.

O marquês fez-lhes uma grande festa, levou-os para um belo refeitório do pessoal, e pôs, à mesa, os noivos, com Agnese e com a mercadora; e, antes de se retirar para ir almoçar algures com Dom Abbondio, quis ficar ali um pouco a fazer companhia aos convidados, e até ajudou a servi-los.

A ninguém, espero eu, passará pela cabeça dizer que teria sido mais simples fazer uma mesa só. Disse-vos que ele era um bom homem, mas não um original, como se diria agora; disse-vos que era humilde, mas não um portento de humildade. Tinha o que era necessário para se pôr por baixo daquela boa gente, mas não para se igualar a eles,

Depois dos dois almoços, elaborou-se o contrato por mão de um doutor, que não foi o *Acerta-Engulhos*. Este, ou quero dizer, os seus restos, estava e está ainda em Canterelli. E para quem não é daqueles lados, também se compreende que é necessária uma explicação.

Acima de Lecco, talvez meia milha, e quase no flanco da outra aldeia chamada Castello, há um lugarejo chamado Canterelli, onde se cruzam duas estradas; de um lado do cruzamento vê-se uma elevação, como que um morro artificial, com uma cruz em cima; o que não é senão um montão de mortos daquela peste. A tradição, para dizer a verdade, diz simplesmente os mortos do contágio; mas deve ser daquela peste sem dúvida, que foi a última e a mais mortífera de que resta memória. E já se sabe que as tradições, se não as ajudarem, por si, dizem sempre pouco.

No regresso não houve outro inconveniente, senão que Renzo vinha um pouco incomodado com o peso do dinheiro que trazia. Mas o homem, como sabeis, tinha levado vida bem diferente. Não falo do trabalho da mente, que não era pequeno, a pensar na melhor maneira de os fazer render. A ver os projetos que passavam por aquela mente, as reflexões, as imaginações; a estudar os prós e os contras, para a agricultura e para a indústria, era como se defrontassem duas academias do século passado. E para ele o embaraço era bem mais real; porque sendo um homem sozinho não se lhe podia dizer: «Para que é preciso escolher?» Um e outro, ao mesmo tempo; que os meios são substancialmente os mesmos; e são duas coisas como as pernas, em que duas vão melhor que uma só.

Já não se pensou senão em fazer as trouxas e pôr-se em viagem: a família Tramaglino para a nova pátria, e a viúva para Milão. As

lágrimas, os agradecimentos, as promessas de se tornarem a ver foram muitas. Não menos terna, à exceção das lágrimas, foi a separação de Renzo e família do seu amigo e hospedeiro; e não julgueis que com Dom Abbondio as coisas se passassem friamente. Aquelas boas criaturas tinham sempre conservado uma certa afeição respeitosa pelo seu cura, e este, no fundo, sempre gostara deles. São aqueles benditos negócios que atrapalham os afetos.

A quem perguntasse se não houve também dor ao separar-se da terra natal, daquelas montanhas; houve de certeza dor, pois, posso dizê-lo, não falta por todo o lado. Contudo é preciso que não seja muito forte, visto que poderiam poupá-la, ficando na sua casa, agora que os dois grandes obstáculos, Dom Rodrigo e o bando, tinham sido suprimidos. Mas já há algum tempo se tinham habituado os três a considerar como sua a terra para onde iam. Renzo fizera-o cair em graça às mulheres, contando como viviam remediados os operários, e mil coisas da bela vida que lá se fazia. De resto, todos tinham passado momentos bem amargos naquela a que viravam as costas; e as memórias tristes, a longo prazo, acabam sempre por desfigurar na mente os lugares que evocam. E se esses lugares forem aqueles onde nascemos, em tais memórias haverá talvez algo mais áspero e pungente. Até o menino, diz o manuscrito, repousa de bom grado sobre o seio da ama, procura com avidez e confiança o mamilo que docemente o alimentou até então; mas se a ama, para o desmamar, o molha de absinto, o menino retira a boca, depois torna a experimentar, mas finalmente afasta-se; chorando, sim, mas afasta-se.

O que direis agora, ao ouvir que, mal chegaram e se instalaram na nova terra, Renzo foi ao encontro de desgostos prontos para si? Misérias; mas é preciso tão pouco para perturbar um estado feliz! Eis o facto, em poucas palavras.

O falatório que naquela terra se fizera sobre Lucia, muito tempo antes que ela chegasse; o saber que Renzo tivera de sofrer tanto por ela, e sempre firme, sempre fiel; talvez qualquer palavra de algum amigo parcial por ele e por todas as suas coisas, tinham feito nascer uma certa curiosidade de ver a jovem, e uma certa expectativa da sua beleza. Ora sabeis como é a expectativa: imaginosa, crédula, segura; perante a prova depois, difícil, exigente:

nunca acha nada que seja suficiente, porque, em substância, não sabia o que queria; e faz pagar sem piedade o doce que havia dado sem razão. Quando apareceu esta Lucia, muitos dos quais julgavam talvez que devesse ter os cabelos mesmo de ouro e as faces mesmo de rosa, e dos dois olhos cada um mais belo que o outro, e sei lá que mais, começaram a encolher os ombros, a torcer o nariz, e a dizer: «Eh! Mas é esta? Ao fim de tanto tempo, de tantas conversas, esperava-se coisa melhor.» «Afinal como é? Uma camponesa como tantas outras.» «Eh! Disto, e até melhor, não falta por aí.» Vindo depois a examiná-la em particular, uns notavam um defeito, outros, mais outro; e até houve quem a achasse feia como tudo.

Mas como ninguém ia dizer estas coisas na cara de Renzo, até ali o mal não era grande. Quem fez o mal foram uns tais que lho contaram; e Renzo, o que querem? Sentiu-se bem ferido. Começou a ruminar no assunto, a fazer grandes queixas, tanto com quem lhe falava, como para consigo. «E o que vos importa a vós? E quem vos mandou esperar? Alguma vez vim eu falar-vos dela? E dizer-vos que era bela? E, quando mo dizíeis vós, respondi-vos alguma coisa mais do que dizer que era boa rapariga? É uma camponesa! Alguma vez vos disse que ia trazer para aqui uma princesa? Não vos agrada? Pois não olhem. Tendes belas mulheres aqui: olhem para elas.»

E vejam só que às vezes uma ninharia basta para decidir do estado de um homem por toda a vida. Se Renzo tivesse de passar a sua naquela terra, como era o seu primeiro desígnio, teria sido uma vida nada alegre. À força de ser desgostado, tinha ficado desgostoso. Era brusco com toda a gente, porque cada um podia ser dos críticos de Lucia. Não é que chegasse a ser ofensivo; mas sabe-se quantas coisas se podem fazer sem ofender as regras da boa educação, com fina ardeirice. Havia algo de sardónico em cada palavra sua; em tudo sempre encontrava qualquer coisa a criticar, a ponto de, quando estava mau tempo, dois dias seguidos, dizer logo: «Eh sim, nesta terra...» Só vos digo que não eram poucos os que se aborreciam com ele, e até pessoas que, antes, gostavam dele; e, com o tempo, ora com uma coisa ora com outra, acabaria por se encontrar, por assim dizer, em contenda com quase toda a população, talvez sem poder ele próprio saber da causa de tão grande mal.

Mas dir-se-ia que a peste teria aceitado o compromisso de acomodar todos os erros deste. Ela tinha levado o dono de outra fiação, situado quase às portas de Bérghamo; e o herdeiro, jovem leviano, que em todo aquele edifício não achava nada que fosse divertido, estava resolvido, aliás ansioso, por vender tudo mesmo ao desbarato. Mas queria o dinheiro na mão, para o poder empregar logo em consumos improdutivos. Chegando a coisa aos ouvidos de Bortolo, este correu a ver; negociou; condições mais vantajosas não se podiam esperar; mas aquela cláusula do dinheiro contado imediato estragava tudo, porque o que tinha posto de parte pouco a pouco, à força de poupanças, ainda estava longe de chegar à soma. Deixou o amigo em suspenso, voltou para trás à pressa, comunicou o negócio ao primo, e propôs-lhe fazê-lo a meias. Uma proposta assim tão boa desfez as dúvidas económicas de Renzo, que se decidiu logo pela indústria, e disse que sim. Foram juntos, e fez-se o contrato. Quando, depois, os novos donos chegaram, Lucia, que ali não era nada esperada, não só não foi sujeita a críticas, como se pode dizer que não desagradou; e Renzo chegou a saber que havia mais de um que dizia: «Já viram esta bela provinciana que veio para cá?» O epíteto fazia perdoar o substantivo.

E até do dissabor que sofrera na outra aldeia, lhe ficou um útil ensinamento. Antes disso, tinha sido um pouco apressado no sentenciar, e de boa vontade se deixava levar a criticar a mulher dos outros, e as coisas todas. Então, percebeu que as palavras fazem um efeito na boca, e outro nos ouvidos; e ganhou um pouco mais o hábito de ouvir cá dentro as suas, antes de as proferir.

Não se julgue porém que ali não houvesse também algum pequeno aborrecimento. O homem (diz o nosso anónimo: e já sabeis que ele tinha um gosto um tanto estranho em matéria de semelhanças; mas perdoai-lhe também esta, que será a última), o homem, enquanto está neste mundo, é um enfermo que se encontra num leito mais ou menos incómodo, e vê à sua volta outros leitões, bem feitos por fora, planos e nivelados, e imagina que ali se deve estar muito bem. Mas, se conseguir mudar, mal se acomodou no novo, ao usá-lo, começa a sentir aqui uma ponta que o pica, ali um botão que o aperta; em suma, mais ou menos, voltamos à história ante-

rior. E por isso, acrescenta o anônimo, dever-se-ia pensar mais em fazer bem do que em estar bem, e assim se acabaria também por ficar melhor. É uma imagem um pouco puxada a ferros, e mesmo de seiscentista; mas no fundo tem razão. Por outro lado, prossegue dores e atropelos da qualidade e da força dos que temos contado, não os houve mais para a nossa boa gente. De então em diante, foi uma vida das mais tranquilas, das mais felizes, das mais invejáveis; de maneira que, se eu tivesse de a contar, morreríeis de tédio.

Os negócios iam às mil maravilhas: ao princípio houve uma certa dificuldade devido à escassez de trabalhadores e pelo desvio e pretensões dos poucos que tinham ficado. Foram publicados éditos que limitavam os salários dos operários; apesar desta ajuda, as coisas reencaminharam-se, porque afinal é preciso que se reencaminhem. Chegou de Veneza outro édito, um pouco mais razoável: isenção por dez anos de toda a carga real e pessoal aos forasteiros que viessem habitar naquele Estado. Para os nossos foi um verdadeiro maná.

Antes que acabasse o ano do matrimônio, veio à luz uma bela criatura; e como se tivesse sido propositado para dar logo a Renzo a oportunidade de cumprir aquela sua magnânima promessa, foi uma menina; e podeis crer que lhe foi posto o nome de Maria. Depois, com o andar do tempo, vieram não sei quantos mais, de um e de outro sexo; e Agnese ocupada a levá-los daqui para ali, um a seguir ao outro, chamando-lhes mauzões e dando-lhes beijos na cara que deixavam a marca por algum tempo. E foram todos bem inclinados; e Renzo quis que aprendessem todos a ler e a escrever, dizendo que, já que existia essa manigância, ao menos que eles também a aproveitassem.

Bonito era ouvi-lo contar as suas aventuras; e acabava sempre a dizer as grandes coisas que com elas tinha aprendido, para melhor se governar no futuro.

– Eu aprendi – dizia – a não me meter em tumultos; aprendi a não pregar no meio da rua; aprendi a ver bem com quem falo; aprendi a não levar de mais o copo à boca; aprendi a não deixar a mão nas aldrabas das portas, quando há por ali à volta gente de cabeça quente; aprendi a não atar uma sineta ao pé, antes de ter pensado no que daí poderá nascer. E mil outras coisas.

Lucia, porém, não porque achasse a doutrina falsa em si, mas não ficava satisfeita; parecia-lhe, muito confusamente, que ali faltava qualquer coisa. À força de ouvir repetir a mesma canção, e de pensar todas as vezes no assunto, disse um dia ao seu moralista:

– E eu, o que quereis que eu tenha aprendido? Eu não fui procurar sarilhos; foram eles que vieram procurar-me. A não ser que queirais dizer – acrescentou, suavemente sorrindo – que o meu despropósito terá sido o de vos querer bem, e de me prometer a vós.

Renzo, à primeira impressão, ficou embaraçado. Após um longo debate e investigação juntos, concluíram que, muitas vezes, os dissabores aparecem porque se lhes deu ocasião; mas que a conduta mais cautelosa e mais inocente não basta para os manter à distância, e que, quando surgem, ou por culpa ou sem culpa, a fé em Deus adoça-os, e torna-os úteis para uma vida melhor. Esta conclusão, embora achada por gente pobre, pareceu-nos tão justa que pensámos logo pô-la aqui, como o suco de toda a história.

A qual, se de facto não vos desagradou, agradecei a quem a escreveu, e também um pouquinho a quem a remendou. Mas se, pelo contrário, tivéssemos conseguido aborrecer-vos, acreditai que não foi feito de propósito.